

1645

V I D A
D E
D. JOAÕ
DE CASTRO
IV. VISO-REY DA INDIA.

ESCRITA POR
JACINTO (FREYRE DE ANDRADA.)

Accrescentada nesta quinta Impressão com huma Carta
original de

S. FRANCISCO XAVIER,

EM QUE DA CONTA AO PADRE IGNACIO MARTINS
da morte do mesmo Viso-Rey, e com a resposta de João Pinto
Ribeiro à carta de Simão Torresão Coelho com que lhe man-
dou o Elogio de D. João de Castro.



LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de ANTONIO ISIDORO DA FONSECA.
Anno M. DCC. XXXVI.

Com todas as licenças necessárias.

1645

V I D A
D E
D. JOAÕ
DE CASTRO
IV. VISO-REY DA INDIA.

ESCRITA POR
JACINTO (FREYRE DE ANDRADA.)

Accrescentada nesta quinta Impressão com huma Carta
original de

S. FRANCISCO XAVIER,

EM QUE DA CONTA AO PADRE IGNACIO MARTINS
da morte do mesmo Viso-Rey, e com a resposta de João Pinto
Ribeiro à carta de Simão Torresão Coelho com que lhe man-
dou o Elogio de D. João de Castro.



LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de ANTONIO ISIDORO DA FONSECA.
Anno M. DCC. XXXVI.

Com todas as licenças necessárias.



169.G.5



AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

O SENHOR

IGNACIO WASNER

Conselheiro de S. C. C. Magestade
na Austria Baixa &c.

ILLUSTRSSIMO SENHOR:



PROFUNDA noticia, que
V. S. alcançou da Lingua Por-
tugueza em poucos mezes de assistencia
Sii nesta

nesta Corte de Lisboa me persuadio a
dicar ao celebrado nome de V. S. a Vida
de D. João de Castro quarto Viso-Rey da
India escrita por Jacinto Freyre de Andra-
da. Este livro foi recebido com tão gran-
de aceitação, que não só se imprimio qua-
tro vezes em differentes annos no seu ori-
ginal, mas já o traduzirão em Inglez,
e em Latim, porque era justo que pensamen-
tos tão discretos, e narração tão eloquente,
sincera, e pura, fossem lidos com admi-
ração em outros idiomas, e se fizesse com-
muna a mais naçoens a Vida de hum Heróe,
que não só chegou a ser grande entre os
maiores, mas que chegou a ser unico en-
tre todos; e sem duvida, que esta prima-
sia lhe dará quem ler com attenção as
suas grandes acções, que ou na paz, ou
na guerra, na Justiça, ou na Religião o
fizeraõ incomparavel. A esta Corte tem
vindo alguns estrangeiros, que por força
da sua curiosidade, e do seu estudo falla-
rão a Lingua Portuguez, e com perfeição:
porém V. S. para mostrar a differença, que
faz a todos, não só a fallar bem, mas de
tal

tal forte a entende , que distingue en-
tre os estillos , que he aonde pôde chegar
quem se fizer consummado no conhecimen-
to de qualquer lingua. E como sei a gran-
de estimaçãõ , que V. S. faz da penna
de Jacinto Freyre de Andrada , tomo a
confiança de lhe offerecer a quinta impres-
são desta sua obra , para que se veja que
houve em Lisboa , quem conheceo o gran-
de talento de V. S. que espero ver premia-
do como pedem os seus grandes mereci-
mentos. Deos guarde a V. S. muitos
annos. Lisboa Occidental 26. de Julho
de 1736.

ILLUSTRISSIMO SENHOR

Beija a mão de V. S.

Seu criado

Antonio Isidoro da Fonseca.

AOS

AOS QUE LEREM.

S Aõ os Prologos hum anticipado remedio aos achaques dos livros, porque andão sempre de companhia os erros, e as desculpas. Eu por hora me desvio do caminho trilhado, não quero pedir perdão de nada: quem achar que dizer, não me perdoe (nem será necessario encomendallo.) Se me notarem o livro de ruim, não negarão que he breve, e escripto em lingua Portugueza, que tantos Engenhos modernos, ou temem, ou desprezam, como filhos ingratos ao primeiro leite, fervendo-se de vozes estrangeiras, por onde passáráo como hospedes, sem respeito àquellas veneraveis cans, e ancianidade madura de nossa linguagem antiga. Escrevi esta Historia com verdade de memorias fieis, sem que a penna, ou o affecto alterasse o menor accidente. Antes que este papel fuisse dos borroens, fei que muitos o taixáráo de escasso, dizendo que houvera de dilatar a Historia com allusoens, e passos da Escrittura, que fizessem mais crecido volume; estes compraõ os livros pelo pezo, e não pelo feittio:

tio: de mais que não permitem tão licen-
ciosa penna as leys da Historia. Outros
querião que me valesse do estrepito de vo-
zes novas, á que chamaõ Cultura, deixan-
do a estrada limpa por caminhos frago-
sos, e trocando com estimação pueril o
que he melhor polo que mais se usa; mas
como não determinei lisongear a gostos
estragados, quiz antes com a grandeza da
verdade servir ao applauso dos melhores,
que á fama popular, e errada.

LICENÇAS

DO SANTO OFFICIO.

P O'de-se tornar a imprimir o livro de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 28. de Fevereiro de 1736.

Lancastre. Teixeira. Sylva. Cabedo. Soares. Abreu.

DO ORDINARIO.

P O'de-se tornar a imprimir o livro de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 29. de Fevereiro de 1736.

Gouvea.

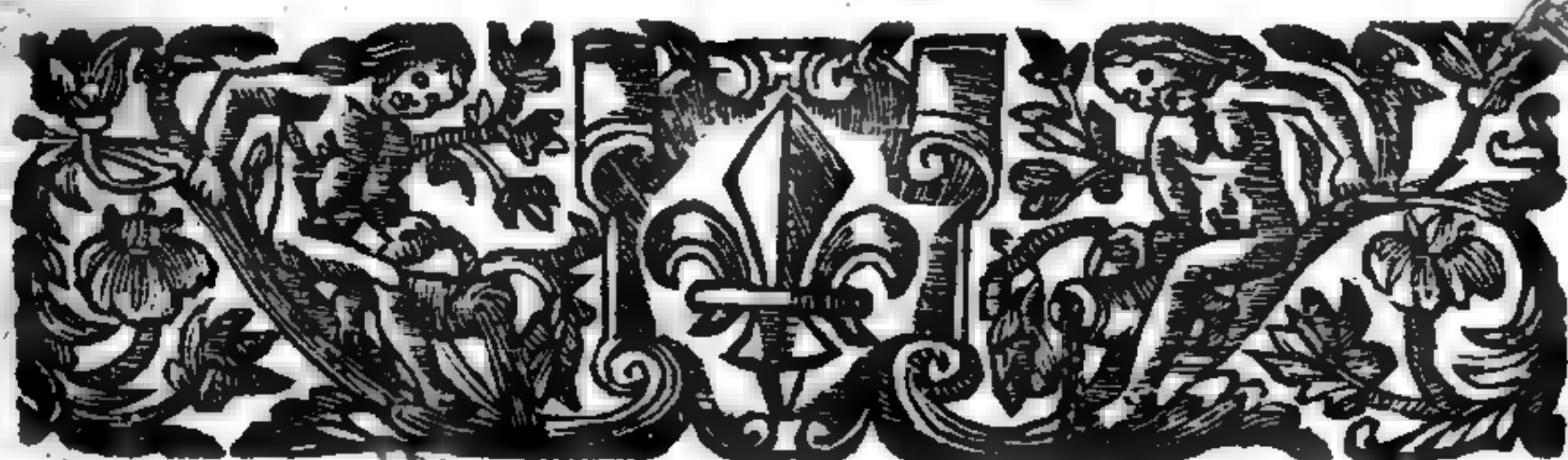
DO PACO

Q ue se possa tornar a imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taxar, e sem isso não correrá. Lisboa Occidental 1. de Março de 1726.

Pereyra. Teixeira.

LI-





VIDA

DE

D. JOÃO

DE CASTRO

IV. Viso-Rey da India.

LIVRO PRIMEIRO.



ESCRÉVEREI a vida de D. João de Castro, Varão ainda maior que seu nome, maior que suas victorias; ~~cujas mércias~~ ~~hoje~~ no Oriente, de pays a filhos, hum livro successivo, conservando se a fama de suas obras sempre viva; e nós ajudaremos o pregação universal de tua gloria com este pequeno brádo: porque durão as memo-
rias

A

Vida de D. João de Castro

rias ~~tradições~~ tradiçoens, que ~~em~~ escritos.

1 Foi Dom João de Castro, entre os de tão grande appellido illustre descendente, mas primeiro relate-remos as virtudes, e depois a origem, por serem as obras proprias, pays melhores, que os que da natureza se recebem. Passou os primeiros annos, cultivados nas letras, e virtudes, que sofre aquella idade, sendo tão facil a natural à disciplina, que não havia mister torcido, senão encaminhado. Como não D. João herdeiro da casa de seus pays, dispunhão elles inclinalo a estudos maiores: porque nas casas grandes foraõ sempre neste Reyno as letras o segundo Morgado. Obedeceo D. João, em quanto não tinha liberdade para engeitar, nem escolha para tomar outro exercicio.

2 Aprendeo as Mathematicas com Pedro Nunes, o maior homem, que desta profissão conheceo Portugal; fazendo-se tão singular nesta sciencia, como se a houvera de ensinar. Nesta escola acompanhou o Infante D. Luis, a quem se fez familiar, ou pela qualidade, ou pelo engenho; porém como D. João amava as letras por obediencia, e as armas por destino, desprezou, como pequena, a gloria das escolas, achando para seguir a guerra em si inclinação, em seus avós exemplo.

3 Era naquelle tempo clara a fama de D. Duarte de Menezes, Governador de Tanger; cujo nome os Africanos ouviao com temor, e nós com reverencia. Considerava D. João melhor suas victorias, que as figuras, e circulos de Euclides, amando as artes, em quanto podiaõ servir ao valor.

4 Chegado aos dezoito annos, vendo-se mais crecendo o brio, que na idade, fugindo se embarcou

Primeiros estudos de D. João de Castro.

Applícase ás Mathematicas.

Em companhia do Infante Dom Luis.

Passa a Tanger.

Livro Primeiro.

para Tanger; onde contra o estylo daquellas praças, assistio nove annos, como quem queria fazer vida, do que era ló caminho. Em todas as occasioens daquela guerra se portou com esforço igual ao sangue, e maior que os annos, merecendo congratulaçoens dos parentes, envejas dos soldados.

5 Dom Duarte de Menezes o respeitava, como se houvera lido nesta Historia as victorias da D. Duarte Asia, que estamos escrevendo. Por suas mãos lhe quiz dar, e receber a honra de o armar Cavalleiro, gloriando-se tão anticipadamente no filho de sua disciplina. E vendo que tão grandes espiritos mereciaõ ser ajudados dos favores Reaes, desejando que respondessem aos premios ao valor; zelando igualmente a causa do Rey, e do vassallo, creveo ElRey Dom João o Terceiro, que Dom João de Castro havia servido de maneira, que nenhum posto, ou mercè já lhe seria grande: que Sua Alteza o devia honrar, porque as lembranças dos Reys faziaõ soldados, e era justo que aos olhos de tão grande Principe não ficassem sem premio as virtudes.

6 ElRey mandou logo chamar a D. João por huma carta tão honrada, como se lhe não quizera fazer outra mercè; com a qual Dom João se veyo à Corte, onde foi tão envejado pelas feridas, como pelos favores. ElRey lhe fez mercè da Commenda de Salvaterra, acordando aos homens de novo seu merecimenro e estimação com que os tratava.

7 Curvou Dom João algum tempo a Corte, sem que nenhum delar da mocidade o arrastassem os annos, ou os exemplos, parecendo verdadeiramente

4 *Vida de D. João de Castro*

varaõ em toda a idade ; porẽm tal medida ; que nem a madureza a fazia pelado , nem a urbanidade facil. Soube philosophar entre as diversoens da Corte , evitando naquelle genero de vida a parte que tinha de ociosa , e não de a discreta.

*Casou com
D. Leonor.
Coutinho.*

8 Mudou de estado , casando com Dona Leonor Coutinho , sua prima segunda , filha de Leonel Coutinho , Fidalgo da illustrissima casa de Marialva , nobreza taõ conhecida , e taõ antiga , que della , e do Reyno temos igual noticia. Não lhe derão outro dõte que as qualidades , e virtudes da esposa ; porẽm sem os arrêmos da fazenda conservou o respeito de maneira , que em tratado de todos com veneração de rico , e lastima de pobre.

*Jornada de
Tunez*

9 Offereceose neste tempo a jornada de Tunez facção mais celebre pela victoria , que pela utilidade ; de que não coube a Dom João de Castro pequena parte na honra , e no perigo. Daremos do successo relação menos abbreviada , por haver ElRey D. João empenhado a facção e poder , e Infante Dom Luis a pessoa. Havia aquelle famoso Cossario Barba Roxa infestado todo o Mediterraneo com poder , e atrevimento maior que de Pirata , achando a fortuna taõ prompta e seus insultos , que entre os triumphos de Carlos era só Barba Roxa o escandalo de suas victorias. Vendo-se cada dia mais crescendo em opiniaõ , e forças , se passou ao serviço do Turco , com quem já a fama de nossas injurias a tinha acreditado , e comprandolhe a graça com mais precioso de seus roubos , alcançou ser General do mar ; e baixando diversas vezes com grosso numero de galês , fez grandes danos nos portos de Napoles , e Sicilia , sem que bastasse a defende-
los o

*Occasião que
para ella
ouve.*

los ■ valor de seus naturaes , ■■■ a tutela do Império, ■ que serviaõ. Cativou infinitas almas, perdendo muitas ■ Fé pola liberdade , assolou povos , e abraçou navios , dandolhe ■■ misérias dos Christãos entre ■■ Barbaros huma gloriosa fama , até que esquecido de seus principios, lhe fizeraõ as prosperidades lugar à ambição de reynar , usurpando ■ Reyno de Tuncz com varios artificios , cuja relação não serve ■ nossa Historia. Vendo pois Carlos este tyranno já com forças proprias, fomentadas de outro poder maior; e que pola vizinhança de seus Reynos não convinha que criasse raizes às portas de sua mesma casa; e que os Mouros, a quem não faltava valor , mas disciplina , industriados de soldado tão pratico , viriaõ a conhecer suas forças , em dano de seus Reynos ; resolveo buscalo com huma poderosa armada , e tirarlhe o abrigo de Tuncz , para que quando melhor livrasse , se tornasse ao mar , donde ~~como~~ Pirata , só poderia offender com forças vagas , ■ quacs mais facilmente poderiaõ acabar os tempos , e os successos. Tirou os soldados velhos dos presidios de Italia , que supprio com bisonhos ; fez grandes levas na Alemanha alta , ■ paizes de Flandes ; alistou Italianos , ■ Hespanhos , além dos senhores , e nobreza , que servia sem soldo ; e como empresa tão util ■ justificada , ■ onde o Emperador empenhava a pessoa , acudiaõ muitos aventureiros ■ acompanhar tão pias , ■ valerosas armas. Em Sardenha tomou o Emperador mostra da gente que levava , ■ achou vinte ■ cinco mil infantes de lista , que recebéraõ soldo fóra outra muita gente que servia sem elle , que era huma grande parte do exercito , e cada dia recebia

cebia differentes soccorros , que engrossavaõ o campo.

*Acompanha
nella o
Infante D.
Luis.*

10 O Infante D. Luis, principe digno de emprezas iguaes ■ seu valor, se resolveo achar nesta jornada ■■ o Emperador seu cunhado ; ■ ainda que delRey Dom João foi mui dissuadido com razões ■ differentes; humas que topavaõ no amor do sangue, e outras no respeito da pessoa; comtudo o Infante interpretando ■ vontade delRey, mais ■ favor do brio, que da obediencia, partio secretamente com alguns fidalgos; ■ que entendido por ElRey, lhe mandou a Barcelona, onde ■ Emperador estava, largos creditos, e aprestar vinte ■ cinco ■ caravellas, e alguns navios redondos; entre elles hum galeão, que jugava duzentas peças de bronze, o maior que até aquelles tempos surcáraõ nossos mares, à ordem de Antonio de Saldanha, para que servissem na jornada: ■ por reverencia do Infante se encomendaraõ as ■ filhas da armada a fidalgos de grande conta, sendo hum delles Dom João de Castro, que nesta occasião igualmente desprezou o perigo, e a cobiça, como logo mostrarà a Historia.

*Fidalgos que
foraõ nesta
jornada*

11 Os fidalgos que se embarcáraõ nesta armada, de que alcancei noticia, foraõ, de mais de Dom João de Castro, Dom Affonso de Portugal filho herdeiro do Conde do Vimioso, Dom Affonso de Vasconcellos filho do Conde de Penella, Luis Alvarez de Tavora Senhor do Mogadouro, com Ruy Lourenço de Tavora seu irmão, que depois foi Viso-Rey da India, Dom João de Almeida filho do Conde de Abrantes, Dom Pedro Mascarenhas, que tambem foi Viso-Rey da India, Dom Diogo de Castro

■ Castro, Alcaide mór de Évora, Dom Fernando de Noronha, Dom Francisco de Faro, D. Francisco Pereira, Embaixador que foi delRey Dom Sebastião em Castella, Dom Affonso de Castelbranco, Meirinho mór, Pero Lopez de Sousa, João Gomez da Sylva, Pagem da lança, e Dom Luis de Attaide que depois foi Conde de Atouguia, ■ morreo ■ India, tendo segunda vez Viso-Rey daquelle Estado. Todos estes fidalgos foraõ servir à sua custa, levando criados, ■ soldados sem receberem soldo, ■ galas, ■ librès demonstradoras do gosto, com que seguiaõ ■ guerra. Tomou a armada ■ porto de Barcellona, e salvando ■ Capitania Imperial, deu de si huma mœstra bellicosa, e alegre. O Emperador se veyo às casas do Embaixador de Portugal Alvaro Mendes de Vasconcellos, que por estarem sobre o mar, eraõ mais aptas para honrar, e festejar ■ entrada.

12 Os Duques de Alva, ■ Cardona, com outros muitos Senhores, vieraõ à praya buscar o General, e fidalgos de sua companhia, que foraõ beijar a mão ao Emperador, o qual ■ recebeo com todas ■ honras, ■ agasalhos, que a authoridade sofre, alegrando se de se acompanhar de nossa milicia pratica, e valerosa, ■ quem não pareciaõ estranhas ■ Luas, e lanças Africanas. Todas as resoluçoens grandes communicaveõ Emperador ao Infante D. Luis, não só pola grandeza da pessoa, mas pola do juizo, tão pratico na Corte, como no estado, de quem referirci hum lanço de urbanidade pola estimaçaõ, que delle fizeraõ os Castelhanos. Recolhiam-se huma noite ■ Emperador, ■ Infante, ■ entrar de huma porta, sobre qual havia

Cortesia entre o Emperador, e Infante.

havia de passar diante, pleiteárao ambos ■ cortezia; querendo hum, que precedesse o Hospede; outro ■ Magestade. O Emperador; travando-lhe do braço, quasi por força ■ fez passar primeiro. Não querendo o Infante aceitar esta honra, nem podendo engêitala, lançou mão ■ huma tocha, que hum pagem levava. Assim soube o Infante fazer-se tão Senhor da vontade do Emperador, que teve resoluto darlhe o Estado de Milão, achando nelle qualidades para o merecer, e para ■ defender valor; mas as pretençoens de França fizeram o dominio deste Estado tão contingente, que ficou ■ Senhorio delle muitos ■ debaixo do juizo das armas.

O Emperador quer armar Cavalheiro a D. João, que não aceita.

13 Não relatarei os successos desta guerra, por ser historia alhea, bem que nella Dom João de Castro se portou de maneira, que o Emperador o quiz armar Cavalheiro, honra de que elle se escusou com ■ verdade, de o haver já sido por outras mãos, que o que lhe faltava de Reaes, tinhaõ de valerosas. Mandou o Emperador dar dous mil cruzados a cada hum dos Capitães da armada, que Dom João singularmente não quiz aceitar, porque servia com maior ambição do nome, que do premio.

Nem a mercê do dinheiro.

Concluida esta jornada se recolhe a Sintra.

14 Triunfante Carlos, como outro Scipião da guerra de Áfrisa, se veyo descansar entre applausos, ■ acclamaçoens de Europa, podendo chamar antes fundador, que herdeiro de seu Imperio. Voltou tambem ■ nossa armada ao porto de Lisboa, onde D. João achou nos braços do Rey, e laudaçoens do povo maior premio, do que engêitara do Cesar: ■ como varaõ que taõbem sabia despre-
far

far sua mesma fama , se retirou ■ sua quinta de Sintra , deſejando viver para ■ mesmo , havendo-se no ſerviço da patria de maneira , que nem ■ deſemparava como inutil , nem o buſcava como ambicioſo. Aqui ſe recreava com huma eſtranha , e nova agricultura , cortando ■ arvores , que produziaõ fructo , e plantando ■■ ſeu lugar arvores ſylveſtres , ■ eſtereis ; quiçã mostrando , que ſeria tão deſinterreſſado , que nem da terra , que agri-
cultava , eſperava paga do beneficio , mas que muito , fizeſſe pouco calo do que podiaõ produzir ■ penedos de Sintra , quem ſoube piſar com deſpreſo os rubis , e diamantes do Oriente !

15 Achavaſe Dom João no melhor de ſeus annos , eſtimulado ■ ſervir com os exemplos de ſua *Passa a pri-*
mesma caſa ; e como ■ guerra de Africa com a *meira vez a*
conquiſta do Oriente , ■ ſe diſſimulava , e ſe eſquecia , havendo o mundo por mais glorioſa *India.*
fama , que vinha de mais longe , resolveo Dom João paſſar à India , cuja conquiſta enchia o Rey-
de fama , e de victorias , embarcandoſe ſem pedir poſto , ou mercè alguma , havendo por mais ſua a honra , que ſe vai a ganhar , que a que ſe leva.

16 Paſſou naquella occaſião a governar a India *Faz-lhe El-*
Dom Garcia de Noronha ſeu cunhado , que eſti- *Rey mercè ,*
mou levar a Dom João de Caſtro com meritos de *e como a*
ſucceſſor , ■ praça de ſoldado. ElRey , logo que en- *aceita,*
tendeo ■ reſolução de Dom João , lhe mandou dar mil cruzados cada anno ■ tempo que ſerviſſe ■ India , ■ portaria da fortaleza de Ormuz , que elle (não ſei ſe com maior ambição , ou com maior tem-
perança) não aceitou , por ſer mais rara ■ memo-
ria

ria das mercês, que se engeitaõ, que das que se recebem: acção mais facil de louvar, que de imitar.

Leva seu filho D. Alvaro

17 Embarcou-se Dom João de Castro com seu filho Dom Alvaro de treze annos, dandolhe por entretenimentos daquella idade os perigos, e tormentas de tão prolixos mares. Chegou a armada de Dom Garcia à India com prospera viagem, onde achou ao Governador Nuno da Cunha com armada prompta para soccorrer a Dio, e pelear com as galés do Turco, que o tinhaõ sitiado naquella illustre cerco, que defendeo Antonio da Sylveira. Tomou Dom Garcia, com a posse do governo, a obrigação de soccorrer a praça, para o que se lhe offerreco D. João de Castro, que como soldado da fortuna, alvoroçado se embarcou no primeiro navio, parece que já presago dos futuros triunfos, a que se chamava Dio. Porém a retirada dos Turcos privou a Dom Garcia da vitoria, ou lha quiz dar sem sangue, se menos gloriosa, mais segura.

Embarca-se no soccorro de Dio.

18 Falleceu brevemente Dom Garcia, e quem succedeu D. Estevão da Gama, que na India teve a brios dos de seu appellido, e parece que tivera a fortuna, se não fora tão breve o seu governo. Empredeu humma facção no perigo, e gloria, grande qual foi embocar o Estreito do mar roxo, e queimar as galés dos Turcos, que no porto de Suez se fabricavaõ com voz de lançar os Portuguezes da India: empreza que o Turco reputava por digna de seu poder.

19 Pôta de verga dalto toda a armada, não houve soldado de valor, e quem não alvoroçasse o risco de tão nova jornada, na qual tanta fama merecia a vitoria, como o atrevimento. Partio Dom

Estevão

Estevão da Gama com doze navios de alto bordo, e sessenta embarcações de remo, o primeiro de Janeiro de mil e quinhentos e quarenta e hum. Aqui foi D. João de Castro Capitão de hum galeão, seguindo sua viagem com Levantes, avistárao a costa de Arabia, posto que derramados. O Governador D. Estevão da Gama viu em monte Felix, e furto na boca do Estreito esperou os navios de sua conserva. Aqui foi certificado, que os galês inimigas estavao varadas em terra, porém tão vigiadas, que se não podiao queimar, senão com força descuberta, que seria impossivel os navios redondos, em razão dos baixos, e restingas daquelle porto; com tudo Dom Estevão da Gama, desprezando o aviso, e o perigo, passou avante com algumas fustas, huma das quaes levou Dom João de Castro, deixando o seu navio. Passárao pelas primeiras Ilhas, situadas doze graos, e meyo, e pela enseada velha em treze escassos, tomárao a da Fortuna, que está na mesma altura. Em todas estas angras, e enseadas da boca do Estreito até Suez, foi Dom João de Castro tomando o Sol, e fazendo roteiro, formando juizo, já de Philosopho natural, já de marinheiro, mostrando como caminha cega a experiencia rude dos Pilotos sem os preceitos da arte. Aqui tão judicioso, como soldado, discursou doutamente sobre as causas, porque o mar roxo foi imposto este nome; e também dos impulsos, e movimentos naturaes das crescentes do Nilo nas monções do Estio, materia que desvelou muitos engenhos, e quem a natureza tantos annos escondio estes secretos. Assim contaremos deste varão, como parte menor de sua grandeza, o que os Romanos

Veyo mar roxo com D. Estevão da Gama

Nesta viagem faz hum Roteiro.

manos com tão soberba eloquencia escrevem de seu Cesar, que com tanto juizo tomava ■ pena, como com ■ valor ■ espada. Este tratado, ■ outro, de que daremos mais inteira noticia, escritos entre as ondas do mar, ■ ■ aqoute dos ventos, dedicou ■ Infante D. Luiz, offerecendolhe ■ fruto das letras, que juntos aprendêraõ.

*D. Estevoão
arma Caval-
leiro a D. Al-
varo.*

20 Nesta paragem viraõ o monte Sinai, onde com fabrica de Anjos foraõ as reliquias de Santa Catherina collocadas em illustre deposito a cuja vista Dom. Estevoão da Gama ■ ■ ■ ■ ■ Valleiro ■ Dom Alvaro de Castro, o qual ■ ■ ■ ■ ■ memoria de tão celebre Santuario tomou por timbre de suas armas a róda de navalhas, com que religiosamente as illustraõ ainda hoje seus descendentes. Do effeito desta jornada não daremos particular noticia, porque a vigilancia dos Turcos nos frustrou o effeito.

*Torna D.
João ao Rey-
no.*

21 Tornando Dom João ao Reyno, como querendo deixar crescer as palmas do Oriente, que haviaõ de coroar suas victorias, não desembarcou outras riquezas, mais que a fama de suas obras; e estando com os vestidos do mar ainda mal enxutos, ■ nomeou ElRey por General das armadas da costa, dandolhe novas occasioens de servir em premio do que tinha servido. Sahio logo Dom João no anno de 545. a comboyar ■ ■ ■ ■ ■ náos, que de viagem se esperavaõ da India, e pairando na altura de seu regimento, houve vista de hum Coffario Francez, que com sete navios infestava todos aquelles mares, e havia feito algumas prezas em navios de nossas conquistas, que o tinhaõ atrevido, ■ rico. Logo que

*He General
da armada
da costa.*

Dom

Dom João ■ avistou, se fez naquella volta com os nãvios arrafados em popa, e atracando ■ Ca-
pitania do inimigo, a abordou, e rendeo depois de porfiada resistencia ; meteo dous navios no fundo ■ e outros se salvãrão com o favor da noite. Os casos particulares desta origa não pu-
de achar escritos, assim ficará nosso silencio dis-
culpado com ■ descuido alheyo.

*Desbarata
sete naos de
Cossarios.*

22 Houve Dom João vista das naos dentro em poucos dias, que com reciprocas salvas lhe ajudã-
rão a festejar ■ rota do Cossario ; entrou com ellas pela Barra de Lisboa, tendo tão geral o applau-
so, com que foi recebido, que parecia haver pas-
sado já os perigos do odio, e da enveja : felici-
dade, ou miseria, que só na sepultura alcançaõ,
■ evitaõ os varoens excellentes. Porém de tres
successos conseguiu Dom João sómente o premio
na victoria : porque quando ■ dividas são gran-
des, os Reys, por não ficarem escassos, arriscaõ-
se antes ■ parecer ingratos ; mais faceis a confes-
sar os vicios na pessoa, que na Magestade.

*Recolhe as
da India.*

23 Pouco tempo deixãrão ■ Dom João de Castro descansar no gosto da victoria, porque logo para negocio de maior cuidado tornou a vestir ■ armas, como referirey mais largamente, ainda que contra meu costume ; por não tron-
car a Historia ■ buscarey principios afastados.
Vio-se aquelle famoso Cossario Haradin Barba-Roxa quasi desbaratado com ■ perda de Tuncz, ■ Goleta, ■ muito mais com a das Galès, perdendo ■ terra a authoridade de Tyranno, ■ no mar ■ forças de Pirata. Porém não ficou este inimigo de todo tão quebrantado, que deixasse de gemer
ainda

ainda Italia muitos ~~lucros~~ debaixo de seu açou-
te. Tinha depositado em diferentes partes ~~o~~ me-
lhor de seus roubos, como segunda taboa, em que
salvar-se; fez delles hum presente a Solimaão Se-
nhor dos Turcos de tanta estimação, que pode fa-
zer esquecer, ou desculpar a desgraça da armada,
a fugida de Tunez, de que Solimaão ainda tinha a
dor, a memoria fresca. Representoulhe muito,
que podia obrar em dano dos Christãos, pois co-
meçando a tentar o ~~mal~~ com duas galeotas mal
armadas, a valor, e os successos o fizeraõ temi-
do, e poderolo, e fazendolhe cruel guerra com
seus proprios delpojos; que não cabiaõ já ~~os~~ ca-
tivos nas masmorras de Africa; que no Reyno de
Napoles, em toda a Apulha, e terra de Lavor,
era estragos, que ainda agora, nem sangue,
nem as lagrimas estavaõ enxutos; que as galés
de Sicilia temerosas apodreciaõ ancoradas no
porto, que aquelle Andre Doria, tão buscado dos
Principes da Europa, diria, quantas vezes, por
se delviar de Barba-Roxa, tinha forçado a remo;
que seguramente daria por testemunhas das suas
obras seus proprios inimigos; que o Emperador
Carlos, irritado de tantos danos, vendo que só
Barba-Roxa fazia a suas vitorias sombra, mais
impaciente que soldado, juntára para o destruir
todas as forças de Alemanha, Italia, Espanha,
e Flañdes, expondo temerario o melhor de seu
Reyno a caso de huma ruína, ou de huma
vitoria; e ainda que não desacompanhou sua
antiga fortuna, só tirou da jornada fama sem fru-
to, restituindo a Tunez hum inimigo por dela
passar outro; que se não recolhera tão inteiro
que,

que lhe não custasse a vitoria navios, e solda-
dos; e que com as despezas de tão numeroſo po-
der esgotára os theſouros de Eſpanha; que ago-
ra era o tempo opportuno para arruinar a Chriſ-
tandade, enfraquecida com huma larga guerra,
deſcuidada com huma apparente vitoria; que
no Estreito de Gibraltar estava a celebre Cidade
de Ceita, porta por onde já os Africanos entrá-
rão com vitoriosas armas a dominar Eſpanha:
que os Portuguezes tinham com fracos muros,
e hum débil preſidio, mais attentos a inquietar
os vizinhos, que acautelarse delles; porque al-
tivos com as prosperidades do Oriente despre-
ſavaõ ſua propria morada, à maneira de rios, que
quanto mais diſtaõ do berço, em que nacêrão, ſão
maiores; que ſe a Mageſtade do grão Senhor ſe
inclinaſſe a ſenhorear eſta parte tão principal da
Europa, elle ſe offerecia com hum juſto numero
de galês a entregarhe Ceita, para que as na-
çoens do ultimo Occidente viveſſem em reveren-
cia de ſeu Imperio. Affim diſcorreo o Coſſario,
tentando reſtaurar as forças alheas o credito,
e eſtado, de que havia caído. E como nas Cortes
dos Principes as couſas grandes ſão melhor ou-
vidas que as poſſiveis; e em Barba-Roxa a ex-
periencia, e o valor tinham tantos aboſos, Soli-
maõ altivo, e bellicoſo, começou a dar ouvidos
a empreza de tantas conſeſquencias, que parecia
opportuna pola paz, e prosperidade, que goza-
va ſeu Imperio. Ouvio diverſas vezes a Barba-
Roxa, que lhe perſuadio ſerem os uteis deſta fac-
ção mayores que as difficuldades. Inflammavaõ
mais a indignação do Turco os Mouros Africanos,
quei-

queixosos de que não podião respirar, senão debaixo da paz de nossas armas, chorando uns a liberdade, outros ■ injuriar de seu Prophéta nas postradas Mesquitas. No remedio destes danos empenhavaõ ■ Turco por zelo, ■ por grandeza, porque uns tocavaõ à Religião, outros ■ Magestade; motivos que cobriaõ ■ ambição, ■ justificavaõ ■ jornada.

*Avisos do
Emperador
a ElRey.*

24 O Emperador Carlos, que da negociação de Barba-Roxa em Constantinopla andava cuidando, entendendo, que aquelle tronco, de quem cortára ■ ramas, não ficara tão secco, que com calor alheyo não pudesse brotar novo veneno, teve industria para saber ■ resolução do Turco ácerca da invasão de Elspanha; ■ ainda que ■ primeiro golpe ameaçava a Ceita, como nunca a corrente da vitoria para onde começa, não querendo cair tambem sobre nossas ruínas, mandou armar navios, alistar gente, e dobrar ■ presidios nos portos do Estreito, escrevendo a ElRey Dom João, seu cunhado, ■ avisos que tinha, para que juntos dispuzessem a resistencia do commun inimigo.

25 Chegada ■ Portugal esta nova, tratou logo ElRey de fortificar Ceita, que não tinha outra defensão, que a que ensinava ■ disciplina daquelles tempos; e como nós em Africa eramos conquistadores, defendiamos nossas praças com ■ temor alheyo. Governava naquelle tempo Ceita Dom Affonso de Noronha, a quem ElRey commendou a fortificação, ■ a defensão, mandando-lhe gente, materias, e engenheiros. Pedia ■ Emperador a ElRey, que mandasse fazer ■ armada,

*E lhe pede
ajuda para
resistir aos
Turcos.*

da , para que unida com ■ que tinha em Cadiz , à ordem de Dom Alvaro Bação esperassem o inimigo ■■ boca do Estreito , onde ■■ qualquer successo teriaõ no abrigo de seus portos segura a retirada. Posto o negocio em conselho , pareceo que ■■ armadas se juntassem , porque não ficasse sobre nossas forças todo o pelo da guerra.

26 Entrou ElRey em consideração de buscar quem governasse a armada , e dado que no Reyno havia muitos homens , a quem ■■ experiencias , ■ perigos de nossas Conquistas tinhaõ feito soldados , o nome de Dom João de Castro se fazia lugar entre ■■ mayores : fez brio de não pedir , nem engeitar o serviço da patria. Sabemos que ElRey Dom João , ainda que o amava por valeroso , lhe era pouco affecto por altivo ; de forte que o que grangeava por huma virtude , vinha a perder por outra ; assim não vimos que ■■ casa Real tivesse officio , ou valimento , porque varaõ tão livre podiaõ no soffrer como vasallo , mas não como criado. Estava já com velas metidas toda a armada , e embarcada muita parte da nobreza do Reyno , ■■ soldados na expectação de quem havia de governar facção tão importante ; quando de repente se divulgou a nomeação em Dom João de Castro , feita com geral satisfação , ainda dos mesmos pertendentes.

Nomea El-Rey a Dom João por General

27 Mandou ElRey chamar a Dom João , a quem communicou os avisos do Emperador , ■ designios do Turco , significando-lhe ■ enveja , com que ■ mandava a tão honrada empreza , mas pois era huma prisaõ Real das Magestades poder dar honras sem poder mercellas , lhe entregava
C
aquella

Confiança, que mostra ter de D. João aquella armada, esperando, que havia de ajuntar ás Ruélas dos Castros as bandeiras, que aos Turcos ganhasse, para que a seus descendentes deixasse ainda mais honradas do que lhas entregárao. Dom João beijou a mão a ElRey, agradecendo; entendendo, que dos Principes era melhor ser bem avaliado, que bem visto.

Ajuntase como General do Imperador. 28 Aos doze dias de Agosto de 1543. se fez a vela toda a armada, em poucos dias com vapores de servir, furgio á vista de Gibraltar, onde achou sobre ferro a armada Imperial, que recebeu a nossa com toda a cortezia naval, alegrando, e affombrando o lugar com repetidas salvas. Veyo logo Dom Alvaro Bação com os principaes Cabos da armada visitar a Dom João de Castro ao mar, onde depois de laudaçoens cortezes, lhe deo conta das noticias, que tinha do inimigo, que segundo os avisos, a primeira invasão seria sobre Ceita. Alli se discorreo, e as unidas armadas de dous tão grandes principes, convinha á reputação de humas, e outras armas peleijar com o inimigo; que dado, que viesse com maiores forças, pelejavamos nos nossos mares á vista de nossos portos; que no conflicto podia socorrer com gente descansada; e os navios destróçados teriaõ o abrigo vesinho; e que quando bem a victoria se inclinasse aos Turcos, ficariaõ tão quebrados, que não pudessem intentar facção nas praças do Estreito, as quacs sempre remiriaõ peleijando em ambos os successos, mayormente, que os ordens, que traziaõ cerradas de buscar o inimigo, não sofrião outra interpretação com que se salvasse a honra, e a obediencia.

cia. Tomada esta resolução , ainda que precisa ,
 briosa , ficárao ■ soldados alvoroçados , ■ ■ Ca-
 bos solícitos ■■ ordens , e disposição de tão
 grande negocio; quando de repente chegárao aprel-
 tados avilos , que Barba Roxa com toda a arma-
 da junta demandava ■ Estreito. Mandou logo
 Dom João de Castro recolher alguma gente , que
 andava em terra , dar ordens aos Capitães , em-
 pavesar navios , ■ avisar a Dom Alvaro de como
 se levava. O qual com a imaginada vista do ini-
 migo , resfriado daquelle ardor primeiro , cre-
 veo a Dom João de Castro , que novos casos ne-
 cessitavao de novos conselhos ; e que pelas noti-
 cias das espías , sabia , que Barba-Roxa trazia do-
 brado numero de baxeis do que ■ armadas ti-
 nhao ; que não era intenção , nem serviço de seus
 Principes perderem-se com risco tão sabido ; que
 estando aquellas armadas inteiras não podia o ini-
 migo intentar cousa grande ; ■ se acaso na pele-
 ja ficassem destroçadas , ficariao as praças do Es-
 treito por premio da victoria ; que elle ■■ deixar
 de pelejar se violentava muito , mas que primei-
 ro estava ■ serviço do Cesar , que o brio dos
 particulares ; que lhe pedia recolhesse naquelle
 porto a armada , e que da resolução dos Turcos
 tomarão mais seguro conselho. Dom João de Cas-
 tro respondeo ■ General Castelhano , que elle
 não mudava de opinião á vista do inimigo ; que
 bastava para animar os Turcos ■ verem-se tem-
 dos ; que pois elles pretendiao pisar terras de
 Espanha , as armadas se deviao arriscar pela re-
 putação , quanto mais pela injuria ; que juizo ha-
 via de fazer o Mundo das forças de dous tão gran-

*Resol-vem
pelejar*

*Muda o
General
Castelhano
parecer.*

*E trata de
reduzir ■
D. João*

*O qual per-
manece em
pelejar
com os Tur-
cos.*

des Principes , quando se colligavaõ para fazer a Barba-Roxa guerra defensiva ? Deixando fenho-rear a bandeira do Turco nosso mares á villa das Aguias do Imperio , e Quinas de Portugal ; que elle se resolvia em esperar ■ inimigo , legu- ■ de lhe-imputarem culpa em hum , ■ outro acontecimento , porque no ■■ succello, ■■ perdidos não davaõ conta de nada , ■ aos victoriosos de nada se pedia.

Eoespera

■ Estreito

tres dias.

29 Mas nem esta resolução bastou para o General Castelhano Dom Alvaro Bação mudar de conselho ; não sabemos se ■ tomou por melhor , se por mais seguro. Dom João de Castro se poz na boca do Estreito, aonde esteve surto tres dias ; aqui teve aviso , que se fizera ■■ outra volta a armada do inimigo, por dissensões, que houvera entre os cabos mayores, ou como em outras memorias achamos, por haver recebido Barba Roxa novás ordens do Turco , que recolhesse a armada ; porém ■ gentileza, com que Dom João de Castro ■ esperou no Estreito , mereceo dos presentes enveja ; ■ dos futuros gloria ; pois para conseguir huma illustre victoria, não faltou o valor , faltou ■ conflicto ; bém que desta tão generosa resolução se fizeraõ em Hespanha juizos diferentes , pondo-lhe nota aquelles , que a todas as acçoens não vulgares chamaõ temeridades, porém eu creio, que ainda ■■ que mais condenarão esta acção, tomáráo fer os authores della.

30 Vendo pois Dom João , que com ■ retirada do inimigo ficára assegurado o receyo daquellas praças, se foy a Ceita ■ comunicar algumas cousas de sua instrucção com Dom Affonso de Noronha ;

Noronha ; ■ qual recebeo ■ Dom João com tantas salvas de artilharia , que os Castelhanos em Gibraltar se persuadirão , que peleijava a armada ; mas ■ assim quizerão desaferrar do porto , faccis em alterar o primeiro conselho, tenazes no segundo. Aqui teve Dom João de Castro aviso , que ■ Mouros tinhaõ Alcacere Ceguer em apertado cerco , praça , que os nossos sustentavaõ em Africa com despeza , ■ perigo inutil , de que era Capitão hum fidalgo do appellido de Freitas. Despachou logo a seu filho Dom Alvaro com hum troço da armada , ■ ordem , que metesse ■ soccorro na villa , ■ que até se levantar o inimigo estivesse no porto , ■ que executou promptamente , bastecendo , ■ municionando a praça ; e como o exercito dos Mouros se compunha de gente tumultuaria , faltando-lhes ■ calor da primeira invasão , levantou o sitio , e Dom Alvaro se tornou ■ aggregar á armada , que depois de assegurar Ceita , ■ livralla do receyo dos Turcos , se recolheo ao porto de Lisboa , aonde já havia chegado ■ fama de hum , e outro successo , que como cairão sobre valor tão bem reputado , pareceraõ mayores ; mas Dom João , que nenhuma coisa tinha por grande , querendo tratar com desprezo suas mesmas obras , fugio das honras populares ao retiro de Sintra , ou tão modesto , ou tão altivo , que não avaliava suas acçoens por dignas de ■ mesmo.

Manda seu filho com soccorro a Alcacere Ceguer.

Volta a Lisboa, e recolhe-se a Sintra.

31 Entrou ElRey Dom João em consideração de buscar, quem governasse o Estado da India , porque Martim Affonso de Sousa tinha acabado ■ tempo , ■ pedia successor com repetidas instancias ■ porque ■ cousas do Oriente estavaõ por varios

varios accidentes hum pouco declinadas ; e não queria , que a guerra com algum desfar lhe desluzisse a gloria de seus feitos , como quem sabia que dà ■ ignorancia do povo poder ■ huma desgraça , para desauthorisar muitas victorias. Para negocio tão grande se representarão ■ ElRey sujeitos differentes ; huns que pela antiguidade do sangue costumavaõ a ser , senão benemeritos herdeiros dos lugares mayores (segunda tyrannia de reynar , que inventou ■ nobreza) outros humildes por nascimento , e illustres por si mesmos , que o que se lhes devia por seus merecimentos , perdiaõ por falta dos alheys ; assim que para posto de tanta authoridade , ■■ bastava valor plebéo , nem qualidade inutil.

*He proposto
pelo Infante
para ■
governo
da India.*

32 Com estas consideraçoes ElRey irrefoluto na elcolha de varaõ , de quem pudesse fiar o peso de tão grande governo , perguntou ao Infante Dom Luiz , quem no estado presente fizera Governador da India ? O qual lhe significou ■ conceito , que tinha dos espiritos de Dom João de Castro : porque ainda que ■■ occasião do Estreito ■ muitos havia parecido , que se houvêra com animo sôbejo , he certo , que não haveria soldado , que não estimasse ser réo de tão honrada culpa : ■ que dado , que seus emulos ■ arguiaõ de altivo , e retirado , por não pedir mercês , nem cortejar ministros , eraõ estes defeitos de tão boa qualidade , que vinhaõ a ser melhores os vicios de Dom João , que as virtudes de outros , que não via quem pudesse conservar a disciplina da primitiva India senão D. João de Castro , o qual servia tão alheyo de todos os interesses , que parecia desprezar os premios da

■ terra, como se Sua Alteza não forá Rey dos homens, senão Deos dos Vassallos; que era afeiçoado a Dom João de Castro por suas qualidades, porém tão livremente, que seus merecimentos ainda se parados do fugitivo, amara em qualquer outro.

33 ElRey com quem a opinião do Infante tinha credito grande, vendo que avaliava as cousas *ElRey o elege, e lhe fala.* d. Dom João com zelo de Principe, e noticias de amigo, approvou a inculca feita pelo Infante, cuja authoridade qualificou o conceito de todos, e mandando chamar ■ Dom João de Castro ■ Evora, onde tinda sua Corte, lhe disse em sala publica, Andei estes dias cuidadoso em buscar varaõ que, governasse o Estado da India, ■ não duvidava por deo achar ■ familia dos Castros, de cujo tronco os Senhores Reys meus antecessores tiraraõ sempre Generaes para os exercitos, Regentes para os povos; assim ■ prometto, que de tão valerosa raiz não pôde degenerar o fruto; mórmente se medir ■ futuras acções pelas passadas, ■ quaes vos tem dado justo nome na opinião do Reyno, e estimação na minha; pelo que confiadamente vos encomendo ■ governo da India, aonde espero procedais de maneira, que possa dar vossas acçoens por Regimento aos que vos succederem. D. João beijou a mão a ElRey, mais agradecido à honra, que ao officio, estimando-o de tão grande cargo o não o haver buscado. Na Corte houve sobre esta eleição diversos sentimentos; alguns a notáraõ por inveja, e outros por costume; tanto, que nas virtudes em que lhe não podiaõ achar faltas, lhe arguiaõ excessos; foy porém tão bem avaliado dos mais, e dos melhores, que El-Rey

Approvaõ todos esta eleição.

Rey se alegrava de haver achado hum homem fei-
to à vontade de todos.

*Corre com o
apresto das
náos.*

34 ElRey lhe mandou logo despachos para
apreitar ■ armada sem correr o ■ della por ou-
tras mãos, como erradamente andou escrito, afir-
mando hum Author, que Dom João passára à India
descontente por ser mal respondido em seus parti-
culares; cousa tão encontrada com ■ noticias que
temos, e com a pouca ambição deste fidalgo, que
mais se desvelava no que havia de engessar, que
no que havia de pedir, como senão tivera Rey a
quem rogar, senão a quem servir.

*Reprova
as galas de
seu filho.*

35 Determinou levar consigo a seus filhos D.
Fernando, ■ Dom Alvaro, que era ■ mais velho;
o qual mandou cortar algumas galas, das que pe-
diaõ a profissão, e os annos; ■ passando D. João
a caso pela Jubiteria, vendo estar penduradas hu-
mas calças de obra, parando o cavallo, perguntou
de quem eraõ? e tornandolhe o official, que ■
mandára fazer Dom Alvaro filho do Governador da
India, pediu Dom João de Castro huma tizoura,
com que as cortou todas, dizendo para ■ mestre:
Dizei a esse rapaz, que compre armas. Não lemos
que fosse mais exemplar, ou austêra a disciplina
dos antigos Romanos.

*Náos, e
Capitães
dellas.*

36 Aprestou D. João ■ armada brevemente,
sem violencia, nem queixa dos pequenos, porque
ainda entãõ as extorçoens, com que os ministros
mayores armaõ à graça dos Principes, senão usa-
vaõ, ou se não conheciaõ. Era ■ corpo da armada de
seis náos grandes, e n que se embarcãraõ dous mil
homens de soldo. A Capitania S. Thomé, em que
■ Governador hia, que lhe deu este nome, que
de.

- depois appellidou nas batalhas, invocando já como de justiça ao Apostolo da India por Patraõ de huma, e outra conquista. Os outros Capitaens de sua conserva eraõ Dom Jeronymo de Menezes, filho, e herdeiro de Dom Henrique, irmão do Marquez de Villa Real, Jorge Cabral, Dom Manoel da Sylveira, Simão de Andrade, e Diogo Rebello.

37. Aos dezafete de Março de 1545. desafferrou do porto toda a armada, e poucos dias de viagem foi avisado o Governador, que na sua náohiaõ quasi duzentas pessoas, que recebiaõ ração sem assentarem praça; huns que por inuteis não foraõ recebidos, e outros que por delictos se embarcáraõ escondidos. Instavaõ os ministros da náoo com o Governador, que os embarcasse na caravella de refresco para desempachar a náoo, e levarem mantimentos sobrados para os casos de tão larga viagem; porẽm o Governador mais compassivo que acautelado, fazendo huma mesma a causa dos miseraveis, e a sua, seguiu sua derrõta. Passados alguns dias começou-se a conhecer a falta dos mantimentos, com que os marinheiros, e soldados esforçaraõ a queixa contra o Governador, que com tão arriscada piedade queria pôr em contingencia pelo remedio de poucos a salvação de todos. Os mais eraõ de parecer, que se lançasse esta gente nas Ilhas de Cabo verde, onde os criminosos, e os pobres ficavaõ assegurados, estes da fome, aquelles da justiça. Porẽm o Governador considerando, que os ares, e o terreno das Ilhas, buscados fóra de monção, eraõ conhecidamente nocivos, resolveo amparar os miseraveis no seu mesmo navio, crendo se

Partem, e em que tempo.

Compaixão do Governador.

*Perigo da
sua náó*

salvaria com elles , ■ por elles , dizendo , que era deshumanidade lançar do mar a quem fugia da terra. Assim foraõ navegando com tempos elcassos , até que lhe entráraõ ■ geraes ■ costa de Guiné ■ onde a náó do Governador tocando esteve soço-brada , sendo ■■ opiniaõ dos mareantes aquelles mares limpos , ■ aonde ■ carta não sinalava baixos. Foi a confusãõ , como de quem se via beber a morte inopinadamente ; as horas ■ e o temor faziaõ maior o perigo , até que a náó estando atravessada , e sem governo , começou ■ forder sobre ■ vaga ; seria caso , mas pareceo milagre. O Governador mandou tirar tres peças , para que as náos , que vinhaõ por sua esteira , dessem resguardo ■■ baixo ; as quacs não entendendo o final , arribáraõ sobre elle , e com melhor fortuna que conselho , sendo do mesmo porte que ■ Capitania , salvaraõ o baixo , achando sobre ■■ mesmas aguas differente successo , cuja causa não fouberaõ ajuizar ■■ mareantes.

*Chega a
Moçambique.
que.*

38 Seguindo o Governador sua viagem com toda ■ armada junta , surgio em Moçambique , onde o seu primeiro cuidado foy ■ desembarcação , e commodidade dos enfermos , ajudado de seus filhos Dom Alvaro , ■ Dom Fernando , parecendo entãõ herdeiros de sua piedade , depois de seu valor. Os dias em que o Governador esteve em Moçambique , notou que ■ fortaleza , que alli tem ■ Estado , era obra mal entendida , por estar ■■ distancia da praya , difficil aos provimentos , ■ socorros de nossas armadas , situada em lugar bayxo , aonde podia ser batida de muitas eminencias que ■ senhoreavaõ , impedindo lhe juntamente ■ pureza dos ares ■■ dano da saude.

*Muda a
fortaleza
para me-
lhor sitio*

Com-

Communicou este negocio com as pessoas, que desta arte tinham alguma luz por uso, ou disciplina, e a todos parecêraõ os erros da fortificação notados com juizo. Succedeo logo a execução do conselho, e escolhido sitio conveniente, determinou materiaes, e mestres para a nova defenſa; e como isto se obrava nos olhos do Governador, os fidalgos à volta dos pioens acarretavaõ as pedras: humas que serviaõ à lisonja, outras ao edificio.

39 Posta já em defenſa a fortaleza, e reparada a saude dos enfermos com ares, e refrescos da terra, deu o Governador à vella, e navegando sempre com ventos de servir, ferrou a dez de Setembro a barra de Goa, onde por hum Navio que se adiantou, loube Martim Affonso de Sousa que tinhaõ successor vesinho, dispondo-se a recebelo com festas, que mostrassem o gosto, com que agasalhava o hospede, e deixava o governo. Foy logo buscado ao mar em hum bargantim esquipado, donde o trouxe à quinta de Antonio Correa, em quanto se dispunha a solemnidade de seu recebimento. Alli banquetcou o Governador, aos fidalgos, e Capitaens da frota, com tanto primor no serviço, e abastança tão grande nas viandas, que parecia solemnizar as ultimas honras do cargo que espirava. Houve aquella noite bayles, e folias; festins que a singeleza do Portugal antigo levou ao Oriente. Aqui esteve o Governador dous dias, assistido de todos os fidalgos, desemparrando a Martim Affonso de Sousa, até aquelles, que como creaturas suas, tinha feito de nada, aprendendo a ingratitude Oriental

dos Indios, que apedrejaõ ■ Sol, quando se poem; e ■ adoraõ quando nasce.

*Chega, e
como he re-
cebido.*

40 Chegado o termo da entrada, se meteraõ ■ dous Governadores em huma Falua com remos dourados, ■ ■ toldo de sedas differentes. As torres, e os navios os festejaraõ com horror de repetidas salvas; ■ ■ vivas, ■ expectaçoes da plebe lisonjeavaõ sem artificio ao novo governo. Assim chegaraõ ■ desembarcar em hum grande theatro, onde os aguardava ■ Camera da Cidade ■ ■ corpo de Cabido. E assentados com as ceremonias que ■ vaidade inventou em semelhantes actos, fez hum dos Vereadores sua estudada arenga, em que se promettia o Estado prosperidades grandes com o novo ministro. Depois de ouvir ■ Governador as lisonjas publicas, ouvio tambem as secretas de muitos, que com ellas abriaõ a porta a seus particulares interesses.

*Estado em
que achou o
Governo.*

41 Acabada a solemnidade daquelle acto, e entregue Dom João do Governo da India, se partio Martim Affonso para Cochim ■ tratar de seu apresto para o Reyno. Entrou logo ■ novo Governador em cuidados molestos de aquietar o povo alterado pela mudança de moeda, que os ministros Reaes haviaõ sobido com dano dos vassallos, e escandalo do Gentio vesinho. Direi de seus principios ■ caso.

*Com alte-
ração dos
Bazarucos.*

42 Corre na India huma moeda de baixa ley, que chamaõ Bazarucos, a qual entre Christãos, Mouros, ■ Gentios conservou sempre ■ mesma estimação vulgar. Esta como se lavra de cobre, material que naquelle tempo passava de Portugal por droga, pareceo aos ministros que se lhe de-
via

via sobir o preço em beneficio da fazenda Real. Publicou-se solemnemente ■ alteração da moeda, começando ■ correr com nova estimação, porém como aquelle valor legal não era intrinseco, pois tinha só ■ que recebia da ley, ■ não do peso, o Gentio, que não estava fogeito ■ leys-alheyas, faltava com ■ ordinaria provisão de mantimentos, ■ ■ póvos padeciaõ, como por decreto de seu mesmo governo. Os ministros mayores defendiaõ, como Real, a causa, zelando a utilidade do Rey ■■ perdição do povo; ■ corpo da Cidade clamava, que ■■ Reys de Portugal nunca fize-raõ de suas misérias thelouro, nem costumavaõ beber ■■ lagrimas de seus vassallos ■■ baixellas douradas; que os Gentios, e Mouros se gloria-vaõ, de que não podendo destruir os Portuguezes com o ferro, os acabavaõ com suas mesmas leys, armando contra elles a ambição de seus Governadores. Crescia a fome, e liberdade dos queixos, que fazia mayor a justiça da causa, e a conformidade do aggravo commum. Com estas queixas foraõ ■ Vercadores da Cidade, entre pobres, *Ouve ■ Ci-*mulheres, ■ mininos, huns com razoens, ■ ■■ *dade, ■ Po-*tros com lastimas demandar ao Governador; o *vo.* qual mandando quietar a plebe, ouvio ■ huns como juiz, a outros como pay, ■ porque o mal da fome não se cura com remedios tardos, lhes remetteo ■ conclusaõ para ■ seguinte dia; assi os despedio confiados, crendo alguns, pelo costume da India, que como obra de seu antecessor lhe parecesse injusta. Logo naquella mesma tarde cha- *Resolução* *que toma.* mou ■■ ministros da fazenda Real, ■ ouvidos os fundamentos, que tiveraõ, deo parte da materia

aos homens mais sciétes nas leys , ■ na política daquelle Estado, os quaes, sem discrepancia, resolvêrao ser cruel o decreto, e repugnante ■ piedosa intenção dos nossos Principes. E este parecer se corroborou com ■ fóros, ■ privilegios populares, e outras legalidades, que deixamos por não fazer prolixa nossa Historia. Revogada esta ley pelo Governador, começãrao a correr ■ mantimentos do Sertão, ■ os povos lhe vieraõ onerecer ■ vidas, que lhes havia remido com a nova indulgencia do tributo.

*Primeira
embaixada
do Hidal-
cão.*

43 Concluido este negocio com tanto credito da clemencia Real, vieraõ Embaixadores do Hidalcão, que depois de lhe darem ■ saudaçoens ordinarias, e congratulaçoens do cargo, lhe pediaõ entregasse certo prisioneiro ■ fórma, que com seu antecessor estava concertado. E porque este negocio chegou ■ alterar o Estado com guerra descuberta, não deixaremos em silencio ■ origem, que teve.

*Sobre ■
causa do
Meale.*

44 Morto Bazarb Principe do Balagate, ■ tempo, que foy Governador Nuno da Cunha, ficou Meale ainda no berço de sua infancia, havido por indubitavel succéssor da Coroa. Era ■ Hidalcão neste tempo a segunda pessoa do Reyno em aúthoridade, a primeira ■ valor, porque ■ guerras dos Principes vesinhos tinha dado de suas obras hum testemunho grande. E como estes barbaros mais reynaõ por occasião, que por justiça, ■ Hidalcão vendo que suas forças, ■ a impossibilidade do herdeiro lhe abriãõ larga porta ■ ambição da Coroa, começou a sollicitar ■ co- raçoens dos Grandes, com ■ quaes artificiosa- mente

mente se lastimava da miseria do Reyno com successor minino, com quem haviaõ de servir, ou soffrer como a Reys todos os seus validos; que os Principes, quem traziaõ guerra, não perderiaõ occasião de acabar, vendo no berço quem havia de defender; que buscaßem hum varaõ, onde havia tantos para salvar a patria, que elle seria o primeiro, que lhe obedecesse, porque o governo do Reyno não podia esperar os tardos movimentos, com que a natureza havia de dar a hum minino primeiro forças, depois entendimento; que quando com inutil obediencia, abraçado aos peitos das amas, adorassent Meale, não duvidava, que por conservarem o Rey, perderiaõ o Reyno. Mostrou-se logo affavel com os povos, com os soldados liberal, como quem não queria imperar para si, senão para elles, valendo-se ambiciosamente de todas as virtudes, não como necessarias para viver, senão para reynar. Chegãraõ em fim os principaes a offerecer-lhe a Coroa, crendo, que sempre se acordasse, que fora creatura de seus mesmos vassallos, ao qual sempre seria grata a memoria de tão grande beneficio.

45 Era o Hidalcao liberal, e valeroso, sem duvida fora hum grande Principe, se conservara o Reyno com as mesmas virtudes com que soube adquirilo; porẽm logo que se vio obedecido, cessãraõ aquellas artes fingidas, como não tinhaõ movimento natural, e rebentãraõ a ambição, a soberba como vicios de casa. Não tratou logo de matar o Meale, ou por clemencia fingida, ou por crueldade nova, querendo quicã que o pobre Principe

cipe com obediencia servil lhe authorizasse ■ centro que lhe tyrannizava. Os Satrapas do Reyno vendo se fóra de tempo arrependidos, ■ que ja não podiaõ ser traidores, nem leaes sem perigo, andavaõ consultando meynos de assegurar Meale da tyrannia do Hidalcaõ, como se tivera o desgraçado Principe mais justiça para viver, do que para reynar. Nestes discursos passáraõ alguns annos, nos quaes Meale chegou a idade que podia conhecer seu perigo, ■ considerando que sua presença arguia ■ consciencia culpada do tyranno, ■ qual maquinava com seu sangue apagar a memoria da intrusão da Coroa, aconselhado dos meismos que lhe tiráraõ ■ Reyno, se passou ■ Cambaya, onde foy bem recebido, mostrando o Rey, e o povo que se compadeçiaõ de miserias Reaes; porém como aquelles favores tinhaõ mais de ambição que de piedade, chegáraõ ■ durar pouco, porque só os primeiros dias lhe fizeraõ tratamento como a Rey, os outros como ■ perseguido. Com tudo Meale se deixou ficar em Cambaya, havendo por mais toleraveis ■ desfavores do hospede, que as injurias do tyranno.

46 Entre tanto o maior cuidado do Hidalcaõ ■ destruir aquelles que lhe deraõ a Coroa, que ainda que como complices da traição, lhe puderaõ ser gratos, os aborrecia, ou porque lhe acordavaõ a obrigação, ou o delicto. E como já vivia temeroso de suas obras, entendeu que mais ■ podia assegurar a crueldade que a clemencia; assi o faziaõ duas vezes cruel, o vicio, e ■ necessidade. Aos maiores foy usurpando as fazendas para os igualar com a plebe, com pretexto de castigar delitos impostos

postos, ou esquecidos, cubrindo ■ tyrannia com
sombras de justiça, crendo que com abaixar ■ po-
derosos se faria accito aos pequenos, aos quaes sem-
pre he grata ■ ruína dos Grandes por odio natural
de sua fortuna. Porém elles vendo que não bastava
o sofrimento, consultàraõ meynos de restituir Meà-
le, huns por vingança, ■ outros por remedio. Fi-
zeraõ suas juntas secretas, onde tomàraõ differen-
tes acordos, os quaes lhes fazia variar cada dia ■
temor, e ■ difficuldade do negocio, mais arduo na
execução que no conselho. Acabàraõ enfim de apurar
■ obediencia forçada com os aggravos nòvos; ten-
tãraõ pois com ■ morte do Hidalcaõ remir a culpa,
■ cobrir a infamia da traição passada; não send ■
deste vòto os atrevidos, senão os desolperados,
porque já o Hidalcaõ neste tempo vivia com força-
de Rey, e cautelas de tyranno. Era assistido do po-
vo, que aborrecendo o Rey, amava as crueldades
executadas contra ■ nobreza, infesta pola desigual-
dade de huma, e outra fortuna. Os conjurados teõ
merosos de si meismos, ■ que com a dilação se fazia-
os odios mais remissos, ■ ■ paciencia servil, se fa-
zia costume, vendo que para tão grande empreza não
tinhaõ forças, proprias buscàraõ as alheas. Acordàraõ
communicar o negocio com Martim Affonso de
Souza, Governador que entãõ era do Estado da
India, pedindolhe mandasse vir Meàle de Camba-
ya, e o tivesse em Goa. E quando engeitasse ■ glo-
ria de o restituir, teria sempre ao Hidalcaõ temeroso,
■ propicio para todas as occurrencias do Estado.

47 Persuadido Martim Affonso, que este fogo
de discordia, que começava a arder entre o Hidalcaõ,
e os seus, convinha mais lopralo que extingui-lo;

E

■ que

■ que seria útil ■ Estado enfraquecer hum vesinho soldado, ■ poderoso; cobrindo estas conveniências com causas mais honestas, quacs eraõ, pôr à sombra de nossas ■ hum Principe desampado, ■ perseguido, facção para ■ de fóra gloriola. ■ para os nossos utili, resolveo mandar bulcar Meale a Cambaya, significandolhe ■ disposição de seus vassallos àcerca da restituição do Reyno, cujos animos se esforçariaõ vendo que lhe amparava ■ estado, a causa, ■ a pessoa. Recebida de Mouro tão inopinada mensagem, havendo por desacostumada a piedade de homens, por religião não tão differentes, mas contrarios, se encommendou à fé, ■ clemencia do Estado; e embarcando-se com sua pobre familia, aportou a Goa, onde foi recebido do Governador com grandes honras, mais merecidas de seu sangue, que de sua fortuna; se bem foraõ de alguns interpretadas, antes em injuria do vesinho, em favor do Hospede. Derramada por toda aquella costa a vinda de Meale, que já começava a reynar nos animos de muitos, tomou o seu partido maiores forças entre ■ conjurados, vendo que já ■ sombra de nossas armas amparava sua causa, e que começava a soar bem seu nome ■ ouvidos do povo.

48 Considerando ■ Hidalcaõ, que ■ Estado não chamara Meale tão para segurar a pessoa, mas defender ■ causa, cujas armas como victoriosas, ■ vesinhas lhe eraõ mais formidaveis, mandou a Martin Affonso de Sousa huma embaixada, significandolhe como tinha sabido, que estava em seu poder Meale, ■ quem parecia, que a fortuna andava guardando para perturbar ■ paz do Oriente.

Oriente ; que sabia como fora chamado de alguns sediciosos , que cansados de obedecer , querião crear Senhores novos , ■ quem poder mandar ; que elle Hidalcão não referia ■ razoes , que tivera para tomar a coroa , porque se ■ Principes houvessem de dar razão de seu direito , não haveria differença entre os Reys , e plebêos ; que ■ justiça dos Principes havia de ser julgada de Deos , ■ não dos homens ; que o mundo tinha já recebido , que ■ materia de reynar não havia differença de causa ■ causa , mas de pessoa a pessoa ; que não negava que Mealc apoucado , e cobarde , era de geração Real , ■■ que ■ erro que fizera ■ natureza , emmendara a fortuna , dandolhe o Reyno a elle oulado , e valeroso ; quanto mais que a natureza só ■■ Leoens dera com ■ nascimento a coroa , ■■ homens deixara que a ganhassem ; que muitas cousas parecião ao mundo por menos costumadas injustas ; que tomar para si o Reyno quem ■■ digno delle , os primeiros o recebiaõ como escandalo , ■■ outros como ley ; que Mealc fora o homem mais vil , que nascera ■■ seu Reyno , ■ elle o mais felice ; ■ que naturalmente ■■ homens aborrecião ■■ monstros da natureza , ■ amavaõ ■■ da fortuna ; que ■■ perguntassemos , a nós com que acçoens senhoreavamos ■ Asia ? Que parentesco tinhamos com o Sabayo para nos deixar Goa ? Em que gráo estavamos com Soltaõ Badur para lhe herdarmos Dio ? se ■ Achem nos deixara Malaca em testamento ? E tantas praças quantas por todo o Oriente nos pagavaõ tributo ? Que nos rogava não infamassemos nelle os mesmos titulos com que ■■ faziamos do mundo absolutos Senhores ; que não

tirássemos ■ Deos o cuidado de governar o mundo; pois nascendo no ultimo Occidente, queriamos emendar as desordens da Asia; que nos fazia a saber, que ■ seus Reynos havia minas de metaes diferentes; que de humas tirava para ■ amigos ouro, ■ de outras para ■ inimigos ferro; que ultimamente pedia ■ elle Governador lhe entregasse Meale, porque ■ clemencia que com elle usasse, se visse que era digno de reynar quem assi tratava seu maior inimigo; que seus Embaixadores levavaõ ordem para assentar todas as conveniencias do Estado.

49 Recebida por Martim Affonso a carta, e ouvidos os Embaixadores do Hidalcaõ, entendeu delles, que pela pessoa de Meale offerenciaõ cento ■ cinquenta mil pardaos, ■ as terras firmes de Bardez, e Salfete, importantes ■ Estado pelos rendimentos, ■ vizinhança de Goa. Pareceo a Martim Affonso que o negocio era de muito peso, e que de ambas ■ faces mostrava utilidades grandes, porque restituir a hum Principe, ■ abaixar a hum tyranno, era empreza digna de armas Christãas, da qual receberia não vulgar reputação o Estado, mostrando ■ mundo, que não passáraõ nossas bandeiras á Asia a usurpar Reynos, nem adquirir riquezas, pois iõ tratavaõ de que ■ Pagãos, ■ Mouros do Oriente guardassem ■ Deos fidelidade, e justiça entre si. Por outra parte discorria, que Meale quando chegasse a reyno depois de larga guerra, não podia dar ao Estado mais, que o que o Hidalcaõ sem ella offerencia; ■ que como estes Mouros por odio, e por Religião eraõ sempre inimigos, rischia o mundo, se

se visse que com nosso sangue destruíamos hum infiel, e criavamos outro, quando da ruína de ambos pendia nossa prosperidade; n.òrmente, que não passáráo à India nossas armas a defender ■ inimigos da Fé, senão ■ destruilos. Que se Meàle não achára amparo em ElRey de Cambaya, de quem era parente, porque o havia de esperar dos Portuguezes, de quem era inimigo? Que quando se visse restituído, e poderoso ■ primeira lança que se arrojasse contra o Estado havia de ser sua, porque lhe seria sospeitosa ■ v.ª finhança de homens tão valerosos, que o fizeram Rey; ■ que para nos aborrecer, bastava a memoria de tão grande beneficio.

50 Resoluto em fim Martim Affonso ■ entregar Meàle por fundamentos menos considerados, despedio os Embaixadores, ■ com elles ■ Galvão Viegas hum cavalleiro honrado, com largos poderes para assentar o contrato ■ fôrma referida, mandando logo tomar posse das terras firmes, em virtude da offerta do Hidalcão, com beneplacito de seus Embaixadores.

51 Neste estado achou Dom João de Castro as coufas de Meàle, pedido agora pelo Hidalcão com nova embaixada, em fé do capitulado com seu antecessor; porém Dom João com diferente acordo respondeo ao Hidalcão, que os *Reposta do* Portuguezes eraõ fieis aos inimigos, quanto mais *Governador* ■ hospedes; que as propòstas de seu antecessor *dor* mais foraõ para conhecer a causa que para resolvera; que as terras firmes pertenciaõ ao Estado por doações mais antigas, ■ que dos rendimentos era justo alimentar Meàle por gratidão do ■

dos Reys seus antecessores, que as vinculârao ao Estado; que o deixasse lograr quieto esta pequena memoria de seu direito, que amparar o Estado sua pessoa atégora não era protecção, senão piedade; que não alterasse a paz com impacientes ~~almas~~, porque então viria a fazer ~~o~~ o que temia, irritando o Estado, para que se fizesse autor de huma, ou outra vingança. E porque seus Embaixadores apontavao, que com a negação de Meale seria forçoso o rompimento, lhe lembrava, que as mais das fortalezas, que fizemos na India, tinhao alicerces sobre cindos Reynos abraçados; que os Portuguezes tinhao a condição do mar, que com as tormentas se levanta, e crece; que elle assim como não buscava a guerra, tão pouco a sabia engeitar.

52 Com esta resposta despedio o Governador os Embaixadores, que na constancia com que lhes respondeo entenderaõ, que não dobraria a entregar Meale, temor, ou beneficio. *Apercebi-mentos que faz* Apercebeuse logo para fazer, e esperar a guerra, que como era de Principe vesinho, primeiro poderia sentir o golpe que ver a Espada. Mandou logo alistar a gente de cavallo, que seriaõ duzentos homens, e serviaõ debaixo de huma só bandeira, milicia mais valerosa que ordenada. Encarregou a guarda da Cidade à gente da ordenança, e os soldados pagos teve promptos para qualquer invazão subita do inimigo. Tratou logo de aprestar a armada; que achou desbaratada pelas viagens, e guerras de seu antecessor, e pobreza do Estado; e como as forças navaes saõ

■ mais importantes, aqui se empregou todo. Reparou as embarcações que estavam no rio, fez tres galés, ■ seis navios redondos com estranha brevidade, não faltando ■ officiaes ■ a paga, e ■ agrado, com que a obra medrava, vencendo ■ diligencia ■ tempo. Destas galés, ■ navios nomeou Capitaens, que assistião ás obras, como a cousa propria; expediente que foy assaz importante para a brevidade do apresto, bondade ■ abundancia das munições, ■ mantimentos, ■ que a armada se poz de verga dalto em tempo opportuno, ■ breve, e com ella poz freyo ■ Principes vcsinhos para se não colligarem com ■ Hidalcão, que já ■ solicitava a sacudir o jugo como em beneficio da commum liberdade.

53 Entendida pelo Hidalcão a resolução do Governador recorreo ■ justiça das armas, querendo lançar fóra de casa a guerra, antes que com a presença de Meale tumultuassem ■ vassallos, a quem fariaõ fies os póstos, ■ os premios da milicia, defendendo como commum a causa. Vedou logo com rigorosas leys ■ vassallos trazer a Goa ■ ordinaria provisão de mantimentos, que como os recebia do Sertão, não estava bastecida para aturar tão repentina guerra. Tras isto mandou ■ Aceddeão hum valeroso Turco com dez mil homens a senhorear as terras firmes, que estavam à nossa obediencia.

54 Mas Dom João de Castro entendendo que a guerra recebe opinião dos primeiros successos, sahio com dous mil infantes, ■ cavalleria da terra ■ fazer rosto ao inimigo, ■ sendo de muitos fidalgos persuadido que não empenhasse

Primeiros movimentos do Hidalcão.

Acede o Governador pessoalmente.

fe

se sua pessoa com partido tão desigual, que não era authoridade do Governador da India, cingir ■ espada contra hum Capitão do Hidalcão, nem dar a entender ao mundo que fazia tanto caso desta guerra; mórmente quando tinha fidalgos benemeritos da honra, e do perigo desta empreza, não foy possível dissuadilo da primeira resolução, dizendo com mayor confiança do que permittiaō ■ forças de seu campo, que sabia ■ castigar, e não ■ vencer. E marchando duas legoas de Goa, avistou ao inimigo, que alojado ■ pé de huma ferra, tendo na frente hum rio, que lhe fervia de cava, e de trincheira, com as ventagens do numero, ■ do sitio, esperou aos nossos, que ainda que cansados da marcha, cobrando novo alento, ou com a presença do Governador, ou com a vista do inimigo, começaram ■ passar o rio com mais resolução que disciplina. Não foy possível aos Cabos detelos, ou ordenalos, porque os mais temerarios se lançaraō ao rio, ■ nos fizudos a desconfiança fez necessidade, nos mais, para seguir aos companheiros, o exemplo pareceo disciplina.

Peleija, e desbarata o inimigo. § O Governador com singular acordo, mandou aos que ficavaō que passassem o rio, entendendo que o que no principio fora erro, agora era remedio; e porque este dia não teve lugar de dispor como Capitão, peleijou como soldado. Envestiraō logo os nossos aos Mouros tão impetuosamente, que assombrados daquella primeira invazaō, foraō largando o campo, turbadas ■ fileiras, ■ por si mesmas rotas foraō desordenadas, e vencidas; vendo ■ nossos (o que raras vezes succede)

fuccede) hum exercito sem perda , é mais desbaratado. Receberão ■ Mouros grande dano na fugida , nenhum ■ resistencia. Forão ■ nossos duas legoas executando as licenças , ■ crueldades da vitoria , recolhendo ■ armas , que os miserveis largavaõ como carga , ■ não como defenfa. Durou enfim o alcance ■ que durou o dia , sendo ■ inimigos o horror da noite remedio contra ■ da victoria. Recolhidos ■ soldados , cheyos de sangue , de gloria , ■ de despojos , se deixou ■ Governador ficar ■ campo ao seguinte dia , sem arguir ■ soldados ■ desordem , que lhe deu ■ victoria; seguindo ■ condição dos juizos humanos , que nunca deu louvor às desgraças , nem às victorias culpa.

§6 Entrado o Governador ■ Goa , foy recebido com singular applauso daquelle povo tão ■ *Recolhe-se a Goa.* costumado a ver , e desprezar victorias. E porque nesta , ■ nas mais batalhas que Dom João Venceo , appellidou o nome de São Thomé Apostolo da India , cremos que forão havidas com o auspicio de hum Patraõ tão grande ; ■ qual , por gratificar a piedade , ■ honrar ■ memoria de Dom João de Castro , se servia de descobrir nos dias de seu governo aquella maravilhosa Cruz , achada em Meliapôr ■ costa de Choromandel , quasi cubertos de huma mesma terra ■ milagrosa Cruz , ■ ■ Corpo Sancto. E como Dom João de Castro venerava este final de nossa Redempção com devido , mas peregrino obsequio , pois sempre que topava Cruz , se apeava do palanquim , ou cavallo , pondo-se de joelhos ; não parecerá casual a maravilha deste descobrimento , pois as misericor-

Veneração que fazia a Cruz

misericordias do Ceo não vem por accidente. Daremos a relação deste mysterio, por involver hum milagre successivo, testemunho da fê Oriental, cultivada naquellas Regioens com ■ sangue, ■ doutrina de nossos Portuguezes.

*Invenção
da Cruz
de S. Thomé.*

57 Depois da maravilhosa invenção do Corpo deste sagrado Apostolo, ■ Cidade, ou ruínas de Meliapôr, que então se chamava Calamina, os Reys Dom Manoel, e Dom João ardiam ■ piedoso zelo de soprar aquellas cinzas mortas, que da primeira Christandade do Apostolo alli ficárao, ainda que corruptas já com a doutrina de Sacerdotes Armenios, ■ Caldeos, que separados da Igreja Catholica Romana, davao ■ beber àquelles innocentes Christãos perniciosos dogmas: os quaes purgados em parte com o trabalho de nossos Missionarios, tratárao de levantar huma Igreja no lugar aonde fora achado o precioso Corpo do Apostolo; e abrindo os alicesses para a fabrica, achárao huma Cruz lavrada em hum pedestal de marmore de quatro palmos de alto, e tres de largo, borrifada de gotas de sangue ■ parecer fresco. Tinha essa Cruz a forma das que usao os Cavalleiros de Aviz; nos baixos da pedra estavao algumas Cruzes mais pequenas com a mesma figura, que a maior, salpicadas com ■ mesmas nodoas de sangue. Estava a Cruz grande assombrada pelo alto de huma pomba pendente; tinha em torno humas letras antigas, cujo significado ignoravao os naturaes da terra, por não estarem em lingua conhecida, nem se formarem com clausulas atadas. Foraõ buscados velhos, ■ antiquarios scientes em differentes linguas, sem que

que nenhum pudesse rastrear ■ letra , nem o sentido da escriptura , até que dahi ■ alguns tempos foy trazido hum Bramane de Narzinga , que nos deu ■ exposição della ■■ sentido corrente , ■ dizia assi.

Depois que appareceo a ley dos Christãos no Mundo , dalli ■ trinta annos , a vinte ■ hum de Dezembro , morreo ■ Apostolo São Thomè em Meliapôr ■ onde houve conhecimento de Deos , e mudança de ley , e destruição do Demonio. Este Deos ensinou a doze Apostolos , e hum delles veo ■ Meliapôr com hum bordão ■■ mão , onde fez hum Templo , e ElRey do Malabar , Choromandel , ■ Pandi , e outros de diversas naçoens , e scitas , se sujeitaraõ voluntariamente à ley de São Thomè. Veyo tempo em que o ■ Sancto foy morto por mãos de hum Bramane , ■ , com seu sangue fez esta Cruz.

E como esta traducção era de interprete assalariado , não lhe deraõ os nossos inteira fé em negocio taõ grave ; assi chamaraõ outro Gentio douto no conhecimento de todas as linguas Orientaes , ■ qual sem ter noticia da exposição primeira , declarou as letras na mesma forma , sem discrepancia alguma. A ElRey Dom Sebastiaõ foy trazida a copia da estampa ■ anno de mil quinhentos sessenta ■ dous , como aqui parece.



Continuaraõ ■■ nossos ■■ fabrica da Igreja com
maiores despezas pela veneraçã do lugar, que
■■ deposito dos penhores lagrados, sendo grande
a piedade, e concurrencia do povo Malabar à
vista de tão illustre testemunho da fê, que con-
servavaõ. Acabou-se a fabrica do Templo bre-
vemente, fervindo no altar maior de retabolo a
Cruz,

Cruz, gravada ■ marmore que temos referido. Começaraõ ■ celebrarfe ■ Officios Divinos com a decencia, que permittia hum lugar taõ remoto; quando ■ dezoito de Dezembro, dia da Expectação da Senhora, estando-se officiando ■ Missa à vi-
sta de muito povo, começando o Sacerdote ■ Eu-
angelho, começou tambem a Cruz sagrada ■ co-
brirse de hum suor copioso, destillando sobre ■
altar não meudas gottas; e porque ficassem maio-
res sinaes daquella maravilha, parou no sacrifi-
cio o Sacerdote, limpando ■ os corporaes a hu-
midade que ■ Cruz evaporava, os quaes subita-
mente se banhãraõ em sangue ■ vista do numero-
so povo que assistia. Foi logo a sagrada Cruz mu-
dando ■ cor alabastrina em pallida, e desta passou
a hum negro escuro, que tornou ■ mudar em azul,
com hum resplendor maravilhoso, que durou em
quanto o sacrificio da Missa, e depois de acaba-
da, tomou a cor natural ■ que foi descuberta.

*Milagre
notavel da
mesma
Cruz.*

§ 8 Succesivamente se vio ■ mesmo milagre
muitos annos naquelle mesmo dia, e ainda agora
sabemos por Autores, e relaçoens fies succede algu-
mas vezes; com que aquella Christandade recebe
■ preceitos de nossa ley com Fé já mais robusta.
Este milagre se calificou ante o Bispo de Cochim
■ contraditorio juizo, cujos autos vieraõ a este
Reyno em tempo do Cardeal Rey D. Henrique,
que ■ authoridade do Papa Gregorio XIII. au-
thenticou ■ milagre, já divulgado ■ nossas Chro-
nicas, e Autores estranhos. As novas deste mila-
gre recebeu Dom João de Castro com não vulgares
nostras de piedade, amparando aquella Christan-
ade de S. Thomè, opprimida da servidaõ dos
Princi-

*Affetto com
que o Go-
vernador
recebe esta
nova.*

Principes Gentios, que lhe haviaõ revogado certos donativos, ■ graças, que por intervenção do Sancto Apostolo lhe foraõ concedidas dos Reys antecessores, das quaes hoje pelo odio dos infieis, ■ corrupção dos tempos, só guardavaõ as memorias.

*Manda
contra ■
Hidalcaõ
seu filho D.
Alvaro.*

59 Não cessava ■ Hidalcaõ de inquietar os nossos com ordinarias correrias ■■ terras firmes, que bastavaõ a nos ter. em continua vigia, ■ impedir a cultura aos lavradores; ■ cuja causa se resolveo o Governador ■ darlhe o golpe onde mais o sentisse. Mandou logo embarcar ■ seu filho Dom Alvaro na armada que aprestàra, com ordem que nos pòrtos do Hidalcaõ fizesse todo o dano possível, offerecendo aos soldados escala franca, para com as esperanças do faco, os fazer dissimular alguns soldos vencidos, que lhes devia o Estado, e desviar ■ outros dos tratos mercantis, corrupção que hia lavrando em muitos, e já com feo exemplo dos maiores.

*Sae com
seis na-
vios.*

60 Sahio Dom Alvaro com novecentos Portuguezes, e quatrocentos Indios em seis navios, e alguns baxeis de remo, e a poucos dias de viagem houve vista de quatro nãos do Hidalcaõ, que com rotas, e outras drógas da terra navegavaõ a Cambaya. Mandou logo D. Alvaro aos Capitaens, que lhe possessem ■ prea; e aos navios de remo, que se fossem cozendo com a terra, por se acalo o inimigo tentasse de enca'har desesperado. Eraõ as nãos de mercadores, com pouca guarnição de soldados, ■ vendo, que nem podiaõ fogir, nem defenderse, mandaraõ à Capitaina dous Mouros mercadores, que entre razoes, ■ lagrimas se mostravaõ innocen-

*Presa que
faz.*

tes

tes ■■■ discordias do Hidalcão com o Estado , offerecendo para os gastos da armada hum justo donativo ; porèm , nem ■ cobiça dos soldados , nem a razão da guerra sofria que os ouvissem ; assi foram ■ náos entradas , e mandadas ■ Goa , para que conforme o bando do Governador se repartisse ■ presa. Chegadas estas náos ao porto de Goa , foi estranho o alvoroço do povo , vendo que huma ■ outra se alcançavaõ as victorias , louvando na primeira o esforço do pay , ■ segunda ■ fortuna do filho.

61 Vendo Dom Alvaro que as occasiões , ■ o tempo pelejavão por elle , e que tinha os soldados contentes , por terem já em seguro o fruto da jornada , mandou ao seu Piloto , que governasse ao porto de Cambre , onde o Hidalcão tinha dobrado as guarnições depois do rompimento. Havia duas fortalezas na entrada da barra com artilharia grossa , e pela estreiteza do canal não podiaõ nossas náos passar , nem surgir sem perigo evidente. Consultou o General Dom Alvaro com os Capitaens da armada ■ difficuldades , que se representavaõ , e a todos parecêraõ dignas de reparar , dizendo , que empresas voluntarias não se acomettiaõ com risco tão sabido ; que mayor guerra faziaõ ao Hidalcão tenhoreandolhe seus mares , fazendo presas , e tolhendo o commercio à vista de seus olhos ■ que nas facções da terra era maior o risco que ■ proveito ; que o canal viaõ estava tão cingido daquellas fortalezas , que ■ nossos navios haviaõ de passar quasi roçando sua artilharia ; que ■ primeiro navio que desparelhasssem impediria a passagem dos outros. E ■ D. Alvaro instasse , que

*Propoem
Dom Al-
varo a en-
trada de
Cambre.*

*Resolve
enveia.*

que era preciso executar ■■ ordens que levava ; que eraõ saltar em terra, ■ abraçar ■ portos do inimigo . Ihe replicaraõ no Conselho , propondo que se ficasse elle General no ■■ mandando , ■ que os Capitaens dos mais navios cometteriaõ ■ barra, porque se ao General daquella armada , filho herdeiro do Governador da India , lhe acontecesse algum desastre, que maior dano poderia receber o Estado, que ■■ empenho em que ficava ■■ necessidade de taõ justa vingança? Do que Dom Alvaro indignado, atalhou a pratica dizendo , que elle não queria victorias, onde ■ seu perigo não fosse igual ao do menor soldado ; porque só para ■ obediencia era seu General , ■ para o risco era seu companheiro , que ■ instrucção que trazia do Governador , ■■ arriscar sua pessoa facilmente, a seus soldados com grande necessidade ; que os riscos que lhe representavaõ , ainda lhe paréciaõ mais pequenos que os que vinha a bulcar, porque ■ honra não se ganhava sem perigo ; que de Portugal viera ■ bulcar este dia, que esperava fosse muito fermoso para todos , ■ que nesta resolução não queria conselho, só ■■ forma de acometer lhas pedia consultassem o modo. A temeridade do General desculparaõ entaõ o brio , ■ a mocidade, e depois ■ successo. Attentou se que a gente passasse aos bateis, e que no quarto da Alva pojassem em terra, ainda mal declarada ■ luz do dia, para que as peças do inimigo não podessem fazer certa ■ pontaria. Aquella noite se apercebéraõ todos, vendo já no semblante do General huns longes da victoria. Deixada guarnição necessaria ■■ navios, saltou em terra com oitocentos homens escolhidos,

dos, e com tão declarada fortuna, que dando nos bateis muitas ballas, não houve alguma que mactasse, ou ferisse soldado, sendo este accidente para a victoria disposição, ou principio.

62 Era ■ Cidade de cinco mil vefinhos, deramada por huma estendida planicie. As casas entre si defunidas, ■ independentes humas de outras, *Grandeza, e forças da praça.* sem mais policia, uniaõ, ou medida que a que ensinava ■ gosto, ■ poder dos moradores. Comtudo ■ pateos, e eirados de cada casa representavaõ juntos huma magestade barbara, como de homens que edificavaõ com maior ambição, que architectura. Tinhaõ ■ Norte huma pequena ferra, donde desciaõ alguns rios sem nome, que assi serviaõ ■ deleite, como à fertilidade da campanha. Fora a Cidade antigamente habitada de Bramenes, e ago- ■ de Mouros mercadores; lugar entre ■ Orientaes sempre famoso, entaõ pela superstição, hoje pela riqueza. Não tinha o lugar defenfa de muros, ou trincheiras, assegurados seus habitantes, ■ grandeza de seu senhor, ou ■ paz dos Principes vefinhos; porèm ao presente, como a guerra que faziamos ao Hidalcaõ, começou por victorias, viraõ ■ Mouros seu perigo ■ seus mesmos exemplos; assi trouxeraõ para defender a Cidade dous mil soldados pagos, que com a milicia da terra fizeraõ numero bastante ■ defendelos, conforme ao seu discurso.

63 Estes vieraõ debaixo de suas bandeiras impedir a desembarcação aos nossos, com tanta ousadia, que nos embaraçaraõ espaço grande, peleiando ■ pè firme, e tão travados, que não podiaõ ■ nossos soldados ajudar-se da espingardaria, da qual

Resistencia do inimigo.

fô recebêraõ ■ primeira carga com notavel constancia. Aqui deu Dom Alvaro mostras de seu valor, e acordo, inflammando os seus ■ pelcija, já com palavras, já com ■ exemplo de suas obras. Viraõ-se enfim apertados os nossos, que mais pelcijavaõ pola vida, do que pola victoria; por espaço de huma hora esteve duvidoso o successo, até que hum grande troço dos moradores, cortados do temor, e do ferro, desemparãraõ ■ campo mostrando no primeiro conflicto valor mais que de homens; no segundo ■ que de mulheres; cousa muito ordinaria ■ bisonhos, succeder o maior temor á maior ousadia. Com o exemplo destes se foraõ ■ outros retirando tímidos, e desordenados. Nesta volta recebêraõ os Mouros grande dano, porque quasi sem resistencia pereciaõ, sendo os que cahiaõ tantos, que estorvavaõ a fogida ■ entre.

Entrãõ
os nossos

64 Entrãraõ ■ nossos de envolta ■ os Mouros ■ Cidade, onde os miseraveis se detinhaõ presos do ■, e lagrimas das mulheres, ■ filhos, que acompanhavaõ já com piedade inutil, mais como testemunhas de seu sangue, que defensores delle; taes houve, que abraçadas com ■ maridos se deixavaẽ trespassar de nossas lanças, inventando ■ miseraveis nova dor, como remedio novo; dos nossos soldados, huns as roubavaõ, outros as defendiaõ; quacs seguiaõ os affectos do tempo, quacs os da natureza. Algumas destas mulheres com desesperado amor se metiaõ por entre as esquadras armadas a buscar os seus mortos, mostrando animo para perder as vidas; lastimofas ■ feridas alheyas, sem lastima nas suas. Ganhamos enfim ■ Cidade com medano que perigo, porque na resoluçãõ da entrada

trada por baixo da artelharia do inimigo, mais ar- E ganhão
 rastou. a Dom Alvaro ■ valor, que a disciplina. Cidade
 Dos Mouros pereceo ■ mayor parte, huns ■ con-
 flicto, ■ mais na retirada. Mayor animo mostrã-
 raõ as mulheres que ■ maridos; elles perderaõ as
 vidas, que não fouberaõ defender; ellas poden-
 doas salvar, ■ desprezãraõ. Dos nossos morreraõ
 vinte dous; foraõ mais os feridos, em que entrou
 ■ General de huma letta. Foi necessario acabar hum
 estrago, para começar outro. Cessou a ira, come-
 çou a cobiça. Mandou D. Alvaro dar a Cidade ■ Destru-
ção, e sacco
 faco; onde o despojo igualou ■ victoria, porque della,
 não tinhaõ os Mouros posto em salvo cousa algu-
 ma; ou fosse confiança, ou descuido; e até a gen-
 te inutil para ■ defenfa guardaraõ ■ Cidade, ou
 por desprezo de nossas armas, ou por não mostrar
 sombra de temor ■ defensores; foraõ enfm as
 fazendas tantas, que se não puderaõ recolher ■
 navios; os soldados recolhiaõ ■ mais preciosas, ■
 deixavaõ as outras, como para alimento do fogo,
 com que se havia de abraçar a Cidade, ■ qual Dom
 Alvaro deixou entregue a hum lastimoso incendio,
 que fez não pequeno horror ■ povoaçoens vesin-
 has, por ser este lugar de toda ■ costa o mais rico,
 ■ defensavel, que quasi servia aos outros de muro,
 agora de miseravel exemplo.

65 Levou-se o General com toda ■ armada, e
 se fez na volta de Goa a descarregar os navios, Volta Dom
Alvaro a
Goa.
 que com ■ muito peso hiaõ empachados, determi-
 nando deixar ahi ■ feridos, ■ alguns enfermos,
 para tornar a continuar ■ guerra, ■ qual desejavaõ
 os soldados, contentes da liberalidade, ■ fortuna do
 novo General. Chegou primeiro a nova, que ■

navios, ■ Goa, e ■ Governador fez grande estimação da vitoria, ■ plêbe dos despojos. Logo se teve aviso, que ■ que escapàraõ da rota foraõ representar ■■ Hidalcaõ ■ miseravel destroço da Cidade, e entre a primeira dor dos filhos, ■ parentes, contavaõ o segundo estrago das fazendas, ■ edificios, onde ■ voracidade do fogo deixàra taõ confusas humas, ■ outras cinzas, que não podiaõ chorar os seus mortos com lagrimas distintas. Diziaõ ao Hidalcaõ, que se com tal gente determinava continuar a guerra, iriaõ habitar ■■ desertos, onde não veriaõ estas fêras do Occidente, nascidas para ■■ escandalo, e ruina da Asia. Assi contavaõ, e maldiziaõ nossas victorias huma ■ huma, mais engrandecidas em seu temor, que em nossas elcricuras.

*Comette o
Hidalcaõ
paz.*

66 O Hidalcaõ vendo a fortuna de nossas armas, ■■ queixas, ■■ estrago dos vefinhos, ■ muitas vontades alheyas de seu serviço, que a guerra, ■■ successos faziaõ mais atrevidas; inclinou o animo ■■ à paz para remediar as discordias, e sedicoens de casa, que podiaõ tomar maiores forças com as liberdades de gente armada, e pondo em conselho ■ estado das cousas presentes, ■■ todos parececo que deviaõ cobrir seus aggravos com huma paz fingida, elperando que o tempo lhes mostrasse monção mais opportuna, para com as forças de alguns Reys offendidos cometter o Estado juntamente; e como estes Mouros mais guerreãõ pola conveniencia que pola injuria, mandou ■ Hidalcaõ Embaixadores ao Governador, disculpando a guerra que fizera com frivolas escusas, e acordando os beneficios, que de sua amizade recebêra ■ Estado.

67 O Governador ouvio ■ Embaixadores em
 falla publica com grande authoridade, respondendo-
 lhe que assi como não buscava a guerra, tão pou-
 ■ a sabia engeitar; que a prosperidade do Estado
 consistia em ter mais inimigos, porque com despo-
 jos, e victorias se engrandecéra sempre; mas que
 tambem nunca negara a paz ■ quem com obras, e
 amizade fiel a merecia; que elle queria privar a
 seus soldados das commodidades que desta guerra
 se promettiaõ; mas que foubesse, que o primeiro
 dia que tinha de Rey, era este em que capitula-
 ■ paz com os Portuguezes. Assi despedio ■ Em-
 baixadores assombrados de animo tão altivo; e
 com este desprezo tratou sempre as guerras do
 Oriente, ■ quacs mostrou valor igual à sua for-
 tuna.

*O Governador a
 aceita*

68 Voltou logo o animo ao expediente dos ne-
 gocios particulares; premiando aos soldados que
 haviaõ servido, aos quacs deixava tão satisfeitos
 do despacho, como do agrado. Deu Capitaens ás
 fortalezas vagas, em quanto os providos por El-
 Rey não entravaõ; fazendo do merecimento dos
 homens estimacão tão justa, que nem á convenien-
 cia, nem ■ Estado ficava devedor: virtude ■
 Principes difficultosa, e nos ministros rara.

*Trata das
 cousas do
 Estado.*

69 Não ardia ■ zelo da honra de Deos,
 que ■ do Estado, porque entre ■ confusão da guer-
 ra, ■ estrondo das armas, acodia ■ negocios da
 Religiaõ, ■ se só para ■ zelar, fora enviado;
 e porque ElRey Dom João assi conhecia seu valor,
 ■ sua piedade, lhe encommendava a dilatacão
 da fé, e culto divino; ■ de huma carta que sobre
 esta materia lhe escreveo, se colhe bem, quão in-
 flammados

*E das da
 Religiaõ.*

flammados andavaõ ■■ causa de Deos o Rey, ■ o Ministro ; de que daremos ■ copia , para que veja ■ Mundo , que nossas armas no Oriente trouxeraõ mais filhos à Igreja , que vassallos ao Estado.

Carta de ElRey a D. João de Castro.

; **G**overnador amigo. O muito que importa , **G**olharemos ■ Principes Christãos pelas cou-
sas da fé , e ■■ conservação della empregar suas
forças, me obriga avizarvos do grande sentimen-
to que tenho, de que não ló por muitas partes
da India a Nòs sujeitas, mas ainda dentro da nos-
sa Cidade de Goa , sejaõ os Idolos venerados,
lugares em que mais fora razão que ■ fé florecé-
ra ; e porque tambem somos informados da mui-
ta liberdade com que celebraõ festas gentilicas,
vos mandamos, que descobrindo todos ■ Idolos
por ministros diligentes , ■■ extinguais, ■ façais
em pedaços em qualquer lugar onde forem acha-
dos, publicando rigorosas penas contra quaf-
quer pessoas que se atreverem ■ lavrar , fundir ,
esculpir , debuxar , pintar, ou tirar ■ luz qual-
quer figura de Idolo em metal , bronze, madeira,
barro , ou outra qualquer materia , ou trazelos
de outras partes ; e contra os que celebrarem
■ publica, ou privadamente alguns jogos, que te-
nhão qualquer cheiro gentílico , ou ajudarem , ■
occultarem ■■ Bramenes , pestilenciaes inimigos
do nome Christão. A qualquer de todos os so-
breditos, que encorrer ■■ semelhantes crimes,
he nossa vontade , que os castigueis com ■ seve-
ridade

ridade que dispuzer a prematica , ou bando, sem
admittir appellação, nem dispensar em cousa algu-
ma ; porque ■ Gentes se sujeitem ■■ jugo E-
vangelico , não ló convencidos ■■■■ pureza da
fé , e alentados com ■ esperança da vida eterna ,
senaõ tambem ajudados ■■■■ alguns favores tem-
poraes , que amansaõ muito os coraçoes dos sub-
ditos ; procurareis com muitas vètas que ■ nò-
vos Christãos daqui adiante configaõ , e gozem
todas ■■ exempçoens , ■ liberdades dos tributos ,
gozando dos privilegios, e officios honrados, que até
aqui costumavaõ gozar os Gentes. Havemos tam-
bem sido informados , que em nossas armadas vaõ
muitos Indios forçados , fazendo para isto des-
pesas involuntarias ; e desejando Nós o remedio
de taõ grande excesso, vos mandamos , que desta
violencia sejaõ os Christãos izentos ; e sendo a
necessidade mui urgente , provereis , como ■■
caso que vaõ, ■ lhes dê satisfacão cada dia de seu
trabalho, com a fidelidade que de vosso cuida-
do, e deligencia esperamos. Havendo tambem
sabido de pessoas graves, e fidedignas (■■■ par-
ticular sentimento nosso) que alguns Portugue-
zes compraõ escravos por pouco preço para os
vender ■■ Mouros, e outros mercadores barba-
ros por interessar alguma cousa nelles, com no-
tavel detrimento de suas almas , pois poderiam fa-
cilmente ser convertidos à fé , vos mandamos em-
pregueis todas vossas forças em atalhar tamanho
mal, impedindo semelhantes vendas, polo grande
serviço que nisso se faz a Deos , ■■■ fareis, se
com ■ rigor que o caso pede , remediais huma
cousa que tam mal nos parece. Procurareis , que
■ se

, se refree ■ excessiva licença de muitos usurarios ,
 , que havemos sabido andaõ, sem embargo de hu-
 ■ ma ley das antigas de Goa, ■ qual desde logo re-
 , vogamos, e vòs revogareis, tirandoa do corpo das
 ■ demais; como contraria à religião Christãa. Em
 ■ Baçaim dareis ordem, como se levante logo hum
 ■ Templo com a invocação de S. Joseph, finalandolhe
 , por nossa conta renda para hum Reitor, ■ alguns
 ■ Beneficiados, ■ Capellaens, que nelle sirvaõ. E
 ■ porque ■ Prègadores, ■ ministros da fé pade-
 , cem algumas necessidades por tratarem da con-
 , verção dos Gentios, queremos, ■ he nossa von-
 , tade, que se lhes dem algumas ajudas de custo, e
 ■ só para isto lançareis de tributo cada anno tres mil
 ■ Pardaos às Mesquitas, que tem ■ Mouros ■
 , nossos senhorios. Tambem por conta de nossas
 , alfandegas, e dereitos, dareis trezentas fanégas
 , de arroz perpetuas, para alimentos daquelles,
 , que nas terras de Chaul ha convertido, ■ con-
 ■ verte o Vigairo Miguel Vaz; ■ qual quantida-
 ■ de mandamos entregar ■ Bispo, para que elle ■
 ■ reparta, conforme vir ■ necessidade. Havemos tam-
 , bem sabido, que nas terras de Côchim são defrau-
 ■ dados os pesos, ■ medidas dos Christãos de S. Tho-
 ■ mè polos nossos mercadores, que alli vendem pi-
 ■ menta, ■ que lhes tiraõ as crecenças, que com ju-
 ■ sto peso, ■ medida se davaõ de sobejo conforme o
 ■ antigo costume, ■ quacs por muitos respeitos fora
 , melhor favorecer, que aggravar, pelo que dareis
 ■ ordem, que se lhes guardem seus antigos |costu-
 , mes. Assi mesmo tratareis com ElRey de Côchim,
 , que faça tirar certos ritos, ■ superstiçãoens Genti-
 , licas ■ que na venda da pimenta costumão fazer
 ■ seus

, seus agoureiros , pois nisso lhe vai pouco a elle ,
 , e he de grande escandalo para os Christãos , que
 , alli contratao. E porque ha chegado à nossa noticia
 , ■ violencia, que este Rey faz aos Indios, que recebem
 , a fé , tomandolhes as fazendas ; procurareis , com
 , muitas veras apartar ao dito Rey (a quem so-
 , bre ■ caso escrevemos) de tão barbara crueldade,
 , pois della resulta tanto mal para as almas , ■ cor-
 - , pos de seus vassallos , o que fará por ser nosso
 , amigo , pondo vós da vossa parte ■ cuidado que
 , ■ vos encommendamos. E ■ que por vossas cartas, e
 , informacoens nos avizastes , ácerca de livrar ■
 , povos de Socotorà da miseravel servidaõ em que
 , vivem , nos pareceo remedialo de maneira , que
 , o Turco , cujos vassallos saõ , não infeste esses
 , mares com suas armadas , ■ que provereis, como
 , ■ mais convier , com conselho do Vigairo Miguel
 , Vaz , cuja experiencia vos ajudará muito , assi
 , neste , como em todos os negocios arduos que se
 , ■ offerecerem. Os da pescaria das Perolas , além de
 , outros males , e aggravos que padecem , sabemos
 , que recebem dano em suas fazendas , consttran-
 , gendo-os nossos Capitaens com pouco temor de
 , Deos , a que só para elles fação a pescaria com
 , ■ condiçoens intoleraveis. Pelo que desejando nós,
 , que nenhum de nossos vassallos padeça aggravo,
 , ou violencia , vos mandamos que aos tacs povos
 , se lhes não faça semelhante aggravo , nem nossos
 , Capitaens pretendão adquirir tão injusta posse. E
 , assi para evitar tacs vexaçoens , ■ forças , vereis
 , ■ se aquellas costas estão sufficientemente guardadas,
 , e se he possivel cobrarem-se nossos dereitos , se n
 , que alli haja armada ; ■ achando que isto pode

fer, tirareis d'ellos Capitães, mandando que não se navegue por aquellas costas, porque desta maneira possam os naturaes gozar suas fazendas, e se elcudem aggravos, e extorçoens. Sobre tudo, vos encomendamos, que em tudo e que se offerecer consulteis ao Padre Francisco Xavier, principalmente sobre se convem ao augmento da Christandade da costa da Pelcaria, que os novamente convertidos se não occupem nella; ou quando se lhes permitta, que seja de maneira, que se conheçam nelles, com nova Religião, novos costumes, limitandolhes grande soltura, com que se haõ nella. Havemos tido tambem informação, que os que de novo se convertem da Gentilidade à nossa sancta Fé, são mal tratados, e desprezados de seus parentes, e amigos, desterrando-os de suas casas, e despojando-os de suas fazendas com tanta injuria, e violencia, que lhes he forçoso viver miseravelmente, com grande necessidade, e trabalho; para que cousa semelhante se remedee, fareis com conselho do Vigairo Miguel Vaz, sejam soccorridos à nossa custa, entregando e que se lhes houver de dar ao Reitor, que delles tiver cuidado, para que cada anno lho reparta da maneira que mais convier. Juntamente, havemos sabido, que de Ceilaõ se veyo para Goa hum mancebo fugindo à furia, e indignação de seus parentes, que sendo (como he) da casa Real lhe pertence a successão do Reyno; sobre o que nos pareceo, que para exemplo dos mais convertidos, e por converter, o accommodeis já que he Christão, no Collegio de S. Paulo dessa Cidade, onde à nossa custa seja provído de tudo e que

, que lhe for necessario para sustentação, ■ regalo, ■
 , casas ~~que~~ esteja, em maneira, que bem se veja
 , nossa grandeza ■■ semelhantes pessoas, além do
 , que tratareis de averiguar o direito que preten-
 , de ter ao Reyno, ■ o que acerca deste ponto vos
 , constar, ■■ mandareis authentico, para prover-
 , mos ■ que mais convier; e entre tanto he nossa
 , vontade, que com todo o rigor tomeis conta ao
 , Tyranno das crueldades que executou nos que à
 , nossa santa Fé se converterão, obrigando-o que dé
 , satisfação a tão grande insolencia, para que todos
 , ■ Principes da India vejaõ quanto nos apraz a ju-
 , stica, e como tomamos à nossa conta o favorecer
 , ■ que pouco podem. E porque não he convenien-
 , te, que ■ officiaes Gentios fundão, pintem, ■
 , lavrem (como atègora se lhes permittio) Ima-
 , gens, e figuras de Christo Senhor nosso, nem de
 , seus Santos, para venderem; mandamos que pô-
 , nhais toda diligencia em o impedir, pondo penas,
 , que ■ que se provar que fez alguma Imagem das
 , sobreditas, perca sua fazenda, e lhe dem duzen-
 , tos açoutes, porque sem duvida parecerão muito
 , mal Imagens, que representão mysterios tão san-
 , ctos, andarem por mãos de idolatras Gentios. Da
 , mesma maneira sabemos, que as Igrejas de Co-
 , chim, e Coulaõ, que de novô se começãrão, estão por
 , acabar ■ descobertas, e postas ■ todas ■ incle-
 , mencias do tempo, o que não só parece mal,
 , mas ainda he em perjuizo do edificio; pelo que
 , mandareis que se continuem atè se acabar, sem
 , reparar no custo; e isto por mãos, ■ traça dos
 , melhores architectos, ■ officiaes. Em Naraõ man-
 , dareis tambem edificar huma Igreja em honra, e

, a invocação do Apostolo S. Thomè; ■ aca-
 , bar em Calapou a que está começada com o nome
 , de Sancta Cruz; ■ na Ilha vizinha de Coraõ le-
 , vantareis outra, da traça, ■ magestade que vos
 , parecer conveniente, pois he cousa, que nada mais
 , despertará ■ Gentios ■ devação às cousas de
 , nossa sancta Fé, que a affeição que de nossa parte
 , virem. Além do que ■ encommendamos mui-
 , apertadamente, que em lugares accommodados fun-
 , deise estudos, e casas de devação, às quaes ■
 , certos dias acudaõ aos Sermoes, ■ praticas es-
 , pirituaes, não só os Christãos, mas tambem ■
 , Gentios, para que por esta via se affeioem à nos-
 , sa sancta Fé, e ■ conhecimento dos erros em
 , que vivem, alumiañdolhes as almas com a luz do
 , Euangelho; para o que escolhereis ministros ■
 , que haja ■ partes, que semelhante ministerio re-
 , quere. E porque sobre tudo grandemente deseja-
 , mos, que nesse Estado seja o nome do Senhor Deos
 , conhecido, e reverenciado, e sua sancta Fé rece-
 , bida, queremos, e he nossa vontade, que em to-
 , das as terras de Salfete, e Bardèz, sejaõ de raiz
 , arrancados todos ■ Idolos, ■ o culto infernal,
 , que nelles ainda se lhes faz; ■ para que isto se exe-
 , cute com menos difficuldade, ■ sem fer para isso
 , necessaria força, ■ violencia alguma, ordena-
 , mos que ■ Prègadores em seus Sermoes, ■ dis-
 , putas lavrem com tanta prudencia, ■ zelo, os
 , coraçoens dos Gentios, que com ■ favor de Deos,
 , conheçaõ o bem que se lhes procura, em os tra-
 , zer ao conhecimento de seus erros, e tirar da mi-
 , seravel fervidaõ do Diabo em que estão, da qual
 , só se podem livrar, abraçando-se com a sancta Fé,
 , que

que he o caminho unico de conhecer a cegueira
 , que o ~~o~~ Sathanáz, para não virem quanto lhes
 , importa a salvação de suas almas; ■ pelo muito
 , que importa ■ este negocio, que ■ ministros del-
 , le sejaõ de boa vida, ■ costumes, ■ letras suffi-
 , cientes, os elegereis taes, que se possa esperar delles
 , o effeito que deseamos ■ encomendarlheseis o cuy-
 , dado, e diligencia que importa ponhaõ da sua parte,
 , e de vossa procurai attrahir, e favorecer ■ todos, em
 , particular aos nobres, e principaes, (a cujo exem-
 , plo os de mais se movem) de maneira, que re-
 , duzidos estes á nossa sancta Fé, pouca difficuldade
 , haverá em converter ■ gente commum, que logo
 , fará ■ que vir fazer aos seus maiores. Os que se con-
 , verterem sejaõ bem tratados, para que os mais
 , se afeiçoem, favorecendo-os não só em geral, mas
 , ainda em particular, por pobres, ■ miseraveis
 , que sejaõ. De tudo isto nos pareceo darvos conta,
 , para que segundo ■ confiança que de vossa diligen-
 , cia, e cuidado temos, deis a tudo o remedio, de
 , que resultará ■ Deos nosso Senhor muita gloria,
 , e Nós volo teremos em particular serviço. Dada
 , em Almeirim a oito de Março, anno do Naci-
 , mento de nosso Senhor Jesu Christo de mil quin-
 , hentos quarenta ■ seis.

R E Y.

70 Desta carta deu D. João à execução aquillo, *Milagroso*
 que com as armas ■ não podia obrar, porque foi ■ *sucesso nas*
 tempo de seu governo huma continuada batalha, e *Malucas.*
 ■ soldados com as licenças da guerra estavaõ mais
 promptos a estragar leys, que ■ emmendar costumes;
 porém a historia ■ mostrará não leves argumentos
 de seu zelo, gratificado do Cco com finaes, ■ maravi-
 lhas,

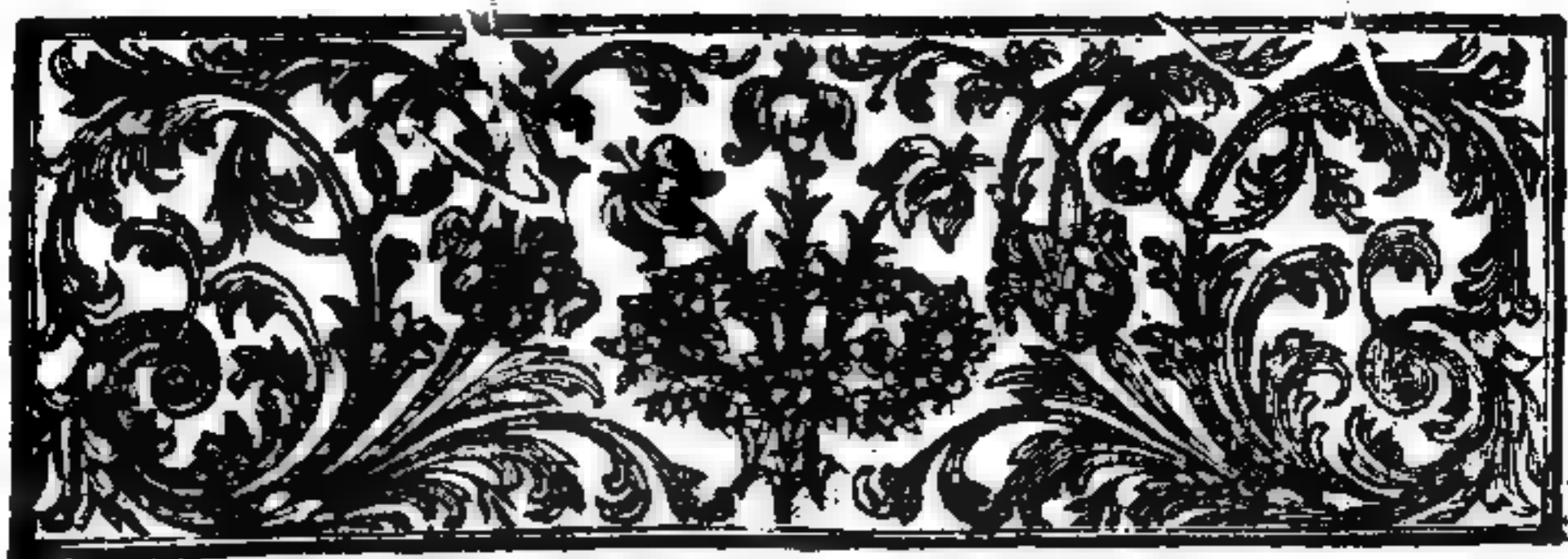
lhas, de que referirei huma, que aconteece nas Malucas, que por ter a direcção de seu governo, substanciarei ■ caso brevemente, como he meu costume.

71 Havia naquellas Ilhas resplandecido a luz do Euangelho, porque S. Francisco Xavier, ~~como~~ fiel obreiro da vinha do Senhor, alimpou ■ grande parte aquella terra das espinhas, ■ cardos da infidelidade; se bem devemos ■ primeira cultura ao grande Portuguez Antonio Gaivão, valeroso Governador, e Apostolo zeloso daquelle paganismo. Ao valor respondeo o fruto com maravilhosa conversão de almas, que recebêrao ■ o Bautismo ■ suave jugo de Christo, assi da plebe, ~~como~~ dos Regulos, ■ Magnâtes, todos dõceis à obediencia do Euangelho. Sentia o Demonio, que naquellas trevas da Gentilidade apparecesse a luz do Ceo, ■ descobrirlhe os caminhos da vida, e armou contra ■ innocente Christandade hum Gentio daquellas partes, que havia tyrannizado a Ilha de Moro, e se dizia Tolon; o qual com zelo infernal começou a perseguir os novos convertidos, obrigando os com inventadas crueldades a ser apostatas da Fè, que tinham professado, pola qual muitos chegãrao ■ derramar o sangue com felice martyrio; porém outros com fé menos robusta cedêrao aos tormentos. Crescia ■ desaforo do Tyranno com injuria de nossas armas, obrigadas ao castigo deste idòlatra em obsequio da Fè, e serviço do Estado. Os perseguidos, ■ os temerosos acodiaõ com queixas aos Portuguezes, que estavam em Ternate, os quacs resolutos a domar este Barbaro se dispuzerao ■ com mais zelo que forças, a buscálo em sua mesma casa. Não pode ser este movimento tão occulto, que o não entendesse o Tyranno, que se apercebeo para a defenla, fortificando ■ entra-

da da Ilha com trincheiras, e estacadas fortes; ■ quando os nossos ganhassem estes reparos, tinha cuberto os passos, que guiavaõ á Cidade com estrêpes, ■ paus de ferro, tocados de erva, onde passando os nossos furiosos da colera, ■ victoria, se perderiaõ sem remedio. Assim foi, q̃ vencida ■ primeira estacada, que os Barbaros largáraõ com facil resistencia, quiçá fiados ■ segundo engano, querendo a nossa gente passar incauta, cevada mais ■ alcance com ■ fugida do inimigo (caso maravilhoso!) cahio do Ceo repentinamente tanta cinza, que fez parar os nossos, até que purificados os ares, seguiriaõ a victoria por cima dos estrêpes, onde ■ cinza abriu caminho sólido, ■ seguro; assim o referiaõ depois os mesmos Barbaros admirados, servindo-lhes este milagre de argumento para as verdades da ley que perseguiaõ.

72 Assim se davaõ ■ mãos na Ásia a fé, e o imperio nos dias de Dom João de Castro, trazendo em huma mão a ley, e noutra ■ espada, dando que discorrer ao Oriente sobre huma acção tão grande, como fora foster huma guerra voluntaria pela tutela de Meale, hum Mouro perseguido, a quem os vassallos negáraõ a fé, ■ os Principes de seu sangue hum piedoso amparo.

73 Pouco tempo o deixou reclinar a Ásia sobre os triumphos de suas victorias, porque logo o começou a despertar Cambaya com os rumores de outra nova guerra, de que já as intelligencias do Estado ouviaõ os eccos, a qual referiremos em livro separado, por ser de nossa Historia a porção mais illustre.



VIDA DE DOM JOÃO DE CASTRO

IV. Viso-Rey da India.

LIVRO SEGUNDO.

COM a morte de Soltaõ Badur Rey de Cambaya ficou o ~~nome~~ Portuguez mais temido, que amado, dos Principes da Asia; porque como suas culpas eraõ occultas, ■ castigo publico, tinha Badur em favor de seu sangue os juizos dos homens, ou pela commiseracão natural dos que padecem, ou por veneracão da Regalia, ■ odio de nosso Imperio, taõ aborrecido por estranho, como por poderoso.

Trata El-Rey de Cã-baya de tomar Dio. ■ Mahamud Rey de Cambaya, herdeiro da Coroa, e da injuria de Badur, cuja morte succedida no governo do grande Nuno da Cunha, referem nossas Chronicas, inflammado igualmente da gloria, ■ da vingança, empredeo tomar ■ Portuguezes Dio, e com.

com liga de outros Principes, lançaos da India; negocio (ao parecer dos seus) não mui difficil; porque discorriaõ, que o Estado ~~era~~ hum corpo monstruoso, pois tendo ■ cabeça ■ Occidente, nutria membros distantes de ■ mesmo por infinito espaço com tantos ~~marcos~~, e terras interpostas, ■ que era tão grande ■ poder de Cambaya, que tanto com a ruína, ~~com~~ com a victoria podia opprimir ■ Estado, enfraquecido então por varios accidentes. Os Grandes, ■ Sâcrapas do Reyno se partiaõ em pareceres differentes; huns ajuizavaõ já por fataes ■ ~~memoria~~ Portuguezas ■ dano de Cambaya, argumentando com o primeiro cerco, do qual ainda tinhaõ as feridas, e a memoria fresca ■ ■ ainda que os estimulava a morte de Badur, com a paciencia de outros offendidos desculpavaõ a sua. Reprehendiaõ os primeiros, que assentaraõ pazes com o Estado, e ■ que agora intentavaõ quebra-las; estes porque não sabiaõ guardar a fé, nem aquelles conhecer ■ injuria. Outros (como soe succeder ■ cousas incertas) discorriaõ ao contrario, e achavaõ tantas razoes para a guerra, como para a victoria.

■ Entre todos Coge Cofar, o mais poderoso, ■ *Persuadido* aborrecido de Cambaya, e que da privança de ElRey *de Coge* lograva ■ melhor parte, persuadia cauteloso a guerra, *Cofar*, crendo que com o perigo commum cessariaõ as envejas de sua fortuna, ■ as emulaçoens dos Grandes, como vícios da paz, e que com os pòstes, e meneos da guerra, faria homens de novo, que como creaturas suas lhe seriaõ fieis. Darei hum breve noticia de este homem, porque diversas vezes nestes escritos se ha de ouvir seu nome.

4 Foi Coge Cofar de nação Albanez, filho de
I
pays

Quem era Coge C,ofar, pays Catholicos, ainda que da raiz degenerou o fruto. Servio alguns annos nas guerras de Italia, mais conhecido por violento, que soldado, mais motins, e rebellioens era buscado, e mais peor que todos; assi passou alguns annos aquella vida livre, sem premio, nem castigo, como homem inquieto; querendo antes bulcar a fortuna, que esperala, mudou de profissao passando de soldado a mercador, porque era intelligente, e cobiçoso, e para seus intentos tomou este caminho mais breve, e mais seguro. Começou em pouco tempo a crescer seus tratos, como quem sabia aproveitar as oportunidades, e monçoens do commercio, sendo em hum mesmo tempo liberal, e avaro, servindo-se com artificio dos vicios, e virtudes. Veo enfim a medrar com cabedal, e credito, desorte que navegando o Estreito com tres fétias suas, carregadas de diferentes drogas, encontrou a Rax Solimão, General do Soldão do Cairo, que o investio, rendeo, e despojou. Foi a preza maior que a victoria, e Solimão por credito de sua mesma fama, lhe fez honrado tratamento, apresentando-o ao Soldão, como prisioneiro de maior porte, fazendo maior estimacao da pessoa que da preza. Começou Coge C,ofar a contentar-se de sua desgraça, como se buscara; tinha sufficiente pratica da guerra, aprendida nos exercitos de Italia, e Flandes; fallava com o poder dos Christãos com odio, e desprezo, como ensinando ao Soldão a conhecer suas mesmas forças. Com estes artificios veio o Soldão a pôr o escravo para cousas maiores; começou a ouvir, e principio por curiosidade, logo por affeicao. Approvava-lhe Coge C,ofar os erros, e os acertos, com huma lisonja tão encuberta, que parecia liberdade, porque não mostrava que queria agradar, se não servir.

vir. Encubria ■ graça do Soldão , ■ evitava favores publicos , mais cauto , que modesto. Chegou a ser thesoureiro do Cairo, officio de grande confiança, que administrou com juizo, ■ verdade; louvadas pelo Soldão, como virtudes, entre barbaros novas. Era ■ seu voto de maior peso ■■ conselhos de guerra , já pela pratica, já pela valia. Nas facçoens contra Christãos votava ■■ grande bizzarria , particularmente ■■ que se haviaõ de executar por outros; e assi cresceo de maneira, que já não podia com sua mesma fortuna; ■ não querendo conservar-se com ■■ mesmas artes, com que havia medrado , ■■ descobrir a ambição, ■ soberba; fez-se senhor dos lugares, buscando com maior attenção os postos que os amigos ; ■■ quacs já não queria para arrimo, ■■ para companhia ■ só do Soldão queria parecer escravo, e dos outros Senhor. Empenhava, ■ destruía os maiores com pretextos publicos, como querendo introduzir Monarchia de dous; até que cansados ■■ Mouros de tão servil paciencia, começaram a publicar queixas, com que perturbar o animo do Soldão na graça de Coge C, ofar; assi lhe representàraõ com grande sentimento seus agravos, dizendo, que já era escusado armar galès contra Christãos, se depois haviaõ de fazer senhores a seus mesmos escravos , quando ■■ Turcos mais nobres recebiaõ dos Christãos tão cruel tratamento, que andavaõ por Italia , e Hespanha arrastando cadeas, chegando a escrever-lhes no rosto com infames letras os sinaes de cativos ; quo não era toleravel, que tantos Baxàs illustres estivessem recebendo leys de hum vil escravo , que ainda que viaõ com seus olhos cada dia suas mesmas injurias, já não podiaõ sofrer as do Propheta; não entrando em suas Mesquitas hum vil Christão,

soberbo, e irreverente, que não faltava já mais, que nas praças do Cayro mandar levantar Cruzes, e adorá-las.

5 Foraõ estas cousas ditas com tanta liberdade, que mais pareciaõ conjuraçaõ que queixa; e como entre ■ agravos particulares envolviaõ ■ causa da Religiaõ, que costuma levar tras si ■ justificaçaõ, ■ amor publico, foraõ bem ouvidas do Soldaõ, privando a C,ofar dos cargos, e mandandolhe que mudasse de crença: taõ caduca he a graça dos Principes, ainda ■ suas creaturas mefmas.

Como veyo,
a Cambaya.

6 Vendo-se C,ofar caído, tornou a vestir a primeira humildade, ■ as artes, que a necessidade do tempo lhe ensinava; ■ como de Christão ló conservava o nome, e ■ memoria, foilhe facil trocar polo veneno do Alcoraõ ■ faude Evangelica, mudando o ■ imposto ■ Bautismo, por este de Coge C,ofar, que lhe dêmos anticipadamente, por ignorarmos o primeiro que teve. Feito C,ofar cultor de Mafamedo, começou ■ grangear maiores confianças com ■ Mouros, sancando o odio dos émulos com dadivas, e o da plêbe com a nova apostasia, com que purgou as sospeitas ■ fidelidade, obrando com ambiçaõ mais cautã, com que se fazia mais affabel aos inimigos, que ■ estranhos; mas conhecendo a instabilidade do Soldaõ, temeroso de segunda quèda, não tendo por segura huma vontade já reconciliada, matando huma noite à traiçaõ ■ Rax Solimaõ seu mortal inimigo com hum filho que tinha, juntou as joyas, ■ dinheiro que pode, ■ se passou secretamente ■ serviço de El-Rey de Cambaya, de cuja grandeza, ■ liberalidade tinha inteiras noticias, ■ da estimaçaõ que fazia de homens estrangeiros, principalmente daquelles que ti-
nhaõ.

nhaõ alguma pratica das guerras , ■ policia de Europa. Respondeolhe ■ successo no pensamento, porque em brève tempo chegou a gozar ■ melhor parte da graça de Badur , ou já por sua fortuna , ou sua industria , sendo companheiro de suas victorias , e de suas desgraças, achando-se na ultima de sua morte , como nossas historias referem ; porèm já tão engrandecido ■ favores Reaes , que em poder, ■ authoridade era ■ maior vassallo; conservando com Mahamud, successor da Coroa, ■ mesma estimacão , ■ qual inflamava na vingança da morte de Badur , polos fins que temos referido , e por merecer ■ graça do novo Principe, com o amor , e fidelidade que mostrava às cinzas do defunto; he fama, que ante o Rey, ■ Sàtrapas de Cambaya, fallou nesta substancia.

■ As mercès, que por espaço de dez annos recebi de *Suas razões*
 ; Soltaõ Badur, são manifestas a todos; aos de fóra com *para a em-*
 ■ espanto de sua grandeza, ■ de casa com enveja de *pressa de*
 , minha fortuna; posme os olhos, e levantoume como *Dio.*
 , vapor da terra, antepondome estranho, e peregrino,
 ■ que lhe nascéraõ em casa; sendo vassallo me tra-
 , tou como amigo, e ■ amou como filho. A este cle-
 , mentissimo Principe (cujas cinzas venêro como de
 ■ Senhor, choro como de pay) debaixo do sagrado da
 , paz, tirarão os Portuguezes ■ vida com escandalo de
 ■ todos os Reys, ■ não menor injuria de seus vassallos,
 , indignos de o havermos sido de Principe tão grande,
 ■ pois insensiveis, e ingratos estamos alimentando os
 , homicidas de nosso Monarca em nossa mesma casa,
 , gozando como herança ■ praça, que asleguraraõ com
 , tão atroz delicto; hontem hospedes, ■ agora senho-
 , res. Vòs, ó Principe herdeiro, ■ Senhor deste Impe-
 , rio, vedes vossos vassallos cada dia receber leys des-
 , tes.

, tes insultuosos; a vós toca determinar a quem have-
 , mos de obedecer primeiro, se ■ nosso Rey, se a nos-
 , sos inimigos. Crescerá com a nossa paciência o seu
 , atrevimento. Depois de comettido ■ maior delicto,
 , qual não terão por leve? Quem duvidará ser offen-
 , sor, onde se não vingão injurias? Acabemos pois de
 , despertar deste mortal lethargo; metamos até os co-
 , tovelos os braços ■ sangue destes crueis tyrannos;
 , neste veneno banhemos ■ alfanges, porque perção
 , com ■ vidas ■ gloria de tão grandes insultos. Com
 , ■ sangue de Badur recebêrão as armas Portuguezas
 , ■ maior fama do mais atroz delicto, ■ deixamos-lhes
 , na mão a espada, com que ■ degolárão o Rey, pa-
 , ■ que com ella mesma ■ usurpem o Reyno; tire-
 , mos pois de entre nós estas biboras nascidas no ul-
 , timo Occidente, para inficionar ■ Ásia toda, como
 , se verá discorrendo por seus estragos, que elles cha-
 , mão victorias. E começando naquella primeiro Ga-
 , ma, a quem os mares, para perturbar a paz do Orien-
 , te, derão fatal passagem, o Camorim de Calcut foi
 , o primeiro, a quem cortou seu ferro. As naos de Me-
 , ca, que no amparo do Prophéta, ■ paz das ondas,
 , navegavão seguras, foraõ assaltadas, e rendidas de-
 , se feliz coffario, que tantos annos, como monstro do
 , mar, teve por casa ■ ondas, ■ por abrigo ■ ventos,
 , e as tormentas. Pois aquelle D. Francisco de Almei-
 , da, que em hum só dia, e com o mesmo golpe destro-
 , çou as armadas de Egypto, e Cambaya, que na vin-
 , gança da morte de seu filho, parece que queria beber
 , o sangue do Oriente todo, se hum Albuquerque suc-
 , cessor de sua crueldade, e seu governo, lhe não viera
 , a tirar das mãos a espada. Este nasceo para injuria de
 , todas ■ Monarchias, porque com senhorear Malá-
 , ca,

ca, poz ■ todo o Sul frco; ■ Andeo Ormuz, emporio
das riquezas do Mundo; tomou Goa ao Sabayo para
cabeça de seu tyrannizado imperio; e sem trazer ■
exercitos de Xerxes, ■ Dario ■ fez tributarios mais
Reynos do que trazia soldados; levantando o pensa-
mento a querer tirar de Meca ■ corpo do Prophéta;
poz em conselho mudar ■ Nilo ■ correntes, para
alagar o Egypto; emprendendo seu espirito fazer
duas tão famosas injurias, huma ■ Ceo, outra à na-
tureza. Não poderei referir a ambição de tantos,
que com nossas injurias se fizeraõ illustres, porq̃ te-
■ me não caiba no tempo, ou ■ memoria; porêm
lançai pelas mais remôtas partes do Oriente a vista,
ou o juizo, vereis a maior parte do Mundo receber
leys de poder tão pequeno. Elles navegaõ daquella
parte de Africa, q̃ corre do Cabo de Boa Esperança
atè as portas do Estreito do ■ Roxo, dominando
por aquella parte Moçambique, Cofála, Quilôa, e
Mombâça; e discorrendo o Cabo de Guardafú, olhan-
do para ■ gargantas do mar Roxo, Adêm, Xaël,
Herit, Caxêm. Temem suas armadas as Cidades de
Dofár, ■ Norbete no Cabo de Fartaque, e logo Cu-
ria, Muria, Rozalgate. Aqui fica ■ Cidade de Or-
muz; alli ■ Ilha de Queixome, Curiate, Calayâte,
Malcâte, Orfacâte, ■ Lima; ■ Cabo Mocandão, ■
Jazque, que formaõ a boca do Estreito. que se esten-
de atè o rio Indo; logo ■ Cabo Guzarâte, ■ Cinde
nesta nossa Cambàya, donde atè o Câbo de Comori
passcam suas armadas a India por espaço de trezen-
tas legoas, e começando desta nossa Cidade de Cam-
bàya discorrem por Madigão, Gandâr, Baroche,
C,urrâte, Reynêr, Moscarin, Damaõ, Taraper, Ba-
çaim, Chàul, Badôr, Cifardão, Galanci, Dabul, Cor-
tapôr,

, tapòr, Carepatão, ~~Tamaga~~, Banda, Chaporà. Se-
 nhoreão Goa, assento de seus Governadores, ■ logo
 ■ marítimo de Canarà, ~~Onor~~, Baticalà, Braça-
 lør, Bracanør, ■ Mangalør; ■ logo aquella parte
 principal do Malabàr, que aquentaõ suas frotas, on-
 de està o Reyno de Cananør, e nelle Catecoulaõ,
 Marabia, Tramapatão, Maim, Parepatão. Com não
 menos soberba assombraõ ■ Imperio de Calcutt,
 com seus pórtos de Pandarane, Coulate, Charè, Ca-
 pocate, Parangale, Tanør, Pananè, Balcançør, e
 Chatù. Nos Reynos de Cananør, ■ de Cochim qua-
 si dominaõ com absoluto imperio em Porcà, Cou-
 laõ, Calcoulaõ, Dotorà, Birinjão, Travancør. Al-
 cança ■ respeito de suas ~~nao~~ até o famoso Cabo
 Comori, defronte do qual està a illustre Ilha de Cei-
 laõ, onde carregam as naos de differentes drôgas.
 Não perdoão à enleada de Bengala, ou seyo do Gan-
 ge, avistando Tacancurì, Manapàr, Vaipàr, Calc-
 grande, Chercapale, Tutucurì, Calccaré, Beàdala,
 Canhamorra. Correm Negapatão, Nabor, Trimi-
 nipatão, Tragumbàr, Colorão, Calapàte, Sadrapa-
 tão. Amedrentam ~~com~~ a multidaõ, e grandeza de
 seus baixes Biznagà, e a costa brava de Orixà, e to-
 da aquella distancia, quẽ ~~de~~ de Segoporà até Oris-
 tãõ, ■ bocas do Ganges. ~~Nave~~ Naveflaõ ■ cabo de
 Negraes, Arracão, e Pegu, com tantas, e tão mara-
 vilhoas Ilhas. Passaõ por Vagatù, e Murtavão, Ta-
 gála, e Favay, Tanaçari, e Lungur, Tairão, Quedà,
 Solungør, navegando até sua Maláca, cabeça de todo
 aquella Archipelago. ■ logo dobrando ■ cabo de
 Sincapùra, ancõraõ nos portos dos Reynos de Syaõ,
 Cambòya, Champá, ■ Cochinchina. E passando aos
 Reynos da China, se atrevêraõ a olhar áquelle tão

recatado Imperio, que nunca soffeo a communica-
 ção de gentes estrangeiras; alli fundáraõ a celebre
 Cidade de Macáo, por onde persuadem aos Chins
 os Mysterios de sua crença, fazendo juntamente do
 commercio à Religião escada. Daqui se divertem pa-
 ra as innumeraveis Ilhas de Japão, visitando Tava,
 Timor, Borneo, Banda, Maluco, Lequios; desorte,
 que as velas Portuguezas com incansavel navega-
 ção rodeaõ a môr parte do Mundo em distancia de
 mais de nove mil legoas, que a tão ardua navegação
 os estimulou sua ambição, guiou sua fortuna. Repe-
 ti prolixamente todo o maritimo da Asia, onde as
 armas Portuguezas por imperio, ou commercio, se
 haõ feito conhecidas, porque de tão derramadas
 Conquistas faz o Mundo erradamente maior ar-
 gumento de seu poder, e eu de sua fraqueza; porque
 sendo Portugal hum abreviado Reyno no ultimo
 Occidente, e com perpetuas guerras na Africa vezi-
 nha, onde se consumem com os successos prosperos,
 e adversos, comendolhes sempre gente a guerra na
 facções, e nas praças q̃ guarnecẽ; e agora não podên-
 do caber aonde nascêrão, como aborrecendo o Ceo, e
 o clima, q̃ ha produzido, andaõ vagando o Mũdo,
 como se lhes fora usurpado o senhorio dos homens,
 das terras, e dos ventos. Agora deixo ao mais ras-
 teiro entendimento, que julgue o pouco, que se pô-
 dem temer forças tão divididas, quaes maior
 prosperidade vão acabando suas mesmas victorias.
 Que temos que recear deste imperio de loucos, que
 com hum braço na Asia, outro no Occidente, que-
 rem abarcar o Mundo? Na India tem muitos Princi-
 pes sujeitos, porém nenhum amigo; todos aos domi-
 nantes adorão, e aborrecem, porque com nenhum

, affétaraõ ■ Portuguezes paz, senão depois de victo-
 , rias e estragos; de forte q̃ não o amor, senão a injuria
 , os tem feito conformes; e todos estes fervem, em quã-
 , to não podem offender. Mas que será, se virem a Sol-
 , tão Mahamud armado na campanha? Quem duvida,
 , que todos os offendidos serão nossos soldados? Fize-
 , rão muitos Reys tributarios à força de armas, ■ da-
 , do, que dellas mesmas hoje recebem amparo, mais
 , facilmente esquece hum beneficio, que huma inju-
 , ria. Selim Senhor dos Turcos ainda vê abertas ■
 , feridas dos seus Janizaros recebidas em Dio, e quem
 , está tão pouco costumado a receber injurias, não
 , perderá ■ occasião de vingar a primeira; ■ sendo
 , autor da guerra, ou companheiro nella, ambicioso
 , tambem de que a melhor parte do Mundo conheça
 , seu imperio. O C, amorim, depois que entrarão ■
 , Portuguezes no Oriente, não tem porto, que não fos-
 , se theatro de victorias suas; e apenas tem vassallo
 ; que não fosse cortado de seu ferro. O Hidalcão ca-
 , da dia vê regadas de sangue as terras de Bardèz, e
 , Salsete; e depois de ■ Governador lhe fazer injusta
 , guerra, trouxe Mealc ■ Goa, querendo honestar lhe
 , sua ruina com a justiça alheia. Todos os outros Prin-
 , cipes se hão de armar contra o commum inimigo,
 , para poderem respirar na antiga liberdade em que
 , viviaõ. Polo que a mim toca, ■ filhos, a fazenda, e
 , a pessoa offereço a esta guerra; se acabar nella, em
 , meu sangue verá Badur minha fidelidade ■ em am-
 , bos os successos não terei por menos honrada ■
 , morte, que ■ victoria.

O Soldão os
 approva, e
 lhe encar-
 rega a em-
 preza.

8 As razoes de Coge C, ofar forão bem ouvidas,
 polo odio da causa, ■ authoridade da pessoa. El Rey,
 depois de lhe engrandecer ■ fidelidade, lhe commetteo
 a em;

9 Era neste tempo D. João Mascarenhas Capitão
môr de Dio ■ quem ■ nascimento fez em Portugal
grande, o valor ■ Oriente; varaõ taõ benemerito de
sua fama , como de sua fortuna. Este sabendo por in-
telligencias secretas ■ desenhos de Coge C,ofar, que
todos seus apercebimentos ameaçavaõ aquella forta-
leza , escreveo ao Governador D. João de Castro ■
avisos que tinha , e como estava falto de gente, muni-
çoens , ■ petrechos; descuidos que cubria a paz de
tantos annos , ou quiçã assegurados ■ nossos no ref-
peito da primeira victoria. Acrescentava , que os
aprestos do Soldad^{es} estavãõ mui avante, o inimigo ve-
zinho , ■ que ■ temporaes do inverno naõ tardariaõ
muito, com que ficariaõ cerradas as portas ao soccor-
ro.

Quando D. João de Castro recebeu este aviso, tinha já mandado duzentos soldados àquella forteza, debaixo das Capitánias de D. João, ■ D. Pedro de Almeida, filhos de D. Lopo de Almeyda; erão os outros Capitães, Gil Coutinho, e Luis de Sousa, filho

do Chanceler mór do Reyno. E para conhecer o estado, em que se achava o inimigo, despachou dous enviados praticos no marítimo, e cartaõ de Cambaya com cartas a Soltaõ Mahamud, em que lhe significava as noticias que tinha das conduçoens, e aprestos que fazia, de que lhe devia dar conta, pois como amigo o queria acompanhar na empreza; que em occasião presente lhe seria mui facil por ter prompta em mar hum poderosa armada; e que tambem em força de Dio tinha soldados valerosos com muniçoens sobejas, e quaes seria mais grato enriquecer com despojos da guerra, que em soldo limitado de hum paz ociosa. E logo encomendou aos enviados, que notassem sagacidade as forças do inimigo, e socorros que tinha, e o rumor do povo, para por elle penetrar os desenhos da empreza. Mas em quanto os nossos enviados dão à vèla, poremos hum pequeno silencio nas cousas de Cambaya, por dar lugar aos successos de Maluco, que tiveraõ direcção deste mesmo governo.

*Direito dos
Reys de
Portugal
sobre as
Malucas.*

II Estiveraõ as Malucas muitos annos à obediencia de nossas leys, descubertas, e cõquistadas com armas desta Coroa, que foraõ as primeiras da Europa, que viraõ aquellas Ilhas, as quaes entravaõ na nossa demarcação, conforme a repartição, que os Papas fizeraõ entre os Reys de Portugal, e Castella, tendo ElRey D. Manoel em seu favor o direito das armas, e das leys, não sendo estas Ilhas de Portugal sómente por conquista, e tambem por herança; porque em tempo de ElRey D. Manoel o ultimo, e primeiro deste nome, corriaõ naquellas Ilhas com igual prosperidade divino, e humano, resplandecendo por beneficio de seu zelo as luzes do Evangelho.

Iho nas trevas daquelle Paganilmo, recebendo muitos Reynos de tão ditoso Principe Religiaõ, ■ Imperio. Fôy entre outros, ElRey D. Manoel (que em Goa recebeo o Bautismo) Rey, e Senhor das principais Ilhas de Maluco, ■ qual depois de bem instruido ■■ mysterios de nossa crença, voltando a governar, e doutrinar seus pòvos, faleceo em Malàca sem descendencia; por gratidaõ dos beneficios, que desta Coroa havia recebido, deixou ■ ElRey D. João o Terceiro des- ■■■■ por herdeiro dos Reynos de Maluco, em testamento solemne, outorgado ■■ todas ■■ legalidades civis, para que andasse vinculado successivamente ■ Coroa Portugueza. Estas Ilhas descobertas ■■ trabalho, defendidas ■■ o sangue, possuidas com justiça, viemos a deixar ■ Castella contra ■ opiniaõ dos melhores Juristas, e Geografos.

12 Achou o Governador D. João de Castro em O Governador as dâ
Goa a Cachil de Aciro, pessoa de grande authoridade nador as dâ
nas Malucas, benemerito no serviço do Estado, e da ■ Cachil
linha Real do ultimo Principe D. Manoel, ■ mais Aeyro.
conjunto em sangue; porém tão pobre por varios accidentes, que passou à India, encommendando-se à clemencia dos nossos. O Governador, parecendo-lhe suas misérias indignas de seu sangue (crendo que ficava ■ memoria de nossos Reys mais honrada com dar hum Reyno, do que recebêlo) lhe deu a Envestidura da Coroa de Maluco, com que ficasse o uso da Regalia dependente do Cetro Portuguez, nelle, e seus descendentes; attribuindo ■■ Reys da India tão grande donativo, huns a prodigalidade, outros a desprezo; espantando-se, que fizessemos tanto por adquirir, o que sabiamos largar tão facilmente.

13 Entretanto ■■ cousas de Maluco estavam altera-
tera-

Vão Castelhanos a ellas.

Quem era Capitão dos Castelhanos.

Fernão de Sousa chega a Maluco.

teradas com a vinda de três navios Castelhanos, que derrotados avistáraõ aquellas Ilhas, desembarcando na de Tidore para reparar-se das fortunas do mar, e levar ■ seu Principe finaes mais certos de seu descobrimento. Deixarei de referir a opposição, que os nossos lhes fizeraõ, por caírem estes successos debaixo de outro governo, ■ andarem já com melhor penna escriptos; tratarei só precisamente do succedido ~~em~~ dias de Dom João de Castro, ■ qual mandou ■ Maluco ■ Fernão de Sousa de Tavora para desalojar os Castelhanos, que convidados da abundancia, e riqueza da terra, queriaõ gozar o fruto dos trabalhos alheios, perturbandonos a paz, e commercio daquellas Ilhas, de que a conquista, e herança nos fizeraõ duas vezes senhores. Governava ■ Castelhanos Ruy Lopez de Vilalobos, homem mais cauteloso que valente. Este havia feito ostentação soberba das grandes forças do Emperador Carlos V. seu senhor, e dos grandes uteis que podiaõ receber de sua amizade aquelles Reys Gentios, na guerra, e no commercio, tratando a fama de nossas cousas ~~com~~ grande abatimento; e ~~na~~ na opinião dos homens he maior o esperado que o presente, algumas daquellas Ilhas tomaraõ ■ voz do Castelhanao, buscando para isso motivos, ou aggravos, huns leves, e outros esquecidos.

14 Neste tempo aportou ■ Maluco Fernão de Sousa mandado pelo Governador, que informado de Jurdaõ de Freitas Capitão mór da fortaleza, do estado das cousas, entendeu, que o partido dos Castelhanos se engrossava ■ esperança do soccorro, ■ riquezas, que promettiaõ de Espanha; porém

rêm logo que Ruy Lopez teve aviso da vinda de Fernão de Sousa, e do negocio a que era mandado, querendo com ~~isso~~ elcufar, ~~em~~ entreter ~~o~~ rompimento com nosco até chegar o soccorro de Espanha, que esperava; ~~o~~ mandou visitar, escrevendo-lhe saudaçoens corteses, lembrando-lhe que estava entre Gentios, desejosos de nossas discordias, para ficarem senhores de ~~o~~ mesmos; que assaz de guerras, e inimigos tinhamos ~~na~~ India; que para povoarmos sós hum Mundo tão grande, ~~estavam~~ muito poucos; que nos offerecia suas armas para com ellas termos o Gentio mais obediente, porque como Espanhoes eraõ bons para soldados, e como Catholicos mui fieis para amigos; que considerasse, que era mais importante a Portugal ~~a~~ paz do Emperador que o cravo de Maluco, porque estas dissençaens entre vassallos podiaõ vir a ter ~~os~~ effeitos das minas, que rebentaõ muito distantes donde se pega o fogo.

O Castelhano trata entretela.

15 A esta carta composta de séros, e lisonjas respondeo Fernão de Sousa, que elle ~~era~~ pequeno de corpo, ~~mas~~ tão abreviado ~~na~~ resolução, como na estatura, que aquellas Ilhas eraõ de ElRey de Portugal seu senhor, ~~que~~ com a mesma espada com que as ganhara podia defendelas; que bem sabia que ~~era~~ Espanhol, e Catholico, porém que isso não lhe dava justiça para tomar-lhe ~~a~~ capa, que o Emperador não faria guerra ~~a~~ Portugal, sem ler primeiro nas Chronicas de Castella ~~os~~ successos de seus antecessores, que ~~em~~ ~~o~~ havia de embarcar para a India, ou meterle com os seus naquella fortaleza, onde lhe daria embarcação segura para Espanha.

Resposta de Fernão de Sousa.

*Continua ■
Castelbano
no primeiro
intento.*

16 Desta carta tão dura entendeu o Castelha-
no, que Fernão de Sousa não queria curar ■ ■ ■
gocio com remedios largos, porém vendo que não
podia resistir, ■ ■ ■ lhe convinha obedecer, escre-
veo segunda vez ■ Fernão de Sousa, que suspen-
dessem as armas, avizando a seus Principes do esta-
do das cousas, para que elles com pacifico acordo
determinassem a causa, porque se antes desta diligen-
cia se derramasse sangue, ficaria por conta dos Reys
vingar a injuria dos vassallos; que entre Portugal
e Castella havia direitos, ■ agravos, que a paz
cobria, que não quizesse soprar ■ fogo sepultado
■ cinzas de hum largo esquecimento; que se os
Castelhanos se retirassem queixosos, facilmente os
tornaria ■ trazer sua melma offensa; que ainda que
desbaratados do mar, e das doenças, se os obri-
gassem a condiçoens injustas, maior força lhes faria
o brio, que ■ necessidade ■ ■ ■ que estavaõ.

17 Fernão de Sousa, entendendo dos rodeos
desta carta, e de outras noticias, que os Castelha-
nos se querião remir com dilaçoens, respondeo,
que deixados argumentos, tratasse de defender com
a espada seu direito.

*Ven-se os
dous Capi-
taens.*

18 Ruy Lopez de Villatobos, vendo desta re-
posta que o entendiaõ, ■ ■ ■ que o desprezavaõ, ei-
colheo deixar-se vencer da razão primeiro que da
força, ■ logo respondeo a Fernão de Sousa, que se
vissem ■ outro dia ■ ■ ■ mar com lós tres compa-
nheiros, para assentarem ■ condiçoens da passagem,
e embarcação, que lhe offerecia; ■ que assi se fez
faindo Fernão de Sousa da fortaleza em huma em-
barcação lustrosamente toldada, ■ emproando com
a dos Castelhanos, que já o aguardavaõ, sobre qual
d ■ ■

Livro Segundo.

dos Capitaens havia de passarle à outra, em cêremónias prolixas gastáraõ largo tempo. Entrou o Castelhana ■ de Fernão de Sousa, onde entre saudaçoens, e urbanidades, abriu ■ conversação porta ao negocio.

19 Tratou Fernão de Sousa ■ grande come- *Acordo que*
dimento das razoens de sua causa, reduzidas ■ es- *toma.*
crituras outorgadas entre ■ Reys de Portugal, ■ Castella, que Ruy Lopez de Villalobos folgou de ver, como quem de nosso direito havia de formar sua desculpa. Assim ficaraõ acordados que dentro de ■ dias viriaõ os Castelhanos meterse dentro na nossa fortaleza de Ternate, onde lhes dariaõ embarcação para a India, levando livremente a roupa, drógas, e armas que tivessem; e que El Rey de Tidore seu faccionario ficaria em nossa graça. As solemnidades com que remataraõ esta concordia, foraõ hum largo banquete, brindando alegremen- te às faudes dos Reys: beneficio, que lhes repe- tiraõ muitas vezes. Ao convite acrescentou Fernão de Sousa o seu Caguete, a uso da India, dando algumas joyas ■ Capitaõ, e companheiros, com que os deixou mais satisfeitos do trato, que do despacho que levavaõ, porque com o leite do cravo laborcavaõ os desabrimentos da terra.

20 Despedidos ■ Capitaens se tornou Fernão de *Falta o Cas*
Sousa ■ fortaleza, contente de alhanar hũ negocio tão *telhano*
escabrozo, por meios tão commodos à sua honra, co- *promessa.*
■ Estado. Ao terceiro dia, que era o apraza- do para os Castelhanos se virem à nossa fortaleza, se poz Fernão de Sousa muy galante para demonstração do gosto com que esperava os hospedes, que foy buscar ao mar. O que sabendo Ruy Lopez des- *L*
pedio

*E o que ni-
stos faz Fer-
nãõ de
Souza.*

pedio huma embarcação da terra, pedindolhe suspen-
desse o negocio para o seguinte dia, porque anda-
va vencendo alguns inconvenientes, de que lhe da-
ria conta. Fernão de Sousa entendendo, que a dila-
ção era cautela, e que o Castelhana faltava no
concertado; como lhe deraõ o recado do mar,
mandou forçar a vóga, e com mais paixão, que
acordo, se foi meter desacompanhado entre os Ca-
stelhanos. O que visto por Ruy Lopez to veo es-
perar à praia com oitenta arcabuzeiros que trazia
de guarda, e levando-o a seus aposentos, lhe deu
conta da alteraçãõ, que entre os seus havia; por-
que Dom Alonso Henriquez Capitão de hum na-
vio, cobrindo seu particular interesse com o zelo
de servir a seu Principe, não queria estar polo ca-
pitulado, e tinha convocados amigos, e homens
inquietaes, que sustentavaõ seu partido, persuadindo
coisas fantasticas a ElRey de Tidore, e a outros
por engrossar seu bando, chamando á sua sedição
zelo, e à moderação do General fraqueza, pois
entregava as armas, e as bandeiras de Espanha,
que jurara defender a vida, e privava ao Em-
perador do Senhorio de tão abundantes Ilhas, e
pobres soldados do fruto, e premio de navegação
tão perigosa; e que os Portuguezes não nação
soberba, e sempre opposta á sua, fariaõ riso, ou
gloria de tão vil rendimento. Porém que elle fa-
bia, que todas estas bizarras armavaõ sobre fal-
so, porque os não estimulava o serviço do Cesar,
nem o zelo da honra, senão o amor do cravo,
de que tinhaõ recolhido quantidades grandes, e
não fiavaõ de nós, que lhes deixariamos levar a
Espanha as novas desta dróga, cuja valia lhes ha-
via

Via de compenlar os perigos, e trabalhos passados. O que entendido por Fernão de Soula, e mais que seguiaõ sua voz, os assegurou nesta parte de todos seus ~~interesses~~ e como o brio dos Castelhanos servia de cuberta ~~em~~ interesse, se viciaõ ao outro dia meter na fortaleza, esquecidos dos brios com que bizarreavaõ.

21 Mas já o estrondo das armas de Cambaya *Proposta de* não sofre esta pequena digressão de negocios meno- *C, ofar ao* res. Governava Coge C, ofar esta guerra com ab- *Capitão de* soluto imperio, livrando o bom successo della, *Dio.* parte ~~em~~ força, e parte nos enganos. Em quanto pois juntava bagagens, e soccorros, que pela grandeza delles necessitavaõ de espaços differentes; escreveo Dom João Mascarenhas, que desejava tirar qualquer escandalo que perturbasse a paz capitulada entre Soltaõ, e o Estado, para que se lograssem com reciproco ~~utilidade~~ os fruitos de tão justa concordia; que no ajustamento passado tinhamos dado consentimento ~~que~~ se fizesse hum ~~tratado~~ entre a fortaleza, e a Cidade, o que se não executara por não mostrar desconfianças ~~em~~ tão tenra amizade; porém agora, que a paz de tantos annos tinha purgado qualquer injusto affecto, convinha satisfazer ao povo, que pedia esta separação, como final da liberdade em que vivia; que quando por aquella parte delmantelamos a Cidade, fora com a ira, ou licença da victoria, e que não queriaõ os mercadores acordar-se cada dia de sua injuria com tão fea memoria; que os finaes do odio, como não estavaõ no animo, não era bem que se conservassem nas pedras derribadas; que pois eramos hospedes em Dio, não convinha dar

leys ~~os~~ Senhores, e que levariaõ asperamente ~~os~~ moradores, que lhes ordenavaõ seus Reys, tolherlho seus vefinhos, que de vassalhos alheos deviamos querer amizade, e não obediencia; que o Soltaõ lhe dera aquella Cidade, a qual determinava engrandecer ~~com~~ novos moradores, ~~os~~ quaes queria mostrar, que aquella fortaleza não estava como freo, se não como amparo de seus habitantes, que ~~os~~ Portuguezes convinha dar grandes fatisfaçoens ao povo, para assegurar huma paz fundada sobre aggravos.

*Resposta do
Capitão.*

22. Por esta carta entendeu Dom João Mascarenhas, que Cosar buscava causas ~~de~~ rompimento, havendo que se lhe concedia o muro, facilitava ~~a~~ empreza; se lho negava, justificava a guerra; e assi lhe respondeo, que em huma paz tão assentada, como Mahamud tinha com ~~o~~ Estado, mais seguro lhe seria derribar paredes, que intentar levantallas; que o muro nem ~~a~~ nós seria de perigo, nem a elles de amparo; que entre ~~a~~ fortaleza, ~~a~~ Cidade estava outro reparo maior que a defendia, que ~~a~~ a fidelidade Portugueza; que do novo Senhorio lhe dava o parabem, e que dos Portuguezes que alli estavaõ fizesse ~~a~~ mesma conta que dos outros vassallos; que ~~a~~ negocio, que propunha, tocava ao Governador da India, o qual estava apresentando a armada para vir visitar aquella fortaleza, que chegado elle lhe communicaria ~~a~~ sua proposta. E logo avisou ~~o~~ Governador do Estado das cousas, que já pelos enviados, que mandara a Cambaya, tinha do cerco noticia mais inteira (recebendo do Soltaõ huma resposta incerta, sem declarar, nem encobrir a jornada, fazendo relação intempestiva.

*E avisa
o Governador.*

peffiva de passadas offensas , como quem (sem alterar ■ paz) queria começar a guerra.

23 Porê m ■ Governador , dando-se todo a este *que occur-*
 ■ negocio , pensando na importancia daquelle praça *re Dio*
 resolveo sobre sua defenſa empenhar as forças todas *com gente,*
 do Estado , sem perdoar ■ despesa , perigo , ■ dili- *e munições*
 gencia. As Cidades de Baçaim , ■ Chául , que craõ
 as mais veſinhas , encomendou affectuolamente os
 ſoscorros de Dio , lembrando-lhes ■ honra , ■ pre-
 mio , ■ obrigação ; ■ logo em Goa mandou aperce-
 ber hum caravelaõ com muniçoens , e baſtimentos ;
 e duzentos e cincoenta ſoldados , que por acharem
 já ■ mares groſſos , chegãraõ ■ Baçaim com traba-
 lho , ■ tentando atravessar a Dio , foraõ ■ ventos
 taõ ponteiros , e furioſos , que tornãraõ a arribar
 deſtroçados.

24 Coge Coſar em quanto não tinha as forças *Traição in-*
 juntas , ■ acommettia com ardís differentes. Com *tentada*
 largas dadivas , ■ promeſſas maiores comprou a fi- *por Coſar*
 delidade de hum ſoldado noſſo , para que no ſilen-
 cio da noite deſſe fogo à polvora , ■ lançaſſe pe-
 çonha na cisterna , e que não podendo conſeguir
 nenhum deſtes intentos , tentaffe dar entrada na
 fortaleza ■ Mouros pelas caſas ■ que vivia , com-
 modas a eſta maldade , por eſtar veſinhas ■ muro.
 O ſoldado temeroſo , ou irrefoluto , deu parte do
 negocio a hum Mourisco ſeu familiar amigo ; e como
 nas traiçoens mais ſeguro he ■ premio de ■ deſcobrir
 q. de as executar , delatou ao Capitaõ mór o caſ , o qual
 ſendo noticia delle por duas vias mais , ■ conſideran-
 do que eſte delicto era ſeo para exemplo , para caſti-
 go , pouco averiguado , ■ que a culpa não merecia
 perdãõ , nem o tempo permittia caſtigo , enviou
 eſte

este soldado a Goa **com** cartas **do** Governador, significandolhe **os** indícios da traição imaginada.

*Preven-
ções de
D. João
Mascarenhas.*

25 E como D. João Mascarenhas tinha a guerra por certa, ordenou que se comprassem **os** mantimentos que na Cidade havia, em quanto aquella paz fingida fazia sombra ao commercio; diligencia, que entreteve, **em** remediou a fome muitos dias; porém logo se alterou a segurança do trato, entrando na Cidade hum Capitão com quinhentos Turcos, mais **a** dispor que **a** fazer guerra. Este trazia novas cartas de Coge Cofar para o Capitão mór, nas quaes cauteloso, **e** importuno, iustava em levantar **o** muro; **e** que Dom João Mascarenhas já não quiz dar resposta, dizendo ao Turco, que **os** Portuguezes não deferiaõ **as** petições escritas com **o** arcabuz no rosto. Não foi este dia **o** primeiro da guerra, sendo da paz o ultimo; porque **no** seguinte entrou Coge Cofar **com** oito mil soldados para dar principio ao cerco, tolhendonos **os** soccorros da terra, porque os do mar começavaõ já **a** impedir **os** temporaes do inverno, que era o mais duro inimigo que a fortaleza tinha. E como esta praça foi o theatro em que os Portuguezes obraraõ maravilhas tão grandes, daremos de seu sitio huma breve noticia.

*ChegaC, o-
far com
gente de
guerra.*

*Descrição
da Dio.*

26 A Ilha de Dio, celebre pela riqueza de seu trato, lastimosa pela **miséria** de seus habitantes, illustre pela fama de nossas victorias, está situada em huma encosta, **a** ponta, que limita o Reyno de Cambaya, **a** altura de vinte dous grãos da banda do Norte. Da antiguidade de sua fundação fabulaõ os naturaes, dandolhe principios mais illustres, que averiguados, cuja memoria conservaõ suas tradições

dições na falta dos escritos. Foi sempre ■ porto da enlcada ■ principal escala, frequentada das náos, que navegaõ a Meca, cuja viãgem fez aos Mouros grata a Religiaõ, ■ ■ commercio. He a Cidade apartada da terra firme por hum esteiro, que em torno a vai cingindo; pola qualidade do terreno he forte, ■ ajudando-se da arte ■ natureza, ■ faz mais defensavel. O esteiro, que ■ rodea, faz duas bocas, huma ao Norte, que por ser aparcelada, ■ baixa, he ■ ■ serviço inutil; outra ■ ■ Sul, tambem desacommodada pola aspereza do rochedo, em que bate. Tem outro canal na face da Ilha, aonde pôdem ancorar navios, e deste recêbe ■ Cidade mais commoda passagem. Não segui ■ fórmula, em que ■ descreve João de Barros, por se haver alterado com a differença dos Mouros que ■ senhoreãrãõ, fortificando-a cada hums delles com varia disciplina, conforme o juizo, ■ ■ variedade dos tempos lhes ensinava.

27 Entrando Coge Cofar na Cidade com oito mil foldados, muitos delles Turcos, trazidos a seu soldo, sessenta peças grossas, em que entravaõ dezoito basiliscos, com munições, e bastimentos de homem que antevia a duração do sitio. Trazia mil Janizaros no campo com avantajado soldo, ■ ■ quacs com sua ordinaria soberba desprezavaõ a empreza, accusando o temor de Cofar, ■ ■ convocar soccorros, e inquietar ■ ■ armas do Graõ Senhor contra quatro miseraveis Christãos, defendidos de huma fraca parede, com os quacs nem na peleija se ganhava honra, nem ■ ■ victoria despojo. Coge Cofar ■ ■ ■ ■ louvava, nem reprehendia ■ ■ animo dos Turcos ■ ■ da victoria fazia mais incerto juizo, ensinado do temor, ou da experiencia, ■ ■ ■ ■ abrir as trincheiras,

cheiras, plantar batarias, formar esquadroens, mostrou que ~~era~~ soldado; e logo que teve posto sitio a fortaleza, fez ~~os~~ Turcos huma breve pratica, dizendo.

*Pratica de
Coge C, o-
far aos
seus.*

28. Companheiros, e amigos, não vos enfi-
narei a temer, nem a desprezar esses poucos Portu-
gueses, que dentro daquelles muros estais vendo en-
cerrados, porque não chegaõ a ser mais que ho-
mens, inda que são soldados. Em todo o Oriente
atègora ~~se~~ acompanhou, ~~se~~ servio a fortuna, e a
fama das primeiras victorias lhes facilitou as ou-
tras. Com hum limitado poder fazem guerra ao
Mundo, não podendo naturalmente durar hum
Imperio sem forças, sustentado na opiniaõ, ou
fraqueza dos que lhes são sujeitos. Apenas ~~tem~~
quinhentos homens naquella fortaleza, e mais
delles soldados de presidio, que sempre co-
stumaõ ser os pobres, ou inuteis; por ter-
ra não podem ter soccorro, os do ~~mar~~ lhes
tem cerrado o inverno. Estão faltos de muni-
çoens, e mantimentos, assegurados na paz, ou
na soberba, com que desprezaõ tudo. Como
são poucos, sempre naquelle ~~mar~~ haõ de assistir
os mesmos defensores, sem haver soldado reserva-
do para o lugar de outro; faltalhes peonagem para
reparar as ruinas da nossa bataria, e por força
os ha de render o trabalho repartido em tão pou-
cos. Estão insolentes com o destreço que fizeraõ
nas galés do Graõ Senhor no cerco desta mesma
fortaleza. A tão honrados Turcos, e valentes ja-
nizaros, como estais presentes, toca acudir po-
la honra de vossa gente, e de vosso Imperio, co-
mo causa mais justa da guerra, que fazemos; que
ainda

; ainda que Cambaya tem exercitos, e soldados, não
 , convem à reputação do Graõ Senhor vingar suas
 , injurias com as ~~sete~~ albeas. Com este fim vos
 , trouxe a esta empreza, porque vos não furtassem
 , outros e gloria de tão justa vingança. Esta mesma
 , terra, que agora estais pisando, cobre os ossos de
 , vossos companheiros, parentes, e amigos, que a
 , cada hum de nós (meparece) estão chamando por
 , seu nome, contandonos as mortes, e feridas, que
 , destes homicidas recebêraõ, esperando por vosso
 , esforço poderem descansar vingados. Estes mes-
 , ~~mas~~ são os matadores de Badur, ingratos ~~em~~ be-
 , neficios, atrevidos à Magestade de Principe tão
 , grande, cuja vingança será grata a todos os que
 , se chamaõ Reys, precisa a todos os que somos vas-
 , sallos.

29 Acabada esta pratica, ~~em~~ querendo justificar *Insta de no-*
 mais a guerra, ou ganhar tempo para esperar soccor- *vo ao Ca-*
 ros, tornou a tentar o animo de D. João Mascare- *pitaõ de*
 nhas ~~em~~ condiçoens mais graves; instando na por- *Dio.*
 cia de levantar o muro, e pedindo, que os naos do
 Soltão, seu Senhor, podessem navegar livres sem
 cartazes de nossos Generaes; injuria, q o Soldaõ tol-
 rava como amigo, e não podia soffrer como Monar-
 cha: Pedio mais, que os naos de mercadores não fossem
 obrigadas tomar aquelle porto; liberdade, q devia ou-
 torgar em beneficio do commercio. D. João Mascare- *Resposta do*
 nhas lhe respondeo, que entre tambores, e bombar- *Capitaõ.*
 das não se faziaõ acordos de amizade; que aquella for-
 zeza estava costumada a dar leys a todos, e não a
 recebela de ninguem; que em breve esperava casti-
 galo, como quebrantador das pazes, e que então
 soffreria seu pesar condiçoens mais duras, escritas

com o sangue de seus mesmos Janizaros.

O Governador mandou a Dio seu filho D. Fernando.

30 Já neste tempo o Governador tinha feito aprestar ~~doze~~ embarcações com estranha brevidade, dizendo aos soldados, que occasião tão honrada só havia de fiar dos seus mimos, que elle trocára agora ~~as~~ prisões de seu cargo pela liberdade de qualquer soldado, que ainda que estava resolutos ~~em~~ ir delcercar Dio, não podia negar ~~as~~ envejas, que tinha ~~em~~ que primeiro que elle haviaõ de vir ~~as~~ braços com ~~os~~ Turcos. E logo chamando a seu filho D. Fernando lhe disse em falla publica.

Eu ~~vos~~ mando filho ~~com~~ este soccorro a Dio, que pelos avisos que tenho, hoje estará cercada de multidão de Turcos; polo que toca a vossa pessoa não fico com cuidado, porque por cada pedra daquella fortaleza arriscarei hum filho. Encommendovos, que tenhais lembrança daquelles de quem vindes, que para a linhagem são vossos avós, para as obras são vossos exemplos; fazei por ~~merecer~~ o appellido que herdastes, acordandovos que o nascimento em todos he igual, as obras fazem os homens diferentes; e lembrovos, que o que vier mais honrado, esse será meu filho. Esta he a benção, que ~~nos~~ deixaraõ nossos maiores, morrer gloriosamente pola Ley, polo Rey, pola Patria. Eu ~~vos~~ ponho no caminho da honra, em vós está agora ganhala.

Com isto lhe lançou a benção, e o encommendou a Diogo de Reynoso, hum dos mais valentes Cavalheiros que passaraõ à India. Neste soccorro foi Sebastião de Sà, filho de João Rodriguez de Sà, que nesta occasião, e em outras deu de seu valor hum testemunho illust-

illustre. Com elle passou D. Francisco de Almeyda, filho de D. Lopo, ■ acompanhar dous irmãos, que tinha já em Dio. Com o mesmo soccorro foraõ Antonio da Cunha, Pedro Lopez de Sousa, Diogo da Sylva, Jorge Mascarenhas, Antonio de Mello, e outros muitos fidalgos, que naquelle tempo andavão apòs os perigos, ■■ se lhes fugirão.

31 Escreveo ■ Governador ■ D. João Mascarenhas huma carta mui honrada, dizendolhe, quanto maior cousa ■■ nesta occasião ser Capitão de Dio, que Governador da India; que naquelle soccorro lhe mandava seu filho D. Fernando, para que depois no Reyno, entre ■■ vanglorias da velhice, contasse que fora seu soldado; que estivesse certo, que todas as forças do Estado se haviaõ de empenhar ■■ defenſa daquella fortaleza; que naquelles navios hiaõ muitos fidalgos moços, cujo orgulho devia moderar, porque ■ obrigação dos cercados só era defenderse; que lhe mandava muniçoens, que bastavaõ ■ esperar segundo soccorro, dous engenheiros, e muitos officiaes mecanicos para reparar as ruínas da bataria, com ■ instrumentos, e materiaes convenientes; no q̃ D. João de Castro não só mostrou zelo de ministro, mas practica de soldado, antevendo ■■ necessidades do sitio, e occorrendo a todas.

32 Já neste tempo D. João Mascarenhas tinha mandado quebrar a ponte, que dava serventia por fima da cava do baluarte Sanctiago à outra banda, mandando fazer outra levadiça. A torre de Sancti- go entregou ■ Alonso de Bonifacio Escrivão da Alfandega; o baluarte S. Thomè a Luiz de Sousa; o de S. João ■ Gil Coutinho; o que ficava sobre a porta, a Antonio Freire; e outro baluarte Sanctiago, que des-

cubria ■ rio, a D. João de Almeyda com seu irmão D. Pedro de Almeyda ; o de S. Jorge ■ Antonio Peçanha ; ■ couraça pequena a João de Venezcanos ; ■ grande ■ Antonio Rodriguez. Por estes Capitaens repartio cento ■ setenta soldados , ficando elle de sobre rolda com trinta , para soccorrer ■ estancias. Com tão pequenas forças esperava D. João tão numerozo poder , como contra si tinha , dispondo com tanta segurança ■ defenſa , que lhe não fazia o perigo ■ ■ ■ ■ ■ , ou novidade. Com ■ ■ muniçoens , ■ mantimentos mandou ter grande conta pola contingencia, em que estava poder receber outros ■ ■ ■ ■ ■ estervos do tempo , e do inimigo. Entre ■ ■ escravos , ■ outra gente inutil para tomar ■ ■ ■ ■ ■ , repartio o trabalho de acudirem ao muro com lanças , panelas de polvora, pedras , e mantimento, por desviar aos soldados de outra occupação mais que ■ da peleija. Nesse ■ serviço entreteve os mininos , os velhos , e as mulheres, para que ■ ■ fortaleza não houvesse pessoa inutil, ou ociosa, pola idade, ■ ■ ■ ■ ■ sexo. E logo juntando ■ ■ soldados no terreiro da fortaleza , lhes disse com alegre semblante.

E falla a 33 , Estes Turcos, e Janizaros, que deste lugar
seus solda- estamos vendo, vem a restaurar com nosco ■ bon-
dos. ra, que no primeiro cerco perdêrão | porém nem el-
 , les valem mais que os que então ■ ■ ■ ■ ■ vencidos,
 ■ nem nós valemos menos que os vencedores. Eu ■ ■ ■ ■ ■
 ■ confesso , que ■ ■ ■ ■ ■ criei sempre com a enveja do me-
 ■ nor soldado, que defendeo esta praça ; pois ainda
 , agora a memoria de seu valor honra seus descen-
 , dentes , que menos conhecemos polo appellido, pa-
 , tria, ou solar , que por filhos , ou netos daquelles
 , que tão gloriosamente acabàrão , ou triumphàrão
 em.

em Dio. Os mais illustres honraráo sua familia ; mais humildes derão ■ ella principio. Trouxenos a fortuna esta empreza àquella nada deffemelhante ; não sepultarão consigo aquelles valerosos Portuguezes toda ■ gloria das armas, ainda ■ deixárão esta, que ■ fará illustres. Não ■ affombre a desigualdade do poder, porque ■ fama não se alcança com perigos vulgares. Navegámos cinco mil legoas só a buscar este dia, para nelle ganhar ■ honra, que ■ não podem dar os Reys, ■ gentes ; porque os Reys dão premios, não dão merecimentos. Não ■ faltaõ muniçoens, nem mantimentos para entreter, o cerco até chegar soccorro ; e ainda que andaõ os mares levantados, por serem ■ tempos verdes, temos hum D. João de Castro, que por debaixo das ondas virá ■ espada na boca ■ soccorrernos, ■ tantos outros fidalgos, e Cavalleiros, que terãõ por injuria ganharmos nõs sem elles a honra que se nos offerece, com a qual não temos, que esperar mais da fortuna, pois seremos contados no numero daquelles que ao Rey, e à patria fizeraõ algum memoravel serviço, cuja honra viemos a sustentar do ultimo Occidente a tão remotas partes. E ■ que mais he que tudo, pecejamos com inimigos de nossa fé, ■ não ■ pòde faltar favor para tão justa causa, pois servimos ■ Deos das victorias.

34 Acabada a pratica, se ouvio logo ■ campo dos Turcos huma grossa salva, com que Coge Cosar festejava hum soccorro de dous mil infantcs, que lhe haviaõ chegado de Cambaya, todos soldados velhos, que faziaõ o soccorro maior naquallidade, que no numero. Acompanhavão esta gente, entre outros, dous Capitães Mogores, pessoas entre os seus de grande nome.

*Entrão
mais soc-
corros ao
inimigo.*

nome. No mesmo dia entrou grão parte da nobreza da Corte, que se alojou separada do Campo, em mui lustrosas tendas, com tal concerto, que não deviaõ nada à policia de Europa. Os nossos com a defestimação da vida divertiaõ o horror de tantos apparatus, animando-se com discursos conformes ao tempo, tirando da necessidade conselho para as cousas presentes.

*Começa a
bater a for-
teza.*

35 Ao seguinte dia, que foi Quinta feira maior deste anno de mil quinhentos quarenta e seis, amanheceo vezinho à fortaleza hum baluarte entulhado de terra amassada, com suas bombardeiras, e nellas algumas peças grossas, e por cima do muro quantida- de de sacas de algodão, forradas de couro cruõ para fazerem resistencia ao fogo; maquina que espantou aos nossos pelo silencio, e brevidade, com que se ha- via obrado; mostrando bem, que não era esta fabrica desenho de multidão barbara, e confusa; porque em todo o conflicto mostrarão igual o valor à disciplina. Logo começarão a bater ditosamente a nossa fortale- za, porque logo cegarão quatro peças, das quaes a sua bataria recebia mais dano.

*Estratage-
ma do ini-
migo em hu-
ma nao.*

36 O bom successo deste dia lhe deu para os ou- tros conselho, formando em cinco noites cinco fortes em proporcionada distancia, para darem géral assal- to por brechas differentes, e que não podiaõ resistir divididos tão poucos defensores. Ao desígnio pudera responder o successo, se o nosso forte do mar, que es- tava a cavalleiro dos seus, lhes não fizera tanto da- no, que julgãrão lhes convinha acudir primeiro ao reparo, que à offensa. Callarão as bombardas dous dias, em quanto, para segurança da primeira fabrica, maquinãrão segunda. Lançarão ao mar huma al- terosa

terosa cheia de polvora, alcatraõ, e outros materiaes dispostos em fogo; estes dispozerão em primeira cuberta; com o ardil reservado para segundo intento; por ãima delles fizeraõ huma grande esplanada, onde podiaõ peleijar quasi duzentos homens, para com elles intentar a escala; ficava a muralha senhoreando o forte, donde com vantagem do numero, e lugar da peleija, entendiaõ que seriaõ nossos entrados facilmente; e quando a resistencia fosse tão porfiada, deixada a nao, lhe pegariaõ fogo, que atcado no forte, o abrafaria sem dano, sem perigo dos seus; e que logo occupadas as ruínas, que deixasse o fogo, sobre ellas levantariaõ outro, donde se pudesse bater a nossa fortaleza, ficando os seus baluartes seguros deste padraõ, com que poderia laborar sem dano a sua artelharria. Estratagema inventado com militar discurso.

37 Da obra, e do intento teve o Capitão mór aviso por espias que trazia no campo, e chamando o Capitão do mar Jacome Leyte, soldado de grande confiança, lhe disse, que lhe não queria roubar a honra que tocava ao seu posto; que estimasse, que a primeira facção deste cerco fosse sua; e praticandolhe tudo referido, lhe ordenou, que na segunda vigia da noite, tivesse tudo aponto. Sahio Jacome Leyte na hora determinada com dous catures, e trinta soldados, remando a voga furda, e emproando com a nao, a começou servir de muitas panelas de polvora; virão os Mouros seu perigo com o mesmo fogo, que estava abraçando, e acudindo às armas, turbados do temor, e do sono, se defendiaõ com huma resistencia tímida, e confusa, impedindo-se huns aos outros com as vozes, e desacordo, caulado do subito acometimen-

*Desbaratada pelos
nossos.*

*E trazida
à fortaleza.*

metimento. Alguns se começaram a lançar ao mar, estes fizeram aos outros caminho, exemplo; em fim entre queixas, alaridos despejaram a nao, fazendo por em arma o campo todo. Teve Jacome Leyte tempo para dar hum cabo a nao, e trazela atoadá; quem o Capitão mór deu muitos abraços, e louvores, estimando este successo por dar à guerra tão ditoso principio. Os Mouros ordenaram que se continuasse a bataria a risco aberto, custandolhes cada pedra, que derribavão da fortaleza, soldados, artilheiros. Não fazia a sua bataria dano consideravel, só o baluarte Sanctiago, ou por mais fraco, por melhor batido, estava por duas partes aberto, e já com roturas capazes de se entrar por assalto, se bem os de dentro se reparavão com alguns travezes, fazendo reparos do entulho, que furtavão de noite.

38 Continuava a bataria não sem effeito, porque já se via o muro por muitas partes aberto, por todas aballado, não podia pelas ameas affomar soldado, que não fosse encravado das settas do inimigo, ou ferido das ballas, que eram tantas, que pareciaõ huma continua salva, doendo pouco a Coge Cofar despende municoens, e arriscar soldados, como quem de tudo estava prevenido, sobrado. Tambem da fortaleza lhe respondia meudo a nossa artilharia com mais dano, porque era tanta a multidão dos Mouros, nenhuma balla se jugava perdida.

39 Instavão os Turcos, porque se desse assalto, porque já em muitos lugares pelas ruínas da bataria se podia subir ao muro; porém Coge Cofar os detinha, ou esperando maior poder, ou querendo, que o trabalho, feridas quebrantassem o orgulho dos nossos, cuja furia esperava domar com lentas armas,

mas, apurando as forças, as munições; e ainda a paciência dos cercados; discurso, que não de todo errado, porque o inverno, que começava furioso, impossibilitava os soccorros necessários, e esforços desde o primeiro dia, em razão de que os defensores da paz, e a subita invazão do inimigo, tinha os nossos menos apercebidos para sofrer o peso desta guerra; sendo nesta parte tão demasiada nossa confiança, que depois do cerco de Antonio da Sylveira, só com respeito daquella victoria se defendia a praça; D. João Mascarenhas se achava só com quarenta barris de pólvora de bombarda, e vinte de mosquete; a estreiteza de mantimentos, como de homens, que primeiro virão a guerra, que a esperassem; os defensores erão duzentos, os mais delles soldados de guarnição, a quem a gloria deste cerco deu a primeira fama.

40 Trazia o Capitão mór solícito o estado das cousas, a incerteza dos soccorros, que importava encobrir tão cautamente aos de casa, como de Diofóra, e não queria principios do cerco ~~ter~~ os mantimentos, e munições, vendo por huma parte ser danoso, e por outra preciso; quando as vigias lhe vierão dar aviso, q̃ huma vista apparecia nove velas, que pela feição dos vasos mostravão serem nossas. Chegão os soldados todos ao muro com o alvoroço desta nova, causando variedade de juizos a distancia da vista, e cerração do tempo; porém dentro de huma hora divisão as bandeiras de quadra, logo com as armas Reaes a Capitania, que com os ventos ponteiros vinha forçando as ondas em demanda da nossa fortaleza. Vinhão todas com flandras, e galhardetes, empavezadas, e guerreiras. Salvão logo

as torres, donde lhes responderão com a mesma cortezia naval. Os Mouros lhe tirarão muitas peças de terra, em quanto davão fundo. Forão desembarcando muniçoens, e mantimentos, tras elles soldados, e o ultimo de todos D. Fernando; ou fosse instrucção do pay, ou brio do filho.

Dom João
Mascarenhas
o recebe.

41 O Capitão mór depois de receber aquelles fidalgos; e companheiros de sua fortuna, sabendo que vinha alli D. Fernando, o foi buscar ao navio, e encontrou a escada da fortaleza, por onde já fobia, e levando nos braços, lhe disse palavras accomodadas a lugar, e tempo, offerecendolhe sua mesma poulada, não quiz aceitar D. Fernando, pedindolhe, que aquella honra lhe poupasse para o tempo da paz, que agora o baluarte mais arriscado havia de ser sua guardaroupa, porque lhe não prestaria o sono hum passo desviado da muralha. D. João Mascarenhas o tornou a abraçar, espantado de ver espiritos varonis em tão verdes.

42 Vinha nos navios quantidade de polvora, armas, e mantimentos, com que se podia entreter o cerco até outro soccorro; tambem se lembrou o Governador de mandar aos enfermos, feridos, remedios, e regalos. Mostrou o Capitão mór soldados a cargo do Governador, em que (como dissemos) o assegurava de sua vinda, para a qual se ficava aprestando com a maior diligencia, e forças, que sofria o Estado; que deu coraçoens a nove cercados, com que já as necessidades, e aprestos da guerra mostravaõ outro semblante; a qual se hia continuando, recebendo Coge Cofar cada dia soccorros, traçando artificios, para que tinha conduzido engenheiros de diferentes partes, que a emulação, e premio incitava a invenção.

inventar cousas novas, que fazia ■ nossos mais attentos ■ perigo occulto, que ao descoberto.

43 Porém o Governador, logo que despedio seu ^{Publica o} filho D. Fernando, mandou pregoar guerra a fogo, ^{Governador guerra} sangue, contra ElRey de Cambaya, como perjurador, ^{contra Cā-} quebrantador da paz, que tinha com o Estado, e ^{baya.} isto com instrumentos militares, ■ solemnidades legais.

para fazer publicas, ■ justificadas ■ causas de huma guerra, que tinha attentos ■ juizos do Oriente todo. Escreveo ■ moradores de Baçaim, lembrando-lhes, que como mais vezinhos lhes tocava a obrigação de soccorrer a Dio; que as outras praças acodião ■ perigo do Estado, elles ■ seu proprio, pois ■ bombardas, que batião a Dio, abalavão os edificios de Baçaim; que elle se aprestava para ir descercar a fortaleza, e fazer a Cambaya as hostilidades possiveis, porque o Estado nunca fizera guerra defensiva aos Reys do Oriente; que lhes pedia estivessem promptos para o acompanhar com navios, e gente, como de tão honrados Cidadãos, e leaes Portuguezes se devia esperar; que o serviço de cada hum ~~deixava~~ em seu mesmo arbitrio, entendendo, que qualquer delles, com a fidelidade, e ~~com~~ de seu Rey, excederia à possibilidade.

44 Na mesma fórma escreveo ■ todas ■ pra- ^{Emprestas} ças, de que podia receber soccorros, achando os ^{mo que pe-} animos dispostos a servir, e despende- ^{de aos mer-} fazendas: ^{cadores.} felicidade, que contaremos por singular em seu governo, como em differentes successos mostrará a Historia. Começou a dar grande calor ■ aprestos da armada; ■ achando o Estado pobre para tantas despezas, pediu aos mercadores grandes sommas sobre sua verdade, que ■ ■ ouro, ■ diamantes, ■

*Rectorre
Deos
preces pu-
blicas.*

que só enthesouràra ; p[re]nda sobre a qual os ho-
mens de negocio lhe off[er]eciaõ tudo : ■ não sei se
entre ■ poderosos correm hoje fazendas desta ley-
■ tanta estima. Mandou fazer oraçoens publicas,
■ secretas , pedindo a Deos amparaſſe a causa dos
Fieis , pois era sua , fiando mais dos sacrificios ,
que das armas. Discorria de ordinario com ■ sol-
dados de experiencia sobre ■ couſas de Dio , não
se inclinando ■ voto mais authorisado , ſenaõ ao
mais experto.

*Tomaõse
aos inimi-
gos muitos
mantimen-
tos.*

45 Em Dio não deſcanſavaõ as armas. Foy ■
Capitaõ mór avisado, que ■ exercito se eſperava
por huma grande càſila de mantimentos , que ſe ha-
viaõ de carregar por aquella coſta de Baſſar até
Damaõ ; ■ que entendido, deſpedio o Capitaõ do
mar Jacome Leyte com tres navios , para que a ſoſ-
ſe eſperar até a Ilha dos Mortos , o qual ſaindo de
noite pela barra fóra correndo a coſta , na qual to-
mou muitas Cotias , que vinhaõ baſtecer o exerci-
to , paſſou os Mouros à eſpada , excepto alguns
que ~~reſervou~~ , para trazer enforcados ■ ver-
gas dos navios , quando entraſſe ■ barra ; o que
aſſi ſe fez , dando com elles ao exercito huma laſ-
timosa viſta , certificado mais do ſucceſſo ■ o
fogo, em que vio arder as Cotias ; os mantimentos
ſe recolhéraõ na fortaleza , que era a dròga mais
importante para ■ tempo.

46 Tinha já Coge Cofar perdido muita gente ,
ſem ver ■ fortaleza , nem nos animos dos cerca-
dos quebra , que lhe déſſe eſperanças de ganhala ;
os noſſos paſſeavaõ no muro com galas , e pluma-
gens , que mostravaõ o goſto, ou deſprezo da guer-
ra que ſoſtinhaõ. Vendo Coge Cofar que estava-
mos

meus senhores do mar com tão pequenas forças, e que ■ provisoens, que recebia o exercito, vinhaõ furtivas, ■ arriçadas, mandou sair huma armada da barra de Surrate, a qual encontrou tres embarcaçoens nossas, que de Baçaim, e Chaul vinhaõ prover ■ fortaleza. Pelcijaraõ ■ Portuguezes desesperadamente, ■■ como ■■ tão desigual o poder, ■■ mais ficaraõ mortos, vendendo tão bein ■■ vidas, que não tiueraõ os Mouros, que festejar na preza, ■■ na victoria. Dom Fernando de Castro pedio ■■ Capitaõ mór licença para sair ao inimigo ■■ alguns navios do soccorro, que lhe não deu, por entender seria diligencia perdida, porque o inimigo fez aquella sahida furtado, e se recolheo logo.

47 Tratou Dom João Mascarenhas de avizar o Capitaõ por terra a S. Alteza do estado das cousas, para ■ de Dio que se lhe offerecco hum Armenio pratico na lingua, e costumes dos Mouros; o qual despachou ■■ arvisa por terra a El-Rey. hum Catür ligeiro, para que o lançasse na costa de Pôr; ■ dahi ■■ trajos de Jogue (que entre ■■ he habito religioso, e pobre) se passasse ■■ Cinde, e dahi a Ormuz, com cartas ao Capitaõ. Este fez a jornada em companhia de mercadores de Baçorà, que o passaraõ a Babylonia pelo rio Eufrates, onde havia de esperar as cáfilas, para atravessar ■■ desertos da Arabia.

48 Continuava Coge Cofar ■■ obras da fortificação com não ■■ perigo que trabalho, ■ com porfia tão barbara, e cruel, que os mesmos corpos dos gastadores, que os nossos matavaõ, lhe serviaõ ao entulho, usando tão deshumana disciplina, quicã por encobrir ■ dano, que começava já ■ ser conhecido.

*Senhoreão
os inimigos
a cava.*

nhecido no exercito, se bem se restaurava com quotidianos soccorros, q̃ por horas engrossavaõ ■ campo. Mandou Coge Cofar affectar nas estancias sessenta peças grossas, ■ que entravaõ Basiliscos, Salvagens, Aguias, e Camelos, sem outra artelitaria miuda, de que ■ maior ■ numero. Aos cinco baluartes, que havia levantado, assegurou com novos muros, cobrindo ■ gastadores com paredes torcidas em tantas voltas, que ■ não podia pescar a nossa artelitaria. Com este artificio chegaraõ ■ Mouros ■ senhorear a cava da fortaleza, onde assentaraõ dezoito Basiliscos, com que tiraraõ quindis dias continuos, fazendo ■ fortaleza tal estrago, que ■ nossos, por ultimo remedio, se reparavaõ com suas mesmas ruínas, fazendo contramuros, e reparos das pedras derribadas.

*Chega o
Soltaõ ■
muita gente.*

49 Tinhamos já perdido oitenta homens, ■ mais de cem feridos, e pola estreiteza, e ruim qualidade dos mantimentos, muitos andavaõ enfermos. As muniçoens em grande parte gastadas tinham reduzidos os nossos a perigoso estado; o que entendido por Coge Cofar de alguns escravos, que fugiraõ da fortaleza, mandou reforçar ■ baterias, crendo, que não poderiaõ durar os animos ■ tão quebradas forças; e logo, como homem, que queria partir com seu Rey ■ mimos de sua fortuna, avisou ao Soltaõ, que estava em Champanel, que se viesse ao campo para lhe entregar ■ fortaleza com ■ primeiro assalto. Na fé desta promessa acodio o Soltaõ com dez mil de cavallo, e grão parte de sua Corte, onde foi recebido com huma salva Real a volta de muitos instrumentos de guerra, ■ de alegria, consonancia, que ■ nossos ouviraõ, aos animos temerosos,

fa, aos ouvidos barbara.

50 Pareceo ~~nos~~ nossos que a alegria do campo solemnizada com duplicadas salvas, feria ~~o~~ recebimento dos Turcos, que esperavão. Logo D. João Mascarenhas ordenou a Fernão Carvalho Capitão do forte do mar, que mandasse huma almadia a tomar lingua, para saber os passos do inimigo, porque as espias que trazia no campo, ou se haviaõ feito dobles, ou eraõ descubertas; o que se fez ~~na~~ mesma noite, trazendonos hum Mouro, que referio a vinda do Soltão, as promessas de Coge Cofar, as confianças da empreza. Mandou o Capitão mór soltar o Mouro, que dissesse a ElRey de Cambaya, que lhe pedia se detivesse no exercito, porque esperava ir lhe pagar a visita a seus alojamentos. O Mouro se foi contente com a liberdade, e assombrado com a resposta do Capitão mór. Foi o Mouro levado ante Mahamud, e referindo as palavras do Capitão, lhe disse, que os Portuguezes tinhão a fortaleza derribada, e os animos inteiros.

51 Coge Cofar mandou continuar a bataria, e dizer a D. João Mascarenhas por Simão Fco (hum prisioneiro nosso, que contra as leys da guerra havia represado) que se espantava de o ver encurralado, sem fair a pelejar ~~no~~ campo, como fazia o bom Cavalleiro Antonio da Sylveira; que mal respondiaõ as obras às palavras; a qual mensagem os soldados com pilouros responderão do muro. Cinco horas durou a bataria, fazendo no edificio já aballado estrago grande. Porém ~~as~~ nossas peças lhe responderão com maior dano, e com melhor fortuna, porque dentro ~~na~~ tenda do Soltão huma bala perdida matou hum Mouro, com quem o mesmo Soltão estava praticando, e co-

*Retira-se
fica Fuzar-
cão em seu
lugar.*

mo estes Mouros Orientaes são credulos em agouros, tomando ElRey o calo, como aviso de algum **sucesso**, quicà cobrindo **superstição** e medo, sahio logo do campo, deixando a Juzarcaõ, hum Abc-xim valente, que **guerras** do Mogor tiràra soldo contra Soltão Mahamud, e agora, como soldado mercenario, fora chamado com algumas vantagens a servir nesta guerra.

*Ação no-
zavel de
Diogo de
Anaya.*

§ 2 Partido ElRey do arrayal, mais bellicofo paz, que no conflicto, retirandose **mesma Ilha** quinta de Melique, dava calor aos loccorros, que cada dia reforçavaõ o campo, porèm D. João Mascarenhas, que polo aperto do sitio não tinha avisos certos dos designios do inimigo, praticou com **fidalgos**, e Cavalleiros quanto importava tomar alguma lingua. Ouvio esta pratica Diogo de Anaya Coutinho, hum fidalgo que vivia do soldo, porèm com espiritos mui dignos de seu sangue; este se offerecco ao Capitão mór, e lançado do muro por huma corda, assegurado do escuro da noite, encaminhou aos ~~quarteis do~~ inimigo, e poucos passos vio junto a si dous Mouros, que estavam praticando; duvidou de os acometter, porque trazer dous não era possível, pelear com elles não convinha; porèm tomando da occasião conselho, derribou com hum bote de lança **hum** delles, e abraçando-se com o outro, que se defendia bradando, mordendo, e forcejando, o levou atè as portas da fortaleza, onde achou o corpo da guarda, que entre louvores, e envejas **levàraõ** Capitão mór com o seu prisioneiro. Referirei agora a circumstancia, por ser maior que o caso. Levou Diogo de Anaya prestado hum capacete de hum soldado, even-do se na fortaleza sem elle, crendo q com a luta, e bra-
cejar

cejar do Mouro ■ perderia, se tornou pela mesma corda a derribar do muro, ■ bulcando-o à vista de hum exercito já alterado . ■ recolheo, e trouxe, tão temerario, como ditolo.

53 Pelos avisos do Mouro soube o Capitão mór, que Coge Cofar ■ e Juzarcão, hum valente, ■ outro desconfiado, fizeram reciprocos juramentos ■ Mafo- ma de ganhar Dio, ■■ acabar ■■ empreza, dizendo, que se nos não podiaõ soportar amigos, mal nos poderiaõ soffrer victoriosos. Com a continuação da batária, lhe rebentãrão muitas peças, em lugar das quaes encavalgãrão outras, batendo furiosamente os baluartes S. João, S. Thomè, e Sanctiago, de que eraõ Capitães D. João de Almeyda, Luiz de Sousa, ■ Gil Coutinho, ■■ quaes sempre com as armas vestidas, sobre ellas mesmas tomavaõ algum breve repouso, sempre constantes ■■ perigo, ■ ao trabalho promptos.

54 O baluarte Sanctiago, como mais fraco, fez maiores ruínas, e já nelle podiaõ os Turcos pelejar quasi iguaes aos nossos ■ não ficou na fortaleza para peito, nem amea, que não fosse arrasada; e do baluarte S. João até ■ de Sanctiago, todo o lanço do ■■ estava aberto, com que ao trabalho do dia succedia o da noite, sendo impossivel, ■ forçoso, tão poucos defensores, com tão quebradas forças, reparar em poucas horas ■ esfrago de huma fortaleza por tantas partes rota; porém todos conformes se dispunhão ao trabalho, que não podiaõ vencer, nem escular.

55 Acodirão as mulheres da fortaleza a acarrear *Valor das* os materiaes para a defenla, sobindo sem temor *mulheres* ao muro, tropeçando em lanças, espadas, e pelou- *de Dio.* ros, vencendo ■ natureza, e o sexo, como se trouxe-

raão coraçõens varonís em habitos alheos; taes houve, que vestindo armas, fizeraõ ■ inimigos rosto, correndo da agulha à lança, do estrado à muralha; entre todas mereceo maior gloria Isabel Fernádez, a quẽ nos Escritores em lugar de elogios, que honrassem sua memoria, chamão: ■ Velha de Dio, celebre por este nome nos Annaes, ou memorias do Oriente. Despendeo parte de seus bens esta grande matrona em presentes, ■ regalos, com que no mais vivo do conflicto, alentava aos soldados, exhortando-os à defenfa, ■ à peleija, com razoens maiores, que de hum espirito, e juizo feminil. En fim a diligencia destas matronas servia de alivio no trabalho, nos perigos de exemplo, acodindo ■ qualquer obra servil, ou arriscada que fosse, promptas, e oportunas.

56 Vendo Coge Cosar, que tudo quanto suas armas arruinavão de dia, nossa industria reparava de noite, maquinou hum artificio mais sutil pela traça, que util pelo successo. Defronte do baluarte S. Thomè, que pola materia, e disposição do sitio estava mais aberto, determinou levantar outro, que lhe ficasse igual, ou eminente. para que batido polo alto derribasse ■ ameias, tolhendo peleijar aos defensores, e ainda de noite, poder fazer reparos, ficando as peças para aquella parte assentadas de dia com pontaria certa. Mandou logo trazer montes de terra, ■ rama, para entulhar ■ cava, fortalecendo a ciplanada com troncos de arvores grossas para lhe assegurar o terreno. A quantidade dos gastadores, que serviaõ o campo, era outro novo exercito, com que a obra medrava sem tempo, e sem medida. Entretanto a artellaria do nosso baluarte jugava com dano do inimigo, porque como esta peonagem servia amontoadas, e def-

e descoberta, não se tirava da fortaleza tiro algum perdido.

57 Reparou Coge C,ofar no dano, por ser grande, ordenando, que a obra se trabalhasse de noite, para que tirando os nossos com pontaria incerta, a vantagem, fosse menor o effeito, mandado fazer maior ruído onde se obrava menos, a fim de que os nossos artilheiros, guiados pelo ouvido, apontassem as peças ao tino do rumor, e dos eccos. O que entendido por D. João Mascarenhas, mandou cobrir de luminarias a fortaleza, para que os gastadores, que trabalhavam amparados do escuro da noite, ficassem expostos ao mesmo perigo, que de dia. Porém Coge C,ofar, que tinha pratica aprendida na milicia de Europa, mandou fazer estradas torcidas, e encubertas, por onde continuaram os Mouros mais seguros a elevação do forte, gastando a nossa artilharia ballas inuteis, e perdidas.

58 Deu o negocio ao Capitão mór cuidado, porque crescendo aquella maquina, não ficava a fortaleza lugar algum seguro, jugando a artilharia do inimigo o cavalleiro dos nossos baluartes, com que dos cercadores aos cercados, não havia lugar vantagem, ficando os Mouros com a do numero tão desigual aos nossos. Posto o caso em conselho, todos conheciaõ o perigo, e nenhum o remedio. Alguns com maior ousadia, que prudencia, votáraõ que laissem os nossos, e lhes estorvassem a obra a risco descoberto, sem ver que era maior o perigo que acomettiaõ, que o de que se livravaõ. Poucos approvaraõ este conselho; nenhum sabia dar outro. Fizeraõ os nossos algumas sortidas, porém de pouco effeito, porque o inimigo poderoso,

e vigilante, tinha com grossa escolta assegurados os postos ■ gastadores; ■■ ■■ ■■ nos apertos grandes. foy ■ perigo ser ■ melhor conselheiro, lembrouse D. João Mascarenhas, que na fortaleza havia huma emi-nencia ■ que sobrelevava o forte S. Thomè, por cima do qual podia jugar ■ artelharía. Aqui mandou en-cavalgar algumas peças ■ as quacs tiràraõ com tão di-
tolo effeito, que ■■ poucos dias derribàraõ aquella
maquina, levantada ■ e caída ■■ o sangue dos que
a fabricàraõ. Porém como esta Hydra tinha tantas
cabeças, empredeo Coge C, ofar cegar ■ cava com as
mesmas ruínas; o que lhe era mais facil, por ser obra
que não havia mister medida, disposição, ou engenho.

59 Começàraõ dous mil piaens ■ cobrir a cava
com ■ materiaes do forte. Entretanto hum grande
troço do exercito com dardos, settas, e espingarda-
ria impedia os nossos assomarse ao muro. Cresceo a
obra, e perigo nos cercados, porque como os altos
da fortaleza estavaõ desmantellados, pouco que su-
bisse o terraplano, ficava igual ao muro. Desvelava-
se o Capitão mór por lhe frustrar o intento, e vacil-
lando nos meios convenientes, alguns velhos criados
na fortaleza, lhe disseraõ, que no lugar onde esta-
vaõ, tinha o muro hum postigo, que ■ discurso dos
tempos cubríra com terra movidiça, e que por aquella
parte sem risco, e com facil trabalho se podia fur-
tar o entulho. Pedia a necessidade execução prompta;
mandou cavar ■ Capitão mór, e achou o postigo ac-
commodado a seu intento. Sabiaõ os nossos de noite,
e furtavaõ ■ entulho por baixo, deixando a superfi-
cie vã, que cobria os vazios, solidos na apparencia
do inimigo; porém como aquella terra estava no ar
violentada, trouxeá seu mesmo pelo ■ centro, cain-
do

do todo aquelle vulto fantastico à vista do inimigo.

60 Foi logo avisado Coge Cofar da industria, com que lhe frustramos tão cūstofo trabalho, ■ acudindo àquella parte, impaciente ■ contraposição que achava ■ todos seus desenhos, sahio da fortaleza hum balla perdida, que ■ meio de hum esquadrão de Turcos, lhe levou ■ cabeça. Houve no exercito sentimento publico pola falta de tão grande soldado. Virão os nossos com destemperadas caixas, ■ arrastadas bandeiras dar sepultura ■ corpo com todo ■ funeral militar, e politico, que ensinou ■ vaidade da guerra. Jurou logo seu filho Rumecaõ sobre o sangue do pay tomar justa vingança, que entre elles a dor, e a ira he a ultima piedade, que offerecem em sacrificio ■ seus defuntos.

Morre Coge Cofar de hum balla.

61 Succedeo Rumecaõ ■ pay no odio, ■ cargo, continuando ■ guerra com a obrigação de General, e sentimento de filho, tão empenhado pola dor, como polo officio. Mandou continuar por seis partes ■ entulho da cava, sendo por horas foccorrido o exercito de gastadores, bastimentos, muniçoens, e soldados, crescendo por toda parte a obra, que Rumecaõ esforçava, como disposição para nos dar assalto. Tratou taõbem de continuar a maquina, que ■ pay começara, contrapondo hum artificio ■ outro; lavrou seis estradas encubertas, que todas hiaõ a parar ■ postigo da fortaleza, por onde os nossos lhe limpavaõ o entulho; estas hiaõ fechar sobre ■ ponte de madeira, que naquelle lugar tinhamos levantado para o mesmo intento de lhe furtar a terra, sobre que armavão a maquina, que temos referido, e sobre a ponte lançaraõ pedras, e traves, de tamanha grandeza, que a fizeraõ encurvar ■ pelo, ■ logo virse a ter-

Succedeo Rumecaõ seu filho.

■ terra, não sem dano dos servidores, que por de baixo della andavaõ recolhendo a terra. O que visto pelo Capitão mór, mandou cerrar o portigo por ficar já esta ferventia inutil, ■ evitar alguma subita invazão do inimigo, o qual sem estorvo continuava a obra, em quãto os nossos vacillavaõ em descobrir algum engenho, ■■ força, com que pudessem contrahar fabrica tão danosa, porque os Mouros com festas, e algazarras, mais mostravaõ gozar já da victoria, que espectrala.

62 A estes cuidados succediaõ outros não menos pesados, porque já não havia ■■ fortaleza duzentos homens defensores, huns rendidos do trabalho, outros de enfermidades, e feridas, mais necessitados de reparar as forças, que de offerecelas a segundo trabalho. E nos soldados ordinarios já a desconfiança hia abrindo porta ■■ temor. Faltavaõ muniçoens, e mantimentos; os mares verdes, o inverno furioso, tiravaõ toda a esperança de soccorro, pois nem para o pedir, nem para o receber era ■ tempo opportuno.

O Vigairo
João Coelho
vai ao
Governador.

63 Era Vigairo da fortaleza João Coelho, que sobre ■■ virtudes do Sacerdocio, tinha resolução para emprender qualquer justo perigo. Este se offereceo ■■ Capitão mór (a quem era singularmente aceito) para a respeito dos temporaes, tentar ■■ mares, e aportando em Baçaim, ou Chaul, significar aos Capitaens com certeza de vista, o estado das cousas; ■ dahi avisar ■■ Governador por correos de terra, prometendo ■■ fé do habito voltar ■ Dio com a primeira reposta, como fiel companheiro da fortuna de todos. O Capitão lhe mandou logo esquipar hum Catür com doze marinheiros, onde ■■ deixa:

o deixaremos lutando com as ondas até darmos razão do successo, que teve viagem tão animosa, e pia.

64 Os Mouros trabalhavaõ por força no entulho da cava, mas Rumecaõ cruel, e imperioso, os mandava morrer, ou aturar no trabalho, de que recebiaõ por premio, na mesma obra, miseravel sepulchro. Em fim chegãrãõ a igualar a cava, pelo baluarte de Gil Coutinho, que se não podia entulhar, atravessãrãõ grandes mastos com tavoas pregadas, que lhes serviaõ de ponte, para picar o muro, o que se lhes não pode defender com a artilharia por trabalhar cubertos.

65 Ordenou logo D. João Mascarenhas humas cadeas grossas, que do muro alcançassem à ponte, das quaes pendiaõ muitas sacas de gunes, envoltas em polvora, salitre, e outros materiaes faccis fogo, as quaes lançadas, ateãrãõ na ponte com tal braveza, que logo desfizeraõ. Acudio Rumecaõ a sustentar a obra com novo madeiramento, maior copia de servidores, soldados, huns que assistiaõ a defenfa, outros ao trabalho, a que os nossos se oppozeraõ, dandolhes miudas cargas de artilharia, e espingardaria, de que o inimigo recebeo grande dano; mas insistia Rumecaõ na obra tão porfiadamente, que por fim dos mortos fazia sobir outros, que ainda que violentados, venciaõ o perigo com a obediencia. Chegou em fim por meyo de tão custoso trabalho igualar a cava.

66 Conhecendo pois Rumecaõ o estado que achavamos polos poucos defensores, que occupavaõ postos, quiz tentar animos, cren-
do, que em tão perigoso estado ensina-
ria

Partidos
que aos
nossos offe-
rece Ru-
meçaõ.

ria ■ ração, e ■ natureza, ■ não engeitar as vidas. Cerrada a noite, ouviraõ ■ do baluarte Santiago bràdar pela vigia ■ lingua Portugueza, dizendo, que era Simão Fco, que queria fallar ■ Capitão mór em negocio importante. Foi logo avistado Dom João Mascarenhas, e pondo-se ■ o soldado à falla, elle lhe disse, que era Simão Fco, que vinha mandado por Rumeção, que affeiçãoado ao valor de tão grandes soldados, lhes queria poupar as vidas, que agora desesperadamente defendiaõ; que bem via ■ fortaleza arruinada toda; a maior parte dos defensores enfermos, ou feridos sem esperança alguma de soccorro, faltos de munições, ■ mantimentos; que não quizessem parecer obstinados, afeando com ■ temeridade dos fracos ■ muito que tinhamos obrado; que nos rendessemos, porque para gloria sua desejava conservar vivos tão valerosos inimigos; que ■ faria todos os partidos honrados, deixando-nos com a liberdade as fazendas, e ■ navios para nossa passagem; ■ que não aceitando, passariamos pelas leys da guerra, ■ pelas licenças que dava ■ estragos ■ ira, e a victoria. D. João Mascarenhas lhe respondeu, que a fortaleza, onde estavaõ Portuguezes, não havia mister muros, que no campo ■ defenderiaõ ■ poder do mundo, que esta verdade conheceria ■ primeiro assalto: que tratasse de pedir ao Soltaõ mais gente, ■ melhores soldados, que os Portuguezes desprezavaõ victorias tão pequenas; que ■ ruínas da fortaleza esperava reparar com cabeças de Turcos; que se lhe faltassem mantimentos, ao seu arraial ■ iria buscar como despojos; que ■ quanto seus soldados tinhaõ ■

*Resposta do
Capitão
mór.*

naõ lhes podia faltar nada entre seus inimigos | que a boa passagem que lhes offerencia , esperava fazer ceder com a espada na mão por meio de seus esquadros armados; e a este Simão Fco dizia , que ainda que repetia forçado palavras alheas, naõ tornasse com segunda mensagem, porque o mandaria espingardear do muro.

67 Vendo pois Rumecaõ , que dos perigos , trabalhos , fomes, nos serviamos como de alimento , injuriado com desprezo desta reposta , determinou dar o primeiro assalto. Amanheceo nosso hum temeroso dia , que foi dezanove de Julho deste anno de mil quinhentos quarenta e seis; em rãda da fortaleza appareceo o exercito inimigo. Juzarcaõ mil e quinhentos soldados escolhidos acometteo o baluarte S. Joaõ , de que era Capitão Luiz de Sousa , acompanhado de D. Fernando de Castro , Sebastião de Sá , Diogo de Reynoso , Pero Lopez de Sousa , Diogo da Sylva , Antonio da Cunha , e de outros fidalgos, e soldados, que naõ passavaõ de trinta. Estes esperãraõ o primeiro impetu do inimigo , com tanta gentileza , que rebatãraõ os primeiros oitenta que subiraõ , mostrando dano que recebãraõ nas vozes , no sangue , e caída. Logo lhes succedãraõ outros , fazendo-lhes a subida mais facil os corpos dos que cahiraõ mortos. Juzarcaõ inflammava com a honra , com o premio , com a vingança. Os ares feridos de instrumentos de fogo , e de vozes humanas , faziaõ nas paredes da fortaleza huma impressaõ medonha. A bataria continuava nos outros baluartes em São Joaõ , e São Thomè o assalto ; porque fossem mais facis de render forças, sobre pequenas, divididas,

Assalta o inimigo o baluarte S. Joaõ.

*E o de S.
Thomé.*

68 Rumecaõ com ■ Turcos assaltou o baluarte São Thomè, de que eraõ Capitães Dom João de Almeyda, ■ Gil Coutinho; ■ como gente pelo valor escolhida, pela nação soberba, arremetendo taõ furiosos, que pelas lanças dos nossos intentavaõ subir atravessados, buscando pela morte a victoria. Elles tinhaõ ■ vantagem do numero; a do lugar ■ nossos, e ■ que tinhaõ cavalgado ■ muro, ■ haviaõ de entrar victoriosos, ou morrer estropeados, porque lhes ■ mais perigosa a retirada, que ■ peleija. O inimigo sempre com nova gente reforçava o assalto, os nossos valendo-se de hũa meſmas forças, se mostravaõ superiores ■ primeiros, iguaes ■ ultimos. As mulheres acudiaõ com armas, e panelas de polvora, vestindo os espiritos do tẽpo naõ os da natureza. Algumas com regalos, e bebidas alentavaõ aos soldados, e naõ podendo mostrar esforço proprio, serviaõ ao alheio. Taes houve, que com exhortações os animavaõ, merecedoras de forças varoẽs em coraçoes tamanhos; mas nos feitos deste cerco contaremos os seus pelos mais raros, se naõ pelos maiores. Via-se hum monte de corpos mortos ■ pès dos baluartes, huns desangrados do ferro, ■ outros abrasados do fogo. Alguns agonizando entre ■ ira, ■ a dor, pediaõ vingança ■ tal vez ■ que hiaõ a satisfazelos, acabavaõ primeiro. Enfim os nossos este dia fizeraõ cousas maravilhosas, mais facéis de ajuizar pelo successo, do que pela escriptura: porque sempre ■ particularizar accidentes, he a verdade incerta; mòrmente ■ acontecimentos da guerra, onde a ira, ■ o temor, e outros affectos, arrebatãõ o juizo de maneira, que apenas poderia cada hum

scr

ser Chronista fiel de suas mesmas obras.

69 Dom Ferrando de Castro mostrou este dia *Resistencia dos nossos.* esforço igual ■ seu sangue, maior que seus annos. Sebastião de Sá nos deixou de seu valor huma clara memoria, até que atravessado de huma setta ervada por hum joelho, cahio quasi mortal, ■ não podendo sustentar a peleiça, não queria deixala: Foi enfim retirado dos companheiros com lastima, e enveja, deixando já ~~XXX~~ inimigos seu sangue bem vingado. Todos em fim obraraõ taõ valerosamente, que este só dia bastava par ~~XXX~~ f. ~~XXX~~ soldados. Depois de duas horas de peleiça, parecia q̃ começavaõ o assalto, obrando Rumeçaõ, como quẽ queria acabar a guerra em hum só dia; mandou peleiçar ■ naçoens divididas, ou para que ■ emulaçaõ as incitasse, ou por conservar melhor a obediencia; e elle, mandando, e peleiçando, com a voz, e ~~CXX~~ o exemplo os obrigava; e não se fazendo d'osangue, que via derramado, louvava ~~XX~~ louçados, afrontava os remissos, mostrando entre o horror das armas, colera com acordo. Dom João Mascarenhas se mostrou não só Capitaõ, ~~XXXX~~ ainda companheiro de todos ~~XXXX~~ maiores perigos, peleiçando, e governando taõ sabiamente, que não ficou devendo nada ao valor, menos à disciplina.

70 Vendo Rumeçaõ ■ muitos mortos, que estavam em torno dos baluartes, e que ■ seus acodiaõ já com obediencia mais remissa, mandou tocar a recolher; retirando com pressa os mortos, ■ feridos, como para cobrir aos seus o dano, aos nossos a victoria, porẽm delles mesmos foubemos, que perderaõ quinhentos soldados neste assalto, muitos mais os feridos; dos nossos morreo hum só solda-

Retirase o inimigo com perda.

do, ■ feridos foraõ ■ de vinte. Nesta desproporção se vê, que não se alcanço a victoria só com forças humanas, e que Deos defendia a causa como sua, sendo de seu poder novas ■ felices instrumentos; de que ainda nos mostrará ■ Historia argumentos maiores.

71 Recolhido ■ inimigo, chamou o Capitão mór os nossos ■ segundo trabalho; ■ qual lhes fez mais facil, ou ■ necessidade, ou ■ victoria. Era preciso reparar as ruinas da fortaleza; sendo ■ pedras, e o barro ■ leitos molles, ■ que ■ nossos haviaõ de restaurar as forças já tão quebradas; acodiraõ todos, faceis, e alegres ■ serviço, a que o Capitão mór os obrigava com seu proprio exemplo, vencendo, depois dos inimigos, a mesma natureza. Amanhecco a fortaleza em parte repárada, respirando os nossos ■ trabalho, como em novo descanso; não lhes fazendo o pelo das armas differença da noite ao dia. Ficou o inimigo tão cortado deste assalto, que se não atreveo em muitos dias vir com ■ nossos a braços; fazendo-o a experiencia mais cauto, ou temeroso. Tentava a fortaleza por momentos com algumas arremetidas leves, pa- ■ quebrantar os nossos com rebates continuos, e notar ■ disposição dos animos ■ occupar dos postos; não cessava porèm ■ bataria, intentando enfraquecer nos com hum lento assedio; mas como cada dia engrossava ■ campo com diversos soccorros, e o Soltaõ significava o empenho em que estava nesta guerra, resolveo Rumeção dar segundo assalto à fortaleza.

72 Considerando porèm ■ dano, que havia recebido, peleijando com tão superiores forças; entendeo

tendeo que ■ estrago dos seus devia ter causas maiores, para o que convinha applacar o Prophéta. Ordenou logo, que se tirasse huma bandeira com ■ figura de Maomé, e com ella désse o exercito diversas voltas em torno da Mesquita, e com outras expiaçoens barbaras, ■ ridiculas, tivessem ■ Mafamede applacado, ■ propício, cuja ira retardasse seus ■ victoria. Fernão Carvalho, Capitão do baluarte do mar, vio discorrer aquella noite o exercito com graõ copia de luzes, ouvindo a tempos ■ vozes, e clamores, que logo paravaõ em subito silencio, e tornavaõ ■ rebentar em huns gemidos de multidaõ confusa, succedendo aos ays, ■ alaridos, ■ instrumentos de guerra; ■ nesta supersticiosa vaidade occupavaõ muitas horas da noite. Deu ■ Fernão Carvalho cuidado ■ novidade, de que não pode fazer juizo. Avisou com tudo a D. João Mascarenhas do que vira; que entendeo seriaõ disposiçoens para o assalto; ajuizadas de algum barbaro culto, ou superstioso rito, com que entendiaõ conciliar a indignação de seu falso Prophéta.

73 Apercebeose o Capitão mór para esperar esta segunda invazaõ do inimigo, achando a todos os soldados espiritos sãos em forças tão quebradas; os feridos, e enfermos desemparravaõ ■ leitos, e os remedios; mais promptos ■ buscar o perigo, que a faude. Dom João Mascarenhas obrava, ■ dispunha ■ cousas necessarias à defenſa com valor, e juizo. Amanheceo o inimigo sobre ■ fortaleza (ainda mal declarada a luz do dia) com vozes, ■ alaridos medonhos entre bellicos instrumentos, que fazia mais temerosos ■ silencio da noite. Vinha o exercito dividido em tres esquadras; traziaõ diante, entre

Outro assalto.

entre outras humna bandeira , que citava figura-
do seu Prophéta , para que os incitasse junta-
mente a Religião , ■ ■ Regalia. Ao mesmo tempo
assaltaraõ os baluartes S. João, e S. Thomè , e a
guarita de Antonio Peçanha , com tanta furia ,
que lhes não deixava ver , nem temer ■ perigo ;
porèm foraõ recebidos dos nossos de maneira , que
voltaraõ mais de pressa do que haviaõ subido , ca-
hindo muitos mortos , ■ mais feridos , ■ outros
abrazados do fogo. Ouviaõ-se as vozes de Juzarcaõ, e
Rumecaõ , que incitavaõ ■ outros a escalar ■ ba-
luartes. Estes subiraõ de refresco , favorecidos da
escopetaria do exercito, innumeraveis settas , e ou-
tros tiros missivos. Aqui se atcou com graõ calor
■ assalto, instando os Turcos por restaurar a opiniaõ
perdida , peleijavaõ estimulados da furia , ou da
vergonha , porfiando a sobir por entre o ferro , e
fogo , como homens que estimavaõ ■ vida menos
que ■ victoriã , assim chegaraõ ■ igualar-se com ■
nossos , peitando corpo a corpo sobre o baluarte.

74 Luiz de Sousa , D. Fernando de Castro , com
■ fidalgos, ■ soldados de sua companhia deraõ neste
dia novo credito a nossas ■ ■ , obrando de manei-
ra , que Rumecaõ ■ nomeava aos seus , humas ve-
■ para exemplo , e outras para injuria. Os Turcos
tinhaõ por momentos soccorros successivos; os nossos
sempre ■ mesmos , taõ valentes se mostravaõ ■
ultimos , como aos primeiros. Fervia ■ guerra ■ to-
dos ■ lugares. Dos inimigos eraõ já muitos mortos,
ou estropeados ; porèm o furor , e a ira , ■ enco-
briaõ , ou desprezavaõ o dano ; porque sobre o corpo
daquelle que cahia , estribava outro o pè para arro-
jar a lança , ■ peleijar mais firme , inventando o ar-
dor ,

dor, e a impaciencia da victoria, novas finezas, ou crueldades novas.

75 Entràraõ em o buluarte S. Thomè, que sustentàraõ por hum espaço largo, cahindo huns, e succedendo-lhes outros. Aqui foy grande a furia do inimigo, e tambem o estrago. Os tres irmãos Dom João, D. Francisco, e Dom Pedro de Almeyda se mostràraõ taõ irmãos no valor, como sangue, sustentando o pezo de tantos inimigos o tempo que durou o assalto. *Entrão os Turcos o baluarte S. Thomè.*

76 Os Turcos do terço de Rumecaõ peleijavaõ com o nòssos corpo a corpo iguaes no sitio, numero maiores; o perigo acrescentou o esforço. Dos que entràraõ no baluarte, poucos baixàraõ vivos, mas como tinhaõ já esta porta para a victoria aberta, a todo risco queriaõ sustentala. Rumecaõ, como este era o primeiro favor, que lhe deraõ as armas nesta guerra, com louvores, e promessas acendia o orgulho dos Turcos. Entre os nòssos se deramou hum voz, que o baluarte era ganhado; esta fama, ou fosse ardil, ou caso, pudera perder a fortaleza, porque os que nas outras estancias peleijavaõ, quasi tinhaõ desemparedado os pòstos por foccorrer o baluarte, que haviaõ por perdido; principalmente os que guardavaõ as casas da banda da rocha, acodiraõ com tanto impetu ao foccorro, que se aliviàraõ em parte os companheiros, que do trabalho, e feridas, tinhaõ já as forças lassas, e quebradas.

77 D. João Mascarenhas andou pelas estancias certificando a todos, que estava por nòs o baluarte, e do valor com que nelle se peleijava; que Rumecaõ estava vendo o destroço dos seus, que banhados em sangue

Juzarcão
en-veste
Couraça.

sangue, se precipitavão do muro, acabando de percer ■ queda. Durava ■ assalto, e com ■ mortes, e feridas, parece que cresciam em ■, ■ outros inimigos as forças, e ■ braveza; o que considerando Juzarcão, crendo que os poucos defensores, que tinha ■ fortaleza, estariam nos baluartes escalados, saíndo do conflicto, se foi com alguns soldados torneando ■ muro, ■ chegando àquella parte da fortaleza, que chamaõ a Couraça, ■ qual ■ natureza fizera defensiva, sem arte, pola altura, ■ aspereza do rochedo, em que o mar batia, e vendo que estava deserta, sem presidio, ou vigia, entendeu, que ■ qualidade do sitio nos tinha assegurados; ■ mandando chamar hum Sangiaco de cem Turcos, ■ prevenir escadas, começaram a sobir por aquella parte sem que fossem vistos, nem resistidos, porque os soldados que estavam alli de guarda, com ■ nova do baluarte S. Thomè ser perdido, desamparando o posto, que guardavão, com mais valor que disciplina, se forão a soccorrello.

Valor de
hum mu-
lher Portu-
guez.

78 Subiram os Turcos ousadamente ■ rocha, ■ forão demandar humas casas, que estavam encostadas à Igreja de Sanctiago, e davão passo a hum varanda baixa, em que logo arvoraram escadas para subirem outros; e Juzarcão de fóra os animava, crendo que havia roubado a Rumecão a honra, e ■ victoria. Ganharam ■ Turcos as casas, pelas quacs forão descendo à fortaleza, e hum mais atrevido, ou diligente, entrou em casa de hum mulher casada, pedindolhe dinheiro com seguro da vida; a pobre da mulher cortada do temor mostrou que sabia a buscalo, ■ entrando na casa de outra vizinha, lhe contou desmayada o perigo em que estavam; e esta com o sobressalto da nova, deu aviso a outra, a qual com acôrdo, e forças

ças de varaõ, tomou huma chuça, indo a demandar a casa, em que os Turcos estavam, vio hum delles à porta, como vigiando o que passava fóra, remetendo elle, tirandolhe alguns botes de chuça, e fez recolher dentro, ficandolhe o juizo tão livre no perigo, que teve acordo para cerrar a porta, e animo para esperar os Turcos, e impedir-lhes a saída; dig-nos por certo, que entre os Varões mais claros ficasse sua memoria.

79 As mulheres, que viviaõ para aquella parte assombradas de hum temor tão justo, foram em demanda do Capitão mór, gritando: Turcos na fortaleza; qual acharão com tres soldados correndo os baluartes, ouvindo as vozes das mulheres, não menos acordado, que animoso, mandou que se callassem, levando-as consigo por guia a casa, onde estavam os Turcos; despedindo hum soldado dos que o acompanhavaõ, lhe mandou que tirasse alguma gente dos baluartes, que menos apertasse o inimigo, estando o perigo da fortaleza aos que pelejavão; e logo despedio outro soldado, para que lhe trouxesse a gente, que achasse derramada por fóra das estancias. No caminho se lhe ajuntou Andre Bayaõ com outro companheiro; e chegando à casa onde estavam os Turcos, vio aquella mulher, que os tinha encerrados, defendendolhes a saída com esforço mais que varonil; faltandolhe na vida premio, nesta Historia nome.

Acorda o Capitão mór.

80 D. João Mascarenhas, havendo por prelagio da victoria achar em huma mulher valor tão novo, sabendo della, que estavam os Turcos encerrados na casa, mandou a hum Abexim, que acafo alli appare-

Q

recera,

*E lança fo-
ra ■ inimi-
gos.*

recêra, q̃ lhe trouxesse hũa panela de polvora, e por-
que se despachava lentamente, lhe travou de hum
braço, ■ tempo que do eirado da Igreja, onde já esta-
vão alguns Turcos, sahio hum pelouro, que matou
o Abexim, servindo ■ Capitão de escudo. Chegou
logo hum soldado com hum panela de polvora, e
tomandolha das mãos D. João Mascarenhas, lançan-
do de hum vaivem as portas dentro, a quebrou entre
■ Turcos, onde o fogo abraçou ■ mais delles, sem
lhe tocarem muitos pelouros, q̃ de dentro tirãrão com
pontaria certa; ■ que a muitos pareceo fortuna, a
outros mysterio; ■ mostrandose neste dia igualmente
Capitão, que soldado, cuberto de hum rodela com
■ espada na mão, envestio os Turcos com mais quatro
que o acompanhãrão, ■ à força de cutiladas ■ levou
atè a varanda, onde os apertou tanto, que ■ fez pre-
cipitar da rocha com igual perigo ao de que fogião,
porque os mais delles mortos, ou estropeados, pere-
cerão ■ queça.

*Sobem
Turcos à
Igreja.*

*Vai o Ca-
pitão mòr ■
elles.*

81 Aqui sei D. João Mascarenhas avifado, que
sobre o eirado da Igreja se viaõ muitos Turcos com
dous guioens arvorados, os quaes do alto começã-
o a escopetear ■ nossos, que já vinhaõ chegando. Foi
aqui grande o perigo, porque como tudo eraõ ■
de fogo, obrava menos o valor, que a contingencia.
Os nossos eraõ menos de sessenta, ■ Turcos mais de
cem. E vendo D. João Mascarenhas, que ■ quanto
aquelles sustentavão o lugar, crelciãõ outros, man-
dou que lhe trouxessem escadas, ordenando ■ caso, e
■ necessidade, que na sua meisma fortaleza dêsse elle
o assalto. Encostrarão os nossos ■ muro hum peque-
■ escada, ■ o primeiro soldado, que se lançou a ella,
voltou logo derribado de muitas lançadas, que ■
Tur-

Turcos lhe deraõ. Chegarão logo escadas mais capazes, ■ arrimadas ao muro, querendo o Capitão mór subir primeiro, lhe fizeraõ os soldados justa força para que não passasse. Acommettêrão ■ nossos a subida pelas paredes do Apostolo Sanctiago, cuja ■ Igreja era, assegurantolhes o lugar a victoria. O sitio fazia desigual a peleija, huns firmes, outros dependurados quebrãrão duas escadas, porque entre ■ nossos a competencia, e o ardor de qual havia de subir primeiro, era outra nova guerra. O Capitão mór com ■ palavras, e com o exemplo animava ■ soldados, mais por officio, que por necessidade. Andava a briga mui travada; dos nossos alguns caíraõ mortos, nenhum se retirou ferido. Nos que estavam debaixo, a impaciencia de não ter lugar para subir, causava maior dor, que as feridas, que viaõ receber aos companheiros, porque ainda em tão prolixo, ■ perigoso cerco os não fartava ■ guerra. Cortavão-se huns aos outros com estranha crueza.

82 Juzarcão animava, e soccorria os seus com nova gente; assi encheo brevemente de soldados o lugar donde peleijava, que ■ o cirado, ou abobeda da Igreja. Enfim os nossos a preço de seu sangue ca- *E retirãõ* Valgãrão ■ ■ ■, depois de porfiada contenda, mol- *se.* trando a differença do valor ■ desigualdade do lugar, ■ do numero. Tres horas largas durou ■ briga, na qual ■ poucos que nella se achãrão, obrãrão de maneira, que merecia só esta facção particular Historia; porèm nem ainda os nomes lhes achamos escritos, havendo merecido com seu sangue mais distincta memoria. Forão mortos quasi todos os Turcos, huns na quèda, outros na resistencia; e sempre seriam ■ melhores ■ que merecêrão ser escolhidos

para facção tão grande.

83 O Capitão mór entendendo, que ~~na~~ baluartes inda durava o assalto, levou ~~os~~ companheiros a descansar ~~em~~ segundo perigo; ■ visitando as estancias achou ~~os~~ nossos tão empenhados ~~na~~ resistencia, que parecia, depois de quatro horas, começar o assalto. Ao pé dos baluartes estavam tantos mortos, que lhes faltava a terra, cujos corpos facilitavão a subida do muro. Rumecaõ de fóra animava, ou reprehendia aos seus, segundo o brio, ~~na~~ fraqueza com que se combatiaõ, incitando-os com premios, ~~na~~ castigos, mostrando em todas ~~as~~ facçoens deste cerco valor, ■ disciplina. D. João Mascarenhas não descansava, ordenando, ■ provendo o necessario em todas ~~as~~ estancias, de sorte, que em nenhum perigo ■ achavão ~~os~~ companheiros menos. Neste dia, que foi do Apostolo Sanctiago, parece que nos quiz mostrar o Santo, que era a victoria sua, não menos poderoso contra Mouros agora na Asia, que antes ~~na~~ Hespanha.

Morte de
Juzarcaõ.

84 Durava a briga de huma, e outra parte cruel, e temerosa, ■ Juzarcaõ com a dor viva de não effeituár a escala da fortaleza, que lhe foi tão custosa, vinha com ~~os~~ soldados de sua obediencia dar calor ao assalto, porêm de hum pelouro da fortaleza, que lhe deu pelos peitos, cahio atravessado, ■ morto. E como ~~o~~ pessoa de tanta conta pelo valor, e posto que occupava, foi logo ■ nova derramada pelo exército, e chegando aos ouvidos de Rumecaõ, ■ recebeu com grande sentimento; ou fosse temor, ou piedade; mandou logo tocar ■ recolher, e retirar o corpo de Juzarcaõ; perda que se não pode encubrir aos seus, que como fosse sobre outras muitas, ajuizavão, que já a victoria não valia o que tinha custado; e quando bem a alcan-

cançasse quem havia de ficar que lograsse o triumpho? Que nem se mostrava o Propheta estar contra elles indignado, pois soffria ver sua bandeira ignominiosamente rota; ■ estas considerações juntavão outras, accusando ■ fortuna do General, ■ as causas da guerra, avaliando como culpas ■ desgraças presentes. Rumeção curava estas desconfianças com varios artificios, cubrindo ■ perda dos seus, ■ encarecendo a nossa; pondolhes diante dos olhos as merces do Soltao, e ■ fama, como parte melhor do premio que esperavão. Em este assalto perdemos sette soldados, ■ feridos trinta; dos Mouros passou de mil o numero dos mortos, ■ foraõ perto de dous mil ■ feridos.

E de muitos Turcos.

85 D. João Mascarenhas, depois de ordenar ■ *O Capitão* enterro dos mortos, e cura dos feridos, em que não *môr a vista o* faltou com o cuidado, e menos com ■ fazenda, que *Governador* despendeo sem conta, avilou por hum Catür ao Governador do estado das cousas, significando a falta que tinha de gente, munições, ■ mantimentos. Nesta fusta, ou Catür se embarcou Sebastião de Sá ■ rogo do Capitão môr, e amigos, dizendo elle, que só no baluarte enç'e fora ferido, podia ter saude; a qual lhe desejavão poupar todos, porque naquelle cerco merecêrão suas obras fama, e vida muito mais dilatada. Chegou a Baçaim com a fusta quasi soçobrada, acodindo ao receber, ■ hospedar D. Jeronimo de Menezes Capitão da fortaleza, enviando logo ao Governador ■ cartas com ■ avisos de D. João Mascarenhas.

86 Andava neste tempo D. João de Castro muito cuidadoso dos successos de Dio, porque ■ temporaes do inverno lhe impediaõ ter novas, e despachar socorros;

*Cuidados
do Gover-
nador sobre
socorrer
Dio.*

corros; ■ porém sem perdoar ■ despesa, ou perigo, quasi por debaixo dos mares, lhe acodjo com municações, ■ gente, ■ maiores apertos, como mostrará a Historia. Tinha aballado todo o poder da India com animo de ir ■ pessoa descercar Dio, ■ parece que os successos lhe respondiaõ ao intento, porque os Reys da India lhe faziaõ mui honradas offertas; ■ os fidalgos, e soldados, sem soldo, ou mercè, se lhe offereciaõ.

*Chegalhe
o aviso do
Vigairo.*

87 Neste tempo, que era já na entrada do mez de Julho, chegou à barra de Goa ■ não Espírito Sancto, Capitão Diogo Rebello, ■ qual era da conserva do Governador, ■ por roim navegação havia invernado em Melinde; e ainda que chegou com alguma gente enferma, os ares da terra, ■ cuidado do Governador, e o alvoroço da jornada de Dio, lhes fez em breve reparar a saúde. Alegrouse Dom João de Castro ■ tão opportuno soccorro para engrassar ■ armada, porém tardavaõ novas da fortaleza, que ■ povo interpretava como indicio de algum máo successo, quando chegaraõ as cartas enviadas pelo Vigairo, das quaes o Governador entendeu o aperto do sitio; as forças do inimigo, a falta em que os nossos estavaõ de gente, e bastimentos; e como o tempo pedia mais conclusão, q̃ conselho, ■ assentou consigo enviar a seu filho Dom

*Manda seu
filho D. Al-
varo com
soccorro.*

Alvaro de Castro com hum troço da armada contra ■ parecer dos mareantes, que haviaõ por temerario este acometimento no principio do inverno. Porém Dom João de Castro sem deixar se vencer do amor do filho, nem dos medos do tempo, resolveo enviar ■ soccorro; o que entendido pelos soldados, ■ fidalgos, se lhe vieraõ offerecer, ainda aquelles, que

que pelos annos , a authoridade já estava escusos. *E primeiro a D. Francisco de Menezes*
 Entré estes foi Dom Francisco de Menezes , que depois de occupar grandes postos , se offerceco ao soccorro com praça de soldado : Governador levou braços , pedindolhe se guardasse para passar na armada sua companhia ; mas vendo que estava resolutto ir neste soccorro , lhe deu sete navios , para que com elles tentasse golfaão , com muitos soldados de brio , alguns parentes seus , amigos de ganhar honra , que o acompanháraão.

88 Dahi tres dias partio Dom Alvaro , reconciliado já com o pay da queixa de enviar seu irmão Dom Fernando primeiro , como se lhe tocasssem por herança os primeiros perigos. Neste soccorro se embarcou grão parte da nobreza , quem o gosto da empresa , e da companhia do General , fazia desprezar os Turcos , e as tormentas. O Governador lhe lançou benção , e o embarcou com grande faldade do povo , entregando os filhos pola Patria , de quem se mostrou mais amoroso pay , que de seu mesmo sangue. Depois de o Governador dar ao filho algumas instrucçoens secretas , lhe ordenou , que estivesse à obediencia de Dom João Mascarenhas , sem embargo de o eximir o peço , e assi lho escreveco ; porque foy sempre Dom João de Castro justo estimador de virtudes alheas. Eraão dezenove navios da armada , cujos Capitaens foraão Dom Jorge de Menezes , Dom Duarte de Menezes , filho do Conde da Feira , Luiz de Mello de Mendoça , Jorge de Mendoça seu irmão , Dom Antonio de Attayde , Garcia Rodriguez de Tavora , Lopo de Sousa , Nuno Pereira de Lacerda , Athanasio Freire , Pero de Attayde Inferno , Dom João de Attayde

Parte Dom Alvaro com dezenove

Capitaens que com elle hiaão.

tayde, Balthasar da Sylva, Dom Duarte Dêça, Antonio de Sá, Belchior Moniz, Lopo Vaz Coutinho, Francisco Tavares, ■ Francisco Guilherme.

Aprestos do Governador.

89 Logo que ■ Governador despachou esta armada, ficou aprestando a em que determinava passar, buscando bastimentos, ■ dinheiro, pedido sobre sua verdade, que era só o thesouro, que conservou na India, com que se fez senhor dos corações, e fazendas de todos; ■ que certificaremos com ■ exemplos, como argumentos vivos.

As mulheres de Chaul offerecem suas joyas.

90 As dónas, e donzellas de Chaul movidas de hum mesmo espirito, juntarão todas as joyas com que se adornavaõ, de ouro, e pedraria, e com liberalidade maior que de mulheres, as enviãrão ao Governador, sem preceder obrigação, ou rogo, significandolhe, que de seus proprios filhos, e maridos tinhaõ menos saudade, que enveja, pois o acompanhavaõ: não lemos nos Annaes dos Cesares acção mais generosa das matronas de Roma.

91 Acaço se achava em Goa hum dóna de Chaul, chamada Catherina de Sousa, quando chegou ■ presente, e juntando ■ hum boceta todas as joyas que tinha, as enviou ■ Governador com esta carta:

Offerta, e carta de hum dóna ■ Senhor, eu soube como ■ mulheres de Chaul tinhaõ offerecido a Vossa Senhoria as suas joyas para a guerra. Ainda que eu ■ achasse ■ Goa, não quiz perder a parte da honra que ■ dahi cabe. Por Catherina minha filha mando ■ minhas joyas a Vossa Senhoria. Não julgue, em quam poucas são, as que pôde haver em Chaul, porque certifico, que eu sou a que ■ tenho, porque ■ tenho repartidas por minhas filhas. E crea Vossa Senhoria

, e a gloria que só das joyas de Chaul , póde fazer ■
, guerra ■ e a ■ sem se acabarem de gastar. E a
, merce que peço ■ Vossa Senhoria he gastar logo
, estas minhas na ida do Senhor Dom Alvaro , por-
, que espero em Nossa Senhora , que haja elle ta-
, manhas victorias , que escuse ■ ida , ■ trabalhos ■
, Vossa Senhoria. Isto peço em minhas oraçoens ■
, e assi que acrefcente ■ vida ■ Vossa Senhoria , e o
, deixe hir ■ Portugal diante dos olhos da Senhora
, sua mulher , ■ filhas. Escrita em Goa ■■ casas de
, Dona Maria minha filha , hoje ■■ de Junho.
, Minha filha Catherina empenharei , se for neces-
, sario , para o serviço de V. Senhoria.

Naõ sei se do amor da Patria , se da benevo-
lencia do Governador , nascião estes estremos. Vi-
■■ iguaes necessidades ■■ India , mas naõ iguaes
finezas , como nos dias de Dom Joã de Castro.
Muitos fidalgos acabãraõ de ser Generaes , ■ ■ ve-
lhos arrimados nos bordocens se vinhaõ offerecer
para soldados , porque naõ havia corpo , que po-
la authoridade , ou polos annos parecesse pesado.

92 Despedido hum , e outro soccorro , ficou
■ Governador juntando o resto do poder , dispon-
do o governo da Cidade em sua ausencia , ■ sempre
com hum braço ■■ paz , ■ outro ■■ guerra , todas
as occurrencias do Estado o achavaõ presente. E por-
que de muniçoens , e mantimentos havia na fort-
leza falta , àlem dos que já tinha enviado , carregou
hum caravelaõ grande , que por ser embarcaçaõ
pesada , podia mal soffrer os mares. Alguns solda-
dos lha tinhaõ engeitado , parecendolhes risco sem
gloria , lutar com os elementos , mas pola impor-
tancia do negocio , desejava entregar ■ caravella a

Antonio
Moniz
aceita ir a
Dio.

peessoa de conta , a quem a honra fizesse ■ perigo mais facil. Communicou este negocio com Manoel de Sousa de Sepulveda, Fidalgo, que pelo valor, e juizo, lhe ■ muito accito; este lhe disse, que Antonio Moniz Barretto tinha brio, e industria para coufas maiores; que inda que tinha delle Governador alguma leve queixa, seria para não pedir, ■ não para engeitar ■ serviço Real ■ occasião tão ardua; que elle o tentaria, ■ da resolução traria reposta. Assi foy, que entendido por Antonio Moniz ■ gosto do Governador, e que dava huma viagem engeitada de alguns, só por difficultosa, a aceitou promptamente. Do successo, e perigos que teve, diremos a seu tempo.

Vem outro
Juzarcaõ
continuar o
serco.)

93 Com a vigilancia do Governador haviaõ entrado ■ fortaleza alguns soccorros, com que o perigo, ■ trabalho carregavaõ sobre forças maiores, bem que não tinhaõ proporção com ■ do inimigo, porque o ultimo soccorro, que chegou ■ exercito, ■ de treze mil infantes, cõduzidos por outro Juzarcaõ, não menor ■ valor, ■ melhor na fortuna, que ■ primeiro. Este trouxe apertadas ordens do Sokaõ para estreitar ■ cerco, escrevendo ■ Rumecaõ, que não ■ possível, que viessem quatro miseraveis do fim do mundo fazer ■ Principes deCambaya injurias ■ sua mesma casa; que morressem todos ■ empreza, porque antes queria hum Imperio deserto, que fogeito; que pois nas ruínas do fortaleza estavaõ já ■ Portuguezes meios enterrados, quando os não pudessem render como ■ homens, os matafsem como ■ leoens ■ suas mesmas covas. Rumecaõ não respondeo ■ mais, que apontar para as muralhas, ■ baluartes, todos postos

atos por terra, já para gloria, já para desculpa; furioso de lhe parecer que ■ Soltao estava mal satisfeito do que tinha obrado; mais irritado da desconfiança, que do premio, prometteo satisfazerlhe com a morte, ■ a victoria; ■ como ■ crueldade o fazia mais obedecido, que ■ cargo, mandou levantar hum bastião defronte do baluarte Sanctiago, que se obrou com incrível presteza; o qual *Llevantao* *inimigo* guarneceo de artelharia, ■ gente, que ficando ■ *hum bastião* cavalleiro dos nossos, não podiaõ aflomar-se, que os não pescassem as ballas do inimigo.

94 Deu este negocio ao Capitão mór não pe- *Os nossos* *desfazem.* queno cuidado, porque se Rumecaõ dera por aquella parte o assalto, como era seu desenho, não podiaõ resistirlhe ■ nossos defensores, sem que ficassem descobertos às ballas do inimigo, e resolutos a derribar esta maquina, encomendou ■ facção aos dous irmãos Dom Pedro, e Dom João de Almeida, ■ quacs sahindo com cem soldados no quarto da modorra, achàraõ os Mouros, huns dormindo, ■ outros descuidados ■■ confiança do lugar, ■ da hora, e dando subitamente nelles, fizeraõ ■■ pequeno espaço estrago grande; porque desacordados se metiaõ ■■ lanças, e espadas dos nossos, sem conhecer a morte, ou o inimigo. Os que pudèraõ escapar fogindo, despertàraõ o arrayal com gemidos, ■ vozes, sem saber affirmar couza certa. Com a mesma confusão chegou a Rumecaõ ■ nova, ■ como ■■ perigos da noite se fazem parecer maiores, entendeo elle, que ■ atrevimento dos nossos estribava em forças grandes trazidas em algum soccorro, que havia chegado a furto das suas sentinellas. Chamou os Cabos a conselho, em quanto se punha

■ exercito ■ arma, ■ resolute em soccorrer o bastião com ■ poder todo, entre ordens, ■ aprestos, gastou ■ tempo de obrar, ■ quando já chegou, achou a fabrica desfeita, degolado ■ presidio, ■ nossos recolhidos; facção não menos ditosa, que importante; morrêraõ 300. inimigos, nenhum dos nossos.

95 Rumeçaõ mandou logo levantar humas grossas paredes defronte do baluarte S. João, asseguradas com hum tropa de Mouros, que por quartos faziaõ sentinella, e sobre ■ terrapleno hia plantando alguma artelharia, para daquelle sitio, em mais proporcionada distancia, bater ■ baluarte. Porém D. João Mascarenhas, como andava vigilante em impedir os delinhos do inimigo, em hum noite tormentosa, e escura, lançou quatorze soldados por hũa bombardeira, q dando de subito nos Mouros, os lançáraõ do posto, em quanto ■ servidores com picoens, e outros instrumentos desfizeraõ ■ obra, do que sendo Rumeçaõ avisado, resolveo assaltar ■ fortaleza com força descuberta, ordenando hum assalto geral para ■ o seguinte dia, ■ qual fez hum pratica ■ soldados, incitando-os com ■ injurias que tinhaõ recebido de taõ poucos inimigos, quasi desbaratados dos trabalhos, da fome, e das feridas; que mais honrados estavaõ ■ que alli acabàraõ, que os que ficaraõ vivos, sendo no Mundo testemunhas infames de hum afrontosa guerra; que em seus braços estava salvar a honra de seu Rey, vingar seus companheiros, e deixar de si ■ Oriente hum clara memoria; que das mercês do Soltaõ estivessem seguros, porque havia de premiar, ■ contar hum a hum ■ feridas de todos; que se algum

Valor de
quatorze
soldados.

gum se atrevia ■ governar o bastão de General, promettia como soldado ser o primeiro que subisse ■ muro.

96 Assim ■ despedio igualmente irritados da gloria ■ e da injuria. Logo ao outro dia ao romper da alva se aballou ■ exercito ■ som de muitos instrumentos bellicos com as bandeiras desenroladas, que se viaõ tremolar dos nossos, e chegando ■■ muros, começãõ em torno da fortaleza ■ arvo- ■■ escadas, favorecidas do corpo do exercito, com innumeraveis, e differentes tiros de lettas, pelouros, e outras armas, ajudando o horror de- ■ e conflicto, confusas, e duplicadas vozes, que incitando furiosamente os animos, e turbando ■ juizes, impediaõ mandar, e obedecer. Subirão os Mouros ousadamente os muros, ■ os Turcos por outra parte, como envejando cada hum o perigo alheio, trabalhavaõ todos por ser primeiros no risco, e ■■ feridas. Os nossos, ainda que poucos, sendo cada hum Capitão, e despertador de si mesmo, obravaõ de maneira, como se estivesse por conta de cada hum ■ honra de todos. Os primeiros que subirão, com o sangue, e as vidas pagãõ ■ ousadia; mas logo com ■ mesmo ardor lhes succediaõ outros, incitados huns do valor, outros do General, que debaixo louvava, ou reprehendia aos que subiaõ; segundo o animo, ■■ fraqueza, que nelles descobria.

97 Lançavaõ ■ Mouros nos baluartes grana- das, pancas, ■ alcanzias de fogo em tanta quantidade, que ■■ nossos pelejavaõ entre ■■ chamas, que prendendo ■■ vestidos ■■ abraçavaõ vivos. Occorreo o Capitão n.ºr neste perigo com algu- ■■

*Assalto gè-
ral.*

*Reparo dos
nossos con-
tra o fogo.*

mas tinas de agoa , que em parte extinguiaão , ou refrigeravão o ardor do fogo ; porèm como o inimigo entendia o dano , continuou o ardil em todos os assaltos , e que os nossos inventàrao hum remedio mais facil , que efficaz , vestindo-se muitos de couro , em que o fogo não podia prender tão levemente ; e Dom João Mascarenhas da colgadura de guadameccins , que tinha , fez reparar a muitos , ficando as paredes ruins , e os soldados vestidos.

98 Fervia a guerra , e apenas se divisava a fortaleza , escondida entre nuvens de fumo , e fô a descobria com breve luz o continuo fuzilar dos tiros ; fazia horror o que se via , e o que se ouvia. Estavaõ ao pé do muro innumeraveis corpos , huns mortos , outros agonizando , e tudo o que se representava à vista , e ao juizo , era hum feo espectáculo de mortes , horrores , e feridas. Em todos os baluartes se peleijava em ambas as partes com grande valor , ainda que desigual pola desproporção do numero entre cercadores , e cercados. Mas o baluarte de Luis de Sousa , onde estava D. Fernando de Castro , quasi esteve perdido , porque o tomou o assalto com maiores ruínas , e foi accometido pela gente mais escolhida do campo. Porèm fizeram os defensores illustres provas de valor peleijando entre chamas de fogo com tão nova constancia , que nenhum desamparou o lugar , mostrando-se sobre valentes , insensiveis. Aqui se singularizou Dom Fernando de Castro em esforço de maiores annos ; parece que o valor não esperou a idade. Obràrao este dia os Portuguezes cousas dignas de melhor penna , e mais larga escriptura. E os mesmos Turcos foraõ testemunhas fideis de suas proe-

zas, dizendo, que só ■ Frangues merciaõ trazer barbas ■ rosto.

99 Em quanto durou o assalto , deu o baluarte do ~~ma~~ muitas cargas ~~de~~ inimigos , que como pelei- *Recolhe-se*
java ~~em~~ tropas descoberto , recebeu grande dano. O *inimigo.*
que advertido por Rumeirão , vendo suas bandeiras rotas , perdidos ~~os~~ melhores soldados , ■ que os Por-
tuguezes haviaõ defendido as ruínas da sua fortaleza , sem perder huma pedra , mandou tocar a recolher ,
sentindo ■ dano ~~grande~~ que a injuria. Foi este dia a
nossas ~~perdas~~ muitas vezes felice , porque morrendo
dos inimigos trezentos , ■ levando dous mil feridos, *Com morte*
não faltou nenhum dos nossos , ainda que alguns ficã- *de trezen-*
raõ bem sangrados. Proveo logo o Capitão mór na *tos.*
cura dos feridos, sendo a benevolencia, com que lhes
assistia , o primeiro remedio ; acodindo aos enfermos
com as despesas , e tambem com a dor , ■ sentimen-
to , parecendo pay na paz , na guerra companheiro.
Logo ■ perigo succedeo o trabalho , reparando to-
dos de noite o que as baterías derribavão de dia ; po-
rèm acodiaõ todos tão alegres ao serviço , que par-
cia vinhaõ ■ descansar , acarretando as pedras , a ter-
ra , e a faxina.

100 Vendo Rumeção o risco , e dificuldade, que tinha tomar a fortaleza por escala , mandou correr com ■ entulho da cava do baluarte S. João até ■ de Sanctiago , obra que encomendou aos Janizaros , os quaes por opinião , ou por valor foberbos , buscavaõ com ambição os maiores perigos deste cerco. Eraõ já mortos quatrocentos , deixando entre ■■ seus fama, ■ sentimento; ■■ que restavão assistiaõ ■ esta obra, que para elles foi de nenhum fruto , ■ de grande perigo; porque a nossa artilharia ■■ pescava, ■■ ■■ muitos ser- vido-

*Trata Ru-
meção en-
tulhar a ca-
va.*

vidores, cujos corpos lançavão ■ entulho com disciplina barbara ■ cruel. Crescia ■ obra, como era de faxina, e terra, quasi amassada com sangue dos miseraveis, que nella trabalhavão, chegãrão ■ encavalgar algumas peças, com que faziao dano aos baluartes, principalmête ■ de S. Thomê, onde nos chegãrão hum Camelo, e mostrava já ■ bataria disposição para cousas maiores.

Torna o Vigairo a Dio. 101 Neste tempo chegou à fortaleza o Vigairo João Coelho com nove soldados em huma embarcação pequena; ■ ainda que achou ■ mares goffos, ■ os ventos ponteiros, o trabalho, ■ ■ necessidade fez vencer ■ perigo. Referio, que o Governador se apreltava com vivas diligencias para acodir ao cerco, ■ ■ grossos soccorros, que já tinha enviado. Que em Baçaim ficavão quinhentos homens, que com ■ primeiro tempo esperavão atravessar o golfaõ; e que muitos impacientes ■ tardança tinhaõ tentado os mares. Pela fortaleza federramou logo esta nova, que foi festejada dos soldados com folias, e musicas; e pondo todos os olhos no mar, as nuvens lhes pareciao navios: tão credulos saõ os homens em qualquer esperança. Foraõ os Mouros sabedores das novas do soccorro; ■ antes que ■ nossos se engróssassem com ■ forças que esperavão, dispuserão hum assalto gèral, resolutos a entrar ■ fortaleza, ou dara o mundo, ■ ao Soltão desculpa com as mórtes, com o sangue, ■ com as ruínas.

Novo assalto. 102 Começou a bataria aquelle dia com vinte ■ tres Canhoens, e alguns Basiliscos, ■ a continuãrão até ■ por do Sol, ■ no seguinte dia até as tres da tarde. Arruinãrão ■ mór parte dos muros, sem que os nossos se podessem cobrir com alguns reparos, ou travezes,

zes, pelas continuas cargas, que dava ■ espingardaria do inimigo. Chegãrão logo os Turcos ■ cavalgar o baluarte S. Thomé pelas ruínas da bataria; porém o Capitão Luiz de Sousa, D. Fernando de Castro, ■ D. Francisco de Almeyda com outros valerosos, soldados q o guarneciaõ, os recebêrão nas lanças com tal furia, que os fizeraõ voltar, huns mortos, outros estropeados. Succederaõ logo outros de novo, q cortados do nosso ferro fizeraõ aos primeiros, companhia. Nos outros baluartes se peleijava com a mesma fortuna, sendo ■ dano igual nos Mouros, e o valor ■■ nossos. Estava tão rala ■ bataria, que os Mouros pelejavão com ■■ nossos iguaes no sitio, como em campo partido, servindolhes ■ ruínas de escada, ■■ com grande vantagem do numero, e instrumentos de fogo. Porém ■■ nossos merecêrão neste dia huma immortal memoria, sustentando muitas horas ■ peso de tão desigual batalha; porque dos inimigos aos cansados, ou feridos, lhes succediaõ outros; os Portuguezes sempre os mesmos, não mostravão ■■ valor, ou no tempo differença.

103 D. João Mascarenhas andava por todas ■ *Resistência* estancias mandando, e peleijando, humas vezes Ca- *dos nossos,* pitão, ■ outras companheiro de todos; e vendo que ■ baluarte S. Thomé tinha ■ maior perigo, por ser mais carregado do inimigo, mandou trazer muitas panelas de pólvora por aquellas honradas matronas, que desprezando o risco, e o trabalho, acodiaõ oppor- tunas ■ servir entre ■ lanças, ■ os pelouros, com nunca visto exemplo, ■ algumas exhortaçoes aos soldados com juizo, ■ valor grande; outras com regalos, ■ mimos os esforçavão, parecendo que buscavão, ■■ mereciaõ fama igual com elles. Tinhamos o

vento contrario, ■ levantando nuvens do pô da terra movediça, que ■ Mouros pisavão, quasi cegava os nossos, que estiverão a risco de perderse só por este accidente; porém elles peleijando com os olhos cerrados, acomettiaõ os Mouros, mais attentos a offender, que a reparar-se. Os inimigos pelejavão desesperadamente, acordandolhes Rumeção por momentos a honra de seu Rey, e a sua.

*Juzarcão
enveste o
baluarte S.
João.*

104 Juzarcão com os soldados de sua obediencia acometteo o baluarte S. João com tanto valor, que estiverão os nossos em grande perigo; porque depois de derribar os primeiros que haviaõ subido, tornãraõ outros a cavalgar as paredes com tanta furia, que sustentãraõ ■ peleija igual por muitas horas ■ até que desangrados do nosso ferro, huns mortos, outros desalentados, perderão o lugar, e as vidas. Aqui foi maior ■ esforço, e tambem o perigo, porque estando os nossos com as forças já lassas, ■ quebradas, sobrevieraõ outros Mouros de novo, porém elles, como se tiverãõ poupadas as forças, e o espirito para o maior trabalho, assi rechazãraõ os ultimos, como ■ primeiros.

*Perda grã-
de dos ini-
migos.*

105 Na guarita de Antonio Peçanha se peleijou com não menor valor, ■ ■ ■ desigual fortuna; e sem particularizar accidentes, podemos ajuizar pelo successo os casos deste dia; porque deixou o inimigo mil e seiscientos mortos, fóra inumeravel copia de feridos; cousa incrivel de pouco mais de duzentos soldados, que feriaõ os nossos; assi o achamos escrito nas Relações, ■ Historias deste cerco, que sendo nossas, costumão escrever louvores proprios com penna mui escaça. Nós ficamos com tres soldados menos, ■ com trinta feridos.

106 Da bateria , que precedeo a este assalto , ficou ■ fortaleza quasi em roda arruinada , ■ aberta, faltandonos para reparala tempo, materiaes, e gente; porém furtavão os nossos as horas ao descanso, trabalhando de noite, ■ derribando as casas da fortaleza ■ se servião das pedras, ■ madeiramento, fazendo humna forma de defenſa ſubita, ■ furtiva, mais conforme ao tempo, que à neceſſidade.

107 Faltavaõ as muniçoens, ■ os mantimentos, porque não havia mais polvora, que ■ que ſe podia fazer dia por dia, pouca, e mal enxuta; falta que já começavaõ ■ conhecer os Mouros, concebendo eſperanças, ■ ouzadia para aturar o cerco, aviſados, que ■ eſta neceſſidade reſpondiaõ as outras, porque já valia a tres cruzados hum alqueire de trigo, e ainda a falta delle era maior, que ■ preço. Os doentes, na falta de galinhas, comiaõ gralhas, que acodiaõ ■ cevarſe nos corpos mortos, as quaes os ſoldados mata-vão, e vendiaõ por exceſſivo preço. Chegou em fim a tanto extremo a fome, que não perdoavaõ a cães, e gatos, e outras viandas ſemelhantes, nocivas, e imundas; ■ com tão miſeravel alimento reparavaõ ■ forças, deſprezando perigos, ■ trabalhos, vencendo com a grandeza dos animos as paixoens, ou affectos da meſma natureza.

108 Entre outros instrumentos offenſivos, que faltavaõ, craõ panelas para a polvora, de que ſe ſerve a milicia da India em mar, e terra; ■ neste cerco foraõ de não pequeno eſfeito. Eſta falta ſe reparou, juntando duas telhas com os vazios para dentro, ■ breadas por fóra, de que pendiaõ murroens com as pontas acetas, e arrojandoas entre os inimigos, abraſavaõ ■ muitos, ■ com eſte facil engenho, ajudaraõ

Neceſſidades da fortaleza.

Como ſe remediou ■ falta de panelas de polvora.

os nossos ■ victoria.

109 Delejava ■ Capitão mór tomar lingua para saber os passos do inimigo, que sagaz, ■ ardiloso nos encobria seus desenhos com estranho recato; além de que do forte do mar havia tido aviso, que ■ mais das noites chegavaõ alguns Mouros até ■ ponte da fortaleza, onde paravaõ, como gente que vinha a medir, ou reconhecer o sitio para algum effeito; o silencio, ■ hora, e ■ continuação, mostravaõ não ser ■ diligencia acaço; polo que D. João Mascarenhas encômendou a Martim Botelho, soldado de confiança, que com dez companheiros se fosse huma noite lançar na ponte, e que por força, ou manha trabalhasse por lhe trazer hum destes Mouros. Foi lançado Martim Botelho com os mais companheiros pelas bombardeiras da Couraça no quarto da modorra, levando só espadas, e rodela; e chegando ao lugar determinado, se baquearaõ em terra para não ser vistos dos Mouros, e a pouco espaço applicando ■ ouvido sentiraõ gente, que vinha ■ demandar a ponte, e levantados acomettêraõ subitamente ■ Mouros, que eraõ dezoito, que como se víraõ de improvizo assaltados, voltaraõ ■ costas aos primeiros golpes, ficando só hum Nobi no campo, que se defendia com huma lança mui valerosamente; porém Martim Botelho, vendo que era mais importante prendelo, que mata-lo, lhe desviou hum bote de lança com a espada, e arcando com elle, o trouxe apertado nos braços até a fortaleza, onde foi recebido com a honra, que merecia o feito.

*Tomaõ os
nossos huma
lingua.*

110 Deste prisioneiro soube o Capitão mór ■ intentos do inimigo, servindose do aviso para se vigiar de alguns ardis, que maquinavaõ ■ Turcos.

*Que nos
deu do ini-
migo.*

Mais

Ma's lhe disse, que faltavaõ no exercito cinco mil homens mortos ao nosso ferro, sem outros Cabos de nome; e que os soldados de melhor voto, desconfiavaõ da empreza, entendendo seriamos soccorridos com a primeira vaga, que o mar fizesse; porẽm que Rumeçaõ com as perdas recebidas estava mais obstinado em proseguir o cerco, como homem empendado na honra, na palavra, que havia dado ao Soltaõ. E assi aconselhado de hum engenheiro Turco de Dalmácia, ordenou que se minasse o baluarte S. Thomè, onde estava D. Fernando com Diogo de Reynoso, e outros Capitães, e Cavalleiros; e que se fez com estranho silencio, sem que os nossos pudessem rastrear o intento, quiçã por lhes parecer, que os instrumentos de fogo não eraõ taõ praticados na Asia, como na nossa Europa; mas como os principaes Cabos do exercito eraõ Turcos, parece que assi trouxeraõ o valor, como a disciplina.

Minase o baluarte S. Thomè.

III Em quanto se trabalhava a mina, mandava Rumeçaõ picar o muro por differentes partes, para que os nossos attentos ao perigo publico, não dessem no secreto; e por nos divertir a attençaõ com outra industria, mandou fabricar alguns cavallos de madeira, e postos naquella parte, que olhava para o baluarte S. Thomé, dava huns longes de o tomar por escala, e determinando dar o assalto aos dez de Agosto, o nove mandou recolher a artelharía, que tinha as estancias; e porque desta novidade lhe podiamos rastrear o intento, tratou de nos assegurar com outro novo engenho. Mandou a mesma noite hum Abexim à fortaleza, industria- do de hum sotil engano, e qual chegado ao muro, fingindo hum temeroso recato, bradou pela vigia,

Trata Rumeçaõ divertirnos.

gia ■ dizendo , que o recolheſſem dentro , porque queria tratar com ■ Capitaõ couſas de grande peſo. Recolhido, ■ eſcutado por D. João Mascarenhas, começou ■ arengar diſcretamente , execrando a perdição do eſtado em que ſe achava , pois naci-do de pays Chriſtãos ■ perjuràra ■ fé paterna em que fora criado , como fruto abortivo de Catho-licas plantas , que agora já com os olhos abertos vinha bater às portas da Igreja , para que os Sa-cerdotes Latinos encaminhaſſem ao curral de Chriſ-to tão perdida ovelha ; que eſta era a miſeravel relação de tão deſconcertada vida ; que nos particu-lares de Cambaya lhe affirmava, que ■ Soltaõ tivera avifo , como o Mogor com poderôſo exercito en-trava pelos confins do Reyno , pondolhe tudo a fer-ro ; e que Juzarcaõ , que pouco antes viera ao exercito com treze mil infantes , trazia ordem pa-ra ſe unir com Rumeçaõ , e juntos fazerem oppoſi-ção ao inimigo ; que com eſta reſolução mandàra recolher a artelharia ; porèm que eſtivesſe avisado para eſperar hum aſſalto gêral ao ſeguinte dia, por-que queriaõ ■ Turcos que aquella guerra acabasſe com algum eſtampido. Dom João Mascarenhas lhe louvou , e confirmou ■ reſolução Catholica , que havia tomado , e ■ mais lhe agradecco ■ avifo, tornando-o a lançar pelo muro, para que o fizesſe ſa-bedor de qualquer novidade, que houveſſe ■ campo.

112 Derramou-ſe pela fortaleza a nova de le-vantar-ſe o cerco com a certeza do futuro aſſalto , ■ ■ ſoldados alegres veſtiraõ aquelle dia galas , huns feſtejando a vinda do inimigo , outros o fim da guerra. O Capitaõ mór achou ■ gente mui diſpoſ-ta a eſperar ■ aſſalto , que como na opiniaõ de to-dos

dos era ■ ultimo de tão prolixo cerco ; cada hum queria deixar de suas obras a memoria mais fresca.

113 Dom Fernando de Castro estava de cama, *D. Fernan-*
curando-se de febres, e sabendo do assalto que se *do doente*
esperava, se levantou, fazendo força ■ brio à na- *acode* ■
tureza ; o que D. João Mascarenhas tratou de lhe *baluarte.*
impedir, humas vezes como Capitão, ■ outras co-
mo amigo ; mas como nesta parte ■ desobediencia
parecia virtude, quiz antes errar contra a faude,
que contra ■ opiniaõ, vestindo armas, ■ acodindo
■ baluarte.

114 Amanheceo o dia do glorioso São Louren-
ço, dedicado com sua felice batalha a martyrios de
fogo. Acodiraõ ■ suas estancias fidalgos, e solda-
dos com tanto alvoroço, como se já tiveraõ pos-
se do premio, e da victoria. Logo viraõ de longe *Finge o ini-*
aballar-se ■ exercito inimigo com ordenada marcha, *migo novo.*
derramando-se em torno da fortaleza. Laborava ■ *assalto.*
nossa artelharía com não pequeno effeito, porque
■ inimigo, como soldado, soffreo ■ carga sem des-
compor a ordem, com que vinha marchando, até
ganhar o posto, e arvorar escadas para dar o assal-
to. Chegaraõ a acometer os baluartes com resoluçaõ
grande, querendo cevar os nossos na peleiça, para
que ■ confusaõ do conflicto servisse de cuberta ao
engano do fogo, que tinhaõ maquinado. Faziaõ os
nossos grandes gentilezas nas armas, com o quem
se apressava a descançar ■ victoria promettida no
termo deste dia.

115 No baluarte S. João se resistia à violencia do
ferro, sem temer ■ do fogo. Peleijavaõ os inimi-
gos tibiamente, até que lhes chegou o final de se
dar fogo à mina, retirando-se a hum mesmo tem-
po.

*Dá fogo à
mina.*

*Pessoas que
peréceraõ
nella.*

po todos | porèm ■ temor igual , ■ subito ■■ def-
cobrio o engano. Bradou logo o Capitão mór dicen-
do , que deixassem ■ baluarte , para que sem dano
rebentasse a mina , já conhecida na improvisa reti-
rada do inimigo. Obedecêraõ todos às vozes do Ca-
pitão mór , deixando o posto; porèm Diogo de Rey-
noso , com desordenado valor , sustentou o lugar,
tratando de covardes ■■ que o desemparavaõ. A
estas vozes tornáraõ todos ■ occupar ■ posto , não
querendo seguir a razão , senão ■ exemplo. Reben-
tou logo a mina com espantoso estrondo , e aquel-
les valerosos defensores sustentáraõ mortos ■ lu-
gar , que defenderaõ vivos. Aqui acabou D. Fer-
nando de Castro em idade de dezanove annos , le-
vantado de huma doença , que ■ natureza pudêra
fazer leve , e o valor fez mortal. Morreo D. Fran-
cisco de Almeida , continuando-se nelle o valor , e
■ desgrças dos de seu appellido. Aqui ficáraõ Gil
Coutinho , Ruy de Sousa , e Diogo de Reynoso, que
pagou com huma vida tantas mortes , de que ha-
via sido generoso , ■■ fatal instrumento. D. Dio-
go de Sottomaior , voando com huma lança nas
mãos , cahio em pé ■■ fortaleza , sem receber lesão
do fogo , nem da quéda. Alguns caíraõ ■■ arraial
dos inimigos ; quasi sessenta homens perécêraõ nes-
ta desaventura , ■ treze que escapáraõ ■■ a vida,
ou ficaraõ feridos , ou disformes do fogo. Elcrevem
outros com dilatada penna os casos deste incendio.
Nòs por não lastimar a attenção de quem ler esta
Historia , quizeramos nos successos de tão illustre
cerco deixar antes ■■ silencio este infelice dia. Ad-
miraraõ-se os nossos de ver , que foy tão grande ■
effeito da polvora opprimida , que ■ pedras da for-
taleza,

talcaza , arrebatadas do violento impulso , matáraõ muitos no campo do inimigo . obrando ■ fogo mais à vontade da natureza , que ao regulado limite do inventor da mina.

116 Passado algum espaço , logo que ■ fumo defassombrou ■ fortaleza , mandou Rumeção entrar quinhentos Turcos pelas ruínas do baluarte abraçado , seguindo os de tropel o restante do campo , porèm acháraõ cinco valerosos soldados , que lhes fizeram rosto , sustentando largo espaço o pelo de ■ *Valor notavel de cinco soldados nossos.* batalha. Verdade tão estranha , que necessita de tanto valor para se escrever , como para se obrar ■ porèm calificada entãõ na confissão dos proprios inimigos , e agora nas cãas de tantos annos. Acodio logo àquella parte Dom João Mascarenhas com quinze companheiros , e vio dous espectaculos ; hum que merecia lastima , outro espanto ; e soccorrendo ■ cinco soldados , fizeram todos tão dura resistencia ■ inimigo , que bastáraõ a retardar ■ furia de hum exercito já quasi victorioso ; caso que referido só com a verdade nua , excede tudo o que escrevéraõ , ou fabuláraõ os Gregos , ■ Romanos.

117 Correo voz pela fortaleza , que os Turcos estavaõ já senhores do baluarte abraçado , com o que alguns soldados , que nas outras estancias pelejavaõ , corréraõ àquella parte como de n.õr perigo , ■ quicã que este falso rumor salvasse a fortaleza , porque formáraõ hum grosso , que bastou ■ fazer rosto ■ treze mil infantes , que tantos contaõ nossas Historias , que comettéraõ ■ baluarte da mina. As mulheres , como ensinadas a desprezar ■ *Esforço de Isabel Fernandez, e mais mulheres.* vi-
das , acodíraõ a ministrar lanças , pelouros , ■ pa-
nelas

nelas de polvora ; e aquella valerosa Isabel Fernandes com huma chuça em mãos ajudava os soldados com as obras , muito mais com exemplo , e com as palavras , dizendo em altas vozes : Peleijai por vosso Deos , peleijai por vosso Rey , Cavalleiro de Christo , porque elle está vosco. Os inimigos , como o successo da mina lhes havia aberto para a victoria huma tão larga porta , determinárao este dia concluir a empreza , incitados do General , e da occasião , peleijando já como favorecidos ; os que combatiaõ no baluarte , pola ambição de ser primeiros em facção tão illustre , se portavaõ com mais ardor , que os outros ; e como eraõ Janizaros ; e Turcos queriaõ só para si a gloria de aquelle dia. Rumecaõ mandou nas outras estancias reforçar o assalto , para com a diversão , em poder tão pequeno , facilitar a entrada.

118 Esteve por muitas vezes perdida a fortaleza. Os inimigos muitos, e descansados ; os nossos, sobre tão poucos, vencidos do trabalho de resistencia tão desproporcionada. Aqui acodio o Vigairo João Coelho com hum Christo arvorado , dizendo , que aquelle Deos , cuja causa defendiaõ , era o Autor das victorias ; e cuja vista alentados aquelles fieis , e fortes companheiros , parecia que obravaõ com forças mais que humanas ; porque nenhum mostrava das feridas fraqueza , ou sentimento , durando na batalha com o mesmo ardor , e espirito , com que a começáraõ.

119 Já declinava o dia , e os Turcos com os nossos mortalmente abraçados , por humas mesmas feridas vertiaõ sangue proprio , e alheio ; e como hum exercito inteiro carregava sobre tão poucos defen-

defensores, chegaram os nossos soldados a receber muitas lançadas em huma só ferida. Parecerá exaggeração o que como verdade referimos. Os grandes feitos, que os Portuguezes obrarão neste dia, o Oriente diga; eu cuido, que da Illustre Dio, lhes lerá cada pedra hum epitafio mudo. Porém dos cinco Cavalleiros, que havemos referido, não deixaremos com ingrata penna os nomes em silencio. *Nomes dos* Estes foram Sebastião de Sá, Antonio Peçanha, Bento Barboza; Bertholameu Correa, Mestre João *cinco sol-* *dados.* Cirurgiaõ de nome. Com peleiça acabou o dia; mandou Rumeção tocar e recolher depois de haver perdido neste assalto settecentos soldados, *Retira-se* *Rumeção.* sem conta os feridos, de que morrerão muitos, mal assistidos na cura, porque pola multidão cansavaõ os mestres, e faltavaõ remedios. Dos cinco Cavalleiros, que defenderão o baluarte, morreu só Mestre João despedaçado de muitas feridas, que deixou bem vingadas, sem querer deixar brigas, nem obedecer amigos, que o retiraraõ como pessoa tão importante pela arte, pelo valor não menos. Isabel Madeira sua mulher acodio a atarlhe feridas mortaes, depois de o enterrar *Particular* *valor de* por suas mãos com poucas lagrymas, e grande *Isabel Ma-* *deira.* sentimento, acodio ao trabalho das tranqueiras com outras matronas; valor estranho, ou raras vezes visto ainda no varaõ mais constante.

120 Logo que se retirou o inimigo, mandou Dom João Mascarenhas enterrar os mortos, que estavaõ nas ruinas do baluarte, sendo levados de hum sepulchro a outro. Foram enterrados juntos pola estreiteza do lugar, do tempo; faltando funebres honras, piedosas lagrymas a tão honradas

cinzas ; porêm dormem com saudade maior da pátria ■ humilde jazigo , que aquelles , que em urnas de alabastro deixáraõ de huma vida sem nome ociosa memoria. A Dom Fernando de Castro depositáraõ em separado enterro , por se o Governador seu pay quizesse trasladarlhe ■ ossos ■ lugar diferente ; lavrarlhchia tumulo mais soberbo , porêm não mais illustre. Depois que o Capitão mór cobrio aos companheiros de piedosa terra , acodio a reparar o estrago , que deixára o assalto ■■ paredes ■ a que ajudáraõ ■ mulheres companheiras do trabalho , ■ perigo , sem reservar tempo , e lugar para ■ dor , ■ lagrimas dos filhos , ■ maridos , que víraõ espirar com seus olhos , ■ ellas mesmas haviaõ sepultado , encobriendo o sentimento natural com nunca visto exemplo.

Determinação do Capitão mór.

■ ■ ■ Reparados os baluartes com as pedras ainda quentes do sangue , e do incendio ; chamou ■ Capitão mór a conselho os poucos companheiros , que sobreviveraõ ao estrago , representando-lhes o miseravel estado em que se achavaõ ; a maior parte dos defensores mortos ; os que ficavaõ , enfermos , e feridos ; destroçadas as ■■■■ , corrupto o mantimento , ■ muniçoens gastadas , a fortaleza pôsta por terra , ■ ■ ■ com os temporaes do inverno cada ■ ■ ■ mais cerrados ; o inimigo vigilante , e soccorrido por horas , com a noticia de todas estas faltas ; ■ que considerado pedia ■ todos , que não se lembrando das vidas , ■ aconselhassem , como melhor poderiaõ salvar a honra de seu Rey , ■ ■ suas ; que entendessem , que estavaõ como espectaculo do mundo , ■ tinhaõ sobre ■ os olhos do Oriente todo , expostos ■ merecer a maior

a maior fama , ou ■ maior infamia ; que se não podiaõ alcançar ■ victoria , podiaõ privar della ■ inimigos , pois estava nas mãos de todos o poder acabar gloriosamente , ganhando maior honra destroçados , que os Mouros victoriosos ; que ■ havia chamado para lhes communicar a resolução ■ que estava , esperando , que todos a approvassem , a qual era , que em se gastando esse pouco mantimento , e muniçoens que havia , queimar a roupa , cravar a artilharia , e sair com ■ espadas ■ mãos a buscar o inimigo , para que não pudesse chamar victoria aquella , em que não acharia cativos , nem despojos. Ouvido Dom João Mascarenhas , não houve soldado , a quem não parecesse que tardava o effeito de resolução tão valerosa. Diga Roma se acha nos seus Annaes escrita huma acção tão illustre dos seus Fabios , Scipioens , ou Marcellos !

122 Em quanto estas cousas passavaõ , andava *Viagem de D. Alvaro de Castro* com as tormentas do inverno ■ braços ; porque sendo vinte e quatro de Junho , tempo , em que se não deixaõ navegar aquelles mares , elle , temendo ■ perigo da fortaleza , ■ despresando o da armada , forçava ■ remo navegando por debaixo das ondas. Era o vento travessaõ , ■ mares andavaõ tão cruzados , e soberbos , que comiaõ os navios ; huns abertos com a força do vento , outros sem mastos , ■ desenxarceados andavaõ sem governo à vontade das ondas , ■ se hiaõ alagando por hum , ■ outro bordo , sem nenhum obedecer ao leme. Dom Alvaro obstinado em socorrer a Dio , andava ■ huma , ■ outra parte errando , vendo-se por momentos soçobrado ; até que

Arriba
Baçaim.

que com o trabalhar do navio lhe saltou ■ leme fóra, com ■ que impaciente arribou ■ Baçaim des- troçado com alguns navios de sua conserva; ou- tros tomãraõ differentes portos, ■ enleadas. Aqui achou Dom Alvaro ■ Dom Francisco de Mene- ■ arribado com a mesma fortuna, depois de ha- ver huma ■ outra vez tentado o golfaõ, que achou com tal braveza, que alijou ■ mar ■ mu- niçoens, ■ mantimentos que levava, por salvar o casco.

Chega An-
tonio Mo-
niz a Baça-
im.

123 Neste tempo chegou Antonio Moníz Bar- retto com o caravelaõ das muniçoens; ■ como ■ taõ gèral ■ tormenta, esteve muitas vezes perdido, e surgindo o entregou ■ Dom Alvaro com animo de passar ■ Dio, a despeito dos mares, em qual- quer embarcaçaõ que achasse, como laborcado de hum perigo para entrar em outro. Este dia, cres- cendo o tempo, começou a castear o caravelaõ, e trincou duas amarras, ■ como era baixeltaõ importante, por trazer ■ muniçoens do soccor- ro, tentou Dom Alvaro acodirlhe; e por mais que trabalhãraõ os marinheiros, não pudêraõ che- garlhe com ■ força do tempo. Porém Antonio Mo- níz Barretto, metendo-se em huma Galveta, que acaço achou ■ praia, os de terra ■ virãõ mil ve- zes soçobrado; mas como era embarcaçaõ taõ le- ve, ■ não fazia resistencia aos mares, fobre elles vagamente se sostinha. Emfim chegou, deu cabo ao caravelaõ, o qual contra ■ juizo de todos, com mais fortuna que razãõ, trouxe atoadõ. Efa- zendo discurso, que só aquella embarcaçaõ, por leve, e pequena, poderia penetrar mares taõ gros- sos, na qual faria menos impressãõ ■ choque, e
embate

Salva
o caravelaõ
dos manti-
mentos.

embate das ondas , ■ comprou ■ hum mercador
secretamente , ■ com alguns marinheiros pagos ■
sua vontade , se veo embarcar nella. Estava a ca- *Partê dous*
fo ■ praya Garcia Rodriguez de Tavora , e ven- *fidalgos pa-*
do a resolução de Antonio Moniz , lhe pedio o le- *ra Dio.*
vasse consigo ; escusou-se ■ Moniz dizendo , que
lhe não convinha acompanhar-se de homem tão
grande , que lhe fizesse sombra , porque queria só
para si este perigo , sem que na sua embarcação pa-
recesse segundo. Garcia Rodriguez lhe affirmou ,
que em toda parte confessaria , que elle era o que
o levava , ■ que disto lhe passaria escritos. Com
tanto escrupulo se tratavão naquelle tempo os
pontos da opiniaõ! Satisfeito Antonio Moniz deste
comedimento , deu lugar ■ Garcia Rodriguez ; ■
vendo-os fazer-se ao mar Miguel de Arnide , hum *Miguel de*
soldado de corpo agigantado , e maior ainda no *Arnide os*
brio , que na estatura , bradandolhes de terra , *acompanha*
lhes disse : Como senhores , sem mim passais a
Dio ? Não cabeis cá (lhe respondeo hum delles)
Mas o valeroso soldado , lançando-se ■ mar ves-
tido , com huma espingarda ■ boca , hia nadan-
do demandar a Galveta. E vendo Antonio Moniz
tão grande gentileza , pairou para o recolher den-
tro , dizendo , que levava hum bom soccorro a
Dio em tão bom companheiro.

124 Foraõ aquelles Fidalgos navegando com
tempos tão rijos , que andaraõ todo aquelle dia,
■ noite à misericordia dos ventos , obedecendo a *Perigos da*
Galveta aos mares sem carreira , ■ governo. Hu- *viagem.*
mas vezes a faziaõ furdar ■ ondas , outras per-
der ■ que tinhaõ canjado. Foraõ correndo com hu-
ma moneta ■ pè do masto à discriçaõ dos mares,
que

que a alagavaõ por hum, ■ outro bordo, ■ quacs apenas podiaõ vencer com baldes. Nesta fadiga ■ ■ risco passáraõ ■ noite toda rendidos do continuo trabalho, sem que com a escuridaõ della, e cerraçaõ do tempo, pudessem conhecer ■ paragem em que estavaõ. Amanheceo o dia com pouca differença da noite, ■ elles continuando com a luta das ondas, até que sobre a tarde houveraõ vista da fortaleza ■ porèm taõ arrasada, que apenas se dava a conhecer polas ruínas. Chegáraõ enfim ■ dar fundo, sem que fossem sentidos das vigias; argumento de ser a fortaleza perdida. Brádou Antonio Moniz alto, e sendo ouvido dos de dentro, foraõ correndo dar aviso ao Capitão mór. Aqui se conta, que perguntando as vigias, quem eraõ? Respondeu hum soldado, que Garcia Rodriguez de Tavora; ■ que Antonio Moniz sofrendo mal, disse, que elle era ■ que alli vinha ■ ■ pudéra a desconfiança chegar a maior rotura, se Garcia Rodriguez cortez, e comedido, não temperara ■ animo de Antonio Moniz justamente sentido; se bem ■ tempo, e o motivo pudéraõ fazer despresar queixa taõ leve. Chegou Dom João Mascarenhas, ■ levando-os nos braços, lhes disse, quanto estimava tão opportuno soccorro. Perguntou a Antonio Moniz, onde se achava Dom Alvaro de Castro, o qual lhe respondeo em voz alta, que ■ soldados ouviraõ: Aqui, senhor, em Madrefabat ■ tendes com sessenta navios, e com a primeira vaga do tempo lhe vereis ■ bandeiras. E em secreto lhe disse, que ainda ficava em Baçaim arribado, depois de tentar o golfo muitas vezes, mas taõ impaciente ■ tardança, que não esperaria tempo para

Chegaõ a Dio.

Desconfiança briosa destes dous fidalgos.

Dão novas de D. Alvaro.

para vir soccorrelo. Esta nova foy festejada de maneira, que os soldados com danças, e folias, esqueciaõ os trabalhos passados, a esperança do socorro vesinho; os que haviaõ militado com D. Alvaro, com a experiencia de seu brio, certificavaõ a vinda a despeito dos mares, dos ventos.

125 Dom João Mascarenhas agasalhou os hóspedes no baluarte S. João, e S. Thomé, que eraõ os mais arruinados, dandolhes estes mimos da guerra, como a benemeritos dos maiores perigos. Não era neste tempo menor o risco, mas já não temido. Mandou Antonio Moniz a embarcação, em que viera, a seu primo Luis de Mello de Mendoga, que lha havia pedido. Passáraõ nella alguns soldados citropeados, com cartas do Capitão mór a Dom Alvaro de Castro, em que lhe dava conta de todo o succedido, referindolhe em somma as necessidades que temos relatado. Chegou a Galveta a Baçaim com grande alvoroço dos que a víraõ, pelas novas de estar ainda por El-Rey a fortaleza, se bem misturadas com as fezes de tantas mortes, entre quaes foi mui sentida a de Dom Fernando de Castro, que em taõ verdes annos deixou de si taõ honrada memoria. D. Alvaro a recebeo com a constancia de soldado, tomando por alivio acharse com a espada na mão para vingala. E logo aquella mesma tarde mandou sair a armada com ordem, que todos puzessem a proa em Dio, e que nenhum navio aguardasse por outro.

*Avisa
Capitão
mór a Dom
Alvaro.*

*O qual sae
de Baçaim.*

126 Entretanto Rumeção vendo, que obravão mais as minas, que os assaltos, sabendo de alguns escravos, que da fortaleza haviaõ fogido, da fome,

*Continua
Rumeção
as minas.*

Os nossos a-
codem. ■
reparo del-
las.

do perigo, o sentimento com que ■ nossos estavam pola falta de tantas pessoas illustres, que acabárao ■ mina, ■ ■ estreiteza com que se repartiao ■ muniçoens, e mantimentos, resolveo continuar as minas, que se obravao ■ ■ ■ ■ ■ risco, e com maior effeito; para cujo intento mandou picar o baluarte Sanctiago, ■ o lanço de ■ ■ ■ ■ ■ que para elle corria, tudo por estradas torcidas, ■ encubertas, para ■ ■ ■ ■ ■ esconder ■ defenho, e assegurar os seus trabalhadores. D. João Mascarenhas cauto, e prevenido, arguindo daquella breve pausa, que faziao ■ ■ ■ ■ ■ do inimigo, que trabalhava em outra nova mina, temendose do baluarte de Antonio Peçanha, mandoulhe fazer alguns reparos, e abrir escutas, por onde conheceo, que por aquella parte se picava ■ muro; ■ qual o inimigo achou tão forte, que ■ não podia romper o picão; difficuldade que venceo com vinagre, e fogo. Donde se vê, que a estes inimigos da Asia, não faltava valor, nem disciplina, como erradamente escrevem, os que em abatimento de nossas victorias, imaginarao os Mouros Orientaes barbaros, ■ bisonhos. Com este artificio começou a arruinar o muro; ■ logo entre o baluarte S. Thomê, e o Cubello, ordenou Rumecaõ, que se lavrasse ■ mina, a qual sendo conhecida dos nossos, lhe fizerao contramina, e levantarao por dentro huma parede forte; ■ como estavam faltos de materiaes, e gente, acodiraõ aquellas honradas matronas ao serviço de tão pesada obra em beneficio dos feridos, e enfermos, que não podiaõ supprir este trabalho, nem tão pouco escusalo.

127 Logo que Rumecaõ teve posta ■ ■ ■ ■ ■ perfeição a mina, determinou à sombra della dar hum geral assalto, ■ chamando a si os Cabos do exercito, ■ ■ ■ ■ ■ que

que estavam escolhidos para escalar o muro, escrevem, que lhes fez esta falla.

; Aquellas ruínas, que estais vendo, tintas no sangue de nossos companheiros, hão de ser hoje nosso sepulchro, ou nosso alojamento. Com foldados são os que guardaõ aquellas estragadas muralhas, aos quaes fome, feridas tem tirado forças de forte, que só peleijamos com sombras dos que já foraõ homens, offercendo os miseraveis nossos alfanges vidas sem sangue. A honra, que neste cerco tem ganhado com valor infelice, ha de ser toda nossa, porque do fim da guerra tomaõ nome as empresas; que o mundo julga sempre valor da parte da lutima fortuna. Acabemos de ganhar aquella fortaleza; subamos a este monte de triumphos, vingaremos infinitas injurias com huma só victoria. Livremos esta escrava da Asia das prisoes do tributo; livremos nossos, que debaixo de suas armadas violentados gemem. Com este ultimo assalto, poremos fim tão illustre empreza, se acordará o Oriente idades largas com alegre memoria de tão feroso dia.

Anima Kamecaõ os seus para outro assalto

128 Acabada pratica, fallou, e animou aos particulares com razoens accommodadas ao tempo e às pessoas, finalando premios aos primeiros, que subissem ao muro, como pudera mais sabio, pratico Capitão da Europa. No mesmo dia, que foi de dezaseis de Agosto, sabio o inimigo com todo o poder de seus alojamentos, repartindose ordenadamente pelos baluartes, deixou maior grosso do exercito, para acometter o de Sanctiago, por onde esperavão abrir a porta à victoria; qual se arrojà-

Comettemdo baluarte Sanctiago.

Rebenta a
mina —
dano dos
inimigos.

rão tumultuariamente, dando espantosas vozes, e tirando sobre elles grande copia de armas de arremesso para chamarem ■ defesa ■ maior força dos nossos. Ateouse por esta parte com maior calor a briga, até que ■■ força do conflicto, fingindo ■ inimigo, que cedia à nossa resistencia, se retirou subitamente, como a final certo. Os nossos, que estavam sobre aviso, conhecendo ■ engano ■■ temor simulado, com que se retrahião, se apartarão também do baluarte, esperando que rebentasse ■ mina. Deraõ-lhe os Mouros fogo, o qual achando resistencia nos repuxos, e escarpas do muro, que lhe contraposerão, rebentou pela face fóra retrocedendo; ■ voando a cortina do ■■■■■, ■ lançou sobre os Mouros ■■■■ tão grande violencia, que matou mais de trezentos, e muitos mais ficarão estropeados.

129 Ficou ■ fortaleza espaço grande escondida em nuvens de pó, e fumo, sem que de huma, ■ outra parte se conhecesse o dano; ■■ logo que se começaram ■ adelgaçar ■■ àres, acodio o inimigo em tropas a subir pelos estragos, e ruínas do fogo com tanta certeza de victoria, que huns ■■ outros fazião impedimento, estimulados da cobiça do premio, ■■ da ambição da honra. Porém ■■ nossos os receberão ■■ lanças, fazendo-os voltar em pedaços sobre ■■ opprimidos da mina. Tras estes acomettérão outros, que depois de pelejarem grande espaço, forão também derribados dos nossos; ■■ quacs deslatinavão muitas settas, chuços, ■ alcanzias de fogo, que tiravão do campo, com que nos encravavão alguma gente, ■ impediaõ ■ defesa ■■ soldados attentos ■ hum, e outro perigo; porém assi abraçados, e feridos, não houve algum que largasse o lugar que sustinha,

inha, onde fizeram tão heroicos feitos, como se de-
xaõ ver no successo, ■■■ desigualdade da peleija. O
fogo, que os Mouros lançavão no baluarte, ■■■ tan-
to, que ■■ nossos pelejavão ■■■ hum incendio vivo,
a que ■ Capitão mór occorreo mandando trazer tinas
de agua; onde mitigavão, ou extinguiaõ os vestidos,
e corpos abraçados. Como a esta parte se inclinou
mais o poder do inimigo, tambem aqui lhe fez oppo-
sição maior a força dos nossos, com que se acendeo a
peleja mais viva soccorrida dos Mouros por momen-
tos com gente de refresco, ■ assistida com a presença,
■ voz do General, que ■■ esforçava.

130 Antonio Moniz Barreto, e Garcia Redri-
guez de Tavora, deraõ aqui de seu valor huma illus-
tre prova, fustendo o peso dos inimigos com conf-
tancia não vulgar, mostrando os mesmos brios ■■■
perigos da terra, que nos do mar. Muita parte da
honra deste dia coube àquellas nunca affaz louvadas
matronas, não só companheiras no trabalho, mas
tambem ■■ perigo. A boa velha Isabel Fernandez
com huma chuça nas mãos animava aos soldados
com palavras, e melhor com o exemplo; e as de mais
entre ■■ fettas, ■■ lanças, ■ pelouros, ■■ mostravão
seu esforço, ou serviaõ ao alheo.

*Continuaõ
as mulhe-
res seu va-
lor.*

131 Nos outros baluartes não estavaõ ■■■
ociolas, porque ■■ todos se pelejava, para com a
diversão facilitar a entrada pelo de Sanctiago, onde
havia rebentado ■ mina. Ordenou tambem Rume-
caõ, que se batesse a Igreja da fortaleza, que podia
ser arrasada por estar eminente. crêdo naquelle lugar,
seria mais sensitiva ■ offensa. Porém os nossos deraõ
tão grande pressa ■■■ inimigos, que chegavão já fro-
xos, e tibios a escalar o muro, detidos ■■ horror de
seu mesmo estrago.

132 Man-

*Retiraõ-se
os inimigos
com perda.*

132 Mandou Rumeçaõ tocar ■ recolher impaciente ■ deixando sobre quinhentos mortos, sem conto os feridos. Qualquer dos nossos se podia contentar com a honra, que ganhou este dia. Miguel de Arnide, aquelle valeroso soldado se affinalou tanto, que mostrou ser ainda aquelle corpo pequeno para tamanho espirito; ■ como ■ tão crecida creatura acompanhavão forças proporcionadas, o que alcançava com o primeiro golpe, escusava ■ segundo. Mojatecaõ, que tinha vindo ao exercito com hum socorro grosso, ■ do valor dos portuguezes fallava com desprezo, formando differente juizo com as experiencias deste dia, dizia, que eraõ dignos de que os servissem as gentes; e que a fortuna do mundo estava, em serem elles tão poucos, porque a natureza, como ■ leões, os tinha feito raros, encerrando-os nas covas do ultimo Occidente.

*Mojatecaõ
louva o
valor dos
nossos.*

*Avisado
Rumeçaõ de
tres escrava-
nos fugidos.*

133 Este dia perdemos sete soldados, e ficaraõ vinte ■ dous abraçados, ■ já os sãos eraõ tão poucos, que não baltavaõ a curar ■ feridos, e menos a reparar ■ ruínas da fortaleza, para que faltava tempo, materiaes, e gente; mas como Rumeçaõ achava nos assaltos taõ dura resistencia, fazia de nossas forças differente conceito. Neste tempo fugiraõ para o inimigo tres escravos nossos, os quaes levados ■ Rumeçaõ, lhe affirmaraõ, que ■ fortaleza não havia sessenta soldados, que podessem tomar armas, ■ estes muito debilitados com ■ fome, ■ continuo trabalho das obras, e vigias, nos quaes não acharia mais que obstinação sem forças. Com ■ certeza deste avilo, resolveo Rumeçaõ assaltarnos com todo ■ poder para ■ seguinte dia, declarando aos seus o estado em que nos achavamos, e mandando, que todos o ouvissem

da boca dos escravos ; os quaes discorrendo pelo exercito , espalhavaõ alegres a relação de nossas misérias.

134 Logo que amanheceo se ordenou o exercito para dar o assalto , no qual como ■ ultimo da guerra, *Dá outro assalto.* se quizerão achar todos, e alguns vestíraõ galas, crendo, que hiaõ mais a triumpho , que ■ peleija. Saíraõ de seus alojamentos com todas as insignias arvoadas , tocando diversos instrumentos , que alternados com ■ vozeria do campo, articulavão eccos barbaros, ■ medonhos ; e como traziaõ vencido o medo com ■ noticias , que temos referido , de longe se avançaraõ ao baluarte S. Thomè , que por estar quasi todo arrastado , ■ ruínas lhes serviaõ de escada. Era de Turcos esta primeira tropa, que arremetêraõ confiados, como a dar a victoria ; porém os nossos quebrando entre elles algumas panelas de polvora , os fizeraõ retirar abrafados. Com ■ mesma furia chegaraõ outros, que depois de peleijarem algum espaço, voltaraõ tambem como os primeiros , sangrados do nosso ferro. Mas Rumecaõ, crendo , que taõ continua resistencia nos teria consumidos , como o ferro, que cortando se gasta , ajuizando nossa fraqueza de seu mesmo estrago ; brådou aos seus , que subissem ■ tomar posse da fortaleza , que já não havia quem se lhes opposesse. A qui arremeteo tumultuariamente hum graõ troço de Mouros esforçados , ou credulos às vozes do General. Estes com o primeiro alento cavalgãraõ o muro, e começãraõ ■ peleijar com os nossos braço a braço , e descançados contra poucos já lassos , e feridos ; porém tirando forças do brio , e necessidade , se mostrãraõ tão valentes aos ultimos , como aos primeiros. Alguns dos inimigos cahiaõ , ■ succediaõ outros , com que

Valerosa resistencia dos nossos.

que esteve a fortaleza muitas ~~vezes~~ perdida. Aqui acodio D. João Mascarenhas animando os seus, como grão Capitão, peleijando como ■ melhor soldado, e pròvido ■ todas ■ occurrencias da guerra, tinha prompto todo ■ genero de armas, de que se ajudavaõ os nossos, ministradas por aquellas valerosas mulheres. Luiz de Sousa Capitão daquelle baluarte fez grandes gentilezas ■■ armas neste dia. Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodriguez de Tavora, D. Pedro; e D. Francisco de Almeida, fizeraõ obras dignas de maior escriptura; ■ todos os mais Cavalleiros, e soldados, que aqui se acharaõ, alcançaraõ bem merecida fama.

*Acomete
Rumecaõ
baluarte
S. João,
e retira-se.*

135 Mandou Rumecaõ acometter o baluarte S. João, crendo pela informação dos escravos, que achasse a entrada franca, mas obraraõ tanto ■ poucos defensores que tinha, que obrigaraõ a retirar o inimigo com perda, e ~~com~~ vergonha. Rumecaõ afombrado do que via, affirmava, que eramos instrumentos da indignação do Ceo contra Cambaya, e segunda vez tratou de aplacar Mafoma com algumas expiaçoens barbaras, e ridiculas; e porque nos assaltos perdia muita gente sem fruto, e os soldados já timidos desprezavaõ a obediencia com o horror de tão quotidiano estrago, tornou a tentar ■ minas, como artificio, ou mais efficaç, ou mais seguro. E primeiro mandou abrir muitas fétteiras ■■ parede, que dividia ■ exercito da nossa fortaleza, por onde recebiaõ ■ nossos muito dano, porque pelejavão como em campo raço, sem abrigo da muralha, que estava arruinada. Começaraõ a laborar ■ seus arcabuzes, dando continuas cargas.

136 Ordenou que hum Quartão se batesse ■ cisterna,

terna, ■ qual se chegàra ■ arrombarse, nos perderia-
mos com sede, como mal sem remedio. Esta cisterna *Intenta ar-*
està à entrada de huma rua, que chamamos a Cova, *rombar a*
que foi ■ cava antiga dos Mouros, onde se recolhia *cisterna.*
a gente inutil. Aqui cahiaõ muitos pelouros com da-
no dos mileraveis, que alli se abrigavão, ■ perigo da
abobeda que ~~cobria~~ a cisterna. A este perigo occur-
reo ■ Capitão mòr, ordenando huma tranqueira alta
de vigas, e entulho, com que remediou hum, e ou-
tro dano, furando as calas pela parte de dentro, com
que de humas ■ outras se dava serventia segura.

137 Entretanto trabalhavão os Mouros na mina, *Rebenta*
que hia demandar ■ baluarte Sanctiago, o que en- *outra mina*
tendido dos nossos, ordenàraõ por dentro repuxos *com dano*
fortes, ■ abriraõ alguns vãos por onde se vazasse o *dos inimi-*
fogo. Chegado ■ termo de rebentar a mina, achou *gos.*
tal resistencia nas escarpas, que deu com parte do ba-
luarte para a banda de fóra, matando quantidade de
soldados, ■ mineiros, que assistiaõ na obra, sem que
dos nossos perigasse algum, ficando inteira ■ cortina
do ■■■■■; seria caço, mas tão raro, que pareceo mila-
gre. Em rebentando a mina, subiraõ de tropel os *Perigo grã-*
Mouros pelas ruínas do baluarte, donde se lhe oppo- *de dos nos-*
seraõ ■ nossos, delvelados das continuas vigias, de- *fos.*
bilitados das fomes, e feridas, sustentados mais na
grandeza do espirito, que em forças naturaes; ■■■■
ainda assi os animou ■ honra, e o perigo de forte
que pareciaõ peleijar com forças descansadas, ■ intei-
ras, detendo ■ furiosa corrente do inimigo à custa
delle mesmo. Era ■ lugar capaz de pelejarem mui-
tos, ■ a desigualdade do numero fazia o perigo maior.
O ruído das armas, a confusão das vozes, impediaõ
mandar, ■ obedecer. Caíraõ muitos Mouros, mas

Arvorar
inimigo tres
bandeiras
no baluarte
Sanctiago.

pela diligencia dos Cabos, lhes succediaõ outros; com que não deixavão respirar os nossos, acomettidos de longe com armas de arremesso, de perto pe-
leijando braço a braço. Assi aturãraõ muitas horas esta dura contenda. Tiverãõ os inimigos lugar de ar-
vorar tres bandeiras no baluarte, defendidas de boa copia de espingardeiros. Deste lugar foraõ decendo
o muro até a Igreja do Apostolo Sanctiago; que fi-
cava encostada ao mesmo baluarte, metendo se nos
altos da casa; com o que ficou o baluarte, a Igreja,
ametade sustentada dos Mouros, a outra dos nossos.

Cuidado do
Capitão
môr nos re-
paros.

138 Sobreveo a noite, pondo termo à discor-
dia, não a paz, se não a natureza; e ainda assi com
golpes vagos, e incertos continuãraõ huma cega
batalha. Ordenou logo o Capitão môr huma fra-
ca trincheira, que mais o dividia, que ampara-
va do inimigo; a qual se obrou com armas nas
mãos, quasi furtiva, ficando por alojamento dos
soldados o lugar da batalha; onde, nem sobre as
armas, podiaõ ter seguros hum pequeno repou-
so, porque nem para curar as feridas tinhaõ tem-
po, ou lugar opportuno. Não descansava o Capi-
tão môr com as armas, e menos com o espirito.
Mandou aquella noite assentar hum Camelo à por-
ta da Igreja, que ficava a cavalleiro do baluarte,
e com elle varejava os Mouros, que recebiaõ mui-
to dano, em quanto conservavaõ a posse do que
tinhaõ ganhado, até que se cubríraõ com huma
trincheira grossa, que os assegurava.

Sae de
Baçaim
Luis de
Mello.

139 Não se passava menos perigo no mar, do
que na terra, porque logo que chegou a Baçaim
a Galveta do Antonio Moniz, outro dia, que
se contavaõ quatorze de Agosto, se embarcou nel-
la.

1a Luis de Mello de Mendoça com quinze companheiros, ■ apos elle em hum Catùr Dom Jorge, e Dom Duarte de Menezes com dezefete soldados; ■ Dom Antonio de Attayde, ■ Francisco Guilherme cada hum em feu navio com quinze soldados. Luis de Mello se foy logo engolfando, for-
 dindo pouco, porque levava o vento pelo olho, ■ quanto mais se afastava da terra, via os mares mais grossos; e como ■ Galveta era pequena, e estroncada, ■ ■ ondas tão soberbas, que rebentavam em flor, quebrando-se cruzadas com a força do temporal, começou ■ entrar-lhe ■ agua por hum, ■ outro bordo, que os marinheiros despejavão com baldes, vendo-se por momentos soçobrados, com que já areados, e tímidos, grumetes, ■ soldados requeriaõ a Luis de Mello, que arribasse, dizendo, que sabião pelcijar com homens, e não com os elementos; que já não ■ valor, se não porfia, perderem-se sem fruto; que contra ■ indignação de Deos não valia esforço. Porém Luis de Mello ■ aplacou, dizendo, que naquella Galveta, e com ■ mesma tormenta passára Antonio Moníz, que não levava melhores companheiros que elle, ■ ■ ■ lhe tinhaõ mais cortesia os mares, que ninguém acabàra cousas grandes sem perigo; ■ que quando seus companheiros, ■ amigos estavaõ às lançadas com ■ Turcos, não haviaõ de esperar os mares leite, e os ventos galernos para ir a soccorrelos; que quando as ondas lhe comessem o navio, sobre ■ espada havia de chegar a Dio; que trabalhassem, que Deos os havia de ajudar.

*Perigos
que tem
■ viagem*

140 O temor, ou pejo destas palavras, fez por entãõ aquietar a todos; assi foraõ aquella tar-

*Resiste aos
que que-
rem arri-
bar.*

*Chega a
Dio, e dá
novas de
D. Alva-
ro.*

de, ■ noite lutando ■ tormenta, esperando que cada onda ■ soçobrasse, ■ não podendo já as forças com o trabalho, vendo crescer ■ temporal por instantes, se conjuraraõ os marinheiros, ■ soldados, a obrigar ■ Luis de Mello por força, que arribasse: do que sendo aviado por hum Gomez de Quadros soldado de ■ obrigaçã, tomou as armas todas, ■ recolhidas no payol, se poz enfima com a espada na mão, dizendo, que quem fallasse em arribar, às estocadas lhe havia de dar a resposta; que ■ vida de nenhum delles era de maior preço que ■ sua, para se não quererem perder, onde elle se perdia, que possessem os olhos em Dio, porque nem ■ honra, nem ■ salvação tinham já outro porto. Vendo os soldados esta resolução, ■ marinheiros mais temerosos do Capitão, que da tormenta, seguirão sua viagem sempre alagados, e com ■ morte bebida, parecendo, que cada rajada, de vento os sepultava. Assim foraõ em continuo naufragio navegando, até que sobre a tarde houve vista da fortaleza, donde foraõ olhados com espanto, e alegria. Os Mouros lhes tiraraõ muitas bombardadas ao entrar da barra; surgiraõ sem dano na Couraça, onde ■ Capitão os veo a receber com grande alvoroço; a quem Luis de Mello affirmou, que não poderia tardar dous dias Dom Alvaro de Castro; nova que foy festejada de todos com demonstraçoens que os Mouros entendêraõ, de que fizeraõ juizo, que andaria já no mar o socorro, ■ cuja caula determinou Rumecaõ apertar mais ■ cerco. Luis de Mello com os seus foy apostenado no baluarte Sanctiago, de que o inimigo tinha a maior parte, que havia guarnecido com ■ solda-

soldados mais escolhidos do campo ; apostados a morrer na defenſa do do que tinhaõ ganhado. Ao ſeguinte dia chegàraõ Dom Jorge , ■ Dom Duarte de Menezes , havendo paſſado os meſmos riſcos , com a meſma conſtancia , que Luis de Mello. Com eſtes ſoccorros , maiores na qualidade , que no numero , parecia ~~que tinha~~ já outro ſemblante ■ guerra.

*Cheg. õõ ou-
tros fidal-
gos.*

141 Importunavaõ ■ novõs hoſpedes ■ Dom João Mascarenhas , que os deixaffe ver o roſto ■ inimigo , tentando deitalo fóra do baluarte Sanctia- go , ■ que elle concedeo levemente , querendo tambem acompanharlos. Apreſtaraõ-ſe para ■ ou- tro dia , e em amanhecendo ſobíraõ pelos muros , com que ■ inimigo ſe cobria , lançando-ſe aos Mouros taõ impetuoſamente , que os deitàraõ fó- ra ſem lhes valer o eſforço , e reſiſtencia com que ſe defendé- raõ. O eſtrondo das armas chegou aos ouvidos de Rumecaõ primeiro , que ■ avifo , e acodindo com todo o poder àquella parte , tornou a travar com ■ noſſos com igualdade no lugar , e vantagem no numero. Aqui ſe pelei- jou de am- bas ■ partes , braço ■ braço , e corpo ■ corpo , ferindo-ſe com ■ armas curtas , ſuſtentando cada hum com o ſangue , ■ com ■ vida o lugar , que occupava. Os noſſos com taõ inferior partido , fi- zeraõ tantas gentilezas nas armas , que os Mou- ros os olhavaõ de fóra ■ temor , ■ eſpanto ; po- rêm como eraõ deſiguaes às forças do inimigo ; tornou a recobrar aquella parte do baluarte , que já tinha ganhado , ■ reforçando-a com guarniçaõ dobra- da , mandou dar hum aſſalto gèral à fortaleza. Pelei- javaſe por todas ■ partes com huma meſma furia : cahiaõ.

*Pelei- ja
no baluar-
te San-
tiago.*

cahiaõ muitos Mouros, huns cortados do ferro, e outros abraçados do fogo; e no mais vivo deste conflicto se começou a escurecer o dia com huma cruel borrasca de vento, e agua, trovões, e relampagos, parecendo, que no ar se accendia outra nova batalha.

*Perigo da
fortaleza,
e valor
dos nossos.*

142 Os mouros vendo que a agua não apaga-
va as cordas, e que não podião ser offendidos com
as panelas de polvora, nem outros instrumentos
de fogo, interpretando a favor divino e curso,
ou variedade dos tempos; por entre espessos chu-
veiros se chegavaõ aos nossos sem medo, e
vozes, e algazaras, como de quem tinha o Ceo
propicio. Foi este dia, em que maior valor mol-
tráraõ os nossos, e em que a fortaleza teve maior
perigo, porque os Mouros se metiaõ pelas lanças,
e espadas, ou brutos, ou valentes. Durou seis ho-
ras tão porfiado assalto, até que tornou a abrir
o dia, e os nossos se começaraõ aproveitar das
panelas de polvora, com que abraçavaõ muitos,
cuja vista aos outros resfriou o orgulho, peleiando
mais cautos, até se que lhes acabou o dia, e Rume-
caõ tocou a recolher, deixando quatrocentos mor-
tos, e mais de mil feridos; dos nossos faltáraõ set-
te, foraõ mais feridos. Neste assalto se acháraõ
todos os fidalgos do soccorro, mostrando va-
lor as mesmas qualidades que no sangue. Dom João
Mascarenhas fez as vezes de Capitão, e de solda-
do, sabia, e valerosamente; assistindo sempre ao
perigo, sem faltar ao governo. Esta noite passá-
raõ os nossos mui vigiados pela vesinhança do ini-
migo, que havia recebido do Soltaõ novas honras, po-
los apertos em que tinha os cercados; e lhe havia
entrado

*Retirase
Rumecaõ
com muito
dano.*

*Entra soc-
corro e
inimigo.*

entrado hum soccorro de cinco mil infantes com muitos Cabos Turcos , que Rumeçaõ quiz logo avistar ~~com~~ os nossos , para lhes mostrar ~~o~~ contendores que tinha , como ~~o~~ prova do que havia obraço do.

143 Ao seguinte dia depois do assalto , entrá. *Chegaõ a*
raõ pela barra ~~Dom Antonio~~ de Ataide , e Francil- *Dio mais*
co Guilherme , que não achãraõ menos bravos ~~os~~ *fidalgos.*
mares , que ~~os~~ outros que temos referido. Differaõ
que não podia tardar hum dia D. Alvaro de Castro,
porque se tinha já levado ~~a~~ armada com ordem, que
nenhum navio esperasse por outro. Os soldados festejãraõ ~~a~~ nova , e o foccorro , com musicas , e folias continuas , com que já pareciaõ passatempos ~~os~~
perigos do cerco.

144 Entendendo Rumeçaõ, que vinhaõ chegan- *Desconfia*
do à fortaleza alguns soccorros , e que ~~o~~ abrindo o *Rumeçaõ*
tempo não leriaõ os Portuguezes tardos em dar-se *da empre-*
huns aos outros ~~a~~ mão ~~os~~ maiores perigos , come- *ça.*
çou ~~a~~ desconfiar da empreza , vendo , que os trabalhos não quebravaõ os animos dos nossos , e que os seus soldados nas conversações não tinhaõ por justificada a causa desta guerra , accusando aos quebrantadores da paz por nõs fielmente guardada. Temco ~~a~~ disposição , que via para algum motim , ~~a~~ que atalhava encarecendo o miseravel estado dos nossos , ~~a~~ a infallibilidade que tinha da victoria. Fez pagas aos soldados , e mandou prégar pelos Cacizes ~~a~~ certeza de gloria para todos os que morressem nesta guerra ; ~~a~~ as mercès com que o Soldado havia de remunerar ~~os~~ libertadores da patria , não se esquecendo do temporal à volta do divino. E porque ~~a~~ minas eraõ de menos risco , ~~a~~ que ~~o~~
assal-

Abre outra mina, que se atalha.

assaltos, e obração com maiores effeitos, determinou de as ir proseguindo. Com este desenhio, mandou abrir huma grande mina no lanço do muro, que hia do baluarte S. João e fechar a guarita de Antonio Peçanha, porém como os nossos andavaõ sobre aviso, ainda que Rumecaõ cauto, e ardiloso fazia e outros baluartes ponta, mandando trabalhar nelles de noite com estrondo, para com esta diversão cobrir o intento: com tudo Dom João Mascarenhas teve noticias da mina, contra a qual se assegurou como das outras vezes, trabalhando os fidalgos e reparos, cujo exemplo fazia os soldados e trabalho mais leve.

Dá-se o fogo, e os nossos defendem as roturas.

145 Chegado o termo de se dar fogo a mina se abalou o exercito, e começou a tornear a fortaleza. Vinhaõ diante dous Sanjacos capitaneando huma tropa de Turcos, que eraõ os que haviaõ de entrar pelas roturas, que se abrissem ao rebentar da mina, e qual com tremendo estampido voou pelos ares toda a face do muro. Correrãõ logo os Turcos, ainda cegos do fumo, e da terra, levantada e ares com o impulso do fogo, porém achãrãõ outro contraposto, a que o fogo, ou não chegou, ou achou resistencia: viraõ com tudo, que a guarita de Antonio Peçanha ficara por tres partes aberta, e voltando áquella parte e armas, intentãrãõ ganhala: os nossos acodiraõ e defendela, como lugar mais fraco, retardando a corrente do inimigo.

146 Aqui andou por hum espaço a briga mui travada, peleijando cercadores, e cercados como campo raso. E crendo Rumecaõ, que estava naquelle lugar todo o poder dos nossos, mandou

aco-

acometter aos outros baluartes, onde tambem ■ Portuguezes lhe mostraraõ o ferro. Metêraõ este dia ■ inimigos infinitos pelouros na fortaleza, dos quacs não recebemos dano, estando ella quasi arruinada, caso, que por ser raro, pareceo milagroso. Durou enfim o combate algumas horas, retirando-se o inimigõ com o mesmo dano que outras vezes, ■ nossos com a mesma fortuna.

Retirase o inimigõ.

147 Rumecaõ, que já tinha por injuria ■ di lação do cerco, como homem, que buscava ■ perigos, ■ o dano por desculpa, acometteo o outro dia o baluarte S. Thomè em pessoa, fazendo com seu risco exemplo, ■ mandou por differentes Capitães escalar os outros baluartes, parecendo ■ invazaõ destes dias hum successivo assalto. Aqui peleijaraõ os Mouros, mais como desesperados, que valentes, correndo atravessados pelas lanças, e espadas dos nossos ■ morrer, ■ a matar juntamente, mais promptos a offender, que ■ reparar-se, buscando a morte, como porta para ■ imaginada gloria, que lhe promettiaõ os Cacizes, maquinando este diabolico incentivo em beneficio da empresa, e desprezo da vida. Com este ardor sofrêraõ ■ peso da batalha muitas horas, perdendo oitenta dos seus, sobre cujos corpos peleijavaõ, incitados da dor, e da injuria dos companheiros mortos. Peleijaraõ enfim com tal porfia, que sustentaraõ aquella parte do baluarte, onde se combatia, ■ nelle arvoraraõ bandeiras, cobrindo-se com vallos, e estacadas.

Acomete Rumecaõ o baluarte S. Thomè.

148 Não andavaõ menos quentes as armas no baluarte Sanctiago. Duas vezes o tiveraõ ganhado os inimigos, mas foraõ taõ valerosamente resistidos,

Successos no baluarte Sanctiago.

Valor particular de hum soldado.

dos, que o tornáraõ a perder depois de bem sangrados. Aqui foy tanto o fogo, que os inimigos lançáraõ, que os nossos peleijavaõ abrafados, soccorrendo-se, por unico remedio, das tinas de agua para refrigerar-se. Antonio Moníz Barretto com dous soldados se achavaõ sóz no baluarte detendo a furia do inimigo; e querendo o Moníz sair-se a mitigar os tinas o ardor do fogo, travou delle hũ soldado, dizendo: Ah Senhor Antonio Moníz, deixais perder o baluarte delRey? Voume banhar naquellas tinas (lhe tornou elle) que estou ardendo em fogo. Se os braços estaõ sãos para peleijar, tudo o al he nada (lhe respondeo o soldado.) Cujã advertencia accitou o Moníz, taõ pagado do valor que o soldado mostrava, que o trouxe consigo para o Reyno, e lhe alcançou despacho, confessando generosamente o seu delar para credito alheo; chamandolhe sempre com honrado appellido, o soldado do fogo; nem as relaçoens deste successo no lo daõ a conhecer por outro nome.

Retirase outra vez o inimigo.

149 Neste, e nos outros baluartes se peleijou este dia com valor, e perigo igual, que não podemos relatar por extenso, por serem os casos taõ semelhantes, que parecendo huma mesma coisa repetida, se escrevem, e se lem com fastio; porẽm ainda que a relação deste cerco não deleite com variedade, quem negará, que foy esta facção huma das mais illustres, que se achãõ nas historias humanas, da qual fizeraõ estimação justa as mais bellicosas naçoens da Asia, e da Europa? Retirado do assalto o inimigo, se fortificou nas ruínas da fortaleza, donde continuamente se mostravaõ as armas.

150 Ao seguinte dia despedio Dom João Mascarenhas em hum Catùr ■ Antonio Correa , com *Sae Antonio* vinte companheiros , soldados de grande valor , ■ *nio Correa* quem não sabemos nascimento , se bem suas obras *a fazer al-* o mereciaõ , ou o suppunhaõ illustre. Sahio da *gãa presa* barra , e torneando ■ Ilha , como lhe foi ordenado , se recolheo sem presa ; e como os soldados de valor se não contentaõ com obrar bem , senão ditosamente ■ tornou o Correa ao mesmo negocio cinco vezes (mais desconfiado , que obediente) à tentar a fortuna ; ■■ como o que parecia caso , era mysterio , ordenou , ou permittio ■ Ceo , que ■ valeroso soldado fizesse da empresa porfia o qual , como se a desgraça fora culpa , se accusava ■ si mesmo. Tornou emfim com mais importuna experiencia ■ rogar , ou conhecer sua sorte , e dando volta à Ilha , divisou ao longe hum fogo , que ■ distancia fazia mais pequeno , e remando contra àquella parte , deixando os companheiros no Catùr , saltou em terra , caminhou algum espaço só , até que à mesma luz do fogo lhe descobrio doze Mouros , que ■■ torno d'elle reparavaõ o frio. Voltou logo aos companheiros alegre , dizendo , que saíssem , porque tinhaõ como nas mãos ■ presa que buscavaõ ; porém os soldados , ou esquecidos de si mesmos , ou servindo à Providencia mais alta , ■ não acompanharaõ , como dando lugar á fortuna do Capitão , ■ qual vendo a fea resolução dos soldados , se foy só a demandar ■■ Mouros , bastandolhe o animo para *En-veste com doze Mouros , que o prenderam.* acommetter ■ perigo , que não podia vencer. De repente envestio os Mouros , ■■ quacs amedrontados ■■ o subito accommettimento ; huns fugiraõ

giraõ, outros se defendiaõ timidos, e sobrefaltados, mas tornados ■■■ ■■ e vendo-se acutilados de hum só homem, começaraõ a fazerlhe rosto já com mais ousadia, voltando ■■ que fugiraõ a defenderse unidos; e em quanto Antonio Correa se acutilava com huns; outros o sojugaraõ pelos lados, ■ ainda depois de preso, como a fêra, ■ temião atado; assi o levãraõ a Rumecaõ, mostrando ■■ feridas, que recebêraõ, em credito do preso.

He pre-
sentedo
Rumecaõ

151 Mandou Rumecaõ que o soltassem, perguntandolhe, que gente haveria ■■ fortaleza? Se viria ■ Governador a Dio? Com que poder, e em que termo se esperava ■ filho? Elle lhe respondeo com grande segurança, que ■■ fortaleza havia seiscentos homens, que cada dia importunavaõ o Capitão que ■■ levasse ao campo; que esperava brevemente a vinda de Dom Alvaro com oitenta baxeis, o qual ■■ desembarcando fãiria ■ campanha, porque algumas galés que trazia, havião mister chusma de Turcos; que o Governador aprestava maior poder, porque queria acabar de hum vez com as coufas de Cambaya. Rumecaõ que sabia a verdade de nossas forças, envejou hum coração tão livre em tão baixa fortuna, fazendo estimagaõ (■■■ soldado) de quem entre prisoens o desprezava. Rogoulhe, que se fizesse Mouro, porque com melhor Ley teria melhor fortuna, ■ conheceria a differença de servir a hum Monarca rico, ou ■ Piratas pobres. Porém o valeroso Cavalleiro, escandalizado na injuria de favores tão feos, lhe respondeo, que os Portuguezes, pola Ley, e polo Rey estavaõ sempre promptos a der-
ramar

Quer per-
suadilo a
deixar
Fê.

ramar o sangue ; que Mafamede fora hum enganador , infame por obras , e doutrina ; que se Cambaya havia renegados , feriaõ de outras nações , qual fora seu pay Coge Cofar , que como monstro da terra que nascera , pays , e a patria negavão de filho.

152 Rumeção não podendo sofrer de hum escravo as injurias da Ley , e as da pessoa , inflamado do zelo , e do desprezo , mandou ante si *Afrontas* afrontar *que lhe faz* o rosto , primeiro que lhe tirassem a vida , crendo , que lhe seria mais leve pena , que a injuria ; e logo entre baldocens , e mofas , o mandou passear nu pelas ruas da Cidade , inventor barbaresco de tão novo supplicio , já contra hum homem , já contra a humanidade. Porém hum Cavalleiro de Christo , como soldado já de outra milicia , com mais castigado valor vencia sofrendo. Rumeção depois destas injurias , dizendo que pedia satisfação de sangue a honra do Propheta , mandou que fosse degolado , e a palma , que começou a merecer soldado , alcançou martyr. Foi levantada a cabeça em huma pica , e posta em lugar onde os nossos da fortaleza a vissem ; os quaes com sentimento natural (mas injusto) como soldados , lhe vingaraõ o sangue , como Catholicos lhe enveja-
Manda-o degolar. raõ a morte. Entráraõ ao outro dia os soldados de sua companhia , os quaes o Capitaõ mór não quiz ver , nem castigar , tendo respeito ao tempo ; porém elles remiraõ a culpa , com se arriscar em todas as occasiões , como homens , que aborreciaõ huma vida sem honra. Muitos delles morrerãõ quasi voluntariamente , accusados de seu mesmo delicto. Os Mouros nos faziaõ mofas , e algazaras.

155 Já neste tempo estava arrasada a fortaleza, e os Portuguezes, em lugar de muros, defendião suas mesmas ruínas; o inimigo dentro dos baluartes ás portas da victoria; os mantimentos, huns eraõ polo tempo corruptos; outros pela qualidade, nocivos, de que resultavaõ doencas de tão má qualidade, que sãos recebiaõ maior dano do contagio, que da hostilidade.

Extremos em que está a fortaleza.

156 Tinha partido de Baçaim Dom Alvaro de Castro com cincoenta navios (assi chamaõ quaelquer baxeis India, ainda que sejaõ caravelas latinas, embarcaçoens de remo) vinhaõ empachados com muniçoens, bastimentos, não podendo sofrer máres tão grossos; tornáraõ a arribar em popa destroçados, e abertos, tomando diversas angras, e enseadas, onde temporal lançava. Entre os mais navios, que foraõ correndo com tormenta, foi de que era Capitão Athanasio Freire, qual indo demandar a terra, se foi metendo enseada de Cambaya quasi alagado, e tão perdido, que de commum accordo se assentou varar a primeira terra, que avistassem, havendo, que precedia a vida à liberdade; assi foraõ encalhar junto a Surrate, onde foraõ cativos, e levados Soltaõ Mahmud, que mandou aprisionar, e meter na masmorra, onde tinha Simão Feo com outros Portuguezes.

Torna D. Alvaro a arribar.

157 Ruy Freire, que vinha na conserva de D. Alvaro em hum navio seu, com soldados pagos à sua custa, soffreo melhor máres, navegado aquelle dia, outro com fortuna, avistou a costa de Dio, para onde se foi chegando até ir demandar a fortaleza; e entrando pela barra foi surgir a Couraça, onde foi bem recebido de todos, e deu ao Capitão mór as novas da vin-

Chega Ruy Freyre a Dio.

da

da de D. Alvaro , tão esperada , como importante , porque ainda não sabia da arribada , de que daremos conta.

*Prosegue
D. Alvaro
a viagem.*

*Toma hũa
nao de Cã-
baya.*

*Chega à
fortaleza
com qua-
renta na-
vios.*

158 D. Alvaro de Castro, ■ D. Francilco de Menez esarribàraõ com tormenta gèral a Agaçaim perdidos , aonde se reformàraõ brevemente , ■ tornàraõ acometter o golfaõ com ■ maior parte dos navios de sua conserva ; e vencendo ■ furia do temporal , houverãõ vista da outra costa por junto de Madrefaval. Nesta paragem appareceo de longe huma ■ grossa , que se vinha furtando à nossa armada. Mandou D. Alvaro ■ Mestre , que arribasse sobre ella , ■ que fizesaõ mais dous navios , que vinhaõ na sua esteira. Amainou logo a ■ ■ ■ , que era delRey de Cambaya , e vinha de Ormuz , lançou dous mercadores fóra , que vierãõ apresentar ■ D. Alvaro hum cartaz passado antes da guerra ; o qual fez represaria na nao , ■ a mandou levar ■ Goa , para que visse o Governador se era de presa. As drógas que trazia , crão coral , chamelotes , lãrins , ■ alcatifas , que tudo foy julgado por perdido. E logo D. Alvaro de Castro , seguindo sua derròta , tomou a barra de Dio com quarenta navios empavezados ; traziaõ todos flamulas , e galhardetes , dando de ■ huma mostra bellicosa , ■ alegre. Saudou a Fortaleza com toda a artelharia , que tambem lhe respondeo com a mesma , tocando todos ■ instrumentos de guerra. Mandou o Capitão mór abrir ■ portas da fortaleza para receber D. Alvaro , baixando todos ■ fidalgos , ■ soldados a receber , ■ festejar a armada , ■ que de mais da pessoa de D. Alvaro , vinhãõ fidalgos , e Cavalleiros de muita conta. Traziaõ muniçoens , ■ bastimentos para mui largo tempo , porque não quiz o Governador deixar à cortezia

tezia dos mares, negar, ou abrir passagem ■ segundo soccorro. Aposemtoufe D. Alvaro ■ baluarte, ■ qm acabou seu irmão D. Fernando; passarão-se ■ elle os soldados de sua milicia, ■ ■ mais dos fidalgos, huns ■ ■ companheiros de sua dor, outros de suas victorias; e como ■ General do mar lhe hiaõ pedir o nome sem querer separarse de sua obediencia ■ opiniaõ encontrada com o tempo, e mais com a disciplina. Porém D. Alvaro disse ao Capitão mór, que elle vinha sojeito ■ suas ordens; o que parecendo lanço de urbanidade a D. João Mascarenhas, lhe respondeu com ■ mesma cortezia; ■ ■ D. Alvaro lhe mostrou a instrucção que trazia, que entre as excellencias do Governador, não foi ■ mais pequena, na qual dizia, que ainda que a jurdição do cargo, e as provisões Reaes o eximiao de qualquer subordinação, que não fosse ■ do Governador da India, que elle mandava a seu filho Dom Alvaro, que estivesse às ordens de Dom João Mascarenhas, porque assim o pedia a muita honra, que naquelle cerco tinha ganhado; temperança de varaõ verdadeiramente grande; porque onde havia perdido hum filho, ■ aventurava outro, da fama, que ajudara a ganhar com seu sangue, não quiz para si nada; sem duvida maior neste desprezo, que depois na victoria.

159 Rumecaõ sabendo da vinda de Dom Alvaro ■, disse que já tinha na fortaleza prisioneiros para honrar seu triumpho, mandando trabalhar com mais calor nas minas. Despedio logo Dom Alvaro o seu navio com cartas ao Governador, do estado em que achara ■ fortaleza; e Dom João Mascarenhas o avisou de todos os successos passados. Haveria já na fortaleza seiscentos homens, todos soldados de

*Avisão am-
bos o Go-
vernador
do Estado
da Fortale-
za.*

opinião, com os quaes lhe pareceo ■ Dom João Mascarenhas, que podia intentar coulas maiores que a defenſa. Mandou logo aſſeſtar tres Camelos contra as eſtancias do inimigo, que ■ batêraõ taõ furioſamente, que Rumeccaõ reforçou as fortificações, que tinha, taõ attento ■ offender, como a defender.

160 Dos aſſaltos paſſados ficou ■■ ruínas do baluarte S. Thomè hum Baſiliſco ſoterrado de eſ-
En-veſte o tranha grandeza, a qual o Capitão mór deſejou
inimigo ou-ſubir à fortaleza, ■ ordenando cabreſtantes, e
tra vez, ■ engenhos, ■■ lhe foi poſſivel; ■ querendo ao
retiraſe.
 menos ſeguralo, para que os inimigos ſenão ſerviſſem delle, o mandou liar com viradores groſſos; porèm os Mouros foraõ cavando por baixo das paredes do baluarte, e picando as pedras do alicceſſe, atè que faltandolhe os fundamentos, viciaõ as paredes a terra, ficando o Baſiliſco atado, e ſuſpenſo nos àres. Acodiraõ logo ■ Mouros a entrar ■ baluarte, aos quaes fez roſto Dom Francisco de Menezes com os de ſua companhia, que ahi ſe achavão, travando com os Mouros huma pendencia aſſaz de bem renhida; ■ como eſte era o primeiro dia, que viraõ a cara do inimigo, ■ carregaraõ com ■ mãos taõ peſadas, que houve a ſeu peſar de retirarſe, deixando muitos dos companheiros no campo; mas no tempo que mais fervia a briga, liàraõ outros o Baſiliſco com hum calabrote forte, e ■ levàraõ arraſtando, quaſi ■ furto dos noſſos, que attentos à peleiſa não de-
Determi- não os noſ-
ſos ir buſ-
calo.
 raõ fé da obra, que os Mouros faziaõ.

161 Andava Dom João Mascarenhas ■■ gran-
 de vigilancia ſobre os deſenhos do inimigo ■ te-
 mendo

mendo mais as minas, que ser acomettido com força descuberta ; o que entendido pelos soldaos de Dom Alvaro, temerosos com o exemplo fresco de Dom Fernando de Castro, e outros fidalgos, e soldados, que morreraõ abrafados, se conjuraraõ em sair ■ pelear com o inimigo, tímidos ■ perigo duvidoso, temerarios ■ certo.

162 Diziaõ, que não queriaõ com obediencia inutil perecer abrafados, quando podiaõ morrer ■ campanha victoriosos, ou vingados; que pois sabiaõ pelear como homens, não queriaõ acabar como feras, atados ■ perigo; que de dous escolhiaõ antes ■ que podiaõ vencer, que ■ de que não podião fogir. Dom João Mascarenhas os dissuadio, quanto lhe foi possivel; primeiro com razoes, depois com a authoridade do cargo, e da pessoa; mas tudo foi sem fruto, porque estavão tão vãos, e altivos com sua mesma culpa (~~como~~ tinha semblante de virtude) que esperavão da desobediencia premios, e louvores. D. D. Alvaro, Alvaro de Castro acodio a detelos, estranhando-lhes resolução tão fea, dizendo: que ElRey sentia mais a desobediencia de hum soldado, que a perda de huma fortaleza; que ■ Capitão mór só tocava o governar, a elles obedecer, e pelear. Dom Francisco de Menezes lhes disse, que fossem embora a infamar o nome Portuguez, que a honra levavão já perdida, a vida grandemente arriscada; que quando escapassem das armas de seu inimigo, não poderiaõ livrar-se da indignação justa de seu Rey, ao qual desprezavão ■ pessoa de seu Capitão mór ■ sedição tão fea. Porém elles fatalmente obstinados, se ordenaraõ pa-

O Capitão mór trata dissuadi-los.

D. Alvaro, e D. Francisco fazem o mes-

■ dar ■ batalha , dizendo , que de nenhum delicto se engeitava ■ victoria por desculpa ; e quando se perdessem , ficavão fóra do premio , ■ do castigo ■ que elles acodiaõ pola honra do Estado , que estava mais costumado ■ tomar praças ■ Mouros , que perder as suas.

*Proseguem
■ soldados
seu intento.*

163 O mais que se pode acabar com ■ amotinados , foy , que ficasse ■ invazão para ■ seguinte dia , deixandolhes por conselheiro aquelle breve tempo , ■ que podiaõ considerar o que convinha ■ honra , e faude de todos. Porém elles , fatalmente conformes , amanhecêraõ resolutos , e promptos ■ batalha , dizendo ao Capitão mór ; que se os não quizesse governar , entre si mesmos escolheriaõ cabeça. Vendo pois Dom João Mascarenhas , que já acompanhar aos delatinados , era hum lanço forçoso , e que os defóra sempre julgãõ melhor ■ causa dos temerarios , que ■ dos prudentes ; elle , Dom Alvaro , ■ os mais fidalgos resolvêraõ seguios , onde com nova disciplina , obedeciaõ os Capitaens , mandavaõ os soldados.

*■ Capitão
mór, e fidal-
gos os acom-
panhaõ por
atalhar o
maior peri-
go.*

*Saem os
nossos, e em
boa ordem.*

164 Haveria na fortaleza (como temos dito) seis centos homens , dos quaes ficãrão ■ estancias cento ; dos outros fez Dom João Mascarenhas tres batalhas ; as duas deu a Dom Alvaro de Castro , ■ Dom Francisco de Menezes , e outra tomou para si ; logo fãrãõ da fortaleza , ■ com ■ primeiro impetu ganhãrãõ as estancias , que os Mouros tinhaõ feito ■ cava , deixandolhas com facil resistencia. Por esta sombra de victoria começou a ruína , porque os nossos altivos , ■ desordenados remetêrãõ ■ muro. O primeiro que a fobio

sobio foi Dom Alvaro , ajudado dos dous irmãos Luis de Mello , ■ Jorge de Mendoça , que tras elle sobiraõ. Dom Francisco de Menezes entrou por outra parte , sendo dos primeiros Antonio Moniz Barretto , Garcia Rodriguez de Tavora , Dom Jorge , e Dom Duarte de Menezes , Dom Francisco , e Dom Pedro de Almeida.

165 Rumecaõ , Juzarcaõ , e Mojatecãõ , vie-^{Resistencia}raõ com grossas companhias a encontrarle com os ^{dos inimi-}nosos , entre ■■ quaes se começou ■ batalha , ^{gos.}sustentada de nossa parte com mais valor , que disciplina. Dom Francisco de Menezes foi levando do campo ■ Mouros , que não podendo soffrer ■ peso deste encontro , perdéraõ muita terra , até que soccorridos de outros muitos , detiveraõ a corrente dos nossos. Dom João Mascarenhas sobindo ■ muro , quasi ■■ mesmo tempo , ^{Reprende o}que os outros Cabos , vio muitos soldados do ^{Capitão}motim , que estavaõ ao pé d'elle sem ouzar caval- ^{môr os amo-}galo , e em voz alta lhes accusou , com palavras ^{tinados.}feas , a desobediência , e fraqueza , os quaes calados , como querendo responder com as obras , ■ seguiraõ. E logo acomettendo os inimigos , que andavaõ baralhados com Dom Alvaro , lhes fizeram perder parte do campo ; mas como o partido ■■ taõ desigual , os Mouros se foraõ melhorando ■ carregando os nossos , de forte , que se desordenaraõ.

166 Dom Alvaro fez obras , que responderaõ ^{Valor, e dis-}bem ■■ sangue , opiniaõ , ■■ ■■ valor ; não faltou à ^{ciplina de}disciplina , difficil de conservar nas desgraças ; por- ^{D. Alvaro.}que foi ordenando , ■ recolhendo ■■ seus , quanto lhe foi possível , retirando se mui acordado com ■ rosto

Sobe o muro d'onde cahio de hum pedrada.

■ rosto sempre no inimigo, o qual lhe havia degolado alguma gente, ■ outra se desmandava, não podendo sofrer ■ impetu dos Mouros, o que vendo Jorge de Mendoça, inda que estava já ferido, tomou ■ Dom Alvaro nos braços para ■ sobir ■ muro; mas podendo-o mal fazer, por estar de sangrado, foi ajudado de seu irmão Luiz de Mello; e estando Dom Alvaro já sobre a parede, lhe deraõ hum pedrada, que o fez cair da outra parte sem sentido.

Passa hum pelouro a Luis de Mello.

167 Depois de Luis de Mello acodir ■ D. Alvaro, salvou tambem ■ irmão, ficando elle com Garcia Rodriguez de Tavora, Antonio Moniz, e outros fidalgos, detendo o impetu dos Mouros, em quanto os mais subiaõ, até que foi passado de hum pelouro, de que cahio quasi mortal. Os companheiros o levantãrãõ; e pozeraõ em cima da parede, donde foi levado ■ fortaleza, ■ dahi ■ Chaul, onde acabou da ferida, merecendo seu singular esforço, senão mais gloriosa morte, mais dilatada vida.

Morte de D. Francisco de Menezes

168 Dom Francisco de Menezes, peleijando muy valerosamente, cahio atravessado de hum pelouro, com cuja morte os de sua companhia se começãrãõ a retirar desordenadamente. Aqui foi o strago maior, porque o inimigo, conhecendo ■ desarranjo dos nossos, carregou sobre elles com maior ousadia.

Acordo do Capitão mor.

169 Dom João Mascarenhas se portou nesta desgraça com valor, e acordo, humas vezes retirando ■ seus, outras fazendo voltas ao inimigo, em quanto se recolhiaõ ■ desmandados, com que evitou grande parte do dano; ■ tendo já salvado

vado as paredes , se derramou huma voz , que
era a fortaleza perdida , ■■ que ■■ soldados se co-
meçãrao ■■ espalhar por differentes partes, como
gente desbaratada. Neste tão apertado conflicto
brãdou Dom João Mascarenhas aos seus, afean-
dolhes a retirada , e peleijando tão valerosamente,
que só ■■■ alguns poucos que o seguiaõ , deteve
o inimigo. Os fidalgos , que aqui se achãrao , al-
cançãrao ■■ dia tão infelicç illustre nome. Lopo *Fidalgos q̃
se assinala-
raõ neste
dia.* de Sousa ao pé do muro se defendeo de hum grão
tropel de Mouros , fazendo-os afastar muitas ve-
zes, com tal valor, que ■■ acomettiaõ de longe
com armas de arremesso , até que atravessado pe-
los peitos de hum dardo cahio morto, deixando
bem vingado seu sangue. Antonio Moniz Barret-
to , Garcia Rodriguez de Tavora , Dom Duarte ■
■ Dom Jorge de Menezes , que trazia dezefette
feridas , fizeraõ ao inimigo mui custosa ■ victo-
ria.

170 Rumecaõ , querendo tirar maior fruto *Enveste*
de nosso desatino , mandou ■■ Mojatecaõ , que fof *Mojatecaõ
a fortaleza
e retirase.*
se demandar a fortaleza com cinco mil soldados,
cortando o passo aos que se recolhiaõ destroça-
dos, e acomettendo o baluarte São Thomè, achou
nellè ■■ Luis de Sousa , que com a artelharía, e
espingardaria lhe matou muita gente ; porém o
Mouro atrevido com o calor da victoria, insistio
■■ escala , mas foi tão valerosamente resistido ,
que se tornou a retirar com dano conhecido. D.
João Mascarenhas trabalhou tanto , que tornou a
ordenar ■■ soldados , que andavaõ derramados, *Ordena ■
Capitaõ
mór os sol-
dados.*
dos quaes fazendo hum batalhaõ cerrado , guiou a
fortaleza , ■■ encontrando muitos Mouros, desmar-

Perda dos nossos nesta desordem. dados na segurança da victoria, deo nelles tão valerosamente, que muitos deixáram as vidas, e demais campo. Perderam-se nesta desgraça trinta, e cinco pessoas, em que entraram os fidalgos, que havemos referido; foram mais de cem feridos, mas em tão desordenada empreza, ainda se teve desgraça por menor que o erro. O Capitão-mór foi logo demandar Dom Alvaro, que ainda achou sem falta, juiz dos cirurgioens, mui contingente vida, cujo perigo durou aquellos dias, que Philosophia chama Decretorios, ou Criticos; porém fez a doença termo, cobrando Dom Alvaro saude com alegria de todos, que amavam polas qualidades do sangue, e da pessoa. Nuno Pereira se achou neste conflicto, qual depois de pelejar com valor conhecido, se recolheu com quatorze feridas. Pedio licença para se ir curar em Goa, onde tinha sua casa, e em calado de pouco, com fazenda abundante, da qual no serviço delRey gastou grão parte, até perder a vida, como diremos.

Animase Rumecaõ com este successo. 171 Vendo se Rumecaõ com tão inopinada victoria, havida por hum valor desordenado dos nossos, concebeo maiores esperanças do successo, resoluto a ver o fim da empreza, para qual começou achar nos seus mais prompta obediencia, perdendo na experiencia daquelle dia muita parte do temor, que tinham as nossas armas. Deu logo conta ao Soltaõ da victoria, que Corte se festejou com alegrias publicas, e Rumecaõ recebeu delRey honras de homem victorioso, sendo daquelle dia em diante mais assistido de gente, municoens, dinheiro, acodindo muita parte da nobreza militar

litar com elle , esperando gozar de sua fortuna. Mandou logo continuar a obra do baluarte , fur- *Continua*
tando-lhe por baixo ■ terra , para que descarna- *as minas, e*
do arruinasse o peço , faltando o fundamento so- *os nossos ■*
bre que assentava. Este desenhio divertio D. João *reparos.*
Mascarenhas , mandando fazer outro forte por den-
tro , que fechava em circuito menor , que por a-
braçar menos terra , era mais defensavel. Não se
pode esconder ■ Rumecão a obra , e carregando
para aquella parte muitos mouroos , tiravaõ de
continuo ■■ trabalhadores pedras , dardos , al-
canzias de fogo , huns com pontaria certa nas par-
tes que descobria o muro , ■ outros por elevação ,
com que feriaõ a nossa gente , mais attenta ■ tra-
balho , que ■ defesa ; polo que ■ Capitão orde-
nou se trabalhasse de noite com luzes escondidas,
pondo as pedras pela estimação , e tino , do que
tinhaõ desenhado de dia.

172 Rumecão activo , e confiado com o bom
rosto , que lhe mostrou ■ guerra na ultima peleja ,
como em desprezo da vinda do Governador , que *Fabrica*
se esperava , começou a edificar huma nova Ci- *humana nova*
dade , como quem já lograva os ocios do trium- *Cidade.*
pho ■ imaginada victoria ; ou fosse por dar aos
seus confiança , ou que obrava ■■ homem cre-
dulo ■ prosperidade dos successos , que já se pro-
mettia ; fez Palacios para sua pessoa com ■ policia,
e grandeza , que pudéra ■■ huma paz ociosa. Pa-
ra ■■ Cabos maiores ordenou aposentos , empe-
nhando-os a defender suas proprias moradas , mos-
trando nesta fabrica não menor artificio , que so-
berba. Mandou atravessar ■■ barcas a passagem
do rio naquella parte , que se serve da Alfandega

para ■ Villa dos Rumes, as quaes depois de firmes com mui grossas amarras, terraplenou igualmente, por onde (como em ponte, ainda que tremula segura) tinhaõ facil passagem ■ carros, que basteciaõ ■ Cidade. Da confiança, ■ que Rumecaõ se dava a tão custosa fabrica, se derramou huma voz por muitos Reynos vefinhos, ■ distantes de Cambaya, que era perdida ■ nossa fortaleza; ■ esta fama como grata ■■ ouvidos dos Mouros, ■ Gentios, se espalhou por todo o Oriente, até chegar a receber o Soltaõ congratulaçoens de muitos Principes, que lhe davaõ emboras da victoria. Em Goa se ouviaõ ■ eccos desta nova com temor, e silencio, e ainda que vaga, ■ sem autor, chegou aos ouvidos do Governador, fazendo se mais certa pelo secreto, e recato, com que huns a referiaõ a outros.

*Cuidados
do Governador.*

173 Esta desgraça que se temia, parecia, que tomava certeza da tardança que havia nos avisos de Dio; porque nem da armada de D. Alvaro se sabia coula certa, e os que queriaõ divertir o Governador, mais podiaõ desprezar, que negar a fama que corria, e elle, sendo ■ mais interessado, vendo quaõ necessario era animar o povo, mostrava hum coração inteiro, desmentindo com o semblante ■■ novas, que temia.

*Chega do
Reyno a
Goa Dom
Manoel de
Lima.*

174 Com este cuidado passava o Governador, divertindo-se com os negocios, e aprestos da armada, que sollicitava com viva diligencia, quando lhe deu raõ aviso, que na barra surgira huma ■■ do Reyno, de que ■ Capitão D. Manoel de Lima, e se apartara de cinco mais, que vinhaõ na mesma conserva, à ordem de Lourenço Pirez de Tavora. Das outras vinhaõ

nhaõ por Capitães D. João Lobo, João Rodriguez Peçanha, Fernando Alvarez da Cunha, Alvaro Barradas. Estimou o Governador a vinda de D. Manoel de Lima, pela pessoa, e pela occasião. Vinha provido a fortaleza de Ormuz, que ElRey lhe deu por desviar alguns encontros entre elle, e o Governador Martim Affonso de Sousa, com quem andava atravessado, esperando que viesse da India para lhe pedir satisfação de algumas queixas. Estes desabrimentos curou ElRey, como pay, interessado na paz de hum, e outro vassallo. Quizera D. Manoel partirse logo com trezentos soldados à sua custa, porém o Governador o divertio, querendo acompanhar-se d'elle na armada, servindo-se de seu valor, e experiencia facção presente.

175 O Governador andava sobre maneira cuidadoso dos negocios de Dio, interpretando mal a falta dos avisos, quando aportou a barra de Goa a Capitaina em que fora D. Alvaro. Vinha o navio todo embandeirado, dando alegres salvas, querendo indicar de longe as novas que trazia. Occorreo a praia grande parte do povo, sollicito a perguntar pelos filhos, parentes, e amigos, os menos empenhados pelo commum do Estado. O Capitão foi levado aos Paços do Governador, satisfazendo pelo caminho a duplicadas, e molestas perguntas. Achou o Governador com o Bispo D. João de Albuquerque, e Fr. Antonio do Casal Custodio dos Franciscos. A primeira cousa, que o Governador perguntou foi, se estava ainda a fortaleza por ElRey seu Senhor? ao que o Capitão respondeo, que estava, e estaria. A cuja nova ajoelhando-se o Governador, com os olhos no Ceo, deu aos Deos graças, não sem derramar lagrimas, significando

Tem o Governador novas de Dio.

Piedade, e alegria com que as recebeu.

Valor com
que se por-
tou na
morte de D.
Fernando
seu filho.

nificadoras da piedade com Deos, e do zelo com seu Principe. E logo recebendo as cartas, soube da morte de seu filho D. Fernando, que recebeu com tanta constancia, que os de fora lhe não conhecêrão mudança no rosto, ou em palavras, como se fora fraqueza parecer pay, ou indignidade ter affectos de homem. Fez mercê ao Capitão, e mandou que fosse alegrar a Cidade com as novas que trazia, e logo recolhendo-se chorou em secreto o filho, esperando tempo e dor, sem injuria do lugar, e do animo. Aquelle mesmo dia aportou um navio, em que vinha Nuno Pereira, o qual das feridas falleceu no mar. Foi o corpo enterrado com todas as pompas funeraes, que se deviaõ à pessoa, acompanhado do Governador, Nobreza, e Povo, deixando de si este fidalgo saudosa memoria.

Procissão
em acção de
graças.

176 Ao seguinte dia se fez hum a solemne procissão de graças, a que assistio o Governador vestido de escarlata, consolando com novo exemplo o povo na morte de seu proprio filho. Por este navio soube da laida que os nossos fizeraõ desordenada, e forçosa, que fora occasião de tantas mortes, e do perigo em que ficava D. Alvaro, cuja dor soube aliviar, ou encobrir, como quem dos filhos estimava menos a vida, que a memoria.

Soccorrer
manda a
Dio.

177 No mesmo dia despedio Vasco da Cunha, para que fosse pelas bahias, e enseadas da Costa, recolhendo os navios da armada de D. Alvaro, e os levasse a Dio. Por elle crevco a D. João Mascarenhas congratulaçoens da honra, que havia ganhado, não menos para si, que para o Estado; affirmandolhe, que em breves dias iria avistar a Dio com todo o poder do Estado, para que não perdoava nenhuma despesa,

peça, ■ diligencia ; ■ que em quanto se aprestava a armada, lhe mandaria soccorros, que bastassem a assegurar ■ fortaleza, ■ enfrear o inimigo; o que executou promptamente, porque logo apos Vasco da Cunha, despachou a Luis de Almeyda com seis caravelas, ■ quatrocentos soldados, com muitas munições, ■ bastimentos, ■ grão copia de materiaes importantes para ■ necessidades do cerco. E foi tão incansavel ■ diligencia, com que se aprestava, que em brevissimo tempo se poz de verga dalto toda ■ armada, ■ só lhe faltavão os soccorros de Cananor, e Cochim para levarse; porque era tal o amor, e obediencia ■ que lhe assistiaõ, que as Donas, e Cavalheiros de Goa, lhe vinhaõ ■ offerecer os filhos, e a fazenda; levando esta armada tantas bençoens do povo, como outras soem levar lagrimas, e queixumes.

178 Vasco da Cunha seguindo ■ instrucção, que levava, foi recolhendo os navios, que achou naquellas enseadas desparelhados da tormenta, ■ com elles entrou em Baçaim, onde achou o Capitão mór D. Jeronymo de Menezes com quinze navios aprestados para soccorrer Dio, empenhado de novo com o sentimento da morte de seu irmão D. Francisco, que temos referido; porém havia retardado ■ partida alguns dias, por ter avisos certos, que o Bramaluco vinha cercar aquella fortaleza logo que o visse ausente, diversão procurada pelo Soltaõ em beneficio dos cercadores. D. Jeronymo, vendo-se mais empenhado na defesa de Baçaim, que no soccorro de Dio, entregou ■ Vasco da Cunha os navios; ■ qual partido ■ controu ■ Luis de Almeyda com ■ seis caravelas, ■ todos em conserva entrãraõ em Dio, representando soccorro mais crecido ■ dos vasos; porém a for-

*Chega
Vasco da
Cunha ■
Baçaim.*

*Entra em
Dio com
Luis de Al-
meyda.*

fortaleza ficou assegurada da fome, e do perigo; os soldados pagos, e bastecidos, mais desejavam, que temiam a guerra.

Vay Luis de Almeyda esperar as naos de Meca.

179 Era já o tempo em favor dos nossos, e começavam a senhorear o mar os navios do Estado. D. Alvaro, como Capitão mór do mar, mandou a Luis de Almeyda com tres caravelas, de que elle hia por Cabo, e nas duas Payo Rodriguez de Araujo, e Pedro Affonso, com ordem, que fossem demandar a barra de Surrate e esperar as naos de Meca, que viessem buscar aquelle porto; os quaes seguindo sua viagem, a poucos dias virão atravessar duas naos, huma grossa, outra de menos porte. Logo que Luis de Almeyda as avistou, foi demandalas com os traquetes dados. Vinham as naos arrafadas em popa, e tanto que houvessem vista de nossas caravelas, voltariam noutro bordo; mas como as caravelas hiam mais boyantes, e eram mais ligeiras, foltando as velas, as alcançaram logo. Luis de Almeyda abordou a nao grande, em que vinha por Capitão hum Janizaro parente de Coge Cofar, que fiado na grandeza da nao, artelitaria, e gente, que trazia, começou a defenderse, ateando se entre huns, e outros huma bem renhida contenda. De ambas as partes se derramava sangue; pelevavam os Mouros por necessidade, os nossos por officio, e como eram melhores no valor, e disciplina, entraram a nao, onde os Mouros, com a ultima desesperação mais atrevidos, pelevavam como para acabar vingados, até que com a morte dos principaes se renderam os outros. Ao Janizaro acharão atravessado de muitas feridas, o qual Luis de Almeyda mandou passar à sua caravela, e curar com respeito. A outra nao rendeu Payo Rodriguez de Araujo

raujo com leve resistencia. Depois deste feito se de-
teve Luis de Almeyda naquella paragem os dias de
seu regimento, nos quaes tomou algumas embarca-
çoens de mantimentos, que hiaõ basteccer o exercito,
fazendo varar outras em terra, com que se conheceo
alguma falta na provisaõ do Campo, e logo entrou

*Entra em
Dio com
ellas.*

■ Dio com ■ naos da presa, e os Mouros enforca-
dos nas vergas, dando estranho pesar ao Campo taõ
lastimosa vista. Rumecão offereceo polo Capitão Ja-
nizaro, que (como dissemos) lhe era conjunto em san-
gue, trinta ■ dous mil pardaos de ouro; porẽm D. Al-
varo mandou que ■ enforcassem, porque não viera ■
vender sangue, senão ■ derramalo; que dos Mouros
não queria outro despojo, que as cabeças. Espantou
a Rumecão a ira, aos Turcos ■ desprezo, e por não
ter D. Alvaro embainhada a espada dos teus, em
quanto não chegava a batalha, mandou alguns na-
vios de Baçaim, e Chaul tomar as Gelvas, que baste-
ciaõ ■ inimigo; o que fizerão tão ditosamente, que
precarão quatorze, trazendo pelas vergas ■ Mouros
enforcados, de que já era menor o sentimento, que
o espanto, vendo que não tinha a colera, e vingan-
ça dos nossos, piedade, ou limite.

*Não quer
D. Alvaro
resgatar bñ
Janizaro, e
manda-o
enforçar.*

*Tomão os
nossos qua-
torze Gel-
vas ao ini-
migo.*

180 Entretanto Dom João de Castro, resol-
vendo consigo dar a ElRey de Cambaya hum cal-
tigo, de cujo exemplo resultasse nos Principes da
Asia a paz, e reverencia do Estado; quiz primei-
■ palpar, ou satisfazer aos juizos de fóra, para
que ■ que approvassem o intento, achasse dõ-
ccis ■ execução de seu mesmo conselho. Para ef-
■ effeito chamou a si ■ governo da Cidade, Ec-
clesiastico, ■ Secular, ■ os fidalgos, ■ solda-
dos de nome, ■ quacs declarou ■ animo, com

*O Gover-
nador de-
clara em
conselho a
resolução
que de ir ■ Dio.*

que estava de ir descercar pessoalmente ■ Dio; e dar a Rumeção batalha em seus alojamentos; que dado que todos o sabião como particulares, lho queria certificar em commum, para que ■■ aprovação da Republica levasse como parte da victoria ■ justiça da causa. Ouvido o Governador, agradecéraõ todos em primeiro lugar a modestia de se querer subordinar ministro independente; logo o fervente zelo, com que queria ■■ serviço da patria sacrificar ■ vida sobre ■ sangue ainda fresco de seus proprios filhos. Chegados a votar na materia, discorrêraõ com sentimentos differentes. Dom Diogo de Almeyda Freire Capitão mór de Goa, ■ quem os annos, ■ ■■ calos da guerra, tinhaõ dado experiencias largas, fallou desta maneira.

*Parecer de
D: Diogo
de Almey-
da em con-
trario.*

, As pequenas forças, que hoje temos, são formidaveis ■ nossos inimigos, ■■ quanto ■■ não conhecem, porque toda esta Asia avalia nosso poder pelas victorias, ■■ que pelos soldados, de sorte, que só ■ fama das coulas passadas ■■ conserva as presentes. Tem Vossa Senhoria junto, nesta armada todo o poder da India, com que apenas podemos contar dous mil Portuguezes, e tentamos estremecer o mundo com brado tão pequeno. Esta arvore do Estado, de cujas ■■ pendem tantos troféos ganhados ■■ Oriente, tem ■■ raizes apartadas do tronco por infinitas legoas, convem que a sustentemos, arrimada na paz de huns, e no respeito dos outros. Nunca podemos responder ■■ que se espera de nossas forças juntas, porque huma victoria pouco nos acredita, e hum só estrago ■■ acaba. Temos a nossa fortaleza

, taleza soccorrido , de que serve em huma chaga
 , já curada espediçar o remedio das outras? Que
 , nova prudencia ■■ ensina aventurar em huma só
 , batalha , o que se tem ganhado em tantas victo-
 , rias? Temos poder para nos conservar inteiros ,
 , não temos forças para nos reparar perdidos.
 , Nenhum grande soldado deu batalha campal ,
 , senão necessitado, porque onde ■ destroço cos-
 , tuma ser igual, só fica com ■ victorioso o cam-
 , po , ■ ■ fama inutil. De Dio não queremos, nem
 , podemos ter mais , que a fortaleza , pois com
 , que furia cega tornamos ■ comprar com nosso
 , sangue, o mesmo de que somos senhores? Que
 , novos povoadores temos para habitar a Ilha?
 , De que parte do Mundo podemos trazer outros,
 , que deixem de ser Mouros, ou Gentios , de fé
 , tão incerta ■■ Estado, como estes , que ago-
 , ra nos offendem? Vamos ■ pelear com Turcos,
 , e com Mouros superiores em numero, iguaes ■
 , armas, e disciplina ; se tivermos hum successo
 , adverso , não temos salvação , porque a terra he
 , sua; se o alcançarmos prospero, nenhum fruto
 , tiramos da victoria. Com armas navaes conqui-
 , tamos ■ India, com ellas a havemos de conser-
 , var porque temos a vantagem dos vasos , e da
 , marinharia. Se não queremos vencer, senão em
 , batalhas, arrasemos as nossas fortalezas, derri-
 , bemos os muros das Cidades. Se ■■ dizem que he
 , honra do Estado arruinar por huma offensa hum
 , Reyno, já estivera despovoado o Oriente , se to-
 , dos ■■ que ■■ fizeraõ guerra , recebessem ■ ul-
 , timo castigo. Por ventura accusarém os ■ Affon-
 , so de Albuquerque, porque depois de sofrer

, tantas hostilidades, ■ enganos dos Reys, ■ Governadores de Ormuz, ■ não deixou abraçar ?
 ■ Perdêra aquella grande fama, que merecco na
 , terra, porque ■■ offensas, ■ cavillaçoens do
 ■ Camorim, ■ não deixou ■ Malabar destruido ■
 ■ Macularà Nuno da Cunha aquelle illustre nome,
 , porque depois das traçoens de Badur, não fez
 , guerra ■ Cambaya ? Iremos destruir ao Turco,
 ■ polo atrevimento, com que cercou ■ seu Baxà
 , a nossa fortaleza ? Aprestaremos nossas armadas
 , contra o Achem, porque tantas vezes ■■ assal-
 , tou Malaca ? Meteremos a fogo, ■ sangue este
 , Hidalcão, por nos tolher cada dia os mantimen-
 , tos, ■ inquietar as terras de Bardés, e Salfete ?
 , Que desesperaçã ■■ arrastra a offerecer a gar-
 ■ ganta do innocente Estado ao cutelo inimigo ?
 , Esta armada tão espantosa nas apparencias, ■
 , no poder tão débil, he freo ■ Rumecão, ■■
 , nossos muro; porém desembarcados ■■ terra
 ■ estes poucos soldados, abrirà ■ Oriente os olhos
 , ■■ segredo de nossas forças, ■ todos estes Prin-
 , cipes trabalharão por romper a fraqueza das pri-
 , zeas, em que os temos atados. Gloria foy do
 , Imperio Romano vencer muitas batalhas Quin-
 , to Fabio Maximo; depois foy salvaçaõ escusar
 , huma. Os primeiros Conquistadores nos fizeraõ
 , a casa, a nós só toca ■ conservala. Se ■■ oppug-
 , naçaõ de Dio, perdeu o inimigo hum exercito,
 , que falta a esta facçaõ para victoria? E que para
 ■ castigo? A offensa intentase com forças iguaes; ■
 , vingança com muito superiores, porque não se
 , ha de ir a satisfazer hum aggravo com risco de no-
 ■■ injuria. Mòrmente, que em nada tem a fortuna
 , maior

maior Imperio, que nas cousas de guerra; alcançaõ-se muitas vezes ■ victorias por leves ac-
cidentes ■ por outros se perdem. Serà pois
justo deixar na contingencia de hum successo
o cetro Oriental, com espanto ■ enveja das
gentes, fundado sobre tantas victorias? Se
perdermos esta armada, onde està junto todo
o poder da India, que thesouros poupados tem
Sua Alteza para ■■ mandar outra? Começare-
■ a rogar, ou ■ conquistar de novo ■ Prin-
cipes da India; tornaremos à sua infancia este
Imperio já encanecido; viveremos ■ cortezia
das Coroas, que temos offendido, ficando crea-
turas miseraveis daquelles, de quem fomos Se-
nhores.

182 As razoes de Dom Diogo de Almeyda sa-
tisfizeraõ ■ de sua opiniaõ; aballàraõ os que
tinhaõ outra; porèm Dom João de Castro, segun-
do ■■ resolução tomada, discorreo ■■ contrario
dizendo. Que nenhuma nação dominante se satis-
fazia com a guerra defensiva entre seus inferiores;
que o Estado se fizera ■ Oriente arbitro da paz,
■ da guerra, buscando os mais dos Principes da
Asia nossa sombra para viver seguros; que todas
as fortalezas, que tinhamos ■ India, se conser-
vavaõ com as mesmas armas, com que foraõ ga-
nhadas; que o respeito, que ■■ tinhaõ os Mou-
ros, e Gentios, não duraria mais, que até saber
que podiamos soffrer huma injuria; que todos es-
tes Principes estavaõ attentos ■ castigo de Cam-
baya, ■ não ouzàraõ atègora ajudala com forças
auxiliares, temerosos de poderem cair sobre suas
ruínas; porèm se vissem que nos contentavamos

*Resposta do
Governador.*

com reparar ■■ estragos de nossa fortaleza, e atar ■■ feridas, que ■■ tinhaõ aberto, ■■ tornariaõ a rasgar de novo, encaminhando o segundo golpe ■■ coração do Estado; que ■■ reputação ■■ alma dos Imperios; o sofrimento ■■ particulares, virtude; ■■ Coroas, ruína; que tínhamos perdido neste cerco tantos fidalgos illustres, tantos Cavalleiros, ■■ soldados de nome, que cobririaõ ■■ vivos, como sinaes infames, ■■ feridas que recebêraõ nesta guerra, se as não vissem vingadas; que ficava que contar ■■ Mundo deste cerco, se não ■■ paciencia com que o toleramos? Que ■■ Estado mais se assegurava com a fama, que com todas as drógas do Oriente; as quaes só eraõ de preço, quando ■■ recebiamos, não por commercio, senão como tributo; que ultimamente, não queria que a primeira fraqueza de nossas armas acontecesse nos dias de Dom João de Castro; que elle estava resolute ■■ pelexiar, ■■ culpa seria de hum só, a victoria de todos. Referio ■■ Governador estas palavras com hum espirito presago do triunfo antevisto, ou da esperança do successo, ou da grandeza do animo.

*Continua
Rumecão
■■ obra
mina.*

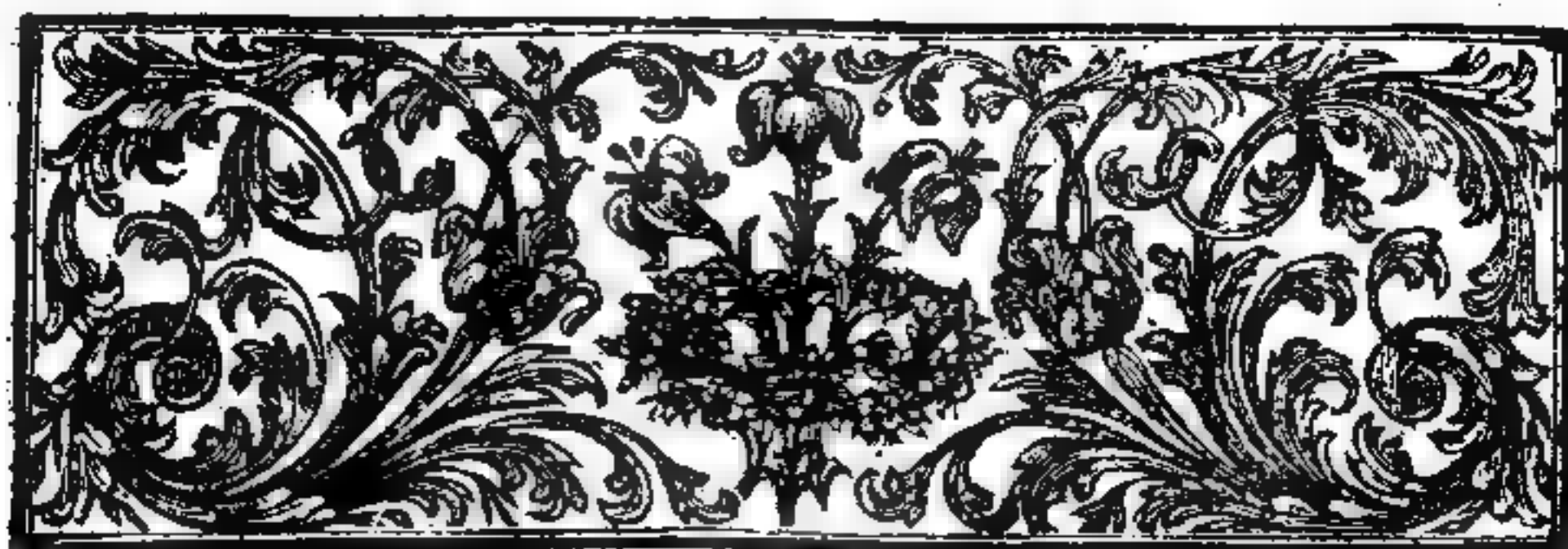
183 Em Dio não estavaõ ociosas ■■ armas; porque Rumecão valeroso, ■■ constante, não o assombravaõ os danos recebidos, ■■ os soccorros esperados dos nossos. Sabia o poder, com que ■■ Governador vinha em pessoa, ainda estimado por maior ■■ fama, que ■■ apparencia; ■■ nem assi dobrou da resolução de proseguir o cerco, esperando a ultima fortuna. Mandou minar a guarita de sobre ■■ porta, ■■ que estava Antonio Freire, ■■ ainda que se trabalhava com estranho silencio

lencio, divertindo a attenção dos nossos com ar-
dis diferentes, ■ Capitão mór, ■ quem nenhum
caso, ou accidente achava descuidado, lhe penc-
trou a obra, à qual contrapoz os mesmos reparos,
que outras vezes. Deraõ ■ Mouros fogo à mina
■ dez de Outubro, a qual rebentou sem dano pe-
la face de fóra, retrocedendo o fogo por achar resi-
stencia nos repuxos, ■ viraõ os Mouros por den-
tro outra parede levantada, espantados de que
ànteviamos os fins de todos seus desenhos, não
lhes valendo a força, nem ■ industria contra tão
valerosos, e prevenidos inimigos. Rumecaõ ainda
que experimentava que nas minas era menor ■
fruito, que o trabalho, ou por cansar os nossos,
ou por ter os seus em boa disciplina, começou a
abrir outras, que sendo também conhecidas, se
atalharaõ, ■ quaes não referimos, porque não
involvêraõ successo memoravel, como por evitar
o fastio de relatar cousas tão parecidas.

*Aque deu
fogo, sem
dano nosso.*



VIDA



VIDA DE DOM JOÃO DE CASTRO.

IV Viso-Rey da India.

LIVRO TERCEIRO.

I



OS dezefette de Outubro def-
te anno de mil quinhentos qua-
renta ■ seis ■ entregando D.
João de Castro o governo da
Cidade ■■ Bispo D. João de Al-
buquerque, ■■ D. Diogo de Almeida Freire, fol-
tou as vélas ■■ direytura ■ Baçaim; onde quiz
esperar alguns foccorros, ■ mantimentos, que vi-
nhão retardados, porque fez opiniaõ de não ef-
tar ■ Governador da India em Dio hum só dia cer-
cado, querendo com a felicidade de Cesar chegar,
Parte oGo-vernador para Dio. ver, ■ vencer.

■ Constava a Armada de doze galeocns gros-
fos,

fos , de que era Capitaina S. Diniz , em que hia en- *Com que*
 barcado o Governador ; dos outros eraõ Capitaens *armada ,*
 Garcia de Sá , Jorge Cabral , Dom Manoel da Syl- *Capitaens.*
 veira , Manoel de Souza de Sepulveda , Jorge de
 Souza , João Falcão , Dom João Manoel Alabaf-
 tro , Luis Alvares de Sousa. Os navios de remo
 eraõ sessenta , de que eraõ os principaes Capitaens
 Dom Manoel de Lima , Dom Antonio de Noro-
 nha , Miguel da Cunha , Dom Diogo de Sotto-
 maior , Secretario Antonio Carneiro , Alvaro
 Peres de Andrade , Dom Manoel Dêça , Jorge da
 Sylva , Luis Figueira , Jeronymo de Sousa , Nuno
 Fernandes Pegado o Ramalho , Lourenço Ribeiro ,
 Antonio Leme , Alvaro Serraõ , Cosme Fernandes ,
 Manoel Lobo , Francisco de Azevedo , ~~Peto de~~
 Ataide Inferno , Francisco da Cunha , Antonio de
 Sá o Rume , Cosme de Payva , Vasco Fernandes
 Tanadár mór de Goa , Cabo de quinze fustas , co-
 tias , e taurins , em que hiaõ os Canarins de Goa ,
 e outros navios de Cananor , e Còchim.

3 Em seis dias afferrou Baçaim , vindo buscal-
 lo o navio Dom Jeronymo de Menezes seu cu- *Chega a*
 nhado , Capitaõ mór daquella fortaleza , conso- *Baçaim , e*
 lando-se reciprocamente hum ao morte do irmão , *faz guerra*
 outro do filho. E porque o Governador não que- *a Cam-*
 ria ter ociosas as armas , despachou Dom Mancel *baya.*
 de Lima com seis navios ligeiros , para que na en-
 feada de Cambaya fizesse algumas presas nos na-
 vios , que soccorriaõ , ou basteciaõ o Campo do
 inimigo. Naquella paragem andou alguns dias , em
 que tomou sessenta cotias de Mouros com manti-
 mentos ; mandou espedaçar os corpos , e trazidos
 a toa , os soltou nas bocas dos rios , para que a
 cor-

corrente ■ levasse à Ilha , onde fossem vistos com horror , e espanto , de que ■ ira dos Portuguezes inventasse cada dia crueldades novas. Acabado ■ tempo do regimento , se recolheu Dom Manoel com sessenta Mouros pendurados ■■ vergas dos navios , espectáculo mais grato ■ vingança , que à humanidade. O Governador alegrando-se com estes ensayos da guerra , que emprendia , tornou ■ mandar Dom Manoel de Lima com trinta navios , ■ instrucção , que todo ■ maritimo de Cambaya pozesse ■ ferro , ■ fogo , para que ■ memoria do castigo durasse nas ruínas.

*Lourenço
Pires o vay
hmscar.*

*E outros
Fidalgos.*

4 Lourenço Pires de Tavora , Capitão mór das náos do Reyno (como temos referido) aportou em Cochim com os mais navios de sua companhia , e achando ahi novas do cerco , partio a Goa com toda ■ diligencia , crendo que acharia o Governador em terra , e sabendo que se tinha levado toda a Armada , róta batida foy demandar Dio , antepondo o serviço Real aos interesses da viagem , cujo exemplo seguirão muitos Fidalgos Reinoses , sendo ■ primeira terra , que pisárao da India , ■ ruínas da nossa Fortaleza. Entre os quaes passou Dom Antonio de Noronha , filho do Viso-Rey D. Garcia , com sessenta Soldados ■ sua custa , que estas erao ■ riquezas , que os Fidalgos daquelle tempo hiao buscar ao Oriente , porque erao então melhores drógas as feridas , que agora ■ diamantes. Nestas náos teve ■ Governador cartas do Infante Dom Luis , que referiremos , porque se veja a attenção , com que ■ Rey , ■ ■ Infante olhavam as acçoens mais pequenas dos Ministros , fazendo dellas acertado juizo , para lhes responder com

com premio, ou castigo, e a singeleza do trato, tão alheio da soberania, ■■■ altivez de outros tempos; ■ não será para os faulosos daquela idade prolixa esta memoria.

Carta do Infante D. Luis.

; **H** Onrado Governador, pelas cartas, que escrevestes ■ ElRey meu Senhor, ■ a mim, ví o discurso de vossa viagem depois de partido de Moçambique até chegar à India, ■ ■ que nella fizestes até a partida das naos, ■ o estado em que achastes ■ terra, e a condição dos homens, ■ devassidão dos ■ ■, e a fraqueza da Armada, e como vos houvestes com o Hidalcao nas cousas do Meale, e assi nas cousas de Ormuz, e com ■ Fidalgos, que tinham licenças de Martim Afonso para levarem lá drôgas, e tudo mais que por vossas cartas dizeis. E porque ElRey meu Senhor vos responde a todas estas cousas em particular, ■ não farei eu, senão em somma. E porém não deixarei de dizer quanto ■ ■ affombrou cá em terra ■ perigo, que passastes a travez da Ilha do Comaro, porque verdadeiramente foi acontecimento mui grande, e temeroso; ■ porém eu o tômo como por boa estrea, porque me parece que vos quiz nosso Senhor mostrar nisto, que vos ha de salvar dos perigos da terra da India, para que he necessario tanto milagre, como usou com vosco em vos salvar de tamanho perigo; polo que eu lhe dou muitas graças, e folguei de saber que Dom Jeronymo de Noronha vos teve

, companhia neste perigo ■ pois nosso Senhor tam-
 , bem ■ salvou ■ elle , e he cousa de homem tão
 ■ honrado , como elle he , participar dos perigos,
 , e trabalhos de seu Capitão. Quanto às mais cou-
 , sas , que me escreveis , porque ElRey meu Se-
 , nhor vos responde a todas em particular , ■ eu
 , fui presente às mesmas repostas , me pareceo acer-
 , tado tornarvolas ■ referir , porque por suas car-
 , tas vereis o contentamento , que tem , de como
 , nessas partes o começais ■ servir , ■ a boa opi-
 , nião , que a gente tem de vós , o que particular-
 , mente vos manda que façais ■■ cada cousa. O
 ■ que vos eu disto mais posso dizer , he que estou
 , mui contente do modo , que levais nas cousas
 , ~~dessa~~ terra , ■ do que nella fazeis , e dizeis ,
 ■ porque bem se mostra nisto , que o passar tantos
 , climas , vos não mudou de quem ereis , e da
 , conta , em que vos ■■ sempre tive : porque vos
 , não contentais de mostrar isto assi por obras , mas
 , além disso vos is sempre penhorando ■■ palavras
 , de demonstraçoens a fazer o mesmo ; ■ que eu
 , tenho por mui certo que vós fareis sempre inte-
 , ramente , quanto humanamente se poder fazer.
 ■ Do modo que escrevestes a Sua Alteza não estou
 , menos contente , porque vieraõ vossas cartas mui
 , bem ordenadas , ■ nellas todas ■■ cousas neces-
 , sarias , ■ nenhuma superfluas ; ■ bem se vé nel-
 , las ■ mesmo , que assima digo , ■ que entendeis
 , as cousas , ■ que tendes zelo , ■ desejo de ■ fa-
 , zer sem respeito temporal de amor , nem interes-
 , se ; ■ que muito folgo de vos ouvir , porque
 , ainda que eu tenho por certo que o fareis assi ,
 , parece huma grande avondança de coração , e de
 , virtu-

; virtude , que nelle tendes , folgardes tanto de o
 , dizer ; polo que ■■ espero em nosso Senhor que
 , vos ha de cumprir vossos bons desejos , ■ que vos
 , ha de trazer dessa terra com muito vosso con-
 , tento , e honra : porque não póde deixar de suc-
 , ceder isto , a quem nenhuma cousa procura , se-
 , não o serviço de Deos , e de seu Rey ■ ainda que
 , vos isto ha de custar grandes trabalhos , lembro-
 , vos , que nelles está o merecimento das cousas ;
 , e que a Christo Senhor nosso conveo passallos
 , para entrar na sua Gloria ; e se vos parecerem
 , as cousas diffíciles , lembre-vos que estas são ■
 , em que Deos põem a mão , e o que ajuda a quem
 , o serve nellas com atenção , com que vós o fa-
 , zeis , e os homens não podem por mais de sua
 , casa que ■ vontade , ■ diligencia ; e porisso São
 , Paulo não attribuia ■ si , mais que o plantar das
 , cousas , porque Deos ha de dar o incremento ; ■
 , assi ■ dará elle em todas vossas cousas , como ■
 , plantardes ■■ zelo , que eu confio que vós
 , tendes em todas , e por isso vos não espantem
 , as grandes , nem tinhais ■■ pouco as pequenas ,
 , fazei igual ponderação , ■■ fins dellas remetteis
 , a nosso Senhor ; e posto que algumas vos não fa-
 , ião como desejais , nunca entre em vós descon-
 , fiança , em quanto fizerdes ■■ cousas com justo
 , zelo , ■ limpa tenção : porque muitas vezes per-
 , mitte nosso Senhor ■■ que o mais fervem , que
 , fação erros , para que mereção na paciencia , e
 , na confiança delle , ■ se espartem mais nas cou-
 , sas , ■ se accrescentem ■■ maior perfeição. Fa-
 , zei justiça , como a entenderdes , tomando sem-
 , pre conselho , e parecer nas cousas , como fazeis ;
 Cc ii , conser-

, conservaivos na limpeza de vossa pessoa ; que
 , usais à cerca dos combates dos gostos temporaes,
 , e interesses della terra , e com isto venha ■ que
 , vier ■ porque tudo será para bom fim. Nas cou-
 , sas , que tocam ao culto Divino , ■■ conversão
 , dos infieis , vos esmerai muito , porque estas são
 , as armas , que principalmente têm de defender
 , a India. Procurai de lançar dessa terra ■ despe-
 , zas fobejas dos homens , ■■ branduras , ■ de-
 , licadezas ■ de que usam ; ■■ vestidos , e para-
 , mentos de calas , que tratam , dispondo-os para
 , estas cousas branda , e suavemente com o exem-
 , plo , que lhe dais , e de vossos filhos ; ■ com fa-
 , zer favor , e mercê ■■ que usam do contrario ;
 , e se estas cousas não puderdes emendar , não vos
 , espanteis disso , porque as que se danam com
 , tempo , com tempo se têm de tornar a emendar ,
 , e não se podem remediar de improvisito ; porisso
 , ide continuando com vosso bom proposito , ■
 , fazendo ■■ cousas segundo a disposição do tempo ,
 , e o sujeito das pessoas ■■ em que haveis de obrar ,
 , que com isto espero em nosso Senhor , que encami-
 , nhe todas ■■ vossas cousas ■ seu serviço , ■ ao de
 , ElRey meu Senhor , e vossa honra , como dese-
 , jais. Quanto ao que ■■ dizeis ; que procure que
 , vossa cidade seja lá breve , bem vejo que tendes
 , muita razão de o desejar assi , ■ me parece que
 , senão póde tratar até não ver as vossas cartas ,
 , que este anno embora virão , ■ por isso deixo a
 , resposta deste ponto , para o anno , que embora
 , virá. E acerca do que me escreveis de Dom Al-
 , varo vosso filho , eu fallei ■ Sua Alteza naquelle
 , negocio , e Sua Alteza o conhece bem , e está bem
 infor-

, informado das qualidades de sua pessoa , e dese-
ja de lhe fazer honra , e mercè ; e porèm por al-
gumas razoes , que Sua Alteza vos manda escre-
ver , e porque este anno escreve que não manda
lá nenhum despacho , houve por bem deferir es-
te para responder ■ elle ■ ■ ■ ■ ■ que vem , ■ per
entretanto lhe manda fazer ■ mercè , que vereis
por suas Provisoes. A mim me fica muito bom
cuidado de lhe lembrar tudo o que ■ vossos fi-
lhos toca ; espero em nosso Senhor que se faça
de maneira , que elle receba honra , ■ mercè de
Sua Alteza , como vossos filhos , ■ quem deseje
fazer o que vós lhe mereceis ; ■ podeis ter por
certo , que Sua Alteza està em mui verdadeiro
conhecimento da vontade , ■ ■ ■ ■ ■ que serve ,
mui contente do modo , que o tendes feito até-
qui. Eu fallei ■ Sua Alteza em Affonso de Ro-
jas , e por vosso respeito lhe fizera logo ■ mercè ,
que lhe eu pedi , ■ ■ ■ ■ ■ porque (como digo) man-
da dizer às pessoas , que andaõ na India , que es-
te anno não manda lá nenhum despacho , disse-
rio o de Affonso de Rojas para o anno que vem ,
e diz que para entãõ lhe fará mercè ; eu terei
cuidado , se ■ Deos aprouver , de vos mandar a
Provisão , e folgo eu muito das boas novas , que
me dais de Affonso de Rojas , e de crer he , que
sendo irmão do Mestre Olmedo , e estando ■ ■ ■
vossa companhia , não pôde deixar de ser ho-
mem de bem. O que me mandastes nas naos , que
vieraõ , me foi dado , ■ com tudo folguei , por
ser cousa , que veo da vossa mão , agradeçovo-
lo muito. Escrita em Almeyrim ■ vinte seis de

, Março

, Março de mil quinhentos quarenta e sette.

O Infante Dom Luis.

*Danos que
faz D. Ma-
noel de Li-
ma em Sur-
rate.*

6 Partido de Baçaim Dom Manoel de Lima, entrou de noite o rio de Surrate, ■ subindo por-
elle com ■ marè, avistou huma povoação grande,
que ainda que não era habitada de Abexins, ti-
nha delles ■ nome. Estava ■ povoação da banda
de Levante, derramada ■■ huma estendida plani-
cie ■ ■ ainda que o lugar era aberto, tinha dous
mil vizinhos, que asseguravaõ a defenla com al-
gumas trincheiras, sem outra fortificação, fiados
quiçá em que os seus nesta guerra eraõ os inva-
zores, e nas espaldas ■ que lhes fazia o exercito,
que tinhaõ na campanha. Sabio Dom Manoel em
terra, e os nossos com a mesma ordem, com que
desembarcavaõ, hiaõ investir ■ inimigo, mais va-
lerosos, que disciplinados. Os Mouros tiveraõ ani-
mo para esperar, não para resistir, menos assom-
brados do temor dos nossos, que do horror de
seus primeiros mortos, cujo sangue ■ intimidou
de maneira, que voltáraõ as costas. Perekeraõ
muitos ■■ fogida, poucos ■■ resistencia; foi o es-
trago grande, porque não perdoou a espada dos
Soldados a sexo, nem a idade. Mandou D. Ma-
noel pôr fogo às casas, abrazáraõ-se fazendas, ■
edificios. O furor despresou a cobiça, mandou cor-
tar ■■ mãos a hum só Mouro, que deixou com vi-
da, para que não levasse novas sem. finaes da vic-
toria.

7 Sabio do rio a Armada, e costeando dous
dias, houve vista da Cidade de Antòte, conhe-
cida

cida pela soberba dos edificios, e riqueza de seus habitantes, grossos com ■ commercio maritimo. Estes prevenidos com o estrago alheio, resolvê-
rao-se ■ defender suas casas, ou morrer dentro nellas; taõ iguaes andaõ na estimacão com a vida estes bens da fortuna. Tomou Dom Manoel terra, inda que não sem sangue, porque os Mou-
ros vieraõ esperar ■ nossos, mostrando-se na resolução soldados, mas não na disciplina, porque divididos em magótes, acometiaõ aos nossos com tiros vagos, ■ incertos, descobrindo o mesmo temor na resistencia, que depois na fogida. Dom Manoel ■ foy levando até os encerrar na Cidade onde ■ vista das mulheres, e filhos os fez deter piedosos. Aqui pareceo aos nossos que tinhaõ inimigos, porque pelejavaõ com amor de pays, tibios em defender as proprias vidas, valentes em amparar as alheas; mas como ■ valor não era natural, e nacia de affectos piedosos, ou cobardes, cedeo a piedade ao temor, deixandonos a Cidade, os filhos, e a victoria. E como Dom Manoel hia mais ■ destruir, que a vencer, deu ■ Cidade ao fogo. A crueldade sobejou ao estrago, porque a muitas donzellas Bramanas, na cor, ■ fermosura, como ■ da nossa Europa, não perdoou a victoria, eximindoas da culpa o sexo, ■ parecer da espada.

*Affola a
Cidade
Antore.*

8 Foy Dom Manoel de Lima assolando os lugares da costa por toda aquella encada de Cambaya, fazendo taes estragos, que o não fartava ■ sangue, nem ■ victoria. Em fim se recolheo com mais gloria; que despojos, ■ achou o Governador já na Ilha dos Mortos com toda a Armada junta, com ■ qual no seguinte dia, que foraõ seis de

*Entreos
lugares, ■
recolhe-se.*

de Novembro, se fez **■** volta de Dio; hiaõ **■** navios boyantes ch'rys de flamulas, **■** galhardetes, dando de si huma fermosa vista.

*Chegaõ
Governador
Dio.*

9 Tanto que da Fortaleza descobriraõ **■** Armada, foy **■** contentamento universal de todos, como **■** que depois de tantos diluvios de sangue viaõ quem lhes levava **■** paz pela victoria. Em bandeirou-se **■** fortaleza toda, vestindo-se de alegria as prostradas ruínas. Mandou o Capitão mór desparar a artelharia. O Governador lhe respondeu do mâr com huma espantosa salva, a que succedêraõ os instrumentos musicos, e guerreiros das trombetas bastardas, solemnizando com alegres vesperas hum temeroso dia. Os Mouros tambeem desparavaõ muitas peças, mostrando da chegada do Governador alegria, ou desprezo.

*Faz consel-
ho no mar.*

10 Ficou Dom João de Castro no mar aquella noite, donde mandou chamar **■** seu navio **■** Capitão mór, Garcia de Sá, Manoel de Sousa de Sepulveda **■** Jorge Cabral, **■** outros Fidalgos de conselho; aos quacs significou a resolução, com que vinha de peleijar, sobre que não queria parecer alheo; que o Governador da India não desembainhava **■** espada para se defender, senão para castigar; que no modo de cometer o inimigo o aconselhassem todos. Garcia de Sá lhe approvou, e louvou a resolução tomada, apontando razoes, que **■** Governador foraõ muy gratas, pola pessoa, e polos fundamentos. Sobre **■** fórma de peleijar se discorreo, **■** assentou o modo, que se teve encuberto até execução. Ordenou que se metesse a gente na Fortaleza **■** silencio da noite, **■** em quanto desembarcava, com musicos instrumentos, e tiros

e tiros dos navios occultar a Rumecaõ o intento. Em tres noites passou a gente à Fortaleza por escadas de corda ■ que se obrou tão cautamente, que o não pode entender o inimigo. *Mette a gente na fortaleza.*

11 Rumecaõ mostrando-se mais ousado no perigo vezinho, disse aos seus; que se o Governador quizesse pelear ■ campanha, entrariaõ os Mouros na Fortaleza pelas portas, e não pelas muralhas; que com ■ bandeiras Portuguezas esperava varrer ■ casa do Propheta; que pelejavão pela liberdade de tantos Principes, que gemiaõ opprimidos do peso da servidão, ■ tributos; que poupassem o valor para vingar injurias de muitos annos em hum só dia; que com ■ peso de tantas victorias já não podia o Estado; que ordenava a fortuna trazelos juntos, para ■ acabar de hum só golpe. Esforçou estas arrogancias o Turco com mandar, que a todos ■ soldados se dobrassem ■ pagas. Passava de quarenta mil homens o exercito; *Que exercito tinha;* eraõ os mais dos Cabos Turcos, soldados velhos, chamados com avantajadas pagas, a quem ■ fama do valor, fizera conhecidos. Haviaõ chegado de refresco ■ ao campo setecentos Janizaros, que quizerão, com soberba, militar separados, como para verem ■ Mouros, quem lhes dava a victoria. Guarnecco Rumecaõ as estancias, e poz ■ grosso do exercito nas partes onde lhe pareceo, que poderia pojar a nossa armada, sem que a confiança lhe fosse impedimento à disciplina. Desta sorte esperou ■ invazão dos nossos, à resistencia prompto, ■ na batalha incerto. *E como ■ dispoem.*

12 Tendo ■ Governador recolhido na Fortaleza já todos ■ Soldados, achou sobre acometter o inimigo opinioens diversas; e como ■ razoens de huns, e outros cahiaõ sobre ■ contingencia do successo, não *Resolveo ■ Governador dar batalha.*

Ordem que deu à Armada.

se podia escolher, nem reprovar sem o conhecimento do futuro a todos escondido. Garcia de Sá com a authoridade dos annos, do valor, e do sangue discorreo outra vez sobre conveniencias da batalha; e D. João de Castro mandando guardar silencio todos disse; que a sorte estava já lançada; que dos valerosos seria bem julgado, dos fracos não queria approvação; e de fóra esperaria o successo para fazer juizo. Aquella tarde gastou em dispor os Soldados para o seguinte dia, para que a dilação não alterasse os animos, ou a resolução. Ordenou que os bandeirais da armada esperassem sinal com tres foguetes da fortaleza, para que no mesmo tempo, que os nossos determinassem fazer, fossem remando contra aquella parte, donde o inimigo se temia, tocando os instrumentos de guerra, fingindo todas as demonstrações de saltar a terra, metendo pelas perchas das fustas muitas lanças, cuja vista daria apparencias ao engano; e a do Governador se daria a conhecer de longe pelo lugar, e bandeira Real, e pelos attavios; simulação, que ou nos deu, ou ajudou a victoria.

Faz outras prevenções

13 Amanheceo o dia, e que se contavão onze de Novembro, dedicado à memoria do glorioso S. Martinho Bispo Turonense, que nos podia favorecer Santo, e ajudar Soldado. Com a primeira luz do dia appareceo o Governador no terreiro da Fortaleza com bastão de General, vestido de armas brancas com tanta magestade, que nenhuma pessoa se respeitava o cargo. Celebrouse Missa em hum altar patente a todos, para que ao Deos dos exercitos se pedisse a victoria. Commungou o Governador, e a maior parte dos Soldados, e Custodio dos Franciscos publicou indulgencia plenaria aos que morressem na batalha.

Aca-

Acabado este acto, mandou tirar as portas da Fortaleza; e guizar com ellas hum almoço aos Soldados, para que a confiança do General, e desesperação de algum abrigo, igualmente servissem à victoria, fazendo-lhes pelejar preciso, por gloria, ou por necessidade; disse assim Soldados.

Entramos em huma batalha, onde vencidos honraremos nosso Deos com sangue, vencedores nosso Rey com a victoria. A força do exercito inimigo são Turcos, Janizaros, os quaes ~~seem~~ Soldados mercenarios buscão a guerra, aborrecem a peleja. A outra parte se compoem de naçoens diferentes, o soldo as obriga a estar juntas, não a estar conformes. Não são estes mais valerosos que seus pays, e avós, não serão mais felices; a todos sujeitaraõ nossas armas. Este Imperio da Asia he filho de nossas victorias, criamolo em seu primeiro berço, sustentemolo agora já robusto, que depois de largas idades nos ha de mostrar ao mundo com o dedo a fama deste dia. Animar a batalha, fora esquecerme que somos Portuguezes.

Falla aos soldados.

14 Nesta fórma tinha ordenado a gente. Deu a vanguarda a D. João Mascarenhas, devendo-lhe este maior perigo, como premio dos outros; aggregoulhe quinhentos Portuguezes, seiscentos Canarins, quinhentos Naires. A D. Alvaro de Castro outros quinhentos Portuguezes, em que entravaõ todos os Fidalgos, Capitães de sua Armada. A D. Manoel de Lima outros quinhentos. O Governador ficou com os mais, que seriaõ oitocentos Portuguezes com alguns Canarins, Malabares.

Ordem em que se poz.

15 Os Mouros cada dia engrossavão o campo, e

Comette a Armada a terra.

Acode alli Rumeçaõ.

O Governador sae da Fortaleza.

Brio lastimoso de tres Soldados.

de fresco tinhaõ chegado Alucaõ , e Mojatecaõ com cinco mil Soldados. Mandou o Governador fazer sinal à Armada com foguetes , qual conhecido, partio à voga arrancada ; e arrimando-se à praia, desparou a artilharia toda nas estancias dos Mouros , escondendo a fumaça os navios por hum espaço largo, com que o inimigo não acodio ao que havia de temer, senão ao que temia, sollicito no perigo imaginado, des-
cuidado no certo. Rumeçaõ com o grosso do exercito carregou àquella parte do muro a impedir desembarcação dos nossos. O Governador sahio neste tempo da Fortaleza com escadas prevenidas para encostar ao muro. D. João Mascarenhas foi com os de sua companhia cingindo a cava, por subir por aquella parte, onde estava o baluarte de Diogo Lopes de Sequeira, Antonio Moniz Barreto, que hia nesta conserva, encomendou a sua escada tres valentes Soldados, estes foraõ os primeiros que enlangoentaraõ a victoria, sem que chegassem a vela. Tinhaõ vindo aquelle anno nas naos do Reyno com Lourenço Pires de Tavora, eraõ naturaes da Villa do Torraõ, traziaõ cartas a Antonio Moniz de sua mãy, que lhos recomendava, quaes lhe deraõ estando para entrar na batalha; elle as recebeu alegre, dizendo Soldados, que se livrasse com vida, lhes faria bons officios com o Governador, ao que elles responderaõ conformes, que só naquelle dia necessitavão de seu favor, que ao diante seus procedimentos lhes fariaõ passagem, que lhe pediaõ lhes entregasse aquella escada, seguro de que a saberiaõ arvorar, e defender com vidas. Antonio Moniz vendo brios tão honrados em Soldados humildes, lha entregou confiado, dizendo, fiava delles o credito e a escada, a qual logo

logo que levantàraõ , com desgraciado valor hum tiro cego lhes estroncou as cabeças.

16 Refirirei hum estranho desafio, que deixàra de escrever por lastimoso , senão fora tão illustre. D. João Manoel , e João Falcão , fidalgos de muita opinião, andavão entre si mal avindos por desconfianças leves , que ~~o~~ juizo dos homens vem a pesar aquillo em que se estimaõ. Tratàraõ de averiguar no campo estes desabrimentos , fazendo juiz desta porfia o valor, ~~o~~ o caso. Os padrinhos, que entravão ~~o~~ contenda com mais livre juizo , reduzíraõ a questãõ a mais honrado duello , discorrendo , que o Governador tinha a pique a jornada, e que o desafio, que sempre era delicto , seria agora escandalo ; que pelo bando perdiaõ as cabeças ; e que D. João de Castro não era pay , ainda que o parecia ; sofria culpas , mas não atrevimentos , que podiaõ sancar as honras , onde arriscavão as vidas; concertando-se, que o q primeiro, e com maior valor sobisse o ~~inimigo~~ do inimigo , ficasse por melhor reputado singular , e na commum batalha ; inventando , com engenhoso valor, mortes com premios, desafios sem culpa. Satisfizeraõ-se da proposta, hum, e outro inimigo , pediraõ a parentes, amigos lhes tivessem as escadas , como homens, que haviaõ de pelejar pola honra do Estado , pola sua. Começàraõ de sobir a hum mesmo tempo. D. João Manoel , lançando huma mão ao muro , lha levàraõ de hum golpe ; acodindo com a outra tambem lhe foi cortada; soccorrendo-se dos contos para ferrar o muro , com hum golpe de alfange lhe levarão a cabeça. João Falcão accometteo ao mesmo tempo o muro , tendo-o já vencido , defendendo-se valerosamente, foi morto a cutiladas. Sobre qual destes dous contendores

Desafio estranho.

dores deu maiores provas de valor , fizeram ■ Soldados de brio juizos differentes ; nós diremos em beneficio de ambos , que não devia mais à honra , quem deu tudo por ella.

Que faz D. João Mascarenhas.

17 Começou D. João Mascarenhas com ■ seus ■ arrimar as escadas, sobindo muitos com tanta resolução , como fortuna ■ porque ainda que recebidos ■ lanças, vencêrao ■ resistencia; estes comprãrao ■ gloria de ser primeiros com ■ perigo de se achar sós no Campo, tendo o peso dos Mouros, em quanto lhes chegavao os companheiros. Os feitos de armas, que se obrarao nesta primeira escala, se deixarão conhecer da postura com que se combatia ; pois ■ Mouros pelejavão firmes, ■ os nossos pendentes. D. Alvaro de Castro, ■ D. Manoel de Lima atravessãrao o muro por differentes partes, recebendo ■ maior resistencia maior dano. Perdêrao alguma gente em quanto pelejavão derramados, logo que se formãrao, derao lugar mais franco ■ que os seus sobissem.

Que faz D. Alvaro de Castro.

Perigo do Governador na ponte.

18 O Governador achou no caso maior perigo, que teve ■ sobida, porque encaminhou logo ■ ponte, que estava defendida com hum grosso de gente, ■ muitas peças assentadas nella; a importancia de ganhala era igual ao perigo. Cometteo-a ■ Governador a risco aberto; o valor foy singular, o caso milagroso; porque chegando muitas vezes os Mouros ■ murrao às peças escorvadas, nenhuma tomou fogo; successo para milagre opportuno; para accidente raro. Porém não quiz o Ceo toda ■ victoria, porque crescendo os Turcos na defenſa da ponte com escopetas, panelas de polvora, e lanças de arremço, retardãrao ■ impeto dos nossos. Alguns voltãrao os rostos ■

Livra por milagre.

pe-

pelouros , quiçã para mostrarnos Deos quanto valmos , deixados em nòs mesmos ; fogião os fracos , detinhaõ-se os valentes , porèm Dom João de Castro ■ nenhum inferior no esforço , maior que todos no acordo ■ com alguns que ■ acompanhavaõ , cerrou com o inimigo , bradando a voz ■ altas : Victoria , fogem os Turcos. Esta voz se derramou ■ taõ felices eccos , que ■ nossos outra vez unidos , buscãrãõ sua bandeira , ■ inimigos timidos , ou credulos , foraõ perdendo o Campo , sendo esta voz do General a porta, por onde entrou ■ victoria. Aqui fizeraõ os nossos estrago , como de vencedores , ■ o que era ardit , já parecia verdade. O Governador , sem perdoar instante ■ sua fortuna, foy atravessando o Campo , e como ■ victoria tem temeridades , nem o temor conselho , Dom João cercado de quasi to- do o exercito inimigo se acclamou victorioso , fogindo por aquella parte os Mouros , sem dano , mas já desordenados. Em fim tivemos por seu lado ■ victoria , primeiro que a batalha. Entre os da companhia do Governador se affirmou sem contradição , fóra elle o primeiro que cavalgara ■ muro , ■ deste feito não achou testemunha contra si , mais que a si mesmo , que lisamente disse , que Lourenço Pires de Tavora primeiro afferrára o muro , não querendo o credito da fama menos averiguada , havendo por escusado furtar honra , quem sabia ganhala.

*Acclama
victoria.*

*E profe-
gue-a.*

*Que diz de
Lourenço
Pires.*

19 Avisado Rumecaõ da desordem com que os seus fogião , acodio com hum grosso batalhaõ de Turcos a deter , ou estorvar ■ victoria , ■ co- ■ vantagem do numero ■ taõ superior , re- tra-

*Oppoem-se
Rumecaõ.*

*Peleja ■
Governador pessoalmente.*

tardando ■ furia dos nossos , igualou a batalha. Durou ■ porfi: espaço largo. Foy derribada duas vezes a bandeira Real ; o que vendo ■ Governador , bradou impaciente : Que he isto Portuguezes ? Tiraõvos das mãos ■ victoria ? Tiraõvos ■ bandeira ? E remetendo ao inimigo cuberto de hum ■ adarga , em que trazia duas settas cravadas , com a voz , e com o exemplo animou ■ Soldados de maneira ■ que com furiola corrente , fizeraõ retroceder aos Mouros , fogindo ■ ultimos com ■ terror dos primeiros.

Estancias dos inimigos ganhadas , ■ por quem.

Rumecaõ se forma ■ e ampara so.

20 Dom Alvaro de Castro , ■ Dom Manoel de Lima , feitos em hum só corpo , se fizeraõ envejar de seus Soldados , e de seus inimigos. Acometêraõ a Alucaõ , ■ Mojatecaõ valentes Turcos , ■ Cabos principaes do exercito , que por muito espaço lhes fizeraõ duvidosa a victoria. O sangue tingia as armas , tingia a terra ; a vozaria dos Mouros estremecia o Campo , como perigo novo ; o horror , ■ a confusaõ arrebatava os sentidos de sorte que muitos sentiaõ ■ mortes , primeiro que ■ feridas ; cedeo em fim ■ valor ■ numero , ■ Turcos se retirãraõ com infinitos mortos , ■ estancias perdidas. Dom João Malcarenhas accomet-teo a Juzarcaõ , ao qual ganhou o posto , com não menos valor , ■ peor fortuna. Rumecaõ não perdendo animo , nem acordo cõm ■ primeira desgraca esperou ■ ultima , formando seus esquadroens no campo aberto , ■ fosse necessidade , ou confiança , porque ■ tão numerofo exercito , mais se conhecia o temor , que a perda , ■ como he proprio nas desgracas accular a fortuna , fez Rumecaõ suas expiaçoens com vozes , ■ alaridos su-

supersticiosos , que ■ nossos ouviraõ , como para conciliar ■ indignaçã dos Astros.

■ Dom João de Castro não querendo perder hum só momento de tão fermoso dia , juntou a ■ pequeno exercito , e dando ■ vanguarda a seu filho Dom Alvaro , arrostando o inimigo , que esperou formado , e estendendo as pontas da mea lua , com que estava plantado , veo cingindo a nossa infantaria ; porẽm Dom Alvaro como se qui- ■ para si só a gloria deste dia , envestio o inimigo com tanta gentileza , que foy entre ■ seus o primeiro , que chegou ■ ferir ■ Mouros , comettendo , ■ abrindo com espada , e rodela hum esquadrão cerrado. Sustentou o inimigo o campo na primeira envestida , mas não podendo sofrer o peso da batalha , começou ■ retirar-se com desordem. Os nossos rompendo de todo ■ fileiras turbadas , seguiaõ mais , que destroçavaõ os inimigos rotos. Por esta parte se começou ■ declarar a victoria ; ■ Rumecaõ ■ hum grosso batalhaõ de Mouros , e Janizaros fez ■ nossos rosto , que derramados no alcance , ou despezáraõ , ou queccéraõ a disciplina.

O Governador, e seu filho ■ envestem.

Dom. Alvaro o rompe

Torna Rumecaõ a fazer rosto.

22 Aqui esteve Dom Alvaro perdido , por- que não podendo seus Soldados resistir divididos, hiaõ deixando ■ inimigos ■ campo , ■ a victoria, sem que ■ vozes de Dom Alvaro , e constancia , com que pelejava , podesse deter ■ huns , nem ordenar a outros ; tão pendente està do mais leve accidente a fortuna da guerra! Frey Antonio do Casal , de cujo valor religioso fazem os Autores memoria , com hum Crucifixo arvorado , começou com piedosas , ■ esforçadas razoes , ■ repre-

Perigo, e constancia de D. Alvaro.

Arvorado Fr. Antonio do Casal. hum Crucifixo.

E

der,

*Animaõ-se
os nossos.*

*Rumecaõ se
retira, e
Dom Al-
varo en-
tra na Ci-
dade.*

*Ajanta-se
lhe Dom
Manoel de
Lima.*

*E D. João
Mascare-
nhas.*

der, e animar os nossos, mostrandolhes a imagem de Christo, exposta outra vez na Cruz a segundas injurias; aconteeo, que huma pedra perdida descencravou hum braço do Crucifixo, e lho deixou pendente, mostrando-se na huma mesma perspectiva o lagrado transumpto, aos filhos inclinado, aos fieis caído. Os nossos com maior espirito as injurias do Ceo, que as do Estado mostráráo differente valor em differente causa, devendo mais à offensa, de quem erão creaturas, que ao imperio de quem erão Soldados. Subitamente se unirão conformes, e recobrando forças, mais foraõ os instrumentos da victoria, que os autores della. Rumecaõ se retirou desbaratado, e Dom Alvaro baralhado com elle, entrou de envolta na Cidade, achando já maior estorvo nos mortos, que cahiaõ, que resistencia nos vivos, que se não defendiaõ.

23 A este tempo chegou Dom Manoel de Lima, tão valeroso no mar, como na terra; o qual pela parte que lhe tocou, rompeo o inimigo até se juntar com Dom Alvaro. e entrados na Cidade fizeraõ cruel estrago nos Mouros, que rotos, e divididos buscavaõ salvação na fogida, mais que na resistencia; já o semblante da guerra mais parecia faco, que batalha; os nossos achavaõ Mouros, não achavaõ inimigos; muitos metidõs pelas casas roubáraõ suas mesmas fazendas, que occultavaõ, como furto à victoria, outros deixavaõ as armas, por fugir mais ligeiros. Dom João Mascarenhas entrou por outra parte na Cidade, dando neste dia glorioso fim a tão illustre cerco.

24 O Governador, ainda pelejava no Campo
foli-

folicito da victoria dos seus , certo na sua , quando lhe chegou aviso , que ■ Cidade estava já rendida ; ■■ Rumecaõ ■ pondo tropeços à victoria , tornou a rebentar , como mina , com oito mil soldados , ordenandose em fórma de dar , ■■ esperar nova batalha ; que era ■ poder tão grande , que das reliquias do seu estrago fez outra nova guerra ; sahiaõ a este tempo da Cidade Dom Alvaro de Castro , Dom João Mascarenhas , ■ Dom Manoel de Lima ■ congratularse da victoria com o Governador , quando viraõ a Rumecaõ ■■ campo com outro novo exercito. O Governador não querendo , que a suspenção parecesse temor , quasi ■■ mesmo alento da primeira batalha , cometto a segunda , ordenando tres esquadroens , ■■ dous , que buscassem os inimigos pelos lados , e elle pela frente. Nesta ordem cometteo o inimigo , ■ qual mais desesperado , que constante , aguardou ■ primeiro impeto dos nossos , mas como pelcijava já timido , ■ desconfiado , e ■■ seus com cobarde , e forçada obediencia lhe assistiaõ , com leve resistencia nos deixaraõ ■ campo : bem que em todas ■■ facçoens do cerco , e da batalha , se mostrou Rumecaõ tão valeroso , como disciplinado ; ■■ adversidades merecesse melhor , do que se alcança ■ fama.

*Offerece
Rumecaõ
nova ba-
talha.*

*O Governador
desfaz.*

25 Abrião-se os Mouros pela frente , e ■ Governador , à maneira de rio impetuoso , cuja corrente tudo leva diante , quasi indefesos os foi desbaratando. Já no campo se fazia estrago sem batalha ; os Mouros pareciaõ inimigos ■■ fogida , ■ não na resistencia ; ■ como os nossos acomettiaõ algumas mangas , que se mantinhaõ inteiras , elles mesmos se desorde-

*Alcançase
victoria.*

Morre Rumeção.

navão por remedio , fogindo huns dos outros com igual , ou mais certo perigo , que fogião dos nossos. Outros , por não parecer inimigos , arrojavão as armas , como instrumentos , que nos podiaõ acordar aggravo , ou vingança. Em fim naquella tragedia se representavão todos ■ affectos , de que o temor se veste. Rumeção vendo tudo perdido , vestindo huma pobre cabaya , se lançou entre os mortos , occultando-se à ira , e à victoria ; porém huma pedra tirada de mão incerta , o livrou , com a morte , do triumpho. Muitos deste homicidio se fizeraõ authores , como já ■ tempos de Galba , de quem quizerãõ ser mais os matadores , do que foraõ as feridas. E em nossos dias , ■ nosso mesmo Reyno , vimos tambem hum caso nada deffemelhante.

26 Advertidamente callei os casos particulares desta batalha , porque se não podem louvar huns , sem injuria de outros ; só dos Cabos , e pessoas maiores , dêmos breve noticia , por reverencia do lugar , ■ do sangue ; demais , que ■ consulaõ de huma batalha , difficulosamente se podem particularizar accidentes com o rigor da verdade ; e he certo , que aquelles , a cuja penna não escapãrãõ ■ atomos do caso mais occulto , ou buscãrãõ soccorros para a historia , ou penetrãrãõ os acontecimentos com vista mais aguda. Basta saber , que tão illustre empresa , honrou naquelles tempos nossas armas , nestes nossa memoria ; e creio , que em todas as facçoens da Asia , nos cercos , não tivemos maior , nas batalhas , não tivemos igual.

Varia estimacão do numero dos inimigos.

27 O numero do exercito inimigo se não pode averiguar ao certo , porque com estimacão de signal , huns o sobem a sessenta mil , outros differãõ menos , e nem os Mouros , que ficãrãõ cativos , foubêrãõ formar

mar juizo certo da gente , que perdéraõ. Mas de qualquer maneira foi ■ desproporção taõ notavel de hum poder a outro, que bastou ■ dar pelo Mundo hum espantoso brádo; ■ nas Historias alheas achamos ■ victoria escrita ■ mais honrado applauso, do que em nossas memorias; e se a Patria imitára a gratidão do Imperio Romano com filhos benemeritos, dera ■ ler ■ Mundo as obras de D. João de Castro em sublimes estatuas, que ■ annaes de bronze, fossem volumes publicos a todas as idades. Não achamos, que respondessem ■ premios ■ seu merecimento, quicá para o fazer maior, ■ alcançou nesta parte a desgraça dos varoens excellentes; logrou porém, como premio de duração mais larga, ■ fama de seu nome. Os Principes da Asia ■ ambiciosas mensagens lhe deraõ emboras da victoria; a Camera de Goa o chamou Duque, ou fosse, que ■ advertia, ■ que o desejava. El Rey D. João o honrou com titulo de Viso-Rey da India, sendo do Estado quarto ■ tempo. Os outros premios devia de ■ sepultar a mesma terra, que cubrio suas cinzas, ficando só sua posteridade hereditaria da gloria de tão grande ascendente.

Parabens da victoria.

28 Recolheo o Governador ■ despojos, que fo-
raõ os Reaes, muitas bandeiras, ■ quarenta peças de
artelharía grossa, em que entrava aquella, que hoje
temos na fortaleza de S. Giaõ, que do lugar, em que
se ganhou, inda conserva o nome. Entregou ■ Cida-
de ■ sacco, sem reservar para si hum só ferro de lan-
ça, sempre das riquezas do Oriente desprezador
constante. Desta, ■ outras virtudes nasceria affirma-
rem os Mouros, que fora o Governador afflido de
algum poder divino, porque sobre ■ tecto da Igreja

Despojos della.

Saco da Cidade.

Favor divino que nos assiste.

Quantos
Mouros
morrerão.

Nossos mor-
tos, e feri-
dos.

viraõ huma Donzella , cujos rayos não podia sofrer a vista, cujo aspecto lhe enfraquecia ■ coraçoes, com que deixavaõ as armas , huns timidos , outros reverentes. Não temos este favor do Ceo por indigno de credito , se olhamos a piedade do General , a justiça da causa. Dos Mouros morrerão cinco mil , ■ que entravaõ Rumecaõ , Alucaõ , Accedecaõ , ■ outros Turcos de nome ; ficãraõ seiscientos cativos , que depois serviraõ ■ triumpho ; dos nossos faltãraõ trinta , foraõ quasi trezentos os feridos.

Reedifica o
Governador a fortaleza.

29 Poucos dias descansou o Governador nos ocios da victoria , porque entrou logo em cuidados molestos de reedificar , antes fundar a fortaleza , desde a primeira pedra ; obra , que ■ necessidade fazia precisa , o aperto impossivel , porque ■ despesas de taõ prolixa guerra tinhaõ apurado ■ rendas do Estado , e sobre ellas se haviaõ feito empenhos , que só se podiaõ remir com a paz de muitos annos ; porẽm o Governador sem se atar ■ inconvenientes , começou ■ dar principio à nova fabrica , desenhando-a em fórma differente , que a antiga , porque ■ juizo de homens intelligentes , convinha estender o sitio , engrassar ■ muro , fazer os baluartes mais vezinhos , e lavrar armazens para recolher as muniçoens , ■ mantimentos , em parte enxuta , em que se conservassem bem acondiçoados , differentes dos outros , que pela humidade do terreno corrompiaõ os bástimentos. Os materiaes não se podiaõ comprar , nem conduzir sem pagas , e jornaes ■ pedreiros , pioens , ■ architectos pediaõ suas ferias. Não tinha ■ Governador baixellas , nem diamantes de que poder valer-se , assi recorreo ■ outros penhores , a que a fidelidade deu valia , a natureza não. Mandou desenterrar os ossos de seu fi-
lh.

Ihto D. Fernando para fazer delles ■ Cidade de Goa hum nunca visto empenho ; mas ~~ouido~~ a terra inda *Empenha* tivesse o corpo mal gastado , cortou da barba alguns *para isso* cabellos ■ sobre que pedio vinte mil pardaos à Came- *cabellos da* ■ de Goa , abrindolhe o amor da patria huma estra- *barba.* nha porta ■ por onde não fouberaõ entrar aquelles fi- delissimos Dècios , Curcios , e Fabios , de que Roma ainda hoje soberba , de entre as ruínas de seu Impe- rio , lhe salvou a memoria. Acompanhava o penhor a seguinte carta.

*Carta, que o Governador D. João de Cas-
tro escreveo de Dio à Cidade de Goa.*

■ S Enhor Vercadores , Juizes , e Povo , da muito ■ nobre , e sempre leal Cidade de Goa ; os dias ■ passados vos escrevi por Simão Alvares Cidadão , dessa Cidade ■ novas da victoria , que me nosso Se- ■ nhor deu contra os Capitaens de ElRey de Cam- ■ baya , ■allei na carta os trabalhos , e grandes ne- ■ cessidades em que ficava , porque lograsseis mais in- ■ teiramente o prazer , e contentamento da victoria ; ■ mas já agora me pareceo necessario não dissimular ■ mais tempo , e darvos conta dos trabalhos ■ que ■ fico , e pedirvos ajuda para poder supprir , ■ re- ■ mediar tamanhas coulas , como tenho entre ■ mãos ; porque eu tenho ■ fortaleza de Dio derriba- ■ da até o cimento , sem se poder aproveitar hum só ■ palmo de parede ; de maneira , que não sómente he ■ necessario fabricala este veraõ de novo , mas ainda ■ de tal arte , e maneira , que perca ■ esperanças El- ■ Rey de Cambaya , de ■ nenhum tempo a poder ■ , to-

, tomar, E ~~este~~ este trabalho tenho outro igual, ou superior a elle, aldemenos para mim muito mais incomportavel de todos, que são ~~as~~ grandes oppressões, e continuos achaques, que me dão ~~as~~ Laçquerins por paga, de que lhes eu dou muita certeza, porque de outra maneira se ~~iria~~ iriaõ todos, e ficarei só nesta fortaleza; o que será occasião de ~~me~~ ver em grande perigo, e por esse respeito toda a India, como quer que ~~os~~ Capitães de ElRey de Cambaya, com a gente q̃ ficou do desbarato, estão em Suna, que he duas legoas desta fortaleza, e ElRey lhes manda cada dia engróssar seu campo ~~com~~ gente de pé, e de cavallo, fazendo muitas amostras de tornar a tentar a fortuna, em querer dar outra batalha; para as quaes coulas me he grandemente necessario certa somma de dinheiro, polo que vos peço muito por mercè, que por quanto isto importa ao serviço de ElRey nosso Senhor, e por quanto cumpre a vossas honras, lealdades, levardes avante vosso antigo costume, e grande virtude, que he acódirdes sempre às estremas necessidades de Sua Alteza, como bons, leaes vassallos seus, pelo grande, e entrañavel amor, que a todos vos tenho, ~~que~~ queirais emprestar vinte mil pardaos, ~~os~~ quaes vos prometto como Cavalleiro, e vos faço juramento dos Santos Evangelhos de volos mandar pagar antes de hum anno, posto que tenha, ~~se~~ venhaõ de novo outras oppressões, e necessidades maiores, que das que ao presente estou cercado. Eu mandei desenterrar D. Fernando meu filho, que ~~os~~ Mouros matáraõ nesta fortaleza, pelejando por serviço de Deos, e de ElRey nosso Senhor, para vos mandar empenhar os seus ossos, ~~os~~ acharaõ-no de tal maneira, que não

, fo

foi licito inda agora de tirar da terra: polo que
 , não ficou outro penhor, salvo as minhas proprias
 , barbas, que vos aqui mando por Diogo Rodrigues
 , de Azevedo, porque como já deveis ter sabido,
 , não possuo ouro, prata, nem movel, nem cou-
 ,sa alguma de raiz, por onde vos possa segurar vossas
 , fazendas, sómente huma verdade secca, breve,
 , que me nosso Senhor deu. Mas para que tenhais
 , por mais certo vosso pagamento, não pareça a al-
 , gumas pessoas, que por alguma maneira podem fi-
 , car sem elle, como outras aconteceo, vos
 , mando aqui huma provisão para o Thesoureiro de
 , Goa, para que dos rendimentos dos cavallos vos vá
 , pagando, entregando toda quantia que forem ren-
 , dendo, até serdes pagos. E o modo que neste paga-
 , mento se deve ter, ordenareis lá com elle. Hei
 , por escusado de vos affectar palavras, para vos en-
 , carecer mais trabalhos em que fico, porque tenho
 , por muito certo, por todos os respeitos, que assim
 , digo, haverdes de fazer nesta parte tudo, e mais do
 , que puderdes; sem entrevir para isso outra cousa,
 , salvo vossas virtudes costumadas, e o que, que
 , todos me tendes, e vos tenho. Encomendome, se-
 , nhores, em vossas mercês. De Dio vinte e tres de
 , Novembro de mil quinhentos quarenta e seis.

30 Chegado mensageiro a Goa, lhe respon-
 , deo Povo com maior quantidade, que pedi-
 , da, vendo que tinhão hum Governador tão hu-
 , milde para rogar, tão grande para defender.
 , Remeterão-lhe outra vez aquelles honrados penho-
 , res, que hoje se conservaõ maõs do Bispo In-
 , quisor Gêral seu dignissimo neto, que reco-

Os Cida-
 , dãos de Goa
 , lhos tornaõ.

Hoje se
 , conservaõ.

lheo ■■ huma urna , ou pyramide de cristal , af-
sentada em huma base de prata , ■■ qual estão
gravados em torno disticos differentes , que fazem
de acção tão illustre engenhosa memoria , ficando
aos successores de sua casa este honrado deposito,
como para fazer hereditarias as virtudes de Dom
João de Castro. Levãraõ ■ portadores do dinhei-
ro a carta que se segue.

*Carta da Camera de Goa, ■■ reposta
da do Governador.*

■ **I**llustrissimo , ■ excellente Capitaõ Géral , ■ Go-
vernador da India , pelo muito alto , ■ muito
poderoso , e muito excellente Principe ElRey nos-
so Senhor. Diogo Rodriguez de Azevedo che-
gou a esta Cidade segunda feira seis do ■■ de
Dezembro , ■ o dia seguinte deu em Camera hu-
ma carta de Sua Illustrissima Senhoria , que foy
lida com muito prazer , e grande contentamento,
por sabermos de sua saude ; ■ qual boa nova
sempre queriamos saber , e muito melhores lhe
desejamos ■ e por ella a Cidade , e todo este po-
vo em géral , e em especial damos muitas gra-
ças a nosso Senhor , ■ temos certa esperança em
nossa Senhora Virgem Maria Madre de Deos nos-
sa avogada , que tendo ■ povos da India a V.
S. Illustrissima por seu Duque , ■ Governador ,
que em nossas afrontas , ■ trabalhos nunca care-
ceremos de ajudas divinas , por merecimentos
de seu catholico , ■ modesto viver , ■ auto , ■
obras de muitas louvadas virtudes ; ■ com esta
■ espe-

; esperança vivemos em novo repouso , porque a
 presente , ■ gloriosa victoria , que por seu pru-
 dente conselho , ■ grande esforço , ■ cavallaria
 , venceo , ■ descercou ■ fortaleza de Dio , ■ desba-
 ratar , e destruir ■ poder de ElRey de Cambaya,
 com mais outros vinte mil homens Mouros, Tur-
 cos , Rumes , Corações , ■ Christãos renegados
 , da fé de nosso Senhor , Alemaens , Venezianos,
 Genovezes , Francezes , e assi de outras , ■ diver-
 sas naçoens , dos quaes graõ parte delles foraõ
 , mortos a ferro de lança , e espada , de que a Ci-
 dade tem certeza de pessoas de bem , que de vis-
 ta foraõ presentes ; os quaes bons serviços ■■■
 mostraõ claros sinaes , que ao diante , prazendo
 a nosso Senhor , e a seu amparo , não temeremos
 , outros trabalhos , que de futuro se apresentão do
 proprio Rey de Cambaya com outro novo poder,
 e outros Reys , ■ Senhores nossos comarcãos ,
 e ■ de toda a India , que são de certo inimigos
 , nossos , e de muitas inimidades , além de serem
 , infieis , inimigos de nossa sancta fé Catholica ,
 dos quaes huns , ■ outros não temos segura ,
 nem firme paz , antes temos sinaes de faltas , e
 enganolas amilades. E quanto ao emprestimo que
 , em nome de ElRey nosso Senhor ■■■ manda pe-
 dir , responde ■ Cidade , que ■ moradores fa-
 remos de presente , e sempre , que cumprir , ser-
 virmos Sua Alteza com ■ fazendas , e vidas , e
 , com as almas. ■ porque ■ tenção da Cidade , ■
 e de todos he servir Vossa Illustrissima Senhoria,
 havendo respeito , que o tal emprestimo cum-
 pre muito ao serviço de ElRey nosso Senhor ,
 cuja a Cidade he , todos somos com muita di-

, ligencia, e cuidado daquelle dia, que Diogo Rodrigues de Azevedo deu recado até o fazer desta, que são vinte e sete de Dezembro, se ajuntarão vinte mil cento quarenta e seis pardaos, e huma tanga; de cinco tangas o pardao | os quaes emprestou esta Cidade, e saber Cidadãos, e o Povo, e alli Bramenes mercadores, gomeares, e ourives. E escrevemos em certo a V. Senhoria que esta Cidade, e honrados moradores, pelo servir, temos obrigação de pôr vidas, e fazendas com melhor vontade do que o faremos por nossas proprias honras, e interesses. E quanto, senhor, penhores que nos manda, a Cidade, e moradores nos temos por aggravados de Vossa Senhoria ter tão pouca confiança em nós, e em nossas lealdades, que para cousa que tanto cumpria ao serviço de ElRey, nosso senhor, e a seu Estado Real, não era necessario tão honrados, e illustres penhores, porque nossa lealdade nos obriga ao serviço de ElRey, e a presente necessidade, e depois disso as obrigaçoens em que somos, e a grande afeição, e muito amor; que V. S. tem esta Cidade, e moradores, e por ello, e tudo mais que neste caso lhe sentimos, lhe beijamos mãos, e rogamos ao nosso Senhor, que lhe dé perfeita saude, e o prospere de muita honra, e grandes victorias contra inimigos de nossa sancta Fé. E todavia, senhor, Diogo Rodrigues de Azevedo lhe torna a levar os seus penhores; e assi lhe levão elle, Bertholameu Bispo Procurador da Cidade o dito dinheiro, que lhe a Cidade, e Povo della emprestarão de sua boa, e livre vontade. E assi lhe levão mais a

provi-

provisão, que cã mandou para ■ Thelourcero pa-
gar ■ ditto dinheiro, e lhe pedem por mercê
que tudo aceite, como de leaes vassallos, que
somos ■ ElRey nosso Senhor, ■ Vossa Senhoria
mui obrigados. Escrita ■ Camera ■ 27. de De-
zembro de 547. E ■ Luis Tremessaõ Escrivão
da Camera o mandei escrever, ■ sobreescrevi
por licença que para ello tenho. Pero Godinho.
João Rodrigues Paes. Ruy Gonçalvez. Ruy Dias.
Jorge Ribeiro. Bertholameu Bispo.

31 Continuava a obra da fortaleza ~~com~~ tanto *Continua* ■
golto dos officiaes; e jornaleiros, que crescia sem obra da for-
tempo, sendo tão pontuaes as pagas dos servido- *taleza.*
res, ■ foldados, que haviaõ, que só para o Go-
vernador estava o Estado pobre. Alem do empref-
timo da Cidade, lhe enviaraõ as dõnas, e donzel-
las em hum cofre a pedraria, e joyas, com que a
fraqueza feminil serve ao poder, e à vaidade: of-
ferta de que não podiaõ esperar retribuição, ou
usura; donde se vê, quanto melhor servidas são
dos pòvos ■ virtudes, que as tyrannias dos re-
gentes.

32 Ordenou a Dom Manoel de Lima, que *E a guerra*
com trinta navios avistasse os lugares da Costa *de Cam-*
de Cambaya, e ■ abraçasse todos, mostrando ao *baya.*
Soltaõ, que a vingança não acabàra na victoria;
porèm que na Cidade de Goga não entrasse, por
ter aviso, que ■ ella se recolhéra toda a gente
que escapou da batalha. Dom Manoel, ■ quem
ainda esperava ■ fortuna por aquella enscada, se *Dom Ma-*
foy correndo ■ costa, e ■ poucos dias de viagem *noel de Gi-*
lhe sobreveo hum temporal tão rijo, que ■ levou *a faz.*
■ necessidade da tormenta a demandar abrigo no
melmo

Vai a Cidade de Coga.

mesmo porto, que pela instrucção lhe fora prohibido. Os da Cidade, como ainda tinham presente a imagem do passado perigo, tanto que virão as mesmas armas, do que estavam cortados. desampararão a Cidade assim soldados, como a gente popular, e inutil, fogindo para o sertão com igual desacordo. Estava ancorada no porto hum não de Mouros, que era do Zamaluco, bom correspondente do Estado, a qual vendo a fogida dos Mouros, começou a captar aos nossos, para que dessem a Cidade. Dom Manoel, não entendendo o final do navio, parececolhe que de confiado se chamava à peleja, e pondole logo em armas colerico, e impaciente, notou, que a Cidade se despejava, e o miseravel povo corria com hum tropel confuso a demandar hum pequena ferra, que lhe ficava a vista, crendo, que a distancia, a aspereza do sitio, os livraria da invazão dos nossos. Conheceo Dom Manoel o intento com que lhe captava o navio, e perplexo entre a occasião, e a obediencia poz o caso em conselho; e como entre os soldados de valor, he sempre o brio o primeiro interprete das ordens, votarão, que se entrasse a Cidade, porque a instrucção do Governador não podia comprehender todos os accidentes, o qual se estivera presente, fora o primeiro que saltasse em terra. Seguiu logo a execução o conselho. Entrou Dom Manoel a Cidade quasi sem resistencia; e o sacco dos soldados foy grande, e o que desprezou a cobiça, se entregou ao fogo, que abraçou fazendas, e edificios, foy o dano maior do que a victoria. Cativou Dom Manoel tres Baneanes, dos quaes soube que toda a gente se salvara em hum lugar

Que saquea, e abraça.

lugar da ferra, que ficava em pequena distancia, determinou assaltalo para que aos fugitivos, e oppostos, igualasse o castigo. Foy amanhecer sobre o lugar, levando os Baneanes por guia, forçados com miseravel necessidade a entregar os filhos, e parentes; e os que se imaginavaõ no abrigo do sertão seguros, viraõ primeiro sobre si a espada, que vissem o inimigo. Não fez o estrago differença de causa a causa, de pessoa a pessoa; naturaes, e estrangeiros; culpados, e innocentes pagaraõ com as vidas o delicto, ou proprio, ou alheo. Das pessoas passou a religião a injuria; dentro dos Pagodes mandou enforcar a muitos, que a vaidade de suas supersticoens he culpa inexpiavel. Degolou os gados do contorno, salpicando as mesquitas com o sangue das vacas, animal, que como deposito das almas, veneraõ com culto abominavel.

33 Embarcado Dom Manoel de Lima, tornou a cortar a encalada, onde se vio perdido sem tor-se e perigo. menta, porque o fluxo, e refluxo das ondas he tão impetuoso, que basta a destroçar os navios. Passado mais adiante, houve vista da Cidade de Gandar, povoada de mercadores Gentios, rica pelo commercio, e fraca pelos habitantes. Esta foy na primeira investida, rendida, e abraçada, sendo que entregavaõ os naturaes as fazendas como preço das vidas, que não poderaõ salvar oppostos, e rendidos; porque a ira, ou deshumanidade dos soldados antes buscava o sangue, que os despojos. Muitos outros lugares da encalada destruiu, durando as cinzas, e ruinas muitos dias as memorias do estrago; e os naturaes, que

*Destroe
Gandar.*

que sobreviverão às misérias dos outros, se recolhérao ao interior do Reyno, onde com segura pobreza entretinham as vidas.

Recolhe-se a Dio.

Deixa D. João Mascarenhas a praça.

D. Manoel de Lima se offerece a ficar nella.

Toma Antonio Moniz algumas naos.

34 Deu Dom Manoel volta a Dio, onde achou o Governador entre as materiaes de nova fabrica, a cuja vista crescia o edificio. Delejava deixar a fortaleza em defenſa, porque o chamavao a Goa diferentes negocios. Porém Dom João Mascarenhas, ou cansado, ou satisfeito dos trabalhos do cerco, fez deſaixação da praça, ſem acabar o tempo, querendo aquelle vir ao Reyno lograr tão merecida fama. Quizera o Governador diſſuadilo, temendo, que ninguem lhe accitasse a fortaleza, porque com a victoria, a alteração do commercio, faltavao os eſtimulos da honra, e do proveito, que ſão os mayores incentivos, de que os homens ſe vencem. Porém Dom João Mascarenhas, reſoluto a paſſar ao Reyno nas naos de Lourenço Pires de Tavora, obrigou ao Governador que buſcasse Capitaõ para a praça, que já alguns fidalgos lhe haviaõ engeitado, aborrecendo lugar de tantas victorias, quiçã polo perigo, que tem ſucceſſos excellentes: porém Dom Manoel de Lima, ou por complacencia do Governador, ou por conſiança de ſi meſmo, ſe offereceo para ficar na praça.

35 Entretanto que o Governador ſe apreſtava para paſſar a Goa, mandou Antonio Moniz Barreto com alguns navios eſperar as naos de Cambaya, que por intelligencias ſecretas ſabia, que haviaõ de viſitar a coſta de Pór, Mangalor, quaes elle encontrou, rendeo, e trouxe a Dio, cujas fazendas ajudaraõ a reparar as deſpeſas do Estado

Estado. ElRey de Cambaya com o sentimento de tantas perdas rebentou em huma vingança barbara, mandando matar dous prisioneiros nossos innocentes, que do tempo da guerra lhe ficaraõ cativos, vingando-se de taõ grandes injurias em sombras taõ pequenas.

*Vingança
barbara de
ElRey de
Cambaya.*

36 Concluidos os negocios de Dio, começou a fortuna a sobressaltar o Estado com novos accidentes. Teve o Governador duplicados avisos de Ormuz, que os Turcos com crecido poder tinhaõ lançado de Baçorà Mahamet As-Enam fiel amigo do Estado, o qual chamava nossas armas, para com forças auxiliares resistir ao commum inimigo. Viaõ-se naõ de longe os perigos, e as consequencias, que resultavaõ de taõ roim vezinho, com quem apenas podiamos caber no Mundo, quanto mais no Estado. Ponderava-se a importancia de Baçorà, como fundamento lançado para cousas mayores; de cujo sitio daremos huma breve noticia. He Baçorà povoação de quatro mil vezinhos, situada na Arabia feliz, em altura de vinte e quatro grãos para a banda do Norfẽ; aparta-se do rio Eufrates em pequena distancia. Distarà da fortaleza de Ormuz duzentas legoas, de Babylonia pouco mais de quarenta. De Ormuz ella se navega ao longo da costa pela parte da Persia, por ter melhores surgidouros, e aguadas. A Ilha he povoada de Mouros oppostos aos Turcos, por serem (ainda que cultores de Mafamede) differentes na crença, porque seguem os ritos e ceremonias do Persa, e quem dà a beber o Demonio as abominaçoens de Mafoma em vasos differentes. Aqui se fortificaraõ os Turcos, e começaram a ganhar Arabios vezinhos, huns com

*Avisos de
Ormuz.*

*Discripção
de Baçoro.*

*Os Turcos
se fortificaõ
alla.*

as armas , outros com beneficios , criando em Baçora novo Principe, que como descendente de seus antigos Reys , feria ■ Arabios grato , ■ ■ Turcos fiel ; liberalidade , com que mostravaõ entrar com semblante de amigos , escondendo ■ ambição de senhores. A justiça deste , que os Turcos laudaraõ por Rey, escrevem outros em dilatadas letras , cuja relação deixo, por ser ■ gosto importuna , e alheia da Historia.

*Vai Dom
Manoel de
Lima para
Ormuz.*

37 Resolveo o Governador despachar a D. Manoel de Lima para ■ fortaleza de Ormuz , que pela morte de D. Manoel da Sylveira lhe cabia , tomando a obrigação da guerra com ■ Turcos , como pensaõ da praça , ficando outra vez a fortaleza de Dio , como pedra reprovada dos que a edificavaõ ; porque não havia fidalgo , que quizesse ficar com o trabalho da fortificação , havendo João Mascarenhas levado ■ honras do perigo. Não sei , se as cousas da India correm hoje por esta opiniaõ. O Governador se molestava , de que lugar de tantas victorias ficasse tão aborrecido. O que entendido por D. João Mascarenhas se lhe offereceo para ficar aquelle inverno ■ praça; coula que ■ Governador estimou sobre modo , dizendo-lhe , que em quanto a fortaleza estava imperfeita , ■ fama de seu nome serviria de muro. E porque se veja quão facil era este grande varaõ em authorizar honras alheas , referirci a carta, que escreveo a seu filho D. Alvaro , quando entendeo que D. João Mascarenhas iria ■ Goa para passar ao Reyno.

*E D. João
Mascarenha torna a
ficar em
Dio.*

*O que delle
escreve
Governador
seu
filho D. Al-
varo.*

, Là vai o Senhor D. João Mascarenhas , tal qual ■ Mouros , e Gentios confessaõ ; ■ eu que sou bom Christão , faço ■ mesma confissão de seu esforço , porque em todas ■ batalhas ■ achei sempre a ■ lado. Vai-se embarcar para o Reyno , rogo vos muito,

, to, que lhe façais o mesmo tratamento, que a minha pessoa, e não consentais, que tome outra pouxada, senão a vossa; porque além de elle o merecer, espero em Deos, que tornará muito cedo a estas partes ■ emendar meus descuidos.

Tambem elcresco ■ ElRey largamente sobre ■ merecimentos dos homens, de si não fallou nada, mostrando-se agradecido aos serviços de todos, e só aos seus ingrato. *E a E de todo*

38 Concluidas as cousas de Dio, deixou ■ Governador ■ D. Jorge de Menezes com seis navios, para que andasse o resto do verão ■ encadea de Cam *Deixa quella* baya; ■ mandou lançar pregação em todos os lugares *a D. J.* confinantes, que todos os Mouros, ■ Gentios podessem tornar ■ povoar a Ilha, porque debaixo de sua justiça estariaõ as pessoas, e commercios seguros, gozando da paz, e liberdade antiga; e como ■ verdade recebe credito do valor, tornáraõ os Gentios ■ buscar assi o abrigo de nossas armas, como de nossas leys, vindo copia de ■ mercadores, ■ vezinhos a engrossar o trato, havendo por mais segura a paz, que começava nos limites de guerra.

39 Embarcou-se o Governador para Goa; onde *Embar* de ■ esperava o applauso universal das gentes, 'co *para G* ■■ eccos articulados da victoria. Chegou a tomar porto em breves dias, onde vieraõ ■ visitalo *Chega,* ■ mar ■ Bispo, Capitão mór, e Regentes, pedindolhe se detivesse em Pangim, em quanto a *visitad* Cidade dispunha o triumpho, com que ■ queria *mar.* receber, porque não reputasse o Mundo aquelle povo por barbaro, ou ingrato; que triumpho tão merecido não era ambicaõ da pessoa, mas gloria do Estado; que das victorias levavaõ os Reys o

fruito, ■ vassallos a fama, que bem podia despre-
 ■ ■ premio, sem engeitar ■ memoria.

*Decretase-
 lhe trium-
 pho.*

*Fabrica
 delle.*

40 Deixou-se o Governador vencer deste agra-
 do do povo, como quem não podia desprezar ■
 honras do triumpho, sem injuria dos que lho aju-
 dariao a merecer; ■ ■ ■ ■ ■ por limite às alegrias po-
 pulares em odio da prosperidade de todos, de cu-
 jas demostraçoens festivas tinhao na fortuna des-
 culpa, ■ ■ ■ Cesaes exemplo. Para ■ ■ quinze de
 Abril de quarenta ■ sette se destinou o dia do tri-
 unfo, primeiro, ■ ultimo, que viraõ nossas ar-
 madas costumadas a lograr fama sem gloria. Fa-
 bricou ■ Cidade no Bazar de Sancta Catherina hum
 espaço de caes, cujo material cobriaõ varias alcati-
 fas. Rasgou-se ■ porta da Cidade até ■ alto do
 muro, como que se mostravaõ as pedras humil-
 des, ■ ■ gratas. Era a tapeçaria das muralhas de
 custosos brocados. A grandeza não podia fobir a
 mais; o gosto não se contentava com menos. Em
 partes ■ ■ o adorno de diversos velludos, para que
 ■ ouro servisse ■ magestade, as cores ■ ■ deleite.
 Na portada se viaõ dous leões dourados, susten-
 tando ■ ■ huma, e outra tarja as Roëlas dos Cas-
 tros, sempre illustres, agora triumphantes. Jun-
 to ao caes corria hum dilatado bosque de arvorei-
 do, que com interrompidas sombras mitigava ■
 calor, sem occultar o dia. Via-se o mar cuberto
 de nãos; e galcoens, de fustas, ■ almadias, que
 das Ilhas vezinhas concorreraõ, todas embandei-
 radas, e alegres. Estava no terreiro do Paço hu-
 ma fortaleza, desenhada pela planta de Dio, ■
 dentro algumas bombardas carregadas sem balla,
 ■ outros instrumentos de fogo, ■ ■ ■ que figuravaõ
 huma

humã representação alegre dos passados honores. Na mesma fortaleza se escondião curiosas danças, que com acordadas vozes cantavaõ ■ Governador louvores a numeros atados, delectando o ouvido ■ harmonia, ■ juizo na letra. O concerto das ruas, como para dar ■ conhecer a opulencia do Oriente; as tellas de labores por usuaes se olhavaõ com desprezo. As galas dos moradores, taes, e tantas, que parecia, que triumphava o Povo. Nem seria menos dos animos ■ applauso, se ■ coraçoes se viraõ, pois eraõ demonstraçoens voluntarias de naturaes affectos.

41 Abalou ■ Governador de Pangim em huma galeota, cujo adorno se fazia differente das outras ■ levava consigo os fidalgos velhos, que o acompanharaõ na jornada, igualmente parciaes na gloria, ■ ■ perigo. Hiaõ diante os galeoens da armada, a quem seguiaõ as embarcaçoens de remo com as velas içadas nos palancos, ■ todos navegando assombrados com ■ verdor de differentes ramos, pareciaõ da terra hum bosque tremulo, huma Cidade erratica. Logo que avistaraõ a fortaleza, lhe deraõ huma tão temerosa salva, que ■ guerra parecia real, mais que apparente; como contrapõsta lhe respondeo ■ artilharia de terra com tal horror, que os sentidos não conheciaõ differença da batalha ao triumpho. Para dar passo à galeota do Governador, se abriu a armada toda. Vinha custosamente trajado, dando ■ que era seu ao tempo, vestindo não menos airofamente ■ galas, do que vestia as armas. Trazia huma roupa Franceza de setim carmezim com trojaes de ouro, que lhe tomavaõ os golpes, e como

Entra ■ Governador.

Hum Vereador lhe faz pratica.

mo quem não queria perder memorias de soldado, vestia huma coura de laminas assentada em brocado com seus tachocns de prata, gorra com plumas, mostravaõ ouro ■ guarniçoens da espada. No caes ■ esperavaõ os Cabos da milicia, Nobreza, e Regimento da Cidade, com os quaes entrou ■ primeira porta, onde hum Vereador ■ lingua Latina lhe orou discretamente, discorrendo, como por beneficio de seu valor tinhamos humilhado o mais soberbo cetro do Oriente, cujas ruínas seriaõ de sua fama os elogios maiores; que agora tinha Portugal seguro o Estado, em seus braços segunda vez nascido, cujas armas serviaõ tanto à Fè, como ao imperio, obrando, que em taõ remotas partes se ouvissem os brâdos do Evangelho; que agora os Mouros, ■ Gentios creriaõ, que não podia deixar de ser Deos grande o Deos de tantas victorias; que ainda depois de idades largas no Oriente mostrariaõ com ■ dedo os navegantes o lugar da batalha, ficando por tradiçaõ o estrago de Cambaya de naçaõ ■ naçaõ, de Reyno a Reyno; que os pays o contariaõ ■ filhos, ainda sobressaltados na memoria dos perigos passados; que já nossas bandeiras gloriosamente enroladas poderião descansar no templo da paz, aberto ■ da victoria. Sobre ■ accidentes de seu governo discorreõ largamente, parecendo ao Povo, que antes abbreviava, que encarecia suas virtudes; maiores ■ consideraçãõ dos estranhos, do que em nossos elogios. Rematou a oraçaõ na suavidade de musicos instrumentos, ■ diferentes, ■ acordes. Logo se dispararaõ algumas peças, cujas ballas eraõ doces diver-

diverlos ; que caindo em pequena distancia , foraõ
 à gentilha do povo convite , inda que arrebatado , alegre. Os Vereadores da Cidade receberam o
 Governador com paleo , e logo hum Cidadão de
 authoridade , inclinado , e reverente , lhe tirou a gorra da cabeça, pondolhe nella hum coroa triumphal , ■ na mão hum palma. Diante caminhava ■ Custodio dos Religiosos Franciscos com o Crucifixo, que levou na batalha, e o braço defencravado, ■ pendente (final com que já de tão longe aquella Magestade divina, nesta , e naquella idade nos assegura ■ Reynos , e as victorias.) Seguia se a bandeira Real de nossas Quinas , olhadas com admiração nova de Mouros , e Gentios. Logo os estandartes de Cambaya arrastados à vista de Juzarcão , e outros Capitaens maniatados , que representavaõ a tragedia de sua fortuna , a elles lastimosa , a nós alegre. Viaõ se seiscentos prisioneiros arrastando cadeas ; tras elles ■ peças de campanha com varias , ■ numerosas armas. As damas das janellas banhavaõ ■ triumphador em agoas destilladas de aromas diferentes. Os officiaes, que tratavaõ o ouro, ou preciosas drógas, lhe vinhaõ a offerecer voluntarios tributos , sendo a igualdade dos animos outra cousa maior , que ■ triumpho. Os Templos adornados, e abertos se mostravaõ benevolos , ■ gratos ; nesta fórma chegou a visitar ■ Cathedral , Metropoli do Oriente , onde ■ Bispo , ■ Clero ■ recebêraõ com o hymno : *Te Deum laudamus*. Entrando na Sé reconheceo com piedosas offertas ■ Autor das victorias, ■ por ser já tarde com abbreviadas ceremonias se recolheo aos Paços, não cabendo ■ magestade do triumpho ■ horas de hum só dia.

Recebem-no com paleo.

Ordem do triumpho.

Vay à Sé.

Reconhece a Deos por Autor de suas victorias.

VIDA



VIDA DE DOM JOÃO DE CASTRO.

IV. Viso-Rey da India.

LIVRO QUARTO.



DOUCOS foram os Reynos do Oriente, que no Governo de D. João de Castro, não alterasse aquelle Estado com diversos movimentos de guerra; ou com armas oppostas, ■ com reciprocas discordias, chamando nossas forças a conciliar a paz, ou ajudar ■ victoria, vendo-o muitas ■ Oriente em serviço da Religião cingir a espada.

■ Havia ElRey D. João enviado alguns Religiosos Franciscos à Ilha de Ceilão, exemplares na vida, e na doutrina, para que com o sangue, ■ com a palavra testemunhassem a verdade Evangelica, sendo este ■ maior cuidado de nossos Principes, cujas bandeiras

*Religiosos
Franciscos
passão ■
Ceilão.*

deiras mais vezes vio tremolar ■ Asia em obsequio da Religião , que do imperio. Entrados estes Religiosos na Ilha , foraõ recebidos de ElRey da Cotta com benigna hospedagem , começando a nascer segunda vez no Oriente o Sol divino. Ouvio aquella Gentilidade a voz do Ceo , e ao beneficio da terra inculta respondia o fruto , encaminhando ao curral da Igreja infinitas ovelhas.

■ Passáraõ estes embaixadores do Evangelho a dar novas da luz ■ ElRey de Candea no coração da Ilha, o qual acháraõ grato no tratamento das pessoas, e facil na obediencia da doutrina ; foi instruído nos mysterios de nossa crença , para que com fé mais robusta se lavasse nas agoas do Baptismo. Deu aos Religiosos terra , materiaes , e despezas para ■ fabrica de hum Templo , sendo esta a primeira fortaleza , que levantou ■ conquista do Evangelho naquella Ilha contra ■ erros da idolatria ; porque das vozes do Apostolo S.Thomè (le alli chegaraõ) nem nos entendimentos havia luz , nem na terra memoria.

*Prègaõ ■
Fe em Candea, e El-Rey se inclina a ella.*

Mostra inconstancia.

■ Mostrava-se este Principe aos preceitos de nossa Religião obediente , mas ainda não constante, porque o temor de alterar os vassallos na mudança da ley, lhe fazia, por não perder o que amava, deixar o q̃ entendia , porque como planta ainda sem raizes , ■ inclinavão a huma , ■ outra parte contradicoens humanas. Tentáraõ os Religiosos desviarlhe estes tropeços do caminho da vida , affirmandolhe , que d. ■ baixo do amparo de nossa Religião , e nossas armas, assegurava huma , ■ outra coroa , porque estava naquelle tempo governando o Estado aquelle D. João de Castro , que pola Fè sabia derramar o sangue , polos amigos arriscar o Estado.

Os Religiosos o animam.

Sua resolução.

O Governador zela esta conversão, e manda a isso Antonio Moniz.

4 Ouvio bem o Rey esta proposta, dizendo, que se ■ Governador lhe mandasse loccorro, não só professaria a Fè, porèm que ■ prègaria a seus vassallos. Com esta resolução partio hum Religioso ■ Goa, e certificado ■ Governador da causa de sua vinda, zelou a conversão daquelle Principe, como o mayor negocio do Oriente; não menos prompto ■ darà Igreja filhos, que ■ Estado victorias. Despachou logo com sete fustas ■ Antonio Moniz Barreto, e ordem, que encontrando-se com navios nossos os levasse consigo; escrevendo àquelle Principe honradas cartas, acompanhadas de muitos donativos. Mas ■■ quanto Antonio Moniz vai navegando, fallaremos na toma de Baroche, por guardar a ordem dos tempos na relação dos successos,

Sitio, e fortificação de Baroche.

5 Tinha o Governador despedido de Dio a D. Jorge de Menezes, para que na enseada de Cambaya fizesse todas as hostilidades possiveis, mostrando ao Soltaõ, que com os estragos passados nossas armas não embotàraõ os fios. Tomou D. Jorge algumas embarcaçoens de mantimentos, que passavão a bastecer ■ portos do inimigo, porque acabasse ■ fome aquelles, a que perdoàra a espada. Deu huma tarde vista ■ Cidade de Baroche, cujos edificios lhe representàraõ ■ magestade a policia de Europa. Estava situada em huma eminencia, cingida de muros de ladrilho, que mais serviaõ ao adorno, que à defenla. Com tudo se deixavaõ ver diversos baluartes, obrados não sem alguma luz de fortificação, guarnecidos de muita artilharia, que senhoreava ■ entradas do porto. Com ■ elevação do sitio se descobriaõ portadas de cantaria lavrada, onde ■ correspondencia de torres, ■ janellas mostravão de seus habitadores o poder, e artificio.

Era

Era o trato da terra de finissimas sedas, dròga, que daquelle porto se navegava ■ muitos do Oriente. Possuía Madre Maluco esta Cidade, tributada das aldeas vezinhas, que na fertilidade, e na grandeza lhe compunhão hum mediano estado.

Trato dos moradores.

6 Acalo tomàraõ os nossos huma almadia de pescadores da terra ; que perguntados, differão da Cidade ■ que temos referido. E querendo saber D. Jorge, que presidios havia na Cidade ■ disserão, que toda ■ milicia levàra Madre Maluco ■ Amadabà, Corte do Soltaõ, e que só ficavão ao presente alguns mecanicos, ■ outra gente de trato. D. Jorge parecendo-lhe opportuna a occasião de assaltar ■ Cidade, ainda que era o poder desigual para facção tão grande; como os successos pendem dos accidentes, determinou tentar a fortuna, e por assegurar os moradores, se fez na volta do mar, como quẽ navegava por differente rumo, levando consigo os pescadores, para na entrada lhe servirem de guias. Tanto que anoiteceo, tornou ■ armada a demãdar o porto, e saltando em terra, sem que ■ confiança, ou descuido do inimigo se assegurasse em defenſa, ou sentinella alguma, forão ferindo os nossos naquella gente defarmada, e fraca, onde ■ noite, a confusão, e o sono os trazia a encontrar o perigo, de que andavão fogindo; errando miseravelmente se desviavão tanto dos seus, como dos inimigos, fogindo dos que tambem fogiaõ. Os gemidos dos filhos não moviaõ os pays à piedade, ■ menos à vingança, porque o temor subito obrava com os piores affectos da natureza. Os lamentos, e gritos das mulheres, effes as descobriaõ, sendo seus ays seu maior perigo. E os que escondidos em suas casas escapàraõ ao ferro, nellas mesmas os abraſou o

Madre Maluco a senhorea,

D. Jorge a entra de noite.

Poemhe
fogo.

Toma della
o appellido.

Acode o
Maluco
tarde.

incendio, não ficando ■ miseraveis para ■ morte remedio, senão escolha. A hum mesmo tempo se fazia a invazão, e sacco. Foi ■ estrago como em guerra sem resistencia; o despojo, como em Cidade entregue. Alcançou ■ fim D. Jorge nesta empreza fama sem risco, victoria sem inimigo. Porém não duvidamos, que se achàra opposiçoens mayores, podèra conseguir seu valor o que obrou sua fortuna. Mandou dar a Cidade ao fogo, onde em breves horas ■ nobres, ■ plebèos, as plantas, e edificios se convertèraõ em lastimosas cinzas, sem que a natureza as distinguisse, lugar ■ separasse. Embarcouse alguma artilharia miuda, e rebentoulhe a grossa, sendo esta facção tão celebre entre os nossos, que fizerão tomasse ■ appellido de Baroche, quem tinha ■ de Menezes, como já as ruínas de Cartago derão a Scipião ■ nome de Africano.

7 Acodio o Maluco com cinco mil cavallos, cendo à lastima, tarde ao remedio; ■ vendo que ■ ferro, ■ fogo não deixàra cousa alguma com semelhança do que havido sido, voltou impaciente a ElRey de Cambaya, como quem levava em chaga fresca a dor mais sensitiva. Representoulhe o estrago da Cidade, aggravado, que parecia maior, por ser depois de tantos. Sentio o Soltão este novo accidente, jurando acometer outra vez Dio, que era a pedra do escandalo, onde se quebravão as forças de tamanho imperio. Em tanto pois que os odios de Cambaya respirão na imaginada vingança, discorramos no espirital de Candea, que como semente afogada entre espinhas, não chegou ■ lograr fruto.

8 Entendia o Madunc Rey da Cotta, como o de Candea buscava com a mudança da Religião, a protecção

tecção do Estado, e como estes Gentios são observantes zeladores de seus erros, buscou meios para lhe persuadir, que era ■ idolatria necessaria à Coroa; affirmandolhe, que com a nova crença faria aos valsallos desobedientes, aos Reys inimigos, ingrato a seus antiguos Idolos, que haviaõ prosperado o cetro de Candea tantos annos ■ Reaes ascendentes; que ■ Governador da India devia ser o mais insolente homem da terra, pois não soffria, que o Mundo tivesse outro Rey, nem outro Deos, mais que os que elle servia, ■ adorava, que não negava ser a Religião dos Portuguezes, ■ melhor, ou mais felice, pois cultivavão ■ Deos das victorias; porém que a elle lhe bastava servir aos deoses da patria, em que nascéra, sem desejar melhor posteridade, ou mais ambiciosa fortuna, que os que lhe precederão. E quem sabia se o Governador queria fazer da piedade motivo para lhe usurpar o cetro? Que não recebesse na Ilha homens tão valerosos, que em nenhuma parte sabião já estar, senão como senhores; que se os Frangues lhe promettiaõ trazer a casa melhor Ley, e augmentarlhe o estado, quem com inteiro juizo havia de dar credito a tão nova bondade de homens, que nunca vira? E mais quando estes não erão tão desprezadores do humano, que não viessem do fim do Mundo ■ dominar a Asia? Que se queria exemplos, mais Reynos acharia por elles destruidos, que doutrinados; que era verdade, que os seus Jogues (que elles chamão Sacerdotes) erão faccis em derramar o sangue pola Ley, que ensinavão, mas que estes o fariaõ, ou como ambiciosos do nome, ou prodigos da vida; se já não era, que no Occidente havia mais loucos, que nas outras Regioens, e davão todos naquella perigosa tcima de dou-

*O Rey
Cotta d
suade a
Candea
conver*

doutrinar ao Mundo ; que ultimamente lhe aconselhava como Rey , e amigo , que devia degollar o socorro dos Frangues que esperava , para dar satisfação ■ seus antigos deos , justamente indignados de os querer delamparar por divindade estranha ■ que pola soberba de lhe virem dar luz ■■ entendimento, ou pola ambição de lhe usurpar o Reyno mereciaõ este castigo na contingencia de hum, ou outro delicto; que para este effeito o ajudaria com armas , e soldados , fazendo commum a causa , pois o era tambem ■ injuria dos Idolos de todos.

*O de Candea
de a consen-
e nisto.*

9 O miseravel Principe , não podendo levantar-se de todo com o peso de seus antigos erros , se deixou persuadir das razoes do barbaro, e fraudulento amigo , porque ■ olhos ainda cegos com ■ nevoas da idolatria não podiaõ soffrer as luzes da verdade, que lhe amanhecia ; ■ logo ou incauto , ou violentado conspirou na traição do Madune, como enfermo frenetico , contra os instrumentos da faude indignado; esperarão em fim os hospedes , resolutos em executar ■ maldade , que tinham concebido.

*Viage de
Antonio
Moniz.*

10 Entretanto partido Antonio Moniz de Goa, achou em differentes portos alguns navios nossos, que conforme à instrucção , que levava , aggregou à sua armada. Dobrado o cabo de Comorim , e passados ■ baixos de Manar , foi demandar Baticalou , para da-hi entrar em Candea , caminhando por terra. Levava doze fustas de remo , de que tirou cento e vinte soldados escolhidos, e com elles foi caminhando com ■ segurança, de quem hia buscar hum Principe amigo, ■ obrigado , e sobre tudo , senão fiel ainda , ao menos grato já, e benevolo às verdades da Ley , que lhe pregavamos. Chegado ■ Candea , como tudo fervia em

*Chega ■
Candea ,
acha tudo
trocado.*

armas , não pode ser a traição tão cauta , que Antonio Moniz ■ não entendesse por diversos avisos, e pela simulação, com que tentarão dividirlhe os soldados para os poder matar a seu salvo. De mais que o Rey lhes não quiz ver ■ rosto , quiçá por não descobrir nos affectos ■ consciencia temerosa , ■ culpada. Antonio Moniz se sahio logo da Cidade , mandando queimar ■ impedimentos , ■ bagages , que trazia , ficando assi mais livre para ■ defenſa , ■ para a retirada , e juntando os soldados lhes disse.

11 , Companheiros , ■ amigos, todos sabeis a *Trata vol-* , traição , que nos tem ordenado este Rey infiel , *a tarſe.* , quem viemos soccorrer, e servir; entendo , que nos , cometterão com força descuberta , pois tem agora , huma razão , ou causa mais para nos offender, que ■ he havermos conhecido seus enganos. Nenhum de , nós terá mais vida , que em quanto a souber defen- , der. Pòde salvarnos o valor, e a conformidade; soc- ,orros não esperamos de fòra , pois estão em nós , mesmos; ■ estes barbaros não se empenharão ■■ trai- , ção, se virem, que he custosa ; e que muito , fazamos , nós agora por nós mesmos , o que vinhamos a fazer , por elles , que he derramar ■ sangue ? Os caminhos , que guiaõ ■ Batecalou, onde a está nossa armada, de- , vem estar occupados do inimigo — polo que nos pa- , rece , que vamos demandar ■ Rey de Ceitavaca, fiel , amigo do Estado , onde acharemos hospedagem , e ■ abrigo seguro , para dahi irmos ■ buscar nossa ar- , mada.

12 Logo que Antonio Moniz começou a mar- *He comet-* char , se descobrirão os inimigos em trôpas , acomet- *tido dos ini-* tendonos com settas , dardos , ■ pedras , e outras ar- *migos.* mas deste genero , com que nos ferirão alguma gente,
 de

determinando com este importuno modo de pelcija acabarnos sem risco. Trazia o inimigo, ao parecer, hum corpo de oito mil homens regidos por seus Cabos, a que chamão Modeliares, destros naquelle modo barbaro de cometter, e retirar, superiores aos nossos no numero, e na agilidade; sem duvida hum, e hum nos forão derribando a todos, se não fizera afastar a nossa espingardaria, de que recebêrão dano, e temor grande, vendo cair alguns subitamente mortos; de que espantados os outros nos seguião mais tímidos, e cautos; assi nos forão picando todo aquelle dia, humas vezes atrevidos, e outras cobardes, com este sequito desigual, e importuno, hiaõ dando nossos carga lenta, nunca interrompida.

*Trabalhos
que passa.*

13 Sobreveio a noite, de que os nossos recebêrão mais segurança, que repouso, porque sempre os forão inquietando com tiros vagos, e perdidos, sem que os pobres soldados podessem ainda sobre armas receber algum breve descanso; mastigando o biscouto com os olhos no inimigo, e as mãos nas armas. Assi passárão até seguinte dia, que se descobrião barbaros mais soltos, e atrevidos, perdido, ou mitigado aquelle horror primeiro, que lhes fazião os instrumentos do fogo. Chegárão em fim a ferirnos de perto com armas curtas, com que foi forçado Antonio Moniz deter a marcha, e fazer algumas voltas, em que lhe degollamos gente, e cativamos, entre outros, hum seu Modeliar, que no habito, e nas armas, parecia o Regente de todos; que mostrou ser assi no risco, e ousadia, com que intentarão livralo, fazendo muitas arremetidas, de que fáião cortados, porém sempre constantes naquella inva-
zaõ

zão porfiada, que já os nossos não podião atuar, rendidas as forças do trabalho.

14 Alguns forão de parecer, que fizessem rosto ao inimigo, e se livrassem pelejando, ou acabassem vingados; porém Antonio Moniz lhes disse, que a melhor parte do esforço era o soffrimento; e que só este os podia salvar; que tinham a maior parte do caminho vencido; que marchando vigiados, e unidos, não poderiam receber grande dano; que por grande, que o perigo fosse, seria depois maior gosto, quando recontassem gloriosos, e seguros. Assim lhes foi o Capitão criando espiritos novos, e enfreado a desesperação de tão prolixa resistencia, até os visitar a noite, como alivio dos trabalhos do dia; em qual os barbaros tambem quebrados deixarão em alguma maneira respirar os nossos. Porém tanto que amanheceo, tornarão a seguir a prela mais furiosos, parece que corridos de achar opposição tão valerosa em poder tão pequeno. Aqui se desenvolverão mais soltos contra os nossos, que já se defendião, ainda que com os melmos animos, com forças mais remissas.

15 Mandou Antonio Moniz quebrar as pernas ao Modeliar, que levava ~~ativo~~, ■ lançalo ■ estrada, ■ quem os seus deixando a peleiça, acudirão logo detidos do amor ■ ou da piedade do maioral, ou companheiro, que vião em tão miseravel estado; ficarão os nossos hum espaço largo, como sem inimigo; porém subitamente movidos de hum espirito de lastima, ou vingança, acomettérão impetuosamente os nossos em hum passo estreito, que hia fechar em huma ponte, ■

li fundada

fundada sobre hum grande rio , que senão va-
Esforço com deava. Mostrou aqui Antonio Moniz avantajado
que'peleija. esforço , fazendo com nove companheiros rosto
 aos inimigos, em quanto seus soldados passavão ;
 ■ como os teve da outra parte , quebrou hum lan-
Retira-se. ço da ponte , industria, com que tolheo aos bar-
 baros a passagem , e sequito. Não alcançou An-
 tonio Moniz fama popular por tão heroica de-
 fensa , porém entre os poucos , que souberão fa-
 zer justa estimação das obras excellentes , mere-
 ceo esta retirada applausos de huma grande vic-
 toria. Chegãrão em fim ao Rey de Ceitavaca ,
 onde achãrão benigna , e fiel acolhida, reparan-
 do-se da fome , feridas , e trabalho com liberali-
 dade piedosa , e grata , offerecendo-lhes suas for-
 ças para a vingança de tão justo aggravo.

Arrepen- 16 O pobre Rey de Candea arrependido da
dese ElRey maldade comettida por inducção do Regulo vezi-
de Candea. nho, aborrecendo a traição, como coula criada em
 peito alheio , enviou a Antonio Moniz hum men-
Mandalhe sageiro com dez mil pardaos para os gastos da ar-
hum men- mada , escrevendolhe, que o sentimento era seu ,
sageiro. e os erros alheos ; que pois ■ fora buscar infiel ,
 não ■ delemparasse Christão ; que o Deos , em
 que começava a crer, porisso era tão grande,
 porque perdoava offensas ; que aquellas tenras flo-
 res , que começavão ■ abrir no jardim da Igreja ,
 não as quizesse deixar desabrigadas às injurias do
 ardor da idolatria ; que pois vieraõ com armas
 limpar aquelle matto de superstiçãos gentlicas ,
 não se espantasse de sahir lastimado das espinhas ■
 ■ cardos da infidelidade ; que sendo tão benigno o
 Deos , que lhe prégavão , com justiça sem mise-
 ricordia

ricordia não salvaria os homens ; que a quem não desprezava ■ Ceo, não desprezasse ■ terra ; que lhe pedia o soccorresse , porque estava prompto a offerecer polo amparo ■ fazenda , e pola Fé o sangue.

17. Com esta carta esteve Antonio Moniz res- *Quer An-*
 soluto em se tornar ■ Candea , representandolhe *tonio Mo-*
 maiores os interesses da Religião , que os peri- *niz tornar.*
 gos da vida. Porém os soldados , como abraça- *Os seus ■*
 dos com ■ tavora , em que haviaõ elcapado , não *encontraõ.*
 quizerão sahir do abrigo do Principe amigo , di-
 zendo , que o primeiro engano fora de traidor
 fementido , o segundo feria de Capitaõ crêdulo ,
 ■ incauto ; que se não queriaõ tornar ■ fiar da
 bibora , que huma vez os mordêra ; porque se os
 quizera matar , quando obrigado de hum grato soc-
 corro , que faria , quando offendido na injuria de
 seu exercito afrontado ? Que queriaõ agradecer a
 Deos hum milagre antes , que pedir outro ; que
 o Governador os não mandava como Apostolos ,
 senão como soldados ; que se hiaõ ■ derramar o
 proprio sangue pela Fé , fossem sem armas , mas
 que ■ sua vocação era defender a Ley com a es-
 pada , e não pregala. Vendo Antonio Moniz , que *Recolhe-se*
 os soldados estavaõ frios no zelo , e duros na obe- *à armãda,*
 diencia , entendendo , que se Deos quizesse salvar
 aquelles póvos , abriria os caminhos ; resolveo
 bulcar sua armada , ■ em quanto elle navega ,
 tornaremos ás coulas do Hidalcaõ , que temos re-
 tardadas.

18 Sobresaltado ■ Hidalcaõ com ■ presença *O Hidalcaõ*
 do Meale em Goa , tentou com o remedio das ar- *manda fo-*
 mas purgar estes reccos , e porque as guerras de *bre as ter-*
ras firmes.

Dio tinhaõ hum pouco defangrado ■ Estado, cren-
do acharia no Governador confiança, ou descui-
do nascido das victorias, sabendo, ■ Cidade de
Goa o tinha ausente, acometteo as terras de Bar-
dez, e Salfete, que asseguradas na paz estavaõ
sem defenfa. Despedio quatro mil soldados, que
sem golpe de espada ■ senhoreãrãõ, fazendo que
os agricultores lhe acodissem com os fructos, ■
fóros annuaes, que pagavaõ ao Estado. Chegou ■
Goa o aviso desta entrada, que deu grande cui-
dado, por não se achar com forças para fazer ao
inimigo rosto. Resolvêrãõ esperar a vinda do Go-
vernador, cujo nome bastaria ■ quebrantar ao Hi-
dalcaõ o orgulho, perfidiando entretanto ■ fortã-
leza de Rachol para deixar às incursoens do ini-
migo este pequeno freo.

*Retiraõse
de temor
dos nossos.*

19 Logo que ■ Governador chegou a Goa,
dando os primeiros dias ao gosto dos successos
passados, não querendo dar outros ao descanso,
como homem, que tinha a paz por vicio, a guer-
ra por costume, passou ■ Agaçaim, donde des-
pedio a Dom Diogo de Almeida Freire, com
novecentos homens para que desalojasse o inimi-
go, que ~~estava~~ com quatro mil soldados nas al-
deas vezinhas. E tanto que os Mouros tiverãõ
aviso, que a nossa gente marchava, sem esperar
■ som das caixas, nem a vista das bandeiras, se
recolherãõ ao sertão; o que ■ todos pareceo res-
peito às victorias de Dio, cuja fama tinha cheo
de temor, ■ reverencia o Oriente todo. Ficou
outra vez ■ campanha à nossa obediencia, logran-
do com os reccos da guerra huma paz mal se-
gura, qual se podia esperar de Principe queixo-
so,

*Mãda ou-
tr gente, e
quer elle
vir.*

fo ; ■ vezinho. O Hidalcaõ , dandose na fogida dos seus por afrontado , acodio pola opiniaõ das armas , como segunda causa para mover a guerra , mandando oito mil soldados ■ senhorcar as terras da contenda , em quanto aprestava poder maior , intentando (como elle dizia) onde aventurava ■ Reyno , arriscar a pessoa. Porém em quanto o estrondo destas armas se não ouve em Goa , fallaremos das cousas de Malaca , e Maluco , por serem dispõstas com ■ providencia do Governador , ■ acabadas com sua fortuna.

20 Estava Bernardim de Sousa despachado com ■ governo das Malucas , Ilhas , que como tão distantes do coração do Estado , recebiaõ mais tibia obediencia , assi na sujeição dos naturacs , como na liberdade dos Governadores , que obravaõ voluntarios , e independentes. Tinha Jordaõ de Freitas enviado a Goa a ElRey Aeyro , ligado com prisoens , indignas da Coroa , e criminado com processos alheos da verdade ; os quaes Dom João de Castro mandou verificar por tela de juizo , e He absoluto o pobre Rey dos delictos impõstos , de He absoluto pelo Governador. pois de o hospedar com Real tratamento , lhe restaurou com honras , e favores as injurias do innocente cetro , mandando ■ Bernardim de Sousa , lhe fosse dar ■ posse do Reyno com maior reverencia , que de nossos Governadores costumavaõ receber seus passados , para que conhecessem aquellos pòvos a clemencia , e justiça do Estado , distribuida por igual balança ■ subditos , e amigos.

21 Chegou Bernardim de Sousa à Ilha de Ter-Levado natè , ■ saltando em terra ; se foi meter na fortaleza , sem as cerimoniaes , com que a ambição daquelles

daquelles povos costuma receber ■ seus Governadores. Jordão de Freitas, que na subita vinda do successor, ■ na consciencia culpada, estava lendo ■ processo de suas demasias, ficou sobre maneira alterado, conhecendo da inteireza de Dom João de Castro, que não permittia ■■ Capitães mōres, que aos Reys amigos fizessem, nem sofressem injurias, e que se não podia justificar Aeyro, sem o condenar a elle. Com tudo deu a Bernardim de Sousa posse da fortaleza, ■ quem logo acudirão os filhos de Aeyro, mais a saber dos castigos do pay, que ■ esperalo: tão tímidos são os juizos dos homens nas cousas que desejaõ! Bernardim de Sousa lhes disse, que o fossem desembarcar da não tão honrado, que parecia, que mais fora representar serviços, que responder a culpas. Os filhos ainda incredulos no gozto da inesperada nova, foraõ correndo à praia, seguidos de multidão de povo, que avaliava por cousa rara, justiça contra hum poderoso, admirando-se da igualdade de nossas leys indifferentes a naturaes, ■ estrangeiros. Desembarcou Aeyro, dizendo, que nossos braços lhe deraõ victoria de nòs mesmos; ■ que das excellencias do Governador da India fallaria sempre com o dedo na boca.

E restitui- Levantados em ■ mãos levava ■ grilhoens, com
do aos seus. que dalli partiria preso, servindo-se da memoria do agravo para o agradecimento. Com esta justiça repousaraõ ■■ cousas de Maluco em grata obediencia muitos annos.

Conjuraõ
varios Reys
contra Ma-
laca.

22 Gozava neste tempo Malaca de humaprofunda paz, assentada sobre as amizades, e commercio dos Principes vezinhos; e porèm ElRey de Viantana achans

achando-se com forças para intentar qualquer empreza grande, ■ poder, ■ o ocio lhe trouxerão à memoria muitos aggravos esquecidos, que dos Reys de Patane havia aquella caſa recebidos; e como era bem correspondido dos Principes de Quedà ■ Paõ, ■ outros confinantes, teve meios para os colligar fazendo-os parciaes na vingança de alheas injurias. Poseirão sobre ■ mar huma grossa armada, capitulando, que ■ de Viantana se contentaria com ■ vingança do inimigo, ■ elles ficariaõ com os despojos da guerra, a respeito de aventurarem ■ sangue ■ satisfação dos aggravos de outro.

23 Era nesta occasião Simão de Mello Capitão de Malaca, e sabendo das discordias destes Principes, *Que faz ■ Capitão della.* escreveo ■ Diogo Soares de Mello, que estava no porto de Patane, que se viesse àquella fortaleza, porque como todos aquelles Reys eraõ amigos do Estado, queria antes ser arbitro, que parcial em suas differenças; de mais, que era razão politica deixar que ■ guerra ■ quebrantasse, para que delangrados vivessem na paz, e obediencia de nossas armas mais sujeitos, considerando, que o tempo lhes podia dar occasião, ■ as forças ouzadia; porque para o ocio bastava termos nós dominantes, e para a guerra o poder não busca outras causas.

24 Diogo Soares não engeitando o aviso, despe *Sahe em terra ■* dio alguns navios de carga para a China, e elle com duas galeotas se partio na via de Malaca. Andava *Achem, e recolheſe logo.* neste tempo ■ Achem às presas com vinte vélas grossas, fazendo com forças de senhor o officio de Cassario. Tomou alguns juncos de bastimentos, fez no mar outros insultos em raios de amigos. Com a fortuna creceo ■ atrevimento, chegando a desenbarcar

de noite no porto de Malaca ■ para poder dizer, que chegára ■ pisar terra de nossa obediencia, ■ logo com esta gloria, ganhada tanto ■ furto, se tornou ■ embarcar.

25 Tocou-se na Cidade ■ rebate, onde ■ temor, e ■ noite fez maior o perigo, fogindo muitos de suas melmas sombras. Chegárao à fortaleza as vozes dos que só temião porque viao temer, assombrados do medo sem perigo. Mandou ■ Capitão mór ■ D. Francisco Deça com alguns soldados, que entrados ■ povoação dos Chelins, virão na confusão, ■ temor de todos a imagem da guerra, menos o inimigo, que estava já embarcado, sem levar mais que ■ fantástica vaidade de haver saltado em terra. Sentio Simão de Mello ■ covardia do Achem, como se fosse injuria; tão respeitadas estavam ■ paredes daquela fortaleza, que parecia insolencia comettellas, avistalas delicto! Mandou logo por hum Bantim ligeiro espiar os passos do Achem, em quanto lançava ao mar dous caraveloens, ■ seis fustas, para os mandar em busca do inimigo. Aportou nesta occasião Diogo Soares de Mello com as duas galeotas, que temos referido, como trazidas por nossa fortuna ■ ajudar à victoria. Nomeou ■ D. Francisco Deça por Cabo desta esquadra, ■ qual ainda mal armado, com a pressa de quem acodia a pendencia subita, se fez na volta do mar, com instrucção, que se em dez dias não achasse ■ inimigo, se recolhesse ■ porto, porque não hia bastecido para mais largo tempo.

Sae a busca-lo a armada.

Tem novas delle o Capitão, e quer seguirlo.

26 Navegarão oito dias sem encontrar ■ armada, ■ chegados a huma Ilha tiverão novas, que o inimigo estava ancorado em Quedà, viagem de dous dias. Determinou D. Francisco passar avante, porém ■

Soldados se amotinãrão, dizendo, que era de Capitão bisonho seguir quem fogia; que bastimentos estavam já acabados; que elles não hiaõ a pelear com fome; e se o regimento do Capitão mór se estreitava a dez dias, melhor era obediencia, que a victoria. Porém Diogo Soares de Mello, ainda que inferior no posto, maior na authoridade, disse, que todo o Capitão que se voltasse, havia de pelear com elle primeiro, porque maior serviço faria ElRey em meter no fundo soldados desobedientes, que inimigos atrevidos. Applacado nesta fórma hum temor com outro, navegãrão Quedá, aonde fouberrão que o inimigo estava em hum porto oito legoas distante; resolveo D. Francisco seguilo, visto estar tão vezinho. Aqui foi murmuração dos soldados maior, mas não atrevimento, porque vírão que injuria era mais do temor que do perigo; assi forão seguindo Capitania com maiores demonstraçoens de gosto, do que tiverão, ou fosse por dourar passados, ou que os coraçõens preságos da victoria criãrão mais honrados affectos.

Os soldados se amotinãrão.

Diogo Soares applacado.

27 Avistãrão naquella mesma tarde Cidade de Parlés, em cujo porto estava inimigo furto humma enseada, que fazia o rio em pequena distancia da Cidade. Mandou o Capitão mór sondar o rio, abalçar com ramas o canal para fogir dos bancos, e sabendo pela sonda, que tinhaõ as caravelas fundo, cometteo entrada a tempo, que inimigo vinha com duas galès, outros navios buscar nossa armada, porque pelas espias entendeo que erão navios mercantis, em razão de haverem vista da terra dos caravelloens sómente, por estarem as fustas, galeotas cubertas com sombra de huma ponta torcida em

Avistaõ, e cometteem o inimigo.

Rende
Diogo Soa-
res ■ Capi-
tania.

voltas , que alli faz o rio. Trazia o inimigo duas galés diante , que davão escolta ■ outra muita fustalha ■ ■ quaes como acháraõ soldados , ■ ■ que imaginavão mercadores , quizerão voltar , ■ ■ como ■ rio era muito estreito , e ellas vinhaõ arrazadas em popa , ■ não podêrão fazer , sem que primeiro lhes chegassem os nossos. Atracados em breve espaço, tingiraõ as armas, ■ ainda ■ rio em sangue. Diogo Soares entrou ■ galé Capitania cõ 50. soldados, e achou ■ Mouros tão porfiada resistencia, q̃ todos forão mortos porêem nenhum rendido; com o mesmo orgulho peleijsarão os outros. Conheceose a victoria pelos vasos, mas não pelos cativos. Parece q̃ cõ obstinação honrada nenhũ quiz sobreviver à sua ruina. A resistencia do inimigo he argumento do valor dos nossos , pois não só peleijsarão cõ valentes, mas com desesperados.

Embaixa-
da dos con-
jurados.

28. Entretanto ElRey de Viantana , e ■ mais confederados recebêrão tantas satisfaçoens do de Patane , que assentaraõ com maiores vinculos a paz; estes sabendo que ■ nossa armada era saida , ajuizando que a fortaleza ficaria sem guarnição bastante, vierão tentar , se esta occasião lhes abria caminho para tirar de Malaca tão pesado vezinho ; ■ como o odio ■ fazia atrevidos , e o temor covardes , quizerão com o semblante da paz disfarçarnos a guerra. Enviãrão hum Capitão pratico a Simão de Mello , a significarlhe o sentimento , que tinhaõ de haver o Achem desbaratado a nossa armada ; e que sabiaõ que com o gosto da victoria juntava poder maior para vir sobre a fortaleza , que como tinha tão poucos defensores, era forçoso que o valor cedesse à multidão, pois o numero , e a occasião dava as victorias ; que elles como amigos do Estado lhe pediaõ licença para desbarcar naquell-

naquelle porto , ■ remirem com seu sangue a fortaleza de tão certa ruína, e faria o Mundo juizo, que erão melhores amigos no trabalho , que na prosperidade. Alem desta mensagem cautelosa , vinha o Enviado instruído , que notasse os soldados que tinha a fortaleza , e do semblante do Capitão conjecturasse o valor , ou recco com que ouvia o destroço da armada: por ser ■ coração nos affectos mais fiel, que ■ lingua.

29 Porém Simão de Mello entendendo que ■ oferta era traição , e o mensageiro espia , determinou ferilos pelos seus mesmos fios, servindo-se de enganos contra enganos. Respondeo agradecido ■ tão opportunos soccorros , como lhe offereciaõ , ■ que em retorno de tão grata amizade , lhe pedia alviçaras da victoria , que os seus navios alcançaraõ do Achem, de que naquelle instante havia tido aviso; ■ que na fortaleza tinha gente, ■ muniçoens sobejas para os servir contra seus inimigos ; que o Achem fairs daquelle porto fogindo ; que os Portuguezes tiveraõ no alcance difficuldade , na victoria nenhuma. Estas palavras recebêraõ credito da segurança com que se disseraõ , ficando o Mouro crêdulo, e descontente no esforço do Capitão , e na victoria da armada ; levando aos seus por reposta, que o Capitão mór ou entendera ■ ardil , ou desprezara ■ medo.

Reposta do Capitão de Malacca.

30 Simão de Mello com estas cousas entrou em grande cuidado, porque a tardança da armada fazia ■ nova contingente, accusando-se de leve , e temerario, por haver empenhado as forças daquella praça contra hum inimigo , de cuja paz não tiravamos fruto, nem gloria da ruína ; porque humilde prova de valor seria destroçalo com forças iguaes , se o tinhamos vencido com muito inferiores. Assim discorria o Ca-

Faltaõ novas da armada.

*Queixase
vulgo.*

*O P. Xa-
vier ■ sos-
sega.*

*Pronostica
a victoria.*

*E annun-
cia o modo
della.*

pitão, ~~como~~ senão pudéra haver desgraça sem culpa. Hiaõ na armada embarcados ■ casados de Malaca, cujas mulheres, ■ filhos com lagrimas antecipadas ao successo choravão ■ victoria, que ignoravão, queixando-se do Capitão, que quizera comprar fama ■ sangue alheo; sendo mais conveniente ao Estado huma paz honrada, que huma victoria inutil. E já o tumulto popular tocára em liberdade, se o Mestre Francisco Xavier (que então a India respeitava Penitente, e agora o Mundo venera Santo) não enfreára o povo, lembrandolhe a paciencia nas adversidades, não só como virtude, senão ~~como~~ remedio; descobrindolhe cauto, mas tambem compassivo hums longes de mais alegres novas, que mais parecião alivios de proximo, que annuncios de Propheta. Quando no mesmo dia, em que se deu a batalha, estando à vista de numerozo povo, ensinando ■ caminhos da vida, se arrebatou subitamente ■ hum extasis profundo, como bebendo em suave silencio ■ segredos divinos; até que despertando da mysteriosa pausa dos sentidos, rompeo em agradaveis vozes, dizendo, que postrados ante ■ altares, dessemos graças ■ Autor das victorias, porque naquella hora desbaratára Deos com nossos braços a armada do inimigo. O povo reverente no presagio do Interprete divino, com gratas, e piedosas lagrimas louvava ■ Deos ■ Santo, começando dos extremos do pesar mais segura a alegria. Aquella mesma tarde estando doutrinando a plebe em huma Ermida vezinha, referio os casos da batalha com tão particulares accidentes, como quem sabia ■ successo, de quem deu ■ victoria; ■ desta felicidade cremos, foi ■ glorioso Santo intercessor, e oraculo, o qual com muitas outras illustraçoes di-
vinas.

divinas antevio ■ segredos escondidos com espirito
presago do futuro. Ficou Malaca gozando de huma
honrada paz, assegurada com a victoria, que temos
referido; porém ■ Governador em Goa ainda com
■ armas quentes ■■ sangue de huma batalha, o cha-
mavão ■ outra.

31 Entre o Hidalcão, ■ ■ Estado deixou Mar- *Cuidades*
tim Affonso de Sousa vivas as causas dos odios, *do Hidal-*
que temos referido, de que Dom João de Castro *cão.*
lhe não podia dar satisfação sem afronta, ■■
negar-lha sem guerra. Com a retirada dos Mou-
ros estavam à nossa obediência as terras de Bardèz,
e Salfete, nascendo ■■ fructos da agricultura, qua-
si debaixo das armas com que ■■ defendiamos. O
Hidalcão, como via com seus olhos ■■ terras, e
tambem os aggraves continuados na retenção
que avaliava injusta, cada dia nos acordava ■■
as armas seu direito, sobresaltado juntamente com
a presença do Mcale em Goa, que era veneno,
que acomettia o coração do Reyno; entendendo,
que com ■■ entradas dos seus subitas, e furti-
vas, mais irritava, que enfraquecia o Estado; e
que com a negação dos mantimentos, empobre-
cia ■■ vassallos, ■ engrossava os vezinhos, de cu-
jos portos ■■ recebiamos; entrou em considera-
ção de nos fazer ■ guerra com poder descuberto,
■■ que aventurasse o Reyno, ■ ■ pessoa,
deixando ■■ fortuna de huma batalha a justiça de
humas, ■ outras ■■; ■ como a paz, ■ a ty-
rania o tinham feito rico, eraõ-lhe faccis as des- *Manda*
pezas da guerra, que havia de mover quasi den- *gente à*
tro ■■ sua mesma casa. Despachou logo oito mil *terra fir-*
soldados ■ senhorcar as ■■ da contenda, em *me.*
quanto

quanto se dispunhão forças maiores para sustentar o que aquellas ganhassem.

32 O Governador com o primeiro aviso desta entrada ordenou, que Dom Diogo de Almeyda Freyre com novecentos Portuguezes, e alguns Canarins de soldo, e huma companhia de cavallios, fosse encontrar o inimigo, ficando elle em Pangim para soccorrer com o resto da gente, se o Hidalcão viesse pessoalmente; fama, que os Mouros derramavão, e nos querião persuadir, ou se persuadiaõ. Dom Diogo de Almeyda partio com esta gente, e fez alto na fortaleza de Rachol, e cuja vista teve algumas escaramuças leves com o inimigo, que não quiz empenhar poder, nem accitar batalha, que lhe offerenciassemos, quiçá conhecendo, que não podiamos sustentar guerra lenta pela falta de provizões, e incommodidades do terreno alagadiço, e retalhado em estreitos, onde não podiamos ter alojamento enxuto, nem serviros de cavallaria em todos os lugares da campanha; huns, que pela humidade nos tolhião a passagem, outros pela aspereza, inconvenientes mais faceis de vencer aos Mouros, que como naturaes da terra sabião melhor os passos, e estavam feitos em trabalho de calcar os pantanos com agilidade, e soltura; demais, que erão bastecidos com maior abundancia, como senhores do paiz. Vendo pois Dom Diogo, que o inimigo tinha a escolha de pelejar, ou retirar-se, e que os mantimentos lhe faltavão, consultou o Governador, que lhe ordenou, que recolhesse a gente na fortaleza de Rachol, em quanto recolher. to resolvia o que se devia obrar.

33 Voltou ■ Governador de Pangim a Goa, *E poem es-*
 onde poz em conselho o estado das couças, ■ *dele- ta guerra*
 jos que tinha de opprimir o Hidalcão com guer. *em conse-*
 ra mais pesada, para evitar ■ molestias de repe. *lho.*
 tidas entradas, ficando de huma vez com as mãos
 livres para acodir a negocios differentes, o que não
 poderia ser, deixando armado, ■ sem castigo tão
 importuno vezinho. Porém ■ todos parecço, que
 ■ guerra se differisse para tempo opportuno, qual
 seria ■ do verão seguinte, em que os nossos podião
 campear já no terreno enxuto, e com forças maio-
 res, engrossadas com os soldados reynos, que
 nas nãos de viagem se esperavão; que o fim das
 empresas não era ■ brevidade, era ■ victoria.

34 O Governador ainda que bellicoso, ■ mal *Dilata se*
 soffrido, houve de sujeitar a vontade ao entendi *para outro*
 mento, esperando monção, ■ que pudesse pe. *tempo.*
 dir ao Hidalcão mais rigorosa conta de seus atre-
 vimentos. O que assentado ordenou a Dom Dio-
 go de Almeyda Freire, que retirasse a gente,
 deixando a fortaleza de Rachol com sufficiente
 presidio, pondo às correrias do inimigo este pe-
 queno freo. E como o Governador era no exer-
 cicio das armas incansavel, em quanto não tinha
 real a guerra, parece que se deleitava com ■ ima-
 gem della. Hia todos os dias ao campo, onde *Exercita ■*
 mandava aos soldados tirar a barra, jogar as ar- *guerra na*
 mas, formar esquadroens, incitando a huns com *paz,*
 premios, a outros com louvores, fazendo com a
 emulação, e exercicio, crescer estas virtudes,
 trocando huma Cidade pacifica, e politica, em
 escola de armas, que estes erão os serãos, e co-
 medias, onde com util, e bellicosa diversão se re-
 creava

*Favorece
o soldado.*

creava o povo , tendo a frequencia destes enlayos soldados tambem disciplinados , que occasioens da guerra verdadeira , nenhum caso , ou accidente tomava de novo. Passando pela rua de Nossa Senhora da Luz vio huma casa terrea quantidade de armas em hum cabide , tratadas tal lustro , e asseo , que se pagou da limpeza , e concerto , com que estavam dispostas , e tendo a redea cavallo , perguntou , quemna casa vivia ? Acodio lhe responder o mesmo dono , que era hum Francisco Gonçalves soldado de fortuna. O Governador depois de o louvar de curioso , e bem occupado , lhe mandou dar trinta pardaos , com que lustrasse o ferro ; sendo que nos dias de seu governo tiverão pouco tempo as armas para criar ferrugem.

*Tem arvi-
sos de Dio.*

35 Era já entrado o mez de Agosto ; o Governador antevendo as occasioens futuras , não perdia momento em municionar , e bastecer a armada , quando aportou barra de Goa Francisco de Moraes, Capitão de hum Catúr, com cartas de Dom João Mascarenhas , que o avisava , que o Soltaõ de Cambaya juntava todas as forças de seus Reynos com voz de pôr segundo sitio àquella fortaleza , que convinha mostrarlhe este verão armas , porque attento á segurança de sua mesma casa deixaria de inquietar a alhea ; mórmente , que impedindolhe nossas armadas a liberdade da navegação , e os uteis do commercio , abriria olhos para ver , que só da paz do Estado pendia sua prosperidade.

*Communi-
caos ao Se-
nado, e pe-
delhe ajm-
da.*

36 O Governador mandou juntar o governo da Cidade , e quem deu copia da carta de D. João Mascarenhas

Mascarenhas, pedindolhe o ajudassem, para acabar de domar, ■■ reduzir este inimigo; e ainda que esta exacção os tomava sobre tão fresco empenho, foi ■ propòsta do Governador tão grata a todos, que lhe offerecêrão as vidas, *offerecem-* e ■■ fazendas, se como fora o serviço do Esta- *he quanto* do, alimento, ■ herança dos filhos, que criavao. *tem.* Esta felicidade de tempos não alcançou ■ India em todos os governos. D. João de Castro lhes pediu dez mil pardãos, ■■ que o povo o servio promptamente. E ■■ mulheres de alguns Cidadãos *E as mu-* ricos lhe mandarão quantidade de joyas, com hu *lheres suas* ■■ carta cheia de honradas queixas pelas não ha- *joyas.* ver accitado, nem despendido ■■ primeira offer- ta; mostrando se as de Chaul, ainda que no exemplo segundas, na offerta maiores. Porém o Governador escasso no uso, e dispendio de tão ficis donativos, lhos tornou a remetter agradecido, e pagandolhes ■■ honras dos maridos, e filhos tão liberal, ■ opportuno serviço. Avisou aos mora- *Avisa ■* dores de Baçaim, ■ Chaul das noticias do Capi- *Chaul, e* tão de Dio, e despezas da armada, e necessidade *Baçaim.* em que estava para que o ajudassem; ■■ quacs lhe responderão tão faceis ao serviço Real, que parecia, recebiam ■■ novas occasioens de perigo, ■ despeza, como premio do que tinhamo servido.

37 Andava o Governador dando expediente ■■ aprestos da armada, quando lhe chegou nova, *Chegaõ* que ■■ barra de Goa havião lançado ferro duas *nãos do* nãos do Reyno, que se apartarão da conserva de *Reyno.* outras. Tinhão aquelle anno partido do Reyno seis, sem Capitão mòr; das que chegarão, erão Capitães Balthazar Lobo de Sousa, e Francisco de Gou-

*Ordens que
dão.*

vea, das quatro que faltavão, Dom Francisco de Lima ■ São Philippe, ■ vinha provido na Capitania de Goa; Francisco da Cunha ■ Zambuco; e estas duas partirão tarde, ■ vierão tomar ■ barra em vinte ■ tres de Setembro. De outra não, que era a Burgaleza, vinha por Capitão Bernardo Nazer, invernou em Socotorà, ■ aportou em Goa nos ultimos de Mayo. Era Capitão da outra Dom Pedro da Sylva da Gama filho do Conde Almirante, despachado para Malaca, e por roim navegação do seu Piloto se perdeu nas Ilhas de Angoxa, salvou-se porém ■ gente, que passou a Moçambique, e dahi repartida por outras embarcações chegou à India. Nestas nãoos veo ordem ■ Governador, q ■ mandasse alargar o sitio ■ fortaleza de Moçambique, por avisos que se tinhão, de haverem Rumes de vir a ella, e convinha assegurar os moradores, e ■ porto como escala principal de nossas nãoos, tolhendo ■ inimigo o impedimento, que ■ po- dia fazer no commercio de Cofala, e Cuàma.

*Resolve a
guerra do
Hidalcão.*

38 Achava-se ■ Governador com tres mil soldados Portuguezes, e alguns soccorros de Naires de Cochim, que forão as maiores forças, que jun- tou ■ India; e considerando, que ■ Hidalcão com sua ausencia poderia perturbar o Estado, attento a não ficar em Goa quem lhe fizesse opposição bastante, resolveo buscalo ■ interior do Sertão, necessitando-o a accitar a batalha, porque tinha para esta guerra tão precisa taixado ■ poder, ■ o tempo. Communicou esta resolução com os Regentes da Cidade, ■ Cabos da milicia, e a todos pareceo ■ occasião opportuna. E como ■ Governador ■ execuções sobre maneira presto, ■ tinha a gente

a gente prompta, repartio em cinco esquadras os soldados, segundo a disciplina da India, de que fez Cabos a seu filho Dom Alvaro, Dom Bernardo, D. Antonio de Noronha filhos do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, Manoel de Sousa de Sepulveda, Vasco da Cunha. Hia tambem D. Diogo de Almeida Freire com duzentos cavallos, os casados de Goa, quem se aggregatão piores da terra, em numero de mil e quinhentos. Presidia-va a fortaleza de Rachol Francisco de Mello com trezentos soldados Portuguezes, alguma infantaria dos naturaes, qual avisou o Governador, que se aprestasse para se juntar com elle na Villa de Margão.

39 Neste tempo chegarão a Goa Embaixadores do Rey do Canarà, que pretendia a confederação do Estado, para com armas auxiliares molestar ao Hidalcão seu confinante. Foi este Reyno entre Orientaes, pola grandeza do imperio o mais illustre, polos principios da origem o mais desvanecido, fabulando mil tradiçoens apòcrifas, que à veneração real servio a lisonja. Ouvio o Governador embaixada com ceremonias decentes à ambição do Rey, grandeza do Estado; e logo capitulãrão amizades com condições honestas a huma, outra Coroa. Tanto que o Hidalcão entendeu a resolução do Governador, mandou retirar a guarnição das terras firmes, como declinando o golpe da primeira invazão, querendo cansar o Estado com aquella fórma de guerra repentina, e furtiva, nos intoleravel, a elle facil.

40 Soube o Governador, que os Mouros crão recolhidos Pondà, onde estavam abrigados com

■ artelharia do seu forte; alguns Capitães forão de parecer, que ■ Governador não seguisse o inimigo, que fogia, opinião envelhecida dos maiores soldados; porém Dom João de Castro, não querendo vestir debalde ■ armas, mandou passar avar te ■ dizendo, que queria castigar ■ Hidalcão em sua mesma casa. Foi esta resolução grata ■■ soldados crendo, que levavão ■■ fortuna do General grão parte da victoria. Marchou ■ campo aquelle dia duas legoas, ■ já sobre ■ tarde houve vista do inimigo, que da outra parte de huma ribeira ■ esperava, para lhe impedir o passo com hum corpo de dous mil soldados.

O Gover-
nador os se-
gue.

D. Alvaro
peleija na
vanguar-
da.

Os Mouros
fogem.

Manda o
Governa-
dor segui-
los.

41 D. Alvaro de Castro, que levava a vanguarda se lançou ao rio, vadeando, e peleijando juntamente; o inimigo lhe deu a carga de arcabuzaria, ■■ que lhe derribou alguma gente; porém sem impedir, ou retardar aos outros, que passavão. Os demais Capitaens cortarão ■ rio por diferentes partes, e quando chegãrão, achãrão a D. Alvaro baralhado com os Mouros, e já tão apertados, que hião deixando o campo, porque como ■■ era seu intento peleijarem no rio, tanto que vencemos o rio, cessãrão da opposição, que nos fazião, retirando-se ordenados à sua fortaleza de Pondá. O Governador mandou segui-los, o que se fez aquelle dia por cima de alguns estrépes, que encravãrão a muitos; ■ chegando ■ Pondá, vio-a todos ■■ Capitaens do Hidalcão ordenados ■■ fórmula de dar, ou accitar batalha. O Governador com ■ mesmo passo da marcha, que levava, mandou acometellos; ■ Mouros na resolução, parece que conhecêrão a pessoa de Dom João de Castro, e como se deraõ.

dêraõ lugar à fama de seu nome, lhe deixàraõ ■ campo, onde só com ■ respeito alcançou ■ vitória. Retirou-se ao fertoão ■ inimigo, onde pola al- *Retirase ao fertoão.* pcreza da terra não podia ser seguido. Entrou D.

Alvaro ■ fortaleza, que achou desamparada; forão muitos de parecer, que se desmantellasse; ■ Governador porém com mais altivo acordo mandou que aos miseraveis fugitivos se deixasse aquelle abrigo, ■■ desprezo, e pareceo piedade.

42 Ficàraõ outra vez ■ terras à nossa obediencia, sem paz segura, nem guerra continuada. O Hidalcaõ tinha forças para nos tolher os fructos, ■■ não para logralos; ■ peleijava mais pola reputação, que polos interesses da campanha. Vol- *Volta* ■ tou ■ Governador ■ Goa, onde tinha ■ armada *Goa.* prompta para passar ao Norte, não tendo outro lugar para o descanso, que o mar, ou a batalha; e como ■ tempo chamava as vélas, e os successos traziaõ aos soldados contentes, não foi necessario para se embarcarem bando, ■■ diligencia.

43 Achou-se ■ Governador no mar com cen- *Torna a* to ■ sessenta fustas, de que eraõ ■■ Capitaens D. *Dio.* Alvaro de Castro, D. Roque Tello, D. Pedro da Sylva da Gama, D. João de Abranches, D. Jorge Deça, D. Bernardo da Sylva, Valco da Cunha, Francisco de Lima, Francisco da Sylva de Menezes, Dom Jorge de Menezes o Baroche, Manoel de Sousa de Sepulveda, Cide de Sousa, Duarte Pereira, Diogo de Sousa, Garcia Rodriguez de Tavora, Dom João de Attayde, Dom João Lobo, Gaspar de Miranda, Dom Bras de Almeyda, Jorge da Sylva, Dom Pedro de Almeyda, Pedro de Attayde Inferno, Antonio Moniz Barretto Cosme

Colme Eanes Secretario, Melchior Correa, Sebastião Lopes Lobatto, Antonio de Sà, Alvaro Serraõ, Dom Antonio de Noronha, Diogo Alvares Telles, Antonio Henriques, Aleixo de Abreu, Antonio Dias, Balthasar Dias, Balthasar Lopes da Costa, Damiaõ de Souza, Manoel de Sà, Fernaõ de Lima, Alonso de Bonifacio, Antonio Rebello, Antonio Rodrigues Pereira, Melchior Cardoso, Colme Fernandes, Nuno Fernandes, Francisco Marques, Duarte Dias, Diogo Gonçalves, Francisco Alvares, Francisco Varella, Luis de Almeyda, Francisco de Britto, Gonçalo Gomes, Gregorio de Vasconcellos, Gomes Vidal Capitão da guarda do Governador. Antonio Pessoa Veador da fazenda da armada, Gonçalo Falcaõ, Gonçalo de Valladares, Galaor de Barros, Gaspar Iir. ■ João Fernandes de Vasconcellos, Fernando Alvares, João Soares, Ignacio Coutinho, João Cardoso, João Nunes Homem, João Lopes, Lopo de Faria, Manoel Pinto, Lopo Soares, Manoel Pinheiro, Lopo Fernandes, Manoel Affonso, Marcos Fernandes, Nuno Gonçalves de Leão, Pero de Caceres, Pero de Moura, Ruy Pires, Pero Affonso, Pero Preto, Luis Lobatto, Simaõ de Areda, Francisco da Cunha, Simaõ Bernardes, Thomè Branco Patraõ mór da ribeira, Coge Percoli lingua; ■ os navios, que vieraõ de Cochim, de que ■ Cabos eraõ nossos. Foraõ nesta conserva alguns navios de particulares, que por benevolencia do Governador serviraõ grandiosamente o Estado.

*Chega a
Baçaim.*

44 Com toda esta frota foi ■ Governador surgir em Baçaim, donde mandou algumas espias a Cambaya para reconhecer as forças, ■ desenhos do inimigo,

Inimigo ; de cujo poder se fallava em todos aquelles portos com temor , e espanto ; ■ os Guzartes credulos , ou soberbos diziaõ, que o Soltaõ poria desta vez o Estado debaixo de seu açoute. Aqui teve ■ Governador aviso , que Caracèm genro de Coge Cofar estava ■■ fortaleza de Surrate com pequeno presidio ■■ confiança do exercito vezinho. Dom João de Castro desejando cometter alguma das praças , que cobria ■ sombra do inimigo, mandou a seu filho Dom Alvaro com sessenta vèlas , para que sobindo o rio de Surrate , despachasse alguma pessoa de confiança , que notasse o estado da fortaleza , ou tomando lingua da terra soubesse , com que muniçoens , e presidio Caracèm se achava , e parecendo , que se podia tomar a fortaleza por escala , lhe dèsse logo o assalto , porque pelas mesmas piladas que deixasse , iria a soccorro.

Manda D. Alvaro a Surrate.

45 Chegou Dom Alvaro com a armada ■ primeiro poço , que fica na entrada do rio , ■ logo despachou a Dom Jorge de Menezes Baroche com seis fustas para reconhecer a fortaleza. Sobio Dom Jorge pelo rio remando à voga furda , até que sendo visto da fortaleza , lhe tiraraõ algumas bombardadas. Os das fustas voltaraõ logo os remos , ou timidos , ou cautos , por mais que lhes bràdou D. Jorge que esperassem. Aqui foi ■ perigo mayor , donde se não temia , porque de huma povoação de Abexins , que estava sobre o rio , tiràraõ muitas peças ; ■ que visto por Dom Jorge saltou em terra , e entrando a povoação ganhou a artelharía dos redutos com valor , ■ animo taõ quieto , que ■ baldeou ■■ fustas sem que lhe fizesse estorvo a gente

Despede D. Alvaro a D. Jorge.

gente, que acodia de terra. Esta segurança fez parecer ■ poder maior, quicà medindo o inimigo nossas forças por nosso atrevimento.

*E outros
Capitães.*

46 Logo que D. Alvaro despedio ■ D. Jorge com ■ fustas, mandou traz elle outras, de que erão Capitães Francisco da Sylva de Menezes, e João Fernandes de Vasconcellos; os quaes deſejando tomar lingua em terra, furgirão em hum poço antes da povoação dos Abexins, donde mandarão os marinheiros que fizessem aguada, que saltando em terra caminharão quasi hum tiro de eſpera. Caracem, tanto que ouviu as bombardadas, que ſe tirarão da povoação dos Abexins, como havemos referido, despedio quinhentos Turcos, para que os ſoccorreſsem; os quaes acharão as eſtancias perdidas, ■ ■ artelharia embarcada; e paſſando mais avante forão viſtos dos marinheiros, que fazião aguada; que bradarão ■ Francisco da Sylva, dizendo, que no campo havia inimigos; e Francisco da Sylva encaminhou logo a ſoccorrelos, acompanhado de João Fernandes de Vasconcellos, ■ fazendo hum eſquadrao cerrado, enveſtirão com os Turcos, e ■ rompérão, ficando alguns caídos com a carga da eſpingardaria, que os noſſos lhes derão. D. Jorge, que ſe hia recolhendo, quando viu ■ fustas furtas, ■ que os noſſos peſcijavão em terra, poz nella a proa, e acodio a tempo, que pode carregar ■ inimigo, o qual ſe recolheu fogindo, deixando alguns companheiros mortos ■ campo. Cuſtou ■ a vitória hum ſoldado.

*Que lhes
ſuccede.*

47 Embarcarão ſe os noſſos, ■ forão ■ companhia de D. Jorge ■ demandar ■ armada, ■ qual refrendo a D. Alvaro o ſucceſſo, ■ a obſervação que fizera, pareceo aos Cabos, que não tinha lugar ■ facção,

*Voltaõ a D.
Alvaro.*

ção, visto estar a armada descoberta, a terra appellada. Só D. Jorge sustentou tenazmente, que se devia cometter a fortaleza, sendo a grandeza de seu animo a maior razão, com que se persuadia; porém erão as contradições tão vivas, que não podia acontecer sem culpa o mais feliz successo.

48 Em quanto D. Alvaro esteve no rio de Surrá-
te, o Governador surto deu expediente a diversos *Que fez o Governador em Bagaim.*
negocios, e como sobre valeroso, era tambem bizarro, derramou fama, que havia de prender o Soltão dentro em Amadabá, onde à vista dos Turcos, que o asseguravão, havia de assar vivo. E como esta voz recebia credito de tão grandes victorias, huns aos outros a referião os Mouros temerosos, ou crédulos. O Governador por fazer apparente o medo, ou a galantaria, mandou lavrar huns espetos grandes, como quem para descansar dos negocios mais graves, se delectava em diverções briolas. Costumavão os soldados daquelle tempo trazer nos cintos humas machadinhas mui polidas, que servião de cortar as drifas, a enxarceas dos navios de presa, e tambem de arrombar caixoes, e fardos; este era o uso, o outro era cuberta. Desgostava-se o Governador de armas, que tinhaõ tão humilde serviço, e vendo acafo passar Fausto Serraõ de Calvos, soldado limpo, com hum machadinha, lhe disse, que os homens de conta só a espada cingião airofamente: Senhor (lhe respondeo o soldado) sem esta machadinha não servem os espetos de Vossa Senhoria, porque não poderemos assar inteiro a ElRey de Cambaya.

49 Foi o Governador ajuntar-se com D. Alvaro *Ajuntase com seu filho.*
na barra de Surrate, onde soube que a fortaleza estava soccorrida. Passou dahi com toda a armada junta a avil-

*Avista
Soltão,*

*Apresenta-
the batalha*

a avistar Baroche, de cujo porto despedio a Francisco de Sequeira Capitão dos Naires de Cochim para sondar o rio, e ver que se podia obrar, informando-se do estado da fortaleza com vista de olhos. Este Capitão subio pelo rio até haver vista do exercito do Soltão derramado por huma dilatada campina. Era fama, que trazia duzentos mil soldados; o certo he, que era a multidão tão grande, que cobria campos vezinhos, e distantes. Referio ao Governador o que vira, o qual altivo de se ver temido, quiz avistar as forças do inimigo por credito de sua mesma fama. Mandou que levantasse ferro e armada, e foi sobindo até dar fundo na frente do exercito, cujo numero so poder secava os rios. E desembarcando em terra formou campo, e apresentou batalha ao Soltão; acção tão valerosa, que entre memoraveis do Mundo não deve esta ser segunda. O Soltão nem aceitou, nem recusou conflito, esperou ser comettido, assim como buscado. Vio o Governador, não lhe quiz ver espada. Porém D. João de Castro, como buscando nova gloria em facçoens não vulgares, chamou a si os Cabos, e fidalgos de nome, e quaes fallou nesta substancia.

*Falla aos
seus.*

50, Temos à vista o maior Rey da Asia, e o maior exercito; ainda buscando occasioens a fortuna, de nos fazer famosos, para que sobre esta victoria na obediencia do Oriente descansemos as armas. Confessovos a desigualdade tão grande entre hum poder, e outro; porém nossas esquadras não se con- tão pelo numero, senão pela virtude. Aquelles são os mesmos, que ha poucos dias destroçamos em Dio, não he necessario a estes fazer novas feridas, ralguemos mais que ainda trazem abertas. Seu
meu

mesmo numero os faz mais temerosos, vendo emba-
 raçados os caminhos para poder salvarse; se hon-
 tem nos deixàrao o Campo tendo-nos sitiados, co-
 mo nos haõ de resistir agora victoriosos? Mal luf-
 tentarão a honra de seu Rey, que perdêrão a sua.
 Maior poder he nosso, que o do inimigo; pelci-
 jaõ de nossa parte fama, a victoria. Não creio,
 que haverà quem engeite grande parte, que lhe
 cabe na gloria deste dia.

51 Os fidalgos, soldados dissuadirão o Gover-
 nador de tão perigoso acomettimento; porque em
 forças tão desproporcionadas ainda era digna de re-
 prehensão a victoria; que os homens grandes fiavão
 mais da razão, que da fortuna; que olhasse pola con-
 servação, pois já lhe sobejava fama; que affaz era ha-
 ver desembarcado, e offerecer ao Soltão batalha, pi-
 fando sua mesma terra. O Governador se deixou
 vencer destas razoes, temendo mais culpa, que o
 perigo. D. Jorge lhe pedio quinhentas espingardas,
 para com ellas fazer alguma forte inimigo; porèm
 D. João de Castro, como lhe delviãrão o golpe da ba-
 talha, parece que não quiz lastimar o Soltão com
 chaga tão pequena. Esperou tres horas Campa-
 nha, sem que o inimigo se movesse, e logo mandou
 embarcar os soldados, que fizerão tão desassom-
 brados, seguros, como em porto do Estado; facção
 a mais gloriosa, que tivemos sem sangue.

*Resposta dos
fidalgos, e
Cabos.*

*Estã em
Campo tres
horas, e
barcase.*

52 De Baroche foi o Governador atravessando a
 Dio, despedio alguns navios por dentro da enca-
 da de Cambaya a destruir os lugares da Costa, que
 havia perdoado espada dos nossos. Estes talãrão as
 hortas, palmares plantados para recreação, e ali-

*Danos que
faz*

mento de seus habitantes, abalárão grão copia de navios, derribarão soberbos edificios, de que ainda hoje se conserva ■ lastima, ■ ■ memoria nas prostradas ruínas.

*Chega ■
Dio.*

*D. João
Mascarenhas faz
deixação
da praça.*

*O Gover-
nador a en-
trega a
Luís Fal-
cão.*

*Embarcase,
e danos que
faz.*

53 Aportou ■ Governador em Dio, onde ■ Capitaõ mór ■ veio receber à praya, ■ ■ naturacs da Ilha fizerão festas, como soberbos na sojeição de tão valeroso inimigo. D. João Mascarenhas lhe lembrou ■ licença que já tinha para passar ao Reyno, ■ qual ■ Governador lhe não quizera conceder, nem podia negar; alguns fidalgos lhe haviaõ engcitado a praça, temendo, parece, não ter as occasiões, que seus antecessores: quando chegou àquelle porto Luís Falcão, que vinha de governar Ormuz, ■ primeiro que elle haviaõ chegado ao Governador algumas notas de seu procedimento, toleraveis por não tocarem no valor, ■ justiça de seu governo. O Governador o chamou, e lhe disse os cargos de que o sindicárão, os quaes desejava esquecer como amigo, ■ não podia como superior, que com novos serviços podia pôr silencio em defeitos passados, ficando naquella fortaleza, em que Sua Alteza, e o Mundo tinhaõ postos os olhos. Luís Falcão ■ aceitou rendendo ao Governador as graças por tão honrado castigo, offerecendo despende na praça a fazenda, que adquirira em Ormuz, ■ ■ que no Reyno tinha. Este brio lhe louvou, ■ accendeo D. João de Castro com favores publicos.

54 Concluidas as cousas de Dio se embarcou o Governador em direitura ■ Baçaim, dando vista à costa de Pór, ■ Mangalór, onde abraçou ■ Cidades de Pate, ■ de Patane. Os moradores fogindo ao agoute salvarão no fortão as vidas, e parte das fazen-

fazendas , faltandolhes valor , e acordo para se defender , ou morrer em suas mesmas casas. Cento e oitenta embarcações , que estavam em diferentes portos , mandou dar ao fogo , vendo seus miseraveis donos o incendio com lagrimas inuteis. Ouviaõ-se de longe ■ vozes , e os gemidos , desprezados da ira , ■ da victoria. Alguns velhos , e mi-
 ninos que não poderão salvarse , mandou o Governador livrar do incendio ; misericordia aos soldados *Compaixão do Governador.*
 importuna , grata à humanidade. Os despojos se entregarão ao fogo , sendo menor a presa , que o destroço. Muitos outros lugares daquella Costa , sem nome , forão arruinados , ficando este cerco de Dio mais famoso pela vingança , do que pela victoria.

55 Daqui se passou o Governador a Baçaim , *Passa a Baçaim.*
 determinando gastar o que restava do verão na guerra de Cambaya , donde despachou algumas espias para saber os passos do inimigo , das quaes soube , que na Corte de Amadabà não havia casa sem lagrimas , ■ que o Soltão mandara com rigoroso decreto , que senão fallasse no cerco , e batalha de Dio , como se tiverão as leys imperio na dor , ou na memoria. Destes mesmos enviados entendeu o Governador , que as fortalezas de Surrate , e Ba *Sente não se tomar Surrate.*
 roche se despejãrão à vista da armada de Dom Alvaro , que podéra tomalas por escala , se não fora encontrado dos Cabos , que lho dissuadirão ; de que Dom João de Castro mostrou tão vivo sentimento , como se acertar as occasiões fora necessidade ; chegando sua modestia ■ romper em palavras , que accusavão ■ Capitaens da armada de tibios , ■ remissos.

*Lembra a
ElRey os
que servi-
raõ.*

56 Neste breve ocio , que ■ Governador teve em Baçaim , começou a crescer para ■ Reyno , fazendo honradas lembranças ■ ElRey dos homens que servirão, que mostrava ser este zelo, ou gratidão, virtude singular entre tantas ; ■ ■ soldados se avantajão no valor , assegurados , que não lhes faltaria ■ General com ■ premio , ou com o zelo.

*Torna o Hi-
dalcaõ com
guerra.*

57 O Hidalcaõ entendendo , que ■ forças do Estado estariaõ , ainda que gloriosas , quebradas com as victorias , tornou ■ occupar ■ terras firmes com hum exercito de vinte mil infantes , à ordem de CalaBatecaõ , hum valeroso Turco nascido na Dalmacia , pratico nas linguas , ■ disciplina de Europa. Este senhoreou sem contradição as terras , fazendo recolher à fortaleza de Rachol alguns poucos soldados nossos , que avisáraõ a Goa do poder do inimigo.

*O Capitaõ
de Goa lhe
quer sair.*

58 Recebido este aviso , D. Diogo de Almeida com conselho do Bispo , que governava , e de alguns fidalgos , ■ soldados , resolveo desalojar os Mouros com a milicia da terra , primeiro que se fortificassem , ■ crescendo em atrevimento , e forças , chegassem ■ avistar as muralhas de Goa , Cidade dominante. Ordenada ■ gente , que o havia de acompanhar , e estando para marchar já prompto , vierão os Vereadores , e governo da Cidade com requerimentos , e protestos , que não passasse avante , ■ arriscasse com forças tão desiguaes , ■ Cabeça do Estado ; que ■ Governador estava em Baçaim com armada cheia de soldados victoriosos , com que podia castigar ■ inimigo , contra o qual levaria , como segundo exercito , seu nome , e sua fortuna.

*A Cidade o
encontra.*

59 Durou entre Cidadãos, e soldados ■ con-
troverfia de maneira, que por pouco chegara ■ se-
dição, ■ discordia ■ zelando huns a conservação da
Cidade; outros a reputação das armas. Em fim par-
tiraõ, e compozerão a differença, com que se dêsse
aviso ■ Governador, pois estava vezinho; o qual
logo que entendeu, que ■ governo politico se queria
adjudicar ■ direcção da guerra, reprendeo aspera-
mente sua animosidade; ■ a Dom Diogo de Almey-
da agradeceo, ■ confirmou a resolução de buscar
o inimigo, ordenandolhe, que o esperasse ■ Pan-
gim com a gente, onde seria em breves dias.

*Arvisa ■
Governador.*

60 Não bem tinha Dom João de Castro solta-
do da mão a penna, com que escreveo ao Reyno,
quando tomou ■ espada. Aquelle dia, que rece-
beo ■ aviso, mandou tirar peça de leva, e ao
seguinte desamarrou ■ armada, e indo costeando,
avistou ■ Cidade de Dabul, já famosa pelo castigo
que lhe derão nossas armas, e agora dos pórtos do
Hidalção ■ principal escala. Deixavaõ-se ver de
longe muitos jardins, pomares, ■ edificios polidos,
que mostravaõ a delicia, e grandeza de seus habi-
tadores; seria a Cidade de quatro mil vezinhos,
com dous fortes, e alguns redutos, que defendiaõ
■ entrada do porto; e dado, que a facção era pa-
ra mui discursada, resolveo ■ Governador entre
prendela.

*Embarcase
logo.*

*Arvista Da-
bul.*

*Sae D. Al-
varo em
terra.*

61 Aquella tarde andou a armada pairando à
vista da Cidade, notando os furgidouros, ■ defen-
sas; e ao seguinte dia no quarto da Alva man-
dou ■ Governador passar aos bateis a seu filho D.
Alvaro com dous mil homens para saltar em terra,
sendo elle dos primeiros ■ que a pisarão por meyo
de

O Gover-
nador ■ se-
gue, e toma
■ Cidade.

de muitas bombardadas. Aqui fizeram os inimigos rosto impedindo , ou retardando ■ passagem dos nossos ; esteve ■ batalha igual hum largo espaço ; fazendo os ousados ■ peleja o lugar , ■ ■ causa , ■ vozes das mulheres , e filhos que ouviaõ , lhes fazia receber ■ feridas sem dor , e sem receo ; os mortos que cahiaõ , não lhes faziaõ exemplo ao temor , senão à vingança. De ambas as partes se derramava sangue , e a constancia de huns , e outros inimigos fazia contingente ■ successo. Quando chegou o Governador com o resto do poder , ■ carregou o inimigo de maneira , que começou ■ fraquear na defenſa ; pouco ■ pouco nos foi largando o câpo, até que com declarada fogida nos deixou a victoria. Entrou o Governador com os Mouros de envolta na Cidade , onde perecéraõ muitos à vista das mulheres , que não ſoubéraõ deixar , nem defender. Ao estrago succedeo a cobiça ; o despojo igualou à victoria ; apenas se pode recolher a fazenda nas vasilhas da armada. Ardeio em poucas horas ■ Cidade ~~com~~ terrivel incendio , ficando segunda vez lastimosas ſuas ruinas pela memoria de hum , e outro estrago. Perdemos nesta facção cinco soldados , o inimigo duzentos ; maior numero ſeria o dos feridos.

Chega ■
Agaçaim.

62 O Governador deixando ■ Cidade abraſada , ſe tornou a embarcar , ■ foi demandar Agaçaim , onde o eſperava D. Diogo de Almeyda com cento e cinquenta cavallos , e ■ milicia da terra , com quantidade de barcas para paſſar a gente. Deteve-ſe ■ Governador aqui hum dia , em que ſe informou dos deſenhos , ■ forças do inimigo ; ■ logo ■ ſeguinte , que era veſpera do Apolto São Thomè,

Thomé, se resolveo commetter ■ Mouros, e invocar ■ nome do Santo na batalha, não lhe querendo tirar a honra da protecção da India comprada com ■ doutrina, e sangue derramado na Cruz de seu martyrio.

63 Estava ■ inimigo alojado na Villa de Mor- *Eneste os*
gaõ, que de Agaçaím ficava em pequena distancia; *inimigos.*
■ que sabido pelo Governador, ordenou ■ sua gente em duas batalhas. A primeira deu ■ seu filho D. Alvaro de Castro, companheiro de suas victorias; com quem foraõ os Naires de Cochim, e os casados de Goa. A segunda, que tomou para si, se compunha de todos os Fidalgos, ■ soldados da armada; aos quaes ■ Cavallaria da Cidade guarnecia os lados. Nesta ordem mandou fazer ■ marcha, lançando alguns cavallos diante, que descobrissem o campo.

64 Os Mouros estavam derramados sem ordem, *Fogem.*
ou disciplina, como gente que não temia o inimigo, ■ o não esperava; porẽm tanto que alguns soldados, que andavão pelo campo, viraõ nossas bandeiras, e por vista, ■ aviso entenderaõ, que o Governador ■ buscava, foraõ dar conta ■ Caíla Batecaõ sobrelaltados, encarecendo o poder, que ■ temor, ou a distancia fazia mais crecido. O Turco affombrado de ter já sobre si tão victoriosas armas, não teve mais acordo, que para fazer com a fogida aos seus exemplo. Deixaraõ nos quartéis ■ tendas, bastimentos, ■ bagagens, e ainda ■ viandas da cea já quasi cozinhadas, que foraõ para ■ trabalho da marcha necessario, e suave despojo. Nesta fogida começou ■ tomar ■ Governador posse das terras, e da victoria.

*D. Alvaro
es segue.*

65 Passaraõ-se ■ Mouros à outra banda de hum caudaloso rio, que só se podia atravessar por huns vallos ordenados à mancira de ponte. Estes cortou ■ inimigo por impedir ■ sequito dos nossos, porém ■ com tanta pressa, que ainda ■ terra movediça deixava passo aberto, e ainda que difficil, não perigoso. Por esta parte tentou D. Alvaro ■ passagem do rio, começando poucos, e poucos vadealo ■ como ■ estreiteza do lugar o soffria.

Voltaõ.

66 Não estava tão alheio de si o inimigo, que perdesse a occasião de pelear com tão conhecida vantagem. Voltou cos seus ao rio, mostrandonos, que fora ardil ■ temor cauteloso. Carregarão ■ Mouros sobre ■ que hiaõ passando trémulos, poucos, e desordenados. O Governador os animava ■ que passassem com a voz, com o imperio, com ■ presença, mas o temor venceo a obediencia; voltarão os primeiros, não sem derramar sangue, ■ com peores sinais ■ que os das feridas. Já ■ este tempo a impaciencia do Governador fez commetter o rio por diferentes partes. D. Diogo de Almeyda o vadeou com hum troço da cavallaria, achando por aquella parte melhor vão, e melhor fortuna; porque se topou com o General dos Mouros, que ■ cavallo andava ordenando, ■ animando os seus, ■ qual envestio com grande gentileza. Do encontro vco o Turco a terra caído, ■ não deslucordado, porque levantando-se, meteo mão ao alfange, ■ bulcou ■ D. Diogo, que ainda que não perdeu ■ sella, ficou desarmado com a força do golpe por hum pequeno espaço; mas tornando ■ cobrarle, cometteo segunda vez ■ Turco, foccorrido de dous soldados, e o deixou com muitas feridas estendido no campo.

*Mora D.
Diego o
General.*

67 Os outros Capitaens, ainda que com difficul-
dade, atravessarão o rio, estimulados do exemplo do *Peleija o Governador.*
Governador, que viaõ andar com ■ inimigos en-
volto, mais envejado, que obedecido de seus mes-
mos soldados, que derramados, ■ sem ordem, se lan-
çavão ao rio, huns tardos, outros precipitados; po-
rém depois que passou ■ gente toda, carregou com
tal força o inimigo, que não podendo sofrer o peso
da batalha, foi desamparando ■ campo. O Governador,
que não perdoava accidente à sua fortuna, foi
apertando os Mouros já tímidos, ■ desordenados, de
forte, que em breve espaço rematou ■ victoria. *Alcançou a victoria.*
Morrão poucos dos nossos, forão muitos feridos; nos
Mouros foi o estrago grande, e no alcance maior que
no conflicto; porque como os nossos não tomavão
cativos, com o mesmo golpe cortavão oppostos, e
rendidos. D. Alvaro de Castro mandando, e pelci-
jando, nunca pareceo mais filho de tal pay, que nes-
te dia. Os outros Fidalgos, e Cavalleiros se houvê-
rão tão iguaes no valor, que nenhum mereceo segun-
da fama. Com o nome de S. Thomè, e em seu dia se *Em dia de S. Thomè, e com seu nome.*
venceo esta batalha, dando de seu favor aos Catho-
licos Orientaes hum testemunho illustre. Foi esta ro-
ta memoravel, e ainda cantada muitos ■ das
donzellas de Goa, inventando na fingeleza de versos
faceis, louvores sem artificio, nem lisonja.

Despedio o Governador ■ gente, ■ foise des-
cançar a Pangim, elcufando-se de ter ■ festa em Goa,
desprezando ■ palmas, ■ triumphos Marciaes justa-
mente; pois era já seu nome ■ voz do Mundo
maior que todo applauso. Aqui esteve despachando *Despacha as naos do Reyno.*
■ náos de carga, que haviaõ de voltar ■ Reyno, em
que foi embarcado D. João Mascarenhas, varaõ mais

*Elogio de
D. João
Mascarenhas*

constante nos perigos da Ásia, que ■ adversidades da patria. Foi recebido de ElRey, ■ da Nobreza ■ honras não vulgares. Os premios não responderão com igualdade aos serviços. Foi Conselheiro de ElRey D. Sebastião no Estado, depois hum dos Governadores do Reyno. Casou ■ Dona Elena filha de D. João de Castello-branco, de que deixou illustre, ■ fidelissima posteridade.

*Continua o
Governo
da guerra*

*Danos que
faz*

69 Não pareceo a D. João de Castro que estava ■ Hidalcão ainda bem cortado de nossas armas, resolveo quebrantalo com mais pesada guerra. Assegurou com grosso presidio as terras de Salsete, deixando ■ D. Diogo de Almeyda com cento e vinte cavallos, e mil pioens da terra; e nos rios de Rachol ordenou, que ficassem alguns navios para defenſa das aldeas vezinhas; cujos lavradores delamparavão as terras, vendo o dominio dellas incerto, e contingente pela instabilidade dos successos da guerra. Entendendo pois o Governador, que seria facil de poſtrar hum Reyno declinado, foi continuando com o Hidalcão a guerra, querendo que de seu castigo fizessem argumento os emulos do Estado. Mandou embarcar ■ soldados, que tinha sempre promptos, porque era ■ todos nos perigos companheiro, ■ nos trabalhos pay; e dando ■ vela, foi navegando por aquella Costa do Hidalcão, ■ qual destruhio com tão igual açoute, que não deixou lugar, que podesse consolar ■ misérias de outro; não se livrou nenhum pela resistencia, alguns pela distancia.

*Affala da
baia de si-
ma.*

70 Outro Dabul, que chamavaõ de ſima, que por espaço de duas legoas se apartava da praia, estava por forte, ■ por distante rico com os depositos, e fazendas de muitos; ■ nem alli he valco o abrigo da

da terra , para se eximir da fortuna dos outros ; porque ■ foi demandar ■ Governador , dando a seu filho D. Alvaro ■ primeiro perigo , ■ que chamaõ ■ soldados vanguarda (que estes craõ ■ favores daquelle pay . e os daquelle tempo) porèm quando chegou, os Mouros tinhaõ assegurado ■ interior do sertão pessoas, e fazendas. Não acháraõ os nossos cousa, que servisse à victoria , ao estrago ■ ; porque ■ edificios, que não podéraõ servir ■ despojo , pagáraõ com ■ ruína. Vieraõ ■ Mesquitas , ■ Pagòdes ■ terra , deixando os Idolos desfeitos, ■ postrados, sem que a ira dos nossos de pedra ■ pedra fizesse differença , chorando aquelles Mouros , e Gentios com humas mesmas lagrimas ■ misérias de seus deoses , ■ as suas. Passou ■ indignação de nossas armas a talar a campanha , destruindo ■ gados , e palmares , para que ■ fome acompanhasse ■ guerra ; espada de que os não podia livrar a fuga , ou resistencia. Ficou em fim taõ assolado tudo , que das povoaçoens ■ campina se não fazia differença pela vista, senão pela memoria.

Tala a campanha.

71 Recolheo se o Governador ■ Baçaim , donde voltou ■ armas ■ guerra de Cambaya , despedindo alguns Capitaens , para que danassem todo aquelle maritimo , fazendo presas nas nãos de Meca , que vi- nhaõ ■ portos da enseada , ■ que D. Antonio de Noronha , e D. Jorge Baroche fizeraõ com felices armas , crescendo com presas , ■ victorias , reputação , e forças ao Estado , sendo nossas armas respeitadas , ■ temidas nos dias de D. João de Castro, de maneira, que ■ mais dos Principes da Asia, vesi- nhos, ■ distantes , ■ voluntaria obediencia tributavaõ ■ Estado , para ■ abrigo de nossas forças defender, ou assegurar ■ Reynos. Desta verdade nos darão os Reys

Vai ■ Baçaim.

Faz danos a Cambaya.

Reys de Campar, e Caxêm não lves argumentos.

*Rax Soli-
maõ quem
foy.*

72 Elcrevem nossas Chronicas, com maior espanto as estranhas, aquelle famoso cerco de Dio, que defendeo Antonio da Sylveira, de quem as armas do Turco recebêraõ India ou a primeira, maior affronta. Foi General da empreza Rax Solimaõ, que depois de perder no sitio grande parte da armada, o temor de nossas nãos, ainda ancoradas no porto, o fez retirar fogindo, deixando em terra bagages, e feridos. Este vendo, que não podêra conseguir a facção promettida a seu Senhor, qual soberbo, e imperioso não costumava aceitar satisfação de culpas, ou desgraças, quiz antes arrilcar a fidelidade, que a cabeça. Entrou no porto de Adêm com voz de amigo, onde o Rey o mandou visitar com mimos, e refrescos da terra, cauto porém, e vigilante em guardar a Cidade, porque a fê, e o poder faziaõ Baxà sospeitoso. O Turco que vio sua traição temida, ou descuberta, quizera por escala cometer a Cidade, porém temeo a fortaleza da praça, o valor dos Arabios; assi recorreo a outro ardil mais vil, e mais seguro; qual foi mandar-se desculpar com o Rey de não entrar na Cidade, por não perder a monção, que lhe pedia quizesse vir a bordo, porque tinha que lhe comunicar negocios do graõ Senhor, em beneficio de seu Reyno. O pobre Rey facil, e crêdulo em prosperar o estado, se foi logo ver ao mar com Baxà, assegurado da consciencia innocente, mas o tyranno esquecido da fé, e humanidade mandou decabeçar na galè entre baldocens, e mofas, deleitando-se cruel em traição tão fea. Morto o Rey, foi facil ao Baxà occupar a Cidade na violenta morte de seu Principe, temerosa, e confusa. E porque pola vezinhança dos Turcos custou

*Chega a
Adem.*

*Degola o
Rey*

tou cuidado, ■ sangue ■ Estado, daremos della hum ■ breve relação.

73 Jaz situada na Costa da Arabia feliz em altu *Sitio de*
 ■ do Polo Artico de doze graos, e hum quarto, abri- *Adem.*
 gada de huma pequena serra, que com alguns castel-
 los lhe defende ■ entrada da terra. Está assentada na
 boca do Estreito, ■ porto limpo, capaz de ancorar
 navios de todo porte ■ ainda que descoberto aos Po-
 nentes, que são ■ ventos, que alli curião nas mon-
 çoens do Estio. A arte, e ■ natureza ■ fizerão defen-
 savel por terra, assegurando-se da ambição dos Re-
 gulos vezinhos, ■ incursoens dos Alarves Arabios,
 que com importunas correrías molestão a campanha.
 Está no porto huma pequena Ilha medianamente for-
 tificada, ■ que os naturaes chamão Cirà, defronte
 fica outro surgidouro, abrigado de muitos ventos,
 onde costumão dar fundo nãos, que navegaõ a Meca.
 Não tem rios, ou fontes que fertilizem a terra, e
 tambem ■ aguas do Ceo lhe faltaõ por dous, ■ por
 tres annos, ou seja condição do clima, ou castigo
 secreto; assi ■ conduzem em cafilas de camelos de
 partes mui remotas. A dròga principal da terra he
 Ruyva, mas o que mais lhe importa he ■ ancoragem
 das nãos, que navegaõ ■ Estreito. A gente he belli-
 cosa, ■ cruel, segue com promptidaõ a guerra, polos
 despojos mais, que pola victoria.

74 Occupada pelo Baxà a Cidade, vendo se in- *Solimaõ a*
 da que intruso, obedecido, começou a quebrantar o *occupa.*
 povo com diversos gravames, tirandolhe as forças,
 para melhor os dominar, tímidos, e sujeitos. Aos po-
 derosos mandava degollar, ■ confiscar sem causa, sen-
 do á vida culpa, ■ riqueza delicto. O sofrimento dos
 miseraveis ■ melhor para virtude, que para reme-
 dio;

Quem lhe
succede.

Os moradores
res a offere-
cem a El-
Rey de Cã-
par.

Accita-a
Rey, e que
faz.

dio; porque até da paciencia servil dos innocentes se cansava o tyranno: No dominio da Cidade lhe succedeo Marzão, e tambem nos insultos; tão crueis, que apurárão de todo a paciencia dos pobres moradores, resolvendo-se a podelo soffrer como inimigo, e não como senhor. Tiverão meios para offerecer a ElRey de Campár a Cidade, e a obediencia; dizendo, que com qualquer soccorro acometterião os Turcos descuidados com o dominio pacifico, e quasi hereditario, e muito mais com o desprezo de homens, que tinham parecer, perdido a memoria de sua liberdade, e sua injuria.

75 O Rey vezinho com as palavras de lastima, e agrado, lhes accitou a offerta, ou fosse ambição, e humanidade. Escolheo entre os seus mil soldados benemeritos de facção tão grande, querendo ser o mesmo Rey companheiro, e Capitão de todos. Partirão no silencio da noite, e chegando a Cidade, lhe derão a conjurados huma porta, por onde entrárão, fazendo-se senhores do castello com leve resistencia. Marzão com quinhentos Turcos se fez forte nos Paços, mais certo do perigo, que das causas, e autores d'elle. Com a primeira luz do dia appareceo ElRey capitaneando os seus, e logo enviou a Marzão hum trombeta, dizendo, que aquella Cidade sua por antigos pretextos, e agora por eleição dos proprios moradores, que opprimidos com a intrusão do Baxá, tiverão a voz, e a liberdade atadas para não pronunciarem a desobediencia de seu natural Principe; que elle vinha amparar como a affligidos, e mais como a vassallos; que se quizessem deixar a Cidade, lhes faria tratamento de amigos; permittindolhes levar as armas, e roupa que tivessem; e quando não a justiça, e

vi-

■ victoria ■ fariaõ duas vezes Senhor de seus meſmos vassallos.

76 O Turco, entendida ■ conſpiração dos Ara-
bios, e que para ſe defender lhe faltavão forças, ■ *Que fazem os Turcos,*
baſtimentos, obedeceo ao tempo, ſaindo com as ban-
deiras arvoradas, tocando caixas, a occupar hum
caſtello diſtante oito legoas, do qual intentou com os
ſoccorros de Baçorà reduzir a Cidade à ſervidaõ pri-
meira. Começou aſſaltando aos de Adem ■ caſilas,
que baſteciaõ ■ Cidade, ■ qual, como recebe do ſer-
tão agua, ■ mantimentos, padeceo em breves dias
grandes neceſſidades; porque ſe alguns baſtimentos
lhe entravão, erão poucos, cuſtoſos, ■ furtivos. Com
lagrimas ■ povo laſtimado pelava em huma meſma
balança ■ fome, e tyrannia; males, de que ſó tinha
miseravel eſcolha. Engroſſava o tyranno ſeu partido
com ſoccorros continuos, a que não podia o Rey fa-
■ ■ oppoſição com forças iguaes, e diſcorrendo com
■ cabeças do povo ſobre os meios de ſalvar ■ Cida-
de, lhe trouxerão à memoria a fama de noſſas victo-
rias contra Turcos, e ■ fidelidade de noſſa protecção
aos confederados. Reſolvérão mandar huma Terrada *São ſoccor-
ridos,*
■ Capitão de Ormuz, que então era D. Manoel de ■ *Menſagei-
dos mo-
radores ■
Ormuz,*
Lima, offerecendo huma fortaleza, e ■ rendimentos
da alfandega, dandonos juntamente ■ conhecer o pe-
rigo do Eſtado, ſe os Turcos firmassem ■ pé naquella
praça.

77 Era fama, que ■ Marzaõ eſperava de Baçorà
■ breve importantes ſoccorros; e que ſe o deixassem
engroſſar o poder, commetteria ■ Cidade com força
deſcuberta; polo que El Rey de Campár, moſtrando-
ſe no diſcurſo, ■ no valor ſoldado, não querendo que
eſte tronco prendesse com maiores raizes, determi-

com tres mil homens escolhidos cercar a fortaleza ; que empredeio com maior resolução , que fortuna , porque nos primeiros assaltos matárao. Os Arabios cortados do temor com a morte do Rey , deixando o sitio , vierão sepultar o corpo , sendo na occasião a vingança mais opportuna , que a piedade.

*Topa Dom
Payo de
Noronha.*

78 A Terrada que navegava a Ormuz , entrando no cabo de Rosalgate se encontrou com D. Payo de Noronha , que com doze navios de remo guardava aquelle Estreito , e entendida a pertença do Arabio , parecendo-lhe este soccorro digno de todo grande soldado , creveo ao Capitão de Ormuz , que se não houvesse de tomar esta honra para si, não negasse a elle. D. Manoel lhe mandou mais dous navios , e alguma gente escolhida , para que fosse assegurar a Cidade , em quanto lhe aprestava maiores forças ; ao Embaixador de El Rey de Campar , depois de lhe fazer honrado tratamento , aconselhou que pedisse ao Governador da India armada , que elle era tal , que não negaria amparo aos amigos do Estado , mórmente contra Turcos , cuja guerra tomavamos como herança de nossas armas.

*Chega a
Adem.*

79 Chegou D. Payo a Adem , onde foi recebido com a benevolencia , e grandeza , que podérao seu proprio Principe . entregandolhe a Cidade , tanto para a defesa , como para o governo. Arvorárao huma bandeira nossa , pola qual se apostárao a morrer todos , sangrando se nos peitos com demonstraçoens , e ceremonias barbaras , mas fieis , protestando , que defendiaão aquella Cidade , como membro do Estado , de quem já erao por obediencia vassallos , e filhos por amor. Porém D. Payo se portou de maneira , que fez declinar a opiniaão de nossas armas . Oriente , nós tron-

*E não se ha
bem.*

truncaremos ■■ accidentes desta Historia em beneficio de tão grande appellido ; dado que andão de outra penna mais livre referidos em vulgares escritos.

80 Desamparados os de Adem por D. Payo , nem *Os moradores* alli perdêraõ a devação do Estado , defendendo a *Ci-res enviaõ* cidade com a voz de Portugal na boca ; ■ porque ou não ■ *Goa,* tinhaõ , ou não quizerãõ outro abrigo , que o de nossas armas , resolverãõ enviar huma pessoa Real ao Governador , que lhe significasse o estado , em que se achavaõ ; de cujas misérias podiamos tirar nova fama , não desprezando ■ gloria de amparar affligidos ; que ■ Principe de Adem queria receber do Estado as leys , e a Coroa , ■ quem se faria feudatario com hum grato , ■ honesto tributo.

81 D. João de Castro se alegrou de ver soar seu *Alegrase o* nome , e suas victorias nos ouvidos dos Principes re- *Governador.* motos , fazendo-os não só reverentes , mas sogeitos. Em Goa houve grande alvoroço com ■ mensagem , vendo que ■ fortuna do Governador tornava ao Estado as felicidades da primeira India , pois aonde outras armas mal haviaõ chegado por noticia , as suas chegavaõ por imperio.

82 Deu o Governador esta empreza a seu filho *Manda seu* D. Alvaro , tão benemerito de todas , que não pare- *filho.* ceo a eleição de pay , ■■ de ministro. Quizerãõ-se embarcar com elle muitos fidalgos velhos , que o Governador desviou com hum modesto decreto , ordenando que se ficassem em Goa , porque necessitava delles para cousas maiores ; era porém tão grande o gosto da jornada , que recebêraõ o decreto como agravo de todos ; parece que era ■ vicio daquelles tempos ■ ambição dos perigos. O Governador os satisfez alegre de ver aquelles espiritos criados debaixo

*Com que
Armada.*

de sua disciplina. Mandou logo cifar, ■ bastecer trinta navios de remo, de que fez Capitães ■ D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia, Antonio Moniz Barreto, que hia provido na fortaleza, que se havia de fazer em Adem, D. Pedro Deça, D. Fernando Coutinho, Pero de Attaide Inferno, D. João de Attayde, Alvaro Paes de Sottomayor, Fernão Pereira de Andrade, Pero Lopes de Sousa, Ruy Dias Pereira, Pedro Botelho Porca, irmão de Diogo Botelho de casa do Infante D. Luis, Alvaro Serraõ, Luis Homem, Melchior Botelho Veador da fazenda, Gomes da Sylva, Antonio da Veiga, Luis Alvares de Sousa, João Rodrigues Correa, Diogo Correa, que tinha vindo com o Embaixador de Adem, Diogo Banho, Pero Preto, Alvaro da Gama, e outros.

*Outra em-
baixada de
Caxem.*

83 Poucos dias antes que carpasse a armada, chegou ■ Goa hum Embaixador de ElRey de Caxem, a quem ■ Fartaques vezinhos haviaõ usurpado grande parte do Reyno. Este, como reynava na outra contracosta da Arabia, sabendo que Adem era soccorrida de nossas armas, ajuizando, que com ■ mesma armada o podiamos restaurar, escreveu ao Governador, que não seria menos grato ao Mundo restituir a Caxem, que defender a Adem. Representava quaõ fiel hospedagem acháraõ nossas armadas em seus portos, fazendo refenha das que alli haviaõ ancorado em tempos differentes, a cuja causa se fizera ■ Turcos sospeitoso; offerencia além da fidelidade moderado tributo. O Governador, entendendo, que

*Resposta do
Governador.*

estes soccorros reputavão nossas forças, e criavão amigos ao Estado, assentou, que com ■ mesma armada se desse favor ■ de Caxem, visto ser huma mesma viagem, com que se podia obrar huma, ■ outra empreza.

pressa. E porque os de Adem, como cercados, necessitavão de prompto soccorro, o Governador antevendo, que o corpo da armada podia chegar tarde, frustrando o intento, e cabedal, despachou logo D. João de Attayde com quatro navios para que entrasse em Adem, e entretivesse o cerco até chegar D. Alvaro. D. João de Attayde deu à véla, e por lhe ventar o Noroeste grosso, desaparelhou hum dos navios, que arribou destroçado, os mais forão seguindo sua viagem.

84 Entretanto pelejavão em Adem obstinadamente cercadores, e cercados, derramando de ambas as partes sangue. Carregava o peso desta guerra sobre alguns Portuguezes da armada de D. Payo, que mostrarão valor illustre em nascimento humilde; os quaes se empenhárão na resistencia, como se defenderão sua patria no principado alheo. Estes bastarão a embaraçar aos Turcos a victoria muitos dias, como erão soldados de fortuna, nossas Chronicas com ingrato silencio lhes callarão os nomes, como se a virtude necessitara de heroicos ascendentes, fossem menos honrados estes por suas obras proprias, que os outros pelas alheas. Creio que com injuria da natureza criaraõ novas leys os poderosos, em que não só fazem hereditarios os morgados, mas os merecimentos.

85 Estando as cousas de Adem em contingencia, que temos referido, appareceo a armada dos Turcos, que constava de nove galés Reaes, e algumas galeotas, quaes deraõ vista à Cidade, surgindo fóra da enseada, fãiraõ em terra, armaraõ tendas, e fortificaraõ alojamento, avisando Baxá se lhes aggregasse com a gente que tinha. Os Arabios, que viraõ sobre

O que passou em Adem.

Chegaõ Turcos.

sobre si forças tão grandes, acodiaõ remissos à defen-
sa, huns tibios, outros desconfiados, parecendolhes
insuperavel ■ valor, ■ poder dos inimigos, e já em
privadas juntas accusavão em seu Rey ■ ambição de
dilatar a Coroa com ■ sangue do innocente povo, não
cabendo seu espirito ■■ fortuna de seus antecessores.
Porém os Portuguezes, que com elles estavão, vendo
que dos casos mais arduos era mais gloriosa ■ fama,
esforçaraõ ■ Arabios, mostrandolhes a resistencia
necessaria, ■ possivel; offerecendo-le de novo por
companheiros voluntarios de sua fortuna; ■ que bal-
tou a criarlhes outros espiritos novos, com que se
apostarão ■ morrer na defenla, menos pola obrigação,
que polo exemplo.

Poemhe
terço.

Dom Payo
manda re-
colher os
nosso.

86 Sitiaraõ a Cidade os Turcos, pondolhe duas
baterias com algumas peças de disforme grandeza,
entre ellas duas, que chamavão Quartaos, jugavão
balla de quatro palmos de roda; fizerão ■■ ■■
mais ruínas, que brechas, com que aos cercados o
perigo ensinou a disciplina, fazendo seus repa-
ros, ■ travezes por dentro, com que entretinhaõ,
■ rebatiaõ os assaltos, e faziaõ aos Turcos du-
vidosa, ■ custosa ■ victoria. Porém D. Payo de No-
ronha (arrastado de algum fatal destino) privou ■■
Arabios da victoria, ■■ nossos da honra, mandando
secretamente avisar ■ todos ■ Portuguezes se viessem
a elle, desamparando a defenla do Príncipe feudata-
rio, ■ amigo, faltando às obrigaçoens do cargo, e às
do sangue. Os mais dos Portuguezes obedecerão, só
Manoel Pereira, ■ Francisco Vieira, dous soldados
de fortuna, disserão, que aquella Cidade era de El-
Rey de Portugal, e que na defenla della haviaõ de
perder ■ vidas ■ parece que na milicia daquelles tem-
pos

pos primeiro se preguntava pelo valor, que pela disciplina. Estes sustentarão a Cidade até o ultimo dia, ganhando melhor opiniaõ na ruína, que os Turcos na victoria.

87 Logo que os Arabios entendêrão, que craõ ■ Portuguezes recolhidos, perdida ■ esperança da defenfa, tratárão de partidos; mandou porém o Principe cessar ■ pratica, dizendo, que antes sairia da Cidade desbaratado, que rendido; que aquella bandeira de ElRey de Portugal não havia deixar ganhala aos Turcos sem nodos de seu sangue: fidelidade digna de ser melhor assistida de nossas armas. Continuou os assaltos ■ inimigo, conhecendo já nos moradores divisaõ, e fraqueza, com q̃ tornou ■ tomar calor ■ pratica da entrega; a qual o Principe atalhou sempre, a si mesmo fiel, e ao Estado. Porém o perigo, a fome, ■ desconfiança dobrárão alguns dos moradores para darem ao inimigo huma porta secreta, por onde entrou a Cidade. O Principe com a vida desempenhou a fidelidade pro nettida ao Estado, pecejando com espirito Real, mas infelice. Manoel Pereira, e Francisco Vieira salvárão a hum Infante, que levárão a Campár, consolando aos vassallos com aquelle pequeno ramo de seu prostrado tronco.

Que fazem os Arabios.

88 D. João de Attaide, que deixamos no ■ com tres navios, foi fazendo viagem, e porque tinha ventos de servir, em poucos dias vio ■ Costa da Arabia, e foi demandar a Cidade de Adem, e entrando ■ remo na bahia, deu de rosto com ■ galés que estavam surtas; e porque ainda cursavão os Levantes, se tornou a sair para ■ pègo. Os Turcos logo que vírão ■ navios, levárão ■ ancoras, ■ os forão seguindo tão apressadamente com a vantagem do ■, que ■ na-

Successo de D. João de Attaide.

vios.

vios de Gomes da Sylva, e Antonio da Veiga lhes ficavão já quasi debaixo dos esporoens das galés, e vendo que lhes não era possível a fogida, menos resistencia, varáraõ os navios em terra, que lhes ficava perto, onde salváraõ muitas vidas. Dom João de Ataíde, como levava melhor navio, foi metendo de ló tudo o que pode; vendo-se muitas vezes perdido, até que sobreveo a noite, com que se fez a volta do Abexim; em cuja costa espalmou o navio no Ilheo de Metc, que faz frente às Cidades de Barbara, e Zeila. Os que se salváraõ em terra, foraõ buscar o abrigo de ElRey de Campár, onde acháraõ Manoel Pereira, e Francisco Vieira, de quem souberaõ os successos, que temos referido; foraõ hospedados, e providos de tudo com amor, e abundancia.

Viagem de D. Alvaro. 89 Dom Alvaro de Castro partindo com toda a armada junta, como levava os Levantes a popa, fez a viagem breve, e tanto avante como os Ilhéos de Canccanim, lhe sahio D. João de Ataíde, do qual soube a perda de Adem, e como lhe corrêraõ os Turcos, de cujas galés se livrara com o favor da noite. Dom Alvaro, e os fidalgos, e soldados da armada mostráraõ justo sentimento desta nova, avaliando a perda do Estado, que a desfar de nossas armas, porque das quebras da opiniaõ entre naturaes, e estranhos durará sempre a memoria. O Embaixador, e cunhado de ElRey de Campár, que hia na armada, sentio vivamente as mortes do cunhado, e sobrinho, consolando-se porém muito com saber que nada ficáraõ devendo à honra, e à fidelidade, mostrando nestas consideraçoens animo tão inteiro, como se buscára

cára alivio ■ dor alhea. D. Alvaro com os Cabos da armada poz em conselho ■ que se devia obrar ; e pareceo ■ todos , que visto o soccorro de Adem estar frustrado , voltassem as armas em beneficio do Rey de Caxém , como trazia por instrucção a armada , a quem os Fartaques vezinhos tinhaõ tomado a fortaleza de Xaél ■ qual senhoreava hum porto , que ■ dos poucos , que este Regulo tinha , ■ principal escala ■ empreza mais util , que difficil.

Faz conselho, e que assenta.

90 Mandou D. Alvaro governar ■ Xaél , e surtindo à vista do castello , os Fartaques temerosos , ou amigos , recebérão como de paz ■ armada. Era o forte fabricado de adobes , com quatro cubellos tão pequenos , que bastavaõ para o guarnecer trinta e cinco soldados , que o presidiavão. Estes , tanto que virão ■ armada , lançárão fóra huma mulher , que entendia , e fallava ■ nossa lingua , ■ qual perguntando pelo Capitão mór , lhe disse , que os Fartaques eraõ amigos do Estado ; que se vinhamos em demanda daquella fortaleza , a largarião logo. A muitos pareceo , que se lhe accitasse , porque de inimigos tão poucos , ■ sem nome , não esperavamos gloria , nem despojo ; ■ mais votáraõ , que por authoridade de nossas armas ■ mandassem render à discricao. Entendida pela mulher esta resolução , disse , que os Fartaques saberiaõ defender as vidas , ■ o castello , mal satisfeita da reposta dos nossos. Os Mouros tiràrão logo huma bandeira branca , ■ arvoráraõ outra vermelha , a que succedeo tirarem os nossos algumas bombardadas , com pontaria tão incerta , que não fizeraõ dano. D. Alvaro rodeou com todos os seus ■ fortaleza , que mandou commetter por escala por diferentes partes , assegurando ■

Intenta a escala.

que subiaõ com ■ espingardaria debaixo ; ■ porque era a carga continua , não ousavaõ apparecer os Mouros. Fernão Peres foi ■ primeiro , que começou a fobir por huma escada , levando o seu guião diante , que arvorou , ■ sustentou no muro. Quasi ■■ mesmo tempo subio Pero Botelho com o mesmo risco , ■ fortuna que o primeiro. Estes franquearão ■■■ mais ■ subida.

*Peleijão os
Arabios até
morrer.*

91 Antonio Moniz Barreto , D. Antonio de Noronha , D. João de Atayde , ■ outros foraõ demandar ■ porta da fortaleza , que estava entulhada com fardos de tamaras , ■ não podêraõ entrar , sem que os nossos viessem por dentro , e ■ desentulhassem. Os Fartaques se retiráraõ ■ dous cubellos , donde se defendião com desesperado valor , engeitando ■ vidas , que D. Alvaro lhes offerencia , que parece queriaõ perder para vingança , ou para desculpa da força , que não podêraõ defender ; que até entre estes barbaros he o valor ■ primeira virtude. Peleijáraõ em fim ■■ Mouros até acabar todos , não merecendo nome de esforço ■ obstinação barbara , donde não podiaõ esperar victoria , nem vingança. Dos nossos morrerão cinco , e passáraõ de quarenta os feridos.

*Ganhase
praça.*

92 Ganhada a fortaleza (facção mais importante ■ Regulo , que a nossas armas) a entregou D. Alvaro ■■ Embaixador de El Rey de Caxém , que mostrou a gratidão do beneficio , então em bastecer a armada , depois ■■ ter com o estado fiel correspondencia ; ■ porque se hia gastando a monção , se fôï D. Alvaro invernar a Goa , onde foi recebido com applauso maior , que a victoria ; festas que ■ Governador fomentou como pay , ■ D. Alvaro estimou como soldado.

93 Tomou Lourenço Pires de Távora ■ barra *Chega Lou-*
de Lisboa com as cinco náos de sua conserva ; as *renço Pires*
quaes tiverão não só breve , ■ ■ ■ facil , ■ prospera ■ *Lisboa.*
viagem. Dissimos como nellas vinha D. João Mal-
carenhas , cheo de fama , ■ de merecimentos. As no-
vas de Dio se derramárao logo pelo povo , ajuizan-
do cada hum como entendia ■ paciencia do cerco , ■
resolução da batalha. O vulgo não sabia pôr taixa
nos louvores de D. João de Castro , como gente sem
enveja das pessoas , ■ fortunas maiores. Os fidalgos,
e grandes ajudavão , ou consentião a voz universal
de todos , sendo virtude rara , poder fofrer de seus
iguaes ■ fama ; ■ não houve algum tão ambicioso,
que desejasse para si melhor nome , nem mais illus-
tres obras.

94 Vestirão galas os Reys , ■ ■ Corte , ■ deter- *Festejase a*
minarão dia para dar graças na Capella com offertas *nova de*
pias , ■ Reaes. Houve hum douto Sermao , em que *Dio.*
se disserão do Governador encomios , ■ virtudes.
ElRey deu conta da victoria ao Summo Pontifice , e
aos maiores Principes da Europa , que todos lhe
congratularão , como a mais illustre facção do Ori-
ente. Na carta , que escrevco ■ ElRey D. João de
Castro , pedia licença para se vir ao Reyno , mos- *Que pede ■*
trando que não buscava pôstos , quem deixava os *Govern-*
maiores ; ■ porque não parecesse ambição nova o *dor de al-*
desprezo de tudo , pedia a ElRey duas geiras de ter- *viçaras.*
ra , que partem com ■ sua quinta de Sintra , e re-
matão em hum pequeno cabeço , que inda hoje
conserva ■ nome do monte das Alviçaras. Pareçe,
que ■ ■ honras teve ElRey consideração a seus ser-
viços , e ■ premio à sua fortuna. Tudo se verifica
da sua carta , de que damos a copia.

Carta de ElRey D. João Terceiro.

95 , **V** Ilo Rey amigo. Ex ElRey vos envio
 , muito saudar. A victoria , que nosso
 , Senhor vos deu contra os Capitaens de ElRey de
 , Cambaya , foi de tão grande contentamento para
Que mer- , mim , como era razão , que ~~eu~~ tivesse por tal , ■
cês lhe faz , tamanho vencimento , e por quam grandes mer-
ElRey. ; cês , ■ ajudas nisso recebestes de nosso Senhor , po-
 ■ las quaes elle seja muito louvado ; ■ muito se deve
 ■ à vossa prudencia , e grande animo , que naquelle
 , dia mostrastes ; ■ assi no que fizestes no grande , ■
 , apressado soccorro , que mandastes à fortaleza de
 , Dio em tão desvairado tempo , offerecendo ao
 ; mar vossos filhos , em que se vio , quanto mais
 ■ pode com vosco o que importa ■ meu serviço , que
 , o affecto natural de pay ; o que eu assi estimo , co-
 , mo he razão , vendo , que não sómente desbara-
 ■ tastes tão grande poder de inimigos , mas ainda
 , déstes muita segurança a toda ■ India , no grande
 , receo , que aos inimigos della fica com esta tama-
 ■ nha victoria ; cujo serviço assi he razão , que eu
 ■ tenha na conta que elle merece , como que tenha
 , delle o contentamento , que se requiere. E do fal-
 , lecimento de vosso filho D. Fernando recebi mui-
 ■ grande desprazer , assi por ser elle vosso filho , co-
 , mo porque hia bem mostrando naquella idade ,
 ■ quem houvera de ser em toda ■ outra ■ ■ pois aca-
 , deu tão honradamente , ■ em tão grande serviço
 , de nosso Senhor , e meu , deveis de sentir menos
 , sua perda , e dar graças a nosso Senhor por como
 , foi

; foi servido , que acabasse ; ■ que sei , que vós fi-
 zestes ■ mostrando ainda ■ esquecimento da mor-
 te do filho ■ lembrança , do que cumpria ■ meu
 serviço ; das quaes cousas assi ferei sempre lembra-
 do , que não sómente vós conhecerei com gran-
 de contentamento dellas , mas ainda com muita
 mercé ; a que agora quiz dar principio nas que
 faço a vós , ■ vosso filho D. Alvaro , guardando
 ■ remate dellas para ■ cabo de vosso serviço , que
 eu confio , ■ tenho por mui certo , que será tal ,
 como forão os que atégora ■ tendes feitos ; ■
 com esta confiança , e com a experiencia , que eu
 disso tenho , desejando muito neste tempo vos fa-
 zer mercé em tudo ; considerando porém quanto
 isto cumpria ■ meu serviço , e vendo por vossas
 obras , quanta mais conta tinheis com elle , que
 com todas vossas cousas , houve por bem de vós
 não dar licença para vos virdes , como me pedieis.
 Polo que vos encommendo muito , e mando , que
 ■ hajais assi por bem , e que nesse carregó me quei-
 rais ainda servir outros tres annos , no fim dos
 quaes vos mandarei licença para vos virdes em-
 bora. E ■ espero em nosso Senhor , que vos dé
 ■ mui boa disposição para o fazerdes : ■ porém se
 por fim do que tanto cumpre a meu serviço , co-
 mo he ficardesme ainda servindo nessas partes por
 este tempo , vós a vós parecer , que tendes toda-
 via necessidade de vos virdes , folgarei de mo es-
 creverdes , e entretanto esperareis minha resposta.
 Pero de Alcaçova Carneiro ■ fez em Lisboa ■ vñ-
 te de Outubro de mil quinhentos quarenta e sette.

R E Y.

Creo,

Creo, que nos pede attenção maior a carta da Rainha Dona Catherina, onde não he só Real a firma, ■■■■ tambem o discurso, ajuizando as acções da victoria com madureza de varão; ■ brios de soldado.

Carta da Rainha D. Catherina.

96 ■ **V** Illo-Rey. Eu a Rainha vos envio muito laudar. Vi ■ carta, que me escreveítes, na qual particularmente me dais conta do que tendes feito, e provido em todas as cousas, que vos pareceo, que cumpriam ao serviço de ElRey meu Senhor, e à defensão, ■ segurança das partes; e de tudo ser tão conforme ■ quem vós sois, ■ á grande confiança, que Sua Alteza de vós tem, recebo tanto contentamento, como he razão, assi por ver, que Sua Alteza he de vós tão bem servido, como pola muita honra, que nisso tendes ganhada. E quanto ao cuidado, ■ grande diligencia, com que logo entendestes ■■ corrigimento, e provimento da armada, foi grande principio, e mui necessario para remedio de tamanhas cousas, como depois se offerecêraõ, e por certo, tenho, que por mui grande, que fosse o trabalho, que nisso levastes, seria maior o contentamento, q tereis de ser taõbem empregado. E ■ guerra, que fizestes ■■ Hidalcaõ, foi cousa mui bem-acertada, pois tão claro se vio nella ■ contrario da opinião, que dizeis se tinha, que da guerra dos Portuguezes lhe não podia vir dano; ■ que seria causa de ■ mover tantas vezes, nem de sua paz se lhe seguia

■ guia

, guia proveito , polo que não estimava quebrala. E
 , se elle foubra quem vós sois , ■ quanto mais vos
 , lembra a honra , que o proveito , nem curàra de
 , vos fazer o offerecimento , que vos fez àcerca de
 , Meale , mas ■ pouca impressãõ , que fez em vòs ,
 , e vòsso claro defengano , lho daria a conhecer. E
 , quanto ao negocio do cerco , ■ guerra da fortale-
 , za de Dio , foi mui grande mercê de nosso Senhor
 , a victoria , que alli deu contra tamanho poder , ■
 , numero de inimigos de sua Santa Fé Catholica ,
 , que de tão diversas partes alli craõ juntos , e mui
 , claro final de elle ter de sua mão ■ Estado de essas
 , partes , e lhe dou por tudo tantos louvores , co-
 , mo he razãõ , ■ lhe devo. E muito acrescenta no
 , grande contentamento , que ElRey meu Senhor , e
 , eu temos de tamanho vencimento ver com quan-
 , ta prudencia , ■ discricãõ provestes em todas ■
 , cousas , que para se poder alcançar eraõ necessa-
 , rias , e quam animosamente vos houvestes no dia
 , da batalha , ■ com quanta presteza soccorrestes
 , aquella fortaleza , offerecendo a isso vossos filhos
 , em tão fortes tempos : o conhecimento , que Sua
 , Alteza , e eu temos de todas estas obras , e do
 , grande fruto , que dellas se seguiu , he mui con-
 , forme à qualidade , e grandeza dellas ; ■ assi con-
 , fio , que Sua Alteza o mostre na honra , ■ mer-
 , cé que vós fará , e porque tudo se vos deve ; ■
 , bem o deu a entender no gesto , ■ contentamen-
 , to ■ com que logo quiz dar ■ isso principio , nas
 , que agora fez ■ vòs , ■ ■ vòsso filho D. Alvares ,
 , segando vereis por sua carta. ■ do fallecimento
 , de D. Fernando vòsso filho recebi mui grande des-
 , prazer , assi por quanto sei , que ■ havieis de sen-
 , tir,

tir, como pela perda de sua pessoa, que segundo
tinha mostrado naquelle feito, se pode bem ver,
que foi grande; mas eu tenho tal conhecimento de
vós, e de vossa muita prudencia, e virtude, que
sei certo, que em todo tempo, e que nosso Se-
nhor e levára para si, vos conformareis vós com
sua vontade, e tomareis de sua mão; quanto mais
sendo naquelle, em que por defensão de sua Fé
e tamanho serviço de Sua Alteza, tão honra-
damente acabou, e cumpro com a obrigação de
quem era, que são razoes mui grandes para vós
muito o deverdes fazer assi, e muito menos sentir-
des sua morte. E quanto ao que me pedis acerca
de vossa vinda, em que Dona Leonor vossa mu-
lher (que eu muito folguci de ver pelo mereci-
mento de sua pessoa, e virtudes, e pela muito boa
vontade que lhe tenho) e fallou de vossa parte;
como em cousa que tanto deleja; estimára eu mui-
to de com gosto, e contentamento de ElRey e
Senhor, poder nisso satisfazer a vós, e ella; mas
pelo muito, que Sua Alteza tem de vosso tão
bom serviço, e pela grande falta, que lá poderia
fazer em tal tempo vossa pessoa, houve por bem
de se servir ainda lá de vós outros tres annos, se-
gundo por sua carta vereis. E tenho por mui cer-
to, que por todas estas razoes o haveis assi
por bem, e vos rogo, muito, que assi seja, e es-
pero em nosso Senhor, que vos dará faude, e for-
ças para o poderdes fazer, e vos ajudará, e esfor-
çará em todos vossos trabalhos, pois deller se le-
gue tanto seu serviço, e pois sabe, que prin-
cipal respeito, porque Sua Alteza o ha assi por
bem, he saber que será elle lá de vós inteiramen-
te

, te servido. E na lembrança, que entre tamanhos
 , trabalhos, e tão importantes negócios, tivestes
 , daquellas cousas minhas, que levastes ■ cargo, se
 , vê bem quanto desejo tendes de nisso, ■ em tudo
 , me servir, o qual eu estimo, como he razão. E
 , quanto ■ que toca ■ Diogo Vaz, por outra carta
 , vos escrevo ■ que nisso folgarei, que se faça. Com
 , ■ benjoim de boninas, ■ com todas as mais cou-
 , sas, que me enviastes por Lourenço Pires de Ta-
 , vora, recebi muito prazer, por ser tudo tão bom,
 , que bem parece ser enviado com tão boa vontade,
 , ■ qual eu ainda mais estimo, e tudo vos agradeço
 , muito. E dos criados meus, e pessoas, que ■■ es-
 , creveis, que lá tem bem servido, ■ assi das cou-
 , sas, em que vos parece necessario prover, farci
 , lembrança a ElRey meu Senhor, como pedis, que
 , faça. O que Sua Alteza houver de prover assi nas
 , mercês, que houver de fazer ■ todos os que lá o
 , servem, há de ter tanto respeito ao que vós em
 , tudo lhe escreverdes, e pedirdes, como he razão,
 , que seja; e muito vos agradeço ■ boa informação,
 , que ■ Sua Alteza dais dos meus criados, que na-
 , quelle feito de Dio se achárão, ■ assi o muito fa-
 , vor, ■ boas obras, que sei que ■ todos lá fazeis
 , por ■■ respeito. Pero Fernandes ■ fez ■■ Lisboa
 , a trinta dias de Outubro de mil quinhentos qua-
 , renta ■ sette.

A R A I N H A.

Naõ he de menor estimação ■ carta, que lhe es-
 creveo ■ Infante D. Luis, como de Principe em fim,
 Q₁ que

que tão grande juízo loubc fazer de merecimentos, e virtudes.

Carta do Infante D. Luiz.

97 , **H** Onrado Viso Rey. Recebi vossa carta, que veyo nesta armada de Lourenço Pires de Tavora, em que me dizeis, que recebelles a minha, que por Luiz Figueira vos mandei; e agradeçovos muito dizerdes-me, que vos parecêraõ bem as lembranças, que vos fazia, e muito mais por delas em obra; bastava para eu crer, que seria assi, ainda que vos eu não conhecêra, ouvir que là fazeis, e ver, que com boca cheia me escreveis vossos trabalhos, pobreza, e abstinencia, cousas com que se vence o Diabo, o Mundo, e Carne, que nessas partes da India tem tanto poder; o que he maior victoria, que a de ElRey de Cambaya, nem ainda de todo o poder do Turco. Polo que em quanto viverdes, não deveis de temer coula alguma, mas antes esperai no nosso Senhor, que vos ajudará, como agora fez na defensão, e batalha de Dio, cuja victoria vós tendes muito que lhe louvar, pois vos fez instrumento de tanto serviço seu, e de ElRey meu Senhor, e de tanta honra vossa, e de todos os Portuguezes, assi dos que se acháraõ com vosco, como dos que estiveraõ ausentes. E certo que vós tendes feito nesta jornada, desde primeiro dia, que tivestes novas do cerco de Dio, até o de vossa, e nossa victoria, tudo o que entendo, que hum valeroso, e astuto Capitaõ podia fazer, assi na presteza dos soccorros, como em pordes vossos filhos por

ba-

, balizas da fortuna , ■ perigo do inverno , ■ mares
 ■ da India , para que ■ outros os tivessem em menos;
 , no que se mostra bem claro, quanta mais parte tem
 , em vós o serviço de ElRey meu Senhor , e a obriga-
 , ção de vosso cargo , que os effeitos naturaes de pay,
 ■ que são os que mais forçao ■ natureza. E no sofri-
 , mento , que mostrastes na morte de D. Fernando de
 , Castro vosso filho , se confirma bem esta opiniaõ , ■
 , certo , que eu o senti por mim , ■ por vós , ■ houve
 ■ por mui grande perda , por quam certos sinaes nelle
 , via de seu grande esforço , e creço, que nisso lho quiz
 ■ Deos pagar com o tirar de vida tão trabalhosa por
 , meios tão honrados , e de tanta gloria sua , que de-
 , ve de ser grande causa de vossa consolação. D. Al-
 , varo de Castro vosso filho não empregou mal sua
 , jornada , pois com tantos trabalhos , ■ perigos soc-
 , correo a fortaleza de Dio , a tempo , que sua che-
 , gada foi por entaõ o remedio della ; ■ de como se
 , nisto houve , ■ no dar nas estancias dos inimigos , ■
 , em tudo o mais lhe lanço muitas bençoens por vos-
 , sa parte , e minha. E tornando a vossa determina-
 , ção de aventurardes vossa pessoa , ■ o Estado da In-
 , dia , por soccorrerdes Dio , foi mui boa , pois de o
 , não fazerdes estava tanto mais aventurado; e o che-
 , gardes a Dio , ■ ordenardes vossa embarcação , e
 ■ mandardes, que os navios comettessem a tempo, que
 ■ havieis de dar ■ batalha, e o modo de cometter, que
 , nisso tivestes, tudo me pareceo digno de agora , e
 ■ sempre darmos muitas graças ■ Deos nosso Senhor,
 ■ e de Sua Alteza vos fazer muitas mercès , ■ que
 ■ agora dà principio , como vereis àcerca de vós , e
 ■ de vosso filho , ■ assi o deve fazer , ■ fará aos fiqui-
 , gos , ■ Cavalleiros que nessa jornada com vosco o
 Qq ii fer-

, serviraõ, em especial a D. João Mascarenhas, que
 , se houve peso de se circo, como honrado Capi-
 , taõ, esforçado Cavalleiro. Folguei muito de ver
 , modo, que tivestes no escrever Sua Alteza sobre
 , serviços, que os fidalgos, Cavalleiros, que
 , nessas partes andaõ, lhe fizeraõ no negocio de Dio,
 , no que se vio, que tinheis com seus trabalhos con-
 , ta. Isto fazei sempre por amor de mim, folgai de
 , louvar homens, porque já que está certo não
 , faltar, quem diga delles males (que haveis de
 , castigar os que nelles sentirdes) razão he tambem,
 , que os bons levanteis, para que os que lá não
 , poderdes galardoar, Sua Alteza por vossa informa-
 , ção faça. Eu fallei sobre vossa vinda, como me
 , escrevestes, que me elle não concedeo, e me deu
 , para isso duas razoes, que a meu parecer, ainda
 , que vòs tenhais muitas para vos desejares de vir,
 , Sua Alteza tem muitas mais para vos mandar ro-
 , gar, que o sirvais nesse governo outros tres annos,
 , o que haveis de folgar de fazer por servirdes a nos-
 , so Senhor pola grande mercè, que vos tem feito, e
 , a Sua Alteza pola confiança, que de vòs tem, con-
 , tentamento de vosso serviço. E confiai Deos,
 , que vos dará forças para poderdes com os grandes
 , trabalhos, e desordens da India, e eu espero nelle,
 , que fazendo-o vòs assi, venhais encher estes picos
 , da serra de Sintra de Ermidas, e de vossas victo-
 , rias, e que visiteis, logreis com muito descan-
 , so vosso. Nas cousas particulares vòs não fallo,
 , porque ElRey meu Senhor vos escreve o que ha por
 , teu serviço em resposta da carta geral, que lhe es-
 , crevestes, que vinha em muito bom estylo, em
 , muito boa ordem. Escrita em Lisboa vinte e dous
 de

, de Outubro de mil quinhentos e quarenta e sete.

O INFANTE D. LUIZ.

98 Deixa-se bem ver destas cartas, quam gratos eraõ aos Reys os serviços de D. João de Castro. Negoulhe ElRey D. João ■ licença que pedia para vir descansar ao Reyno, como ■ beneficio da patria, ■ do Oriente, prorogoulhe outros tres annos do governo com nome de Viso Rey; não teve vida para lograr este acrecentamento, para o merecer, si ■ fez-lhe mercè de dez mil cruzados de ajuda de custo, e patente de Capitão mór do mar da India a seu filho D. Alvaro, cargo, que já exercitava com menos annos, que victorias.

99 Tinha entendido ElRey D. João pelos avisos *Manda* do Viso-Rey, que ■ segurança da India necessitava *ElRey seis* de ter a todo tempo forças promptas para todas as *naos á India.* occurrencias do Estado; e que os estragos de Cambaya, junto com o respeito, criavaõ odio nos Príncipes vezinhos, cuja ruína era para outros exemplo. Com estas, e outras considerações despachou este anno para ■ India seis náos, que partiraõ em mençoens diferentes. Das primeiras tres, que partiraõ em Novembro, era Capitão mór Martim Correa da Sylva, que levava ■ fortaleza de Dio. Os outros Capitães eraõ Antonio Pereira, e Christovão de Sã; e porque na costa da India teve ■ Capitaina os ventos ponteiros, e garrou, ■ não podendo ferrar Goa, foi tomar Angediva, donde mandou aviso ao Viso-Rey para ■ prover do necessario, visto ser-lhe forçado invernar em aquelle porto. O Piloto de Christovão de Sã soube-se marcar melhor, porque tanto que avistou a cof-

a costa da Índia foi metendo de ló para se pôr a barlavento de Goa, e houve vista da terra por Carapatao, donde foi demandada a barra.

*Chega hũa
a Goa.*

100 Logo que o Viso-Rey soube, que entrara não do Reyno, mandou desembarcar os doentes, que elle em pessoa foi visitar, e prover. E certo, que entre as excellencias deste bom Viso-Rey, podemos dar o primeiro lugar à charidade, porque não costuma ser virtude de soldado, e menos de ministro. Recebeo as vias, em que achou as honras, e mercês, que havemos ditto, estimando estas para desempenho, aquellas para premio; de que os fidalgos a si proprio se davão parabens, contentes de que ficasse o Viso-Rey outro triennio governando, como quem entendia, que tinhaõ nelle os soldados pay, e o Estado homem.

*Adoece o
Viso-Rey.*

*Deixa o go-
verno.*

101 Achava-se D. João de Castro gastado menos dos annos, que dos trabalhos de tão continuas guerras, com que veo a cair rendido ao peso de tão graves cuidados. Enfermou gravemente, e descobrio a doença em poucos dias indicios de mortal; o que elle conhecendo pela molestia de repetidos accidentes, se aliviou da carga do governo. Chamou o Bispo D. João de Albuquerque, D. Diogo de Almeyda Freire, o Doutor Francisco Tolcano Chanceller mór do Estado, o Sebastião Lopes Lobatto seu Ouvidor Gèral, e a Rodrigo Gonçalves Caminha Védor da fazenda, a quaes entregou o Estado com a paz dos Principes vizinhos, assegurada sobre tantas victorias. Mandou vir a si o governo popular da Cidade, ao Vigario Gèral da India, ao Guardiaõ de S. Francisco, a Fr. Antonio de Casal, a S. Francisco Xavier, e aos officiaes da fazenda de ElRey, a quem fez esta falla.

108. Não terci, senhore, pejo de vos dizer, *Falla aos*
 ; que **o** Viso-Rey da Índia, faltào nesta doença as *do Confe-*
 commodidades, que achá nos hospitaes o mais po- *bre.*
 , hum soldado. Vim a servir, não vim a commerciar ao
 , Oriente; a vós mesmos quiz empenhar os ossos de
 , meu filho, empenhei os cabellos da barba, por-
 , que para vos assegurar, não tinha outras tapeçarias,
 , nem baixellas. Hoje não heuve nesta casa dinhei-
 , ro, com que se me comprasse hum galinha; por-
 , que nas armadas que fiz, primeiro comião os sol-
 , dados os salarios do Governador, que os soldos
 , de seu Rey; e não he de espantar, que esteja pobre
 , hum pay de tantos filhos. Peçovos, que em quanto
 , durar esta doença, me ordeneis da fazenda Real
 , huma honesta despesa, e pessoa por vós determina-
 , da, que com modesta taixa me alimente.

E logo pedindo hum Missal, fez juramento sobre
 os Evangelhos, que até **a** hora presente não era de *Juramento*
 vedor à fazenda Real de hum só cruzado, nem ha- *que toma.*
 via recebido cousa alguma de Christão, Judeo,
 Mouro, ou Gentio; nem para a authoridade do car-
 go, ou da pessoa tinha outras alfayas, que as que de
 Portugal trouxera; e que ainda a prata, que no Rey-
 no fizera, havia já gastado, nem tivera já mais possi-
 bilidade para comprar outra colcha, que a que **a**
 cama viaõ, só a seu filho D. Alvaro fizera huma es-
 pada guarnecida de algumas pedras de pouca estima,
 para passar ~~o~~ Reyno. Que disto lhes pedia mandas-
 sem fazer hum termo, para que se alguma hora se
 achasse outra cousa, ElRey como a perjuro ~~o~~ casti-
 gasse. Esta pratica se escreveo **em** livros da ~~Cidade~~
 qual se pudéra ler como instrucção, aos que lhe suc-
 cedêrão

cedêraõ; nos quies, e ficou ■ memoria mais viva, que o exemplo.

*Recolhe-se
como Padre
Xavier.*

103 Logo que o Rey entendeu, que era chamado a mais dura batalha, fugindo à importuna diversão de cuidados humanos, se recolheu com o Padre S. Francisco Xavier, buscando para tão árdua viagem tão seguro piloto; o qual lhe foi todo o tempo, que durou a doença, enfermeiro, intercessor, ■ mestre. Como não adquirio riquezas, de que dispor de novo, não fez outro testamento, que o que deixou no Reyno, quando passou a governar a India, em mãos do Bispo de Angra D. Rodrigo Pinheiro, com quem ■ tinha communicado. E recebidos os Sacramentos da Igreja, rendeu ■ Deos o espirito em seis de Junho de mil quinhentos quarenta e oito, aos quarenta e oito de sua idade, ■ quasi tres de governo daquelle Estado. As riquezas, q̃ grangeou na Asia, foram suas heroicas obras, que neste papel virão a ler os futuros com saudosa memoria. No seu escritorio se achãraõ tres tangas larins, hũas disciplinas, com sinaes de usar muito dellas, e a guedelha da barba, que havia empenhado. Mandou em S. Francisco de Goa depositar seu corpo, para que dalli se tresladassem os ossos à sua Capella de Sintra. Tratouse logo do funeral, não menos lastimoso, que solemne, merecendo de todo o Estado lagrymas illustres, ■ plebêas.

*Enterro, e
sentimento.*

*Vem seus
ossos ao
Reyno.*

104 Depois de alguns annos vieraõ seus ossos ao Reyno, que foram recebidos com reverente, ■ piedoso applauso, ultimo beneficio, que com suas cinzas não recebido a patria, ■ trazidos aos hombros de quatro netos seus ao Convento de S. Domingos de Lisboa, onde muitos dias se lhes fizeraõ sumptuosas exequias. Daqui foram segunda vez treslados ■

*Depositião
em S. Do-
mingos de
Lisboa.*

Con-

Convento de S. Domingos de Bemfica, onde (pois que em Capella alheia) estive, não alguns annos com tumulto decente, até que o Bispo Inquisidor Geral D. Francisco de Castro seu neto lhes fez capella, ■ scultura propria, na traça, na maneira, e na escultura de pois das Reaes, a nenhuma segunda; cuja relação não desagradará em beneficio da memoria do avó, e piedade do neto.

Treslada-se a Bemfica.

105. Dist. ■ Convento de S. Domingos de Bemfica dous mil passos da Cidade de Lisboa. Hum lugar vizinho lhe dá aquelle nome. Foi o sitio d'elle ■ propriedade dos Senhores Reys de Portugal; no qual por sua frelcura tinhaõ huma casa de campo, que frequentavão, já para diversão dos negocios, já para o exercicio da caça. El Rey D. João o primeiro vendo-se devedor ■ Deos de tantas victorias, entre outras acçoens de graças fez destes Paços doação ■ Ordem de S. Domingos, com terras, hortas, ■ pomares vizinhos, em vinte e dous de Mayo de mil trezentos noventa e nove, para se fundar este Convento, que não só teve os alicesses Reaes, senão os augmentos. Obrigou se o fundador (por provisão, que nos archivros do Convento se guarda) a amparar, e defender ■ couzas, e Religiosos d'elle; sollicito na causa de Deos, valeroso na sua. El Rey D. João o segundo lhe dotou huma grossa fazenda, que com nome da Quinta das Ilhas hoje possui a casa, sem lhe impor obrigação, que pudesse fazer menos grata, ou liberal a esmola. El Rey D. Manoel, ainda que repartido em cuidádos, ■ fabricas maiores, deixou nos sacrificios deste Templo religiosa memoria, ordenando, que se dissessem cada semana aos Anjos ■ Missas cantadas a favor dos navegantes; que em

era o Astrolabio de seus descobrimentos, e as forças das victorias Orientaes daquella idade. A Rainha Dona Catharina trahia esta casa como Capella sua, offerecendolhe de seu Oratorio Reliquias de reverencia, e preço; entre outras, em huma grande Cruz de prata hum pedaço do Santo Lenho, que sendo offerecido por mãos Reaes, calificação e certeza de tão superior donativo; accumulando os Senhores Reys nesta casa e beneficios temporaes os sagrados. ElRey D. Philippe o segundo lhe acrecentou os proprios com huma honesta esmola. Foi sempre dos mais observantes da Religião este Convento, que com nome de Recoleta não permite declinação, ou indulgencia do primeiro instituto. Nelle como em escola de virtudes se costumavão retirar os filhos mais benemeritos da Ordem; huns a fugir, outros a descansar das Prelasias, para vagar e Deos em ocio santo, e reformar o espirito.

106 Nesta casa por fundação, e disciplina illustre descansão as cinzas victoriosas de D. João de Castro, em huma Capella, e sepultura de religiosa grandeza. He esta da instituição de Corpus Christi, tem a porta principal no claustro do Convento, e sobre ella pendente hum escudo relevado das Armas do fundador; abraça e largo della quarenta palmos; tem mais de settenta o comprimento e proporção a que os Architectos chamaõ Dupla, e à obra, Dorica. He de huma só nave de pedraria brunida; e lageamento de pedras de cores tambem brunidas. Em torno a circunda interiormente hum composto, e proporcionado pedestal, sobre que se funda a harmonia da sua architectura. Tem seis arcos com pilares interpostos sobre bases, capiteis, e simalhas tambem em tor-

tornó, com seis luzes obradas com respeito á architectura. Tem hum retabolo e Sacrario (em que sempre está) ■ Santissimo Sacramto alumiado com duas lampadas de prata) de obra de talha com florocns, tudo dourado, ■ no alto hum painel da Cca do Senhor. Detras do altar, e retabolo há Coro dos Noviços, para cuja criação, e melhor serviço do Senhor, se lhes fez casa com vinte cellas, e mais officinas, que formão o corpo de hum Convento. O tecto da Cappella, depois de coroada com a simalha, he tambem de pedraria apainelado com artozoens, ■ molduras. Dos seis arcos, que a compoem, ficam os dous primeiros nos Presbyterios; ■ da parte do Evangelho está huma porta, que dá serventia para a tribuna, e aposentos do fundador; e ■ da parte da Epistola outra para o serviço da Sanchristia. Os outros quatro occupão quatro sumptuosas sepulturas, cujas urnas formão pedras de cores lustradas, que deiscanção às costas de elefantes de pedras negras.

107 No primeiro arco, que fica junto ■ do Presbyterio da parte do Evangelho, está a sepultura de D. João de Castro, onde antes de se fechar forão recolhidos seus ossos com o seguinte epitaphio.

, D. Joannes de Castro XX. pro Religione in utraque
que Mauritania stipendiis factis, navata strenue
opera Tunetano bello, Mari Rubro felicibus
armis penetrato; debellatis inter Euphratem,
■ Indum nationibus: Gedrosico Rege, Persis,
Turcis uno prælio fuis, servato Dio, imo
Reipub. reddito, dormit in magnum diem, non
sibi, sed Deo triumphator; publicis lachrymis
compositus, publico sumptu præ panper-

, tate funeratus. Obijt octavo id. Junij. Anno
 , M.D. XLVIII. ætate XLVIII.

Estão em ■ seguinte arco junto ■ este os ossos de Dona Leonor Coutinho sua mulher.

108 Da parte da Epistola em o arco, que respon-
 de ■ da sepultura de D. João de Castro, está ■ de
 D. Alvaro seu filho, em que do mesmo modo foraõ
 postos seus ossos, tem o epitaphio, que se segue.

■ D. Alvarus de Castro, magni Joannis Primo-
 , genitus, cui pene ab infantia discriminum So-
 , cius, pugnarum Præcursor, triumphorum
 , Confors, Æmulus fortitudinis, Hæres virtu-
 , tum, non opum: Regum prostrator, & resti-
 ■ tutor: in Sinai vertice Eques feliciter inaugu-
 , ratus: a Rege Sebastiano summis Regni au-
 , ctus honoribus; bis Romæ, semel Castellæ,
 ■ Galliæ, Sabaudia legatione perfunctus obijt
 ■ IV. Kalend. Septemb. ■■■■■ M.D. LXXV. æta-
 , tis suæ L.

E logo no outro arco junto a este está Dona Anna de Attayde sua mulher. No vão desta Capella se fez hum carneiro com seis arcos de pedraria, em hum dos quaes há altar para se dizer Missa; ■ os mais tem repartimentos para ossos, e corpos dos defun-
 tos.

109 Deitou ■ Bispo Inquisidor Géral, fundador desta Capella, ao Convento de Bemfica, para sustento dos Religiosos, que haõ de assistir às obriga-
 ções della, duzentos ■ quarenta mil reis de juro em cada anno, situados ■■ rendas da Camera des-
 ta

ta Cidade de Lisboa, repartidos pela ordem seguinte. Cento e vinte mil reis, por tres Missas quotidianas. Cincoenta (anticipada esmola) pelos anniverfarios, que ha de ordenar em feu testamento. Quarenta para a fabrica e provimento da Capella. Trinta, para se poder acudir às necessidades dos Religiosos, que naquella Noviciado residem, para a custodia, e limpeza da Capella. Alem do que a ornou de muitas peças ricas, e devotas; e Sanchristia della de todo o necessario ao culto divino; assi ornamentos para as festas, como para os dias ordinarios; roupa, castiças, tocheiras, lampadas, ciriaes, e mais cousas semelhantes; tudo em abundancia, e perfeição.

110 Dom João de Castro tão claro pelo sangue, como pelas virtudes, nasceu em Lisboa a vinte e sette de Fevereiro de mil e quinhentos; foi filho segundo de D. Alvaro de Castro, Governador da Casa do Civel, e de Dona Leonor de Noronha, filha de D. João de Almeyda segundo Conde de Abrantes, neto de D. Garcia de Castro, que foi irmão de D. Alvaro de Castro, primeiro Conde de Montanto, filhos de D. Fernando de Castro, netos de D. Pedro de Castro, e Bisnetos de D. Alvaro Pires de Castro Conde de Arrayolos, e primeiro Condestable de Portugal, irmão da Rainha Dona Ines de Castro, que foi mulher de ElRey D. Pedro o Cruel. Era este Condestable filho de D. Pedro Fernandes de Castro, a quem chamaraõ Castella, da guerra, que vindo este Reyno principiou nelle illustre Casa dos Castros, que em tanta grandeza se tem conservado. O qual D. Pedro e por baronía descendente do Infante D. Fernando, neto

Ascenden-
cia de D.
João de
Castro.

lho.

lho de ElRey D. Garcia de Navarra, casado com D. Maria Alvares de Castro, filha unica do Conde Alvaro Fanhez Minaya, quinta neta de Lain Calvo, de quem diriva sua origem esta familia. Sendo moço casou D. João de Castro com Dona Leonor Coutinho sua prima segunda, maior na qualidade, que no dote; e qual retirado na Villa de Almada, fogio com anticipada velhice às ambiçoens da Corte. Passou a servir a Tanger, aonde deu de seu valor as primeiras, mas não vulgares provas, bem que destas alcançamos mais fama, que noticia. Tornou à Corte, chamado por ElRey D. João o terceiro, e como já seus brios não cabião no Reyno, passou à India com D. Garcia de Noronha. Acompanhou a D. Estevão da Gama na jornada do Estreito do mar roxo, e fez desta viagem hum roteiro, obra util, e grata aos navegantes. Tornando a Portugal se retirou à sua quinta de Sintra, descançando na lição dos livros, sempre exemplar no ocio, e na occupação. Outra vez cingio espada para seguir as bandeiras do Emperador Carlos na jornada de Tunez, onde o seu nome ajuntou gloria nova. Acabada esta empreza se recolheo a Sintra, escondendo-se a sua propria fama; soube fogir dos cargos, não pode livrar-se. ElRey Dom João o chamou para General das armadas da costa, serviço, em que a seu valor respondérao os successos. Passou ultimamente a governar a India, onde com as victorias, que havemos referido, assegurou, e reputou o Estado. Nas horas, que lhe perdoavao os cuidados da guerra, descreveo em um pequeno tratado toda a costa, que jaz entre Goa, e Dio, finalando os baixos, e recifes, a altura

tura da elevação do Polo , em que estão as Cidades , restingas , angras , e enceadas , que formão os portos ; ■ monções dos ventos , ■ condições dos mares ; a força das correntes , o impetu dos rios : arrumando ■ linhas em taboas diferentes ; tudo com tão miuda , ■ acertada Geographia , que o podéra esta só obra fazer conhecido , se já ■ não fora tanto pelo valor militar. Com igual semblante o viraõ ■ incommodidades da patria , e as prosperidades do Oriente , parecendo sempre ■ meímo homem ■■ diversas fortunas. Fez brio de merecer tudo , e de não pedir nada. Fazia razão , e justiça ■ todos igualmente , sendo nos castigos inteiro, mas tão justificado , que mais se podiaõ queixar da ley, que do ministro. Era com ■ soldados liberal , e com os filhos parco , mostrando mais humanidade no officio , que ■■ natureza. Tratava com grande respeito as acçoens de seus antecessores , honrando até aquellas de que se apartava. Sem estragar ■ cortizia conservou o respeito. Dos grandes parecia superior , dos pequenos pay ; vivia de maneira , que emendava as culpas com ■ exemplo , mais que com ■ castigo. Sempre zelou a causa de Deos , primeiro que a do Estado: nenhuma virtude deixou sem premio ; alguns vicios deixava sem castigo , melhorando assim muitos , huns com o beneficio , outros com ■ clemencia. Os donativos , que recebia dos Principes da Asia , mandava carregar na fazenda Real , virtude , que louváraõ todos , imitáraõ poucos. Os soldados enfermos achavaõ nelle lastima , ■ remedio ; ■ todos obrigava , ■ parecia devedor de todos. Evitou (como ruína do Estado) chatinar ■ soldados ; nenhuma facção empredeu , que

que não conseguisse, sendo nas execuções promptissimo, maduro nos conselhos. Entre occupaçoens de soldado conservou virtudes de Religioso; era frequente em visitar os Templos, grande honrador dos ministros da Igreja, compassivo, liberal com os pobres; devotissimo da Cruz, cujo sinal adorava com inclinação profunda sem differença de lugar, ou tempo. E tão religiosamente ardia no culto deste sinal sanctissimo, que quiz mais lavrar templo a sua memoria, que fundar casa a sua posteridade, deixando como em piedosa benção seu filho D. Alvaro, que se na graça, ou justiça dos Reys achasse alguma gratidão de seus serviços, do premio delles edificasse na serra de Sintra hum Convento de Recoletos Franciscanos, advertindo, que com invocação da Cruz se titulasse a casa. D. Alvaro de Castro, que das virtudes de tão piedoso pay foi legitimo herdeiro, ordenou a fabrica do Convento menos grande pela magestade do edificio, que pela santidade dos varoens penitentes, que a habitão. Sendo a primeira vez mandado pelo ~~Senhor~~ Rey D. Sebastião com embaixada ao Papa Pio IV. impetrou delle privilegiar o Altar do dito Convento para todas as Missas, e para o dia da Invenção da Cruz indulgencia plenaria a todos, que rogassem pelas necessidades maiores da Igreja; e advertidamente pola alma de D. João de Castro: graça tão singular, e nova, que a não vimos concedida a Principes soberanos. Parece que andava em Italia tão viva a fama de suas vitorias, como de suas virtudes, qualificadas com tão illustre testemunho do Vigario de Christo. Por estas, e outras virtudes cremos, terá alcançado no Ceo melhores

lhores palmas com mais alto triumpho. Teve tres filhos, que todos como benção do pay seguirão ■ perigos da guerra. D. Miguel o mais moço, que nos dias de ElRey D. Sebastião passou à India, ■ falleceo Capitaõ de Malaca. D. Fernando, que falleceo abrafado na mina do baluarte de Dio. D. Alvaro, com quem parece que partio ■ palmas, ■ as victorias, filho, ■ companheiro de sua fama; o qual tornando ao Reyno, sem outras riquezas, que ■ feridas, que recebeu na guerra, casou com Dona Anna de Atayde filha de D. Luis de Castro, senhor da casa de Monsanto. Foi a ElRey D. Sebastião particular accito, e andolhe os maiores negocios, e lugares do Reyno; fez diversas embaxadas, ■ Castella, França, Roma, e Saboya. Foi do Conselho do Estado, e unico Veado da fazenda; e entre cargos tão grandes, acabando valido, morreo pobre.

C A R T A
 FIELMENTE TRESLADADA, QUE ESCREVEO
 S. FRANCISCO XAVIER
 AO PADRE
 IGNACIO MARTIN S
 Da Companhia de JESU,

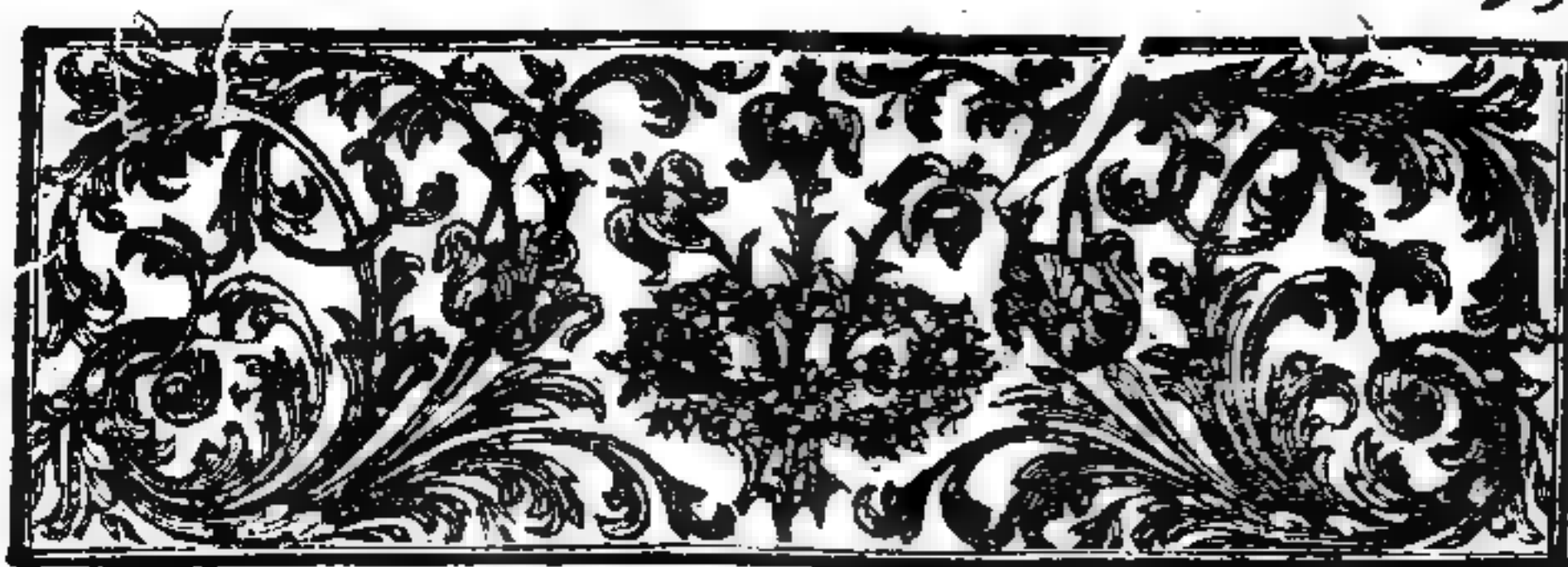
Em que lhe dá conta da morte do Viso-Rey
DOM JOAM DE CASTRO,
*A qual Carta se conserva original no Cartorio
 da Serenissima Casa de Borgança.*

E L Santissimo Nombre de Jesu sea siempre alaba-
do, para q̃ le amemos, y sirbamos, como el me-
rece. Amen. Es la general tan larga, que en ella dixo
todo, pero muy quedò por dizir; la impensada mu-
erte del Virey D. Juan de Castro dexò deshauiado a
todos estes pueblos, y cierto perdiò S. A. en el el me-
jor bassallo, que podia desearse, y aun si no siente
su muerte que piense fue fueñ, la Compania mas que
todo, que si en su vida fue espejo de la birtud, y del
valor, en su muerte fue verguença a los Ecclesiastes,
y assombro a los seglares; a los Ecclesiastes porque su
muerte no parecia si nõ de angel, si dizir se puede, y
a los seglares porque exo la baliza de la cudicia mas
darraya dexando en el desprezio de los bienes profa-
nos una memoria, de que puede lhebantarle estatua,
estimando en tanto la pobreza, que para la co-
mida de su dolencia pedio prestado, que con tan lim-
pias manos de la hazienda real, que al pũto de mo-
rirle diò testimonio jurado, que por la cuenta, que
, tenia

, temia que dar a su Creador, nada ni valor de un
, Xarafin era deudor ; dio el Espirito al Senhor con
, tantas muestras de justo, que en mi estimacion boidò
, al Cielo, y si nò, no sé que seré yo. Solamente tubo
■ el renombre de Virey treze dias, es loque se metio
, de la llegada de la flota al de su obito : queda gover-
, nando Garcide Saa, pero las cosas del Oriente se
, allan assàs turbiadas, y pienso que el gobierno ade-
■ lantarà la muerte al Governador, porque aun que
, tiene buena disposicion, y juizio bueno habla ver-
, dad, el refran que dize no ay pocos aunq malos, ni
■ muxos buenos, el Sá tiene hartos, y poca salud, es
, caluroso en la oblacion, y los malos aficionados le
, pican en lo que no debieran de que há pesadumbre,
, que allá vá siendo pollilla que gasta. El Señor coma
, ponga todo en bien, y se acuerde de su Iglesia para
, ser servido, y amado como el merece. De Goa
, xxviii. de Octubre de mdxlviii.

Siervo nel nombre de Jesu.

Francisco de Xavier.



RESPONDE
 JOAÕ PINTO RIBEIRO
 A HUMA CARTA
 DO
 D. SIMAÕ TORRESAÕ COELHO
 Amigo seu.
 SOBRE O
ELOGIO
 DO MUY VALEOSO, E DE RARAS
virtudes
 DOM JOAÕ DE CASTRO
 Illustrissimo Governador, e Viso-Rey da India.



*UT bem sabe vossa mercè quam faccis
 são em faltar com agradecimentos os
 homens, a que nunca faltão queixas.
 Mas não sey se reparou V. M. na razão
 natural, que eu aqui considero; que
 sem melindres, merece lugar entre os preceitos do
 Estoyco Cordovez. Agradecimentos respeitão gostos,
 que*

que durando pouco, fogem ~~mas~~ elles lembranças da causa do agradecimento. Queixas que respeitão desgostos, sempre de vida mais larga, durão quanto a causa de que procedem. Olhe V. M. ■ força da necessidade! Ella ~~me~~ abriu esta vereda, com que salvo culpas de todos, por ~~me~~ salvar ■ mim de desgraçado. Que nos tempos de agora ninguém zela o bem commum, alheyo de interesse proprio.

Li este Elogio, obra de V. M. huma, e muitas vezes, mas aconteceu-me com elle ■ que aos golosos, que ~~me~~ falta da iguaria levão ■ castigo do primeiro, deleite. Já V. M. vê ■ razão de minha queixa. Injusto fora eu senão sentira ver reprimida em tanta brevidade a excellencia do engenho de V. M. e a grandeza do mayor sogeito. Pois ainda minhas queixas não paraõ aqui. Os papeis são como os passaros, que amaõ os ninhos, em quanto não crecem, e temome que este por pequeno tome por desculpa de não sair a publico, sua brevidade, e ame, como outros, natural inclinação de V. M. ■ quietação de huma gaveta.

Os esmaltes não acrescentaõ quilates ao ouro, nem este valor à fineza do diamante, à graça da esmeralda, à alegria do rubi, ~~me~~ deleite da safira. Essas crecenças pretendem negar desculpas ■ tanta brevidade, certas de que se derem ornato, não podem subir de preço as virtudes naturaes desta pedra. Mando-as seguro, não no credito de nossa amizade, que lhe podia dar confianças, mas ~~me~~ ficar certo, que são da condição, que os episodios poeticos, que se podem separar sem offensa do sogeito, al-
~~me~~ da poesia, se a V. M. ainda lhe parecer, que não merecem lançadas ~~em~~ corpo morto, para que
viva

viva o elogio, que lhes dà alma, e lhes infunde vida, e espiritos. Alguma desculpa hey de dar ■ esta brevidade, mas porque V. M. teve a pena de meu sentimento, ■ dilato.

DISCURSO.

O feitos gloriosos de varoens illustres são as leys mais apertadas, e os mais apurados regimentos, que se podem dar a animos altivos, ■ generosos, ■ que amão honra, e gloria. Que por juizo de Seneca aquelles são ■ treflados, porque se aprendem virtuosos procedimentos : *Nati sunt in exemplar.* Isto sentio Clemente Alexandrino na sua tapeçaria. Falla elle de Noe, Abram, Moyles, ■ outros varoens de nome : *quorum actiones sunt nobis pro legibus.* Nem quer Nazianzeno que Basilio seja senão regra de bem viver. *Non enim verebor eum dicere virtutis legem omnibus fuisse.* E estas leys tem grande força por serem vivas. Que isso chama Bernardo à Malachias Bispo de Hibernia : *vita tua lex vite, & disciplinae.* Leys escritas forçao vontades, não obrigaõ, porque as guardamos por medo. Exemplos illustres obrigaõ suavemente, e não forçao com rigores. Das leys disse Seneca : *quid aliud quam minus mixta præcepta.* A razão he, porque como a enveja he natural ■■ animos dos homens, e esta se reparta em duas especies; huma muy perigosa, e abatida, e como tal indigna de gente de juizo, ■ entendimento : inclinados estes a outra parte da boa enveja, ■ que chamaõ emulação, que he ■ fogo, em que ■■ virtudes se acrisolaõ, e apuraõ : vendo taõ cheyos de gloria aquelles varoens illustres, a que se ■■

de prov. cap. 6.

Stromat. l. 2. c. 8.

Orat. 10.

Serm. Malach. lach.

Epis. 49.

seus feitos ■ fôberão grangear, incitaõ se, e ani-
maõ-le aos seguir, e imitar, ganhando tambem glo-
ria para si, e formando exemplo para os outros. He
Soneto 86. isto quanto neste verso fechou ■ mesmo poeta, fal-
lando com hum Heroe destes.

A vós encheis de gloria, a nós de exemplo.

A esta conta animava Jafão ■ seus ■ Valerio Flac-
co:
lib. 1.

Ite viri mecum, dubiisque evincite rebus,

Quæ meminisse juvet, nostrisq̃ nepotibus instent.

Que não são ■ que poderosos brados, feitos glo-
riosos, que estão sempre toando nos animos virtuo-
sos, e excellentes, isto do mesmo Valerio.

Tendite in astra viri

Estes brados, que Hercules, e Achilles deraõ ■ ani-
moso Alexandre, lhe ganharaõ ■ tão breves dias o
sobrenome de Magno, e o fizerão hum dos Monar-
chas do Mundo. E ■ de Alexandre forão tão podero-
sos nos de Julio Cesar, que vendo no templo de Her-
cules em Cadiz huma imagem sua, não pode reter as
lagrymas, e senhorear os soluços; considerando que
não tinha feito cousa digna de memoria naquella ida-
de, em que o valeroso Alexandre tinha fogueitado a
mayor parte do Mundo. *Animadversa apud Hercu-
lis Templum Magni Alexandri imagine, ingemuit,
& quasi pertæsus ignaviam suam, quod nihil dum æ
se memorabile actum esset in ætate, qua jam Alexan-
der orbem terrarum subegisset.* Escreve Suetonio ■

cap. 7.

lib. 37.

controvers.

31.

vida daquelle Emperador, ■ Dion Cassio. E aquelle
valeroso mancebo, que Seneca ■ huma controversia
■ representa em contenda com seu pay sobre hum
excesso, ■ reputação do valor, isso dá por desculpa de
sua fortaleza, ensinaremno ■ obrar façanhas as lem-
branças

branças de Horacio Cocles, Mucio Scevola, e Decio. *Parvi adolescens* (diz elle) *magis exemplis deceptus sum, dum cogito mecum Horatium Etruscas acies corpore suo summoventem, & Mutium in hostilia arma ruentem. & dum te, Deci, cogito, qui & ipse noluiſti patri cedere.* Os Scytas com grande cuidado punhão em memoria feitos gloriosos, a cuja imitação ■ moços criassê iguaes pensamentos, e se animassem a obrar virtuosamente: e para que lhes fossem mais presentes, entalhavão suas memorias ■■ columnas de bronze, em que ficassem mais seguras do esquecimento: ■■ maiores nostri reposuerunt in templo Orestis: ac leges statuerūt, ut ■■ columna prima esset institutio, disciplinaque liberis suis, si meminissent, quæ in illa essent adscripta. Elcreve Luciano no Taxaris, ou de Amicitia. Porém não he muito achar o valor humano tanta força ■■ exemplos, quando ■ mesmo Deos com hum quiz inculcar sua ley àquelles, que a desobedeciaõ. Essa foy a razão, porque deu o exemplo de Job ■■ mundo., considera S. Gregorio Magno na prefacão dos seus Moraes, querendo que à sua vista ■■ envergonhassemos, e confundissemos, vendo tão obediente a Deos hum homem, que estava fóra da ley, no meyo da gentilidade, quando os que professavão essa ley, lhe não guardavão o respeito devido, e assim acabasse o exemplo o que não acabavaõ preceitos: *Et quia præceptis obedire contempſimus, exemplis confunderemur.*

Esta tenção tiverão os historiadores graves, que elcreveraõ vidas de Principes, ■ Varoens excellentes, querendo aproveitar suas patrias, deixandolhe exemplos, ■ modellos, por onde cortassem suas obras os espiritos altivos. Tal considero ■■ de vossa merce

nesto elogio do excellentissimo Capitão D. João de Castro, gloriosissimo triunfador; e neste amor da patria se podem tambem acreditar estes meus discursos. Mas tardo já com ■ mayor exemplo.

E L O G I O.

De D. João de Castro, Governador, e Viso-Rey das Indias Orientaes.

N Aceo D. João de Castro na Cidade de Lisboa no anno de 1500. Seu pay se chamou D. Alvaro de Castro Governador da casa do Civel, assentada hoje na Cidade do Porto, e descendente por baronia da Illustriissima familia dos Castros: que teve por ascendentes D. Pedro Fernandes de Castro, a que chamá-raõ em Castella, el de la guerra; & D. Alvaro Pires de Castro Conde de Arrayolos, & primeiro Condestable deste Reyno: sua mãy foy Dona Leonor de Noronha, filha de D. João de Almeida Conde de Abrantes.

D I S C U R S O.

N Aceo. Considera v. m. ■ com razão, no primeiro lugar deste elogio ■ nobreza de Dom João, continuada desde muy atraz, em descendencia de sangue, e repetição de cargos, e honras maiores; e porque em tudo ficasse igual, se lhe ajuntou a dapatria, tendo por sua ■ Lisboa cabeça do Reino, não menor consideração entre ■ grãos da nobreza. Convem ella muito ■ quem ha de mandar, e governar, porque ■ homens com maior vontade obede-

obedecem a ministros nobres , qu' aos de baixa geração ; ainda por aquella natur' inclinação de le-
 não verem fogeitos , que tem mais efficacia contra
 os de inferior estado. Não passou por alto este afo-
 rismo de bom governo ■ Seneca de beneficiis. *In lib. 4. cap.*
petendis honoribus quosdam turpissimos nobilitas 30.
industriis , set novis prætulit. Tanto ■ houveraõ
 naquella occasião por fundamento de grandes car-
 gos. Não approvo ■ a eleição da nobreza viciosa ,
 pois os vicios são ■ maior baixeza , e humildade
 do homem : ■ parece que se considerou naquel-
 le tempo serem tão proprias , e hereditarias da no-
 breza occupaçoens maiores , que huma vez encar-
 regados dellas (e não lhe faltavaõ exemplos) ve-
 riaõ verdadeiro isto de Claudiano no Consulado de
 Probino , e Olibrio.

Et prolem fata sequuntur.

Que no voto de Jeronymo Santo , nobres per ne-
 cessidade seguem virtudes de avòs. *Nobiles quadam*
necessitate constringuntur , ■ ab antiquorum pro-
bitate degenerent. O mesmo disse , mas diferente
 nas palavras , Boccio : *Ut imposita quadam neces-* lib. 3. *prosa.*
sitas nobilibus sit , ne degenerent à virtute suorum 6.
maiorum. Daqui vem serem tão lampans , e anteci-
 padas as acçoens virtuosas ■ bem nacidos , que
 Hercules no berço mata serpentes em prova de ser
 filho de Jupiter. Claudiano de laudibus Herculis.

Tardo vix editus ortu

Fecisti de patre fidem.

Ast que per obras mostra quem he :

Animesque superbos

De genitore tenes.

Davaõlhe brios , e confianças a qualidade do sangue

Tt ij

para

para honrar valores. Essa obrigação poem Gedeão ■ Jether filho moigado: leva-o consigo à guerra, ainda tão criança, que entregando-lhe o pay Reys presos, para lhos matar: *Surge, & interfice eos*. Judic. 8. ■ moço não oufa: *Timebat enim, quia puer adhuc erat*. E porque lhe manda o pay remeter a esses Reys? Abulense dá por razão. *Quia volebat illi auferre timorem Regum gentilium*; ■ hum feito nobre dá novos brios para não temer dificuldades. Houve Gedeão, que tinha Jether obrigação de se mostrar valente já naquella idade, por filho de quem era: que essas obrigações poem ■ nobreza; razão, porque lhe são devidos os cargos de maior honra, e credito. A esta conta contou Plinio no panegyrico a Trajano por parte, e condição de bom Principe deferir à nobreza. *Siquid unquam stirpis antique; si quid residua claritatis, hoc amplectitur, & refouet, & in usum reipublicae promittunt in honore hominum, & honore famae magna nomina ex tenebris oblivionis indulgentia Caesaris: cujus est ut nobiles conservet, & efficiat*. Que na republica aonde os nobres, ■ virtuosos medrao pouco

Intereunt segetes, subit aspera sylva;
Georg. 1. *Lappaque tribulique interque nitentia culta*
Influx lolium, & steriles dominantur avenae.
Falta o respeito ■ maiores, ■ com respeito o bom successo das cousas. Porque como he parte da nobreza ■ cortezia, e bom tratamento, com que povos, e soldados se obrigaõ, ■ empenhaõ ■ bem obrar: *Quo obsecro nobilitas ipsa, nisi morum benignitas adsit, & humanitas?* Dizia Eliano | que he quanto confirma Lipsio nos avisos politicos, achan-

lib. 5.

cap. 16.

achando que dellementem sua nobreza os que ao contrário procedem. Assim também são parte desta nobreza ■ grandezas dos cargos , ■ bons successos nelles. Sentio-o ■ ver Claudiano , fallando desta maneira ■ 3. consulado de Honorio.

*Ardua privatos nescit fortuna penates ,
Et regimen cum luce dedit.*

Per huma , e outra via era a nobreza de Dom João o primeiro penhor de seus procedimentos , ■ felicidades. Lá disse Felippe ■ senado em Salustio: *Adest novus exercitus , & adhuc colonia veterum militum , nobilitas omnis , duces optimi , fortuna meliores sequitur.* Nobreza , e prudencia de Capitão são os requebros da fortuna ; e assim com razão se inculca a nobreza de Dom João , sobre que assentão todas suas partes boas , e o certo de suas cleygoens.

E L O G I O.

O Cupou Dom João de Castro os seus primeiros annos ■ estudo das letras humanas , ■ que foi doutissimo : e teve por mestre nas Mathematicas , que soube com felicidade , o doutor Pedro Nunes , a que por insigne ■ sua profissão honrou seu discipulo ■ infante Dom Luis. Que nos Principes não acrecenta magestade ■ ignorancia , ■ erradamente se persuadio Luis XI. de França ; ■ as sciencias obrigão ■ veneração , ■ qualificação aquella superioridade , que sobre os outros homens a natureza communicou aos grandes. A conformidade dos estudos , e mais que ella o valor de Dom João,

João, merecerá ■ amor do infante, que grande
arbitro dos talentos, sabia avaliar ■ muito os
que por suas virtudes se fazião dignos de estima-
ção.

DISCURSO.

NO estudo. Não he de menor momento a pri-
meira occupação dos estudos para ■ perfeição
de hum Capitaõ famoso. Ao menos ElRey Theo-
dorico dizia em Cassiodoro, que eraõ os estudos a
lib. 5. epist. 21. *base* de todas ■ virtudes. *Sed omnium crederis in-
telligentiam habere virtutum, qui exerceri me-
ruisti militia literarum.* Deste acordo estava Dom
Affonso Principe de Napoles, tomando por empre-
za hum livro aberto, porque dizia elle: *male se
omnium regnorum jaçturam facere, quam mini-
mam doctrinæ*: escreve Lipsio nos avilos politicos.
Na mesma ara juntavaõ Gregos, Hercules, ■ Mer-
curio, affirma Pausanias; porque letras ajudaõ mui-
to a valentes de fama. A estas divindades sacrifica-
va o Emperador Graciano, de quem aponta Au-
fonio.

Et Geticum moderatur Apolline Martem.

Valeroso, certamente, foi Julio Agricola, de quem
em sua vida nos afirma seu genro Cornelio Tacito,
dar-se ■ estudos em seus primeiros annos com tan-
to excesso, que passara o modo, se lho não refrearaõ,
■ assentando ■ a razão, ■ com a idade, foi-lhe
depois de grande aproveitamento: *Mox mitigavit
ratio, & ætas: retinuitque quod est difficillimum
ex sapientia modum.* E de Helvidio Pritco nos dei-
xou escrito o mesmo Autor: *Ingenium illustre al-
tioribus*

tioribus studiis juvenis admodum dedit. Porém o *bist. l. 4.* emprego, que nesses estudos fez, foy para aproveitar ■ republica, como Dom João, e não para o tomarem por capa de occupação ■ dados ■ huma poltronaria ■ ociosidade inutil. *Non ut plerique* (continua) *ut nomine magnifico segne otium velaret, sed quò firmior adversus fortuita rempublicam capefferet: doctiores sapientia secutus est, qui sola bona quæ honesta, mali tantum quæ turpia: potentiam, nobilitatem, cæteraque extra animum neque bonis, neque malis annumerant.* Gosto muito de trazer este lugar por ver quam bem Dom João praticou aquelles estudos em huma philosophia Christã, esquecido de tudo ■ mais, que não era ■ consideração de sua alma, ■ de seu officio. Que ■ almas seguem muito as balizas, ■ esteiros dos officios. E todas ■ manhas, e condiçoens de hum alto espirito se aperfeiçoão, ■ fazem lustrosas com ■ estudo. Com elle: *Quidquid animo, quid-* *l. 8. c. 7.* *quid manu, quidquid lingua admirabile est, ad cumulum laudis perducitur.* Affirma Valerio Maximo, que neste ensejo nos emprestava bons exemplos, mas he ■ materia tão tratada de João de Torres em sua Filosofia moral, de Bobadilha em sua Po- *lib. 6.* litica, de Lipsio no lugar acima, e de que eu já *lib. 1. c. 10.* disse noutra parte alguma couza, que contente com advirtir, que ■ ninguém ■ ignorancia foy proveitosa, passo a fallar das Mathematicas, em que Dom João valeo tanto.

Mathematicas. Mapheo aponta, que por esta ar- *lib. 13.* te se acreditara Dom João com o infante Dom Luis, porque louvandolhe Pedro Nunes o discipulo: *Ab ipsa commendatione in Ludovici principis amicitiam*

tiam pervenit, ■ ajunta o muito que aproveitara na sciencia Dom João. Quanto ellas convenhão para a guerra, mostraõ Torres ■ Filosofia moral, ■
 l. 6. c. 6. Lipsio no cap. citadõ. Tocara-o primeiro Onofandro ■ seu Strategico capit. 39. bem illustrado per Chokier com a authoridade de Polybio. Nessas artes ■ destro Manlio Theodoro :-entre essas mathematicas o acha a justiça.

Invenit æthereos signantem pulvere cursus

Quos pia sollicito deprendit pollice Memphis.

Canta delle Claudiano. Alguem tempo dava o Emperador Carlos V. ■ essas artes, por lhe servirem pa-

l. 1. c. 5. ■ guerra, escreve Ribadencira de Borgia, ■ por esse fim as ouvio tambem aquelle Duque de Gandia.

l. 1. c. 10. Hum Pericles destro ■ artes bellica, ■ Mathematica nos dá Lipsio, verdadeiro retrato de D. João, igualmente excellente em huma, e outra arte. Mas foi Portugal mais venturoso com elle na militar, que praticou em tanta gloria deste Reino, que na Mathematica, de que não gosamos, por senão dar ■ impressão hum douto Roteiro, que deixou escrito, ■ outras cousas.

Pedro Nunes. Era elle Lente de Astrologia ■ Universidade de Coimbra, ■ hum dos mais insignes de Espanha, como diz Monçon ■ Espejo del Principe Christ. cap. 27. aonde lhe dà por discipulos os Infantes D. Luis, ■ D. Henrique doutos nesta sciencia.

l. 1. c. 10. *Luis.* A que por esta barbaria censura Justo Lipsio nas notas politicas, aonde taxa os de semelhan- ■ opiniaõ, ■ brevemente regula os limites da sciencia dos Principes.

A conformidade. A conformidade de estudos, e incli-

guindo-o tão poucas vezes das mãos dos mesmos
Reys, ■ que servirão.

D I S C U R S O.

O *Brigado*. Por indício de grandes procedimentos
na milicia conta Cornelio Tacito ■ estima,
que Suetonio Paullino, General então das guerras de
Inglaterra, fez de Agricola nos seus primeiros princi-
pios da soldadesca: *Prima castrorum rudimenta in
Britannia Suetonio Paullino diligenti, ac moderato
duci approbavit, electus, quem cōtubernio aestimaret.*
Igualou ■ D. João nesta felicidade de ser reputado de
hum Capitão tão excellente, como D. Duarte de Me-
nezes. Mas eu conto por grande felicidade dos tem-
pos poderem, e saberẽ ministros mayores inculcar so-
geitos. Não o permittia a miseria dos tépos de Agri-
cola, ■ quaes a gloria militar, e fama della ■ tão
perigosa, como ■ dos vicios: *ingrata temporibus, con-
tinua Tacito, quibus sinistra erga eminentes inter-
pretatio, nec minus periculum ex magna fama, quam
ex mala.* Ley ha neste Reyno, que encarrega à minist-
tros mayores apadrinhar talentos. E os que achar que lib. 1. t. 1.
vivem bem, e fazem seus officios como devem, diz a §. 45.
Ordenação: louvallos-ha entre os outros, e nolo fa-
rà saber para receber de nós a honra, o favor, ■ mer-
ce que merecer. Ley que igualmente tem lugar ■
todos os estados, e exercicios, ■ que de se não guar- act. 3. in
dar, vem ■ dar a mão ■ lastimoso sentimento do choro,
Tragico no Hippolyto.

Tristis virtus perversa tulit

Pramia recti.

No applauso. A virtude he ■ incitamento de si mes- lib. 3. c. 36.

mo. He isto quanto nos mostrou Seneca dizendo de beneficijs : *Natura enim gloriosa est virtus , & anteire priores cupit*; e não quer mais premio que suas mesmas acçoens: em tanto que até esse aplauso popular despreza. Com muita magestade nolo representou Claudiano no Consolado de Manlio Theodoro:

*Ipsa quidem virtus pretium sibi, solaque, latè
Fortunæ secura nitet, nec fascibus ullis
Erigitur, plausuve petit clarescere vulgi;
Nil opis externæ cupiens, nil indiga laudis
Divitijs animosa suis, immotaque cunctis
Casibus, ex alta mortalia despicit arce.*

Porem o premio , e contentamento de si mesmo , de que essa virtude se paga , he o exemplo com que alumea, e aproveita aos outros: *Vir enim civilis, et cre-*
■ Plutarco, *de sua ipsius laude, gloriæ iam, non ut mercedem, aut solatium appetit, amatque actionibus astantem: sed quod fidei, & bonitatis opinio de se apud alios plurimum, ac præstantiorum actionum præbeat occasiones.* Ama hum-varaõ singular as acçoens virtuosas, e quer que humas lhe sirvaõ de motivo, e incitamento para outras; ■ este he o premio, que tira do aplauso publico. O que Plutarco concebeu ■ seu conceito, pos perfeitamente em pratica D. Joaõ, e assi obrara sem aquelle pequeno premio da cõmenda de quinhentos cruzados. *Est enim invicti animi signum, famæ diligere commodum, & lucra potius odisse causarum*, no voto de Cassiodoro. Amava D. Joaõ a grande utilidade, que de sua fama lhe resultava, que lhe dava ■ maõ ■ novo emprego de virtudes generosas, ■ assi havia de aborrecer qualquer outro interesse, que não fosse este. *Nunquid quæ consecravimus*

lib. 1. epist.
4.

lib. 7. c. 26. *perdidisse nos dicimus?* diz Seneca de beneficijs. O
que

que se confagra no templo da fama, nunca se perde, antes he premio de mayor valor, e estima.

ELOGIO.

C Apitão de hum navio se achou D. João na jornada de Tunes com o Infante D. Luis, e nos perigos daquela guerra companheiro aos de mayor valor; que nas occasioens de ganhar honra estimou sempre D. João ~~■~~ menos a vida, que as obrigaçoens de seu sangue. Fez ~~■~~ Emperador merces aos Capitaens Portuguezes, e D. João sem faltar no respeito devido à Magestade do Cezar, não quiz aceitar as suas, dandolhe por descarga, que não era justo recebela dobradas, e que ~~se esperava de El Rey de Portugal~~ e quem servia.

DISCURSO.

E M menos a vida. Polo que com razão chamou ~~■~~ poeta ao valor espediçador da vida:

Et vita prodiga virtus.

lib. 8.

Stacio na Thebayda; ~~■~~ que responde o do meu Poeta,

Que estes são os remedios verdadeiros,

eleb. 3.

Que para ~~■~~ vida estão aparelhados.

Aos que a querem ter por cavalleiros;

Aonde dilcorro largo neste pensamento. Trazia D. João ~~■~~ memoria para assi obrar isto de Stacio na Thebayda.

Hac me jubet ardua virtus Ire.

lib.

Que hum animo generolo tudo atropella, quando deidiz da virtude. Seneca de beneficijs: *Sine ulla sui*
Jan.

sanguinis parcimonia vadendum. A tanto ■ empenhavaõ estas elegantes palavras de Ennodio no panegyrico a Theodorico: *Vix paucos contigit degenerare nobiliter, cum familiae tuae debeas actus generis nobiliter custodire.*

Não quiz acci- *U*lão de modestia, e comedimento no dizer, atendendo porem ao de Seneca: *quod virtutū omnium pretium in ipsis est, non enim exercetur ad premium: recte facti fecisse merces est.* E por vettura q̄ elaria este Varão heroico entrado da consideração, com q̄ Albucio disse em hũa controversia de Seneça de Fabricio: *munera regia respuit, cum auro dominum timet accipere:* ahi refere André Scoto os q̄ celebraõ este feito de Fabricio. Brios nobres quacs já os mostrara Abrahão ■ guerra dos cinco Reys: *non accipiam ex omnibus quae tuae sunt, ne dicas, ego ditavi Abraham.* Servia a outro Senhor, e por elle se offerecera a esse risco, não toma premio de Barã pelas duas razoes, que em D. João consideramos. Da primeira diz Ambrosio *S. Mercedem pia mens non expetit, sed pro mercede habet boni facti conscientiam;* e da segunda fallando também daquelle caso de Abrahão: *Minuit enim fructum triumphi mercedis susceptio, plurimum enim refert, utrum pecuniae, an gloriae dimicaveris.* O brio, e grandeza he pelejar a fim de haver mayor honra, não mayor interresse. A este tom differa Cassiodoro; *Hæc est enim indubitata nobilitas, quæ moribus probatur ornata, quia pulchrum est commodum fama, fæda neglexisse lucra pecuniae.* Nesta certeza tinha Duarte Pacheco servido de exemplo ■ D. João, escuzando-se com a mesma resposta das merces, que lhe quizeria fazer ElRey de Cochim por suas gloriosas vitorias. Cesse Seneca de engran-

epicto. 81.

controv. 9.

gen. 14.

cap. 8.

lib. 5. c. 3.

lib. 7. c. 9.
de bene.

grandecer o animo de quem engeitou a C. Cezar duzentos talentos: *Cum C. Caesar illi ducenta donaret, ridens reiecit*; ■ laiba que he Elpanha fertil destes, como de outros excessos de virtude. Embaixador dos Reys Catholicos à Carlos VII. de França sobre a restitução do Condado de Rofelhon foi D. João de Silva, y de Ribera Senhor de Montemayor filho do Conde de Cifuentes, e resultaraõlhe grandes louvores de não querer aceitar d'ElRey de França nem hum par de luvas, conta Salazar de Mendonça em las dignidades. Não me espanto proceder com tanta *lib. 2. c. 3.* silencio, quem obrava acompanhado de sangue Portuguez. Mas D. João de Castro como todo Portuguez se lhe avantejou, e teve este seu termo mais de galante, e de bisarro, por passar ■ vista de tantos outros, que receberaõ merces do Cesar:

Plus palma est, illis inter voluisse placere

Inter quos minor est; displicuisse, pudor;

Affirmou Rutilio. Bem sey que o graõ Capitaõ engeitou merces ■ ElRey D. Fadrique de Napoles, que lhas fazia obrigado, e reconhecido de seus heroicos ferveços: respondendo, que d'ElRey Catholico, seu Senhor, ■ recebia continuas, que comprisse ElRey como as q̃ mais devia, porque sem mandado d'ElRey D. Fernando, e sem sua licença não receberia cousa algũa. Porem havida a licença as accitou, q̃ só animos Portuguezes sabem perder esperanças de merces. *Itiner. 1.*

E L O G I O.

V Indo da jornada de Tunes o fez ElRey Capitaõ General da armada ordinaria da costa. Em quanto

quanto lhe durou esta occupação, alimpou os mares de Cossarios, seguron as frotas da India, e mais conquistas ao Reyno, e ganhou aos inimigos muitos baixes, com que infestavaõ os mares. Ditas que agora nos succedẽ raras vezes: por ventura, porque para conseguir vitorias, tem menos força os poderes, que a reputação.

DISCURSO.

lib. 1.

A Limpou os mares. Pelejava D. João igualmente com o braço, que com a reputação. He a dita de Pompeyo, que vence Espanhoes à força de braço, e rebate a força dos escravos com sua fama, nota Cicero a ley Manilia: *qui bellum expectatu Pompei attenuatum, atque minutum, et ad sentu sublatum ac sepultum.* Sem ferro vence Scilico, porq̃ o nome basta para acabar cousas grãdes. Claudiano no panegyrico;
*Miramur rapidis hostem succumbere bellis
 Cum solo terrore ruant? Non classica Francis
 Intulimus, jacuere tamen.*

E acrecenta logo:

Ante tubam nobis audax Germania servit.

Mas que muito fogeitar-se Germania a huma fama gloriosa, pois della escreveo Cornelio Tacito de moribus Germanorum: *& ipsa plerumque fama bella profligat.* Assi he, que pode vencer o fama do Capitão, o que não pode a força. Em confirmação disto ajunta Cicero naquella oração: *Vehementer pertinet ad bella administranda quid, hostes, quid socij de imperatore existiment?* Que naçoens não venceo o fama de Anthemio? Sidonio no panegyrico;

Ad Boream pugnas, & formidaris ad Austrum.

A tan-

A tanto abrange o bom nome de hum valente. Esse ga'bo dà Ovidio ■ Minoe Senhor de grande Imperio nos Metamorphoses:

Qui, dum fuit integer ævi,

lib. 9.

Terruerat magnas ipso quoque nomine gentes.

He ser hũ Alexandre, que vencia na Asia, ■ fazia tremer Europa: *Adeo totum orbem nominis ejus terror invaserat*: elcreveo seu historiador Quinto Curcio.

Polo que não he muito que aos bons principios de D. Joaõ se seguissem tão ditosos fins, porque na opiniaõ de Tito Livio: *fama bellum conficit*. Voto amado de lib. 27.

Agricola, o qual persuadia ■ seus soldados. *Instandum fame, & prout prima cecinit, fore universa*: conta Tacito em sua vida.

Que a reputaçã. Ao menos Tiberio mestre de conveniencias proprias assi o entendia: *Magisque fama, quam vi stare res suas*. Esta reputaçã pende de vos não tomarem o pulso com successos adversos: *Res adversa auctoritatẽ imperatorum imminuunt*: disse là Cesar. Razão teve o outro politico em comparar ■ Reys aos rios, que como crecem com varios ribeiros, e regatos, assi tambem se desfazem até ■ vadear, sangrando os com vallas, e desaguadouros. Exemplo proprio de crescer, e minguar dos Reynos ■ natural dos rios. He a estimaçã dos Principes como o fundo dos rios, se ■ perdem, qualquer pessoa os vadeará a pé enxuto. Convem muito não a deixar son- dar, que logo os inimigos saberão. *Cum qua gente ca-* ib. 8.
dent, Lucano ■ disse.

E L O G I O.

F Avorecido do Turco intentou Xarife ganhar a Ceita: mandau ElRey D. João todos os primogenitos dos senhores do Reino ■ buma armada a soccorrella, e por Capitão General ■ D. João de Castro, ■ ordem de que ajuntando-se com ■ Castelhana, que ■ Emperador mandava em seu favor, defendesse ■ entrada do Estreito ao inimigo. Teve aviso D. Alvaro Bagan Capitão General della, que Barbaroxa Capitão de Turco estava tão perto, que se podia ver ao outro dia, e pareceolhe, por não arriscar naquella occasião todo o credito de Espanha, retirar-se. Prudentissimo era o conselho, mas não o admitio nem ■ valor de D. João, ■ a obediencia que devia aos mandados de seu Rey: ficou emfim só no Estreito. Soubeo Barbaroxa, e não ousou passallo; e vindo resolutto a pelejar com ambas as armadas juntas, temeo a Portugueza, só polo valor de quem a governava. Por prudente, e valerosa foi julgada de todos esta resolução de D. João, porque ainda que o successo fora desgraciado, mais convinha ao Reyno buma armada perdida, que hum Capitão desobediente.

D I S C U R S O.

N Em ■ valor. *Avida est periculi virtus, et quæ tendat, non quid passura sit, cogitat, quoniam, & quod passura est, gloriæ pars est; afirma Seneca de providentia. Animos altivos, ■ generolos não estimão perigos porque polo rigor delles medem os*
grãos

grãos da gloria ■ reputação. Não foi isto arrogancia, ou temeridade de Dom João, mas animo naturalmente Portuguez, que tem por natural:

que os poucos por ser poucos não temamos

O que mil vezes já experimentamos,

Canta o Poeta Portuguez. Exemplos tinha elle para lib. 3. e 10. se incitar à peleja com isto de Vegecio: *Desperes fieri posse quæ facta sunt?* Que ■ leão generoso com os inimigos ■ ■ varaõ glorioso com os exemplos. E mais estandolhe per davante aquillo de Clemente Alexandrino em sua tapeçaria: *Quo maiori 1. 4. cap. 6. cognitione digni sumus habiti, eo maius subimus periculum.* A confiança, que ElRey delle fizera, lhe pedia as mais estreitas contas do credito, e reputação desta Coroa, que daquelle successo pendia.

Nem a obediencia Na obediencia está a perfeição de hum Varaõ militar. É ainda toda a felicidade da Republica. Com razão lhe chamou Valerio Ma- lib. 2. cap. 7. ximo, firmeza da disciplina militar, descanso, e recovado de hum estado quieto, de huma paz segura: *militaris disciplinæ tenacissimum vinculum; in cuius sinu, ac tutela serenus, tranquillisque beatæ pacis status acquiescit.* Muitos são os exemplos dos Romanos, ■ Eltrangeiros ■ ■ ■ que o aprova. Matou Manlio Torquato a seu filho, ainda que victorioso, ■ dà Lucio Floro por razão: *Quasi plus in lib. 15. imperio esset, quam in victoria.* Que vai mais na obediencia de hum Capitaõ, que em victorias muy gloriosas. No mesmo voto está aquelle grave orador Porcio Latro, e confirmando-o com exemplos dos Romanos, Athenienses, e Carthagineses, diz destes, que condenaraõ à morte Hannon varaõ fortissimo, ■ triumphal: *Quod is edicto senatus minus ob-*

temperavisse putaretur. Muito foi, que por humas sospeitas le mostrassem tão rigorosos, ~~mas~~ he ~~mal~~ o castigo ~~das~~ sospeitas, que ~~o~~ exemplo no peccado, em que D. João não queria cair, dando por desculpa ~~o~~ do valeroso Capitão Corbulo em Cornelio Tacito nos seus annaes: *Non ea imperatoris habere mandata.* Mas Corbulo desculpava-se para não pelejar com os Parthos em Armenia, ~~o~~ D. João navegava à vela, ~~o~~ a remo para esse encontro do animo, ~~o~~ obediencia, porque igualmente resplandecessem nelle ~~o~~ gloria, e perfeição militar, fazendo proprio seu isto de Livio: *Omnia summa ratione gesta etiam fortuna sequitur.* Que são bons os ensijos da fortuna ~~o~~ quem segue os preceitos da arte. Alguma cousa discorre neste pensamento Bertholameo Fellipe ~~em~~ tratado del consejo, y consejeros.

E não ousou passallo. Prudencia foi grande defeito tyranno não commetter huma resolução tão constante: *Pudet congrédi cum homine vinxi parato:* diz em Seneca a fortuna, quanto mais hum tyranno. Tempo tinha Barbaroxa para ter feyto em varios trances experiencia da verdade com que Ovidio disse nos Metamorphoseos;

In audaces non est audacia tuta.
Altamente dizia Polynices em Seneca na Thebais:
exæquat duos

Licet impares sint, gladius.
E bem sabia Barbaroxa, ~~o~~ seus soldados ~~como~~ cortava ~~o~~ ferro Portuguez: ~~o~~ quanto Dom João lhe ~~era~~ inferior ~~em~~ numero dos soldados, tanto lhe sera superior ~~em~~ valor das armas. Quanto mais que ~~em~~ parecer de Claudiano de bello Getico, ~~em~~ por si o campo

campo quem espera : *Qui stetit, aequatur campo.* O medo, ■ rectyos de com quem ■ havia, corriaõ a primeira lança àquelle inimigo; ■ ousadia servia a D. João de muro. He quanto em semelhante nos ensinara Sallustio contra Catilina : *Semper in prælio iis maximum est periculum, qui maxime timent, audacia pro muro habetur.* E nestes termos *Clausula* *putat sibi cuncta pavor* : cantou Claudiano no sexto Consulado de Honorio. Justo foi, que não esfarapasse Dom Alvaro de Baçan a gloria ■ Dom João, que estava tão murado de ousadia, ■ valor, ■ daquelle perigo em que lhe parecia deixallo, se lhe seguisse ■ reputaçã maior. Alli mesmo disse Claudiano.

Nulla est victoria maior

Quã quæ confessos animo quoque subjugat hostes
 Maior foi a vitória, que Dom João alcançou de Barbaroxa amedrontado, que destreçado, e preso : *Qui si sufficiens læto vulnus excepisset, personam vicerat, quod in luce subsistit, submisit originem:* dissera lá Ennodio a Theodorico dandolhe os parabens de vencer rendendo inimigos, e não os matando. Todo seu nome, e reputaçã lhe natto do medo de Capitão tão valeroso. De Hercules disse Claudiano em seus louvores, que lhe embaraçara Juno ■ nacimiento, porque seu medo della testemunhasse ser elle divino :

nascique vetabat

Ut metus ipse Deum monstraret.

O medo de Barbaroxa eternizou ■ Dom João, e lhe ganhou depois tão crecidas vitórias, aprendendo elle neste ensejo ■ verdade com que Tacito disse em lib 15. seus annaes : *Multa experiendo fieri, quæ segnibus ardua*

ardua videantur.

lib. I. de
officiis.

Armada perdida. Protestaraõ alguns soldados principaes à Callicratides General dos Lacedemonios, que não quizesse arriscar ■ armada afrontando-se com a dos Athenienses, pois lhe estava tão desigual, e inferior em forças. Não aceitou elle o conselho, dando por razão, que aquella senhoria podia restaurar huma armada perdida, porém que elle não podia fugir sem discredito, ■ *menoscabo seu. Lacedæmonios, classe illa, aliam parare posse, se fugere sine suo dedecore non posse:* escreve Cicero. Porém se o Capitão Elpartano desmentio a cobardia, não desmentio a fortuna. Guardavase tamanha felicidade para o nosso Portuguez, em quem se deraõ as mãos o valor, e a boa sorte.

E L O G I O.

Intentou ■ Turco molestar a India com suas armas, e tendo aviso desta resolução ElRey Dom João ■ terceiro, mandou por Viso-Rey a D. Garcia de Noronha com huma grossa armada a socorrêlla. Capitão de hum navio acompanhou Dom João de Castro ■ Dom Garcia, e ElRey lhe fez merce da Capitania de Ormuz, a mais rica, e melhor praça daquelle Estado, e de mil cruzados de soldo em quanto não entrava nella. Aceitou D. João o soldo por ser pobre, e não quiz a Capitania, respondendo a ElRey que quando seus serviços na India, aonde nunca militara, merecessem honra tamanha, lhe faria sua Alteza merce della, ensinando com perda de seu patrimonio, se bem com acrecentamento de

*etare: quandoquidem civis boni esse videtur quodcumque patriæ munus rite delatum admittere, & id pro virili parte curare, etiam si humiliter videatur, quam ejus exæstimationi, cui demandatur, conveniat: quin hoc nomine maxime suscipi debet, atque paulo splendidius geri. Par enim est ut qui magnis honoribus decorati sunt, ab iis minora munera vicissim ornentur. Muito discorre neste pensamento Plutarco, e confirma com razão Timpio in speculo boni magistratus: ambos trazem aquelle exemplo de Epaminondas illustre Principe Thebano, ao qual querendo os eleitores desgostar com desprezo, o crearaõ Tolearco, que he o mesmo que Almotacel da limpeza. Aceitou-o elle com estas ultimas palavras: *Non modo magistratu virum ostendi, verum etiam magistratum viro.* Porem para que D. João se aventejasse a todos, não conta se a este tempo exercitara já aquelle Thebano outros cargos maiores, e parece se faria a acinte só à qualidade do sangue, e não aos serviços, que em Dom João concorreraõ juntos. Approva esta doutrina Adão Contzen seus politicos, e achou que bastava para confirmação o exemplo de Scipião Africano que trazem Tito Livio, Cícero na Philippica, e Valerio Maximo. Eraõ Consules Lucio Scipião, e Lelio: coube a sorte de Asia a Scipião, tratou o Senado de lha tornar, e dar a Lelio, atalhou o com rogos o Africano, e ainda que grande amigo do outro Consul: *Legatumque se L. Scipioni in Asiam iturum promisit: & maior natu minori, & fortissimus imbelli, & gloria excellens laudis inopi, & quod super omnia est, nondum Asiatico jam Africanus.* Vejase a grande exuberancia,*

lib. 33. Phil.
 lip. ij. lib. 5.
 cap. 5.

cia, ■ viço de palavras ■ que Valerio engrande-
 ■ fer Scipião mais velho, valeroso, ■ com ■ reno-
 me de Africano já ganhado, legado, ou mestre de
 campo de hum irmão seu, de cuja honra tratava, e
 nelle da sua, ■ de toda sua familia. Não he menor
 o encarecimento com que ■ mesmo autor, depois
 de Livio, ■ outros, levanta, ■ engrandece o feito
 de Fabio Rulliano, que depois de ser Consul cinco
 vezes, ■ de estar cheyo de grandes virtudes, ■ me-
 recimentos accitou ir por legado de seu filho Fabio *lib. 6. 7.*
 Gurge a outra guerra. Que he quanto elle conta.
 E verhe as ventagens com que D. João neste caso
 procedeo, não havendo irmão, ou filho que o obri-
 gasse ■ ser Capitaõ de hum navio, depois de ter
 tambem militado, e daquella gloriosa acção de Tu-
 nez, e de General de huma armada com que assom-
 brou ■ maior poder de Berberia. Mas trazia Dom
 João só ■ pensamento o fazerse exemplar de ac-
 ções, ■ por ventura lhe occorreria neste lanço o
 que cantou Claudiano no Consulado de Manlio.

Non se meruisse fatetur

Qui meruisse putat.

Quem se forma hum sempre, e em todo o tempo
 ■ mercimentos, não se regula pola maioria dos
 cargos. Ou como ■ de sculpa de hum lugar menor
 disse Theodosio per Cassiodoro. *Nulla dignitas mi-* *lib. 10. epis.*
nor est, cum bene geritur. Dera elle ■ hum Varaõ 12.
 consular hum officio de menos consideração: e acre-
 centa: *Nam honorem suum semper equaliter, quid-*
quid probe retinet consularis sic minorum flumi-
num vocabula maior amnis absorbet: & quanvis
plurima fluentia Tiberis noster excipiat, tamen à
proprio ■ non declinat. Bom exemplo de con-

folação para ■ altibaxos deste tempo. Mas confor-
ma melhor com D. João ■ que continua: *Neque
enim fas est humile dici, quod gerit Avitius.* Tu-
do he grande ■ occupação, ■ exercicio de hum
Varão grande. Porem não soffro que D. João ande
tão glorioso, que não deva alguma coula aos exem-
plos, ao menos de seu sangue. Aprendera elle cer-
tamente daquelle heroico feito do grande Prior do
Crato D. Diogo de Almeyda, cujos honrosos pro-
cedimentos D. João herdava por s. ■ Máy. Manda-
ra o graõ Mestre de São João do Hospital Fr. Ayme-
rico de Amboite ■ Fr. Francisco Zapata novamente
eleyto General das gallez daquela Religião, que com
muita brevidade desse caça, e combatesse humas fuf-
■ de Turcos, de q de Rhodes houveraõ vista. Ne-
garaõ teymosamente ■ marinheiros, e mais chusma
da galés embarcar-se com ■ novo General: olhem o q
importa a reputação de hũ Capitaõ: não valeraõ ■
rogos, ou ameaças do lugar tenente do Almirante, do
Castelhano de Amposta, e do mesmo Prior de Portu-
gal. E considerando elle que se passava o tempo, e se
perdia ■ occasião, e que era deitar palavras ■ vento
rogar aquella vil canalha, se deliberou ■ ir em pes-
soa fazer aquelle officio, ainda que em dignidade
inferior ■ do seu Priorado, e ■ titulo, ■ ancia-
nidade mais eminente, que o Baylio de Caspe Gene-
ral daquellas galez; pondo todas estas considera-
çoens debaixo dos pés por não dar lugar ■ alguma
dificuldade, ■ contrariedade naquelle serviço se
someteu ■ obediencia, ■ dizendo, ■ fazendo, se
embarcou ■ huma galè, que ■ instante foy
posta em ordem, correndo ■ ella toda ■ chusma de
mil vontades, e armadas per sua ordem outras duas

com mais tres embarcaçoens de differene forte sahio no alcance das deſeſſeis fuſtas que deraõ viſta ■ Rhodes , ■ eſtimulado de hum animo invencivel, e generoſidade Chriſtã, mandou fazer tanta força de véla, e remos em ■ ſeguir ■ ſua galé, que deixou todas ■ mais atraz, chegando ſe tanto ■ Turcos, que hiaõ pondo as proas ■ ſua terra, que vendo ■ do Prior ſó, ■ junto ■ ſe revolveraõ ſobre ella para ■ tomar. O Prior como Portuguez valeroſo, e magnanimo cavalleiro, animando primeiro aos ſeus, inveſtiõ ſó com todas as fuſtas taõ intrepidamente, com tanto impeto, e coragem, que as deſordenou de maneira, que ſenaõ podiaõ valer humas ■ outras, e querendo os cavalleiros já ſaltar dentro nas inimigas, os Turcos os não ouſaraõ ■ eſperar, aſſombrados de taõ invencivel reſolução, e das outras gallés, que já vinhaõ entrando, e ſe puſeraõ com tanto deſacordo em fugida, que cito dellas deraõ à coſta, e eſpedaçadas ſe foraõ apique com toda ■ gente. Sobrevieraõ neste tempo as duas galés, e todas juntas foraõ ■ ſeguimento das demais fuſtas, de que tomaraõ duas. Conta o caſo com mais miudezas Frey Domingos Maria Cu-
 rion traduzido por Pablo Caſcar ■ triumpho daquelle ſacroſanta Religiaõ militar. Lá o hajaõ taõ honrados parentes entre ſi, que eu me não atrevo ■ feitos taõ glorioſos a dar outra ſentença, ſenaõ a que São Jeronymo deu entre Demosthenes, e Cicero: *Demosthenes tibi præripuit ■ eſſes ſummus orator, tu illi ne ſolus.* Ou como de Homero, e Virgilio cantou Alcimo.

Si potuit naſci quem tu ſequeris, Homere

Nasceſtur ■ qui te poſſit Homere, ſequi.

Alegrome porem de que só entre Portuguezes haja
tão gloriosa contenda, sem mais respeito que ■ ser-
viço de Deos, ■ d'ElRey, e que servisse ella de exem-
l. 1. c. 12. plo a outra tal confiança, como escreve Antonio
Pinto de D. Jorge de Menezes Baroche, ■ D. Fernan-
do de Vasconcellos ■ India.

Por ser pobre. Ponhão em boa hora os engenhos
políticos em questão; se se haõ de eleger para ■ car-
gos homens ricos, ■ homens pobres, e juntem por
huma, e outra parte quanto quilerem, como fez
l. 2. t. 6. Turtureto de nobilitate gentilitia, que eu certo à
vista deste ■ exemplo de D. João, me acomodo
com este tão cõselho, que Sinesio dava ■ Emperador
Arcadio: *Ex optimis itaque, non ex ijs, quibus am-
plares est, legantur hi, quibus magistratus ■
dentur: ■ nec his medicis committimus corpus
qui divitijs affluunt, sed ijs qui artis suæ peritissi-
mi habentur, sane multa magis is, qui magistra-
tum gerat, legendus est, non locuples, sed gubernan-
di peritus.* Que não convem mais a riqueza a hum
Governador, e official publico, que a hum Medico,
cujã sciencia, e fuficiencia não pende da riqueza, mas
do estudo, ■ experiencia, como a do Capitão, e offi-
lib. 2. cial publico do exercicio, e da experiencia *nemini
paupertatem nocere, si adforet virtus*; tinhaõ ■
l. 3. cap. 7. Athenienses por ley que refere Thucydides. E Turtu-
reto junta bons exemplos de muitos a que a pobreza
não empeceo para obrarem virtudes. Dos primeiros
epist. 2. principios da Republica Romana escreve Sallustio
a Cesar: *Neque divitijs, aut superbia, sed bona
fama, factisque fortibus nobilis ignobilem antei-
bat humillimus quisque in armis, aut militia,
nullus honestæ rei egens satis sibi satisque patriæ
erat*

erat. Ditofos tempos ■ que a nobreza fe distin-
gue do povo pelo credito das virtudes , e da fama!
Ditofas as Republicas que fabem eleger para feus go-
vernos , e cargos os mais crecidos , ■ aventejados
neftas partes ! Bem ■ experimentou a India então
ditofa , e vitoriofa quando feus Vifo-Reys iguala-
vão a pobreza com as virtudes , ■ generofidades.
Acho em Herodiano que ■ pobreza de Pertinace lhe
dera ■ imperio : *Id quoque illius laudi accedebat*
quod ■ plurima omnium administrasset , tamen
omnium erat pauperrimus ; não lhe pode eftorvar
fua pobreza honras imperiaes ; e nifto foy o noſſo
Dom João tambem imperial.

Aonde nunca militara. Pouco fez em engcitar
merces ao Celar quem da mão de feo Rey as en-
geita. Tinha D. João affentado comfigo fazer ver-
dadeiro ifto de Clemente Alexandrino no feo Peda-
gogo : *Verae autem divitiae sunt , paupertas cupi-*
ditatum. Animo tão rico no deſprezo da cobiça
grangea maiores crecimentos de bens na pouca ef-
tima de ſemelhantes merces :

Magnum delata potestas ,

Maiorem comtempa probat.

Diſſe com razão Claudiano ■ Epithalamio de Pal-
ladio. Aproveitouſe D. João do privilegio de me-
recimentos , porque no voto do meſmo poeta ■
louvores de Stilicon : *Hic ſolus ſpreviſſe poteſt*, lib. 2.
qui jure meretur porque lhe ficaffe ſempre a porta
aberta a maiores occaſioens de merecimentos fu-
gia elle ■ que dos Conſules Probino , ■ Olibrio diſ-
ſera ■ meſmo Claudiano :

Vos nulla fatigat

Cura diu maiora petens. Bem igualavaõ ■ ſervi-

ços de Dom João ■ merce offerrecida , pore[m] não
 quiz elle perder occasiãõ de dar exemplo , e de se
 fazer maior , porque se outros se desgostão por
 lhe não dare[m] o que pedem , ficasse sua opiniãõ
 maior , não accitando o que se lhe dava , ■ não he
 menor q[ua]nta de felicidade sua ■ repostas que
 nestas occasioens se lhe occasionavaõ , Tomem Ca-
 pitaens aviso desta para se não encarregarem de go-
 vernos militares em provincias desconhecidas. Que
 ■ primeira causa de sua felicidade em Inglaterra
 no tempo que Julio Agricola ■ governou , atribue
 Tacito em sua vida a ter militado naquellas par-
 tes , conhecer ■ sitio , e disposiçaõ da terra : *Nos-
 cere provinciam , nosci exercitui , discere ■ peritis*,
 Mal pode dar conta de ■ hum Capitaõ que não sa-
 be atalhar os passos , e desenhos ao inimigo nas
 terras em que milita ; que não conhece ■ soldados
 que governa ; que não he conhecido delles. He ■
 tacha de que Annibal falla em Livio : *Pugnabitis
 cum exercitu tyrone , ignoto adhuc duci suo , ig-
 noranteque ducem*. Antes Scipiaõ não dá outra cau-
 sa para lhe commetterem a guerra de Africa , se
 não haver já provadas ■ forças com Africanos em
 Espanha. Livio alli *An cum Carthaginensi hoste in
 Hispania , quam in Africa bellum geri aptius est ?
 Facile est post fusos , fugatosque quatuor exercitus
 Punicos*. A essa conta louvava Mario ■ sua solda-
 desca : *Exercitus ibi est locorum sciens* (diz Sa-
 lustio in *Jugurt*.) E o mesmo Rey Jugurta esse
 louvor tem de Salustio : *Nam in Jugurtha tantus
 dolus , tantaque peritia locorum , ac militie in-
 rat*. O mesmo louvor dá Livio ■ Philopemen , que
 por essa razãõ fazia ■ assaltos ■ seu salvo como
 prati-

decad. 3.
 lib. 1.

lib. 8.

decad. 4.
 lib. 5.

pratico na terra. Nem ■ Emperador Severo chama-
va ■ conselho de guerra senão varoens que sou-
bessem da terra sobre que consultava : *Unde si de
re militari tractaretur, milites veteres; & lo-
corum peritos in consilium adhibeat*, escreve Lam-
pridio em sua vida. Velhos, e experimentados ■
queria. Tomem Principes conselho para saberem o
que resolverão moços sem experiencia, e ainda de
diff.rente profiss.ão nas coulas que se lhe encarre-
gão. D. João estava tão primo ■ arte militar, que
queria antes engeitar cargos, e merces que poder
se alguma hora imputar a defeito seu qualquer de-
sar da fortuna. Seguia elle ■ conselho que Claudia-
no dava ■ Honório ■ 4. Consulado :

assuesce futura

Militia.

A essa conta queria primeiro tomar conhecimento
das terras, e das gentes, ■ se aproveitou da des-
culpa para aquella grandeza de animo.

Não galardear. A remuneração dos serviços he ■
maior toque da justiça dos Principes, ao menos assi
o julgou ■ melhor dos Secretarios Cassiodoro : *Re-
muneratio meritorum* (diz elle) *justum dominan-
tis prodit imperium*. E não vejo eu maior injustiça *lib. 1.*
que ver levar a outrem os fructos de trabalhos, e *epist. 42.*
suores proprios : *Grave nimium est ut fructu labo-
ris sui fraudetur industrius; & cui debet pro se-
dulitate conferri præmium, dispendium patiatur
injustum*; diz aquelle Autor. He tirar o bocado *lib. 2.*
da boca aos que trabalham, dar os premios que es- *Epist. 25.*
peravaõ a quem por elles não suou. E cuydo eu que
isso nos mostrou tambem aquella ley do Deutero *Dent. 25.*
nomio, que senão atasse a boca ao boy, que ■ ey- *lib. 2.*
Epist. 33.
ra

■ debulhava : *Non ligabis os bovis triturantis in area fruges tuas.* He justo, como sente Cassiodoro, que aproveite ■ cada hum seu trabalho, e o fuor de seu rosto : *Æquum est enim ut unicuique proficiat labor suus.* E como ao boy que trilhava foy justo que se lhe não negassem os bocados entre o canção de suas voltas ; assi tambem he justo, que ao soldado, que trilhou o cargo, e o officio se lhe não tire da boca, e dé a comer a outrem ■ conselho he do mesmo Cassiodoro : *Emulamenta deesse laborantibus ■■■■ oportet, ut & bonaspei aditus aperiatur, & desudantium querela justa compensatione claudatur.* Considerou, e bem Duarte Galvão fallando do sentimento que ElRey D. Afonso H.nriques teve pola morte de seu ayo Egas Moniz ; que as virtudes ausentes devem ser mais queridas, e lembradas. Muito he obrar hum homem virtude à vista de seu Principe, ■■■■ já leva parte da paga ■■■■ olhos desse Principe : obralla ■■■■ ausencia, e aonde não tem mais testemunha de suas obras, que a fama, cousa he digna de maior estima, ■ não sey se de espanto, ■ admiração ; ■ assi ficaõ dignos de premios maiores : e quando alcançarem os fruitos de seu trabalho, seraõ exemplo a outros para que trabalhem como aquelles:

lib. 4. Epist. 13. *Qui ad agonis sui præmia pervenerunt.* Palavras são de Cassiodoro. E falla este exemplo de privados, ■ conselheiros tantas vezes, ■ tambem dos premios, como quem sabia que da boa distribuição delles pende todo o bem, ■ melhoria de huma Republica. Ao menos Alexandre Severo achou que injustamente se lhe dava em sua coroação o sobrenome de Magno, não tendo ainda obrado virtudes, que
lhe

lib. 6. in-formula illustratus.

lhe grangeassem ■ nome ; que tantos luores custa-
 ■ ■ Alexandre , ■ a Pompeyo : *Magni vero nomen
 cur accipitur ? Quid enim jam magnum feci ? Cum
 id Alexander post magna gesta , Pompejus vero post
 magnos triumphos acceperit.* Mal consentiria este
 Principe em que levassem tantos premios , ■ mer-
 ces aquelles que estaõ taõ faltos de serviços , ■ me-
 recimentos ■ quantos ■ que trabalhão , ■ merecem
 esfaymados de premio , e de galardão.

E L O G I O.

Tinhaõ já os Turcos sitiada ■ fortaleza de
 Dio , quando D. Garcia de Noronha chegou
 a India : obrigou os por em a fama de seu valor , e
 do poder que o acompanhava , a levantar o sitio ,
 e recolherse ■ Sues. Morto em breves dias Dom
 Garcia , succedeolhe D. Estevão da Gama , que por
 authoridade do Estado , e credito de sua pessoa foy
 demandar os Turcos. Acompanhou D. João ao Vi-
 so-Rey ■ jornada , tomando para si o cargo de re-
 conhecer ■ sitio do inimigo , por não perder o costu-
 ■ de serem sempre os perigos a sua ambição ■
 guerra: achou-o por em fortalecido de sorte que dei-
 xou D. Estevão ■ empresa , e fazendo com a nos-
 sa armada grandes danos em todas aquellas cos-
 tas, chegou ao monte Sinay , aonde no Mosteiro de
 Frades de S. Basilio , sagrado deposito do glorioso
 corpo de Santa Catharina Virgem , e Martyr , fo-
 raõ armados cavalleiros D. Luis de Ataide , hum
 dos mais excellentes Viso-Reys , que depois houve
 na India , e D. Alvaro de Castro seu filho mais

velho, honra de que D. Alvaro, e todos seus descendentes fizerao sempre taõ grande estimação, que escolherão por timbre, com que illustrarão suas armas, a roda de navalhas que martyrizou a Santa. Nesta jornada compoz D. João ■ descripção do mar roxo, que està para imprimirse, obra muy digna de ser estimada de todos polo engenho, e erudição de seu Autor, e em que D. João mostrou que sempre as armas se acompanharão das letras.

DISCURSO.

R Econhecer ■ sitio. Toda ■ reputação, ■ autoridade da India pendeo sempre das vehementes resoluçoens com que os Viso-Reys, ■ Governadores daquelle Estado acudirão a sustentar ■ credito, ■ reputação da nação Portugueza, que com os terribéis effeitos de suas armas trasiaõ assombradas de medo todas as naçoens Orientaes. Faltaraõ estes successos, ■ fortunas boas, como faltaraõ aquellas vehemencias, e ■ que as podiaõ executar. Mas eu fallo de D. João, e a elle torno; que toma ■ seu cargo o reconhecer o sitio do inimigo, porque sennaõ sabe poupar quem trata de se mostrar animoso, ■ invencivel. Tem valentes por conduto trabalhos, ■ riscos, e perigos: *Labores enim obsonium sunt strenuis*, disse là Xenofonte. Encontra-se Alexandre com Poro poderoso Rey da India: via esquadroens, armas, elefantes: arremete ■ elles com estas palavras: *Tandem par animo meo periculum video, cum bestiis simul, & cum viris egregijs res est*. Deste animo aprenderaõ Mario, Sylla, e Annibal a se meterem nos mayores perigos. He ■ razão porque Mario trata de tomar

Cap-

Capça Cidade nobre, e forte: *Cum propter belli usum, tum quia res aspera videbatur.* Porque brios nobres esportaõse à viltã de mayores difficuldades. *In operibus, in acie, atque ad vigilias multus adesse: tantummodo neque consilio, neque manu alium priorem pati:* reconta Sallustio de Sylla em Jugurta. Assim que nos riscos de vida era elle ■ primeiro. Não menos Annibal em Livio era o primeiro em acommetter, *decad. 3. l. 1.* o ultimo em largar ■ refega: *Princeps praelium iniciabat, ultimus conferto praelio excedebat.* Assim se criaõ Capitaens destros, exercitando soldados denodados: *Sub Asdrubale imperatore meruit: nulla re, quæ agenda, audendaque magno futuro duci esset, prætermissa.* Assim caminhou D. João levantando sempre labaredas do que havia de ser a imitação do outro valente que tomou por empreza huma chama de fogo que sempre sóbe para cima (a letra era: *Summa petit.* Tanto subio o fogo de honra que ardia em D. João, que não parou menos que no Ceo. Elle lhe grangeava sempre occasioens que o assombrassem, e o acendissem: *Ipsis inquam Deus consulit, quos esse quam honestissimos cupit, quoties illis materiam præbet aliquid animosæ, fortiterque faciendi, ad de provid. quam rem opus est aliqua rerum difficultate* ■ escreve Seneca. *6. 4.*

A descripção. Obra que dedicou ao Infante D. Luis, e de tanta estima que por dote d'ElRey D. Henrique se guarda na livraria da Companhia de Evora: *Ij commentarij Ludovico dicati in Academia Eborensi adservantur; escreve Maphco.*

lib. 13.

As armas se acompanharaõ. Já acima toquei quanto as letras, e armas entre si convinhaõ. Que te mar hora lança para ■ guerra, hora apenas para ■ verso ser-

ve de alivio , e tempera mil excessos:

*Artibus ingenuis, quarum tibi maxima cura est
Pectora mollescent, asperitasque fugit,*

lib. 1. eleg.
7.

Escreveo Ovidio de Ponto. Falta, que o Poeta chora
nos Capitaens Portuguezes, ajuntando alguns exem-
plos dos que aqui servem, ■ diz:

tant. 5. oit.
95. & 96.

*Dá à terra Lusitana Scipioens;
Cesares, Alexandros, e dà Augustos;
Mas não lhe dá ■ tudo aquelles doens;
Cuja falta os faz duros, e robustos
Octavio entre as mayores oppressões
Compunha versos doctos, e venustos:
Não dirá Fulvia certo que he mentira
Quando a deixava Antonio por Glafira,*

*Vay Cesar sojugando toda França,
E as armas não lhe impedem ■ sciencia;
Mas ■ ■ ■ ■ ■ mão a pena, e noutra a lança
Igualava de Cicero ■ eloquencia.
O que de Scipião se sabe, e alcança
He nas comedias grande experiencia.
Lia Alexandro a Homero de maneira.
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.*

l. r. c. r. o.
præcipue
nono 23.

Muitos exemplos de Capitaens famosos em varias
naçoens , que foraõ acompanhados de letras ajuntou
Bobadilha ■ ■ ■ Politica. Alli os busquem os que os
quizerem ver. Porque D. João em tudo fosse raro, te-
ve tãbẽ esta parte com que a Portugal lhe não faltas-
se exemplo ■ ■ ■ que igualasse venturas estrangeiras.

E L O G I O.

D Eu volta o Viso-Rey D. Esleuão a Goa , e D. João de Castro a Portugal. Era o lugar de sua assistencia huma quinta que fabricara na Serra de Cintra desviada das quimeras , e trafegos da Corte. Alli cultivando com o arado triumphal a terra achou ■ D. João a nova da eleição , que ElRey fizera de sua pessoa para Governador da India bem como a outro Cincinnato a Dictadura Romana, prova infallivel de que a sollicitarão suas virtudes , e não danarão ■ ausencias da Corte aos homens de valor, e que se respeitavao nas pessoas menos as intelligencias, que os merecimentos.

D I S C U R S O.

H Uma quinta. Alli se recolheo por fazer verdadeiro de obra isto que de palavra escrevia Seneca com tanta verdade a seu amigo Lucilio: *nemini res sequuntur, ipsi illas amplexantur, & argumentum esse felicitatis occupationem putant.* Nem he coula nova em varoens excellentes afastaremse da Corte para gozar da vida , e liberdade camponense. He quanto se gaba em Manlio Theodoro. Em Claudiano disse elle de ■ a justiça , que ■ buscava para honras, e dignidades.

epistol.
106.

*Nunquam mihi cura tot annis
Altera quam duras sulcis mollire novalles
Nosse soli vires, nemori quæ accommoda rupes
Quis felix oleæ tractus, quæ gleba faveret
Frugibus, aut quales tegeret vindemia colles.*

Nestas.

epist. 55.

Nestas obras passava Manlio bem ■ vida. Soube Vacio deixar ■ Corte de Tiberio, e viver na sua quinta: quantos caminhanes passavaõ à vista, aprovavaõ o feito, ■ diziaõ, conta Seneca: *O Vatia, solus scis vivere*: e com razão, posto que aquelle Filosofo he de outro parecer. Que o descanso, e divertimento da Corte naõ he culpado, se naõ quando com elle se enfraquece, ■ desbarata ■ virtude: que Valerio Massimo aprovou o ocio: *non quo evanescit virtus, sed quo recreatur*; aprovando o entretenimento de Lelio, e de Scipiaõ, de quem dizem, que nas suas quintas gastavaõ parte do tempo em colher busios, e conchinhas da praya: *Vagas lit toribus conchulas, & umbelicos lectitasse*. E lenaõ pergunto ■ quem chama Horacio bemaventurados? *Beatus ille, qui procul negotijs*. E entre outras ditas aponta viver longe da Corte, ■ de seus reboliços:

epodon.ode. 1.

Forumque vitat, & superba civium

Potentiorum limina.

epist. 54.

epist. 86.

Allem deste proveito acha Seneca outros ■ vida camponesa. Falla elle das quintas, ■ que moravaõ Scipioens, Marios, Cesares, e outros varoens militares, ■ ajunta logo: *Illi ad quos fortuna Romani populi publicas opes transtulit, extruxerant q idem villas in regione Baiana sed illas imposuerunt summis jugis montium. Videbatur hoc magis militare ex edito speculari longe, latèque subiecta*. E acrescenta: *Scias non villas esse, sed castra*; Outro tanto nos representa da quinta de Scipiaõ Africano. Naõ menos ■ de D. Joaõ lhe servia de outro tal effeito, que posto que a partes he terra chá, a partes he montuosa, e aspera. Na Corte arrefecem brios valentes, ■ campo crecem, e tomão forças para cousas grandes

des: *Severior loci disciplina firmat ingenium, aptumque reddit magnis conatibus*; nota Seneca na- epist. 51.
 quelle lugar primeiro. Aqui vem quantos louvores Virgilio, Horacio, Camoens, e outros autores latinos, ■ vulgares cantão da soldadesca camponesa, mas entre elles Angelo Policiano in Rustico:

Felix ille animi, &c.

Exegit innocuae tranquilla silentia vitae

Urbe procul, voti exiguus.

■ por fim de contas aprovando o retiro de D. João vem ■ dizer que do campo saem forças, e brios valentes, porque ■ montaria se cobraõ:

Hinc agilis subit ira vigor, robustaque magno

Pectore vis habitat, sortesque animose tuentur,

Membra tori, & crudo tendunt se robore nervi. lib. 5.

Antes cuida, ■ cuida bem, com Xenofonte, que dos ferranos Persas, e pastores Thesalos fãraõ fãganhas que assombraraõ o mundo,

Scilicet his Babylon dextris, Nabathæaque regna

Creverunt, hic Mopsopio delectus ab arvo

Miles.

Com estes intentos devemos crer se passaria D. João à sua quinta de Cintra, fazendo iguaes com sua *uiner. 1.* virtude, como de outro tal reconhecimento de Roderico disse Rutilio aprovando semelhantes exemplos:

Virtus fortunam fecit utramque parem

Mens victa viri pro magnis parva tuetur

Pro parvis animo magna fuere sibi

Exiguus regum rectores cespes habebat:

Et Cincinnatos jugera pauca dabant.

Hæc etiam nobis non inferita feruntur

Vomere Serrani, Fabricique foco.

E naõ

cap. 10. E não pelo fim que Tiberio teve em passar de Roma à Ilha de Rhodes: *Ut vitato assiduitatis fastidio auctoritatem absentia tueretur, aut etiam auget, si quando indignisset sui resp*, conta Suetonio em Tiberio. Soberba de Principes Medos que se não deixavaõ tratar por se authorisarem, aponta lib. 13 Herodoto: *Hæc ideo apud regem agebant ne scilicet eum cernentes æquales, & cum eo educati indolerent, & insidiarentur; quin etiam ut aliud videretur ipsis coram non contuentibus.* Assim fize-
raõ outros Emperadores, de que falla Plinio Trajano. Mas D. João se bem era valente, não era arrogante; que não visita este vicio as portas de tão qualificadas virtudes. Privilegio he de trabalhos tão honrados, como de D. João, poderse retirar, e gozar o descanso desejado. Parece que à letra vemos nelle quanto em Manlio considerou Claudiano retirado, e dado aos estudos.

*Postquam parva quies, & summum nacta cacumē
Jam secura petit privatum gloria portum,
Ingenij redeunt fructus, studijque labores,
Et vitæ pars nulla perit. Quodcumque recedit
Litibus, incumbit studiis, animusque vicissim
Nil curam imponit populis, aut otia musis.*

cap. 14. Conforma neste voto Maximo Tyrio em huma practica aonde gabando os que do campo acodem as armas, suspira: *Ex bellatoribus agricultores, & ex agricultoribus fortissimi victores.* O honestum commutationem. Antes chegou a dizer Sallustio em huma carta à Cesar, que não podia hum homem ser excelente, se não acolhendose, retirandose dos passatempos do corpo aos do animo isento de adulações suas, alheys: *Neque aliter quisquam ex-*
tollere

tollere sese, & divina mortalis attingere potest: nisi omissis pecunia, & corporis gaudijs animo indulgens; non assentando, neque concupita prebendo perversam gratiam gratificans. Tal contem-
plo em ■ altivo espirito de D. João, hora forman-
do exercicios militares dos outeiros da sua quinta;
hora desmentindo os trabalhos da guerra com a
suavidade dos estudos.

Alli cultivando. Porque senão espantaffc Silio *contro. 6.*
Basso só da pobreza Romana, dizendo em huma
controversia de Seneca: *Quid tibi ab aratro vita-
ti qui paupertate sua beatam fecere rempub;* ■
ajunta André Scotto os que engrandecem ■ caso de
Cincinnato; que virtudes Romanas tiverão melhor
fortuna com escriptores, que as Portuguezas; por
ventura que lhe nacia de serem os que as obravaõ
mais agradecidos, e ■ favorecedores dos estu-
dos. Justa honra leva D. João, porque a não gran-
gea senão por merecimentos. *Serranum Scipioni-
bus aratra pepererunt, qui dum grandia sulcis
semina commendaret, honorum ei messis aborta est;*
dizia Ennodio no panegyrico a Theoderico. Na
sua quinta estava Manlio, lá o acha a justiça de hu-
■ boa eleição, e de lá o chama com estes versos.

Sed meriti redeunt actusque priores

Commendat repetitus honor, virtusque reducit.
Se este varaõ não merecera novos cargos pela vida
passada, não fora justiça darlhos. Mas ainda naquel-
les tempos se respeitão merecimentos pessoais, co-
mo entre Romanos canta Claudiano naquelle suc-
cesso de Manlio.

Ipsa quidem virtus pretium sibi.

E ajunta por fim que lhe fazem honras, e dão car-

Aa.

gos

gos sem os querer, nem requerer.

Attamen invitam blande vestigat, & ultro

Ambit honor: docuit toties ■ rupe profectus

Lictor, & in medijs Consul quasitus aratris.

Oh tempos bem afortunados, ■ que ■ honras tra-
tao ■ virtudes com afagos, e meiguices, ■ se lhes
offerecem favores sem mais preço que o de sua
fermosura.

Meritis offertur inemptus!

Puramente favor; Segura dos tempos ditos os
mesmo poeta no 6. Consulado de Honório. Hou-
■ Plutarco ■ livro: *Utrum seniori gerenda res-*
pub: que se haviaõ de encarregar magistrados àquel-
les Varoens, que os não pertendiaõ: *Intuendum est*
diligentius, quinam subterfugere honores conan-
tur: ijs vero imperia decernenda sunt. Porque so-
bejaõ merccimentos para o cargo, aonde ha menos
agencias para elle; e aonde mayor negociação, ha
menos partes, escreve Bernardo a Eugenio: *Sane*
huic negotio non se ingerat rogans, qui ipse rogat
pro se, jam judicatus est; quem pede, parece que
descospe de suas partes. Sabiaõ os Principes de Por-
tugal que nesta fôrma de eleição estava ■ bom suc-
cesso do Estado da India ■ fôrma do juramento que
ordenaraõ a seus Vilo. Reys, de que ■ per si, nem
por outrem intervieraõ em sua eleição; refere João
de Barros. Bem fóra esteve Honório de haver per-
ngencia a honra, que merecia, ■ assi fizeraõ escolha
delle por suas partes. No 4. Consulado seu, canta
Claudio:

Digna legi virtus, ultro se purpura supplex

Obtulit, & solus meruit regnare rogatus.

Ditosos tempos em que não esquenciaõ partes no-
bres,

bres , ainda que longe da Corte. Essa lembrança teve Stilico na escolha de Varoens excellentes lib. 2.

non obruta virtus

Paupertate latet ; lectos ex omnibus oris

Evehis.

Porem não foy só Honório , ■ quem acontceco essa felicidade, que lhes não deixou D. João lograr , porque alcançou elle aquella fama de bom governo que Theodorico guardava. *Nec passi sumus otiosum*, lib. 1. epist. escreve elle por Cassiodoro , *quem merita ■ sine-* 12. *bant esse privatum : sereni solis consuetudinibus æstimandus , qui licet susceptum diem peragat , alterum tamen eadem claritate illuminat.* Dera D. João taes resplandores de seu valor ■ dia que tinha feito , que justamente se esperava o segundo com igual fermosura. Estava elle naquella locego , e retiramto ■ ■ o valor reprimido , porque no voto de Lucano à Piso

tamen , & si bella quierunt

Non perijt virtus.

Bem sabia esta condição do valor Theodorico ; que porisso buscava retirados : *Latet enim sub otio laudabilis fortitudo , & dum se probandi non habet spatium , occulta est lux tota meritorum.* Condição de valerosos, dos quaes diz Pacato ■ Theodasio: *Cum induciæ bella suspendebant , inter aratra vivebant , & ne virtus quiete languesceret , depositis in gremio Capitolini Jovis laureis , triumphantes viri rusticabantur.* Se ■ ■ nossos annos houvera este costume , não houvera tantos quexumes de gente benemerita.

E L O G I O.

A Penas partido de Portugal chegara D. João ■ Goa, quando ElRey de Cambaya com ■ favor de 5. mil Turcos sitiou ■ fortaleza de Dio. O inverno impossibilitava ■ socorro, ■ venceu o animo de D. João as ameaças do tempo, e as tempestades do mar; e o que foy mayor vitoria ao mesmo amor paterno, mandando seu filho D. Fernando de Castro (sogeito de mayores prendas que militava na India, e ■ quem D. João amava de coração) ■ socorrer os cercados, segurando-os do cuydado, com que ficava de seu remedio ■ qualidade da pessoa que lhes mandava. Poucos dias depois de D. Fernando ter chegado ■ Dio, ■ mataraõ os inimigos, defendendo cavalleirosamente ■ fortaleza. Que hum filho de D. João de Castro não podia ter larga vida, havendo occasião de achar huma morte honrada. Soube Dom João ■ de seu filho, e ainda que ■ mesmo instante começou a sua, encobrio o sentimento de morte, que vestido de gala correo ■ Goa carceres.

D I S C U R S O.

M As venceo o animo. Echado està o mar, ■ atado com ■ rigor do inverno, a que respei. lib. 1.º de ou Horacio quando disse: *Solvitur acris hyems.* 4. Porem estas fechaduras rompeo, e venceo o animo de D. João: *vadit audacter, & contemptor omniũ,* epif. 92. escreve de hum animo invencivel Seneca. He quanto

to entendo Ennodio no panegyrico ■ Theodorico Rey: *Nullius vitæ prodigus periculum ignarus incurrit. Vincitur humanæ mentis auctoriæ prævisione discriminis, labascit fortium conscientia, quotiens formidanda oculis ingeruntur*; nenhum valente entra descuidado no perigo com olhos abertos, ■ muy de proposito o commette, porque como affirmou ■ Estoico: *Qui fortis est, sine timore est.* E tudo he necessario, quando se haõ de desprezar as armas, e fogos pola patria, pola ley, pola liberdade: *Cum fortiter eundem erit adversus tela, ignes pro patria, legibus, libertate.* E porque se vísse mais claro este animo de D. Joaõ, atropellou ■ ~~o~~ de seu filho D. Fernando, lembrado por ventura da verdade ■ com que Agamemnon fallou em Seneca na Troas: *Præferre patriam liberis æt. 2, regem decet.* Que se não lançou o cutello para ■ matar, como fez D. Afonso Perez de Gusmaõ por sustentar ■ fidelidade de Tarifa guardada a ElRey D. Sancho o bravo de Castella; soubeo entregar ■ rigor dos mares, que foy menor que o do fogo dos inimigos, ■ cuja violencia acabou. E para q animar lib. 1. ode 3. à jornada vejo eu repetirhe o de Horacio:

Perrupit Acherontæ Herculeus labor.

Que a animos de Hercules nada contraria, tudo obedece. E desta grandeza de animo continuou o poeta *Nil mortalibus arduum est*: E foraõ rilos os Acherontes de Hercules para ■ ~~o~~ iraõs, que ■ animo deste Varaõ, e de seu filho venceraõ.

Não podia ter larga vida. Justo será confessar que se deve este aviso ao meu Poeta.

Que pois no mundo havia honrada morte.

Son. 12.

Não podieis vós ter mais larga a vida.

Aonde

Aonde discorro largo este pensamento. E hum filho de D. João estava obrigado ■■■ breves dias obrar tais feitos, que com elles enchesse, ■ igualasse o curso de largos annos. Que ■ felicidade da vida poz Seneca não na quantidade dos annos, mas na excellencia das obras : *Nihil interest si tam illum multi anni beatum fecerunt, quàm hunc pauci.* A morte deste valeroso mancebo celebrou Camoens ■ hum soneto, ■ diz assi.

epis. 85.

Son. 63.

*Debaxo desta pedra està metido
Das sanguinosas armas descansado
O Capitão illustre assinalado
D. Fernando de Castro esclarecido.
Por todo o Oriente tão temido
E da enveja da fama tão cantado :
Este pois só agora sepultado
Està aqui já em terra convertido.
Alegrete ■ o guerreyra Lustania
Por este Vriato que criastes
E chora ■ perdido eternamente.
Exemplo toma nisto de Dardania :
Que se a Roma com elle aniquilaste
Nem porisso Carthago està contente.*

Conta elle o caso, e successo de Dio nos Lusíadas com esta Magestade :

*Castro, que ■ estendarte
Portuguez terá sempre levantado ;
Conforme successor ao succedido
Que hum ergue Dio, outro o defende erguido.*

*Persas feroces, Abassís, e Rumes ■
Que trazido de Roma o nome tem
Varios de gestos, varios de costumes*

Que

*Que mil naçoens ao cerco feras vem.
 Farão dos Ceos ao mundo vãos queixumes
 Porque huns poucos a terra lhe detem,
 Em sangue Portuguez jurão descridos
 De banhar os bigodes retorcidos.*

*Basiliscos medonhos, & lioens.
 Trabucos feros, minas encubertas
 Sustenta Mascarenhas cos baroens,
 Que tão ledos as mortes tem por certas.
 Até que nas mayores oppreſſoens
 Castro libertador, fazendo offertas
 Das vidas de seus filhos, quer, que fiquem
 Com fama eterna, ■ ■ Deos se sacrifiquem.
 Fernando hum delles, ramo de alta pranta
 Onde o violento fogo com ruido
 Em pedaços o muro no ar levanta
 Serà alli arrebatado, e ao Ceo subido:
 Alvaro, quando o inverno o mundo espanta
 E tem o caminho humido impedido
 Abrindo vence as ondas, e os perigos,
 Os ventos, e depois os inimigos.*

*Eys vem depois o pay, que as ondas corra,
 Co restante da gente Lusitana,
 E com força, & saber, que mais importa
 Batalha dà felice, e soberana.*

E os mais em que cifrou ■ gloria deste Capitão.

Vestido de gala. Houve que não estava bem chorar essa morte por não deſdizer de ſua hombridade.

Vos, quibus est virtus, muliebrem tollite luctum. Epod. 16.

Aviſa Horacio, eſſes choros ſão de gente afeminada.

*E por eſſe fim ■ Licios nos prantos, que fazião, ſe
 veſtiaõ*

- vestião de mulher, conta Plutarco na consolatoria
 lib. 2. c. 6. a Apollonio. A causa, nota Valerio Maximo, ■■■
 ■■■ 13. para que ■ disformidade do trajo lhe fosse à mão ■■
 continuação do choro: *Uti cultus deformitate ma-*
turius merorem intermittant. Seneca está de pa-
 recer que se não ha de chorar pelos defuntos, ■ en-
 tre o que escreve diz: *Per lacrymas argumenta*
desiderij quærimus: & dolorem non sequimur, sed
ostendimus. Sendo tão gloriola a morte de D. Fer-
 nando, ■ quem seu pay via vivo na gloria, ■ ■■ fa-
 ma, não podia entre tantas razões de se dar mil
 parabens de huma morte tão honrada, buscar acha-
 ques de sentimentos della. E ■ mesmo Seneca nos
 ensinou que huma morte honrada tira ■ pena dessa
 morte: *Est magna felicitas in ipsa felicitate mo-*
 cap. 29. *riendi.* Assim consolava Polibio. Com ■ olhos nessa
 dita se consolava David na morte de Abner: *Ne-*
quaquam ut mori solent ignavi, mortuus est Abner.
 2. reg. 3. Porque havia D. João de chorar a morte do filho
 valente, se elle ■ morte mostrara quem ■ ■
 Trazem ■ Grycias Lacena hum neto quasi morto;
 começã chorar parentes, ■ criados: brada a avô,
 e diz-lhe: *Non silebitis?* Oh não choreis, nem me
 carileis: *Declaravit ex quo sit sanguine.* Plutar-
 co nos apophthemas Laconicos. De hum Xeno-
 phonte conta Plutarco, e Valerio Maximo, que
 recebera a morte de seu filho Grilo no batalha de
 Mantinea com tanta paciencia, e esforço, que af-
 firmara com juramento publicamente, que mayor
 gloria tinha de seu filho morrer como cavalleyro,
 que sentimento, ou pesar de sua morte. Com este
 exemplo poem Francisco Soares Toscano em seus
 parallellos a paragon o animo, e paciencia de D.
 Fran

Francisco de Almeida ■ morte de seu filho Dom Lourenço, e a de Lourenço de Sousa na de seu filho Martim Vaz de Sousa, e a de Sebastião de Macedo na perda de seu filho herdeiro Jorge de Macedo, ■ o presente caso de Dom João todos ensinados do valor, com que ElRey D. João o I. dizendo-lhe erradamente que era morto em Africa o Infante D. Henrique seu filho, respondeo que não montava muito pois morrera em seu officio. Mas elle passa avante, ■ deixa todos estes exemplos muy atras, pois não só com animo constante, e varonil soffreo a morte de seu filho, mas com repiques de sinos, ■ com sair a publico ■ cavallo, vestido de brocado, com gorra, e plumas brancas passou as carreiras, e fez aos fidalgos que então se achavaõ em Goa jogar canas. Mostra-se elle com estas festas obrigado a Deos, ■ lhe agradece estar por nós Dio, ■ honra Portugueza, ainda que á custa do filho morto. Brios de hum Paulo Emilio. Toma elle à sua conta a guerra contra Perses, vence, triunfa. Antes de partir para ■ guerra pede ■ vitoria, ainda que à conta dos filhos, que lhe morreraõ a tornada. Seneca a Marcia: *Egit dijs gratias quod voti compos factus esset, precatum enim se ut si quid ab ingentem vitoriam, invidie dandum esset, id suo potius, quam damno publico lueretur.* celebraõ tambem este feito Plutarco, Livio, e Valerio Maximo. Não menos D. João houve que devia festejar a morte do filho, porque ■ sua defendera Dio, e conservara naquella praça ■ fé.

cap. 23

ELOGIO.

CReceo tanto a opinião da verdade , e limpeza de D. João, que preparando-se para ■ socorro de Dio, lhe deraõ as mulheres de Chaul quantas joyas possuiaõ : huma que estava ausente lhe mandou para ■ mesmo effeito as suas. São os superiores ■ os Ceos ; estes muitas vezes com a virtude de suas influencias não só inclinaõ os animos, mas trocãõ as naturezas. Bom exemplo temos nestas mulheres, que obrigadas do zelo de D. João, largarãõ as joyas de seus enfeytes, a que por sua fraqueza, e vaidade amaõ tão brandamente.

DISCURSO.

AS mulheres de Chaul. Aprenderãõ ellas de Romanas que ■ falta publica deraõ por vezes ouro, e joyas para satisfazer ■ hum voto feito por Camillo à Apollo na guerra; suprirãõ estas o que a Republica não podia: *Cujus cum non esset copia, matronæ cætibus ad eam rem consultandam habitis, & com. uni decreto pollicitæ tribunis militum aurum, & omnia ornamenta in ærarium detulerunt*, conta Livio. A mesma grandeza temos ■ outro lugar do mesmo autor, posto que por aviso dos maridos: *Aurum (dizem elles) & argentum omnes senatores crastina die in publicum conferamus, ita ut unculos sibi quisque, & conjugi, & liberis, ■ filio bullam, & quibus uxor, filiæ ve sunt singulas uncias auri pond. relinquant*; em que ellas vieraõ de boa vontade. Não se mostrarãõ ellas menos ■ oferecer suas joyas

na guerra dos Frãncezes : *Cum in publico deesset aurum, ex quo summa pactæ mercedis Gallis conficeret à matronis collatum acceperunt, ut a sacro auro absterineretur* ; feito que Livio torna a repetir. Não era bem que faltasse a Portuguezas ■ louvor das Romanas ■ em que houve mais de primor, mandar ■ que estava ausente suas joyas. Lá lemos ■■ E xodo des- decad. 4. l. 4.
 penderem ellas suas joyas para fabrica do tabernaculo ■ em tanto, que até do que fiavaõ per suas mãos contribuirão de boa vontade : *Sed & mulieres doctæ, quæ neverant dederunt*. Mas que muito se ■ davaõ ■ Deos ■ persuadidas ■ isso ; se no cerco de Mazagaõ as Mouras deraõ suas joyas ao Xarife para pagar aos soldados, ~~como~~ consta de huma carta do cartorio da Companhia de Coimbra. E já Africanas cortaraõ os cabellos para cordas dos arcos na guerra conta Plutarco de claris mulier. Al. discurs. 19.
 guns exemplos destes refere Navarrete en la consecracion de monarchias, a que ajuntou mais ■ feito das Damas de Dania, que com suas joyas resgataraõ seu Rey quatro vezes cativo dos VVandalos, cf. lib. 2. c. 33.
 creve Alberto Crantz.

São os superiores como os Ceos. Não importa que o semelhante se verifique em tudo, e ainda que V. m. aqui confessa nos superiores tanta força, que não só inclinem os animos, mas troquem naturezas, eu sey que não conhece V. m. tanta força na virtude das influencias celestes ; que estas movem nossas vontades : *Motione indirecta*, como fallaõ doutores graves. Porque o Ceo pode imprimir num corpo qualidades, como calor, frio, e outras tais, que espertaõ nossos appetites, e estes espertos convidão à vontade, não que a possam forçar, e apa-

gar em nós o livre alvedrio ; e a isso chamaõ ■ Poetas estrella, Cuydar que o Ceo pôde mover nossas vontades immediatamente , erro he grave, já condemnado no primeiro Concilio Bracharense contra Priscilliano herege. A razãõ aponta Damasceno :

c. 9. & 10.
lih. 2. Orth.
cap. 7.

Si enim ex astrorum latione cuncta facimus, ex necessitate ea operamus quæ facimus; Porque a estrella he caula necessaria , e assi se obrara immediatamente em nós per qualidades , tambem nos havia de forçar a obrar ; o que he falso. Assi argumentaõ Santo Thomaz ; os Philosophos Conimbrienses. Accrecento que ■ Ceos, como sãõ materias não podem obrar immediatamente em nossas almas , ■ vontades , por serem espirituacs , ■ assi

3. cont. gen.

c. 84. 1. p.

q. 115. art.

5. 1. 2. q. 9.

art. 5. ad 2.

1. de cal. c. 3.

q. 8. art. 1.

& 2.

não podem mover, se não : *Motione indirecta.* A virtude destas influencias de Superiores parece reconheceria Aufonio , quando do Emperador Theodosio Augusto cantava :

Non habeo ingenium: Cæsar sed jussit, habebo.

Naõ foraõ tó de liberalidade as que D. João influio nas mulheres de Chaul : de valor mais que varonil ■ imprimio nos animos das Damas de Dio, que não contentes com a resistencia que dos muros a dentro faziaõ aos inimigos , achandose algumas dellas nos combates com as armas às costas em trajos de homens, e ainda das donzellas , mas passando seu feminil animo os limites de valor , e ousadia , saiaõ fóra da fortaleza em companhia do Governador , levando tudo o que era necessario para mantimento , e cura dos soldados, ■ quem ajudavaõ , e animavaõ para a batalha com palavras de muito esforço. He quanto contaõ nossos escriptores, e com elles Francisco Soares ■ ultimo paralelo.

Porque

Porque se lhe não aventejasse ElRey Theodorio , a quem Ennodio no Panegyrico exalta , com amor, e vontade , com que mulheres concorrião ■ ajudar seu exercito esquecidas de sua sorte. *Tunc arma Cereris , & solventia frumentum bobus saxa trahabantur , onerata fœtibus matres inter familias tuas oblitæ sexus , & ponderis parandi victus cura laborabant.*

Amaõ. Não he isto acção de D. João , ainda que effeitos de suas acçoens , mostraremse damas liberaes nas peças , e joyas , de que pendem todas ■ presumpçoens de seus enfeites, e o crescimento de sua gentileza. Mas porque ellas não sofrem bem , por se lhe alguma nota , ainda quando com ella se lhe realce sua virtude : me pareceo advertir aqui, que São Jeronymo escrevendo a Demetriades , descobre esta condicão de mulheres curiosas , ■ amigas de ornatos. Porque com tal padrinho bem poderá V. m. escapar de sofrer os rayos de suas iras, mais temerosos que esses com que o Ceo nos ameaça. São as palavras do Santo estas: *Ut taceam de inaurium pretijs , candore margaritarum , rubri maris profunda testantium , smaragdorum virore , cerauniorum flammis , hyacintorum pelago , ad qua ardent, & insaniunt studia matronarum.*

E L O G I O.

Dilatava a inclemencia do tempo a jornada de Dio , e ainda que em breve determinava D. João partirse , mandou diante a seu filho mais velho D. Alvaro de Castro , expondo-o às tempestades,

des, e perigos do mar, de que D. João não fiava as armadas Portuguezas. Partio-se em fim D. Alvaro, ou que elle solicitasse ■ brevidade da partida; envejoso da gloria de seu irmão, ■ que quizesse D. João sacrificando dous filhos ■ sua patria, eternizar sua memoria.

DISCURSO.

A Seu filho mais velho D. Alvaro. Parece que cabe aqui ■ de Claudiano de laudibus Stilicidis.

Successusque novis successibus augent.

Duas vezes soccorreo D. João a Dio a pesar das iras de Neptuno; a primeira com seu filho Dom Fernando, ■ segunda nesta occasião com seu filho D. Alvaro. Esta celebrou ■ Poeta Portuguez nas oitavas acima postas. A cada hum delles em tacs ensejos parece lhe estava presente isto de Claudiano ■ Theodosio.

Fidere tam fas est, quam dubitare nefas,

Insanum quamvis hiemet mare.

Epist. 39. Que em filhos de tal pay não podia haver menos obediencia, ■ menos emulação. Porque como avisadamente diz Seneca: *Habet hoc optimum in se generosus animus, quod concitatur ad honesta.* Como este varão excellente se não deixava ocupar de outro pensamento, que de obrar virtudes, ■ humas lhe eraõ incitamento de outras, ■ com exemplos tão de casa, que muito andar tão tocado D. Alvaro da enveja da gloriosa morte de seu irmão que lhe fosse em tudo seguindo ■ pizadas?

ELOGIO.

D Eo lugar ■ tempo, e em breves dias par-
 tio D. João para Dio acompanhado de huma
 bastante armada. Chegou à fortaleza, e ainda que
 a achou quasi desmantelada com as contínuas ba-
 terias, que os inimigos lhe davaõ, pareceo-lhe afron-
 ta de seu valor, e discredito de hum Governador
 da India, estar encerrado entre muros; tirou sua
 gente ■ campo (inspiração divina mais que dic-
 tamen militar) e para acrescentar com ■ desespera-
 ção ■ brio a seus soldados (remetendo o remedio
 de suas vidas ao esforço de seus braços) abraçou
 as portas da fortaleza. Toda a noite desvelou D.
 João ao inimigo por onde não havia de commetello;
 ■ confessados, e commungados os Capitaens, e sol-
 dados, servindolhes de exemplo D. João, ■ ani-
 mando-os o Padre Fr. Antonio do Casal com huma
 pratica espiritual a dar as vidas pello credito da
 Fé, e serviço de seu Rey, commetteo D. João os
 inimigos, e favorecido do Ceo, com só tres mil
 homens ■ que tinha, desbaratou ■ poderoso exer-
 cito de Cambaya: alcançando a mais insigne vito-
 ria, que virão os seculos passados: poreo não he
 muito que conseguisse tão grande triunfo quem sa-
 bio de tratar com Deos seguro do vencimento, co-
 ■ de outro Capitão ■ occasião semelhante disse
 o douto Salviano.

DISCURSO.

COm a desesperação. Conhecido he isto do Poeta Latino. *Una salus victis, nullam sperare salutem.* Muito ajunto eu para ornato daquillo do meu Poeta na Egloga 3.

*Que hum só salvação tem hum perdido
Perder toda a esperança à salvação.*

Nem ha coula mais trilhada nos hitoriaadores, que crescer com a desesperação a ousadia. Dos Romanos incitados com a esperança, ■ vergonha, ■ dos Thraces postos no ultimo de suas esperanças escreve Tacito nos Annaes: *His partæ victoriæ spes, & se cedant insignitius flagitium: illis extrema jam salus, & adstantes plerique matres, & conjuges, & earum lamenta.* Nem he menos o que disse dos Ingrezes. *Conscientia rebellionis, & obseptis effugijs, multa; & clara facinora.* O mais deixo à conta do que acolá digo.

Abrasou as portas. Bisarra determinação em vencer, ou morrer. Maphco escreve que as tirou, que he ■ mesmo, aponta elle estas palavras na pratica que D. João fizera antes de sair: *Ex arce detractas fores, è portu naves in expeditionem emissas; ■ dà ■ razão engrandecendo o feito: A se diligenter provisum uti segnibus, timidisque nullum neque terra, neque mari sit effugium.* Termos com que Belisario força, e esforça sua gente ■ pelear em Africa; elles estavam em terra, e as náos delaparecerão, então lhe diz o Capitão. *Naves procul ■ vobis loci natura amovit, unica spes salutis est in manibus.* Escreve Procopio: e Castrio

to

lib. 4.

lib. 12.

lib. 13.

lib. 3. de bel.
Vandal.

to disse à sua soldadesca já desembarcada em Italia
 ■ huma pratica, que Belisario passando ■ Ingla-
 terra mandara queimar ■ embarcações, ■ que
 passara sua gente para ■ obrigar a pelear esforça-
 damente. Não acho eu que Belisario tal fizesse, *lib. 10. cap.*
 mas devia ■ Autor de trocar o nome de Agatocles, 4
 de quem Justino escreve que passando a Africa má-
 dou queimar ■ náos: *Naves, consentiente exerci. lib. 22;*
tu, incendi jubet, ut omnes scirent, auxilio fu-
gæ sublato, aut vincendum, aut moriendum esse. *lib. 5;*
 Outro caso do Marquez do Valle conta Lacerda na
 Encyda, sobre ■ queyma das náos Troyanas. Passa
 elle ■ novo mundo, e queima as náos, porque
 os Hespanhoes perdessem ■ esperança da volta à pa-
 tria: feito com bons semelhantes illustrado por
 João Solorzano: ■ que junto aquella acção do Con- *de jur. Ind.*
 de Mauricio, que no ■ ano de 1600. vendose com- *lib. 1. c. 5. n.*
 mettido do Archiduque Alberto junto de Ostende, 3¹,
 mandou fazer ao largo ■ náos, em que deliberou
 embarcarle, por pôr os seus soldados em mayor
 necessidade de pelear pelas proprias vidas. Apreen-
 dera Mauricio de outro Conde Olandez, que des-
 sembarcado em Frisia com grandissimo poder para
 desfazer hum aggravo recebido dos Frisoens man- *Soeyr. An.*
 dou ■ náos para Olanda, porque seus soldados *de Fland. l.*
 puzessem só a confiança nos braços, ■ assi venceo. *13. an.*
 De Helvecios conta Cesar que queimaraõ casas, e *1396.*
 fazenda, tanto que asseutaraõ de fazer guerra, ■
 não obedecer aos Romanos: *Privata ædificia in- l. 1. de bello*
cendunt, ut domum veditiois spe sublata, pa- Gal. l. 7.
ratiores ad omnia pericula subeunda essent. Outro
 tanto fizeraõ Heduos por aviso de Vercingeturige:
Æquo animo sua ipsi frumenta corrumpat, ædi-

ficiaque incendat, qua rei famiſiari jaélura perpetuum imperium, libertatemque ſe conſequi videant. Haja em boa hora aqui neſtes exemplos a conſideração da deſeſperação; que no mayor perigo crecem brios valentes, ſe falta eſperança de ſocorro. Lá diſſe Curcio de Alexandre: *Pugnabat pro rege primum celebrati nominis fama, deinde deſperatio magnum ad honeſte moriendum incitamentum.* Porem neſte penſamento não encontrou D. João o dictame militar. Mayores fumos ſoſpeitei eu neſte generoſo eſpirito. Não tem ■■■■ Sparta, e perguntado Ageſilao em Plutarco o porque, diſſe ■■■■ apophthemas Laconicos, moſtrando ſeus Cidadoeus armados, que aquelles eraõ ſeus muros: *Hi ſunt, inquit, muri.* Houve Ageſilao que valentes não tem neceſſidade nenhuma de muros, ■■ cuja ſombra, e emparo ſe defendeão. Deſta reſolução de Sparta diſſe Claudiano no quarto Conſulado de Honório:

Sic armipotens Lacedamon.

Dispexit muros rigido munita Lycurgo
E no Conſulado de Manlio.

Civibus, & vetitis ignavo credere muro
Tutius obiecit nudam lacedæmona bellis.

Pareceo a D. João que deſconvinha ■■ reputação do Eſtado da India entenderſe que muros, que tão poucos ſoldados tinhaõ defendido eraõ neceſſarios ■■■■ preſença de hum Viſo-Rey ſeu. Repararaõ hum dia a Antigono ■■ ſeus em dar huma batalha naval, ſendo ■■ inimigas muitas ■■■■ numero; reſpondeo elle com animo terribel ■■■■ Plutarco ■■■■ vida de Pelopidas: *ad ■■■■ ipſum quot eorum obijcias?* Achava aquelle celebre Capitaõ, que ſua preſença contrapeſava
todo

todo o mayor numero. Se este foy o pensamento de D. Joaõ, foy juſto, e acertado, conſideradas ſuas calidades, e de tantos illuſtres, e valeroſos, que o acompanhavaõ. Em Roma ficava aberto o templo de Jano. A razão dà o meſmo Jano.

Ut populo pateant reditus ad bella proſeſto

Tota patet, dempta, ianua noſtra, ſera.

l. i. Factoi

Parece querer Jano recolher o que fugiſſem da guerra. D. Joaõ em terra inimiga abre; queima portas por moſtrar que Portuguezes não eraõ neceſſarios valhacoutos.

Deſvelou. Não valho eu tanto que poſſa ajuizar a prudencia de hum Capitaõ em inquietar o inimigo, e o ter áleria com os rebates falſos. Lá hajaõ os curioſos com Pedro Barbosa Homem tratado primeiro diſcurſo. 12. fol. 296. no §. ſimulacion en las accio- militares.

E conſeſſados, e commungados. Não he couſa nova começar por Deos guerra; chamallo, e invocallo antes de vir a rompimento com inimigo. Aviso he de Ciro menor em Xenofonte, eſperava elle vencer: *Præſertim cum Deorum ope adiuta virtus ab iniquiſſimis, & diſcillimis temporibus homines vindicare ſoleat.* E aſſim Capitães de fama ſempre começaraõ guerra por votos, Sacrificios. Ciro maior em Xenofonte. *Precatus Veſtam patriam, Jovem patrium, Deosque alios pergebat ad exercitum.* Do fim, e intento avisa elle a ſua gente: *Ut quam optime cum divina ope belligeremus;* Para que os ſucceſſos ſejaõ iguaes a noſſas eſperanças. Menos eraõ os Locrenſes, que os Crotonienſes; aquelles vencerãõ, porque vencerãõ no fazer dos votos, ſegundo a repoſta Delphica, Juſtino: *Reſponſum prius votis*
Ccc ii *hoſ;*

lib. 20.

hostes, quam armis vincendos esses Usaraõ elles de ardil, porque sabendo o numero dos sacrificios que os inimigos faziaõ, dobraraõ os seus. Passa Alexandre ■ Asia, antes de começar a guerra. Frequenta as

lib. 2.

aras, despendese em grandes sacrificios; escreve Curcio; e dà a razãõ; *Hostias cedit precatus, ne se regem illa terræ invite accipiant*. Assim conheceu Sylla a quem havia de invocar, como conhecia a causa, e necessidade de o fazer. Trazia elle no seyo ordinariamente nas batalhas huma imagem de Apollo, que em Delphos houvera, conta Plutarco em sua vida; e vendo se em hum conflito quasi desconfiado da victoria junto das portas de Roma, entre mil beijos, ■ adoraçoens tomandoa nas mãos em altas vozes lhe disse: *O Apollo Pythie, qui felicem Syllam Cornelium tot ex pralijs illustrem, amplissimumque sustuleris, hic in patria portis suis cum civibus fædissimè pereuntem abijcies?* Entre os Gregos reconhece

de die Natali cap. 2.
lib. 24.

este costume Martim de Roa varaõ doutissimo nestas palavras de Justino falando dos Macedonios: *Nunc Alexandri, Philippique regum suorum nomina, sicuti numina in auxilium vocabant*. Das quaes parece que antes de apellidarem Phelippe, e Alexandre, costumavão nas batalhas apellidar outras divindades, como os Espanhoes, e os mais Christãos ■ Santiago, e a S. Jorge. A que respeitou ■ Poeta nos Lusíadas.

cant. 3. oit.
113.

*Chamaõ segundo as leys que alli seguiãõ
Huns Mafamede, & outros San-Tiago.*
Haverem-se do mesmo modo com Hercules os Alemães nas suas sête o mesmo Roa guiado deste lugar de Tacito de moribus Germ. São ellas: *Fuisse apud eos Herculem memorant, primumque omnium ituri in prælia canunt*, desviado do sentido que Lipsio lhe dà.
Melhor

Melhor satisfaziaõ ■ esta obrigação os Hebreos, pois atinavão com o verdadeiro Deos, a quem haviaõ de chamar em seu socorro. Isto declara o Profeta Rey cantando: *Hi in curribus, & hi in equis, nos autem* Psal. 19. *in nomine Dei nostri invocavimus;* e noutra parte: *In te inimicos nostros ventilabimus cornu, & in nomine tuo spernemus insurgentes in nobis.* Psal. 43. Que assim aviva Machab. 2, estes lugares aquelle autor favorecido deste: *At illis* c. 12. *qui cum Esdrin erant diutius pugnantibus, & fatigatis, invocavit Judas Dominum adiutorem, & ducem belli fieri; incipiens, voce patria, & cum hymnis clamorem extollens.* E o confirma Chokier declarando o voto de Onofandro no seu Stratageco com exemplos antigos, ■ modernos. Strateg.

A esta imitação os Principes, e Capitaens Christãos não comettem batalha sem primeiro prepararem suas consciencias, e pedirem ■ Ceo favor, virtude propria do Emperador Theodosio, que não começava a guerra senão por Deos, testemunha Nicephoro: *Si quando bellum motum esset, ad Deum confugiebat, divinum, musicumque Davidem æmulatus, quod in illius veluti promi, condique potestate bella esse sciret.* lib. 14. c. 5. Mostras desta verdade dà em outro lugar. Já ■ cap. 38. guerra contra Eugenio fizera a mesma oração a Deos, e ■ chamara em seu favor. Entra na Igreja do Bautista em Constantinopla: *Ut simul precationem ad Deum faceret, & Baptistam ad ferendum sibi auxilium invocaret.* Confiado no favor de Deos, e intercessoens do Batista então parte contra o tirano. Chega aos Alpes, vese em aperto num passo estreito, pede favor ao senhor, ■ vence: *Imperator animi anxius, disse Nicephoro & consilij inops in summo montis vertice precatoriam domum invenit,* iii

in catotam noctem, per totam universarum Dominum suppliciter orans consumpsit. Sac da Ermida animado pelos Gloriosos Apostolos S. Joaõ Evangelista, ■ S. Phelippe; dà ■ batalha, e vence. Daquella vitoria falla tambem Cludio no terceiro consulado de Honorio, antes parece que allude à piedade nobre de Theodosio, dizendo:

*O nimium dilecte Deo, cui fundit ab antris
Æolus armatas hiemes, cui militat æther,
Et coniurati veniunt ad classica venti.*

- l.12. c.39. Assim que os rogos, ■ preces de Theodosio fizeraõ
assanhar ■ Ceo com ventos, chuvas, e tempestades
contra o tirano, que he quanto escrevem Nicepho-
l.11. c.33. ro, ■ Rufino. E aponta aquelle Author que Theodo-
sio imitava a David, porque este no delafio com o
Gigante disselhe assim: *Tu venis ad me cum gladio, &
hasta, & clypeo, ego autem venio ad te in nomine Do-
mini exercituum.* Vòs vindes armado de ponto em
17. bráco contra mim, poreu eu venho armado do favor
Divino. Nas suas antiguidades ajunta Philo Biblico,
que nas cinco pedras, que tomara contra o Gigante,
escrevera ■■■■■ Santos: *Accepit septem lapides, &
inscribit nomina patrum suorum, & fortissimi, &c.*
Erra claramente em dizer que sete; na outra parte
dos nomes Santos se lhe dà credito, porque mostra
a piedade estranha de hum David antes da briga.
Aprendera Theodosio de Constantino Príncipe pijs-
simo, que trasia sempre nos exercitos hum oratorio
portatil, para que nem elle, nem seus soldados ti-
vessem falta nos Sacrificios Divinos, ■ estivessem se-
guros do favor do Ceo invocando-o cada dia naquell-
le Templo; este costume deu causa às Missas castren-
ses escreve Claudio Espenceo de Eucharistia.

lib.2. c.9.

Mui-

Muitos exemplos temos desta piedade, e costume *lib. 2. c. 9.* me entre os Portuguezes, principiada em seu primeiro Rey D. Affonso Henriques. Delle nos contaõ suas Chronicas que não commettia empreza alguma sem tratar primeiro muy apertadamente com Deos, ainda por meyo de Varoens Santos. E naquella celebre vitoria do Campo de Ourique, além das muitas oraçoens, e afliçoens do animo, com que a antecipou pondose em mãos de Deos, escreve Fr. Bernardo de Brito *Chronica de Cister, lib. 3. c. 2.* que na madrugada do dia da batalha mandou celebrar missa na sua tenda, e em muitas outras do arrayal, a que commungaraõ elle, e os seus soldados. Este Santo costume guardaraõ depois todos seus successores. E ainda tinhaõ por regimento não principiar a guerra, e caminho sem bons agouros da confissão, e missa. Com gosto repito aqui estes capitulos do antigo regimento da milicia, por serem resplandores do Sol da justiça, e piedade, de que se vestia o animo dos Principes Portuguezes. Diz hum.

Quando nos outros, ou algum Capitaõ de nosso Reino com graça de Deos começarmos alguma guerra, para nossa tenção, e preposito ver boa fim, entre todas as cousas que lhe cumpre de fazer para bom regimento, e governança della, assi he que primeiramente devemonos de encomendar, e nosso feitos a Deos, e deshi por toda esperanza em elle, porque sem sua graça, e ajuda não se pode cousa boa fazer, e deshi ante que aballemos com nossa oste para alguma parte devemos fallar com nosso confessor, e com aquelles, que tiverem cargo das almas de confessar, que fallem com todos os cavalleiros, e fidalgos, que fação confesar toda

da nossa gente , ■ se foubarem alguns que se não fallem , e estaõ ■■ odio fazellos reconciliar , ■ prestar , ■ perdoar , ■ se alguns forem negligentes , devemos poer aquella pena , de que cada hum for merecedor até ser feito , ■ cumprido todo nosso mandado. O outro continua.

Tanto que nós tivermos junta toda nossa gente , ou mayor parte della com que bem possamos aballar nossa oste , devemos o dia da partida mandar dizer huma missa muito solenemente em lugar certo por nós affinado , ■ mandaremos hi levar nossa bandeira metida ■■ funda , ■ recolheremos hi nossas gente , e acabada ■ dita missa , ■ recolhida a gente , partiremos com ■ graça de Deos.

Este costume tanto respeitou o grande ~~Campoens~~ dizendo em Vasco da Gama.

Aparelhamos a alma para ■ morte

Que sempre aos nautas ante os olhos anda

Para o summo poder que a eterna corte

Sustenta só com ■ vista veneranda

Imploramos favor que nos guiasse ,

E que nossos começos aspirasse.

Tratou-se da sua partida , e aparelho para o descubrimento da India. Bom exemplo temos ■■ batalha de Algibarrota ; prevenio-se o bom successo della com missas ouvidas , e ■ Santissimo Sacramento recebido. He quanto nos poz em memoria a ~~Chronica~~ del Rey D. Joaõ ■ primeiro Capitulo 31. assi ■ guardava ■ Santo Condestabel em seus commitments , nem ■ fez outra cousa ■■ conquista de Ceyta. 1

Pois aquelle assombro de valor humano D. Nuno Alvares Pereira antes da batalha fazia sempre oração

ção diante de hum Crucifixo, e a Virgem Mãe que trazia na bandeira, ■■■■ deixava ■ oração por mayor aperto de inimigos até a acabar. O Poeta nos *Lusiadas*.

Mas não ves quasi já desbaratado

Cant. 7.

O poder Lusitano pela ausencia

Do Capitão devoto, que apartado

Orando invoca ■ summa, e Trina essencia

Vello ■■■■ pressa já dos seus achado

Que lhe dizem que falta resistencia

Contra poder tamanho, e que viesse

Porque comsigo esforço aos fracos desse.

Mas olha com que santa confiança

Que inda não era tempo, respondia.

Como quem tinha em Deos ■ segurança.

Da vitoria, que logo lhe daria.

Celebrarão esta devação, e animo piedoso do Condestable, e segurança em Deos na batalha de Valverde Francisco Rodrigues Lobo, e Francisco Toscano em seus *Parallellos*, que recolhe alguns casos semelhantes, e pertencentes a esta materia com os

Cant. 16.

11. 12. 13.

13.

Autores, que os apontaõ. D. Duarte de Gusmão com os soldados confessados, e commungados com-

metia inimigos da fé. He quanto escreve D. Agostinho em sua vida. Assim D. Joao como verdadeiro

l. 4. print.

26.

Catholico deu principio à felicidade desta batalha com sua piedade. Porem della não foy só effeito ta-

gloriosa vitoria, ■■■■ o do grande D. João de Castro ter por seus guerreiros eff-

~~celebre~~ que he ventura tanto mayor, que ter os ventos por aventureyros como succedeo a Theodosio, que não pode ter huma cousa comparação al-

Ddd

guma

alguma ~~com~~ a outra, mayormente decendo os soldados do Cco ~~em~~ favor deste Heroe debaixo da obediencia da Virgem Senhora nossa, que naquella occasião deo ~~o~~ conhecer ~~os~~ inimigos da fé, e ~~o~~ Portuguez, ~~o~~ verdade com que o divino Poeta entoo: *Terribilis, ut Castrorum acies ordinata*, obrando sua presença em soccorro deste heroico Capitão, ~~o~~ de seus foldados, mais que hum bem armado exercito. De que se nos seguiu a gloria, que com a suavidade de seu estilo considerou.

l. 6. t. 1.

João de Lucena relatando o caso ~~o~~ vida de S. Francisco Xavier. Aconselhado destes exemplos quando D. João de Austria deu a batalha naval de Lepanto preparou a vitoria com dispor seus foldados com o jejum de tres dias, para que dignamente recebessem o divinissimo Sacramento, como fizeraõ. D. Lourenço Vander libro 3. da vida daquelle principe.

l. 8. de Gu-
bern. Dei.

O douto Salviano Bispo de Marcelha. Conta elle o caso com estas palavras: *Denique rex ipse hostium quantũ res prodidit, ac probavit usque ad diẽ pugne stratus cilicio preces fudit ante bellum in oratione* ~~facta~~ *cu bellũ de oratione surrexit, priusquã pugnam manu capeceret supplicatione pugnavit, & ideo fidẽs processit ad pugnam, quia jam meruerat in oratione victoriam.* Não declara elle quem era o Principe, ~~o~~ por ser ~~o~~ guerra contra Litorio nos confessa de Sidonio ~~o~~ panegyrico de Avito ser Theodorico Godo a quem chama Theudoridas:

Capto terrarum lamna patebant

Litorio in Rhodanum proprios producit ~~e sua~~

Theudoridæ fixum.

n. 217.

E he juizo de Sirmondo nas notas daquelle Poeta. Na
Verda-

verdade Theodórico ■ pio, ainda que Arriano, como dà fé ■ mesmo Sidonio escrevendo ■ Agricola nestas palavras: *Si actionem diuturnam, quæ est forinsecus exposita, perquiras: antelucanos sacerdotum suorum cætus minimo comitatu expetit, grandi sedulitate veneratur*; parece que nem esta, nem outras boas manhas, de que ■ gaba, o livraraõ das mãos de maos Conselheiros, ■ de Theologos errados. Deste Principe falla Salviano, e he muy digno de consideraçãõ ver que agrada tanto a Deos ■ piedade, que por ella favorece, ainda aos que tem erros ■ fé, porque ■ seu exemp^o se esforcem nella os verdadeiros Catholicos.

E L O G I O.

Querendo D. Joaõ reedificar a fortaleza de Dio, e faltandolhe ■ dinheiro necessario para a obra, pedio emprestados vinte mil cruzados ■ Cidade de Goa, e por segurança da paga, não tendo cousa que empenhar, lhe mandou huns cabellos de sua barba: tornoulhos Goa, e ■ dinheiro, ^{um} grande empenho para tão pequena cantidade. Dificil será julgar, qual das duas acçoens pede mayor admiração, se ■ confiança de D. Joaõ nacida de sua virtude, se o lanço da Cidade de Goa procedido de sua liberalidade, porem eu sey que de huma, e ou: ~~tra~~ he a gloria de D. Joaõ, porque seu nobre procedimento o fez a elle confiado, ■ ao magistrado de Goa

DISCURSO.

H *Uns cabellos de sua barba.* Não se achava de tanto credito o Cid Ruy Dias de Bivar, a quem para remediar necessidades de hum jornada lhe foy forçado encher certas ~~cozas~~ de arca, fingindo estarem-no de dinheiro, e joyas, para que hums Judeos lhe emprestassem sobre ellas o dinheiro que lhes pedia. Emprestando-lhe, e elle as desempenhou depois, como se foraõ os penhores muy equivalentes, mandandolhes dar ganhos. He quanto conta sua Cronica. Deulhe valor sua palavra. Do grande Affonso de Albuquerque he sabido, que pedindolhe hum soldado de comer em hum necessidade, e tal o aperto, que lha não pode remediar. Correu a mão pelas barbas, e tirando alguns cabellos dellas deu-os ao soldado para que fosse empenhar, e remediasse sua falta, que elle soube guardar, e o Albuquerque desempenhar. Bom tempo de Portugal, em que os seus Capitaens estimavão tanto suas barbas, que eraõ havidas por penhor bastante. Porem que muito entre Portugueses. Cujos juramentos mayores eraõ: jurar por estas barbas: empenhovos estas barbas. Lá conta Hildeberto Arcebispo Turonense Epist. 39. que o Conde Rotrocho mandou cabellos de sua cabeça em prova de sua palavra na defesa de Hildeberto. *Ac se simulatorie loqui putaretur, abstissos de capite suo capillos transmisit.* Rico fora, e farto de sua ambição Dionysio de Sicilia se pudera tusquiar tão ricas barbas, como fez à de Epidauro. *Æsculapio barbam remisit: referre Valerio Máximo.* Este caso heroyco chama-se contenda

Fran

c. 9. & c.
214.comenta-
rios p. 4. c.
62.l. 1. c. 2. n.
23.

Francisco Soares em seus Parallelos, ~~em~~ do Em-
 perador Valduino, Antonio Moniz Barreto Gover-^{cap. 39.}
 nador dos Estados da India, e Ruy Mendez Ribeiro
 Capitaõ de Ceyta, que ~~em~~ outras taes necessidades
 empenharaõ seus filhos. Porem coube a D. Joaõ
 mayor felicidade em ~~em~~ haver com Portuguezes, que
 conheceraõ por penhor seguro sua oferta, ~~em~~ calidade
 de sua palavra, mandandolhe o dinheiro com muy
 acertada liberalidade. Gloriosa competencia, ~~em~~ em
 que vemos ajuntado isto de Seneca. *Felices qui vi-*^{de benef. l.}
cerint, felices qui vincentur. Coufas ha em que ^{3.c.38.}
 igualmente he gloria vencer, que ser vencido. Bem
 sey o que hum Conde de Tendilha obrou lavrando ^{Salazar}
 moedas de papel com o preço, que nellas punha da ^{Mendoça l.}
 sua letra, para remediar ~~em~~ aperto, e necessidade de ^{l. c. 55. da}
 dinheiro que havia na Cidade Alhama, e ~~em~~ que ^{chronica do}
 puntualidade ~~em~~ desempenhou. Mas ~~em~~ escritos saõ ^{Cardeal D.}
 cridos, e a necessidade lhe ajudou o credito. ^{Pedro Gon-}
^{çalves de}
^{Mendoça.}

E L O G I O.

TOrnase D. Joaõ a Goa, e recebeo ~~em~~ ^{de de-}
 baixo de hum palleo, imitando ~~em~~ entrada aos
 triunfos Romanos. Levava huma coroa de palma ~~em~~
 cabeça, e outra coroa na mão; honra que D. Joaõ
 aceitou para emulação dos futuros; que nunca ad-
 mitio magestades ~~em~~ sua pessoa sem consequencias
 certas de mayores aproveitamentos à sua patria.

DISCURSO.

H Uma coroa de palma. Ao costume moderno; que se guarda em Capitães vitoriosos nas entradas de alguns povos, se acrescentou ■ D. João ■ excellencia das duas coroas de palma, huma ■■ cabeça, ■ outra na mão. Contentale com pouco ■ triunfante, porque não milita senão por honra. Lá disse Plinio da coroa civica, que era de carvalho, e não de ouro, por esse mesmo fim. *O mores æternos, qui tanta opera honore solo donaverint, & salutem civis ■ pretio esse noluerint, clara professione servari quidem hominem nefas esse lucris causa.* Acudira D. João à gente de Dio, a coroa que toma he ■ de palma por honra do efeito, e não de ouro, porque todo seu interesse consistia na gloria do successo. Encarece Cicerão ao Povo Romano quanto trabalhara pelo defender das mãos de Catilina, e seus aliados. E que premio pede por tão bom serviço? A memoria daquelle dia, ■■ que a libertara dos cutellos que tinhamo ■■ gargantas: *Quibus pro tantis rebus Quirites, n. ego à vobis pramium virtutis, nullum insigne honoris, nullum monumentum laudis postulo, præter quam hujus diei memoriam sempiternam. In animis ego vestris omnes triumphos meos, ornamenta omnia honoris, monumenta gloriæ laudis insignia condi, & collocari volo. Nihil me mutum potest detestare, nihil tacitum, nihil denique hujusmodi quod etiam minus digni assequi possunt. Memoria vestra, Quia nostræ res alentur, ■■■■ crescent, literarum monumentis inveterascent. & corroborabuntur; e acrescenta logo. Mibi quidem ipsi, quid*

l. 16. c. 4.

Orat. 3.

quid est quod iam ad vita fructum possit acquiri: cum praesertim, neque in honore vestro, neque in gloria virtutis quidquam videam altius, quò quidem mihi tibeat ascendere. Não tinha D. João mais que desejar que Cicero em obras de tão conhecida vantagem. Pudera elle tomar tantas coroas, quantos Portuguezes libertara, porque já Claudiano disse de Stilico.

Mos erat in veterum castris, ut tempora quercu lib. 3.

Velaret, validis fuso qui viribus hoste

Casurum potuit morti subducere civem.

At tibi, quæ poterit pro tantis civica reddi

Manibus? Aut quantæ pensabunt facta corona?

Mas assi como este Capitão não entra em Roma, em carro nobre, á guisa dos Cesares, e Scipioens: porque lhe não agradava tanto premio, como o trabalho:

Non illum præmia tantum,

Quam labor ipse juvat, strepitus fastidit inanes,

Inque animis hominū, pompa meliore, triumphat.

Assi este Varaõ excellente, nem toma coroa de ouro, nem sobe em carro sublime, porque na memoria daquelle dia estavaõ todos seus triumphos, todos os ornamentos de honra, todos os apparatus de gloria, todas as insignias de louvor. Mas leva humana coroa na cabeça, outra na mão em prova de que mereceo seu triumpho por força de braço, e de conselho: gabo de hum Jugurtha em Sallustio:

Quod difficillimum in primis est, et prælio strenuus erat, et bonus consilio: espanço de Ennodio nas

exhortações de Theodorico: Quis credat unum petus posse sufficere, ut per rocinctos indomitus vincat prælijs, et agat consilio, ne dimicandi cau-

sa

sa contingat? Acho graça ■■ as coroas serem de palma, devendo ser de louro à guisa de Roma: mas só essa palma póde bem mostrar, quais sejaõ ■■ vitorias de D. João. Isso sentiraõ ■■ Gregos em dar ■■ palma nos triunfos, a cujo exemplo escreve Livio, se começou ■ fazer ■■ Roma na guerra dos Samnites: *Eodem anno coronati primum ob res bello bene gestas; palmaeque tum primum, vel translato è Grecia more, victoribus datae.* Tal nos pinto Claudiano a Stilico.

lib. 10.

lib. 3.

Quam certa fuere

*Gaudia! Cum totis exurgens ardua penis
Ipsa duci sacras victoria panderet aedes,
Et palma viridi gaudens.*

Porem não coroado com palma; que isso se guardava para D. João, porque o mesmo nome Phœnis, quer dizer palma, e aquella ave famosa, e unica no mundo, da qual Plinio escreve, que renasce de si mesmo: *Mirum de ea accepimus, cum phœnice ave, quæ putatur ex hujus palmæ argumento non accepisse, iterum mori, ac renasci ex se ipsa.*

psal. 91. n. Donde Tertuliano tira aquelle gabo do Varaõ julto.

106.

cap. 13. de
resurrectio-

Fusa ut palma florebit: porque no texto Grego temos. *Iustus ut Phœnix florebit:* nota ahi Pamelio, e Tertuliano glosa: *Florebit enim velut Phœnix, idest de morte, de funere.* Assim que palma, e phœnix he o mesmo ■■■■ para mostrar D. João, que suas obras são unicas, e singulares no mundo, ■ que em fim tornaõ a viver per fama depois de sua morte. Penetramos com que ■ Poeta cantou.

canto 1. oct

14.

Castro forte

*E outros, ■ quem poder não teve a morte.
Verdade, que conheceo Horacio, dizendo*

Non

*Non omnis meriar, multaque pars mei
Vitabit Libitinam, usque ego postera.
Crescam laude recens.*

lib. 3. ode
ult.

De novo nasce D. João com crescimentos de fama;
■ gloria. Mas porque leva huma coroa ■■ mão? Pa-
ra repartir com sua soldadela de suas honras. Con-
dição de hum valor heroico. Lá disse por graça Dio-
nyzio que terem Deuses ■■ mão coroas de ouro,

■■ offerecerlhas ■ elle, e assi lhas tomava: *Per-* lib. 1. cap. 2;

*quamstultum esse argumentando à quibus bona
precamur, ab his porrigentibus nolle sumere,* ei-

creve Valerio Maximo. Leva a coroa de palma na
mão offerecendo essa honra à companheiros tão va-

lentes, como parte tamanha em seu triunfo. Avi-

saya tambem à successores, que triunfava quem pe-

lejava por gloria sómente, que ■■ mão levava aquel-

la para quem o imitasse. Contouse outra hora a

Xerxes que Gregos celebravaõ os seus jogos Olym-

picos, ■ que esperavaõ levar os preços delles:

perguntou o Principe, que premios se lhes davao?

Respondeo selhe, que huma coroa de oliveyra. A

isto acudio Tigranes hum dos grandes de sua corte,

que ■■ temeridade irem commetter ~~que~~ em seus

desafios não tinha o olho ao interesse, mas ao cre-

dito da virtude; *Papæ Mardoni, in quos viros in-*

duxisti nos ad pugnandum, qui non pecuniarum

certamen agitent, sed virtutis. Os Viso Reys po-

bres venceraõ, e triunfaraõ: *Quæ enim uberrima*

virtutis propositæ sunt præmia, ad ea optimo quis-

que in reipub, animo contendit; continua Thucy- lib. 2;

ides. E não he muito correr atrás de huma coroa

de palma, quem leva o intento de locostrez, e de

honra a patria. Muito he que atégora a tomassem

Ecc

taõ

E L O G I O.

E M sua ausencia tratou o Idalcaõ de se apoderar de Salcete, e de Bardes; acodio D. João com toda a pressa ao socorro, mas primeiro que chegasse, tinha remediado sua fama a falta de sua presença.

D I S C U R S O.

R Emediado sua fama. Que muito assombrar D. João, quando triunfador ao Idalcaõ, se em seus principios huma só resolução sua acobardou Barbaroxa: e sua reputação alimpava os mares, como já vimos!

Non ne fugiet Maurus, cum viderit, umbrã. Podia elle com mais razão dizer, que de Stilico Claudiano de bello Gildonico. Celebrou Roma a hũa Curio por fazer retirar de Italia a Pirrho já desgostoso da guerra.

Plus fugã laudetur Pyrrhi, quã vincla fugurthæ.

Canta o mesmo Poeta de bello Getico. Que gabos escrevera! Que louvores, e memorias nos deixara se lhe coubera por sorte hum Capitaõ, que quando brigava, vencia, e quando não brigava, assombrava de medo e tão poderosos Principes com tão pouca gente, e tão longe de sua patria! Escito do ~~circulo~~, e fama de seu valor, em quem ~~Seneca~~

epist. 13. l. conhece o poder na guerra: *Illa, quæ conficere bellum solet, fama.* Com quem acosta Livio, que não

só a fama, ~~mas~~ *quæcunque breves momentos confide-
dera poderosos em acçoens militares : Fama bellum
conficit , & parva momenta in spem , metumve im-
pellunt animos.*

ELOGIO.

A Frontado da rota de Dio tratou ElRey de Cā-
baya da vingança, ajuntando grande exercito
contra ■ Estado da India. Prevenio D. João o reme-
dio, assombrando os mares de Cambaya com huma
grossa armada, e abrasando os lugares vesinhos da
marinha. Saltou D. João ■ terra hum dia, e sa-
bendo ■ Rey Gentio o veyo buscar com cinco mil ca-
vallos, muita infantaria, e grande copia de Ele-
fantes com castellos. Teve D. João aviso, e poden-
do retirar-se antes de chegar o inimigo, não lho so-
frego seu animo; esperou-o ■ terra, e não teve bem
vista do exercito contrario, quando partio a com-
metello com o seu. Temeo ElRey de Cambaya tão
grande resolução, e retirouse ■ passo largo, fez
D. João alto, e depois de o perder de vista, se tor-
nou para ■ posto, que deixara, donde marchou para
Baroche, que a vista do exercito inimigo deixou de
todo abrasado, alcançando, sem sangue de seus
soldados, vitoria de tanta estimação. Antes de D.
João se embarcar escreveu huma carta ao de Cam-
baya encarecendolhe o grave sentimento, que leva-
va, de senão verem naquella occasião, mas que elle
~~procuraria~~ com todas as veras outra, aonde podes-
zar seu fossem as vistas forçadas.

DISCURSO.

P *Revenio D. João.* Ocasiaõ ■■ dava V. m. aqui ■ bons discursos. Que se afrontaõ Principes com ■ melhor fortuna do inimigo. Que trataõ de desagravar com ■ vingança. Que se remedeiaõ em acçoens de guerra males de terra com prevençoens do mar. Inculco-os ■ talentos maiores, ■ mais alentados, que ■ meu, porque não são alheys do tempo. Contentome com advertir ■ prevençaõ, e singular conselho de D. João em segurar os mares. Seguio elle aquella segura resolução de D. Francisco de Almeida, que affirmou não se poder sustentar ■ Estado da India sem o senhorio do mar. Muitos exemplos nos emprestavão aqui os Athenienses, Lacedemonios, e outros povos de Grecia. Muitos todas ■■ mais naçoens, cujas vitorias celebraõ as historias. Contentome ■■ o exemplo de Mitridates, o qual posto no auge, e maioria de seu imperio, ■ repartindo o governo d'elle entre seus tres filhos, fez almirante a Archelau Principe herdeiro: *Ex quibus maximus Archelaus universo mari navibus imperabat; Cyclades insulas in servitutem traherat.* Palavras são de Plutarco na vida de Sylla. Como cousa de maior momento encarregou o governo, e senhorio do mar ao filho mais velho, donde se vê grande juizo, com que se houve D. João nesta acção.

Esperou-o em terra. Como cousa digna de particular memoria celebrou esta valerosa resolução o Poeta.

*Este depois em campo se apresenta
Vencedor intrepido em possante
Rey de Cambaya, a vista lhe amedrenta
Da fêra multidão quadrupedante.*

*Cant. 10.
oit. 72.*

Nem sofreraõ vello dos olhos, quanto mais a guardar o rigor de seu braço: *Primi in omnibus prælijs oculi vincuntur*, disse Tacito de moribus Germanorum.

Escreveo. Là conta Panormitano que Oferio Rey l.2. de fact. de Tuncz eícreveo o D. Affonso Rey de Napoles que & distis Al- estava sobre os Gerbes, que para q̃ lhe fosse de ma fosi. ior momento a vitoria daquelles povos, determinava-se com elle cara a cara. Mas saindolhe D. Affonso ao encontro, elle se desviou. Que no dizer, e fazer he só hum D. João.

ELOGIO.

Chegado D. João a Goa achou ao Idalcaõ com hum copioso exercito em Salcete; não dilatou D. João o castigo; foy buscalo, deolhe batalha, e sabio della vitorioso a morte de muitos inimigos. Celebrouse esta vitoria na India com versos, que se cantavaõ pellas ruas, e deo tanta reputação ao Estado, que nada ousou interromperlhe a paz por muitos annos.

DISCURSO.

Não dilatou D. João o castigo. Mais escreveo o Poeta Principe desta acção:

Não

*Não menos suas terras má sustenta
O Idalcaõ do braço triunfante
Que castigando vay Dabul na costa
Nem lhe escapon Pondá no sertão posta.*

Aonde ■ comento acrecenta outras circunstancias desta vitoria. Huma dellas he a presteza, com que D. João acudio ■ este encontro sem entrar em Goa, certo de que os Portuguezes venceraõ sempre mais com animo ■ ■ bizzaria, que com forças, ■ poder; e que tem feito seu aquillo de Livio: *Stultitia sit, sedendo, ac votis debellari credere posse*. Todas suas vitorias pueraõ sempre no valor de seu braço; ■ assim lhe aconteceo ■ D. João, o que là disse de outro Capitaõ Romano Claudiano de bello Gildonico: *Rumorem, que sui prævenit laurea belli*. Dizendo, e fazendo desfez todas aquellas nevoas de arrogancias, com que ■ Idalcaõ cuidou offuscar sua gloria.

Com versos. Celebraõ Musas de Goa ■ este filho da virtude (tal patria deu S. Gregorio Nysseno aos virtuosos entre louvores de Basilio: *Patria autem virtus*) porque ■ coroa de gloria, que lhe o Mundo dava, fosse do ouro de mais subidos quilates. He ■ ouro desta coroa ■ louvores, e gabos publicos, mas com esta differença, que louvores fechaõle nos juizos dos homens, gabos saem à praça, e se publicaõ nos versos, e hymnos em que os cantaõ, e esta he a fineza mayor deste ouro, e desta coroa de gloria: *Laus est in tacitis hominum judicijs, aut in publicatis: illa proprie laus, hæc dicitur laudatio*; escreve com bom juizo Carolo Pascalio de Corona; e a prova justamente chamar Pindaro aos versos: *legem laudatoriam*: ley de gabos, porque acompanhando o louvor, e ■ gabo ■ justiça do vencedor: assim como não ha

lib. 5. c. 8.

Olymp. ode:
3.

ha cousa mais ~~iniqua~~, e injusta, que negar a hum varão excellente ■■ devidos louvores, não ha cousa mais igual, e justa, que responderlhe com hum pregação de versos, com que os louvadores ficão desempenhados daquella obrigação, ■ o louvado leva a paga merecida. Este he ■ meyo, porque o benemerito da Republica triunfa magestosamente de maldizentes, de envejosos, de mentirosos, da antiguidade, do esquecimento, ■ da mesma morte, livrando das injurias destes inimigos aquelles, que com animo constante, ■ generoso militaõ debaixo das bandeiras da virtude, consagrando-os ■ huma fama eterna. Qual vemos ■ D. João, cuja memoria vivirá em quanto viver ■ Mundo; igual nesta fortuna ■■ Emperador Constantino Magno, a quem os seus coroaraõ de louvores, ■ gabos, coroa de preço mayor. *Augustum illius caput orationibus, tanquam coronis ex varijs lib. i. c. r. flosculis pulchre contextis nuper ipsa regia mirifice decoravimus.* Escreve Eusebio em sua vida entendendo-o dos panegiricos ditos àquelle Emperador.

E L O G I O.

A Doeceo D. João, e apertou o tanto ■ mal, que elle tinha occultado com singular prudencia muitos dias, que conheceo serem chegados os ulimos de sua vida. Achavase sem remedio, até para curar-se. ■ taõ estreitos termos o reduziraõ sua limpeza, e sua liberdade: não quiz porem pedir dinheiro emprestado, por não perder, se vivesse, a liberdade obrigado, nem fazer dividas, que não pudesse pagar, quando lhe faltasse ■ vida. E lembrando-se que era

cos:

costume antigo dos Romanos, grandes mestres de razão de estado, pagar do Erario publico as dividas, que os Proconsules contrahião nas Provincias, que governavaõ; tendo por menos cabo do Senado, que aquelles que administrando justiça, e abstendo-se do alheyo a creditaraõ ■ virtude Romana com as nações estrangeiras, padecessem necessidades: lhe pareceo justo, em tão apertada occasião, aproveitar-se da fazenda do Rey, a que servira, e chamando ■ D. João de Albuquerque Bispo de Goa, D. Diogo de Almeida Freire Capitão della, ao Doutor Francisco Toscano Chancarel daquelle Estado, Sebastião Lopes Lobato Ouvidor geral, e a Ruy Gonçalves de Caminha Vedor da fazenda, aos quaes por sua virtude, e prudencia tinha depois de sua doença encarregado o Governo da India, assistindo juntamente, por ordem de D. João, o Deão da Sè de Goa, o Padre Mestre Frey Pedro, Vigairo geral da Religião de S. Domingos, Frey Antonio do Casal, Custodio de S. Francisco, ■ Santo Francisco Xavier da Companhia de Jesus, ■ os Vreadores da Cidade, representou ■ todos juntos sua pobreza, nascida dos mayores proveitos de seu Rey, em cujo serviço consumira ■ mayor parte de seus bens, pedindolhes o soccorressem com a fazenda Real, respeitando de sorte ■ grandeza do posto, que occupava, que nem elle perdesse ■ autoridade, que merecia, nem se fizessem por sua causa excessos, que se reputassem por culpa. E tomando hum Missal, que junto de si tinha, jurou nas mãos do Deão, que nunca se aproveitara da fazenda d'ElRey em cousa alguma, nem a tomara à Christãos, Judeos, Mouros ou Gentios; pedindo, que tudo isto se escrevesse em os livros da fazenda daquelle Estado, assinado-se nelle

as pessoas que alli estavam, aonde ficou escrito para gloria de seus decendentes, exemplo, e modestia de seus successores, credito de sua patria, e melhor serviço de seu Principe. Deu ■ Portugal D. João ■ gloria de mais honra dos exemplos que aquelles com que ■ Republica Romana se esvaece tanto, que se Publicola, sendo tres vezes Consul, necessitou do favor do Senado para seu enterro, acabou pobre na Cidade de Roma naquelle tempo tão limitado ■ riquezas; & D. João paaeeo misérias governando ■ India Oriental a mais opulenta Provincia, que se conhece no Mundo.

DISCURSO.

Que era costume antigo dos Romanos. Parece al-
ludir a citás palavras de Valerio: *Tam præcla- l. 4. c. 4.*
ro proposito illa merces reddebatur: quod nihil eo-
rum quæ virtuti debentur, emere pecunia licebat,
inopiaque illustrium virorum publice succurreba-
tur. Grandes dous premios para criar virtudes; não
dar lugar ■ que leve o preço, e a ambição o galardão
que à virtude se deve, e saberem varoens heroicos
que tem o remedio de suas necessidades, e de seus fi-
lhos no thesouro publico. Esta he ■ agoa, e Sol, com
que nas Respublicas se criaõ generolas prantas, ■ fer-
telisaõ seus campos grande copia de fogeitos virtuo-
sos. Là nos deixou escrito Theofrasto, que não he o
campo ■ que produz, ■ ■ a temperança do anno: *an-*
nus producit, non ager. O exemplo nolo confirma, *l. 7. de plā-*
pois a terra que este anno não produzio coula algu- *tis, & l. 3.*
ma, no que vem, acode com crecidos, e não esperados *de causis*
frutos. Assim nas Respublicas vicejaõ fogeitos quan- *plantarum.*

do favores publicos os fomentão; e criação. A esta conta Romanos se obrigavão a acudir da Republica em suas necessidades, assim ■ a vida, como ■ a morte, a varoens, que por serem tão limpos, viviaõ tão pobres. Muitos exemplos traz alli Valerio ■ a morte de Publicola, de Agripa, de Elio Tubero, ■ de outros; e de Agripa diz Livio tambem: *Sumptus funeri defuit, extulit ■ plebs sextantibus collatis in capita.*

lib. 4. t. 4.

Sua pobreza nacida. Essa causa dà lá Valerio para a virtuosa pobreza dos Romanos: *Patriæ enim ■ unusquisque, non suam, augere properabat: pauperque in divite, quam dives in paupere imperio versari malebat.* Não me posso ter, que não havive daqui ser final da pobreza da Republica ■ riqueza dos particulares, que ■ governação. Bem entendia esta verdade quem preguntava a Sylla como podia ser homem de bem, quem nascendo tão pobre, enriquecera tanto: *Quomodo vir bonus esse potes, qui cum nihil ■ patre tibi relictum sit, tot, ac tanta possideas?* Andava nos pilourões publicos, ■ entrando pobre, avultava muito em fazenda, final de pouca limpeza. Digno he de consideração o que Plutarco acrescenta ■ a vida daquelles Romanos: *Nam cum rectus ille, ac nitidus vivendi mos aut amplius permaneret, iamque deliciarum, & luxuriosi apparatus emulatione suscepta & maiorum circulo deflexisset, par tamen convivium ponebatur, & suorum facultates amittere, & paternam minime paupertatem conservare.* Igualmente se estranhava já naquella declinação dos bons costumes desperdiçar heranças de avós, que adquirir fazendas, ■ não conservar a pobreza, em que cada hum nasceo. Não se tinha ainda despido dos animos honrados aquella estimação da dignidade, ■ que

que creceo ■ Republica Romana, e que era ■ vinculo dos parentescos, ■ amizades publicas. *Animi virorum, & faminarum vigeant in civitate, eorumque bonis, dignitatis aestimatio cunctis in rebus ponderabatur. Hac imperia conciliabant, hac jungebant affinitates, hac in foro, hac in curia, hac intra privatos parietes plurimum poterant.*

E tomando hum missal. Não me espanto que hum Varaõ tão illustre, e de tanta authoridade, aфирme com juramento (tanto de mayor momento ■ quanto ■ vezinhança da morte estava mais pegada) sua limpeza, porque sospeitas de dinheiro em peitos generosos não se purgaõ menos que com a vida. D. Affonso Rey de Castella, aquelle que com o favor do Portuguez venceo ■ do Sallado, teve sospeita de coração de dinheiro contra ■ seu Almirante, por passar ■ gente Africana em Espanha sem elle o sentir. O Almirante, tanto que barruntou as sospeitas delRey, como valeroso cavalleiro que era; por alimpar sua honra com o preço de seu sangue, investio ■ armada dos Mouros, cometimento ■ que foy morto, e a armada de Castella destrocada, e vencida. Deyxounolo posto ■ memoria Duarte Galsaõ na Chronica de D. Affonso IV. Bem poderã crer que sem juramento o creriaõ Varaõ tão soccagado em a avarcza, que pedindo alviçaras a seu Rey da grande vitoria de Dio, entre a conta que della lhe deo, lhe escreve. De emprezas tão grandes sempre costumã ■ Reys dar huma peça boa. Eu peço ■ V. Alteza pelo que lhe mereço, que me dé ■ lugar desta, ■ fonte delRey, com doze castanheiros, que estão junto à muiha de Cintra, que valerão 30U. Mostrounos D. João nesta honrada ac-

ção quão justificado havia de proceder, quem me-
neava dinheyro publico. Exemplos temos de gover-
nadores que procederaõ com toda ■ limpeza em seus
cargos. Em primeiro lugar se nos offerece hum Jo-
seph governador do Egypto, de quem disse Moy-
 Genes. 47. *lés: E' quibus omnem pecuniam congregavit pro*
venditione frumenti, & intulit ■ in aerarium
regis. Mostra sua limpeza aquelle termo, *omnem*
pecuniam, porque nada lhe ficou na mão; todo ■
 dinheyro, que recebeo dos Egycios polo paõ, q̃ meteo
 ■ cofre real. Couisa de tanta maravilha ■ go-
 vernadores ■ que Santo Agostinho, havendo ser o
 q. 159. mayor gabo, que se podia dar ■ Joseph, achou ser
 obrigação da Escritura fazer memoria desta circunf-
 tancia, para que de todo fosse conhecido aquelle
 servo de Deos: *Pertinebat ad Scripturam in hac*
etiam re commendare fidem famuli Dei. Assi falla
 tambem Filo Hebreo no livro que escreve de Jose-
 ph: *Juvenis tanta fide usus est in administrandis*
negorijs publicis, ut cum ratio temporum pluri-
■ occasiones præbisset ad congerendā pecuniam,
potuissetque facile ditissimus sui sæculi evadere,
totum argentum, aurumque è frumenti pretio col-
lectum referret in thesauros regios, ne drachma
quidem subtraheret. Porem aventajase D. Joaõ ■ eita
 limpeza na pobreza, a que não valeraõ salarios,
 como a Joseph. Esta limpeza de vida he ■ marca de
 hum Capitaõ nobre. Entrega Theodosio a Stilico
 seus filhos mininos ■ com thesouros da Monarquia
 Romana: não lhe desvia delles hum anel, não to-
 ma, ou lhe diminue couisa alguma. Louvor he de
 que se achou digno Claudiano:

*Iustos, nimiumque fideles
Fama putat, qui cum possint commissa negare,
Maluerint nullo violati reddere quaestu.*

Nem huma peça toma Stilico : tão longe estava de se lhe pegarem as mãos :

*Quin, & Sydonias clamides, & cingula baccis
Aspera, gēmataſque togas, viridesque smaragdis
Loricas, galeasque renidentes hyacinthis
Gestatosque patri capulis radiantibus enses,
Et vario lapidum distinctas igne coronas
Dividis ex æquo, ne non Augusta supellex
Ornatusque pares geminis heredibus essent.*

Naõ faltava nos thesouros daquella Monarquia que tomar, se Stilico naõ fora tão limpo como Scipião, que se gaba dessa limpeza nos cargos da Republica em Valerio Maximo. *Nam cum Africam totam po-* lib. 3. c. 7. *testati vestræ subiecerim, nihil ex ea quod meum diceretur præter cognomen, retuli.* Assim defende elle sua causa no Senado, acusado de enveja. Naõ neguemos ■ Espanha a gloria de criar hum D. Gaspar de Zuniga Viso-Rey de Mexico, ■ quem na morte naõ acharaõ com que lhe fazer o saimento, como conta Turtureto na dedicatoria do livro de Nobilitate Gentilitia. Muitas riquezas havia em Africa, Europa, Asia, e Novo mundo, mas estes Varões naõ se aproveitaraõ dellas, querendo antes viver, e morrer pobres. Porem naõ lhes faltou nunca o pão para a boca, e o remedio para a vida, como a D. João. Naõ acha Nazianzeno mayor louvor que diga de seu pay, que este : *Iustitiæ quod maius argumentum afferri potest, quam quod in magnis reipublicæ muneribus versatus, ne teruntio quidem facultates suas auxerit.* Grande cousa certo, que hum

- hum ministro publico entre riquezas , ■ dadas publicas esteja sempre em hum mesmo ser , sem acrecentamento algum de sua fazenda. Avante passa D. João, que chega a perder quanto tem em Goa.
- lib. 2. De Publicola se admiraõ Livio , Valerio Máximo, ■ outros , e com razão , pois , como diz Livio, sendo ■ mais abalizado homem de seu tempo em paz, e em guerra , não teve com que se enterrar : *Omnium consensu princeps belli , pacisque artibus , moritur , gloria ingenti ; copijs familiaribus adeo exiguis , ut funeri sumptus deesset , de publico est elatus.* ■ Valerio argumenta , que facil he de alcançar ■ que possuiria vivo, a quem morto faltou mortalha : *Abunde patet quid vivus possederit , cui mortuo lectus funebris , & rogos defuit.* Outro tanto escrevem ■ mesmos Autores de Menenio Agripa , de quem com Livio o notey já no costume dos Romanos. E outros Varoens semelhantes conta Valerio naquelle Capitulo , em que abona a pobreza , e não se farta de encarecer com juramentos não haver riquezas que se possaõ comparar com pobreza de taes Varoens : *Per Romuli caxam , perque veteris capitolij humilia tecta , & aeternos Vestæ focos fictilibus etiamnum vasis contentos juro ; nullas divitias talium virorum paupertati posse præferri.* Muito era aquillo já naquelles tempos , mas andar abraços com ■ riquezas , morar de humas portas adentro com ellas , ■ ser hum ho- ■ limpo , ■ isento do alheyo , isso he ser Varoã grande por voto de Seneca : *Multum est , non corrumpi divitiarum contubernio. Magnus est ille , qui in divitijs pauper est.* Em huma , e outra coula se aventejou D. João. Taõ longe esteve de se corromper
- epist. 20.

per entre riquezas ; ■ mandos , que nem afronta faz ; ainda a hum Cafre , tomadolhe de sua fazenda huma aresta. Essa he huma parte do juramento; não teve menos que o grande Stilico. Claudiano. *lib. 2.*

Nec te gurges corruptior ævi

Traxit ad exemplum, quod jam firmaverat annis

Crimen, & in legem rapiendi verterat usum.

Denique non dives sub te, pro rure paterno

Vel laribus pallet.

Partes são estas de bom Senhor. Ao menos aquelle *lib. 4. cap. 4.*
Rey de Persia, de quem escreve Joaõ de Barros ■ *sa. Dec. 2.*
bia quanto montava conservar seguras do poder
mayor até ■ casinhas de huma pobre velha ainda
com desar dos Paços Reaes. Porém D. Joaõ teve hu-
■ ■ ■ , ■ outra felicidade de o não corromperem ri-
quezas , e de ser pobre entre ellas. Isto he ■ em
que perdem ■ cor todas as doutrinas estoycas , pois
este Varaõ , verdadeiramente Filosofo, sabendo ser
pobre entre ■ maiores riquezas , venceo ■ grande-
za, que o Cordovez desejava, e cobicava nos da sua *de vita be-*
escola : *Ille vero fortunæ benignitatem ■ se non at a c. 23.*
submovebit , & patrimonio per honesta quæsito,
nec erubescet. Habebit tamen etiam quo gloriatur,
si aperta domo , & admissa in res suas civitate, po-
terit dicere: quod quisq; e suum agnoverit , tol-
lat. O magnum virum, optime divitem si opus ad
hanc vocem consonet ! Si post hanc vocem tantun-
dem habuerit ! Ita dico , si tutus , & securus serui-
tationem populo præbuerit : si nihil quisquam apud
illum invenerit , quo manus iniiciat , audacter ,
& propalam erit dives. Quanto mais rico se en-
trou D. Joaõ, pois elle não achou coula sua, de que
lançasse mão , quanto mais os estranhos. Delle disse

- lib. 1. ep. 3. com verdade Cassiodoro : *Et proprio censu neglecto sine invidia lucri, morum divitias retulisti.* Outro Epaminondas , de quem Justino poem em duvida. *Vir melior, an dux esset : nam, & imperium non sibi semper, sed patriæ quæsit.* E pecunia adeo parcus fuit, ut sumptus funeri defuerit. Gloria quoque non cupidior, quam pecunia : quippe recusanti omnia imperia ingesta sunt. Resplandeciaõ nelle igualmente o valor, ■ ■ bondade, ■ ganhando com seu valor tanta gloria à patria, morreo sem ter com que o enterrassem, ■ por ser tão pouco avarento de honras, como de dinheiro, alcançou todas as de sua patria. Quem mais semelhante a este Thebano, que hum D. João, que no meyo das riquezas do Oriente morre sem ter com que o enterrarem, e desprezando ■ fortaleza de Ormuz, morre Governador, e Viso-Rey da India. Não dava Portugal mais de si.

E L O G I O.

L Onge andava ■ Santo Xavier occupado na conversão das almas, quando o trouxe Deus a Goa para se achar com D. João nas ultimas horas de sua vida : que como Deus concedeo ■ Paulo nos desertos de Thebayda hum Antão que o sepultasse, não negou na India a D. João hum Xaxier, que o acompanhasse na morte, que o que mereceo Paulo por penitente, alcançou, por ventura, D. João do Ceo por zelador de sua hora, & defensor da justiça.

DISCURSO.

P *Ara se achar* ■■■ *D. João.* Grande mimo do Cco dár D. João ■ alma ■ seu Creador entre tantos Varoens Ecclesiasticos, ■ exemplares. Que do grande Patriarca S. Bento cresce S. Gregorio Magno, como principio das felicidades, que hia gozar, espirar entre ■ mãos de seus discipulos: *Atque inter discipulorum manus imbellicia membra sustentans, erectis in cælum manibus stetit, & ultimum spiritum inter verba orationis éflavit.* Do Abbade João primeiro habitador de Ceyça, tão illustre em sangue, como em virtude, aponta Fr. Bernardo de *lib. 6. c. 29.* Brito na Chronica de Cister, que no meyo daquellas brenhas, aonde se recolhia, contente naquella solitaria pobreza em que viveo o que lhe restou da vida sem lembrança das cousas da terra, nem querer mais ver, nem ser visto de pessoa alguma, quando houve de partir da vida o viçrão acompanhar alguns Religiosos de Lorvão, entre os quaes deo ■ espirito ao Senhor, e foy gozar da eterna bema-venturança. E trazer Deos hum Varaõ tão apostolico, como era o santo Francisco Xavier, a se achar à cabeceyra de D. João, andando em occupaçoens tão remotas, bem claro indicio he, que o dispunha assi ■ Providencia divina, para que se visse que já começava ■ agradecer ■ este Varaõ heroyco o muito que por sua fé obrara. Que alem do exemplo de Santo Antão preparado por Deos para enterrar a São Paulo, conta tambem Marullo que Onofrio Solitario em o grande deserto de Egyto, *l. 5. c. 10.* aonde não era conhecido de alguns homem, citando

Class. 3.

já para se partir desta vida, veyo a elle o Abbade Pafnucio, a quem, sendolhe perguntado, declarou sua vida, e nome, e como era mandado alli por Deos para no seguinte dia o sepultar. Assi dispoz Deos a assistencia do Santo Xavier para entre suas mãos dar D. João ■ espirito ■ Deos. Pediaõ tanto favor ■ justiça, ■ Religião que tanto amou: *Fiat justitia ■ aut pereat mundus*, tomou por symbolo o Emperador Fernando, de que bem disse Rausacro em seus symbolos à Religião chamou o grande Constantino: *Vinculum imperij*. Mayor campo pediaõ estes pontos, pode ser que outro dia o ~~uniamos~~ para elles.

E L O G I O.

N As mãos do Santo Xavier entregou D. João a alma ■ Deos nos quarenta e oito annos de sua idade, ■ 1548. do Nascimento de Christo tendo já o titulo do Viso Rey, de que gosou breves dias: claro desengano aos poderes mayores, de que aignidades supremas não dilataõ vidas. Que he a fortuna como a serpente, que costuma ferir com ■ ultima parte de si mesma, que são as honras mayores, porque em chegando ■ ser grandes, ■■ desempara, ou mata: como usou ■■ D. João tirando. lhe ■ vida no principio das mayorias de seu cargo. Muito tempo chorou à India, e Portugal perda tamanha, e foy mayor a copia das lagrymas, porque houve tambem dobrada occasião de derramar. las, chorandose em D. João a brevidade nos annos, ■ velhice nos conselhos. Mandouse depositar na Capella

*pella mayor de S. Francisco de Goa; seria; porque
homem tão desprezador de riquezas não podia re-
pouzar senão em caza de pobres.*

DISCURSO.

Que he a fortuna. Mancebo morre D. João, ■ no principio de mayores dignidades. Justamente compara vossa mercê a fortuna à serpente, col-
tumada a ferir com ■ ultima parte de si mesma; imi-
tando ■ Apollinar Sidonio, que ajuizando a felicida-
de do Emperador Petronio Maximo, escreve que a lib. 2. epist. 13.
fortuna: *virum, ut Scorpius ultima sui parte per-*
cussit. Là disse Seneca, discorrendo sobre a brevida-
de da vida: *In se ipsam fortuna ruit.* ■ Lucano: *In se cap. 4. lib. 1.*
magna ruunt. Enrolcase como cobra a serpente, e
quando vos poem na cabeça as felicidades, que são o
ultimo de si mesma, he para vos abater, ■ para vos
enterrar com ellas. Estala pola mayor parte nas mãos
a fortuna mais viçosa, ■ quando os ditos se ele-
vão mais em sua vista, então he o mais ordinário
cair-lhe nesse chaõ, aonde como vidro se desfazem pe-
daços inuteis, e que só servem de ferir, e magoar. Isto
entendeo o avisado Publio Mimo, dizendo: *Fortuna*
vitrea est, tunc cum splendet frangitur. Porê o Phi-
losofo Cordovez, na consolação de Marcia, teve para cap. 23.
si, que morrer hum varaõ destes cedo, era assen-
to da alta Providencia: *Quidquid ad summum per-*
venit, ad exitum properat. Eripit se, auferre ex
oculis perfecta virtus: nec ultimum tempus expe-
ctant, quæ in primo maturuerunt. Excellentes são
as semelhanças de que usa. *Ignis quo clarior fuit,*
citius extinguatur. E dando D. João tão altas laba-
rcdas,

redas, e resplandores de seu valor, e virtude, que não podia ser maiores, não podia ter mais vida, nem gozar mais felicidades; pois: *Ubi incrementa loci non est, ubi incrementa aetatis est.* Não podia viver mais, quem subira ao auge da fama, e gloria.

Chorou a Índia, &c. Esta felicidade coube também a Publicola, a quem até as matronas Romanas choraram. *Laeta matrona, ut Bravum, clereve Livio.* Valens que olha o bem de sua patria, devesse as lagrimas de todos. Não foy melhora forte do Imperador Valentiniano, em quem S. Ambrosio achou as mesmas causas de ser chorado. São as palavras. *Amisimus enim imperatorum, in quo duo pariter acerbant dolorem, annorum immaturitas, & consiliorum fœlicitas.* Exercio eu que não foy com menos affecto, que o de filhos para com pais, como o Santo alli afirma succeder àquelle Monarca.

lib. 2.

In Oratione
funebri.

ELOGIO.

N O anno de 1576. foy testado por ordem de seus netos a Portugal, depositado no em S. Domingos de Bemfica junto da Cidade de Lisboa; e pella falta de cabedal para se lhe levantar sepultura propria, qual pedem seus mercedimentos, e sua qualidade, a tem até gora emprestada. Bem se vê a pouco que D. João teve em vida, pois morto lhe faltou terra propria em que o enterrassem, como em louvor de Publicola exclamou Valerio Maximo.

DIS:

DISCURSO.

Sepultura propria. Na vida pobre, é na morte: neste ponto se parece com Christo, que não teve senão a sepultura emprestada, constanos de S. Mathcus, e de S. Lucas, aonde Theophilato disse. *Qui Mat. 27. habuit domum in vita, neque post mortem sepul-*
crum habet. Luc. 23. Mal podia D. João ter sepultura, sendo pobre em vida, que não tinha com que se enter-
rar; e foy justo que começasse a jazer em casa de hum Francisco pobre, tão imitador de Christo, quem na falta de sepultura se lhe havia de parecer. Era o Em-
perador Theodosio tão amigo da Cruz de Christo, que trazia na Coroa hum cravo dos que Elena man-
dara a Constantino; delle disse Ambrosio santo de obitu Theodosij. *Bonus clavus Romani imperij, qui totum regit orbem, ac principum vestit frontem. Re-*
cte in capite clavus, & ubi sensus est, ibi presidium. Daqui lhe vinha dizer contra Eugenio. *Militibus lib. 12. cap. meis Crux praeit, illius autem copias ducit Hércules. 39.*
escreve Nicephoro. E com estas palavras busca o ini-
migo, e se anima para a vitoria. Essa confiança tinha D. João na Cruz de Christo, que lhe presidio nas occasioens de mayor risco, como a Theodosio. Quem tanto amava a Cruz de Christo, tambem se havia de mostrar amigo de sua sepultura, tendo-a emprestada, e tão emprestada que tive eu parte de seus ossos nas mãos, por nem ainda alli estar bem agasalhado. *Subit indignatio, dizia lá Plinio, cum miseratione, post lib. 6. epist. decimum mortis annum reliquias neglectumque cine-*
rem sine titulo, sine nomine jacere cujus memoria or-
bem terrarum gloria pervagetur. Dez annos desgol-
tavão,

tavaõ, e indignavaõ a Plinio pola falta de sepultura de Rufo Vergenio. *Cujus injuriam ut indigniorem, sic etiam notio rem claritas facit.* Que sentira de D. Joaõ ■ cabo de cincoenta e nove annos, ■ treslådado para sepultura alhea?

Faz grande caso Gregorio Nisseno do irmão Basilio não mandar fazer huma sepultura propria sua, contentando-se com a que lhe dessem de esmola, porque não tratava de vaidades: *Quo ejus exastimatio ad Augustiorem speci em obruta teneatur.* Quem sabe fazer cousas grandes, não cura de pôr em sepultura os titulos de sua grandeza. Isto he dos ambiciosos que trabalham por titulos para ■ sepultura: *in titulum sepulcri*; escreve Seneca da brevidade da vida; não dos que só tem respeito à virtude, e a bem obrar, como Basilio, e D. Joaõ. Mas estes ficam de mayor ventagem, que vem a ter o mundo todo por sepultura, como de Pompeio ajuizou Lucano; culpando a Cesar de lhe negar sepultura.

Situs est, qua terra extrema refuso

Pendet in Oceano Romanum nomen, & omne Imperium Magno est tumuli modus.

Parçase tambem D. Joaõ com Pompeio: *Ut cui modo terra ad victoriam defuerat, deesset ad sepulchrum*: como do Romano escreve Paterculo. Esta sepultura dava Pericles ■ huma oração funebre em louvor dos que morreraõ pola patria, ■ Thucydides: porque além das particularidades honras, que receberaõ, e que lhe durariaõ eternamente, continha *Simul, & honorificentissimam sepulchram, in qua non magis ipsi sunt siti, quam sempiterna eorum gloria, ut sese quoque offeret tempus, vel narrandi, vel imitandi, celebranda relinquiter*

cap. 20.

lib. 8.

lib. 2.

lib. 2.

*linquitur. Quippe illustrium virorum omnis terra sepulchrum: neque id domesticorum tantum saxorum testatur inscriptio, sed etiam sine scripto in exterarum gentes egressa memoria, magis apud animum cuiusque, quam apud urnas hospitatur. Assi terà D. João sempre na memoria dos viventes aquelle epitaphio, que Nazianzeno poem ■ Atanasio: Ut epi- *orat. 22.* thaphium quoddam paucis complectar, diz o Santo, excellentiori honore in discessu afficitur, quam quo in civitatis ingressu ornatus fuerat: sic videlicet ■ vita migrans, ut multas lacrymas excitaret, maioremque sui nominis gloriam in hominum animis conderet. Porque Athanasio não teve tanta honra no triunfo com que entrará em Alexandria, quanta teve na morte pelo sentimento, e fama que de si deyxou; assi D. João morrendo alcançou mais gloria, que triunfando em Goa, alcançando ■ mundo por sepultura, e os animos de todas ■ nações por pedra, em que estão entalhadas suas virtudes tão encadeadas, que se lhe poem com razão por remate isto de Santo Agostinho nos da Cidade *l. 1. cap. 7.* de Deos: *Quisquis non videt, cæcus; quisquis videt, nec laudat, ingratus: quisquis laudanti reluctatur, insanus.**

E morrendo fóra de sua patria approvou ser qualidade de Varaõ excellente. Ao menos os Almeydas, os Albuquerque, ■ Ataides, ■ Menezes, ■ outros, com quem a India triunfou, ■ sepultura estranha jazem tão longe de suas patrias.

E L O G I O.

Morto D. João se abriu hum escritorio seu , e foraõ humas disciplinas todas manchadas de sangue , e tres tangas (val cada huma dois vinteins em Portugal) ouro , as perolas , e os diamantes , que no escritorio se acharaõ , que só seu sangue derramado por seu Deos , e por seu Rey eraõ as riquezas, que D. João entezourava.

D I S C U R S O.

Por seu Deos. Brios havia em D. João para querer imitar aquillo que del Rey D. João segundo anda escrito , conhecendoa como obrigação propria de todos os Principes , e querendolhe responder a satisfação. Tomara El-Rey por empreza hum Pelicano com a letra pola ley , e pola grey , e por fazer certa esta promessa despendendo muyto pela exaltação da fé, e conservação de vassallos, achão-se tambem em sua morte thesouros, quaes a D. João: boeta com cilicio , e disciplinas. Não quer D. João ficar nesta divida a seus Principes , e por se delem-
par, derrama tambem seu sangue pola ley, e polo Rey.

E L O G I O.

FOy em fim este inclito Varaõ hum exêmplo de singulares virtudes , forte na guerra , brando na paz , modesto na vida , justo no governo, prudente

dente nas acçoens, e tão devoto da Cruz sagrada, que à grande devação, que lhe tinhá, atribue Mapeo suas gloriosas vitórias. Daõlhe hoje na India mayores louvores morto, do que lhe deraõ em vida: e puderão em cambio de beneficios (sem que chegasse a parecer lisonja) chamar lhe amor, e delicias de sua patria, como disse Suetonio Tranquillo de Tito Vespasiano. O' Varão illustre em cuja vida se achão menos horas, que proezas, e que subeste antepondo utilidades commuas à comodidades proprias, não só triunfar da fortuna, mas avassallar a enveja, com commun aplauso te coroão palmas: ■ venerarte ■ mundo morrendo pobre, he canonizar tuas virtudes. Como tua alma na gloria, vivirá tua fama no mundo eternamente; não menos que nas historias, nos feitos de teus gloriosos descendentes, aos quaes herdeiros de tuas grandezas communicaste com o sangue, se tuas desgraças nos premios, igual valor, e constancia nas acçoens.

DISCURSO

H Um exemplo. Delmentindo isto de Seneca: *De benef. Non potest quisquam eodem tempore, & bonum virum, & bonum ducem agere.* *Lib. 1. c. 27.* Saibaõ Capitães, e aprendaõ de D. João, que se pode entre ■ armas chegar ao summo da Filosofia, e da virtude. Parece que se lhe talhou aquelle gado, que Tacito dá ■ Helvidio Prisco: *Civis, senator, maritus, gener, amicus, cunctis vitæ officijs aequalis, opum contemptor, recti pervicax, constans, adversus metus:* Aonde Lipsio assombrado de taes

Hhh

virtu-

virtudes brada. *Magnæ laudes: & quæ jure nos rapiant in admirationem viri.* Outros tanto digo eu das admiraveis virtudes de D. João. Ditosos quem ■ soubem imitar!

lib. 13.

Da Cruz sagrada. Falla desta piedade Mapheo, são ■ palavras estas. *Usque adeo pius ei perbibetur, fuisse uti quantalibet stipatus aut nobilium, aut plebis frequentia ad Crucis aspectum, illico positus humi genibus oculos in cælum cum atenta quadam veneratione defigeret. Huic pietati non sine causa victorias vulgo acceptas ferebant.* Não ha que espantar deste Capitaõ vencer gentes barbaras com os olhos na Cruz, porque he proprio desse estandarte ser sinal de bom agouro, e de vitoria. Maravilhosamente está expressa esta virtude da Cruz

cap. 1.

■ Isaias. *Qui stat in signum populorum, ipsum gentes deprecabuntur.* Lugar bem exornado de

lib. 5. c. 3. Roa. Lá testemunha Nicephoro, que disserão a

lib. 7. c. 29. Constantino mostrandolhe a Cruz no Ceo: *Hoc sig-*

no 47. & *no vinces.* Promessa que os Reys Portuguezes tem

49.

feito sua, como verdadeiros guerreiros do pendão da Cruz. Ajunta Nicephoro que teve Constantino

lib. 8. c. 32. sempre grande respeito à santa Cruz, attribuindo-

lhe as victorias que alcançava, ■ os triunfos que tinha de seus inimigos: *Quod re ipsa sanctæ Crucis vim expertus fuerat, summo opere eam semper venerabatur, & admirabatur.* De João Corvino

p. 2. l. 15.

c. 23.

Héniades conta Fr. João de Pineda na Monarquia Ecclesiastica, que pola muita devação que lhe tinha, levando-a ao pescoço foy livre da morte, querendolhe Deos agradecer o muito que honrava ■ Cruz. Muitos Principes, e Capitaens Christãos re- ceberão favor deste sacrosanto estandarte; porém nenhuns

nenhuns se lhes mostraraõ mais agradecidos, nenhuns lhe responderão com mayor respeito, e veneração, que Principes, e Capitães Portuguezes. A D. Affonso Henriques faz Christo aquelle favor mayor de lhe apparecer Crucificado nella arvore da Vera Cruz, verdadeyro final de guerra, e de peleya, e verdadeiro final de vencimento. He isto quanto singularmente discorre Roa. E que respondencia havia da parte deste Principe? Hum humilde respeito, e continua adoração da Cruz. Hum tomalla por armas, e deyxallas a seus descendentes com memoria dessas chagas. Hum levantar em honra dessa Cruz em Coimbra hum dos mais insignes Conventos, que tem Espanha, consagrado à santa Cruz; e a Igreja do Castello de Lisboa ser da mesma invocação, porque triumphasse a parte principal do Reyno a causa de todos seus triunfos. E assi ficou este respeito da Cruz tambem fundado nos Principes deste Reyno, e em seus vassallos, que mereceraõ o favor de lhe apparecer mais vezes nos trances de suas batalhas, que a nenhuma outra Nação. Testemunha desta verdade Portugal, Africa, e as partes Orientaes, aonde tantas vezes esse pendaõ divino se despregou no Ceo em favor de Portuguezes. Este respeito continuava D. João. Com seus triunfos lhe respondia o Ceo.

Suetonio. Logo ao topo da vida daquelle Emperador lhe dá este titulo: *Amor, et diliciae generis humani.* *Orbis amor*, lhe chama Ausonio, e Pacato. *Amor generis humani.* Tal era a benevolência daquelle Principe, que obrava os effeitos, que 19
santo Ambrosio conhece nesta virtude. *Quæ omnes
studet beneficijs amplecti; devincire officijs, oppig-*

lib. 3. *norare gratia.* Tal se havia D. João com os soldados, com ■ vassallos da India, prendendo-os com merces, e beneficios, atando-os com primores, e cortesias, penhorando-os com graça, e afebilidade, que não podia com menos obras alcançar do povo tão illustre titulo, como ■ de seu amor, ■ delicias, que he o mais que de Stilicon cantou Claudio:

O mundi communis amor.

lib. 6. *Antepondo utilidades commuas.* Que então florescem ■ Republicas, quando: *Privato usui bonum publicum postponitur*; como a outro proposito cresce Tacito ■ Annaes. E quando menos he isso, ■ condição de Principes. *Ea enim, quæ communiter omnibus profunt, ijs quæ specialiter quibusdam utilia sunt præponimus.* He quanto cresce

Auth. resq. Cod. ■ de legat. ve o Emperador Justiniano ■ hum Authentico.

Triunfar da fortuna. Poder della triunfar hum espirito generoso mostrey na declaração deste verso do meu Poeta.

Sonet. 6. *Desprezando a fortuna, e seus revezes.*

Ep. 16. Executou D. João aquella parte da Filosofia Stoyca, que tanto abona Seneca, dizendo: *Hæc adhortabitur, ut Deo libenter pareamus, ut fortunæ contumaciter resistamus; hæc docebit ut eum sequaris, feras casum.* Melhor distinguio D. João entre Deos, e a fortuna, ■ porisso se confirmava tanto com sua vontade.

Ep. 105. *Apassaltar ■ enveja.* Mayor mestre de Filosofia está D. João, que Seneca. Dá elle por regra saber fogir, ■ encobrir, e encobrir felicidades: *Si vero invidiam effugies, si te non ingesseris oculis, si bona tua non jactaveris, si scieris in sinu gaudere.*

Naõ

Não ha remedio para senhorear , ■ atropellar a en-
 veja , que subz de pontos na virtude. He a enveja
 a sombra , que como ao corpo humano , quando ■
 sol o fere , o acompanha. Temistocles, quando mo-
 ço , se culpava de não obrar acçoens generosas , e
 desconheciafe da virtude , porque senão via ainda
 commetter da enveja. Não podemos nós dizer isto
 das obras deste Varaõ gloriolo , e mais entre Portu. *Dec. 2. lib.*
 guezes , dos quaes afirma João de Barros, ser taõ na *3. cap. 10.*
 tural a enveja , que mais se doem , ■ se indignaõ
 polo que daõ a seu vizinho , que polo que elles não
 recebem : acrescentando , que esta nação concede
 muy poucas cousas ■ ninguém. Entre tantas palmas
 parecia natural ■ enveja ; mas oh que ■ grandeza
 dessas palmas extinguiu , e avassallou essa enveja.
 Quando o sol fere per Zenit leva ■■ chaõ as som-
 bras desse corpo , que seus rayos tocaõ ; e as en-
 terra de modo , que não apparecem. Taõ alto se le-
 vantou o sol dos feytos de D. João de Castro , que
 extinguiu , e consumio todas ■■ sombras de enveja,
 que sua fama podia formar. Não he me o penamen-
 to , que ainda não voey taõ alto. C. Riutarco he
 a differença entre o odio , e a enveja : quero dar
 ■ palavras por meu credito : *Sicut enim sol um-*
bram ejus , supra ejus caput astiterit , suis af-
pergens radijs , aut prorsus extinguit , aut longe
minorem reddit : ita felicitas cum magnam acta
altitudinem fuerit , & supra invidiæ caput splen-
dorem suum sparserit eam attenuat , & expellit.
 He de façanhas illustres mostrarfe hum Vãraõ taõ
 superior , que lhe pague parcas a mesma enveja ;

Invidiaque maior ;

Disse o Poeta. Mas quem he este Varaõ ? Hum P.

João

João de Castro. Hum Stilico de quem cantou Clau-
diano

lib. 3.

*Solus hic invidia fines virtute reliquit
Humanūque modū. Quis enim livefcere poffit,
Quod nūquā pereāt ſtella? Quod Jupiter olim
Poſſideat cælum? Quod noverit omnia Phæbus?*

E da por causa ■ grandeza da peſſoa ■ o crecimen-
to dos merecimentos :

*Eſt aliquod meriti ſpatium, quod nulla furentis
Invidia meſſura capit.*

A eſte cume de gloria chega D. João, que eſconde
fombras, ■ enterra envejas, fazendo ſeu ■ que de
Jugurta em Salluſtio diſſe Micipla. *Quod diffi: illi-
mum inter mortales eſt gloria invidiam vicisti:*

*Vivir à tua fama. Nam divitiarum, & formæ
gloria fluxa atque fragilis eſt, virtus clara, ater-
naque habetur; ■ poriſſo vive eternamente, como
acima vimos, e juſtamente ſe lhe promette igual
vida ■ fama, que nas historias, pois como con-
tinua o meſtre das historias latinas Crispo Salluſtio
naquelle conjuração de Catilina, não ſe eſtende a
mais a virtude, ■ grandeza dos feitos, que quanto
ſe levantaõ os engenhos dos eſcritores: *Tanta eſt
virtus, tam magnum factum, quam magna ſcrip-
torum ingenia.* E logo repete que em tanto ſe eſti-
ma, e reputa huma acção virtuosa, quanto com
palavras ■ puderaõ realçar ■ engenhos illuſtres: *Ita
eorum, qui ea fecere, virtus tanta habetur,
quantum verbis ea potuere extollere præclara in-
genia.* Razaõ porque Alexandre envejara ■ Aquil-
les a boa fortuna de ■ louvar Homero.*

Glorioſos deſcendentes. Que he a melhor heran-
ça, que ſe podia deixar por voto de Senecca em Ta-
cito

cito nos seus Annaes, neste Capitulo de seu testamento: *Quod unum jam tamen, & pulcherrimum lib. 15. habebat, imaginem vite sue relinquere.* Herança mais forçosa ■ filhos, quanto são mais vivas imagens, ■ retratos de seus pays. Então principalmente quando filhos decorão valores de seus passados, com estas palavras: *Hæc, & hujusmodi facta imaginem nobis ostendere virtutis.* Que he quanto disse Ep. 120. Seneca dos feitos de Cocles, e de outros Varoens de nome. Lembranças, com que coube ■ esta familia aquella felicidade, que Tacito em seus Annaes lib. 6. considera na dos Emilios entre os Romanos: *Æmilium genus facundum bonorum civium.* Como ■ familia dos Emilios, assi esta de Castros vicejou de cidadãos heroicos. Parece que pola conformidade, que com a outra teve na pobreza. Que he quanto daquella me advertio Andre Scotto em huma controversia de Seneca. Se ■ desditas de hum Pompeio cont. 9. bastarão para engrandecer toda sua familia, que não daria a dos Castros a felicidade de tão singular Varão: *Non sine ratione sacra est magnarum virtutum memoria; & esse plures bonos juvat, si gratia bonorum non cum ipsis cadat.* E pondo outros exemplos acrescenta. *Quæ Sextum Pompeium, Del. nes. 1. aliosque Pompejos, nisi unius viri magnitudo? Tac. 4. cap. 30. ta quidem, ut satis alte omnes suos etiam ruina ejus attolleret,* elcreve Seneca.

A mayores rasgos se offerecia a pena, ■ certo tinha bem em que se espaçar, se estivera tão ditosa, como curiosa. Mas lembrome, que propositi no principio v. m. desculpa ■ tanta brevidade, e estreiteza em que fechou este már largo de virtudes, e glorias. Pertendeo v. m. nisto ■ effeito mais effeiz

de tão generosas acções : fechando em tão pouco
papel, o que poderia occupar muitas mãos, porque
assí se bebesse melhora doutrina de seus exemplos.
Respeito que moveo a Valério Máximo a dar com
tanta brevidade noticia de tantos feitos heroicos,
e tantas acções virtuosas: *Ut documentum sumere
volentibus, longe inquisitionis labor absit*, diz
elle no prologo ao Emperador Tibério. Nesta con-
sideração soffrey eu a vontade, em que havia mil
desejos maiores, por não encontrar aquella utili-
dade da patria, a que v. m. teve respeito, satis-
fazendo mais a meu desejo, que a meu fastio, co-
mo de si disse o mesmo escriptor: *Quod magis desi-
derio satisfaciat, quam satietati abundet*. Eiti-
mara a acontecerme assí com todos.

LAUS DEO.



IN-

INDEX

DAS PRINCIPAES COUSAS DESTA

Historia.

A

Adem.

- C**IDADE da Arabia. Seu sitio. Livro 4. n. 73.
 Rex Salomão a occupa com extorção, livro 4. n. 74.
 Succede-lhe Marzani. Ibid.
 Os moradores a offeretem a El Rey de Cambar. Ib.
 Elle pede socorro, e offerce huma fortaleza a D. Manoel de Lima, lib. 4. num. 75.
 Recebem os moradores a D. Rey de Marinha, que os soccorrer, lib. 4. n. 79.
 E desamparados delle avisaõ ao Governador, lib. 4. n. 80.
 Valor com que alguns Portuguezes se houverão nesta guerra, lib. 4. n. 84.
 Poem os Turcos cerco a Cidade, lib. 4. n. 86.
 Como se haõ os Arabios desamparados dos nossos, lib. 4. n. 87.
 Entrão os Turcos na Cidade por traicão, Ib.
 D. Affonso de Noronha.
 Governador de Ceita, lib. 1. n. 25.

Recebe ■ D. João de Castro com grandes festas, lib. 1. n. 10.
Chega a Agaçaim.

Chega ■ Governador D. João de Castro ■ esta Cidade, lib. 4.
n. 62.

Enveste aos moradores, lib. 4. n. 63.

Elles fogem, lib. 4. n. 64.

D. Alvaro de Castro os segue, lib. 4. n. 65.

Voltaõ entraveas, lib. 4. n. 66.

Morre a seu General, Ibid.

D. Alvaro Bacão

General da armada do Imperador, lib. 1. n. 21.

Visita a D. João de Castro no mar, lib. 1. n. 22.

Discorrem sobre a jornada, Ibid.

Resoluem pelejar, Ibid.

Muda de parecer, Ibid.

D. Alvaro de Castro.

Passa a India com seu Pay, lib. 1. n. 17.

He armado Cavaleiro por D. Estevão da Gama, lib. 1. n. 20.

Torna ao Reyno com seu pay, lib. 1. n. 21.

Faz com soccorro a Alcacer, lib. 1. n. 30.

Parte para a India com o Governador seu pay, lib. 1. n. 37.

Vay com o Hualcão, lib. 1. n. 59.

Sae com seis navios, lib. 1. n. 60.

Presa que faz, Ibid.

Deixada a Cidade de Cambre, volta para Goa, lib. 1. n. 63.

Vay com o soccorro a Dio, lib. 2. n. 88.

Capitaens que com elle vão, Ibid.

Trabalhos da viagem, lib. 2. n. 122.

Arriba a Baçaim, Ibid.

Sae dahi para Dio, lib. 2. n. 125.

Torna a arribar, lib. 2. n. 156.

E saindo tornou arribar a Agaçaim, lib. 2. n. 158.

Toma huma não de Cambaya, Ibid.

Chega a Dio com 40. navios, Ibid.

- Como he recebido do Capitão mór, Ibid.
 Aposenta-se no baluarte, ■ que acabou seu irmão D. Fernando, Ibid.
 Avisa ao Governador seu pay do Estado da fortaleza, lib. 2. n. 159.
 Estranha aos nossos o quererem sair ■ inimigo, lib. 2. n. 162.
 E uendo-os resolutos, os acompanha, lib. 2. n. 163.
 Valor, e disciplina com que se ha, lib. 2. n. 166.
 Sobe o muro ■ donde cahe com huma pedrada, Ibid.
 Engeita grande resgate, que lhe offerece Rumecaõ por hum Capitão Fanizaro, lib. 2. n. 179.
 Assinalhe ■ Governador (chegado ■ Dio) 500. Portuguezes para ■ batalha, lib. 3. n. 14.
 Valor com que se ha, lib. 3. n. 17. 19. 20. 21. 24.
 Perigo em que se vè, lib. 3. n. 22.
 Entra na Cidade, lib. 3. n. 22.
 O Governador seu pay o faz hum dos Cabos contra o Hidalcaõ, lib. 4. n. 38.
 Pelcja na vanguarda, e com grande valor ■ lib. 4. n. 41.
 E faz fugir o inimigo, Ibid.
 Parte a Dio com o Governador seu pay, lib. 4. n. 43.
 Vay a Surrate, lib. 4. n. 44.
 E manda D. Forge de Menezes tomar lingua, lib. 4. n. 45.
 E depois outros Capitaens, lib. 4. n. 46.
 Entra em Dabul, e toma a Cidade, lib. 4. n. 61.
 Enveste os inimigos em Agacaim, lib. 4. n. 63.
 E fugindo elles os segue, lib. 4. n. 65.
 Alcança-se ■ victoria lib. 4. n. 67.
 Assola outra Cidade Dabul, lib. 4. n. 72.
 Vay com soccorro a Adem lib. 4. n. 82.
 Que armada leva, Ibid.
 Successo da virgem, lib. 4. n. 89.
 Faz conselho, e que se assenta, Ibid.
 Vay sobre Xael, lib. 4. n. 90.

Ganha a fortaleza, e volta ■ Goa, lib. 4. n. 92.

Elogio de D. Alvaro de Castro, lib. 4. 110.

D. Antonio de Attayde.

Sae de Baçaim, lib. 2. n. 139.

Chega ■ Dio, lib. 2. n. 143.

Frey Antonio do Casal.

Na batalha de Dio anda animando os nossos ■ hum Crucifixo na mão, lib. 3. n. 22.

Antonio Correa.

Sae da fortaleza de Dio a fazer alguma presa, lib. 2. n. 150.

Enveste ■ doze Mouros que o prendem Ibid.

He apresentado ■ Rumecaõ, lib. 2. n. 151.

Quer persuadilo ■ que deixe a Fe, Ibid.

Afrontas que lhe fazem, lib. 2. n. 152.

He degollado pola Fe, Ibid.

Os Mouros fazem com sua cabeça mofas, e algazaras aos nossos Ibid.

Arvoram os nossos a cabeça de hum Mouro à vista da de Antonio Correa, lib. 2. n. 153.

Antonio Monis Barreto.

Aceita ir a Dio com hum caravelaõ de bastimentos, lib. 2. n. 92.

Chega a Baçaim, lib. 2. n. 123.

Valor com que salva ■ caravelaõ, Ibid.

Parte para Dio, Ibid.

Perigos da viagem, lib. 2. n. 134.

Chega ■ fortaleza, Ibid.

Desconfiança briosa que houue entre elle, e Garcia Rodrigues de Tavora, Ibid.

Valor com que se ha em varias occasioens, lib. 2. n. 130. 134. 167. 169.

E em outra estimulado de hum soldado, que trouxe consigo ao Reyno, e o fez despachar, lib. 2. n. 148.

Vay esperar as mãos de Cambaya, e toma algumas dellas lib. 3. n. 35.

Parte a Candea a ajudar a conuersão daquelle Rey, lib. 4. n. 4.
Viagem

Viagem que faz, lib. 4. n. 10.

Chega a Candea, e acha tudo trocado, Ibid.

Trata de voltar-se, lib. 4. n. 11.

He acomettido dos inimigos, lib. 4. n. 12.

Trabalhos que passa, lib. 4. n. 13.

Prudencia com que modera os seus soldados, lib. 4. n. 14.

Esforço com que peleiça, lib. 4. n. 15.

Retirase, Ibid.

Por huma carta que tem de ElRey de Candea quer tornar, lib. 4. n. 17.

Os soldados o encontram, Ibid.

Recolhe-se à armada, Ibid.

Torna a Dio com o Governador, lib. 4. n. 43.

Vay ■ Adém com D. Alvaro prouido na fortaleza que se havia de fazer, lib. 4. n. 82.

Valor com que se ha em Xaél, lib. 4. n. 91.

D. Antonio de Noronha.

Filho do Viso-Rey D. Garcia, embarcase para Dio com sessenta soldados à sua custa, lib. 3. n. 4.

Faz presas nas naos de Meca, lib. 4. n. 71.

Vay ■ Adém em companhia de D. Alvaro, lib. 4. n. 82.

Valor com que se ha em Xaél, lib. 4. n. 91.

Antonio Peçanha.

Capitão do baluarte S. Jorge ■ Dio, lib. 2. n. 32.

Valor com que peleiça, lib. 2. n. 73. 105. 145.

Hum dos cinco soldados que resistem valerosamente ao inimigo lib. 2. n. 119.

Antote.

Cidade assolada por D. Manoel de Lima, lib. 3. n. 7.

Athanasio Freire.

Indo para Dio foy encalhar junto a Surrate, e levado a Soltaõ Mahamã, lib. 2. n. 156.

Azedecaõ.

Capitão do Hidalcaõ, lib. 1. n. 53.

Deba

Desbaratado pelo Governador D. João de Castro, lib. 1. n. 55.

B

Baçorà.

N *A Arabia felix, sua descripção, lib. 3. n. 36.*
Os Turcos se fortificaõ nella, Ibid.

Baluarte.

O baluarte Santiago faz grandes ruinas, lib. 2. n. 54.
Defronte do baluarte São Thomè levanta Coge çofar huma ma-
quina, que faz grande dano, lib. 2. n. 56.
Assalta Juzarcão ■ baluarte São João, lib. 2. n. 67.
E Rumecaõ o baluarte São Thome, lib. 2. n. 68.
Entraõ os Turcos este baluarte lib. 2. n. 75.
E corre fama que he perdido, lib. 2. n. 76.
Levanta o inimigo hum bastiam defronte do baluarte Santiago,
lib. 2. n. 93.
Os nossos o desfazem, lib. 2. n. 94.
Chegaõ os Turcos a cavalgar ■ baluarte São Thomè, lib. 2. n. 102.
Comette o inimigo o baluarte Sanctiago, lib. 2. n. 128.
E o baluarte São João, e retira-se lib. 2. n. 135.
Arvora ■ inimigo tres bandeiras no baluarte Sanctiago, lib. 2. n.
137.
E ■hi se peleija com valor, lib. 2. n. 141.
Acomette-se ■ baluarte S. Thomè, lib. 2. n. 147,
Sucessos no baluarte Santiago, liv. 2. n. 138,

Barba.

Manda o Governador ~~empenhar~~ os cabellos da barba à Cidade de
Goa por vinte mil pardaos para reedificar a fortaleza de Dio.
lib. 3. n. 29.
Os Cidadãos de Goa lhos tornãõ, lib. 3. n. 30.
Onde, e como se conservaõ hoje, Ibid.

Barba

Barba Roxa.

Cossario famoso, lib. 1. n. 9.

Persuade ao Turco faça guerra a Christandade, lib. 1, n. 23.

Vem com hum armada em demanda do Estreito, lib. 1, n. 28.

Vendo a resolução de D. João de Castro, se faz em outra volta, lib. 1. n. 29.

Baroche.

Sitio, e fortificação desta Cidade, lib. 4. n. 5.

Trato de seus moradores, Ibid.

Madre Maluco senhor della, Ibid.

D. Forge de Menezes a entra, e lhe poem fogo, lib. 4, n. 6.

Acode tarde o Maluco, lib. 4. n. 7.

Despeja a fortaleza avistando a D. Alvaro, lib. 4. n. 55,

Bento Barbosa,

Hum dos cinco soldados que  Dia valerosamente resistem ao inimigo, lib. 2. n. 119.

Bernardim de Sousa.

Capitão das Malucas, lib. 4. n. 20.

Leva consigo  Cachil Aeyro, Ibid.



Chega com elle a Ternate, lib. 4. n. 21.

Bertholameu Correa.

Hum dos cinco soldados que com grande valor sustentão  Dia o inimigo, lib. 2. n. 119.

C

Cachil Aeyro.

D *Alhe  Governador D. João de Castro  investidura da Coroa de Maluco*, lib. 2. n. 12.

Vay preso a Goa por mandado de Jordão de Freitas, lib. 4. n. 20.

O Governador o absolve, Ibid.

He levado  Ternate por Bernardim de Sousa, lib. 4. n. 21.

E restituído aos seus, Ibid.

Calabarecão.

Turco valeroso de Dalmacia, lib. 4. n. 57.

Capitão do Hídalcão, Ibid.

Retirase de Agaçaím com a entrada do Governador, lib. 4. n. 64.

Torna a por os seus em ordem, lib. 4. n. 66.

He morto por D. Diogo de Almeyda, Ibid.

Cambre.

Determina D. Alvaro de Castro entrar em Cambre, lib. 1. n. 61.

Resolve envestila, Ibid.

Salta em terra, Ibid.

Grandesa, e forças, da praça lib. 1. n. 62.

Resistencia do inimigo, lib. 1. n. 63.

Ganha-se finalmente a Cidade, lib. 1. n. 64.

Destruição, e sacco, Ibid.

Campar.

Aceyta El Rey de Campar a sujeição que lhe offerecem a morada de Adem, lib. 4. n. 75.

Manda contra o tyranno Marzam, Ibid.

Entra na Cidade a partido, lib. 4. n. 76.

Sae depois o tyranno, e morre na batalha, lib. 4. n. 77.

Candea.

Reyno na Ilha de Ceilão, lib. 4. n. 2.

Cujo Rey recebe a pregação do Evangelho, Ibid.

Mostra depois inconstancia, mas os Religiosos o animão, lib. 4. n. 3.

El Rey da Cotta o dissuade da Fé, lib. 4. n. 8.

E consente nisso a de Candea, lib. 4. n. 9.

Arrependese do que tem feito, lib. 4. n. 16.

Carlos V. Emperador.

Determina buscar a Barba Roxa, lib. 1. n. 9.

Lanço de cortesia entre o Emperador, e o Infante D. Luis, lib. 1. n. 12.

Quer armar Cavaleiro a D. João de Castro, de que elle se excusa, lib. 1. n. 13.

Faz mercê aos Capitaens da armada, que D. João não aceyta, lib. 1. n. 14.

Avisa

Avisa a ElRey Dom João Terceiro dos desenhos do Tyrco, liv. 1. n. 24.

E pede ajuda para lhe resistir, liv. 1. n. 35.

Carta.

De ElRey D. João para o Governador D. João de Castro, liv. 1. num. 69.

De Catherina de Sousa para o Governador, lib. 2. n. 91.

Do Infante D. Luiz, liv. 3. n. 5.

Do Governador para os Cidadãos de Goa pedindo-lhes vinte mil pardaos sobre os cabellos de sua barba, liv. 2. n. 29.

Resposta liv. 2. n. 30.

Carta do Governador para seu filho D. Alvaro, acerca de Dom João Mascarenhas, liv. 3. n. 37.

Carta de ElRey D. João para o Governador, liv. 4. n. 95.

Da Rainha Dona Catherina, liv. 4. n. 96.

Do Infante D. Luiz, liv. 4. n. 97.

Catherina de Sousa.

Escreve ao Governador, e lhe offerece suas joyas para o governo, liv. 2. n. 91.

Caxem.

Manda o Rey de Caxem pedir soccorro ao Governador, liv. 2. n. 83.

O Governador manda a D. João de Attayde com quatro navios, lb.

Ceilam.

Manda ElRey D. João Religiosos Franciscos pregar a Fé em Ceilam, liv. 4. n. 1.

Cogor, Cofar.

Persuade a Mahamad Rey de Cambaya que tome Dio dos Portuguezes liv. 2. n. 3.

Quanto a este Mouro, liv. 2. n. 4.

Como veyo a Cambaya, liv. 2. n. 6.

Razoens com que persuade a empresa de Dio, liv. 2. n. 7.

Proposta que faz ao Capitão da fortaleza, liv. 2. n. 21.

Intenta ganhala por traição, liv. 2. n. 24.

- Chega a Dio com gente*, liv. 2. n. 25.
Monicoens e bastimentos que tras, liv. 2. n. 27.
Pratica que faz aos seus, liv. 2. n. 28.
Torna a instar ao Capitão da fortaleza, liv. 2. n. 29.
Entraõlhe soccorros, liv. 2. n. 34.
Começa a bater a fortaleza, liv. 2. n. 35.
Estratagema que hum a não, liv. 2. n. 36.
Que os nossos desbaratarão, liv. 2. n. 37.
Continua a bataria, liv. 2. n. 38. 39. 48. e 51.
Faz juramento de ganhar Dio, ou acabar na empreza, liv. 2. num. 60.
Morre de hum balla liv. 2. num. 60.

Compaixaõ.

Compaixaõ do Governador D. João de Castro, liv. 1. n. 37. e 38. ■ liv. 4. n. 54. e n. 100.

Cotta.

Reyno na ilha de Ceilam, liv. 4. n. 1.
Rey recebe os Religiosos Franciscos, Ibid.
Dissuade da Fé a Rey de Candea, liv. 4. n. 8.

Cruz.

Veneração que o Governador D. João fazia à Santa Cruz, liv. 1. n. 56.
Invenção da Cruz de S. Thomé, liv. 1. n. 57.
Milagre notavel da mesma Cruz, Ibid.
Affecto com que o Governador recebe esta nova, lib. 1. n. 58.

D

Dabul.

- C**idade famosa do Hidalcão, liv. 4. n. 60.
Entrada, destruida pelo Governador, e seu filho D. Alvaro, liv. 4. num. 61.

Dabul de cima.

- Outra Cidade assim chamada, assolada, e destruida pelo Governador*

nador , e seu filho , liv. 4. n. 70.

Desafio.

Entre D. João Manoel , e João Falcão , e como se houverão estes fidalgos valerosamente contra o inimigo , liv. 3. n. 16.

Dio.

Descripção da Ilha , liv. 2. n. 26.

Começa Coge Cofar ■ bater ■ fortaleza , liv. 2. n. 35.

Senboream os inimigos ■ cava , liv. 2. n. 48.

Achase hum postigo antigo na fortaleza , por onde ■ Capitão repara alguns danos , liv. 2. n. 59.

Depois o manda fechar , liv. 2. n. 61.

Faltas que se sentiaõ na fortaleza , liv. 2. n. 62.

Valor ■ resistencia dos nossos , liv. 2. n. 69.

Outro assalto , liv. 2. n. 73.

Sobem Turcos à Igreja , ■ que acode D. João Mascarenha :
2. num. 81.

Onde se peleija com grande valor , Ibid.

Retiraõ-se os inimigos , liv. 2. n. 82.

Morrem muitos delles , liv. 2. n. 84.

Valor de 14. soldados nossos , liv. 2. n. 95.

Assalto geral , liv. 2. n. 96.

Reparo dos nossos contra o fogo , liv. 2. n. 97.

Recolhe-se ■ inimigo , liv. 2. n. 99.

Com que perda , Ibid.

Novo assalto , liv. 2. n. 102.

Resistencia dos nossos , liv. 2. n. 103.

Perda grande dos inimigos , liv. 2. n. 105.

Necessidades da fortaleza , liv. 2. n. 106.

Remedio para a falta de pançuas de pelvora , lib. 2. n. 108.

■ inimigo dar novo assalto , liv. 2. n. 114.

Valor notavel de cinco soldados , liv. 2. n. 116.

Acodem os nossos ao reparo das minas , liv. 2. n. 126.

Dà o inimigo outro assalto , liv. 2. n. 134.

Resistem ■ nossos valerosamente , Ibid.

- Perigo em que se vem , liv. 2. n. 137. n. 142.
 Defendem as roturas de huma mina, liv. 2. n. 145.
 Extremos em que està a fortaleza , liv. 2. n. 155.
 Determinaõ de nossos sair em busca do inimigo , liv. 2. n. 161.
 Prosseguem seu intento contra o parecer do Capitão . e de n-
 tros , liv. 2. n. 163.
 Saem finalmente , e em que ordem , liv. 2. n. 164.
 Resistencia dos inimigos , lib. 2. n. 165.
 Perda dos nossos nesta desordem , liv. 2. n. 170.
 Tomaõ depois disso os nossos 14. geluas que basteciam a inimi-
 go . liv. 2. n. 179.
 Brio lastimoso de tres soldados nossos , liv. 3. n. 15.
 Alcançase victoria , liv. 3. n. 25.
 Estimacão do numero dos inimigos , liv. 3. n. 27.
 Despojos , e sacco da Cidade , liv. 3. n. 28.
 Tiro de Dio a fortaleza de São Gão , Ibid.
 Numero dos mortos , Ibid.
 Reedifica o Governador a fortaleza , liv. 3. n. 29.
 Deixa D. João Mascarenhas a praça , e o Governador a entrega
 a Luiz Falcão , liv. 4. n. 53.
 D. Diogo de Almeyda Freyre.
 Capitão mór de Goa , liv. 2. n. 181.
 Encontra a resolução de ir o Governador a Dio , Ibid.
 Fica com o Governo em sua ausencia , liv. 3. n. 1.
 E quando torna o visita no mar , lib. 3. n. 39.
 Vay contra o Hidalcão por mandado do Governador , liv. 4. n. 19.
 Chega à fortaleza de Rachol , liv. 4. n. 32.
 Onde recolhe gente , Ibid.
 Sae contra o Hidalcão , liv. 4. n. 38.
 Em outra occasião quer fazer o mesmo liv. 4. n. 58.
 A Cidade lho encontra , Ibid.
 Avisa ao Governador , liv. 4. n. 59.
 Espera em Agaçaim , lib. 4. n. 62.
 Maza ao General dos inimihos , liv. 4. n. 66.

Fica com cavallaria nas terras de Salfete , liv. 4. n. 62.

Entregalhe o Viso-Rey o governo do Estado , e ao Byspo , liv. 4. n. 101.

Diogo de Anaya.

Acção notavel tomando hum lingua ao inimigo , liv. 2. n. 52.

Diogo de Reynoso.

Encomendalhe ■ Governador a seu filho D. Fernando, liv. 2. n. 30.

Affiste no baluarte S. Thomé , liv. 2. n. 110.

Com valor desordenado foy occasião de perecer muita gente ■ mina do baluarte liv. 2. n. 115.

Diogo Soares de Mello.

Estando em Patane o manda vir a Malaca Simão de Mello , liv. 4. n. 23.

Para onde se parte , liv. 4. n. 24.

Sae ao Achem com D. Francisco de Sã , liv. 4. n. 25.

Apazigua hum motim de soldados , liv. 4. n. 26.

Rende a galé Capitania do inimigo , liv. 4. n. 27.

S. Domingos de Bemfica.

Convento junto de Lisboa , liv. 4. n. 105.

Capella sumptuosa , que nelle fabricou o Bispo Inquisidor geral, liv. 4. n. 106.

O que lhe dotou , liv. 4. n. 109.

Nella està a sepultura de Viso-Rey D. João de Castro , liv. 4. num. 107.

E ■ de D. Alvaro de Castro , liv. 4. n. 108.

D. Duarte de Menezes.

Governador de Tanger , liv. 1. n. 3.

Arma Cavalleiro a D. João de Castro , liv. 1. n. 5.

Informa a El-Rey do merecimento de D. João , Ibid.

D. Duarte de Menezes.

Sae de Baçaim , liv. 2. n. 149.

Chega ■ Dio , liv. 2. n. 140.

Valor com que se porta na peleja , liv. 2. n. 169.

E

Dom Estevoão da Gama.

Succede no governo da India a D. Garcia de Noronha, liv. 1. num. 18.

Vay ■ Mar Roxo, liv. 1. n. 19.

Arma Cavalleiro ■ D. Alvaro de Castro, liv. 1. num. 20.

F

Fausto Serraõ de Caluos.

Reposta galante que dá ao Governador, liv. 4. numer. 48.

Fernaõ Carvalho.

Manda tomar lingua, para saber o desenho do inimigo, por ordem do Cap. taõ de Dio, liv. 2. n. 50.

Avisa ao mesmo Capitaõ do que vira ao inimigo, liv. 2. n. 72.

D. Fernando de Castro

Passa à India com ■ Governador seu pay, liv. 1. n. 35.

Vay com soccorro a Dio, liv. 2. n. 30.

Chega à fortaleza, liv. 2. n. 40.

Como ■ recebe ■ Capitaõ, liv. 2. n. 41.

Pedelhe licença para sair ao inimigo, que se lhe nega, liv. 2. num. 46.

Esforço com que se ha, liv. 2. n. 90.

Estando doente acode ■ baluarte S. Thomé, liv. 2. n. 113.

Morre ■ huma mina com outros fidalgos, liv. 2. n. 115.

Deposito que se faz de seu corpo, liv. 2. n. 120.

Manda ■ Governador desenterrar seus ossos para os empenhar à Cidade de Goa, que não tem effeito, liv. 3. n. 29.

Fer-

Fernaõ Peres.

*He o primeiro que sobe em Xael por huma escada contra os Far-
taques , liv. 4. n. 90.*

Fernaõ de Sousa.

He mandado pelo Governador a Maluco , liv. 2. n. 14.

*Responde a humas cartas de Ruy Lopes de Villalobos Capitão dos
Castelhanos , liv. 2. n. 15.*

Avistase com elle , liv. 2. n. 18.

Acordo que tomaõ , liv. 2. n. 19.

Como se ha na falta da palavra do Castelhana , liv. 2. n. 20.

*Sae de Malaca contra o Achem por mandado de Simaõ de Mel-
lo , lib. 4. n. 25.*

Tem novas delle , e o quer seguir , liv. 4. n. 26.

Os soldados se amotinão , Ibid.

Avista ao inimigo , liv. 4. n. 27.

Francisco Guilherme.

Sae de Baçaim , liv. 2. n. 139.

Chega a Dio , liv. 2. n. 143.

Francisco de Mello.

Capitão da fortaleza de Rachol , liv. 4. n. 38.

*Avisa ao Governador para que se juntem contra ■ Hidalcoõ ■
Ibid.*

D. Francisco de Menezes.

Vay com soccorro a Dio , liv. 2. n. 87.

Arriba a Baçaim , liv. 2. n. 122.

E depois ■ Agaçaim , liv. 2. n. 158.

Valor com que se ha em Dio , liv. 2. n. 160.

Estranha aos nossos ■ quer rem sair ao inimigo , liv. 2. n. 162.

Acompanha-os nesta saída , liv. 2. n. 164.

Morre de hum petouro , liv. 2. n. 168.

Francisco Vieyra.

*E Mandel Pereira outro soldado de fortuna ficará na Cidade
de Adem , retirando-se D. Payo , e pelejaraõ valerosamente,
l. 4. n. 86.*

Salvação nesta briga hum Infante, que levãrão ■ Campar, l. 4. n. 87.

São Francisco Xavier.

Fiel obreiro da vinha do Senhor, liv. 1. n. 71.

Sossiga o povo de Malaca ■ espera de huma armada contra ■ Achem, liv. 4. n. 30.

Pronostica a victoria, annunciando os modos, e circumstancias della, Ibid.

Acompanha ao Viso-Rey D. João ■ sua doença, e assiste ■ sua morte, liv. 4. n. 103.

G

Gandar.

Cidade ■ costa de Cambaya destruida por D. Manoel de Lima, liv. 3. n. 22.

D. Garcia de Noronha.

Quando passou a governar ■ India levou consigo ■ D. João de Castro, liv. 1. n. 16.

Fallece em breve, e succedeolhe D. Estevão da Gama, liv. 1. n. 18.

Garcia Rodriguez de Tavora.

Vay a Dio em companhia de Antonio Moniz Barreto, liv. 2. n. 123.

Desconfiança briosa que entre elles houve, liv. 2. n. 124.

Valor com que se ha na peleja, l. 2. n. 130.

Gil Convinho.

Capitão do baluarte S. João l. 2. n. 3.

Cuidado, e valor com que peleja, liv. 2. n. 53.

Morre na mina, liv. 2. n. 115.

Goga.

Cidade ■ costa de Cambaya, a que vay D. Manoel de Lima, liv. 3. n. 32.

Saqueada, e abrasada Ibid.

Hidal-

H

Hidalcaõ:

Primera embaixada sua ao Governador Dom João liv. 1.
num. 43.

Quem era este Mouro, liv. 3. num. 44.

Como se introduzio na Coroa, liv. 1. n. 46.

Cuidado que lhe dava a vinda de Meale para Goa, liv. 1. n. 48.

Faz grandes partidos ao Governador Martim Affonso de Sousa
pola pessoa de Meale, liv. 1. n. 49.

Primeiros movimentos contra o Estado da India, liv. 1. n. 53.

Comette paz, vendo a fortuna de nossas armas, liv. 1. n. 66.

O Governador a teita, liv. 1. n. 67.

Manda sobre as terras firmes, liv. 4. n. 18.

Cuidados que estava liv. 4. n. 31.

Retirase a Ponda, liv. 4. n. 39.

O Governador o vai seguindo, liv. 4. n. 40.

E o faz retirar a Sertão, liv. 4. n. 41.

Torna de novo com guerra, liv. 4. 57.

Danos que recebe, liv. 4. n. 61. 62. 63. 64. 65. 66. 67. e 70.

I

Jacme Leyte.

Desfaz hum stratagma de Coge Cosar, liv. 2. n. 37.

Tornou muitos mantimentos aos inimigos matando a mu-
tos delles, liv. 2. n. 45.

ElRey D. João.

Chama de Tanger a D. João de Castro, e lhe faz mercê, liv. 1.
num. 6.

Fazlhe mercê quando foi à India, liv. 1. n. 16.

Faz General da armada da costa a D. João, l. i. n. 21.

E depois da armada contra o Turco, liv. 1. n. 26.

Confiança que delle mostra ter, liv. 1. n. 27.

Elêge-o para Governador da India, liv. 1. n. 33.

Carta que lhe escreve, liv. 1. n. 69.

Festeja a nova da victoria de Dio, liv. 4. n. 94.

Carta que escreve a D. João, e mercês que lhe faz, liv. 4. num. 95.

Prorogalhe o governo em tres annos com titulo de Viso-Rey, liv. 4. n. 98.

Manda seis naos à India, liv. 4. n. 99.

O Bispo D. João de Albuquerque.

Fica com o governo em companhia de D. Diogo de Almeyda na ausencia do Governador, liv. 3. num. 1.

E quando torna o visita no mar, liv. 3. n. 39.

Recebe-o na Sé com *Te Deum laudamus*, liv. 3. n. 41.

Entregalhe o Viso-Rey o governo, a D. Diogo de Almeyda, liv. 4. n. 101.

D. João de Almeyda.

Com seu irmão D. Pedro, encarregalhe o Dia o baluarte de Sanctiago, liv. 2. n. 32.

Saem o inimigo, e o estrago que fazem, liv. 2. n. 94.

Cuidado e valor com que peleja, liv. 2. n. 53.

D. João de Attayde.

Vay a Adem em companhia de Dom Alvaro de Castro, liv. 4. num. 82.

O Governador manda a Caxem, liv. 4. n. 83.

Sucesso da viagem, liv. 4. n. 88.

Sae ao encontro a D. Alvaro, liv. 4. n. 89.

Valor com que se ha em Xael, liv. 4. n. 91.

D. João de Castro.

Seus primeiros estudos, liv. 1. n. 1.

Applicase às Mathematicas, liv. 1. n. 2.

Passa a Tanger, liv. 1. n. 4.

- Seu procedimento na Corte, liv. 1. n. 7.
 Casa com Dona Leonor Coutinho, liv. 1. n. 8. e liv. 4. n. 110.
 Passa a Tunes, liv. 1. n. 9.
 Tornando desta jornada se recolhe ■ Sintra, liv. 1. n. 14.
 Passa ■ primeira vez à India, liv. 1. n. 15.
 Em companhia de D. Garcia de Noronha, liv. 1. n. 16.
 Vay ao Mar Roxo com D. Estevão da Gama, liv. 1. n. 19.
 Faz hum Roteiro nesta viagem, Ibid.
 Torna ■ Reyno, e o faz ElRey General da armada da costa, liv. 1. n. 21.
 Desbarata sete nãos de Cossarios, Ibid.
 Recolhe as da India, liv. 1. n. 22.
 ElRey o faz General da armada contra ■ Turco, liv. 1. n. 26.
 Avista-se com D. Alvaro Bação General do Emperador, e dis-
 correm sobre a jornada, liv. 1. n. 28.
 Resolvem pelejar, Ibid.
 Permanece neste parecer contra o do Gener. Castelhana ■ Ibid.
 Espera o inimigo no Estreito tres dias, liv. 1. n. 29.
 Vay a Ceita, liv. 1. n. 30.
 Volta ■ Lisboa, e recolhe-se a Sintra, Ibid.
 ElRey o faz Governador da India, liv. 1. n. 33.
 Corre com o apresto das nãos, liv. 1. n. 32.
 Reprova as galas de seu filho liv. 1. n. 35.
 Parte para a India, liv. 1. n. 37.
 Chega à Moçambique, liv. 1. n. 38.
 Parte para Goa, liv. 1. n. 39.
 Como he recebido, liv. 1. n. 40.
 Estado em que achou o governo da India liv. 1. n. 41.
 Reposta que dà ao Hidalcão sobre as confas de Meate, liv. 1. n. 51.
 Apercebimentos que faz para a guerra, liv. 1. n. 51.
 Sae contra Azedecão Capitão do Hidalcão, liv. 1. n. 54.
 Peleija com elle, e desbarata-o, liv. 1. n. 55.
 Aceita ■ paz que ■ Hidalcão pede, liv. 1. n. 67.

- Trata das cousas do Estado*, liv. 1. n. 68.
E das da Religião, liv. 1. n. 69.
Manda gente ■ *Dio*, liv. 2. n. 10.
Escreve a Soltão Mahamud sobre as cousas daquella fortaleza, Ib.
Manda soccorro ■ *Dio*, liv. 2. n. 23.
E depois a seu filho D. Fernando ■ *outro soccorro*, liv. 2.
 ■ ■ ■ ■ ■ 30.
E hum cartamui honrada a D. João Mascarenhas, liv. 2. n. 31.
Pregoa guerra contra Can. da, l. 2. n. 43.
Escreve a todas as praças, e pede emprestimo para soccorrer
Dio, liv. 2. n. 44.
Recorre a Deos com preces publicas, liv. 2. n. 44.
Cuidados em que andava sobre estes soccorros, liv. 2. n. 86.
Manda a seu filho D. Alvaro, liv. 2. n. 87.
E a D. Francisco de Menezes, Ibid.
Aprestos que fica fazendo, liv. 2. n. 89.
Cuidados em que andava, liv. 2. n. 173.
Chegaõlhe navas de Dio, liv. 2. n. 175.
Piedade, e alegria com que as recebe, Ibid.
Valor que mostra com a nova da morte de seu filho D. Fernan-
do, Ibid.
Manda fazer procissão em acção de graças, l. 2. n. 176.
Declara em conselho a resolução de ir a Dio, l. 2. n. 180.
A qual se lhe encontra, l. 2. n. 181.
Resolve-se em ir, liv. 2. n. 182.
Saê de Goa a soccorrer Dio, l. 2. n. 1.
Com que armada, e Capitaens, l. 3. n. 2.
Chega ■ *Baçaim*, e faz guerra ■ *Cambaya*, l. 3. n. 3.
Entra em Dio, l. 3. n. 9.
Faz conselho no mar l. 3. n. 10.
Mete a gente na fortaleza, Ibid.
Resolve dar batalha, l. 3. n. 12.
Ordem que dà à armada, Ib.
Faz outras prevençoens, l. 3. n. 13.

- Falla aos soldados*, Ibid.
Ordem ■ *que os poem*, l. 3. n. 14.
Sae da fortaleza, liv. 3. n. 15.
Perigo em que se vé, e como se livra, liv. 3. n. 18.
Acclama victoria, e prosegue-a, Ibid.
Peleija pessoalmente, liv. 3. n. 19.
Enveste ■ *Rumecaõ*, liv. 3. n. 21.
Alcança victoria, liv. 3. n. 25.
Parabens que se lhe daõ, liv. 2. n. 2.
Reedifica a fortaleza, liv. 3. n. 29.
Empenha os cabellos da barba, liv. 3. n. 29.
Os Cidadãos de Goa thos tornaõ, e juntamente o dinheiro que per-
 de, liv. 3. n. 30.
Continua ■ *obra da fortaleza*, liv. 3. n. 31.
Manda a D. Manoel de Lima fazer guerra pela costa de Camba-
ya liv. 3. n. 32.
Depois manda ■ *Antonio Moniz esperar as naos de Cambaya*,
 liv. 3. n. 35.
Tem aviso de Ormuz de novos motins de guerra, liv. 4. n. 36.
Manda para lá a D. Manoel de Lima, l. 3. n. 37.
Escreve a El Rey D. João os merccimentos dos soldados, Ibid.
Embarcase para Goa, l. 3. n. 39.
Chega, e he visitado no mar, Ibid.
Decretas-lhe triumpho, cuja fabrica se descreve l. 3. n. 40.
Entra na Cidade, l. 3. n. 41.
Hum Vereador lhe faz pratica, Ibid.
He recebido com triumpho, Ibid.
Vay à Sé, e reconhece a Deos por Autor de suas victorias, Ib.
Zela ■ *conversão do Rey de Candea*, e manda a isso Antonio Mo-
 niz Barretto, liv. 4. n. 4.
Manda a D. Diogo de Almeyda contra ■ *Hidalcaõ*, liv. 4. n. 32.
E depois disso a outra gente, querendo elle ir em pessoa, liv.
 4. n. 19.
Poem em conselho a guerra do Hidalcaõ, l. 4. n. 33.

A qual

- A qual se dilata para outro tempo , l. 4. n. 34.*
Manda exercitar os soldados , Ibid.
E os favorece , como fez a Francisco Gonçalves , Ibid.
Tem avisos de Dio , liv. 4. n. 35.
Que communica ■ Senado pedindolhe ajuda , l. 4. n. 37.
Avisa ■ Chaul , ■ Baçaim , Ibid.
Resolve a guerra do Hidalcaõ , l. 4. n. 38.
Ordena ■ sua gente , Ibid.
Vemlhe Embaixadores de ~~Portugal~~ , liv. 4. n. 39.
Ouve-os , e despede-os , Ibid.
Segue ■ Hidalcaõ , liv. 4. n. 40. e n. 41.
Volta a Goa , liv. 4. n. 42.
Torna a Dio , e com que armada liv. 4. n. 43.
Chega a Baçaim , liv. 4. n. 44.
Manda seu filho D. Alvaro a Surrate , Ibid.
Galantaria com que amedrenta os Mouros liv. 4. n. 48.
Ajantase com D. Alvaro na barra de Surrate , l. 4. n. 49.
Avista ■ Soltaõ , ■ presentalhe batalha , Ibid.
Falla aos soldados , liv. 4. n. 50.
Reposta dos fidalgos , e Cabos , l. 4. n. 51.
Espera ■ campo tres horas , e embarcase , Ibid.
Danos que faz ■ inimigo , l. 4. n. 52.
Chega ■ Dio , liv. 4. n. 53.
Entrega a praça a Luiz Falcaõ por deização de D. João Mascarenhas , Ibid.
Embarcase para Baçaim , l. 4. n. 54.
Onde escreve a ElRey D. João lembrando os homens que tinham servido , l. 4. n. 56.
Que alviçaras lhe pede , l. 4. n. 54.
Embarcase para Goa , e avista Dabul , l. 4. n. 60.
Toma a Cidade , l. 4. n. 61.
Chega ■ Aguçaim , l. 4. n. 62.
Enveste os inimigos , l. 4. n. 36.
Pebeija pessoalmente , l. 4. n. 67.

E alcança victória, Ibid.

Despacha as naos para o Reyno, l. 4. n. 68.

Continua a guerra do Hidalcao l. 4. n. 69.

Assola Dabul de sima, l. 4. n. 70.

Toda a campanha, Ibid.

Kay a Baçaim, e faz danos a Cambaya, liv. 4. n. 71.

Os moradores de Adem pedem soccorro contra hum tyranno, 4. n. 80.

O Governador lhes manda seu filho D. Alvaro, l. 4. n. 82.

Vem embaixada de ElRey de Caxem, liv. 4. n. 83.

Reposta do Governador, e soccorro que manda, Ibid.

Cartas que tem de ElRey D. João, da Rainha Dona Catherina, do Infante D. Luiz, l. 4. n. 95. 96 e 97.

Prorogalhe ElRey o governo com titulo de Viso-Rey, l. 4. n. 98.

Chega huma nao do Reyno a Goa, l. 4. n. 100.

Recebe as vias, e acha as honras, e merces, Ibid.

Adoece o Viso-Rey, e deixa o governo, liv. 4. n. 101.

Manda vir os da governança, e o que lhes diz, l. 4. n. 102.

Juramento que ante elles toma, Ibid.

Conhecendo o perigo da doença se recolhe com S. Francisco Xavier, l. 4. n. 103.

Sua morte, enterro, e sentimento de todos, Ibid.

Seus ossos vem ao Reyno, depositaõ-se em S. Domingos de Lisboa, e dahi se passaõ a Beçfica, l. 4. n. 104.

Ascendencia do Viso-Rey D. João de Castro, liv. 4. n. 110.

Filhos que teve, Ibid.

João Coelho.

Vigario da fortaleza de Dio, offerece-se para ir ao Governador, l. 2. n. 63.

Chega o seu aviso, liv. 2. n. 87.

Torna a Dio, liv. 2. n. 101.

Anima aos soldados na peleja, liv. 2. n. 118.

João Falcao.

Desafio que tem com D. João Manoel, l. 3. n. 16.

Como

Como se compuzeram, Ibid.

Tendo subido o muro he morto as creneladas, Ibid.

D. João Manoel.

Desafio que tem com João Falcão, e como se compuserão, lrv.
3. n. 16.

Subindo ao muro lhe cortarão as mãos, e tabeca, Ibid.

D. João Mascarenhas.

Capitão de Dio, l. 2. n. 9.

Avisa ao Governador D. João de Castro dos desenhos de Coge
Cofar, Ibid.

Proposta que o Mouro lhe faz, lrv. 2. n. 21.

Resposta que lhe dá, l. 2. n. 22.

Avisa outra vez ao Governador, Ibid.

Prevenções que faz para a guerra, l. 2. n. 25.

Rasponde a outra instancia de Coge Cofar, l. 2. n. 29.

Reparte os postos da fortaleza, l. 2. n. 32.

E falla aos soldados, l. 2. n. 33.

Como recebe a Dom Fernando de Castro que vem com socorro,
l. 2. n. 41.

Avisa por terra a El Rey D. João, l. 2. n. 47.

Cuidado, e vigilancia com que acodia a tudo, lrv. 2. n. 58.

Maquina com que desfaz outra do inimigo, lrv. 2. n. 65.

Repara as ruinas da fortaleza, l. 2. n. 71.

Acode a lançar os Turcos fora, l. 2. n. 79.

E o faz com grande valor, l. 2. n. 80.

Determinação valerosa que intenta, l. 2. n. 121.

Avisa a D. Alvaro de Castro das necessidades da fortaleza, l.
2. n. 125.

Recebimento que lhe faz em chegando, l. 2. n. 158.

Avisa ao Governador dos successos da fortaleza, l. 2. n. 159.

Trata dissuadir os nossos que querem sair ao inimigo, lrv. 2.
num. 162.

E vendo sua resolução os acompanha, l. 2. n. 163.

Acomodação que se porta, l. 2. n. 169.

- Poem em ordem os soldados, liv. 2. n. 170.
 Como recebe ao Governador, l. 3. n. 2.
 Que gente lhe dá o Governador para a batalha, l. 3. n. 14.
 Valor com que se ha na peleja, l. 3. n. 17. e n. 24.
 Entra na Cidade, l. 3. n. 23.
 Determina deixar a praça antes do tempo acabado, l. 3. n. 34.
 Torna a aceitála, e fica nella, l. 3. n. 37.
 Avisa ao Governador do que determina ElRey de Camibaya, liv. 4. n. 35.
 Faz deixação da praça, l. 4. n. 53.
 Embarcase para o Reyno, l. 4. n. 68.
 Elogio de D. João Mascarenhas, Ibid.
 Mestre João.
 Hum dos cinco soldados que valerosamente em Dio resistem ao inimiga, l. 2. n. 119.
 D. Jeronymo de Menezes.
 Capitão mor de Baçaim, l. 2. n. 170.
 Entrega quinze navios a Vasco da Cunha para levar a Dio, Ibid.
 Jordão de Freitas.
 Capitão das Malucas, l. 4. n. 20.
 Prende a ElRey Aeyro, e o manda a Goa, Ibid.
 Entrega o governo das Malucas a Bernardim de Sousa, liv. 4. num. 21.
 D. Jorge de Menezes.
 Sae de Baçaim, l. 2. n. 139.
 Chega a Dio, l. 2. n. 140.
 Valor com que peleja, l. 2. n. n. 169.
 Fica na enseada de Cambaya por mandado do Governador, liv. 3. num. 38.
 Toma algumas embarcações de mantimentos, l. 4. n. 5.
 Dá sobre a Cidade de Baroche, Ib.
 Que destroe, e poem a fogo, l. 4. n. 6.
 Toma o appellido de Baroche, Ibid.
 Parte a Dio com o Governador, liv. 4. n. 43.

Mmm

Chega

Chega ■ Surrate por mandado de D. Alvaro l. 4. n. 45.
 Salta em terra, e entra a povoação com grande valor, Ib.
 Acode aos nossos onde pederjavad l. 4. n. 46.
 Voltaço para D. Alvaro, liv. 4. n. 47.
 Pede ao Governador 500. espingardas para sair ao Solto, liv.
 4. num. 51.
 Faz prezas em nãos de Meek, liv. 4. n. 71.
 Isabel Fernandes.
 Valerosa matrona chamada communmente a velha de Dio, liv.
 2. n. 55.
 Valor com que se ha em algumas occasoens, l. 2. n. 117. e n.
 130.

Isabel Madeira.

Valor particular com que se ouve na guerra de Dio, l. 2. n. 119.
 Juzarcaõ.
 Abexim valente, que o Soltoõ Mahamad deixa em seu lugar na
 guerra de Dio, l. 2. n. 51.
 Faz juramento de ganhar ■ fortaleza, ou acabar ■ empresa,
 liv. 2. n. 53.
 Assalta o baluarte S. Joaõ, l. 2. n. 67.
 Enveste ■ Couraça, liv. 2. n. 77.
 Morro de hum pelouro, liv. 2. n. 84.
 Outro Juzarcaõ.
 Vem a continuar o cerco de Dio, l. 2. n. 93.
 Enveste o baluarte S. Joaõ, liv. 2. n. 104.
 Sae a encontrar-se com os nossos, l. 2. n. 165.

E

Infante D. Luiz.

A Prende as Mathematicas, liv. 1. n. 2.
A Passa a Tunes com o Emperador seu cunhado, l. 1. n. 10.
 Lança de cortezia entre elle, e o Emperador, liv. 1. n. 12.

Pro-

Propoem a D. João de Castro para governar a India, liv. 1.

Cartas que lhe escreve, l. 3. n. 5. e l. 4. n. 97.

Luiz de Almeyda.

Vay com seis caravellas de sacarro a Dio mandado pelo Governador, l. 2. n. 177.

Chega a fortaleza, liv. 2. n. 178.

Vay esperar as naos de Meca mandado por D. Alvaro de Castro, liv. 2. n. 179.

Toma duas. Ibid.

Entra com ellas em Dio, Ibid.

Luiz Falcão.

Chega a Dio vindo de governar Ormuz, liv. 4. n. 53.

O Governador lhe entrega a praca por deixação de D. João Mascarenhas, Ibid.

Luiz de Mello de Mendonça.

Sae de Baçaim para Dio, liv. 2. n. 139.

Perigos que tem na viagem, Ibid.

Resiste aos que querem arribar, l. 2. n. 140.

Chega a Dio, e dá novas de D. Alvaro, Ibid.

He aposentado no baluarte Santiago, Ibid.

Morre de hum pelouro, liv. 2. n. 167.

Luiz de Sousa.

Capitão do baluarte S. Thomé, liv. 2. n. 32.

Cuidado, e valor com que peleja, liv. 2. n. 53, 67, 74, 98,

102, 134. e 170.

Lopo de Sousa.

Peleja valerosamente em Dio, e morre atravessado de hum dardo, liv. 2. n. 169.

Lourenço Pires de Tavora.

Capitão mór da Viagem do Reyno, l. 2. n. 174.

Chega a Cochim, e vay a Dio, liv. 9. n. 4.

He o primeiro que afferra a mura, l. 3. n. 18.

Folta a Lisboa, liv. 4. n. 93.

M

Malaca.

Conjuraõ varios Reys contra ella, liv. 4. n. 22.
 Chega o Achem, e recolhe-se logo, l. 4. n. 24.
 Contra quem manda o Capitão Simão de Mello, l. 4. n. 25.
 Embaixada dos conjurados, liv. 4. n. 28.

Malucas.

Milagroso successo nellas, liv. 1. n. 71.
 Direito que os Reys de Portugal tem sobre ellas, liv. 2. n. 11.
 O Governador as chama Cachil Aeyre, liv. 2. n. 12.
 Vão Castelhanas a ellas, liv. 2. n. 13.
 Como se hão, e resolvem com os Portuguezes, liv. 2. n. 19.

D. Manoel de Lima.

Chega do Reyno a Goa, liv. 2. n. 174.
 Quer partir logo para Dio, e o Governador o dissuade, Ibid.
 Vay em sua companhia, liv. 3. n. 2.
 O Governador a manda a enseada de Cambaya com seis navios,
 aonde toma muitas presas, liv. 3. n. 3.
 Entra em Surrate, e faz-lhe muitos danos, liv. 3. n. 6.
 Affola a Cidade de Antote, liv. 3. n. 7.
 E a outros lugares da costa, liv. 3. n. 8.
 Chega a Dio, e o Governador lhe dá 500. Portuguezes para a
 batalha, liv. 3. n. 14.
 Valor com que se ha, liv. 3. n. 17.
 Entra com D. Alvaro na Cidade, liv. 3. n. 23.
 Sae a fazer guerra aos lugares da costa, liv. 3. n. 33.
 Vay à Cidade de Goga, que saquea, e abraça, Ibid.
 Destroe tambem Gandar, liv. 3. n. 33.
 Recothe-se a Dio, liv. 3. n. 34.
 Offerece-se a ficar na prapa por deixação de Dom João Mascarenhas, liv. 3. n. 34.

Vay

Vay para Ormuz, liv. 3. n. 37.

ElRey de Campar lhe pede soccorro, e lhe offerece huma fortaleza em Adem, liv. 4. n. 76.

Manoel Pereira.

Vide Francisco Vieira.

Martim Affonso de Sousa.

Governador da India, liv. 1. n. 31.

Alterou os bazaruos, liv. 1. n. 42.

Mandou vir a Meale para Goa, liv. 1. n. 47.

Determina entregalo ao Hidalcao pelos partidos que lhe faz, liv. 1. n. 50.

Martim Botelho.

Com dez companheiros vay tomar huma lingua ao inimigo, liv. 2. n. 109.

Que novas deo, liv. 2. n. 110.

Matzaõ

Succede a Rax Solimaõ na senhoria de Adem, liv. 4. n. 74.

E se faz forte nos Paços contra ElRey de Campar, liv. 4. n. 75.

Entregando-se a partido, se sae da Cidade, liv. 4. n. 76.

Meale.

Causa do desasossegado do Hidalcao, liv. 1. n. 44.

Passou-se a Cambaya, liv. 1. n. 45.

Martim Affonso de Sousa sendo Governador o manda vir para Goa, liv. 1. n. 47.

Como he recebido do Governador, Ibid.

Depois o quer o mesmo Governador entregar ao Hidalcao polo partido que lhe faz liv. 1. n. 50.

O Governador D. Joã de Castro o defende, liv. 1. n. 51.

He causa dos movimentos do Hidalcao, liv. 4. n. 18.

E de seus cuidados, liv. 4. n. 31.

Miguel de Attayde.

Soldado agigantado vay a Dio, liv. 2. n. 123.

Como se embarca nesta jornada, Ibid.

Forças, e valor com que peleiça, liv. 2. n. 132.

Minas.

Minas.

Minase o baluarte S. Thomé, liv. 2. n. 110.

Daſelhe fogo, liv. 2. n. 115.

Pessoas que perecerão nesta mina, Ibid.

Continua Rumecaõ com outras, liv. 2. n. 126.

A cujo reparo acodem os nossos, Ibid.

Daõlhe fogo os inimigos com perda sua, liv. 2. n. 137.

Abrem outra, que os nossos atalhaõ, liv. 2. n. 144.

Continuaraõ com outras, e os nossos com os reparos, liv. 2. num. 171.

E depois com outra, a que daõ fogo sem dano nosso, liv. 2. num. 183.

Moçambique

Chega ahi o Governador D. Joaõ de Castro, liv. 1. n. 38.

Muda a fortaleza para melhor sitio, Ibid.

Vaylhe ordem do Reyno para que a alargue, liv. 4. n. 37.

Moeda.

Queixas do Estado da India sobre a alteraçã da moeda, liv. 1. num. 42.

Ouve o Governador D. Joaõ a Cidade, e povo sobre esta materia, Ibid.

Resoluçã que nella tomou, Ibid.

Mojatecaõ.

Lowva o valor dos Portuguezes, liv. 2. n. 132.

Sae a encontrar-se com os nossos, liv. 2. n. 165.

Enveste a fortaleza, e retira-se, liv. 2. n. 170.

Mulheres.

Valor das mulheres de Dio, liv. 2. n. 55. 68. 79. 117. e 130.

Valor particular de huma Portugueza, liv. 2. n. 78.

As mulheres de Chaul offerecem suas joyas para a guerra, liv. 2. n. 90.

As de Goa offerecem filhas, e fazenda para o socorro de Dio, liv. 2. n. 177.

E para a reedificaçã da fortaleza, liv. 3. n. 31.

E tam-

E tambem em outra occasião, *liv. 4. n. 36.*

N

Nãos.

Quantas erão, e que Capitães dellas as com que foy o Governador D. João de Castro, *liv. 1. n. n. 36.*

Em que tempo partirão, *liv. 1. n. 37.*

Perigo que teve a nã do Governador, *Ibid.*

A nã Espirito Santo de que era Capitão Diogo Rebello chega a Goa, *liv. 2. n. 87.*

Não de Cambaya tomada por D. Alvaro de Castro, *liv. 2. n. 158.*

Chegão a Goa nãos do Reyno, *liv. 4. n. 37.*

Ordens que levão, *Ibid.*

Nuno Pereira.

Valor com que peleija em Dio, *liv. 2. n. 170.*

Kem a Goa, e morre no mar das feridas que tras, *liv. 2. n. 175.*

P

D. Payo de Noronha.

Anda com doze navios no Estreito de Rosalgate, *liv. 4. num. 78.*

Offerecese para ir a Adém em soccorro de El Rey de Campar, *Ib.*

Chega à Cidade, *l. 4. n. 79.*

Manda recolher os soldados, *liv. 4. n. 86.*

O que não quizerão fazer Manoel Pereira, e Francisco Vieira soldados de fortuna, que peleijarão valerosamente, *Ibid. e n. 87.*

Pate,

Pate , e Parane.

Cidades na costa de Cambaya abrasadas pelo Governador , liv. 4. n. 54.

D. Pedro de Almeyda.

Sae com seu irmao D. Joao de Almeyda aos inimigos em Dio, e estrago que fazem , liv. 2. n. 94.

Valor , com que peleija liv. 2. n. 75. e 134.

Pedro Nunes.

Grande Mathematico , e Mestre de D. Joao de Castro , liv. 1. num. 2.

R

Rax Solimaõ.

G *eneral da empresa no primeiro cerco de Dio , l. 4. n. 74.*

Entra com voz de amigo no porto de Adem , Ibid.

Degolla ao Rey , liv. 4. n. 72.

E se faz senhor da Cidade , liv. 4. n. 74.

Ruy Freyre.

Chega a Dio , liv. 2. n. 157.

Ruy Lopes de Villalobos.

Capitaõ dos Castelhanos que forao a Maluco , liv. 2. n. 13.

Trata de entreter a Fernao de Sousa , liv. 2. n. 14. e n. 16.

Avista-se com elle , liv. 2. n. 18.

Acorda que tomaõ , liv. 2. n. 19.

Falta à promessa , e como nisso se ha Fernao de Sousa , liv. 2. num. 20.

Rumecaõ.

Succede no cargo de governar a guerra a seu pay Coge Cosar , liv. 2. n. 61.

Continua com humma maquina , que o pay tinha começado , Ib.

Offeroce partidos aos nossos , liv. 2. n. 66.

Assalta o baluarte Saõ Thomé , liv. 2. n. 68.

Manda